



**08, 09 e 10**  
**de Setembro de 2021**

**Universidade Federal do Maranhão**

# **I JORNADA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**TERRITORIALIDADES E CULTURAS  
EM TEMPOS DE RESISTÊNCIAS.**

## **ANAIS**

### **I Jornada de Ciências Humanas e Sociais.**

ORGANIZADORES:

Amanda Gomes Pereira, Ana Caroline Amorim Oliveira, Clodomir Cordeiro de Matos Júnior, Hugo Freitas de Melo, Ivanete Coimbra Cavalcante Sousa, Josenildo Campos Brussio, Keliane da Silva Viana (in memoriam), Laura Rosa Costa Oliveira, Thiago Pereira Lima, Washington Tourinho Júnior.



EDUFMA



## UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor Prof. Dr. Natalino Salgado Filho  
Vice-Reitor Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos



## EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Diretor Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira

Conselho Editorial Prof. Dr. Luís Henrique Serra  
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni  
Prof. Dr. André da Silva Freires  
Prof. Dr. Jadir Machado Lessa  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Diana Rocha da Silva  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Gisélia Brito dos Santos  
Prof. Dr. Marcus Túlio Borowski Lavarda  
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva  
Prof. Dr. Márcio James Soares Guimarães  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosane Cláudia Rodrigues  
Prof. Dr. João Batista Garcia  
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas  
Bibliotecária Suênia Oliveira Mendes  
Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior

### Site do Evento:

<https://doity.com.br/i-jornada-de-ciencias-humanas-e-sociais>

### Canal de Transmissão Ciências Humanas Sociologia CHS:

<https://www.youtube.com/channel/UCa6QmHxSHXE4rkWtGxpyojw>

**ORGANIZADORES/AS**

Amanda Gomes Pereira  
Ana Caroline Amorim Oliveira  
Clodomir Cordeiro de Matos Júnior  
Hugo Freitas de Melo  
Ivanete Coimbra Cavalcante Sousa  
Josenildo Campos Brussio  
Keliane da Silva Viana (in memorian)  
Laura Rosa Costa Oliveira  
Thiago Pereira Lima  
Washington Tourinho Júnior

**ANAIS**

**I JORNADA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS:  
TERRITORIALIDADES E CULTURAS EM TEMPOS DE RESISTÊNCIAS,  
8 A 10 DE SETEMBRO DE 2021**

**São Luis**



**EDUFMA**

**2021**

**PROJETO GRÁFICO,  
DIAGRAMAÇÃO E CAPA**

Camila Nobre

**IDENTIDADE VISUAL**

Camila Nobre  
Luciano Brandão Marques

**REVISÃO**

Amanda Gomes Pereira  
Ana Caroline Amorim Oliveira  
Clodomir Cordeiro de Matos Júnior  
Hugo Freitas de Melo  
Ivanete Coimbra Cavalcante Sousa  
Josenildo Campos Brussio  
Keliene da Silva Viana (in memorian)  
Laura Rosa Costa Oliveira  
Thiago Pereira Lima  
Washington Tourinho Júnior

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

J82 Jornada de Ciências Humanas e Sociais (1.: 2021 : São Bernardo, MA).

Anais [recurso eletrônico] / I Jornada de Ciências Humanas e Sociais:  
territorialidades e culturas em tempos de resistências, 8 a 10 de setembro de 2021.  
/ Org. Amanda Gomes Pereira ... [et al.]. - São Luís: EDUFMA, 2021.

412 f.

Disponível em: <https://doity.com.br/i-jornada-de-ciencias-humanas-e-sociais/blog/anais>

ISBN (on-line): **978-65-5363-000-0**

1. Ciências Humanas. 2. Ciências Sociais. 3. Cultura - Territorialidades.  
4. Conflitos. I. Universidade Federal do Maranhão. II. Título

CDU 304: 316.48

Elaborada pela Bibliotecária: Laís Dayane Lima Pereira Maia CRB-13/735

---



## **SOBRE A JORNADA**

A “I Jornada de Ciências Humanas e Sociais: territorialidades e culturas em tempos de (r)existências” surgiu como um sonho da professora Me. Keliane da Silva Viana que, infelizmente, não o pode ver realizado. A profa. Keliane foi discente da primeira turma do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia em 2010 e, após 10 anos de criação do Curso e do Campus, ela, já como docente, projeta a realização deste evento para coroar esta primeira década, destacando agora o seu legado.

A Jornada foi realizada no período de 08 a 10 de setembro de 2021, de maneira virtual, através do canal no Youtube (Ciências Humanas Sociologia CHS) do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus São Bernardo - MA. O evento, em sua 1ª edição, nasceu articulando as atividades de estudos e resultados de pesquisas dos Grupos do referido curso, nomeadamente: “Epistemologia da Antropologia, Etnologia e Política”( GPEAEP/CNPQ); “Grupo de Estudos sobre as Cidades e seus Conflitos (Cidadinos/CNPQ)”; “Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Culturas (GPEMADEC/CNPQ)”; e, “Grupo de Estudos em Gênero e Educação Chitá/Gitã”(CNPQ).

A Jornada de Ciências Humanas e Sociais buscou reunir pesquisadores, gestores públicos e lideranças de movimentos sociais do estado do Maranhão, especialmente, da região do Baixo Parnaíba Maranhense e imediações, além de integrar pesquisadores de fora do estado. A I Jornada teve como intuito criar um espaço de discussões e debates sobre pesquisas e temas relacionados às questões ambientais, territoriais, ontológicas, cosmológicas e culturais que envolvem povos e comunidades tradicionais frente à implantação de projetos de desenvolvimento concebidos segundo o modelo socioeconômico hegemônico na sociedade brasileira.

A primeira edição do evento teve 577 inscritos, 195 trabalhos recebidos, 04 oficinas, 07 minicursos, 11 simpósios temáticos, 05 mesas redondas e 03 conferências. Espera-se que o conhecimento produzido e ventilado durante o evento possa ser replicado sobre a realidade local e regional, beneficiando direta e indiretamente os cidadãos maranhenses na construção de ambientes mais democráticos e igualitários.

*In memoriam* à Keliane da Silva Viana (1991-2021)

Profª. Drª. Ana Caroline Amorim Oliveira

Comissão Organizadora

# Programação



08, 09 e 10 de  
Setembro de 2021

**I JORNADA DE  
CIÊNCIAS HUMANAS  
E SOCIAIS**

TERRITORIALIDADES E CULTURAS  
EM TEMPOS DE RESISTÊNCIAS.

<b>Horário</b>	<b>08.09.21 Quarta</b>	<b>09.09.21 Quinta</b>	<b>10.09.21 Sexta</b>
<b>08:30 às 10:00</b>		Minicursos e Oficinas	Minicursos e Oficinas
<b>10:00 às 12:00</b>		Simpósios Temáticos	Simpósios Temáticos
<b>14:00 às 16:00</b>		Mesa 02 - “Espacialidade e territorialidades”	Mesa 04 - “Gênero, Trabalho e Sociabilidades”
<b>16:00 às 18:00</b>	Mesa 01 “Arte e Antropologia”	Mesa 03 - “Territórios do político, da cultura e do trabalho enquanto espaços de (r)existência”	Mesa 05 - “Corredores do silêncio: conflitos e necrodiscursos no Brasil Contemporâneo”
<b>18:30 às 19:00</b>	Mesa Institucional de Abertura		
<b>19:00 às 21:00</b>	Conferência de Abertura “Conflitos ambientais no Maranhão e a crise econômica e sanitária mundial”	Conferência 01-“A produção da ação coletiva: resistências e lutas camponesas no Maranhão contemporâneo”	Conferência de Encerramento- “Povos e comunidades tradicionais e seus processos de resistência: conquistas e desafios na atualidade”
<b>21:00 às 21:30</b>	Atividade Cultural Homenagem à Professora Keliene e Lindomar Rocha, Poeta e Cordelista		Atividade Cultural Cristiano Braga



# Sumário

## Simpósio Temático 01

<b>Identidade cultural e resistência: a arte como fonte de reflexão.</b> _____	<b>11</b>
Representatividade negra na educação infantil: Construção identitária por meio da literatura. _____	12
O grito da Mandrágora: breves lineamentos da filosofia política de Maquiavel. ____	20
A construção identitária da mulher negra no ambiente escolar. _____	25
Memória e identidade: abordagens significativas na construção da história _____	36
Mundo tecnológico, distopia e virtualização. _____	46
Entre o simbólico e o sagrado: o amo-poeta que enaltece os tambores, matracas e maracás do Maranhão _____	58
Reflexão em meio ao caos: <i>Grindcore</i> , a vertente mais política da antimúsica ____	68
Estigmas de gênero e a representatividade da mulher negra no cinema brasileiro: um olhar sobre o filme “Que horas ela volta?” _____	76
Censura e repressão nas colônias portuguesas: o discurso do grupo cabo-verdiano Claridade e a resistência ao salazarismo (1947-1966) _____	84
Descolonize-se _____	93

## Simpósio Temático 02

<b>Religiões, educação e política: (re)configurações históricas, dinâmicas de poder e práticas sociais no Brasil</b> _____	<b>101</b>
A salvação por intermédio das “boas obras”: a assistência aos desvalidos pela Santa Casa de Misericórdia em São Luís - MA durante o século XIX _____	102
Ser candomblecista e estar na escola: relações de fé e silenciamento _____	112
A construção discursiva das religiões de matriz africana no livro didático de Sociologia _____	124
Reprodução e resistência das desigualdades sociais no espaço escolar _____	134
Um jogo marcado: a relação entre a imprensa e o poder em Teresina (1971-1975) _____	144

### Simpósio Temático 03

<b>Cidades, conflitos e narrativas sociais</b>	<b>154</b>
Percepções sobre a cidade e o urbano a partir da literatura sociológica	155
Engomados e descamisados: relações de poder na cidade de Imperatriz em 1950.	165
As políticas de urbanização da cidade de Boa Vista/RR e a marginalização da sua zona de prostituição - 1950	175
Conseguimos a casa e agora? Cotidiano e segregação socioespacial em Três Lagoas - MS	185
Motoristas de aplicativo, um trabalho por um preço justo? Em busca do trabalho, da legitimidade e da sobrevivência, uma análise que privilegie os motoristas de Imperatriz-MA.	195
Políticas de colonização, memória em disputa e racismo: configurações de uma cidade da Amazônia Legal Brasileira	207
Resistência sob vigilância: o programa “Vila Bairro Segurança” na região “Lagoas do Norte” em Teresina-PI	216
A favela nas escrituras de Conceição Evaristo, a partir do romance Becos da Memória	225
Rede de apoio e atendimento às mulheres vítimas de violência na cidade de Imperatriz - MA	232

### Simpósio Temático 04

<b>Corpos dissidentes: emoções, afetos e poderes</b>	<b>243</b>
A intensidade e a simpatia como complemento metodológico em Henri Bergson	244
História de vida de casais homossexuais: Respeito, Compreensão, Amor e Pequenos Conflitos	251
Desejos, afetos e poderes: singularidade do corpo feminino e performático docente durante a pandemia de Covid-19	262



## **Simpósio Temático 05**

### **Territorialidades e povos indígenas: Histórias e Memórias \_\_\_\_\_ 269**

As heteroidentificações sobre os povos ameríndios na região do Baixo Parnaíba Maranhense \_\_\_\_\_ 270

Passado e presente: (Re)construção da História indígena no município de São Bernardo \_\_\_\_\_ 280

Comunidades tradicionais: territorialidades em conflito no interior do Maranhão \_\_\_\_\_ 289

## **Simpósio Temático 06**

### **Produção espacial, territórios e dinâmicas socioambientais \_\_\_\_\_ 297**

Dos trapeiros aos catadores de resíduos sólidos: um diálogo entre Carolina Maria de Jesus e Walter Benjamin \_\_\_\_\_ 298

Para além da propriedade rural: a importância da reforma agrária como solução ambiental para o bioma brasileiro. \_\_\_\_\_ 308

Patrimônio e cultura: a construção das identidades das quebradeiras de coco babaçu \_\_\_\_\_ 319

“Terra de preto, terra de santo” na rota de grandes empreendimentos: desenvolvimentismo e a desterritorialização em comunidades quilombolas em Alcântara-MA \_\_\_\_\_ 330

## **Simpósio Temático 07**

### **O uso de pesquisas de campo na elaboração de trabalhos em Ciências Humanas e Sociais: experiências e práticas \_\_\_\_\_ 338**

Campo, experiência e música: uma análise de cunho etnográfico entre os membros do Heavy Metal \_\_\_\_\_ 339

Limitações e possibilidades no uso da entrevista na pesquisa de campo no estudo da relação dos recursos culturais e a escolha profissional \_\_\_\_\_ 347

Pesquisas científicas do campo da subjetividade: reflexões e debates \_\_\_\_\_ 357

<b>Simpósio Temático 08</b>	
<b>Imaginário, Simbolismos e Mitos _____</b>	<b>365</b>
A manifestação do sagrado em A Paixão segundo G. H. de Clarice Lispector____	366

<b>Simpósio Temático 09</b>	
<b>Educação e os desafios e possibilidades no novo modelo de estágio supervisionado obrigatório no ensino remoto _____</b>	<b>373</b>
O papel da argumentação nas práticas escolares _____	374
Propostas e possibilidades: o uso das TCI'S para o ensino de história regional e local na Amazônia Maranhense. _____	381
Potencialidades (sub)marinas: naufrágio como estratégia oceanográfica anticolonial _____	390
Relatos sobre o Programa Residência Pedagógica em tempos de Pandemia: experiências e expectativas de atuação _____	400
Uma possível aproximação entre a Teoria da Argumentação e as Competências Específicas 1, 4 e 6 da BNCC _____	408

# **Simpósio Temático 01**

## **Identidade cultural e resistência: a arte como fonte de reflexão.**

Coordenadores:

- Prof<sup>a</sup> Ma. Claudia Letícia Gonçalves Moraes
- Prof<sup>o</sup> Me. Rayron Lennon Costa Sousa

## REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA POR MEIO DA LITERATURA

TERESA DOS SANTOS DE BRITO

biancasantostza@gmail.com

GEOVANA COÊLHO DE SOUZA LIMA

geovanacslima@gmail.com

**RESUMO:** O presente artigo explana profundas reflexões sobre as lutas, anseios, conquistas das mulheres negras na ocupação de espaço, e o processo de construção e identificação da criança negra através da literatura infantil. Neste sentido, a metodologia utilizada trata-se de um estudo bibliográfico, no qual em seu primeiro momento será realizado a abordagem do tema já apresentado a cima e, em seguida, será feito um levantamento de três livros literários infantis, A menina Bonita do Laço de fita de Ana Maria machado, As Bonecas da vó Maria, de Mel Duarte e Uma Princesa Diferente? de Cristiane Sousa, fazendo uma abordagem da importância de se trabalhar livros literários que traga protagonistas negros a cena, para que dessa forma consiga trazer a representatividade. Para tanto, o trabalho conta com uma revisão bibliográfica que utiliza alguns autores, tais como: LUIZ SILVA (2010) explana a literatura brasileira expondo as experiencias da população negra e STUART HALL (2021) expõe ideias sobre identidade cultural. Portanto, através da literatura os alunos irão desenvolver seus primeiros passos no mundo da leitura, e a partir da literatura afro-brasileira as crianças de raças diferentes irão aprender a respeitar e refletir sobre ações preconceituosas, isto é, ela possibilita a criança entrar no mundo da imaginação reconhecendo a realidade da história das pessoas negras e sua cultura.

**PALAVRAS CHAVES:** Literatura Infantil; Representatividade; Educação Infantil

### CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES NEGRAS PARA A LITERATURA

Segundo Cuti (2010, p.62):

Literatura negro-brasileira contou, assim, com os textos de autores brancos em seu prelúdio como via paralela de falar do negro sem se posicionar como tal no discurso, por meio da construção de personagens negras ao sabor de uma necessidade de afirmar as próprias ilusões dos autores ou mesmo da busca de uma expiação de culpas. As linhas gerais de tal produção literária promovem a ideia de inferioridade racial, desajustadamente psíquico e moral, características avessas a beleza, sexualidade desenfreada e, A paradoxalmente, ingenuidade e passividade da personagem negra. Trata-se de uma construção imagética para consumo e apaziguamento do leitor branco, levando-o a justificar para si mesmo a

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



situação social de miserabilidade da população negra, experimentando o reforço das ideias de hierarquia racial, ao mesmo tempo o sentimento de aversão, e, em certos casos, de comiseração, pois quando o leitor tem pena da personagem sente-se superior a ela. Cuti (2010, p.62)

Por tanto, a realidade de luta das mulheres negras no Brasil é, de modo geral, uma sequência de batalhas contra o racismo, a busca pela superação e igualdade de forma estrutural e dentro das instituições que compõem a sociedade. Com isso, é importante abordar, que a mulher, precisamente, a mulher negra tem um papel fundamental na construção social, histórica e cultural da sociedade, pois desde a antiguidade contribuiu muito com sua força, seu trabalho e suas crenças. Lutando assim, para a formação de si própria, mas nunca teve o reconhecimento por parte da sociedade. No entanto, as mesmas eram esquecidas na escrita histórica. Também, por questões de gênero e de raça na formação cultural. Porém, vários avanços aconteceram, mulheres negras passaram a se expressar a partir de suas próprias mãos.

Antes da década de 1970, as mulheres negras eram tratadas inferiores e subordinadas no contexto social, eram privadas de quaisquer atribuições públicas. E, Quando não era invisibilizadas, apresentavam-se como um corpo objeto ou relacionadas a um passado de escuridão. Os autores da época só explanavam a sedução, beleza, resistência física ao trabalho e suas habilidades culinárias. As qualidades estavam ligadas ao seu corpo, o que pensa ou sente é esquecida pelo mesmo. Enquanto isso, os homens dominavam as letras da literatura. Isto é, as mulheres eram vítimas de uma sociedade sexista. Mas, a partir da década de 1970, com a corrente negritude, as mulheres negras passaram a ser representadas por suas próprias mãos, e quebraram os estereotípicos literários que eram cedidos na literatura brasileira. Passaram a expressar suas dores, lutas, histórias, anseios e memórias vivenciadas nessa sociedade. Algumas poéticas negras conseguiram alcançar novos espaços, novas imagens passaram a existir.

Segundo Duarte (2008, p.11) “A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para o outro, nem é autônoma desde o princípio estante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias”. Diante de tal abordagem, é relevante mencionar algumas autoras tais como: Conceição Evaristo, Maria Firmino dos Reis e Carolina Maria de Jesus, que contribuíram para a literatura brasileira, que debatem a respeito da discriminação racial. e, através de suas obras abordam a desigualdade que surgiu no período escravocrata e está presente até os dias de hoje, no que se diz respeito aos negros e brancos em diferentes ofícios e classes sociais. Retratam uma luta pelos direitos universais de liberdade para humanidade. Conceição Evaristo, nasceu em 29 de dezembro de 1946, numa favela da zona sul. Hoje é uma das principais expoentes da literatura brasileira e afro-brasileira. A poetisa em sua literatura diversas reflexões acerca de questões de raça e gênero, com o objetivo de revelar a desigualdade

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



levada em nossa sociedade, de recuperar uma memória sofrida da população afro-brasileira em toda sua riqueza e sua potencialidade de ação.

Maria Firmino dos Reis, brasileira, Negra, nordestina, pobre, abastada, mulher. Nasceu em 11 de outubro de 1825 na cidade de São Luís. Escreveu seu primeiro livro “Úrsula” em 1859, o primeiro romance abolicionista, o primeiro livro escrito por uma mulher negra brasileira. Úrsula não foi publicado pelo de Maria Firmino dos Reis, mas sim, sob pseudônimo “Uma maranhense”. Maria Firmina era uma mulher a força do seu tempo, lutava pela educação melhor e por melhores condições para negros e mulheres.

Carolina Maria de Jesus, nasceu em Sacramento (MG), Mudou-se para a capital paulista em 1947. Apesar do pouco estudo, tendo apenas as séries iniciais do primário, ela reunia mais de 20 cadernos com testemunhas sobre o cotidiano da favela, um dos quais deu origem ao livro “Quarto de Desejo: Diário de uma favela”. A mesma trabalhava como catadora e registrava o cotidiano da comunidade em cadernos que encontrava no lixo. Hoje é considerada uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil.

Podemos perceber que mulher negra carrega o peso do preconceito e discriminação, que o dificulta de ocupar espaço na sociedade somente por ser negra. Os problemas surgem a partir de situações simples, como na infância, as meninas negras não se sentem representadas por bonecas e desenhos animados. É rejeitado seu cabelo crespo e sua tonalidade. Ou seja, rejeitam todos os seus traços e abordam um padrão de beleza desconhecido. Interferindo assim, na autoestima da criança negra. É importante ressaltar, que as pessoas têm dificuldades para perceber o racismo que se encontra velado, e muitas vezes acaba reforçando. Para desvelar o racismo é necessário adquirir estímulos, começando pela escola, onde a mesma teria que trabalhar questões referentes a negritude, cultura, memórias e ancestralidade. Deste modo, estaria pavimentando o caminho para o enfrentamento dos problemas referentes a mulher negra.

Desse modo, os estereótipos negros apresentam-se na história da literatura desde o desenvolvimento do Brasil. Com tudo, sempre foi exibido sem nenhum reconhecimento, somente sua cultura e seu medo de ser retratado. A literatura historicamente, a todo momento existiu as características de personagens brancos, tornando dominante os estereotípicos, dessa maneira, são necessários que a os personagens negros também sejam representados na literatura brasileira.

A imagem da mulher negra constituiu muito para a formação do país, como sujeito histórico participativo. Mesmo com tantas dificuldades, não deixaram de lutar pelos seu auto reconhecimento na sociedade brasileira. Luta também, pela a violência e discriminação que sofreram e sofrem até hoje. Buscam a liberdade das Dores vivenciadas dentro de uma sociedade racista e marxista. Utilizam os personagens para se expressar, expressar a realidade, uma realidade submissão e violência que é trazida à tona. ou seja, através de suas próprias mãos escreve sua história na literatura brasileira.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Segundo Monteiro (2016, p.3) “No que diz respeito à mulher negra no contexto da literatura brasileira, podemos encontrá-la, bem como o negro no geral, de duas formas: primeiro sendo representada, depois ela mesma se escrevendo e participando dessa literatura”.

É levante destacar, que muitos avanços aconteceram, que tem várias mulheres negras ocupando vários postos, mas ainda é muito pouco, é preciso que as mesmas ocupem espaço de poder. Portanto, continuam lutando por representatividade em todas as áreas da sociedade. aos poucos essa luta vai ganhando espaço, principalmente porque a voz de uma mulher vai abrindo mentes e corações de outras mulheres. E, com muita coragem e persistência estão conseguindo romper as barreiras do preconceito. Quebrando assim, os padrões impostos e relevando a beleza da diversidade e a força de sua ancestralidade.

## CONSTRUÇÃO IDENTITARIA POR MEIO DA LITERATURA

Para Hall (2021), a identificação de um sujeito não se dá de forma automática, ela pode ser ganha ou perdida a partir da forma que o indivíduo é interpelado ou representado. Diante disso, pode-se perceber que a identidade não é estática, ela se constrói entre as relações e discursos. Portanto, todos os conteúdos apresentados na sala de aula têm uma implicação muito grande na construção de quem somos. Portanto, é importante enfatizar os papéis dos brinquedos, personagens, desenhos animados e das histórias infantis, porque a identidade, é algo pessoal e social que acontece de trocas entre o indivíduo e o meio no qual está inserido. Entretanto, a mesma não deve ser vista como algo estático e imutável, como se fosse uma armadura para a personalidade, mas sim como algo em constante desenvolvimento.

Segundo Ferreira (2007, p.48) “A literatura infantil pode influenciar de forma definitiva no processo de construção de identidades das crianças. A literatura serve, muitas vezes, como fonte de significados existenciais que poderão ser aplicados ao mundo real”. Portanto, a literatura infantil ligada a contação de história é de extrema importância para o processo de construção do conhecimento da criança. Pois, através do mesmo eles poderão desenvolver seus primeiros passos no mundo da literatura. Onde, a imaginação e fantasia se transforma em uma realidade única. Além disso, desenvolve a mente, a linguagem e trabalha o senso emocional da criança. Portanto, o professor deve entender que a Literatura Infantil vai além, e ajuda a criança em todos os aspectos, principalmente, na área de conhecimento do mundo que o cerca.

Também, é importante enfatizar que, a literatura afro brasileira é imprescindível para recriação de linguagens e para construir uma experiência estética da literatura como um campo de formação humana para favorecer o conhecimento sobre as experiências históricas, conhecer suas ancestralidades, as identidades culturais negras, para mobilizar o público negro, para o processo de

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



empoderamento, para o enfrentamento do racismo, e para romper os estereótipos racistas.

Diante disso, podemos perceber o quanto a literatura afro-brasileira é importante para auxiliar o processo de construção, identificação e auto aceitação da criança negra. Além disso, a mesma também irá permitir que as crianças de raças diferentes venham respeitar e refletir sobre ações preconceituosas, ou seja, ela possibilita que a criança possa entrar no mundo da imaginação reconhecendo a realidade da história das pessoas negras e sua cultura. Ao conhecer apenas histórias eurocêntricas, as crianças crescem com a sensação que os padrões do belo e do bom são aqueles com quais se deparam nos livros infantis, onde o branco o branco é o centro do processo, a referência de beleza e até de humanidade. e, isto, faz com que as crianças negras construam uma alta imagem negativa, assim negando suas raízes e ancestralidades, buscando se aproximar cada vez mais da perspectiva eurocêntrica e da branquitude para ser aceita. Então, pode-se dizer, que os contos, brinquedos, a literatura e a mídia têm o poder de construir subjetividade desde a infância, construindo elementos de alto rejeição.

### **ANÁLISE DOS LIVROS: A MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA- ANA MARIA MACHADO, AS BONECAS DA VÓ MARIA- MEL DUARTE E UMA PRINCESA DIFERENTE?- CRISTIANE SOUSA.**



O livro Uma menina bonita do laço de fita de Ana Maria Marchado e com ilustrações de Claudius, é uma narrativa que de forma amora combate ao racismo, valoriza a beleza negra e se posiciona na sociedade. Onde, aborda uma história de um coelho branco que se apaixona por uma menina negra e diz: “Menina bonita do laço de fita qual o segredo pra ser tão pretinha?” a menina bonita tenta dá ama resposta e diz: deve ser porque cair na tinta preta quando era pequenina, deve ser porque tomei muito café ou porque comi muita jabuticaba. Então, o coelho faz muitas tentativas para

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





se tornar preto, mas consegue e descobre que depende da genética. então, este amor platônico só pode acontecer quando ele conhece uma coelha preta que se casam e passam a ter filhotes multicoloridos, a cara do brasil.

Portanto, pode-se perceber, que dentro da narrativa a autora consegue sair do moralismo no que diz respeito ao certo e errado e consegue inserir a fantasia dentro de um contexto num combate ao racismo. A fantasia se encontra no momento que a autora aborda um coelho branco que se apaixona por uma menina negra. Diante disso, é evidente que através desta narrativa a mesma quis combater um tipo de preconceito estabelecido pela sociedade e a mídia, onde o padrão do belo é estabelecido ao branco. Portanto, a mesma além de abordar características físicas e culturais representando todas as meninas negras e abordar uma identidade coletiva, ela também quebra o padrão de beleza estabelecido aos brancos.



O livro relata a história de três meninas negras: badu, Areta e Fayola, que adoram brincar e passar as férias na casa de sua vó Maria. Em uma dessas férias, sua vó criou uma boneca negra para cada uma delas, elas gostaram muito, pois conseguiram se identificar com as bonecas. Então, resolveram levar as bonecas para a escola e todos se encantaram, então a vó maria passou a receber vários pedidos e resolveu ensinar a todos da família e esse aprendizado foi passando de geração por geração, e hoje as três meninas ajudam na loja de bonecas que família montou.

Diante da narrativa apresentada, é possível observar que a autora tem o intuito de trabalhar na literatura infantil a representação da menina negra por meio do imaginário da criança, onde através de sua história irá abordar a identidade negra e a valorização dos traços da beleza negra. Dessa forma, a obra se torna significativa, pois ela apresenta de forma lúdica a valorização da imagem negra na literatura infantil.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





O livro *Uma Princesa Diferente?* De Cristiane Sousa e com ilustrações de Natália forte, aborda uma história de uma menina negra que desde de pequena era chama de princesa, a princesa Aninha. Ao chegar escola e ouvir as histórias de princesas contadas pela professora percebeu que era abordado um tipo de princesa totalmente diferente dela, então a menina passou a duvidar se realmente era uma princesa, e no intervalo ouvir seus coleguinhas farem que ela não era uma princesa. desde então, Aninha se tornou uma criança triste e queria desistir de estudar, mas no dia seguinte a professora fez uma aula diferente, trouxe vários livros com diversos tipos de princesa, inclusive, como a Aninha. Os alunos ficaram encantados com cada história e começaram a elogiar Aninha e perceberam que são as diferenças que dão graça ao mundo.

A partir da análise desta narrativa, é notável a importância deste livro para o ambiente escolar, pois por meio da ludicidade transmitida neste texto é possível trabalhar a resistência, a representatividade negra e fazer com que a crianças venha entender que a princesas assim, de todos os tipos, de todas as cores. Ou seja, diferentes, e são essas diferenças que os tornam únicas.

## CONCLUSÃO

Em vista disso, pode-se perceber o quanto a literatura Infantil é importante, pois, uma criança inserida no mundo da literatura é capaz de desenvolver um olhar Diferente ao outro. tornando-se uma criança capaz de construir para se, uma realidade repleta de sentidos. Também é importante, que a escola trabalhe com uma literatura afro-brasileira e africana. pois, assim ela irá conhecer os direitos que foram negados no passado e que são negados até hoje. Diante desses livros a criança negra irá se sentir representada, tendo novos conhecimentos sobre a cultura africana. Quando uma criança faz uma leitura ela se identifica com alguns personagens que estão inseridos na história ela começa se amar e construir uma imagem positiva de si. Deste modo, os livros em companhias de personagens negros são necessários para que a criança possa começar o processo de construção da sua identidade, através das relações e interpretações sociais.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## REFERÊNCIAS:

CAMBRAIA, Cláudia; LOUSADA, Isabel. A voz silenciada da literatura brasileira1.

DE ALMEIDA ARAÚJO, Jurandir; MORAIS, Rossival Sampaio. A RELEVÂNCIA EM SE TRABALHAR A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

DE VARGAS<sup>1</sup>, Marcia; WAMBIER, Sandro Marlus. A HISTÓRIA DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL: NO ENFRENTAMENTO DA DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA.

DOS SANTOS LEMOS, Amanda. Respeito e valorização à mulher negra. Dignidade Re-Vista, v. 1, n. 1, p. 11, 2016.

DUARTE, Eduardo. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 31, p. 11-23, 2008.

DUARTE, Mel. As Bonecas da Vó Maria. Editora: Kidsbook Itaú Criança. 2019.

MACHADO, Ana Maria. Menina Bonita do laço de fita. Rio de Janeiro: Ática, 2000.

MARIOSIA, Gilmara Santos; DOS REIS, Maria da Glória. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. Estação Literária, v. 8, p. 42-53, 2011.

MONTEIRO, Liliane Nogueira. A representação da mulher negra na literatura brasileira. Anais do Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental, n. 1, 2016.

PALMEIRA, Francineide S. Escritoras Negras e Representações de Insurgência. Fazendo Gênero, v. 9.

QUERINO, Mara Cleide Pereira de Oliveira. Representações de personagens meninas na literatura infantil negra. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SOUZA. C. B. Uma princesa diferente? / Cristiane Bezerra de Souza; ilustrações de Nathália Forte. - Fortaleza: SEDUC, 2018. 32 pag. Disponível em: < <https://www.baixelivros.com.br/infantil/uma-princesa-diferente>>, acesso em: 24 de Ago. de 2021.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## O GRITO DA MANDRÁGORA: BREVES LINEAMENTOS DA FILOSOFIA POLÍTICA DE MAQUIAVEL.

Kevin de Abreu Ferreira

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Mestrando em Cultura & Sociedade, Bacharel em Psicologia & Licenciando em Filosofia.

**RESUMO:** No presente estudo se buscará avaliar a filosofia política e renascentista de Nicolau Maquiavel a luz de sua peça “A Mandrágora”. A partir disso, irá se considerar conceitos centrais ao autor, como “Virtù” e “Fortuna”, assim como seus fundamentos no realismo político e no humanismo cívico, para interrogarmos como podemos pensar “o espelho do príncipe” como um projeto de formação humanista. Considerando a obra “O Príncipe”, podemos considerar que aí há o desenvolvimento de um projeto para a formação da consciência histórica? Podemos pensar na ideia de uma historiografia (ou de crônicas históricas) como constituinte de uma filosofia da história distinta de uma que considera uma história linear do progresso, como a filosofia da história iluminista – uma filosofia da história cíclica, em Maquiavel? Será a partir desses breves lineamentos ensaísticos que se buscará considerar o desenvolvimento do pensamento de Maquiavel enquanto um pensador de seu tempo – a renascença italiana – e algumas de suas principais obras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maquiavel, Filosofia Política, Filosofia renascentista, Realismo Político, Humanismo Cívico.

## THE SCREAM OF THE MANDRAKE: A BRIEF STUDY OF THE POLITICAL PHILOSOPHY OF MAQUIAVELLI.

**ABSTRACT:** On this study it was the objective of this critical pursuit and evaluation on the political philosophy of Niccolò Maquiavelli on the spotlight of his play “The Mandrake”. Starting from this point, I shall be considered central concepts of the author’s thought, as “Virtù” and “Fortuna”, as his fundamentos on the political realism and the civic humanism, for we question how can [we] thing the “prince’s mirror” as a project of a humanistic formation. Considering the work “The Princip”, can we consider that is present there the development of a project for the formation of the historical consciousness? Can we thing on the idea of a historiography (or historical chronicles) as constituent of a philosophy of history distinct from one that considers a linear history of the progress, as it is with the Enlightenment philosophy of history – a cyclical philosophy of history, presented on Maquiavelli? It will be from this point os brief study that we shall seek the development of Machiavelli’s though as an

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



thinker of his own time – the Italian Renaissance – and some of his capital works.

**KEYWORDS:** Machiavelli, Political Philosophy, Philosophy of Renaissance, Political Realism, Civic Humanism.

## INTRODUÇÃO

Uma avaliação da filosofia política e renascentista de Nicolau Maquiavel a partir de conceitos centrais ao autor, como “Virtù” e “Fortuna”, para investigar se podemos pensar “o espelho do príncipe” como um projeto de formação humanista necessariamente se desenvolve por três momentos capitais: a conceituação básica dos conceitos de “Virtù” e “Fortuna”, como explicitado acima; a configuração de uma teoria política realista; e o desenvolvimento da mesma em um projeto humanista cívico. Essa avaliação se deu por meio de duas obras fundamentais do autor: a luz de sua peça “A Mandrágora” e da obra capital “O Príncipe”.

A Mandrágora tem suas questões primordiais já explicitadas no prólogo e no primeiro ato e cena da peça: dois facínoras dialogam em tom conspirador – Calímaco e seu servo Siro. Ambos planejam atrair uma figura da sociedade conhecida como Messe Nícia e sua esposa Lucrécia.

A peça de início já nos permite pensar em uma questão fundamental: É Calímaco “virtuoso” – em um sentido “maquiavélico” –? E Messer Nícia e Lucrécia, vítimas da (má) fortuna e carentes de Virtù?

Tal questão fica mais evidente quando consideramos os conceitos fundamentais de Virtù, Fortuna, Humanismo Cívico e Realismo Político em Maquiavel.

Entretanto, a mesma indagação procede para se desdobrar noutra: podemos pensar na ideia de uma historiografia (ou de crônicas históricas) como constituintes de uma filosofia da história distinta de uma que considera uma história linear do progresso, como a filosofia da história iluminista, mais canonicamente tradicional na história da filosofia e das ciências humanas e sociais, – uma filosofia da história cíclica, em Maquiavel?

Esses breves lineamentos ensaísticos para uma consideração do desenvolvimento do pensamento de Maquiavel enquanto um pensador de seu tempo – a renascença italiana – e algumas de suas principais obras, como acima exposto, se iniciará pelos conceitos de “Virtù” e “Fortuna”, seguidos por “Realismo Político” e “Humanismo Cívico”.

## VIRTÚ & FORTUNA:

A “Virtù” em Maquiavel deve ser compreendida como uma retomada renascentista da concepção antiga da Areté guerreira dos gregos: habilidade natural, Vigor, saúde, astúcia, capacidade

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



de planejar e prever, de constranger e impor poder para ordenar, governar, sem se submeter e ser controlado. Os dotes do Príncipe por excelência, “virtudes” em um sentido não cristão, mas enquanto virtudes políticas da vida ativa. Mérito.

A “Fortuna”, ou “Sorte”, retomada da noção grega antiga de “fado”, ou destino. Contraposta à Virtù, a qual resiste, a Fortuna é o que constrange a liberdade do ser humano. Razão natural das causas dos acontecimentos dos mundos: cabe ao príncipe governar o quinhão a que lhe é reservado (isto é, o que depende da Virtù).

## REALISMO POLÍTICO & HUMANISMO CÍVICO:

Considerando a obra “O Príncipe”, podemos considerar que aí há o desenvolvimento de um projeto para a formação da consciência histórica. O uso do sentido histórico por meio de uma atitude de distanciamento em relação a textos e obras antigas quando apresentados por Maquiavel (2007) são uma expressão de uma característica renascentista: o exercício de situar os textos e obras nos próprios contextos históricos em que surgiram.

“Certamente, a brusca mudança de direção que encontramos nas reflexões de Maquiavel, em comparação com os humanistas anteriores, explica-se em larga medida pela nova realidade política que se criara em Florença e na Itália, mas também pressupõe grande crise dos valores morais que começava a grassar. Ela não apenas constatava a divisão entre ‘ser’ [...] e ‘dever ser’, mas também elevava essa divisão a princípio e punha como base da nova visão dos fatos políticos” (REALLE, 2005, p. 127).

Esse sentido histórico é desdobrado na medida em que a consciência histórica é desenvolvida – por meio da formação. A mesma implica a necessidade da elaboração de um modelo de formação da consciência histórica – o espelho do príncipe.

A partir dos modelos da filologia e da história, um foco na formação das pessoas e grupos passa a ser expressão da atitude filosófica humanista. Com Maquiavel, há o marco do aparecimento de uma teoria política autônoma na história da filosofia.

“A investigação política [...] tende a afastar-se do pensamento especulativo, ético e religioso, assumindo como cânon metodológico o princípio da especificidade do seu próprio objeto, que deve ser estudado [...] de modo autônomo [...] sem ser condicionado por princípios que são válidos em outros âmbitos. [...] A posição de Maquiavel pode ser também resumida com a fórmula ‘a política pela política’, que expressa sintética e plasticamente nada mais que o conceito de autonomia que ilustramos” (REALLE, 2005, p. 126-127).

As coisas como elas efetivamente são versus as coisas como deveriam ser para se conformarem

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



aos valores morais. A síntese disso pode ser expressa em três teses de G. Realle:

A) O Realismo político é fundamentado em um pessimismo antropológico;

B) Em Maquiavel há um novo conceito de “virtude” (Virtù) para aquele que deseja governar eficazmente e resistir à “sorte” (Fortuna);

C) E a relação de Maquiavel e o Tempo: e expressa por meio de um humanismo cívico, ativo, político e prático enquanto um retorno aos princípios como condição de regeneração e renovação da vida política.

No Capítulo XV de o Príncipe (Das coisas pelas quais os homens e sobretudo os príncipes são louvados ou injuriados) é fundamentalmente expresso um princípio necessário de se ater à verdade efetiva das coisas e não se perder em buscas de como as coisas deveriam ser – chamado por Realle (2005) de “Realismo Político”:

O soberano pode ser cruel e desumano por vezes, se necessário: remédios extremos para males extremos, evitando meios-termos. Dúbio caminho do compromisso: se comprometer a causa própria do príncipe, não se furtar a dissimular intenções oportunistas e rapinantes, nem prescindir de medidas extremas a fim de evitar extremo dano decorrente de ações hesitantes e descomprometidas com o princípio da causa do príncipe.

Isso é radicado em uma Visão pessimista do homem: pessimismo antropológico. O homem em si mesmo não é bom nem mal, mas tende à maldade. O político não deve confiar no aspecto positivo do homem, mas esperar por ações condizentes com seu aspecto negativo, uma tendência ao mal, e agir em consequência disso (Realle, 2005).

Ser temido e tomar as ações necessária para ser temido: é bom ser amado e temido ao mesmo tempo ou na presenta de apenas um, na falta do amor, o temor é preferível e o amor, preterível. Na presença apenas deste, ser temido é mais desejável: segurança – funcionamento do governo eficaz e concreto do Estado (Príncipe + principado {população civil e contrato social}) (Maquiavel, 2007).

O ideal político de Maquiavel é o do príncipe da república romana, e não o de seu tempo (fruto das necessidades contingentes de suas épocas): príncipe que preza pela liberdade e os bons costumes, em uma república onde a Virtù seja mais valorizada que a boa Fortuna, tal qual teria sido com o povo romano. Esse desdobramento de seu Realismo Político culmina em um, como nos explica Realle (2005), Humanismo Cívico.

Para isso, há na obra de Maquiavel um projeto de formação ética e para a vida política muito singular, onde a astúcia é uma espécie de sabedoria filosófica, de caráter prático e que permite aos homens seres livres e mais dignos. Esse projeto prático, filosófico e educacional, sob a forma de projeto formativo, é expressão de um humanismo cívico que pensa a formação da pessoa para a vida

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



ativa, política. A isso se pode chamar de “Espelho do Príncipe”,

Isto é, manuais e obras filosófico-literárias voltadas para a constituição do bom intelecto, da astúcia e da capacidade de governar a si e a outros, geralmente destinados para a formação de nobres, militares, líderes políticos, estrategistas e monarcas, fundamentalmente representados pela figura do “príncipe”, que rege um principado, isto é, seu reino ou território; sua corte e seu povo.

Como exposto assim, é possível pensarmos na ideia de uma historiografia (ou de crônicas históricas) como constituinte de uma filosofia da história distinta de uma que considera uma história linear do progresso, como a filosofia da história iluminista – uma filosofia da história cíclica, em Maquiavel.

A partir do fio lógico que liga Ética, política e filosofia da história emerge o “espelho do príncipe” como expressão de um desenvolvimento projetado para formação da consciência histórica a partir de Testemunhos: relatos, fábulas, fofocas, rumores. Acredito ser razoável considerarmos a possibilidade de em Maquiavel, mediante o exposto, uma “Historiografia cronológica”, onde temos uma filosofia da história cíclica. Contudo, isso abre margem para uma nova questão: Se “A arte da guerra” também é “a arte de governar”, é a guerra, para Maquiavel, o motor da história?

## REFERÊNCIAS:

MAQUIAVEL, Nicolau. O príncipe: comentários de Napoleão I e Cristina da Suécia; tradução de Fulvio Lubisco – São Paulo: Jardim dos Livros, 2007.

REALLE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia: Do humanismo a Kant. São Paulo: Paulos, 1990. 7ªed. 2005

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





## A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NEGRA NO AMBIENTE ESCOLAR.

Geovana Coêlho De Souza Lima <sup>1</sup>

geovanacslima@gmail.com

Teresa dos Santos de Brito<sup>2</sup>

biancasantostza@gmail.com

**RESUMO:** O presente artigo expressa a investigação dos registros históricos que contatam a narrativa do território brasileiro, que é composta por memórias e tradições que relatam as desigualdades raciais. Pela visão da sociedade, a mulher negra é vista com estereótipos negativos, e através das lutas que mulheres afro-brasileiras criam o movimento feminista negro. Seguindo essa perspectiva, a metodologia aplicada conduz a uma análise bibliográfica que relaciona a mídia social com esfera educacional, retratando como situações preconceituosas do cotidiano interfere de forma negativa no âmbito escolar. Observa-se que a mídia por exemplo, influencia de forma sutil, e conseqüentemente os padrões exposto não exaltam a cultura negra, sobretudo, a participação ativa do ser afro-brasileira feminina. Para tanto, o presente artigo utiliza de algumas autoras que auxiliam na escrita e reflexão do assunto abordado. Tais como, RIBEIRO(2018) expõe informações sobre feminismo negro e questões raciais, SANTOS profere a valorização à mulher negra, fazendo referência Dandara de Palmares. ARAÚJO(2013) abordar questões de gênero. O entretenimento mais aceitável por muitos anos, eram as telenovelas que apresentavam atrizes negras com papéis que seguiam os estereótipos. O ambiente escolar segue essa linha de pensamento, a presença da líder Dandara de Palmares é quase inexistente, no meio escolar seu legado não está evidente nos livros de literatura e didáticos disponíveis na escola. A omissão das memórias de Dandara ocasionar uma série de problemas, o aluno não possui oportunidade de ter acesso a história de uma mulher que contribuiu para obtenção de uma sociedade mais justa e livre.

**PALVRAS-CHAVE:** Mulher Negra, Desigualdade Racial, ambiente escolar, literatura.

### INTRODUÇÃO:

No início do século XX as militantes feministas eram em sua maioria de classe média e universitária, ou também para ter direito ao voto, com o passar dos anos a pauta do grupo se ampliou,

1 Aluna do curso de pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó

2 Aluna do curso de pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



em 1980 criou-se o Conselho Estadual da condição feminina do Estado de São Paulo, o assunto mais comentado era sobre a saúde da mulher, com planejamento social que tinha como objetivo atender todas as mulheres através do sistema de saúde oferecido na época o INAMPS, Instituto Nacional de assistência médica da Previdência Social. Outros temas foram incluídos e a partir disso surgiram algumas críticas, já que essas ações eram destinada para todas as mulheres, porém esse movimento era liderado por mulheres brancas de classe média alta.

Algumas mulheres afrodescendentes indagaram a falta de abordagem racial no projeto feminista. No ponto de vista de Masco, Maio e Monteiro (2012, p. 135) afirmam que “O 3º encontro feminista da América Latina e do Caribe que ocorreu em Bertioga, São Paulo, em 1985, foi fundamental para a mobilização do feminismo negro.” Podendo assim, relatar a violência e as dificuldades da sobrevivência da mulher negra, violência doméstica racismo entre outros. A partir da década de 1970 surgiu o feminismo negro, movimento destinado a debater sobre as questões raciais e a luta para que mulheres negras pudesse possam ter sua presença aceita na sociedade brasileira, convém lembrar que uma questão relevante é que no movimento negro era quase nulo a presença da mulher afrodescendente, os cargos de poder eram compostos por homens, e essa cultura advém do sistema de hierarquização de gênero.

A consolidação do feminismo negro veio com as criações das ONGs, sendo elas Nzinga-Coletiva Mulheres Negras (RJ), Fala Preta(SP) entre outras, como propósito de mudar o cenário cruel de violência e da invisibilidade da mulher negra. De acordo com a filósofica Djamilia Ribeiro em seu livro “O Que É O Lugar De Falar?” “Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada em uma sociedade desigual logo para que pensemos em um novo modelo de sociedade”(Ribeiro, 2017, p.09).

De forma simples, compreende-se que, o feminismo negro reivindicam melhores condições para a vida da população negra, sobretudo para as mulheres negras, para que elas possam trilhar seus próprios caminhos de forma segura e consciente, estabelecendo um novo olhar e novas oportunidades para a transformação de uma sociedade heterogênea em um ambiente confortável e justo para todos. O movimento começou a ter mais visibilidade quando mulheres negras passaram a frequentar congresso e grandes eventos. Segundo a filósofa Djamilia Ribeiro, “Existe ainda, por parte de muitas feministas brancas, uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades, que nos separam é afastam” (Ribeiro,2015, p.35)

A importância da mulher negra em outros espaços sociais faz com que mude os padrões estabelecidos como o propósito de mostrar o poder que essas mulheres possuem para que as crianças negras possam se sentir representadas e que irão ocupar os grandes espaços de trabalho. O histórico cultural classifica e a coloca como um ser que não deve ser amado, e essa temática percorre em vida toda, na infância as crianças tem pouquíssimas referências de conteúdos infantis com personagens

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



negros, e quando se tem, é um só personagem negro e vários outros brancos, a acessibilidade de bonecas e bonecos negros é quase nulo. No âmbito escolar as meninas negras não são chamadas para fazer parte das apresentações como protagonistas, observa-se o relato de Djamila Ribeiro em seu livro “Quem Tem Medo de feminismo Negro?”.

Precisei insistir para fazer a leitura principal do Dia do Livro. A professora havia escolhido uma colega de classe branca de cabelo liso que não lia bem. Eu já lia com fluência, mas mesmo assim a professora relutou. Já estávamos bem perto do dia da apresentação e a outra menina não evoluiria nos ensaios então a professora não teve outra não teve opção a não ser me escolher. Me saí muito bem no evento e recebi elogios de professores e pais. (RIBEIRO, 2018 p.08)

Essa é mais uma realidade da infância de várias outras pessoas negras a falta de oportunidade causada pela concepção social de que o ser negro é inferior ao branco. A desnaturalização da força surreal que é imposta a mulher negra contribui para ruptura da solidão da mulher preta, assim como a criação de um suporte ou espaço para conversar, que sim, a mulher negra possui fragilidades, dores, sentimentos e que precisa de cuidados.

## **A INFLUÊNCIA E A ATUAÇÃO DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE.**

A História Brasileira foi/ é constituída por diversas desigualdades, criaram-se raízes que até hoje ainda persistem em aparecer, as definições da estrutura social foram estabelecidas no cenário totalmente limitador, onde as questões de gênero e de raça são componentes para a classificação do perfil a ser aceito ou não, isso ocorre em diversas esferas sociais. A mídia possui poder em influenciar seus consumidores de diversas formas e com isso, a imagem se tornou uma representação estereotipada do que é a população negra brasileira.

Tais questões ainda são frutos da sociedade escravocrata e da sociedade construída com base patriarcal, sexistas e machista e com isso, a mulher preta, na escrita histórica sempre foi vítima de duplo preconceito. No que diz respeito a mídia, as telenovelas obtiveram e, ainda desempenham um papel de grande relevância na narrativa brasileira. Além de fazer parte da cultura é uma forma de entretenimento, e desde o seu surgimento que são apresentadas histórias, temas e cenários que estão presentes na sociedade. A forma com que os atores e atrizes negros são apresentados é decorrente da estrutura social composta pelo preconceito, racismo e machismo.

No documentário exibido no YouTube “A negação do Brasil” de Joel Araújo expressa a trajetória dos atores e atrizes nas telenovelas, onde pouquíssimos negros/as poderiam atuar e quando isso acontecia era um papéis preestabelecido, como empregada doméstica, os escravos a mãe preta, guarda costa, papéis que faziam com que a cultura afro-brasileira fossem consideradas ruins, o documentário

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



apresenta atriz Jacira da Silva com o papel de Maria Clara, foi a primeira negra empregada doméstica de sucesso na telenovela. Com passar do tempo, mesmo em passos lentos a inserção de pessoas negras nas novelas foi ganhando um pouco mais de espaço, sobretudo da mulher negra.

No que diz respeito a mídia musical além do talento vocal do cantor/cantora, a mídia dá ênfase na construção social e histórica. E rompendo os padrões impostos pela sociedade a cantora Ludmilla de Duque de Caxias segue o gênero musical Funk carioca, hoje possui uma carreira musical de sucesso, porém frequentemente sofrem preconceitos raciais e por sua orientação sexual, ela representa o sonho de várias outras meninas/mulheres que sonham em viver da música, porém a falta de oportunidade por não poder se dedicar a música, pode ter um “corpo fora do padrão”, cabelo afro, lábios carnudos ou usar gírias em suas falas, as impedem de obterem oportunidades.

Esses estereótipos estão presentes no meio social a séculos, e alterar essa construção social requer paciência e luta. A jornalista Glória Maria que em 1970 começou na rádio da TV Globo e em 1971 como repórter atualmente é uma referência, abriu as portas para que outras mulheres negras. A sociedade determina e escolhe de acordo com as relações de poder estabelecidas, o que deve ser apreciado e/ou renegada, essa visão de mundo eurocêntrico veio passando de geração para geração, e o referenciamento pela cultura, costume e o olhar europeu têm prevalecido por séculos, consequentemente todas as outras culturas não são consideradas importantes.

Esta problemática está ligada a tentativa do embranquecimento, onde há esforços de colocar pessoas negras de pele mais clara para representar o Brasil, observa-se isso na personagem da globalização, é uma forma de camuflar o racismo, pois está inserido o mito da democracia racial, apresentar indícios de que o Brasil foi miscigenado de forma pacífica e que vive bem com estes resultados, sem preconceitos e dificuldades. Entretanto, é só olhar atentamente para os espaços onde reside que verifica-se que não há oportunidades iguais, há diferença no perfil das classes sociais em que frequentemente fazem viagem ao exterior, tudo isso eu posso

A falta de emprego faz com que artistas afros brasileiros deixem seus sonhos de lado, buscando um trabalho que consiga sustentar não somente a si, mas também sua família. Negar oportunidades para pessoas negras é reafirmar que o conjunto composto pelo capitalismo cultural e social persiste controlando e manipulando as ideias do público de casa, para que pessoas em geral consumam a ideia que existe o lugar preestabelecido para cada grupo social.

A sensação que se obtém é que, para ser realmente notado na sociedade precisa ser branca(o). O ator Lázaro Ramos em seu livro “Na minha pele” expressa ideia sobre sua trajetória profissional e pessoal e expressa: “Porque o racismo prega peças, nos faz muitas vezes desejar a identidade do outro” (RAMOS, 2017 p.73). Em certas situações, algumas pessoas negras já desejaram ser branca, pela facilidade que teriam, de não enfrentar tantos preconceitos, de poder caminhar tranquilamente na rua sem ter medo, possuir um perfil do branco, o cabelo liso, olhos e pele clara e tantas outras

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



formas de privilégio que alcançaria.

O mecanismo da televisão possui conteúdos para todos os públicos, a indústria infantil fatura muito e faz grandes investimentos em marketing. Observa-se alguns raros desenhos com personagem negros, pode-se citar a Tempestade ex-men, Diana na Caverna dos Dragões, Tiana que foi a primeira princesa negra, Super Choque e Lanterna Verde, esses são exemplos de personagem dos desenhos dos anos 2000. No cenário atual grupo com personagem negros aumentou, como por exemplo a doutora brinquedo, Binho e Feno, homem-aranha no aranhaverso. E no cenário dos filmes Pantera Negra possui um significado especial tanto para as crianças quanto para os adultos, esse filme revolucionou, com a maioria dos atores e atrizes negros, Wakanda é a cidade fictícia, porém é local onde a maioria da população negra desejaria morar, pelo fato de pessoas negras poderem viver sem medo, poder exercer a profissão de poder, onde a cultura negra é respeitada e valorizada.

Discorrer acerca da representatividade negra é essencial para todos, sobretudo para a população afro-brasileira, é se debruçar na memória do Brasil, compreender toda a linha do tempo, os motivos que levaram a existência das desigualdades racial, cultural e de gênero, é perceber que mesmo com o fim da escravidão em 1888, existe uma remodelagem do sofrimento negro, é ser uma pessoa branca e assimila o seu papel na sociedade saber se os privilégios e lutava para que pessoas negras consigam não ter dignidade, tem melhores oportunidades de estudar, trabalhar, saneamento básico, tem direito de viver bem.

A representatividade na mídia vai além de colocar uma só pessoa afro-brasileira nos espaços da mídia, por trás desse ato vem os sonhos dos nossos ancestrais que, lutaram muito para que hoje toda a população negra pudesse frequentar locais que um dia foram proibidos. E que mesmo assim, no século XXI, esses espaços ainda não foram totalmente conquistados, sobretudo é mais difícil para mulher negra, que carrega consigo toda a trajetória de luta, desigualdade, obstáculos a serem dominados, Michelle Obama descreve sua trajetória em seu livro “Minha História” segundo ela:

[...] Quantas vezes constatei que era a única mulher negra — ou até mesmo a única mulher — na sala, sentada a uma mesa de conferência ou participando de uma reunião de diretoria ou entre os convidados de um evento VIP. Se fui a primeira em algumas dessas coisas, eu queria ter a certeza de que, no fim, não seria a única — de que outras estavam vindo depois de mim.[...] (OBAMA, 2017, p.371)

Percebe-se a relevância e a responsabilidade de obter um cargo que geralmente é determinado pessoas brancas. O quanto a mulher negra em uma posição social de destaque é revolucionário, resisti e persistir para que outras mulheres afrodescendentes possam realizar seus sonhos, seja está na frente de uma construção civil, ou nos noticiários de uma emissora, ou tantas outras possibilidades de tornar real um desejo que vem atravessando gerações, de poder tomar suas decisões, de traçar seu

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



próprio destino, de forma que não seja evidenciado os estereótipos criados para diminuir classificar a originalidade social e cultural da população afrodescendente.

Apesar dos argumentos indicativos em relação a informação sobre os obstáculos a serem enfrentados para que cidadãos negros obtenha alcance a melhores oportunidades de vida, ainda assim há críticas e discurso meritocrático Como assim explica Rodney William (2019, p. 71)

“Quando um negro adquire uma posição de destaque e ascende socialmente, é comum algumas pessoas e até a mídia tomá-lo como exemplo para exaltar a meritocracia e mostrar que superou o racismo, como se a superação de um componente estrutural dependesse da ação bem-sucedida de um ou outro indivíduo. [...]”

Dessa forma, isso expõe que os esforços para superar os rótulos e estereótipos lamentavelmente ainda não foram desconstruídos totalmente, e para que isso aconteça requer debates, leis, consciência, e visibilidade positiva da cultura afro. Desenvolver possibilidades dignas de um espaço mais heterogêneo respeitando a singularidade de cada indivíduo, aumentando o ambiente divulgado pela mídia, reconfigurando e diversificando os conteúdos, a forma de posicionamento, assim como também as pessoas que farão a divulgação dos produtos/informações.

## **A INVISIBILIDADE DE DANDARA: SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O AMBIENTE ESCOLAR.**

Para debater sobre a educação brasileira e o currículo escolar é necessário observar documentos essenciais como a Base Nacional Comum Curricular(BNCC), que é um documento que visa uniformizar o ensino em todo o país levando em consideração as diversidades de cada região. Ao consultar a BNCC observa-se a expressão

“Educação das Relações ÉtnicoRaciais”, é para fazer menção à legislação que trata da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da Educação Básica”. (SILVA e SILVA, 2021, p. 565)

Este documento possui o caráter de lei, tornando-se obrigatório o seu uso ao fazer planejamento das aulas. De acordo com Cavalleiro (1998, p.198) “O silêncio que atravessa os conflitos éticos da sociedade é o mesmo silêncio que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola”

A lei 10.639/03 possui o propósito de debater questões étnico-raciais no ambiente escolar, leva as heranças culturais, sociais e econômicas da história africana e afro-brasileira, sendo apreciada de forma positiva. A presença dessa lei pode ser aplicada em todos os níveis da educação, consta-se que

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



algumas escolas não fazem a real abordagem do tema, pois não é de costume a realização de assuntos que fogem do padrão. É perceptível o conceito de Bourdier, quando ele expressa a ideia de que as escolas legitimam as desigualdades, e para modificar esse cenário, pode-se começar aplicando os conhecimentos sobre a cultura africana em sala de aula.

Na história brasileira o refúgio para os quilombos tornaram-se um momento marcante, sobretudo para o Quilombo dos Palmares o mais conhecido do país, sua localização é na Serra da Barriga, este local atualmente situa-se no estado de Alagoas. O quilombo era um ambiente para acolher os escravos que havia fugido, para viver em um local onde tivesse proteção, abordando sua real cultura e costume.

Ao mencionar o Quilombo dos Palmares pensa-se logo em Zumbi dos Palmares que teve um papel importante o líder mais conhecido do Quilombo. Todavia essa narrativa pouco se refere a outra personagem marcante da história brasileira; Dandara dos Palmares. São limitados as escritas sobre suas histórias que realmente descreva sobre a trajetória de Dandara dos Palmares, não se tem conhecimento exato se ela nasceu no Brasil ou se veio da África para o Brasil sendo. Jarid Arraes conta através de cordel a vida de Dandara:

“Foi Dandara o seu nome  
que é quase como lenda  
Não há prova de sua vida[...]  
Com Zumbi teve três filhos  
E seus nome vou citar:  
Motumbo, Aristogítón  
E Harmódio[...].”  
(ARRAES,2017, p.48)

Outro aspecto relevante é que Dandara não resume a seus afazeres atividade doméstica, ela aprendeu os afazeres considerados masculinos, como dançar capoeira, manuseia armas e liderar um grupo para o combate contra os donos das fazendas. No livro extraordinária mulheres que revolucionaram o Brasil explana as evidências de Dandara dos Palmares

“Uma guerreira negra que aprendeu a fabricar espadas e a lutar com elas; uma capoeirista forte e corajosa que planejava ações de combate e liderava seus companheiros na luta pela liberdade” (SOUZA e CARARO, 2017, p.15-16)

Dandara desenvolveu habilidades e um protagonismo exemplar para todas as épocas, e se eventualmente obtivesse mais espaço sua vivência teria ocupado um cenário bem mais alto. Em

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



conformidade com Souza e Cararo (2017, p.17) Dandara teria morrido em 6 de fevereiro de 1694, teria pulado de um penhasco para não voltar a condição de escrava, e seus três filhos teriam sido mortos durante o combate. Percebe-se que é indubitavelmente que a atuação dessa mulher possui uma dimensão de destaque em todos os âmbitos sociais, apresentando contraposição a este fato, como também resultante das ações preconceituosas e racistas que o país desenvolveu no decorrer de vários séculos, é visível a omissão de Dandara dos Palmares na esfera educacional.

É apropriado recordar que as escolas, especialmente as escolas públicas, passam pela escassez de materiais pedagógicos.

“Muitas crianças em situações econômicas vulnerável tem no material didático, principalmente os livros os únicos recursos para aprender. A criança negra que percebe as imagens inferiorizantes de negros nestes materiais têm sua autoestima diretamente afetada podendo negar ou não querer reconhecer-se naquela identidade ali representada. (FARIAS,LINS BRIÃO, 2012, p.100)

É inadiável a instalação de políticas públicas e de preparação adequada para os pais e os responsáveis dos alunos, visando que eles possam conhecer seus direitos e reivindicar o que é garantido por lei. Visto que é indispensável debater e estabelecer a prática da diversidade. Nessa ótica Farias, Lins e Brião (2021, p.99) afirmam que “Educar para a diversidade é não negá-la, mas apresentá-la como característica da sociedade brasileira, valorizando assim, todas as contribuições étnicas e culturais que a permeiam”

Para que isso ocorra é essencial que os docentes estejam preparados e tenha conhecimento do assunto. Talvez os professores formados a 20, 30 anos não tenha visto esse tema na universidade, e pois isso faz necessário a formação continuada, permanecer pesquisando e se atualizando. A pesquisadora Zelinda Barros aponta algumas iniciativas referentes ao comportamento docente

“Em primeiro lugar, é necessário que o professor esteja devidamente preparado para lidar com temas como racismo e sexismo, pois, mesmo que vivencie situações de racismo e sexismo no seu cotidiano, é preciso criar formas de abordagem do tema que levem em consideração o grande leque de diferenças existentes no grupo ao qual irá se dirigir.” (2005, p.08)

Para atingir este objetivo necessita-se de, políticas públicas com eficaz que auxiliam o entendimento do docente e mecanismos que chame atenção e que permita a sensibilidade é consciência cívica para abordar essa temática em sala de aula.

Paulo Freire em seu livro ação cultural para a liberdade (1981, p.73) expressa a ideia de que “Seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica.” Esse dilema se faz presente nos acontecimentos históricos do país, e é também um dos motivos que justifica a importância de lutar por uma educação que inclui as diferenças, colocando o ensino de qualidade para que os alunos entendam o seu lugar de fala, e se expressem mediante a situações de injustiça, tornando cidadãos mais críticos. Com o propósito de transformar a atual realidade social, fazer com que pessoas que estão na base da pirâmide possa atingir o topo social.

O campo educacional fornece documentos que auxiliam as escolas em seu regimento, um deles é as Diretrizes Curriculares Nacionais que expõe regulamentos obrigatórios para educação básica, direcionando como deverá suceder o planejamento curricular das escolas, este documento menciona:

“A Lei nº 10.639/2003 foi objeto da Resolução CNE/CP nº 1/2004, baseada no Parecer CNE/CP nº 3/2004, que dão orientações para sua implementação. A legislação reafirma a necessidade de que todos os brasileiros no seu processo escolar conheçam não somente a própria história, mas também as origens africanas, afro-brasileiras e indígenas que marcam a história, a memória, a cultura, a política e a economia do nosso país.” (BRASIL, p. 224)

Nota-se que, mesmo com comparecimento de leis e documentos que reafirmam a necessidade de discorrer sobre a cultura afro-brasileira nas escolas ainda elevado realmente a sério. É imprescindível compreender que:

“A falta de respeito às diferenças culturais dos alunos pode ser caracterizada como um ato violento, pois priva o aluno do conhecimento de si próprio através do conhecimento do grupo do qual faz parte.” (BARROS, 2005, p.06)

Entende-se que a falta de representatividade em diversos setores da sociedade é um fator resultante de vários séculos. E para reverter essa problemática é indispensável a participação ativa de toda a sociedade

“Diante do emaranhado de problemas subjacentes às relações étnicas, cabe a nós, formuladores de opinião - professores, educadores e pesquisadores críticos -, pensar e lutar por práticas que objetivem a inclusão positiva de crianças e de jovens negros na estrutura educacional e de emprego.” (CAVALLEIRO, 1998, p. 210)

Fazer com que desde a infância as crianças compreendam o valor sua beleza e sua ancestralidade, sobre sobretudo crianças negras, tornando-se adolescentes e futuramente adultos conscientes de sua importância e de seus direitos.

É compatível validar que as políticas públicas possuem uma extrema importância e que

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



sua existência é real, porém não é colocado em prática. Assim como as estratégias pedagógicas direcionadas a contemplação do acolhimento a diversidade, essa série de problemas é decorrente de um ciclo, pela falta de preparação do professor e consequentemente os governantes têm uma parcela a contribuir com fornecimentos de cursos voltados para a formação continuada dos professores.

Do mesmo modo que o setor midiático deve contribuir com a com compartilhamento de informações verídicas, possibilitando a participação de pessoas negras nos veículos de comunicação. Dessa forma a modificação dessa realidade social só será possível com a contribuição de todos, para assim atingir os objetivos da implementação do corpo social mais justo e responsável por suas ações.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Ariella Silva. A mulher negra no pós-abolição. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 5, n. 9, p. 22-36, 2013.

CARARO, Aryane; DE SOUZA, Duda Porto. Extraordinárias: Mulheres que revolucionaram o Brasil. Editora Seguinte, 2018.

CAVALLEIRO, Eiane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 1998. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

DAMASCO, Mariana Santos; MAIO, Marcos Chor; MONTEIRO, Simone. Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993). Revista Estudos Feministas, v. 20, p. 133-151, 2012.

DA SILVA, Assis Leão; DA SILVA, Clesivaldo. A Base Nacional Comum Curricular e a Educação Étnico-Racial na promoção de uma educação antirracista. REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA, v. 13, n. 30, p. 553-570, 2021.

DE PAULA PEREIRA, Bergman. De escravas a empregadas domésticas-A dimensão social e o” lugar” das mulheres negras no pós-abolição. Anais do Encontro da ANPUH, 2011.

DOS SANTOS LEMOS, Amanda. Respeito e valorização à mulher negra. Dignidade Re-Vista, v. 1, n. 1, p. 11, 2016.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





FREIRE, Paulo. Ação cultural: Para a liberdade e outros escritos. 5. ed Rio de Janeiro, Paz e terra, 1981.

RAMOS, Lázaro. Na minha pele. Objetiva, 2017.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. ed Letramento: Justificado, 2017

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro?. Editora Companhia das Letras, 2018.

**REALIZAÇÃO:**



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

**FINANCIAMENTO:**



**APOIO:**



## MEMÓRIA E IDENTIDADE: ABORDAGENS SIGNIFICATIVAS NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

Joana D'arc Santos da Silva <sup>1</sup>

**RESUMO:** O trabalho trata sobre reflexões acerca da memória e identidade cultural no meio da pós-modernidade e suas possíveis relações. Através de reflexões e conceitos, a discursão permeia por estudos de grandes teóricos que contemplam suas análises, tais como Ecléa Bosi (1994), Joel Candau (2001), Maurice Halbwachs (1990), Stuart Hall (2000), Fernando Pinheiro Filho (2004), Michael Pollak (1992) e Kathryn Woodward (2007). A partir disso, pretendemos evidenciar as argumentações bibliográficas dos temas, buscando evidenciar a importância da memória e identidade nesse cenário de concordância entre ambos. Os estudos sobre memórias e identidade ainda se constroem por meio das bases historiográficas que reconstituem o seu passado na atualidade. É imposto que a memória deve não apenas ser entendida como busca de informações sobre o seu passado, mas também para praticar o processo de rememoração. Desta forma, podemos verificar que a identidade e memória estão em sintonia e se relacionam na construção de diversas áreas de significado na vida dos indivíduos em mais diversos grupos culturais e organizações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; Memória; História; Pós-Modernidade

### MEMORY AND IDENTITY: SIGNIFICANT APPROACHES TO HISTORY BUILDING

**ABSTRACT:** The work deals with reflections on memory and cultural identity in the midst of post-modernity and their possible relationships. Through reflections and concepts, the discourse permeates studies by great theorists who contemplate their analyses, such as Ecléa Bosi (1994), Joel Candau (2001), Maurice Halbwachs (1990), Stuart Hall (2000), Fernando Pinheiro Filho (2004), Michael Pollak (1992) and Kathryn Woodward (2007). From this, we intend to highlight the bibliographic arguments of the themes, seeking to highlight the importance of memory and identity in this scenario of agreement between them. Studies on memories and identity are still built through the historiographical bases that reconstitute their past today. It is imposed that memory should not only be understood as a search for information about your past, but also to practice the process of remembering. In this way, we can verify that identity and memory

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade de Pernambuco Campus Garanhuns (UPE). Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Mestranda Programa de Pós-Graduação em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas – PROCA-DI (UPE), e-mail: joanna\_darck@hotmail.com.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



are in harmony and are related in the construction of different areas of meaning in the lives of individuals in different cultural groups and organizations.

**KEYWORDS:** Identity; Memory; Story; Post-Modernity

## INTRODUÇÃO

O trabalho busca um diálogo sobre identidade e memória na sociedade pós-moderna e suas possíveis relações no decorrer da história. Os estudos entre as duas correntes trazem suas especificidades que se consolidaram através do tempo e por meio das interações entre os indivíduos nas sociedades. Desta forma, a pesquisa sobre identidade e memória estão correlacionadas na construção de diversas áreas de significado na vida dos indivíduos em mais diversos grupos culturais e organizações.

É necessário compreender a devida importância da memória como um fator historiográfico por meio das vivências entre os grupos sociais e reconstruções dos fatos que influenciaram e se consolidam. A partir das explanações, Maurice Halbwachs que foi um sociólogo de bastante influência é utilizado na exposição desse trabalho buscando explicitar principalmente os efeitos da memória coletiva e seus processos na sociedade.

As considerações sobre memória ainda visam o estudo ao individual, que está em pauta e mostram algumas divergências entre alguns teóricos citados. Sabendo que a memória tem uma maior atenção em um aspecto coletivo por meio de Halbwachs (1990), existe o individual que consolida as lembranças através do meio social, segundo Bosi (1992), por exemplo. Assim, os contextos citados consideram reflexões dos parâmetros individuais e coletivos e travam embates necessários a análises acerca dos apontamentos e ponderações entre os autores.

A identidade por si só traz uma grande complexidade em seus conceitos e que precisam ser debatidos, nesse caso, no contexto pós-moderno. Utilizamos com grande vigor Stuart Hall (2000) nas considerações levando em conta suas influências nos estudos identitários culturais na modernidade tardia, baseado em teorias e categorias analíticas. Hall apropria-se dos seus conceitos e discute o sujeito iluminista, sociológico e pós-moderno, reforçando as interações dos indivíduos nas sociedades, provocando principalmente os avanços do sujeito cartesiano numa sociedade ligada a modernidade.

Baseando-se na complexidade em um todo, é necessário colocar em pauta os estudos identitários, pois devem ligar-se à cultura e ao status histórico do sujeito, utilizando também da raça, etnia, e suas ancestralidade. Assim, a pesquisa propõe o aprimoramento dos estudos identitários culturais utilizando-se da memória e suas significações para a reflexão de um sujeito moderno e histórico.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## CONCEPÇÕES E ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA

Sendo memória uma grande vertente nos estudos históricos, consolidou seus estudos no século XX, permeando-se nas ciências biológicas e sociais, como a sociologia e psicologia. Adentrando nos aspectos sobre memória coletiva, é um campo da ciência social marcada pela interação com os indivíduos da mesma sociedade ou em diversos grupos sociais. Existe a necessidade de reconhecer a sua importância nos meios constituidores da identidade, pois a memória coletiva é um fator essencial para sua formação.

Dentre muitos estudiosos da área, Maurice Halbwachs possui grande influência nos estudos sociais, sendo influenciado por Durkheim que foi responsável pela fundação da sociologia e estudo relacionado ao funcionalismo, trazendo os “fatos sociais”, onde o comportamento de cada indivíduo está relacionado ao meio externo. Ele turbinou os estudos sobre memória trazendo conceitos relacionados ao coletivo, divergindo de Henry Bergson que pauta a memória como aspecto individual, excluindo o social. Halbwachs conseguiu consolidar a memória coletiva, sendo um instrumento de poder na constituição historiográfica das sociedades em geral.

A memória é aspecto coletivo e social de acontecimentos e vivências que podem ser evocados por meio das relações sociais, sendo ela construída em grupo e de forma individual. Por meio do convívio com outras pessoas, a memória será resultado das interações por diversos grupos sociais em que o indivíduo participa. A memória baseia-se em imagens de acontecimentos passados e desta forma, dar-se o processo de reconstrução e ressignificação de uma determinada lembrança. Para Maurice Halbwachs (2006) a memória individual está intrínseca à memória coletiva, pois nunca estamos sozinhos, divergindo do senso comum da época e também da filosofia.

Desta forma, o autor está sempre em consonância aos aspectos sociais da memória, já que a consciência não é solitária porque somos levados a manter contato entre os indivíduos e demais grupos sociais na nossa vida. As lembranças serão constituídas por meio das interações e pertencimento aos grupos, assim sendo, a memória coletiva será a memória de um grupo. Para o autor:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p.30)

Desta forma, a memória individual sempre será ligada a coletiva, pois as lembranças não se sustentam por muito tempo sem o apoio dos testemunhos da comunidade ou dos seus grupos. É necessário a rememoração e apoio social para o sustento das memórias e assim, propagar as experiências

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



e situações que foram vividas pelos indivíduos. O autor revela que “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação”. (HALBWACHS, 2006, p. 29)

Desta forma, Bosi (1994) que é influenciada por Maurice Halbwachs afirma que a memória individual consolida as lembranças através do meio social, que as reativa a e assim, também recebe interferências das mais variadas lembranças que estão no seu grupo social. Segundo a autora:

“Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos verdadeiros “universos do discurso”, “universos de significados” que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada de acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história” (BOSI, Ecléa, 1994, p.67)

Assim, também de acordo com os estudos sobre memória, Le Goff (2003) nos diz: “A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas” (LE GOFF, 2003, p. 447). Desta forma, podemos afirmar que a memória é a história que arquiteta sobre o futuro. O depoimento dos outros são necessários para reconstruir uma lembrança, pois elas complementam e se ajustam no meio social. Essa reconstrução deve ser operada a partir de informações que estejam em comum acordo com seu grupo e assim, rememoram as lembranças.

O autor confirma que existe a necessidade de comunidades afetivas para a continuidade das memórias dos seus grupos para que não sobrevenha o apagamento ou esquecimento. Halbwachs define a partir de quadros longínquos e meio próximos que o homem precisa saber que ele é um personagem histórico, o qual participa de diversos grupos sociais, sendo de maiores e menores proporções, os quais influenciam no seu modo de vida e pensamento e desta forma, esses grupos se correspondem por inteiro. Os quadros da memória são fornecidos de maneira individual com influência do coletivo e são dirigidos para a constituição das lembranças que incluem o tempo e espaço, servindo para organizar os grupos da sociedade. Segundo o autor:

Cada grupo, aliás, se divide e se restringe, no tempo e no espaço. É no interior dessas sociedades que se desenvolvem tantas memórias coletivas originais que mantêm por algum tempo a lembrança de acontecimentos que não têm importância senão para elas, mas que interessam tanto mais que seus membros, que são poucos numerosos. (HALBWACHS, 1990, p. 54)

Nas perspectivas de Michael Pollak (1992), o mesmo não rompe com os ideais sobre a coletividade de Halbwachs, o qual também é influenciado por ele. A memória é um fenômeno social e coletivo, sendo também variável. Para ele, a memória reforça um sentimento de pertencimento através de suas interpretações

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



sobre o passado que é guardado e assim, reflete na sua própria individualidade ou coletividade.

Os estudos sobre memórias e identidade ainda se constroem por meio das bases historiográficas que reconstituem o seu passado na atualidade. Pollak (1992) impõe que a memória deve não apenas ser entendida como busca de informações sobre o seu passado, mas também para praticar o processo de rememoração. Halbwachs e Pollak afirmam a memória como um objeto social e coletivo que constitui o passado através do presente, porém, Pollak não se desvirtua de que a memória também tem características individuais importantes, pois o indivíduo pode participar, formar e ter acesso as constituições das memórias dos grupos e também colaborar ativamente construindo suas próprias recordações.

A partir dessas reflexões, é perceptível que em alguns momentos os aspectos de memória tenham algumas divergências e confronto, levando suas considerações coletivas e individuais. A memória não é inteiramente coletiva ou individual e desta forma, permite-nos observar a conexão entre o indivíduo e a sociedade. É uma representação do passado que pode realizar-se no presente utilizando de artifícios de construção e combinação do indivíduo ou diferentes grupos sociais.

O estudo dos elementos que estabelecem e constituem a memória se torna muito importante porque está inerentemente conectado ao processo de construção das identidades. Dessa forma, eventos passados podem ser identificados e as informações relacionadas à preservação e memória ainda podem ser mantidas. O conceito de memória segundo Pierre Nora (1993) explicita que:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9)

Partindo dos pressupostos sobre memória, a temática sobre identidade pode relacionar com os aspectos de memória de modo em que as identidades se constituem como uma herança de significados, ligados à construção de uma memória e de uma narrativa que certifique a ideia de pertencimento e assim, tem-se valor considerável no processo de formação identitária coletiva e individual, o que nos leva a conhecer e reconhecer como determinado processo histórico se encontra no interior de um processo ainda mais amplo.

## IDENTIDADE CULTURAL NO CONTEXTO PÓS-MODERNO

Levando em consideração os estudos sobre identidade, a mesma tem um conceito bastante complexo. Ela está passível a transformações por meio das reflexões e contextos das ciências sociais. No caso da sociologia, a identidade vai estar ligada a um grupo no qual as características serão adquiridas pelos sujeitos e desta forma, vai ser veiculado ao sistema social. Já a psicologia social revela que a identidade é um resultado de diversas combinações, totalidades contraditórias, mutável e imutável. A

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





identidade vai determinar o ser, [...] diferenciá-lo e singularizá-lo em meio às singularidades alheias. Segundo Woodward (2000):

A identidade é relacional. A identidade [...] depende, para existir de algo fora dela: a saber, de outra identidade (...), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade (...), mas que, entretanto, fornece condições para que ela exista. (...) a identidade é, assim, marcada pela diferença. (2000, p.9)

Mediante aos estudos acerca da identidade, o sociólogo e teórico cultural Stuart Hall foi uma das figuras mais importantes nos debates identitários no contexto pós-moderno. Dentre os seus trabalhos, “*A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*” tem grande relevância sobre identidade, baseado em teorias e categorias analíticas. Segundo Hall (2000), as identidades são formuladas através dos processos históricos e o sujeito pós-moderno está passível de transformações por meio dos sistemas culturais que entram em contato com ele.

O autor coloca em questão três tipos de concepções sobre os sujeitos, sendo intitulados de sujeito iluminista, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O primeiro referindo-se ao indivíduo que não possui sua identidade alterada, pois é centrado em seu interior. O segundo é pautado nas interações entre sujeito e sociedade que passa a alterar a sua identidade com o mundo cultural. O sujeito pós-moderno é composto por várias identidades não fixas que ainda podem ser totalmente contraditórias. Sendo esta uma desordem das identidades que estiveram estáveis, abrindo lacunas para novas identidades culturais.

Nos argumentos em que o autor trabalha, traz alguns avanços e deslocamento sobre o sujeito cartesiano. A primeira utiliza-se do pensamento marxista, no qual o homem constrói sua história a partir do que é oferecido a ele. O segundo freudiano, o qual afirma que as identidades são constituídas por processos ligados ao inconsciente. Nesse caso, o indivíduo vive a identidade para a identificação, pois indica um processo de construção e ela será preenchida pelo exterior. O terceiro baseado na linguagem, por Ferdinand Saussure no qual podemos afirmar os significados por meio das regras da língua e ativar significados da língua nos sistemas culturais. O quarto pensamento corresponde ao Foucault que criou a “geologia do sujeito moderno” para a regulação do sujeito por meio das instituições e manter a sanidade mental, moral e física dos indivíduos. E o último pelo Movimento Feminista que trouxe através de contestações políticas a partir da vida social como crítica teórica e movimentos sociais. Foi um evento que marcou a modernidade tardia que tinha um grande impacto cultural, focando nas identidades da minoria.

A discussão sobre a identidade resultou no propósito de certos elementos que, em termos de composição, tentam explicar como caracterizar o sujeito de uma maneira que não se desvie do status histórico desse mesmo sujeito, levando em consideração a sua ancestralidade, questões

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



culturais, raciais, entre outros. Segundo Hall (2011):

[...] somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de diferenças – de gênero, sexualidade, classe. Trata-se também do fato de que esses antagonismos se recusam a ser alinhados; simplesmente não se reduzem um ao outro, se recusam a se aglutinar em torno de um eixo único de diferenciação. Estamos constantemente em negociação, não com um único conjunto de oposições que nos situe sempre na mesma relação com os outros, mas com uma série de posições diferentes. Cada uma delas tem para nós o seu ponto de profunda identificação subjetiva. Essa é a questão mais difícil da proliferação no campo das identidades e antagonismos: elas frequentemente se deslocam entre si (HALL, 2011, p.328)

Stuart Hall (2000) revela que em suas argumentações sobre a identidade na contemporaneidade torna-se uma “celebração móvel”, que é transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que está em volta de todos nós. Diversas identidades estão em consonância com o mesmo sujeito. A modernidade tardia é apresentada como uma necessidade, pois apenas uma identidade será insuficiente para às necessidades das pessoas inseridas. A politização dessa identidade é compreensível como política que corrobora para a diferença. Para ele, as identidades devem ser construídas no interior da representação, através da cultura, sendo resultantes de um processo de identificação que permite existir um posicionamento no interior das definições dos discursos culturais. Para Hall (2000) “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.” (p. 9)

Com o avanço da globalização, as identidades na sociedade atual se encontram muitas vezes delimitada devido ao capitalismo crescente e de forma desenfreada no mundo, podendo assim influenciar os sujeitos por meio do consumo. Nesse contexto, as identidades caminham pelo crescimento da globalização. Sendo a mesma distribuída de forma desigual e desequilibrada, mostrando que é cada vez mais um processo ocidental.

O desenvolvimento global do capitalismo não é obviamente, novo, mas o que caracteriza na sua fase mais recente é a convergência de culturas e estilos de vida nas sociedades que, ao redor do mundo, são expostas ao seu impacto. A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade (WOODWARD, 2000, p.21)

Tendo em vista que a globalização tem dominado toda a modernidade, conectam as sociedades por meio do espaço-tempo e a década de 70 como influência da integralização as nações, a sociedade se desagrega pelo crescimento da homogeneização cultural e fazendo com que as identidades nacionais estejam em declínio, mas hibridizando, pegando o seu lugar, a mesma colocar-se além da cultura nacional, causando apagamento, efeito pluralizante e colapso entre as identidades. Stuart Hall (2000)

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



complementa que:

[...] parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto seu efeito geral permanece contraditório. (Hall, p. 87)

Ainda sobre Stuart Hall (2000), o multiculturalismo é parte de um processo identitário do sujeito pós-moderno. Assim, podemos refletir que a identidade é elaborada através das historicidades, símbolos, datas, tradições, das imagens e rituais, ou seja, um conjunto de elementos que representam experiências partilhadas pelo grupo sendo estes que dão sentido a essa identidade.

## MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: POSSÍVEIS RELAÇÕES

Os conceitos de memória e identidade estão sendo trabalhados com maior consistência desde o século XX, e teve grande influência nos estudos das ciências sociais e demais áreas do conhecimento. Trazendo ao campo das identidades, os aspectos sobre a memória adentram nos estudos identitários, pois ela pode captar e conservar as experiências dos seres humanos por meio do processo interacional entre eles. Assim, as identidades são construídas por vários processos históricos que definem as (re) existências na contemporaneidade.

A memória é uma base para a identidade e os dois conceitos estão estritamente ligados sobre a ideia de um sujeito social e sendo referência, deve-se aos atos memoriais presentes que serão aceitos pelos indivíduos. Para Candau (2011) “a memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade.” (p.18). Ainda sobre o autor, ele afirma que “as ideologias que prevalecem nas memórias migrantes jogam com as fronteiras da alteridade para produzir, pela distinção, as identidades sociais.” (2011, p. 17)

A memória coletiva é um dos pontos mais essenciais para a constituição das identidades, pois elas estão em consonância com os grupos sociais e trajetórias dos indivíduos construído pela coletividade, tendo em consideração que “toda representação é produto de uma síntese” (PINHEIRO FILHO, 2004, p. 14). Cada indivíduo, independente da sociedade, vive em busca de novas identidades, mesmo que de maneira inconsciente porque existe uma carência em evocar memórias, como discute Maurice Halbwachs (2006) “no momento em que examina seu passado, o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo.”

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



A regeneração da memória para construir a identidade terá um impacto conciso no coletivo e individual. A interseção de memória e identidade são variáveis como tempo, espaço e movimento geram muitas possibilidades de estudo dos grupos sociais na contemporaneidade. Desta forma, existe uma ligação entre identidade e memória que deverá contribuir na formação das identidades culturais. Para Kathryn Woodward (2000):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (...) Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, Kathryn. 2000, p. 17)

Os estudos sobre memórias e identidade ainda se constroem por meio das bases historiográficas que reconstituem o seu passado na atualidade. Pollak (1992) impõe que a memória deve não apenas ser entendida como busca de informações sobre o seu passado, mas também para praticar o processo de rememoração. Desta forma, podemos verificar que a identidade e memória estão em sintonia e se relacionam na construção de diversas áreas de significado na vida dos indivíduos em mais diversos grupos culturais e organizações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, a respeito das identidades, pudemos observar que elas são utilizadas a partir da representação e processos culturais, que são resultantes de uma análise de identificação que existe um direcionamento sobre as definições dos discursos culturais. Utilizando desse gancho, a memória entra em conversação e constrói sentidos em diversas sociedades que serão refletidas nas identidades coletivas e individuais.

A modernidade discutida por Hall (2000) é esclarecida e mostra como é um fenômeno transformações por meio dos sistemas culturais que entram em contato com o sujeito pós-moderno. Apesar de alguns contratempos entre teóricos, fica evidente a sintonia entre o sujeito e sociedade, como utiliza Halbwachs de um discurso voltado a sociedade e memória coletiva.

O trabalho buscou trazer discursões e reflexões acerca de memória e identidade na pós-modernidade e investigar a partir da base bibliográfica relações entre ambos. Ficou notório que principalmente o fator social evidenciado nas duas vertentes é importante para a sua conjuntura. Cada indivíduo dependerá de novas identidades para reconstituir-se e utilizará dos aspectos sobre memória para sua constituição.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2011.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo. Edições Vértice, 1990, 2006

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Pós Modernidade. 4ª ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PINHEIRO FILHO, Fernando. A noção de representação em Durkheim. Lua Nova, São Paulo, n. 61, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## MUNDO TECNOLÓGICO, DISTOPIA E VIRTUALIZAÇÃO TECHNOLOGICAL WORLD, DYSTOPIA AND VIRTUALIZATION

Cecília Eduarda dos Santos Perri <sup>1</sup>

Nildo Francisco da Silva <sup>2</sup>

Universidade Federal do Maranhão

Mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade - PGCult.

**RESUMO:** O presente artigo versa sobre a relação entre a tecnologia, o pensamento distópico e o conceito de virtualização a partir de Pierre Lévy. Inicia localizando historicamente a revolução tecnológica e aborda os avanços da tecnologia da informação na sua relação com a sociedade bem como sua incidência no cotidiano dos indivíduos ao passar das margens ao centro da vida. Destaca algumas vantagens e desvantagens destas tecnologias sobre a vida humana e a natureza. Mostrando os produtos tecnológicos como artefatos construídos por atores sociais. E apresenta o discurso distópico como posicionamento crítico de alerta à era digital utilizando como objeto de análise a narrativa apresentada no seriado Black Mirror ao fazer ligação entre as temáticas abordadas na série e o conceito de virtualização pensado por Lévy que entende o virtual como parte da realidade oposta ao atual. Por fim, reflete sobre o acolhimento ativo do mundo virtual pela criação de novos dinamismos.

**PALVRAS-CHAVE:** tecnologia; distopia; Black Mirror; virtualização.

**ABSTRACT:** This article deals with the relationship between technology, dystopian thinking and the concept of virtualization from Pierre Lévy. It locates historically the current technological revolution. It addresses technological advances in their relationship with society as well as their impact on the daily lives of societies and individuals as they move from the margins to the center of life. Highlights some advantages and disadvantages of technology on human life and nature. It shows technological products as artifacts constructed by social actors. Presents dystopian discourse as a critical position and alert to the digital age. It approaches the Black Mirror series and links its content with the concept of virtualization by Pierre Lévy, who thinks of the virtual as part of reality, as opposed to the concept of the actual. Finally, it reflects on the active acceptance of the virtual world through the creation of new dynamisms.

**KEYWORDS:** technology; dystopia; Black Mirror; virtualization.

---

1 cecilia.eduarda@discente.ufma.br

2 nildo.fs@discente.ufma.br

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## INTRODUÇÃO

A técnica pode ser pensada, de maneira mais originária e mais abrangente, como meios que os seres humanos usam em favor de si que não são “naturais”. Na linguagem heideggeriana, o ser humano, por meio da técnica, apresenta-se como “projeto que transforma as coisas em ‘utensílios’: *o ser das coisas equivale ao seu ser utilizadas pelo homem.*” (REALE, 2005, p. 201). Assim, vemos realizar-se essa potência humana em fazer de elementos encontrados na natureza ferramentas úteis para o seu uso. Essas coisas transformadas em objeto de uso vão das mais primitivas como um pedaço de pedra para cortar uma carne até as mais sofisticadas como os computadores ou celulares que temos hoje. Com efeito, ao instrumentalizar elementos da natureza e fazer deles uma extensão de seus próprios sentidos, o homem cria a técnica. Os objetos passam a ser extensões ou atualizações de si mesmos de maneira que o fato de usar ferramentas acaba por definir o ser humano enquanto tal. Diz-se comumente que três grandes revoluções técnicas marcaram a história da humanidade.

A primeira revolução foi a agrícola, que se deu no período neolítico, cerca de 10 mil a.C. Os seres humanos deixam a condição de meros caçadores e coletores, ou seja, abandonam o sistema de caça e de coleta de alimentos para se adequar a um estilo sedentário em que a agricultura e a domesticação de animais modificam profundamente o estilo de vida das tribos ou grupos nômades.

Já na segunda metade do século XVIII, deu-se início à revolução industrial na Inglaterra que em pouco tempo se espalha pelo mundo, levando a grandes transformações sociais e econômicas. Nasce um período de grande desenvolvimento tecnológico. A revolução industrial dá um potencial de produção às sociedades ocidentais antes nunca visto na história. Daí o testemunho tão vivo de Karl Marx e Friedrich Engels diante desse fenômeno:

Em seu domínio de classe de apenas cem anos, a burguesia criou forças produtivas mais poderosas e colossais do que todas as gerações passadas em conjunto. [...] qual século anterior poderia suspeitar que semelhantes forças produtivas estivessem adormecidas no seio do trabalho social? (MARX, ENGELS, 2000, p. 71)

Atualmente, passamos por outra revolução técnica, muitas vezes chamada revolução da informática ou revolução cibernética, caracterizada por uma acelerada evolução da tecnologia, com produtos cada vez mais sofisticados e cada vez mais úteis para tarefas cotidianas juntamente com um admirável e rápido avanço dos meios de comunicação social pelo influxo dos avanços tecnológicos. Participamos, assim, de um inaudito processo de informatização dos sistemas de administração, de comunicação e de serviços. Nesse contexto, a informatização passa a ser uma característica fundamental na sociedade e na vida cotidiana de cada pessoa. Assistimos “a presença cada vez maior da tecnologia na organização das práticas sociais das mais complexas às mais

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



elementares.” (BENAKOUCHE, 1999, p. 1) Ciência e tecnologia, antes compreendidas mais ou menos respectivamente como causa e efeito, passam a ter uma relação de reciprocidade e uma imbricação muito maior.

Essa imbricação entre ciência e tecnologia torna-se mais forte e determinante no momento em que a própria tecnologia deixa de ser subsidiária do desenvolvimento da vida prática e passa a ser constitutiva do autoentendimento da sociedade, tornando-se o centro da vida prática. (SCHOR, 2007)

Com efeito, encontramos exatamente neste marco histórico em que a tecnologia, particularmente o que se convencionou denominar tecnologias de informação e comunicação, deixou de ser algo secundário no nosso cotidiano e passou a fazer parte da nossa vida e inclusive configurar ou reconfigurar muitas das nossas relações. Os artefatos tecnológicos produzidos pela indústria passam rapidamente para o centro da vida prática, moldando nossas relações e levando-nos a ter dificuldade de nos compreender como sociedade e como indivíduos sem a sua presença. Como afirma Hugh Lacey (1998, p. 103), a “tecnologia se move das margens para o centro da vida”.

De fato, teríamos uma grande dificuldade de entender o funcionamento de alguma empresa privada ou de alguma instituição pública sem o uso dos sistemas informatizados, sem a utilização de computadores, celulares, programas e plataformas digitais. E não só as instituições, mas também nossa vida pessoal e nossas relações com os outros, ficam incompreensíveis por nós sem todo esse aparato tecnológico dos quais nos utilizamos para nos expressar, fazer ou desfazer amizades, dialogar, nos comunicar, trabalhar, estudar ou nos entreter.

Dizia Descartes (1973, p. 37) que as “maiores almas são capazes dos maiores vícios, tanto quanto das maiores virtudes”. Parafrazeando o pai da modernidade, poderíamos dizer que essa grande revolução tecnológica criada por nós e que nos auxilia e nos recria pode ter um grande potencial destruidor como também um grande potencial construtor. Em si ela não traz nada mais do que sua própria essência, ou seja, aquilo mesmo que ela é. Portanto, em si mesma ela não destrói nem liberta. Aliás, poderíamos até elencar inúmeros fenômenos deveras vantajosos, mais do que pretensamente prejudiciais, da atual revolução tecnológica, pois indubitavelmente ela veio a facilitar a nossa vida e torná-la mais prática e menos trabalhosa em relação ao esforço físico e até mental. A tecnologia efetivamente nos poupa de trabalhos que antes dela eram intensamente enfadonhos e nos propicia uma vida mais confortável e uma comunicabilidade mais rápida e fácil. Porém, no que se refere à natureza ou ao meio ambiente temos muito a refletir sobre seus efeitos. Se ela tem implicações destrutivas sobre a natureza tais implicações nos atingem mais cedo ou mais tarde, pois a natureza não é outra coisa senão o solo em que pisamos, o ar que respiramos e o alimento de que necessitamos para a vida. Mais ainda, poderíamos pensar em possíveis implicações talvez mais diretamente nocivas em nível antropológico, como incidências sombrias da tecnologia sobre nossa saúde mental e corporal.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





O fato é que a existência humana atual altamente marcada pelas tecnologias de informação e de comunicação não deixa de causar certa preocupação quando nos pomos a refletir sobre a realidade em que vivemos. Há quem acolha a tecnologia de forma ingênua ou acrítica, na perspectiva de um otimismo superficial, simplesmente desfrutando do conforto e das benesses que ela traz sem se perguntar o que de fato podemos fazer dela ou o que ela pode fazer de nós. É mister pensar a tecnologia não de modo abstrato, ou seja, como algo que subsiste em si, mas nas suas relações com a sociedade. Afinal ela é artefato humano. Por isso, “responsabilizar a técnica pelos seus ‘impactos sociais negativos’ ou mesmo seus ‘impactos sociais positivos’, é desconhecer, antes de mais nada, o quanto – objetiva e subjetivamente – ela é construída por atores sociais, ou seja, no contexto da própria sociedade.” (BENAKOUCHE, 1999, p. 2)

Assim, ao longo do tempo, quem se põe para refletir, pergunta-se o que podemos fazer de nós mesmos ou o que o aparato tecnológico que criamos, de fato, pode fazer conosco. Diante dessa questão é impossível que não apareçam alguns temores uma vez que a história já mostrou que os usos que fazemos da tecnologia podem apresentar seu lado bizarro e altamente destruidor. Esses temores, como mero medo ou como crítica da sociedade tecnológica vigente, apresentam-se de modo muito veemente nos discursos distópicos<sup>3</sup>. Contrapondo-se a um acolhimento acrítico das tecnologias de informação e comunicação e, sobretudo, ao pensamento utópico – expresso em obras de ficção científica – que vislumbra um mundo futuro totalmente dominado pela tecnologia como uma espécie de paraíso terrestre, os discursos distópicos apresentam o lado obscuro do uso da tecnologia para as relações sociais e seus efeitos psicológicos perversos.

## MUNDO TECNOLÓGICO E DISTOPIA

Antes mesmo das profundas mudanças tecnológicas atuais, uma obra marcante nessa perspectiva é o famoso romance de Aldous Huxley *Admirável Mundo Novo*, publicado em 1932. Essa rica obra literária fala de uma sociedade do futuro, na qual o quase irrestrito domínio da técnica e do conhecimento científico cria um mundo autoritário e desumanizado em que as pessoas são pré-condicionadas biológica e psicologicamente para viverem numa integral harmonia com as leis e as estruturas sociais, e são despojadas, por meio de técnicas de programação mental orientadas para a normalização, de qualquer senso de subjetividade ou de consciência crítica.

3 Os termos “distopia” e “utopia” são derivados da palavra grega “topos”, que significa “lugar”. Em um sentido mais imediato, a expressão “distopia” é usada como o oposto de “utopia”. A palavra utopia literalmente significa “não-lugar”, seu contrário seria simplesmente “topos” (lugar). Porém, na linguagem corrente, a palavra é identificada com “lugar ideal”, bom ou agradável, portanto, a sociedade justa que não se encontra em nenhum lugar. As distopias seriam realidades desagradáveis, opressoras, lugares (topoi) de dor, de injustiça e de sofrimento. Contrapondo-se às utopias com a ideia de sociedades imaginariamente justas e perfeitas, as distopias seriam sociedades imaginárias em que se vive em condições de extrema dor, opressão, desespero ou privação. A palavra distopia foi usada pela primeira vez por Stuart Mill e até hoje seu sentido continua o mesmo.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Outras produções literárias distópicas também ganharam destaque, no último século, por exercitar uma reflexão crítica acerca das relações heterônomas entre subjetividade, sociedade, cultura e poder como *1984* de George Orwell que retrata a dinâmica de vigilância que permite um amplo controle político balizado pela organização totalitária dos laços sociais e *Fahrenheit 451*, de Bradbury, romance distópico que apresenta a emergência e consolidação de uma conjuntura na qual os valores e o código moral existem hegemonicamente na função de manutenção da civilização – na história, os próprios cidadãos decidiram abrir mão da liberdade em troca de uma sociedade sem conflitos, focada nos prazeres do entretenimento e do consumo.

Nos últimos cinco anos, as buscas na *internet* pelo termo distopia triplicaram no Brasil. De acordo com o *Google Trends*, o período de maior acesso, entre maio de 2016 a maio de 2021, foi em 2020 - especificamente de abril a setembro, auge do primeiro ano da pandemia da Covid-19 no país. O segundo maior período de acesso foi em 2018, em novembro, após o resultado da eleição presidencial. Esses dados nos levam a perceber que as distopias ganham maior destaque a depender do contexto histórico-político vivenciado. Para o filósofo e pesquisador Alexey Dodsworth<sup>4</sup>, as distopias despertam interesse porque “a degeneração é um risco constante no mundo real” (LIMA, 2017, n.p.), fazendo com que as pessoas frequentemente sintam que a sociedade está caminhando para algo ruim.

Esse interesse acaba refletido em produções audiovisuais que conquistam grande público, a exemplo de *Black Mirror* - série de 2011 relançada pela Netflix em 2016 - que apresenta um universo inspirado no mal-estar da sociedade devido ao envolvimento com as tecnologias de informação, proporcionando uma reflexão acerca do comportamento humano e os efeitos de uma sociedade cada vez mais conectada. Assim sendo, utilizaremos neste trabalho o seriado *Black Mirror* como pano de fundo para discutir o mundo tecnológico a partir do conceito de virtualização formulado pelo filósofo, sociólogo e pesquisador das ciências da informação e comunicação Pierre Lévy (1996).

## BLACK MIRROR E A VIRTUALIZAÇÃO

Nas obras literárias, posteriormente adaptadas para o cinema, a distopia nasce vinculada ao subgênero *cyberpunk* como segmento da ficção científica. Amaral (2005) afirma que o formato possui um certo apelo pelo sombrio, o estranho, o sobrenatural e o etéreo. Para a autora o *cyberpunk* é um subgênero e uma subcultura híbrida intrínseca a um imaginário tecnológico, cuja tradição é herdada das visões obscuras e distópicas do romantismo gótico, originária da contracultura. Tendo como principais características a violência banalizada, poder opressor vindo de uma elite ou do Estado, a estupidez ou a ignorância coletiva e, fundamentalmente, um discurso pessimista acerca do futuro da humanidade.

4 Escritor, filósofo e pesquisador ítalo-brasileiro, Alexey Dodsworth, em conversa por e-mail com a Revista do Brasil, publicada por Helder Lima, sobre o tema ‘distopia na política e literatura’. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/133/a-distopia-segundo-o-escritor-alexey-dodsworth>>. Acesso: 25 de junho de 2018.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Uma das principais características de um universo distópico é a contextualização de uma sociedade oprimida em que um poder superior possui o controle absoluto dos cidadãos. Na maioria das situações, é o Estado ou grandes corporações que articulam meios de manter a sociedade sob controle, mantendo-a satisfeita ou inconsciente desta falta de liberdade. Mas de *Admirável Mundo Novo* (1932) a *Black Mirror* (2011) a distopia sofreu algumas alterações, possivelmente, vinculada aos avanços tecnológicos e os modos de utilização destes ocorridos nos quase 80 anos que separam as duas obras.

Putri e Nafisah (2020) ressaltam, a partir de Booker (1994), que na distopia moderna o problema não é mais a destruição causada pelo poder autorizado, mas sim uma sociedade em deterioração construída como resultado da degradação humana. Moylan (2000), por sua vez, destaca que a vida cotidiana na nova distopia ainda é regida, observada e controlada, porém a ferramenta de vigilância não é apenas de uma instituição, mas é exercida por cada indivíduo ao longo do dia-a-dia. É exatamente na distopia moderna que o universo de *Black Mirror* encontra sua essência. Na maioria dos episódios, não fica claro o envolvimento do Estado por trás do controle social, é como se fosse comportamento humano “natural” e que impossibilita os protagonistas a romperem com esse controle.

O criador e roteirista da série, em entrevistas, afirma que seu principal objetivo é retratar o uso desenfreado e a força que as tecnologias tem em nossa sociedade. Para ele, as tecnologias são como um novo membro que nasce enquanto aprendemos a utilizá-lo. Haraway (2009, p. 36) defende que qualquer um de nós, de alguma maneira, somos ciborgues, uma vez que fazemos uso de artefatos externos ao corpo humano, “uma junção entre organismo e máquina, cada qual concebido como dispositivo codificado, em uma intimidade e com um poder que nunca, antes, existiu”. Sendo o ciborgue um fenômeno político, um sujeito sem pátria, que opera em relações virtuais dentro de redes globalizadas. Para Haraway (2009, p. 39) o ciborgue é:

comprometido com a parcialidade, a ironia e a perversidade. Ele é opositorista, utópico e nada inocente. Não mais estruturado pela polaridade do público e do privado [...] a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou de incorporação pela outra.

*Black Mirror* materializa a cada episódio a noção de uma sociedade repleta de ciborgues que fazem surgir novas configurações de ser/estar no mundo, conectando estes polos com a finalidade de romper seus limites e mergulhar em diferentes ciberespaços. A maioria dos episódios apresentam de modo contundente esse ser humano híbrido, capaz de ocupar mais de um lugar ao mesmo tempo e vivenciar realidades paralelas, a exemplo do episódio *Especial de Natal*<sup>5</sup> em que diversas tecnologias aliadas a um descontrole emocional desencadeia a ocorrência de diversos crimes.

5 Black Mirror. Natal, #2x04, Charlie Brooker (dirigido por Carl Tibbetts), Netflix, 2014.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



No episódio, a separação corpo e consciência permite que uma mesma pessoa ocupe simultaneamente dois espaços. A princípio essa tecnologia era destinada a fins domésticos, mas, com o passar do tempo, passa ser utilizada pela polícia como uma espécie de tortura, permitindo a confissão e punição dos personagens envolvidos. Na história também somos apresentados a uma distorção do espaço com a possibilidade de bloquear pessoas fisicamente - assim como podemos fazer hoje nas redes sociais - evitando qualquer tipo de contato indesejado. O criador da série deixa claro que traz para seus episódios elementos já existentes e os potencializa, pois são comportamentos comuns a maioria das pessoas que poderiam piorar se houvesse uma tecnologia mais avançada que permitisse, por exemplo, revisitar suas memórias com todos os detalhes possíveis a ponto de descobrir uma infidelidade<sup>6</sup>.

Como já aludimos acima, o mundo tecnológico em que atualmente vivemos, faz emergir em nós outro modo de estar no mundo, na medida em que provoca inauditas formas de interação tanto entre as pessoas como entre as pessoas e coisas. Assim podemos afirmar que a informatização tem feito aparecer uma nova maneira de ser humano. Essa configuração antropológica que Haraway (2009) denomina ciborgue. Estamos passando por um processo de “ciborguização”, tornando-nos cada vez mais criaturas construídas pelas constantes fusões entre máquina e organismo, de maneira que não podemos mais pensar a “natureza humana” ou vida humana sem essa realidade tecnológica e virtual.

Nesse contexto, realidade social ou existencial e ficção não podem ser separados como se costumava fazer até há pouco tempo. Esses dois elementos não podem ser definidos como se cada um constituísse um corpo sólido com claros e distintos contornos. Com efeito, nesta realidade concreta em que vivemos atualmente, as comuns e “tradicionais” fronteiras entre humano e animal, organismo e máquina, como também entre físico e não-físico mostram-se despojadas de qualquer rigidez, revelam-se fluidas ou, para usar uma expressão cara a Zygmunt Bauman (2001), mostram-se líquidas.

Nessa configuração social e existencial, oferece-nos uma luz a filosofia da informação e comunicação de Lévy (1996) que conceitua a virtualização como derretimento de toda forma, sendo aquilo que leva as formas constituídas ao despojamento da sua solidez e imobilidade, levando-as à fluidez e ao movimento contínuo. O processo contemporâneo de virtualização operado pela tecnologia ocasionou uma liquefação das formas então instituídas, propiciando a elas moverem-se de seu lugar onde até então repousavam, não sendo possível encontrá-las mais onde estavam. Daí a quebra dessas fronteiras a qual nos referimos acima.

Esse processo de virtualização, segundo Lévy (1996, p. 2) “afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da

6 Black Mirror. Toda sua história, #1x03, Charlie Brooker e Jesse Armstrong (dirigido por Brian Welsh), Netflix, 2011.

sensibilidade ou o exercício da inteligência”. Portanto, esse processo de mudança, embora se dê no ambiente cibernético que o promove em grande parte, não se restringe a esse âmbito, “trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização.” (id.)

As profundas mudanças que a técnica hodierna trouxe, nos pôs nesse contexto de virtualização, em um “processo de transformação de um modo de ser num outro” (LEVY, 1996, p. 3). É importante ressaltar que o virtual, pensado por Lévy, não deve ser entendido em termos aristotélicos ou na significação mais comum. Com efeito, no pensamento aristotélico, amplamente herdado pela cultura ocidental, virtual apresenta-se comumente como sinônimo de potencial que, por sua vez, remete ao termo potência que significa a possibilidade de ser, aquilo que ainda não é, “uma determinada privação à qual corresponde uma determinada forma” (MOLINARO, 2002, p. 36). O virtual, assim, é entendido como integrante do possível ou como mera possibilidade lógica a que falta existência ou realidade efetiva. Lévy (1996, p.5), para evitar esse mal-entendido, convida a pensar o possível como distinto do virtual, tirando o virtual do âmbito meramente lógico, fantasmagórico ou desprovido de efetividade:

No uso corrente a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a realidade supondo uma efetuação material, uma presença tangível [...] Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual; virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.

Aqui temos, portanto, uma forma alternativa de pensar o virtual. Ele é entendido não como privação, carência ou ausência de realidade ou de ato de ser, vale dizer, não é compreendido como mera ficção. O virtual passa a ser compreendido como realidade ontológica, como um aspecto integrante do real. O virtual não é apenas simulacro, mas contém realidade enquanto tal e, portanto, contém o verdadeiro e o falso – e não apenas o falso. Esse modo de entender o virtual implica pensar a realidade de uma forma mais complexa e mais plástica. Passar do possível ao real significa passar do que logicamente pode ser para o que é. Aí não há uma irrupção do novo, do inaudito, do inesperado. Passar do virtual ao atual, na realidade em que ambos se encontram, implica criar, inovar, abrir as portas ao logicamente impossível, ao impensado. Assim, o processo virtual-atual, e mais ainda virtual-atual-virtual, leva à apreensão da transformação sempre na esfera do incontido, do inesperado, do fluxo contínuo, do radical devir. Lévy (1996) ao atribuir realidade ao virtual, ilustra de forma incrivelmente apropriada o processo de transformação no qual vivemos que passa a ser entendido como processo de virtualização, já que toda transformação é virtualização.

Um dos aspectos importantes trazido pela realidade tecnológica contemporânea, que podemos experimentar no nosso cotidiano são as alterações nos dinamismos espaço-temporais. A virtualização, com sua liquidez e sua dinâmica do derretimento das formas estabelecidas traz novas experiências

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



de lugar e de tempo. Vivenciamos, hoje, um processo de desterritorialização, ou seja, um não-estar-presente. Isso opera uma mudança no conceito de espaço, fazendo-nos experimentar diversos espaços simultâneos, e implica também um desprendimento do hic et nunc mudando radicalmente nossa noção até há pouco tempo costumeira do tempo. O virtual usa novos espaços e novas velocidades, problematizando constantemente o mundo ou o real e promovendo a sua reinvenção.

Todo esse processo defendido por Lévy (1996) é materializado de modo quase palpável no universo distópico de Black Mirror. Em boa parte dos episódios somos apresentados a uma sociedade onde a fronteira entre o mundo físico e o virtual já não existem - são atrelados de tal forma que em muitos episódios acaba levando os personagens a um estado de loucura, por de certa forma “perderem o controle” dessas engrenagens tecnológicas que permitem essa fluidez entre espaços. O que num primeiro momento parece causado pelas tecnologias - como se as mesmas fossem autônomas e independentes - mas no fim compreendemos como efeito ou instrumento dos processos sociais vigentes que, na maioria das vezes, trabalham em favor do capital.

A virtualização se dá como uma transformação contínua e que, por isso mesmo requer novos começos, ou seja, requer atualizações. Podemos afirmar que uma virtualização total teria algo de desesperador ou enlouquecedor. A série Black Mirror, em sua totalidade, apresenta esse aspecto enlouquecedor do mundo virtual em que a tecnologia transforma de tal modo e incide de tal forma sobre a vida dos indivíduos e da sociedade que se estabelecem experiências sombrias, angustiantes e desconcertantes. Nas palavras do próprio criador da série:

Se a tecnologia é como uma droga – e ela parece com uma droga – quais são precisamente os efeitos colaterais? Essa área entre o prazer e o desconforto é onde **Black Mirror**, minha nova série dramática, está situada. O “espelho negro” do título é aquele que você irá encontrar em cada parede, em cada mesa, na palma de cada mão: a fria e brilhante tela de uma TV, monitor, smartphone. (BROOKER, 2015)

Assim como Lévy, Brooker também não se coloca numa posição de rejeição à tecnologia, mas ao criar o seriado produz reflexões sobre o modo como esses dispositivos estão cada vez mais intrínsecos em nosso cotidiano. Para Hilário (2013, p. 202) a distopia pode ser compreendida como um aviso de incêndio, no qual, “como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos”. Sendo essa a grande contribuição de Black Mirror, a partir de seus enredos ambíguos, metafóricos e factíveis, podemos refletir não sobre o futuro propriamente dito, mas sobre tendências da atualidade que necessitam de problematização para que possamos encontrar outras alternativas de uso mais consciente dessas tecnologias que muito tem a contribuir com a humanidade.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos pensar a virtualização de Lévy (1996), a partir de um produto audiovisual distópico que representa a tecnologia como forma de vigilância e controle social, verificamos que o fluxo informacional constitui a nossa realidade hoje, logo, não podemos rejeitá-la ou ignorá-la, pois assim estaríamos rejeitando ou ignorando o próprio real do qual fazemos parte e que nos constitui. Porém, acolhê-la de um modo passivo, como se ela nos determinasse, pode nos pôr diante do abismo de desumanização, reificação e desqualificação do qual fala *Black Mirror*. A dinâmica da virtualização como fluxo contínuo ou como puro devir tem, com efeito, seu aspecto enlouquecedor. Mas, diante dessa realidade, apresenta-se a nós o fato de que nossa existência como cultura e sociedade não é passiva diante da tecnologia, como se ela fosse algo extrínseco a nós. Ela, inegavelmente, nos condiciona, mas não nos determina.

Esse obscuro espelho que encontramos em nossos aparelhos e artefatos virtuais nos convida a uma dinâmica de atualização. O que nos liberta do desespero no mar agitado da virtualização é justamente a possibilidade de atualizar, isto é, a oportunidade que se nos apresenta de abrir novos espaços nos quais se possa fazer a passagem do virtual para o atual, criando novas formas, inventando novos dinamismos.

As virtualizações não são escolhas, são condições ou imposições do contexto em que se vive. Nosso mundo tecnológico que nos traz tantas e tão vastas mudanças não é algo de que podemos ou não dispor. Mas nesse devir podemos criar, ressignificar os sentidos que nos são dados no processo de virtualização, dar novos significados às práticas e formas nas quais somos postos no fluxo contínuo do virtual.

Diante disso se apresenta a nós o desafio sócio-político de que fala Lévy (1996, p. 3) que consiste precisamente em não aceitar passivamente nem recusar a mutação contemporânea, mas buscar compreendê-la para atuar nela, inserindo-nos numa virtualização em curso de invenção.

## REFERÊNCIAS:

AMARAL, A. (2005). Visões perigosas. Uma arque-genealogia do cyberpunk. Do romantismo gótico às subculturas. Comunicação e cibercultura em Philip K. Dick. Tese de Doutorado do PPGCOM/PUCRS. Disponível no link: <<https://pt.scribd.com/document/22343971/Uma-Arque-Genealogia-Do-CyberpunkAdriana-Amaral>>. Acesso: 27 de abril de 2021.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



BENAKOUCHE, Tamara. Tecnologia é sociedade: contra a noção de impacto tecnológico. Cadernos de pesquisa, nº 17. Setembro de 1999. Disponível em [https://pimentalab.milharal.org/files/2013/11/Tamara\\_Benakouche\\_Tecnologia\\_eh\\_Sociedade.pdf](https://pimentalab.milharal.org/files/2013/11/Tamara_Benakouche_Tecnologia_eh_Sociedade.pdf)

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOOKER, M. K. The Dystopian Impulse in Modern Literature. London: Greenwood Press, 1994.

BROOKER, Charlie in: Três grandes motivos para assistir a Black Mirror. Disponível em: <https://ligadoemserie.com.br/2015/03/3-grandes-motivos-para-ver-black-mirror>.

DESCARTES, René. Discurso do método. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

LACEY, H. Valores e atividade científica. São Paulo: Discurso Editorial/Fapesp, 1998.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: ED 34, 1996. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_arq\\_interface/6a\\_aula/o\\_que\\_e\\_o\\_virtual\\_-\\_levy.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf)

LIMA, Helder. Distopia atual é achar que o autoritarismo é normal, diz escritor de ficção científica. Revista do Brasil, 2017. Disponível no link: <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/133/a-distopia-segundo-o-escritor-alexey-dodsworth>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOLINARO, Aniceto. Metafísica: curso sistemático. Tradução: João Paixão Netto, roque Frangiotti. São Paulo: Vozes, 2002.

MOYLAN, T. Scraps of the Untainted Sky: Science Fiction, Utopia, Dystopia (Cultural Studies.). Boulder: Westview Press, 2000.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:







PUTRI, S.A.; NAFISAH, N. Construction of dystopia in Black Mirror: Hated in the nation. Passage, 2020. Disponível em: <<https://ejournal.upi.edu/index.php/psg/article/view/22994>>. Acesso: 13 de maio de 2021.

REALE, Giovanni. História da Filosofia 6: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. São Paulo: Paulus, 2005.

SCHOR, Tatiana. Reflexões sobre a imbricação entre ciência, tecnologia e sociedade. Scientiae Studia. Vol. 5, n. 3. São Paulo: Julho/setembro 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S167831662007000300004&script=sci\\_arttext#end03](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S167831662007000300004&script=sci_arttext#end03)

**REALIZAÇÃO:**



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

**FINANCIAMENTO:**



**APOIO:**



## ENTRE O SIMBÓLICO E O SAGRADO: O AMO-POETA QUE ENALTECE OS TAMBORES, MATRACAS E MARACÁS DO MARANHÃO

Larissa Emanuele da Silva Rodrigues de Oliveira  
Graduada em Letras pela UFMA, mestranda na mesma universidade no PPGLB-UFMA  
(Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal) e bolsista CNPq.  
Email: lemanuele17@gmail.com

Alexandra Araujo Monteiro  
Graduada em Letras pela UFMA, mestranda na mesma universidade no PPGLB-UFMA (Programa  
de Pós-Graduação em Letras de Bacabal) e bolsista FAPEMA.  
Email: alexandraaraujo450@gmail.com

**RESUMO:** Este trabalho propõe uma análise literária de algumas das composições que são interpretadas pelo artista maranhense, José de Ribamar Viana (1947-2016), conhecido pelo nome artístico Papete, músico percussionista, compositor, intérprete e pesquisador. Entre as composições escolhidas para a análise destacamos: “Mimoso”, “Catirina”, “Boi da lua” e “Sobrados”. Para tanto, a pergunta que norteia a pesquisa é: de que maneira Papete aborda a cultura maranhense em suas composições? Os nossos objetivos específicos se distribuem da seguinte forma: analisar as composições de Papete; destacar os elementos culturais e artísticos que o artista desenvolve em suas músicas; e mostrar as contribuições de Papete para a poesia oral do Bumba Meu boi do Maranhão. A relevância dessa pesquisa se concentra na possibilidade de acrescentar um novo olhar a uma brincadeira junina que se tornou Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade no ano de 2019, e ressaltar as contribuições de Papete para a cultura maranhense. Como suporte teórico, utilizamos os trabalhos de Reis (2008), que faz um percurso pela história e pelos elementos do Bumba Meu boi; Zumthor (1997), que se debruça sobre a presença da voz e dos elementos da poesia oral; Papete (2015), que desenvolveu um projeto de catalogação dos senhores cantadores, amos e poetas do Maranhão, bem como sobre a história do Bumba Meu Boi, entre outros autores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Papete; Poesia oral; música.

## BETWEEN THE SYMBOLIC AND THE SACRED: THE MASTER-POET WHO EXLAYS THE MARANHÃO DRUMS, RATS AND MARACÁS

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



**ABSTRACT:** This work proposes a literary analysis of some of the compositions that are performed by the artist from Maranhão, José de Ribamar Viana (1947-2016), known by the artistic name Papete, percussionist, composer, performer and researcher. Among the compositions chosen for the analysis, we highlight: “Mimoso”, “Catirina”, “Boi da lua” and “Sobrados”. Therefore, the question that guides the research is: how does Papete approach the culture of Maranhão in his compositions? Our specific objectives are distributed as follows: to analyze Papete’s compositions; highlight the cultural and artistic elements that the artist develops in their music; and show Papete’s contributions to the oral poetry of Bumba Meu Boi do Maranhão. The relevance of this research focuses on the possibility of adding a new look to a game of Junina that became Intangible Cultural Heritage of Humanity in 2019, and highlighting Papete’s contributions to Maranhão’s culture. As theoretical support, we use the works of Reis (2008), who make a journey through the history and elements of Bumba Meu Boi; Zumthor (1997), which focuses on the presence of the voice and elements of oral poetry; Papete (2015), who developed a project to catalog the singers, masters and poets of Maranhão, as well as the history of Bumba Meu Boi, among other authors.

**KEYWORDS:** Papete; Oral poetry; music.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma análise literária de algumas das composições que são interpretadas pelo artista maranhense, José de Ribamar Viana (1947-2016), conhecido pelo nome artístico Papete, músico percussionista, compositor, intérprete e pesquisador. Entre as composições escolhidas para a análise destacamos: “Mimoso”, “Catirina”, “Boi da lua” e “Sobrados”. Para tanto, a pergunta que norteia a pesquisa é: de que maneira Papete aborda a cultura maranhense em suas composições?

Os nossos objetivos específicos se distribuem da seguinte forma: analisar as composições de Papete; destacar os elementos culturais e artísticos que o artista desenvolve em suas músicas; e mostrar as contribuições de Papete para a poesia oral do Bumba Meu boi do Maranhão. A relevância dessa pesquisa se concentra na possibilidade de acrescentar um novo olhar a uma brincadeira junina que se tornou Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade no ano de 2019, e ressaltar as contribuições de Papete para a cultura maranhense.

Como suporte teórico, utilizamos os trabalhos de Reis (2008), que faz um percurso pela história e pelos elementos do Bumba Meu boi; Zumthor (1997), que se debruça sobre a presença da voz e dos elementos da poesia oral; Papete (2015), que desenvolveu um projeto de catalogação dos senhores cantadores, amos e poetas do Maranhão, bem como sobre a história do Bumba Meu Boi, entre outros autores.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## PAPETE: UM AMO-POETA ENTRE O SIMBÓLICO E O SAGRADO

José de Ribamar Viana (1947-2016), o popular Papete, nasceu na cidade de Bacabal-MA no dia 08 de novembro de 1947. Desde cedo à música inspirou a sua vida, e o artista identificou-se com o ritmo e a imponência dos tambores, matracas e maracás afro-indígenas da cultura maranhense. Tempos depois, o percussionista sai da cidade de Bacabal para apresentar o seu trabalho em espaços nacionais e internacionais, tornando-se um artista multifacetado, músico percussionista, compositor, intérprete e pesquisador.

Papete trabalhou na casa de MPB O JOGRAL (2015, p. 126) durante sete anos, na cidade de São Paulo. Lá aprendeu a tocar diversos instrumentos de percussão, passando a conviver e tocar com artistas como Geraldo Vandré, Chico Buarque, Gilberto Gil, Clara Nunes, Gonzaguinha, Paulinho da Viola, entre outros. Ainda em São Paulo, Papete conheceu o produtor musical Marcus Pereira, “um dos integrantes da equipe que pesquisou e mapeou musicalmente todo o território brasileiro”.

O estúdio de Pereira gravou os quatro primeiros discos de Papete, que foram todos premiados pela crítica especializada da época. Na obra *Os Senhores Cantadores, Amos e Poetas do Maranhão*, coordenada por Papete, consta que o percussionista foi o primeiro músico brasileiro a fazer um show voltado exclusivamente para a percussão brasileira, destacando-se no manejo do berimbau que era a sua especialidade. A sua discografia é composta de vinte e dois títulos. Doze deles são dedicados ao registro artístico e a divulgação da cultura maranhense.

O que me chamou a atenção sobre a cultura popular do Maranhão da década de oitenta foi a percepção de que a morte do inesquecível cantador coxinho não mereceu o destaque, nem tão pouco as devidas homenagens que certamente em outras terras lhe dariam, se ali houvesse nascido[...] Para homenagear a memória dessa gente querida, resolvi resgatar, através da história de vida desses personagens tão nobres de nossa cultura, a própria **história da mais bela e importante manifestação folclórica de nossa terra**<sup>1</sup>, eis que tudo está diretamente ligado e integrado (PAPETE, 2015, p. 12-3)

No fragmento em destaque, Papete apresenta as suas impressões sobre a cultura maranhense, de maneira geral, que não oferece o devido valor aos cantadores, amos e poetas. O cantador Coxinho (1910-1991) é citado como exemplo dessa falta de valorização, pois, embora tenha desenvolvido um belo e significativo trabalho como cantador e compositor, tome-se como exemplo as toadas “Urrou do boi” e “Novilho brasileiro”, morreu esquecido pelo poder público e pelas entidades culturais.

Ancorando-se nessa percepção, Papete coordenou o trabalho intitulado *Os Senhores Cantadores, Amos e Poetas do Bumba Meu Boi do Maranhão*, no qual catalogou os artistas maranhenses de vários sotaques da brincadeira, a fim de valorizá-los, bem como para difundir os

1 Grifo nosso.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



seus respectivos trabalhos. Nesse sentido, o percussionista mostra como entende o Bumba Meu Boi, “história da mais bela e importante manifestação folclórica de nossa terra”.

Ao manifestar o seu profundo afeto e admiração pela cultura popular maranhense, sobretudo pelo complexo cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão, Papete impõe a presença de sua voz. Conforme Zumthor (1997, p. 13) a voz ultrapassa a palavra, mas, é na palavra que ela se enuncia como uma profunda lembrança. Além disso, a voz exige simultaneamente a linguagem, isto é, o canto. Nesse direcionamento, a palavra seria uma linguagem vocalizada.

Vimos que o cantor utiliza a sua voz como um valor simbólico para reproduzir uma tradução, a sua maneira, do que é o Bumba Meu boi do Maranhão. Assim, a voz seria, segundo Zumthor (1997, p. 11), um querer dizer, a vontade de existência, o lugar de uma ausência que se transforma em presença. A voz de Papete ecoou por diversos espaços, amplificando os seus sentimentos e conhecimentos sobre a brincadeira do Bumba-Boi, a sua voz dimensionou o amplo complexo cultural do Bumba- Boi do Maranhão.

Para Zumthor (1997, p. 11), a voz designa o sujeito a partir da linguagem que, por sua vez, transita na voz sem deixar traço. Nessa perspectiva, percebemos que Papete desenvolveu a sua musicalidade e seus projetos por meio do entrecruzamento de sua voz e sua linguagem artística que se fizeram ressoar, a exemplo da canção intitulada “Mimoso”, da autoria de Josias Sobrinho:

No lombo do meu boi  
Tem um céu todo estrelado  
Ferro em brasa não encosta  
Meu boi é mimoso  
Meu boi é mimado (PAPETE, 1970)

A estrofe em destaque apresenta a imagem de um boi encantado. Os seus enfeites são de céu estrelado, e o animal é único, pois ferro em brasa que, costumeiramente, ferra os bois, não ferra esse animal que é mimado, recebe muitos afagos e agrados de seu amo-poeta.

Na tradição da brincadeira, o amo é considerado o dono do boi, mas, conforme Reis (2008, p. 41) nem todo amo é o dono ou líder do conjunto. Desse modo, o amo seria também o cantador de toadas, podendo exercer os dois papéis. Nesse trabalho, designamos Papete como amo-poeta em razão de o artista ser multifacetado e ter transitado na brincadeira como amo, poeta, instrumentista, cantador e pesquisador.

Veio do pau deitado  
Fazer apresentação  
Trouxe o rimador do bom  
Pra boiar no Maranhão (PAPETE, 1970)

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Pelo caráter único concedido ao boi, a voz poética fala de onde o animal veio, o pau deitado, uma referência que pode remeter a um lugar específico, bem como a estrutura do boi no momento das apresentações, quando o miolo<sup>2</sup> coloca a estrutura de madeira do boi para fazer vários movimentos durante as apresentações. Segundo a voz poética, é o boi quem traz o rimador para cantar as toadas.

“Inda” era noite  
Matracas e pandeirões  
Muito olho arregalado  
Em riba do batalhão (PAPETE, 1970)

Desde as primeiras estrofes, a voz poética cria uma imagem não somente do boi, mas da preparação que ocorre para que a brincadeira entre em cena, a exemplo da concentração dos brincantes, as indumentárias, o aquecer dos tambores e o ressoar das matracas. Os “olhos arregalados” representam os espectadores que assistem o batalhão, isto é, o grupo de brincantes, se preparar e se apresentar.

Na estrofe seguinte, a voz poética se deixa perceber pela dona da casa, aonde irá se apresentar com o boi mimoso: “Senhora dona da casa/ Eu também sou fumador”. Os versos em destaque fazem referência à relação que o Bumba Meu Boi possui com as religiões de matriz africana, a exemplo do tambor de mina, quando a voz poética se mostra como o “fumador”.

E lá vai mimoso  
Com todo o seu guarnicê  
Mas um dia a casa cai  
E é mimoso que vai te comer  
E boiada! Guarnicê!  
E, ê boi, ê, ê, boi (PAPETE, 1970)

A canção finaliza com o movimento do boi pelo terreiro da senhora dona da casa: “e lá vai mimoso/com todo seu guarnicê<sup>3</sup>”. Percebemos que a última estrofe deixa uma mensagem que, embora a canção termine, a brincadeira continua e o boi mimoso dança com o batalhão. O último verso da última estrofe representa a presença dos brincantes enaltecendo o boi: “E, ê boi, ê, ê, boi”.

Catirina que só quer  
comer da língua do boi

2 Reis (2008, p.49) define o miolo como o “Baiante que brinca debaixo da armação do Boi”.

3 Chamamento, preparação dos brincantes

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



carne seca na janela  
quando alguém olha pra ela  
pensa que lhe dão valor (PAPETE, 1978)

A voz poética retoma a história de Catirina, na música “Catirina”, personagem da estória do Bumba Meu Boi que se caracteriza, de acordo com Papete (2015, p. 129) por uma mulher escrava que tem como desejo de gravidez comer a língua do boi mais bonito do senhor da fazenda.

De acordo com Reis (2008, p. 12-13), a lenda é narrada a partir de um casal de escravos de determinada fazenda. O homem chamava-se Francisco, e a mulher, Catirina, que estava grávida, desejando comer a língua do boi. Assim, ela pede ao marido que lhe traga a língua do boi mais bonito da fazenda. Buscando saciar o desejo de sua esposa, Francisco busca o novilho mais bonito. Quando o animal já está praticamente morto, o escravo é descoberto.

Despojado de suas armas, espingarda e facão, Francisco passa por um violento interrogatório, negando qualquer envolvimento com o roubo do boi. Algum tempo depois, o escravo confessa o crime e então toda fazenda se mobiliza para salvar o novilho. Inicialmente, um médico veterinário, mas o profissional não consegue reanimar o animal. Então os pajés de uma tribo próxima da região são chamados. Através de seus rituais, o boi é salvo deixando todos na fazenda muito alegres.

A personagem é vista pela voz poética como uma mulher que só pensa em seu desejo de comer a língua do boi. No último verso, torna-se explícita a ideia de que ela não possui valor, o que remete a caracterização, em diversos grupos de boi, de uma mulher caricaturada, com máscaras típicas do carnaval maranhense, como afirma Reis (2008, p. 17). Tal ideia une-se a um pedido em especial: “Ai, Catirina, poupa esse boi/ que quer crescer”. A voz poética busca proteger o boi, a fim de que ele cresça e abrilhante a brincadeira que ocorre durante todo o mês de junho.

E lá vai meu boi prenda da cidade  
Moça de idade não pode me acompanhar  
Que a saudade é traça estraçalha o coração  
E mulher bonita chave de prisão (PAPETE, 1978)

Os versos da estrofe seguinte mostram que a personagem poupou o boi, de modo que o cantador segue com ele pela cidade. Contudo, a moça bonita que lhe chama atenção, não o pode acompanhar, porque a paixão repentina pode desviar o curso da brincadeira.

E lá vai meu boi no romper da aurora  
Moça linda chora, com saudade vai ficar  
Quando eu for me embora  
No aeroplano mais no fim do ano  
Eu volto pra te encontrar.(PAPETE, 1978)

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



O boi da voz poética segue pelos terreiros e pelas festas do mês de junho, abrindo espaço para festas, poesia e amores. Ele dança durante toda a madrugada e quando amanhece, mostra que o cantador deixou uma linda moça apaixonada chorando. Nos últimos versos, essa mesma voz garante que retornará para encontrar a jovem, o que representa a ideia de continuidade da festa do Bumba Meu Boi no ano seguinte.

E lá vai meu boi dando adeus pra ela  
Que fecha a janela trancando meu coração  
Que é um boi de pasto carregando sela  
Fazendo vergonha pra ela e pra São João (PAPETE, 1978)

A despedida continua com o boi que dá adeus a moça. Ela fecha a janela de seu coração, bem como de sua casa para não ver o cantador e o boi irem embora. Segundo a voz poética, ambos fazem vergonha até mesmo para São João, um dos patronos da festa, com toda a despedida.

E lá vai meu boi arrastando a barra  
A maré esbarra no meio do boqueirão  
Levando um recado pro meu senhor São João  
La na capital São Luís do Maranhão. (PAPETE, 1978)

Ao poupar o boi, a personagem Catirina permite que a brincadeira continue e dê espaço para os amores do cantador, para o encantamento da jovem que assiste a brincadeira, e para o balanço do boi, que dança durante a madrugada seguindo pelo romper da aurora na cidade de São Luís do Maranhão.

Meu São João..  
São João, meu São João  
Eu vim pagar a promessa  
De trazer esse boizinho  
Para alegrar sua festa  
Olhos de papel de seda  
Com uma estrela na testa. (PAPETE, 1978)

Na estrofe em destaque, que faz parte da música “Boi da lua”, de autoria de Carlos César, a voz poética mostra a sua devoção a São João, um dos santos cultuados durante o mês de junho pela igreja católica e durante as festas de Bumba Meu Boi. A estrofe mostra ainda o pagamento de uma promessa ao santo. Ao levar o boi todo enfeitado para dançar no terreiro, a voz poética cumpre sua promessa a São João e a festa se torna mais alegre.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





Chora, chora  
Chora boi da lua vem pedir uma esmola  
Pra quela boneca de anil  
Mamãe eu vi boi da lua  
Dançar no planeta do Brasil. (PAPETE, 1978)

Assim como em “Mimoso”, o boi caracterizado na canção “Boi da lua” tem um caráter universal, pois, segundo a voz poética, é da lua e dança no Brasil como um todo, o que nos permite perceber a mensagem de que a cultura do Bumba Meu Boi faz parte da cultura do país.

Em 1981, Papete interpreta a canção “Sobrados” que faz referência aos antigos sobrados da cidade de São Luís do Maranhão, prédios que representam parte da história do lugar. Na primeira estrofe, a voz poética questiona aonde estaria a sua cidade, bem como o seu coração, que em sua imaginação necessitam ser refeitos

Onde está minha cidade?  
Onde está meu coração?  
Doido pra ver os sobrados  
Fonte da imaginação (PAPETE, 1981)

Desse modo, a sua cidade, São Luís do Maranhão, torna-se fonte de inspiração para que a voz poética encontre os sobrados, passeie pelas ruas de pedras, reconstruindo em sua imaginação a cidade que está a procurar, assim como o seu coração. Nesse questionar-se, o poeta, possivelmente, retoma Gonçalves Dias, que queria voltar “Pra ver aquelas palmeiras/ onde canta o sabiá”.

Fontes, sacadas  
Mil saveiros, mil cantigas pelo ar  
Desta cidade

Minha saudade  
Azulejos, meus desejos moram lá  
Na velha meia morada (PAPETE, 1981)

Ao passear pelos espaços de sua imaginação, a voz poética reconstrói com alguns detalhes o que mais sua visão destaca: fontes, sacadas/ mil saveiros, mil cantigas pelo ar/ desta cidade”. Nesse sentido é que o leitor compreende que a voz poética destaca um sentimento de nostalgia, pois a cidade que tenta reconstruir por meio de sua imaginação é a sua saudade: “Minha saudade”. Além da saudade, os azulejos dos prédios e as velhas moradas, elementos de sua afeição também estão na cidade.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Morena gente daquela  
Cidade, velha paixão  
Queimando a cara no tempo  
Morrendo na tradição (PAPETE, 1981)

Ao reconstruir por meio de sua imaginação, a cidade de São Luís, o poeta retoma a sua gente, que é caracterizada pela pele morena, em razão da intensidade do sol. O sol é utilizado como metáfora para explicitar o tempo que passou e deixou saudades para a voz poética de uma forte tradição.

Velho sobrado ao vento  
Velha palmeira no chão  
Triste sorriso nos lábios  
Velha dor no coração (PAPETE, 1981)

A última estrofe exprime como o tempo queimou os velhos sobrados e as palmeiras que estão ao chão. Desse modo, a voz poética carrega um “triste sorriso nos lábios” e uma “velha dor no coração” que, a nosso ver, é saudade e nostalgia de um tempo que é preciso, de fato, nas lembranças de grandes nomes da cultura, como o saudoso Papete, que faleceu no ano de 2016, aos 68 anos, vítima de um câncer de próstata.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o presente trabalho analisou quatro composições interpretadas por Papete, que foi um grande músico percussionista, compositor, intérprete e pesquisador. Foram elas: “Mimoso”, “Catirina”, “Boi da lua” e “Sobrados”. Após analisarmos as canções em destaque, percebemos como o artista soube traduzir, por meio de sua voz, uma parcela significativa da cultura maranhense, que é o Bumba Meu Boi.

Em “Mimoso”, o percussionista caracteriza o boi, permite que o animal, com a presença de elementos fantásticos e do mundo empírico ganhe uma conotação mágica nos terreiros que o festejam junto de alguns santos do mês de junho como São João, São Pedro e Santo Antonio.

De outro lado, “Catirina” se destaca como uma canção que apresenta uma das personagens mais importantes da festa, a mulher escrava que deseja comer a língua do boi. Desse modo, Papete passeia pela brincadeira apresentando inicialmente o boi, em seguida, a personagem Catirina, e retoma o boi novamente na canção “Boi da Lua”, mostrando esse grande elemento da cultura maranhense,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



que adquire conotações fantásticas mais uma vez na referida canção.

“Sobrados” apresenta o sentimento de saudade da voz poética pela cidade de São Luís do Maranhão. No transitar pelos elementos do boi e pelo próprio animal como personagem, o poeta estaciona a sua imaginação pelos sobrados, mostrando todo o amor e afeição que sente pelo lugar que ambienta a brincadeira do Bumba Meu Boi do Maranhão. Nesse sentido, vimos que Papete enaltece a cultura maranhense retomando elementos característicos da brincadeira do Bumba-Boi, que considera como “a mais bela e importante manifestação folclórica de nossa terra.”

## REFERÊNCIAS

PAPETE. Boi da lua. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/papete/1515085/>>. Acesso em 03 jan. 2020.

PAPETE. Catirina. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/papete/1515088/>>. Acesso em 03 jan. 2020.

PAPETE. Sobrados. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/papete/sobrados/>. Acesso em 03jan.2020.

PAPETE. Mimoso. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/papete/mimoso/>>. Acesso em 03 jan. 2020.

PAPETE (coordenador). Os Senhores Cantadores, Amos e Poetas do Bumba Meu Boi do Maranhão. Fotografias Márcio Vasconcelos; tradução para o inglês José J. A. Ferreira, Manuella Andrade. São Paulo: Editora IPSIS, 2015.

REIS, José Ribamar Sousa dos. O abc do bumba-boi do Maranhão. 2º edição. São Luís: Fort Gráfica, 2008.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à Poesia Oral. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Editora HUCITEC. São Paulo, 1997.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## REFLEXÃO EM MEIO AO CAOS: GRINDCORE, A VERTENTE MAIS POLÍTICA DA ANTIMÚSICA

Brennan Cavalcanti Maciel Modesto  
Universidade Federal de Pernambuco  
Mestrando em Filosofia

### RESUMO:

Arte e política não se separam. Ao menos, não num âmbito macrocósmico. Quando os frankfurtianos apontam para uma arte voltada à reprodução técnica; que perde sua aura, e, por assim dizer, torna-se e esgota-se no caráter de mera mercadoria. Em nenhum momento defendem que seus entrelaces com a política deixam de existir. Ora, estavam conscientes de que para além do deleite ou do desconforto potencialmente causado pela obra de arte, existe certo potencial no que tange aos rumos que a sociedade tomará num futuro. Por um lado, pode assumir uma linha “reativa”, que reafirme todos os estandartes e tradições da sociedade e de sua história – marcada por opressões de gênero, classe ou raça; pela deslegitimação de modos de viver não ortodoxos e pelo apagamento de grupos minoritários em geral. No caminho contrário, pode transmutar-se, assumindo o engajamento com a transformação da realidade enquanto razão de ser. Por meio de ruídos, urros e dissonâncias; mesclando entre passagens velozes e extremamente lentas; em suma, pela desconstrução dos padrões estéticos, pela subversão daquilo que seria “música” e assunção de sua negação enquanto definição do gênero; passa a ser vincular de maneira mais intensa à política. Em meio às heranças distintas e contrastantes do punk, do hardcore e do metal, o grindcore desponta enquanto um mensageiro do progressismo político; um ambiente, embora ruidoso, propício ao debate, à resistência e ao florescimento e fortalecimento do antifascismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política, Música, Antimúsica, Antifascismo.

### ABSTRACT:

Arts and politics are inseparable. At least not in a macrocosmic context. When the Frankfurtians point to an art focused on technical reproduction; which loses its aura, and, so to speak, becomes and exhausts itself in the character of a mere commodity. At no time do they argue that their links with politics cease to exist. Now, they were aware that in addition to the delight or discomfort potentially caused by the work of art, there is a certain potential concerning the directions society will take in the future. On the one hand, it can take a “reactive” line, which reaffirms all the banners and traditions

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



of society and its history – marked by oppressions of gender, class or race; for the delegitimization of unorthodox ways of living and for the erasure of minority groups in general. In the opposite way, it can be transmuted, engaging in the transformation of reality as a reason to be. Through noises, roars and dissonances; blending between fast and extremely slow passages; in short, by the deconstruction of aesthetic standards, by the subversion of what would be “music” and the assumption of its negation as a definition of the genre; becomes more intensely linked to politics. Amidst the distinct and contrasting heritages of punk, hardcore and metal, grindcore emerges as a messenger of political progressivism; an environment, albeit noisy, conducive to debate, resistance and the flourishing and strengthening of anti-fascism.

**KEYWORDS:** Politics, Music, Antimusic, Antifascism.

## INTRODUÇÃO:

O presente trabalho é uma revisão de literatura acerca dos laços existentes entre Arte e Política dentro do Movimento Punk, mais de maneira mais específica, no que tange o Grindcore, uma das diversas vertentes geradas pelo Punk.

Dessa maneira, a análise do que convencionou-se à chamar de “antimúsica”, vai para além dos critérios estéticos, embora estes entrem na discussão de maneira substancial, e assume um caráter de analítico das posições político-ideológicas assumidas por integrantes do dito “movimento *underground*”, ambiente este, que permeia a vida do autor.

O presente trabalho é ainda, fruto direto e homenagem póstuma à Alex “Bucho” Strambio, em nome de tantos outros companheiros de cena que deixaram a vida em decorrência do Covid-19, durante os anos de 2020 e 2021.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

O presente trabalho é fruto de revisão de literatura, sobretudo acerca dos entrelaces entre Arte e Política locados no Movimento Punk. No entanto, o inquérito surge de vivências no chamado movimento *underground*, em especial, na chamada “cena” do Grindcore.

## RESULTADOS:

Arte e política não se separam. Ao menos, não num âmbito macrocósmico. Ainda que os pensadores oriundos do Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, popularmente conhecido apenas como Escola de Frankfurt, façam um diagnóstico dos problemas envolvendo arte e produções culturais diversas, sobretudo em larga escala. Walter Benjamin (1994) talvez seja o

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



mais icônico dentre estes. Apontando para uma arte voltada à reprodução técnica; que perde sua aura, e, por assim dizer, viria a se tornar e se esgotaria no mero caráter de mercadoria. Ainda assim, em momento algum defendem que seus entrelaces com a política deixam de existir. Muito pelo contrário, defendem que a ‘arte de reprodução’ é um tipo peculiar.

Ora, estavam conscientes de que para além do deleite ou do desconforto potencialmente causado pela obra de arte, existe certo potencial no que tange aos rumos que a sociedade tomará num futuro. Por um lado, pode assumir uma linha “reativa”, que reafirme todos os estandartes e tradições da sociedade e de sua história – marcada por opressões de gênero, classe ou raça; pela deslegitimação de modos de viver não ortodoxos e pelo apagamento de grupos minoritários em geral.

No caminho contrário, pode transmutar-se, assumindo o engajamento com a transformação da realidade enquanto razão de ser. É justamente esse tipo de postura que apontamos enquanto característica do Grindcore. Bem sabemos, é fruto de uma união entre distintas heranças musicais: de um lado, as vertentes e variações mais extremas oriunda do que denomina-se *heavy metal*, por outro, é herdeira do *punk* e do *hardcore*, faceta esta que exploraremos na atual investigação.

### **O PUNK:**

O que conhecemos hoje por “*punk*” é, de certa forma, uma criação. Dizemos isso de maneira categórica, é bem verdade. Mas por qual razão? Vamos aos pontos: temos consciência plena de que a gênese do *punk* é contestadora, isto é, oriunda da classe trabalhadora, imersa num contexto de crise econômica e política, fazendo constante referência à problemas sociais de distintas naturezas (Gallo, 2008).

Quanto a essa questão, não há discordância, todavia o imaginário coletivo atual de “*punk*” remete ao jovem problemático e brigão, ao delinquente juvenil ou ao rebelde sem causa. Essa imagem tem uma razão bastante evidente. O que cunhamos como mídia, por vezes não raras acaba atuando de maneira negativa no que diz respeito à legitimação de movimentos ou causas sociais.

O primeiro palavrão da TV aberta foi falado em 1º de dezembro de 1976 pelo então vocalista da banda britânica Sex Pistols, Johnny Rotten, “*Fuck*” hoje é um termo tão recorrente quanto “*Hello*” na programação inglesa de televisão, no entanto, no momento, esse ato de “rebeldia sem causa” gerou muita grande alvoroço (Bivar, 1988). Um prato cheio para os tabloides, conforme explora Milani (2021).

Situações semelhantes se replicam em todo o globo nas décadas seguintes. O estilo, nas notações, as composições... Enfim, tudo que tangencia a parte musical, agora se via radicalmente mais simples que a tendência anterior no mundo da música. Os músicos virtuosos do rock progressivo e os *hippies* que produziam música psicodélica pouco a pouco cediam espaço para a visceralidade, a fúria e a velocidade características do *punk*. A violência em jaquetas de couro tomara de assalto o lugar ocupado pelos dizeres de “paz e amor” envoltos em flores.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



De maneira quase cíclica no curso da história, o movimento *punk* surge com uma estética musical e visual radicalmente opostas à da geração anterior. Embora esta última, em parte, tenha sido cooptada pela indústria e se tornado elemento recorrente em grifes, há diversos elementos subjacentes ao modo de vestir. Andar ‘rasgado’ significou assumir-se enquanto periférico, no ABC paulista durante a década de 1980; a estética andrógina em voga durante os princípios do movimento na Inglaterra retratava o descontentamento com padrões estabelecidos pela sociedade (Gallo, 2008) e, por fim, o anarquismo, posteriormente assumido enquanto bandeira por praticamente todas as pessoas que identificam-se como *punks*, evidencia o caráter contestador e inerentemente político do movimento.

O *punk* é político. Até mesmo em seus maiores sucessos comerciais como os britânicos do já supracitado *Sex Pistols*, em suas letras retratavam profundo descontentamento com o *status quo*. Críticas ferrenhas ao nacionalismo, fortemente representada pela figura da rainha, o emblema maior do poderio monárquico, e ataques constantes à moral tradicional se faziam presentes. Assimilaram, de maneira irrefletida, é verdade, o apreço pelo “choque”, razão pela qual suásticas, em algum momento, passaram a figurar junto aos “As” de anarquia; muito embora seja extremamente óbvio que em nada se aproximam.

Se a matriz britânica tratava de problemas macrocósmicos, os estadunidenses do Ramones que muito embora fossem marcados por uma discordância radical entre seus membros remanescentes no tocante às suas posições políticas, assumiram, com o passar dos anos, críticas aos microcosmos, às pequenas instituições que compõem a sociedade, como a família.

No Brasil, há reverberações das duas perspectivas. Tanto no campo do *mainstream*, as bandas e artistas que lançam álbuns por grandes companhias, contrariando o tradicional DIY (*do it yourself*, em português: faça você mesmo); quanto no autogestionado movimento *underground*. Um exemplo icônico de grandes artistas da música brasileira à flertar com o punk é a banda Titãs, em seu aclamado disco Cabeça Dinossauro podemos apreciar a canção Igreja, cuja primeira estrofe contém os seguintes versos:

Eu não gosto de padre  
Eu não gosto de madre  
Eu não gosto de frei  
Eu não gosto de bispo  
Eu não gosto de Cristo  
Eu não digo amém  
Eu não monto presépio  
Eu não gosto do vigário  
Nem da missa das seis (Titãs, 1986)

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Assim como o *Sex Pistols*, os Titãs demonstram descontentamento e negação aos moldes estabelecidos por poderosas instituições, no caso acima, a Igreja Católica. Os Ratos de Porão, icônica banda paulistana, embora tenha flertado com diversos estilos e vertentes ao longo de sua carreira (dentre as quais, o grindcore, sobre o qual nos debruçamos aqui) é um representante legítimo do *punk* no movimento e demonstra na canção *Crucificados pelo Sistema*, homônima ao primeiro disco do estilo gravado no Brasil, representa uma crítica voraz, ainda que pouco fundamentada às contradições sociais que perpassam as periferias n(d)o capitalismo.

Nascer para liberdade  
E crescer para morrer  
Crucificados pelo sistema  
Morrer sem esquecer  
O povo que ficou  
Crucificados pelo sistema (Ratos de Porão, 1984)

Por meio de ruídos, urros e dissonâncias; mesclando entre passagens velozes e extremamente lentas; em suma, pela desconstrução dos padrões estéticos, pela subversão daquilo que seria “música” e assunção de sua negação enquanto definição do gênero; passa a ser vincular de maneira mais intensa à política. Em meio às heranças distintas e contrastantes do *punk*, do *hardcore* e do *metal*, o *grindcore* desponta enquanto um mensageiro do progressismo político; um ambiente, embora ruidoso, propício ao debate, à resistência e ao florescimento e fortalecimento do antifascismo.

## O GRINDCORE:

O *grindcore*, por sua vez, é um estilo musical filho do *Punk*. Marcado por características extremas, em todos os âmbitos: esteticamente, é barulho: os bicordes (ou *power chords*) carregados de distorção vem acompanhados de ‘levadas’ de bateria que variam entre o *d-beat* e os *blast beats*, que evidenciam sua herança dúbia, entre vertentes do *Punk* e do *Metal*; os vocais, rotineiramente locados na tênue linha entre o inteligível e sua negação dão a tônica agressiva e, não raro, violenta do estilo.

A lírica, por sua vez, é de protesto, . Embora em determinados casos, assuma temáticas mais correlatas à podridão e canibalismo, sangue e violência extrema são recorrentes, enquanto maneiras de explicitar sentimentos que remetem à uma natureza humana cuja antropologia filosófica rousseuiana teria dificuldades de aceitar. Por assim dizer, questionável – característica das inter-relações entre o *grind* e o *gore*.

O *grindcore*, enquanto descendente do *punk*, não só é marcado pela busca constante por respostas, isto é, pelo constante descontentamento com o estabelecido e pela busca de compreender quais as razões pelas quais as mazelas do mundo permanecem, como também carrega certo ar

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





“pessimista”. A ideia de “não há futuro”, de certo modo, se faz presente, tornando-os extremamente críticos, embora não muito propositivos.

O pessimismo crítico serve para impedir que se oculte a podridão que a sociedade produz para criar suas pompas. A que custo se faz o banquete? Para onde vai a matéria-prima processada após construir as desejadas coisas brilhantes? Quais os sacrifícios do luxo e da polidez? (Matos, 2018, p. 6)

Ou ainda, podemos colocar nos termos da banda pernambucana Arquivo Morto:

O sistema está nos destruindo  
Nos impõe o que querer  
O consumismo está me consumindo  
E eu não sei o que fazer

O que fazer? / não há futuro

A pobreza está nos impedindo  
De comer, de viver  
O capital nos engolindo  
E eu não sei o que fazer

O que fazer? / Não há futuro (Arquivo Morto, 2019)

Para além da política, do desconforto causado pelo caos sonoro e constante barulho, a desconstrução do belo é, ainda, um ponto peculiar ao *grindcore*. Essa subversão de valores se dá em distintas searas, conforme pudemos observar, todavia, o critério estético que perpassa os distintos âmbitos artísticos e o mercado fonográfico como um todo, são postos em xeque pelo estilo sobre o qual nos debruçamos.

A nossa volta ao conceito grego de *aesthesis*, enquanto “afecção”, enquanto aquilo que te toca. “Talvez o efeito de causar aversão, quiçá ojeriza em ouvintes desprevenidos não seja de toda coincidência”. (Modesto, 2021, p. 22).

Quem produz arte tem um objetivo mais ou menos delimitado. E mesmo os que tem crença na “arte pela arte”, objetivam a *aesthesis*, em maior ou menor grau. Assim como sabemos que em todos os momentos turbulentos no curso da história, as vanguardas artísticas se posicionaram de maneira mais ou menos aguda politicamente (Favaretto, 2017).

O meio da música extrema, entendido enquanto contracultura, tem se mostrado, antes de qualquer coisa, um espaço propício ao fortalecimento de resistência; de debate e de fortalecimento do antifascismo.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Tratamos, portanto, de uma área de estudo ainda muito profícua, no entanto seminal, haja vista que os estudos sobre o *punk*, como um todo, podem ser vistos como uma longa gestação, que caminha às passos curtos em busca de uma sólida e rígida base conceitual e historiográfica (Gallo, 2010, p. 310); o *grindcore*, enquanto vertente estilística oriundo do Movimento *Punk*, enquadra-se numa posição ainda mais marginalizada dentro do ambiente acadêmico, haja vista que trata-se de um grupo social que engloba um pequeno número de pessoas, embora fundamentado numa comunidade de caráter global.

Gallo (2008) salienta que embora o movimento *punk* não se valha da mesma concepção revolucionária que grupos mais tradicionais da esquerda, “não deixa de ser político, mesmo nas suas facções não-anarquistas, uma vez que promove um combate diário e em pequena escala contra as teias do poder.”

Seguindo a mesma tônica, quando inquirido sobre a essência do *Grindcore*, Clodoaldo ‘Mendigo’ Gradice, guitarrista e único membro remanescente de uma das mais expressivas bandas do gênero, o Rot, após o prematuro falecimento de Alex Bucho, baixista da banda, vítima do Covid-19, responde de maneira categórica:

É vida! Um estilo de vida! O que mantém uma banda de Grindcore ativa é a raiva, o desconforto social, as mazelas do neoliberalismo, a fome, o desespero diante de um mundo apático e individualista. Grindcore é o grito dos excluídos reverberado em urros brutais contra o sistema vigente. (Bury, 2021).

## REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

BIVAR, Antônio. O que é Punk. 4a Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos, 76).

BURY, Alexandre. ROT: O GRINDCORE, O BRASIL E O COVID-19 – ENTREVISTA COM O GUITARRISTA CLODOALDO “MENDIGO” GRADICE. 2021. Disponível em: <https://www.monophono.com.br/2021/09/18/rot-o-grindcore-o-brasil-e-o-covid-19-entrevista-com-o-guitarrista->

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



clodoaldo-mendigo-gradice/. Acesso em: 10 out. 2021.

FAVARETTO, C. A contracultura, entre a curtição e o experimental. MODOS. Revista de História da Arte. Campinas, v. 1, n.3, p.181-203, set. 2017. Disponível em: <http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/872?>

GALLO, Ivone Cecília D'ávila. Por uma historiografia do Punk. Projeto História, [s. l], n. 41, p. 283-314, dez. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/documentos/Downloads/6542-Texto%20do%20artigo-15930-1-10-20110810.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

GALLO, Ivone Cecília D'ávila. Punk: cultura e arte. Varia Historia, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, p. 747-770, Não é um mês válido! 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/JZN3zC3M8ypwLc6BrqdWhLJ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

MATOS, Evelyn Christine da Silva. GOREGRIND: música extrema e política underground1. música extrema e política underground1. 2018. Disponível em: [http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1539359833\\_ARQUIVO\\_GOREGRIND-musicaextremaepoliticaunderground.pdf](http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1539359833_ARQUIVO_GOREGRIND-musicaextremaepoliticaunderground.pdf). Acesso em: 26 out. 2021.

MILANI, Marco Antonio. Dinâmicas ideológicas no movimento punk. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/marcoantonio.pdf>. Acesso em: 28 out. 2021.

MODESTO, Brennan Cavalcanti Maciel. Ruído subversivo: reflexões sobre (anti)música e política. reflexões sobre (anti)música e política. 2021. Disponível em: <https://doity.com.br/17encontromusimid/blog/>. Acesso em: 22 out. 2021.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **ESTIGMAS DE GÊNERO E A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NO CINEMA BRASILEIRO: UM OLHAR SOBRE O FILME “QUE HORAS ELA VOLTA?”**

### **GENDER STIGMA AND THE REPRESENTATION OF BLACK WOMEN IN BRAZILIAN CINEMA: A LOOK A THE MOVIE “THE SECOND MOTHER”**

Pamela Lorena Silva Machado

Universidade Federal do Maranhão, UFMA, campus VII

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jascira da Silva Lima

Universidade Federal do Maranhão, UFMA, campus VII

Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francilene Brito da Silva

Universidade Federal do Piauí – UFPI

**RESUMO:** O cinema tem a capacidade e as habilidades de apresentar papéis e imagens que reforçam comportamentos racistas e machistas observáveis na sociedade brasileira como, por exemplo, os estigmas da mulher negra. A figura da protagonista do filme “Que horas ela volta?” (2015) exhibe o estigma da “mãe preta”, que interseccionaliza explicitamente dois marcadores de desigualdade social da mulher, quais sejam os preconceitos de raça e gênero, que influenciam na construção de identidade do sujeito subalterno por propagar padrões e discursos que inferiorizam a posição da mulher negra na sociedade. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo investigar como os estigmas do gênero e raça no cinema brasileiro interferem na construção da identidade da mulher negra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher Negra. Estigma. Cinema Brasileiro.

**ABSTRACT:** The cinematography has the capacity and skills to present roles and images that reinforce observable racist and sexist behavior in Brazilian society, for example, the stigmas of black woman. The role of the protagonist of the movie “The Second Mother” (2015) exhibits the stigma of the “Mammy”, which explicitly intersects two markers of social inequality of women, influencing the construction of identity of the subordinate subject by propagating patterns and discourses that undermine the position of black women in society. Accordingly, this study aims to investigate how gender and race stigmas in Brazilian cinematography interfere in the construction of black women’s identity.

**KEYWORDS:** Black Women. Stigma. Brazilian Cinematography.1.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## 1. INTRODUÇÃO

O cinema é atualmente uma das formas mais populares de entretenimento e lazer, mas além disso, a técnica de reproduzir imagens em movimento é uma expressão artística que pode refletir características de uma sociedade ao longo do tempo. O cinema definido como arte aparece a partir de 1912 quando Ricciotto Canudo, em seu artigo Manifesto das Sete Artes designou o cinema como sétima arte, logo depois da arquitetura, escultura, pintura, música, dança e poesia.

Partindo da definição mais técnica, o cinema pode ser descrito como um dispositivo de representação, com seus mecanismos e sua organização dos espaços e dos papéis (COSTA, 2003), além de ter a sua própria linguagem que é desenvolvida através de elementos visuais. No entanto, a palavra Cinema é antes de tudo, um processo que permite a realização de filmes – que genericamente pode ser qualquer sequência de imagem em movimento com som sincronizado que conta uma história (GERBASE, 2012).

Apesar da tentativa de definir o que é cinema – seja da perspectiva artística ou técnica – é inegável que essa forma de produção é um importante meio de comunicação que mantém relações com a evolução da sociedade e com a própria história. O historiador Fustel de Coulanges (1830-1889) confirma essa relação quando afirma que “onde o homem passou e deixou marca de sua vida e inteligência, aí está a história”<sup>1</sup>, o que permite que as produções fílmicas possam ser analisadas como agentes históricos.

Assim, as produções cinematográficas podem não só criar cenários ficcionais ou fantásticos, mas também traduzir elementos sociais – seja de sua época ou não – através da perspectiva que aborda, seja de forma documental, crítica ou até mesmo cômica. Desse modo, além de servir como um espelhamento, a sétima arte pode influenciar a sociedade, seja no seu modo de consumo, de vestir ou pensar.

Daí surge a necessidade de estudar as produções cinematográficas como agente histórico capaz de reproduzir e induzir comportamentos sociais. No entanto, a historiografia por muito tempo negou a legitimidade do filme como um documento histórico, pois considerava o cinema como um instrumento de distorção do passado, que quando não falsificava, trivializava-o (SILVA, 2004). Somente a partir da Revolução Francesa da Historiografia em 1970, a chamada Escola dos Annales<sup>2</sup> reformulou conceitos e métodos históricos, assim como a forma de se pensar a própria história.

Nesse sentido, a escrita da história abriu caminho para a compreensão do filme como uma forma de apreender testemunhos da sociedade, da mentalidade, dos costumes e de ideologias. Por

1 Frase retirada de uma lição pronunciada pelo historiador em 1862 na universidade de Estrasburgo.

2 Escola dos Annales foi primeiramente uma revista fundada por Lucien Fabvre e Marc Bloch e que se tornou símbolo do movimento da nova historiografia que tinha o objetivo de reformular o conceito de fonte e de escrita da história.

isso, assistir a filmes é mais que o consumo de um produto, é uma experiência compartilhada entre a linguagem da tela e o espectador. A imagem/som transmitida é composta por significados que afetam o sujeito, pois independente da técnica usada, a mensagem é absorvida interpretada conforme o contexto em que o indivíduo está inserido e quais sentimentos ele carrega.

Ao longo da história do cinema, diversos filmes aparecem como objetos de estudo ou de espelhamento de problemas sociais. Especialmente no Brasil, vários longas serviram como uma espécie de denúncia de realidades desiguais no país e criar uma arte engajada, movida por preocupações sociais e enraizada na cultura brasileira. Um bom exemplo são as produções do movimento do Cinema Novo em 1960. Com um teor fortemente politizado, os filmes cinema novistas procuravam denunciar a pobreza da população brasileira, e chegaram a ser alvo de censura durante a ditadura militar.

Então já no Brasil, o cinema é um importante instrumento de arte e de espelhamento da sociedade. E partindo dessas definições, pretende-se através desse trabalho, analisar através do filme “Que horas ela volta?” a personagem principal, e identificar os marcadores sociais que a configuram como Mãe-Preta, fazendo uma relação entre cinema e história.

## 2. O ESTIGMA DA MÃE PRETA

A partir da definição proposta por Goffman e dos estudos de outros pesquisadores, é possível analisar o processo de estigmatização de diversos grupos em diferentes sociedades ao longo da história. Considerando que o Estigma é referente a um conjunto de atributos ou características que são associadas ao seu portador, que por consequência passa a sofrer tratamentos de discriminação ou rotulação; entende-se que o estigma não é só determinado por um único atributo específico, mas sim pela relação entre esse e a sociedade, mais especificamente em como os indivíduos (outros) tratam a pessoa estigmatizada.

A estigmatização em torno de um atributo está vinculada a uma identidade socialmente construída, que provoca expectativas acerca de um indivíduo ou grupo que, respondendo ou não, sofre esse processo. A construção do estigma em volta do gênero feminino começa a operar baseada na ideia de “performance do gênero” e na determinação de papéis sociais que devem ser atribuídas a mulheres. Assim como os estigmas de raça contribuem para uma rotulação e exclusão das populações negras.

As marcas de raça e gênero, quando vistas em conjunto, configuram-se em novas categorias de análise no mundo contemporâneo. Como resultado dessa intersecção, irrompe a mulher negra, que evidencia as discriminações ao seu sexo e cor da pele. As lutas contra as práticas resultantes da rotulação, seguem em ritmo não linear, com movimentos que almejam ressignificar os símbolos que ainda trazem uma perspectiva discriminatória.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## 2.1 AS REPRESENTAÇÕES DOS ESTIGMAS NO CINEMA BRASILEIRO

Um ponto importante a ser considerado – seja no cinema mundial, mas especialmente no cinema brasileiro – é a forma como grupos de minorias discriminadas são representados nas narrativas. Pois como o cinema influencia a sociedade, ele também é usado como um registro histórico e como um propulsor de imaginários. Então quando nós observamos em filmes, novelas, series ou outras produções, algumas representações seguem um certo padrão.

Por exemplo, na história do cinema brasileiro, as populações negras por muitas vezes ocupavam papéis e representavam personagens estereotipados – ou seja, que classificavam grupos (e no caso a população negra) em espaços periféricos, que classificavam os negros como naturais a um lugar inferior ao dos brancos. As novelas são um bom exemplo disso, pois quando pessoas negras aparecem em cena elas sempre estão em um papel de inferioridade – são os empregados, os escravos, os pobres, as mulatas... em suma, personagens que estão abaixo ao protagonismo branco.

Partindo dessa ideia de definição do lugar do negro através de produções visuais, o autor João Carlos Rodrigues, no livro *O Negro Brasileiro e o Cinema*, definiu 13 (treze) estereótipos que podem ser vistos em vários filmes. Como exemplo podemos identificar o Malandro – que de certa forma é a personificação da ideia do brasileiro: O carioca e boêmio de uma classe social desfavorecida, que não gosta de trabalhar, o gigolô tropical.

Mas o estereótipo que é importante não só para o estudo do cinema brasileiro, mas também para as representações historiográficas, principalmente relacionadas a escravidão brasileira – é o estereótipo da Mãe Preta que reúne características originárias da sociedade escravocrata. A Mãe Preta é, historicamente, as amas de leite: mulheres negras escravizadas trazidas da senzala para a casa grande, para cuidar do filho branco, o filho do sinhô.

Nas obras de Gilberto Freyre, especialmente em seu ensaio *Casa Grande & Senzala*, as amas negras aparecem como importante fator para a relação de troca cultural promovida pela escravidão. O espaço ocupado por essas mulheres seria privilegiado, pois a partir dele seria possível transmitir a cultura negra a cultura portuguesa, confirmando assim uma imagem de convivência pacífica entre senhores paternos e escravos fiéis e bem cuidados. Esse lugar de honra e fidelidade configurava esses escravos como sendo “quase da família” – mas delimitando a sua posição que mesmo incorporado no interior da casa não era totalmente pertencente à família.

No período escravista a Mãe Preta já recebia uma espécie de representação na arte. Inclusive tem estudo feito por Rafaela Deiab onde ela analisa a presença da Mãe Preta na literatura, ela parte primeiramente da representação dessas mulheres em fotografias. Essas fotos são importantes para definição do estereótipo da mãe preta pois elas são construídas esteticamente para reforçar esse laço de afeto entre a ama e o filho branco.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Nas fotos elas aparecem cuidando do filho branco, de forma carinhosa. E por serem Quase da Família elas estão ornamentadas, arrumadas pra se encaixarem devidamente no seio da família branca. E essas representações criaram esse imaginário da boa escrava, da escrava privilegiada, da doméstica quase da família.

De forma geral, a mãe-preta era a definição da “brandura” da escravidão, que na verdade escondia violências que marcaram a história da formação da família brasileira. A ama-de-leite, escrava doméstica, estava muito próxima a família senhorial, e por isso recebia tratamentos diferenciados em relação aos outros escravos, e viviam na esperança de receberem alforria. Por conviver nos mesmos espaços da casa e manter relações íntimas e de troca afetiva, eram consideradas quase como parte da família, mas esse espaço que separa o lugar do “quase” do “efetivo” é a existência dos status hierárquico distinto. Estes definiam que mesmo que houvesse essa ligação entre a mãe-preta e a família branca, as suas posições nunca seriam as mesmas.

Apesar da erradicação do trabalho das amas-de-leite no Brasil, as senhoras, donas de casa, e a família tradicional, não deixaram de empregar as mães-pretas, que agora ocupavam as posições de empregadas domésticas, babás ou criadeiras, com quem era dividido as tarefas da maternidade. A mãe-preta aparece como um personagem remanescente da escravidão, que relegam as mulheres pretas encargos previamente estabelecidos devido as suas características e atributos.

O trabalho doméstico no Brasil se configura como uma atividade atribuída a mulheres em sua maioria negras, reproduzindo estigmas e desigualdade que resgatam as heranças coloniais, onde esses ofícios são encarados como hereditário a mulher negra. Esses resquícios ainda sobrevivem na formação da família média brasileira, pois por mais que a elite tenha deixado de escravizar domésticas para cuidar dos seus filhos, as mães brancas nunca deixaram de empregar uma mãe de criação: são as babás, as criadeiras e as empregadas domésticas.

### 3. “QUE HORAS ELA VOLTA?” E A REDENÇÃO DA MÃE PRETA

A representação artística da mulher negra empregada doméstica no cinema pode ser vista no material cinematográfico e televisivo brasileiro. Mais que no cinema, as novelas brasileiras apresentavam sempre o estereótipo da mãe preta através da empregada doméstica: a mulher carinhosa, cuidadosa, que mora na casa dos patrões e cuida do filho branco, deixando o seu próprio filho nas mãos de outra pessoa.

Dentro dessa perspectiva se encontra o filme “Que horas ela volta?”, de 2015, da diretora Anna Muylaert que conta a história de uma mulher nordestina que trabalha e mora na casa dos patrões e cuida do filho deles, deixando a sua filha no Nordeste aos cuidados de uma parente. O filme aborda a história da personagem Val que trabalha nessa casa por anos, sendo uma babá e doméstica, cuidando

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





da casa e da criação do filho dos patrões – desde a infância a adolescência.

A narrativa se desenrola quando a filha de Val, Jéssica, precisa ir pra São Paulo para prestar vestibular e por isso precisa ficar junto a mãe, na casa dos patrões. O longa foca nessa relação entre a mãe empregada doméstica: a filha que tem um pensamento diferente sobre o mundo e representa a geração pós 2002, que almeja a faculdade e a mudança social e também a existência da casa grande, representada por Bárbara, que é a patroa assustada com essa mudança social. Assim, a casa grande é modificada pela presença da filha da mãe preta que subitamente chegou e definiu o seu lugar, transgredindo os limites da cozinha.

O filme inteiro é passível de análise, de simbologias, das representações, da estética e das discussões sociais levantadas pela diretora, mas partindo do objetivo desse artigo, o olhar é tensionado em direção a personagem Val. Ela, uma empregada doméstica, mora no quartinho dos fundos da casa dos patrões e cuida de Fabinho – que é o filho do casal – em período integral.

No longa é ressaltado a relação de afetividade entre eles. O filho demonstra mais amor por Val do que pela própria mãe, e isso está presente em várias cenas. Enquanto isso, sua filha está sendo cuidada por outras pessoas, no Nordeste. Toda essa configuração é uma marca, um resquício do estereotipo da Mãe Preta, que aparece coberto com essas redefinições e ressignificações.

A construção da personagem é muito semelhante a presença da ama de leite na casa grande: desde o poster do filme que parece uma fotografia desse período escravista, até o significado da brandura da escravidão – nesse caso do emprego de doméstica – quando os patrões a consideram quase da família, quase uma pessoa digna dos privilégios do senhor. No entanto, a personagem passa por uma espécie de redenção. Com a influência da filha, Val percebe e modifica a sua realidade, partindo das transgressões da filha e criando as suas próprias transgressões, que resulta no desfecho do longa onde ela pede demissão e vai morar com a filha.

A personagem é uma representação do trabalho hereditário da mulher negra. Infelizmente, o estigma da pele preta, relega a essa população, posições inferiores ou de desvantagens sociais. Em especial as mulheres negras, o estigma da pele adentra no âmbito do trabalho, da educação, da capacidade mental, da sexualidade dentre outros. Conhecemos várias definições, como a mulata – que define mulheres negras com um corpo ideal para atração sexual e até mesmo as mães pretas que são uma herança colonial da configuração da família de elite. Grande parte das trabalhadoras domésticas são negras, o que reforça essa ideia do lugar pertencente a mulher negra – de servidão. Obviamente a crítica é direcionada para empregos mal remunerados e exploradores.

Então o ponto a ser destacado é a relação dessa representação com a realidade, com a sociedade. A redenção da mãe preta no cinema aparece em um momento de conquista das empregadas domésticas. Em 2015, mesmo ano do lançamento do filme, foi criada a lei para regulamentar os

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



direitos trabalhistas das empregadas domésticas<sup>3</sup> – foi uma das primeiras iniciativas que visavam igualar o serviço doméstico a outros tipos de trabalho e reduzir a informalidade. E foram conquistas importantes – como a formalização da jornada de trabalho, o pagamento de horas extras, as férias de 30 dias, salário mínimo fixo, medidas que são base dos direitos de qualquer trabalhador formal.

E essa é uma quebra da tradição elitista da manutenção da mãe preta, da doméstica quase da família retirada dos seus direitos que agora parte do seu registro formal e do seu trabalho desconectado – pelo menos legalmente – da ligação afetiva. De certa forma, essa ligação entre a empregada e a família era uma desculpa para não dar a trabalhadora os seus direitos essenciais.

Além disso é uma tentativa de quebra do imaginário da mãe preta, que está desde o seu nascimento atrelado a vida doméstica e a subserviência. Então o filme apresenta um contraste nesse sentido, de reforçar um estigma para desconstruir no final. O filme “Que horas ela volta?” é um bom exemplo de ligação entre história e arte, de cinema e imaginário social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações de diferentes grupos sociais na mídia em geral, reforçam imaginários, estigmas e preconceitos que precisam ser discutidos e desconstruídos. Aqui, o cinema pode ser usado como um reflexo de como a sociedade brasileira retrata as mulheres negras, mas também como uma ruptura com ideais enraizados da cultura escravocrata.

Resumindo, nessa conjuntura, o cinema além de uma forma de arte e de representação, é também espaço de discussão dos temas da sociedade atual. A relação entre o cinema, que é um dos mais importantes meios de entretenimento, e o conhecimento serve também para analisar a organização política e social de diferentes tempos históricos, nesta situação em especial, por retratarem o tratamento dispensado as mulheres negras em diferentes épocas.

## REFERÊNCIAS:

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén. 2019

BURKE, Peter. A Escola dos Annales: 1929-1989. São Paulo: Edit. Univ. Estadual Paulista, 1991.

<sup>3</sup> A emenda constitucional 72 conhecida como a PEC das domésticas (PEC 66/2012) tinha o objetivo de assegurar os direitos a contabilização da jornada de trabalho e a assinatura da carteira. Em 2015 foi aprovada uma Lei complementar 150/2015, que regulamentou a Emenda Constitucional 72 que atribuiu aos empregados domésticos o direito ao FGTS entre outros adicionais, comum a qualquer trabalhador formal.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



CANUDO, R. (1995). Manifeste des sept arts. Paris: Séguier.

COSTA, Antonio. Compreender o cinema. São Paulo, Globo, 2003.

DEIAB, Rafaela de Andrade. A mãe-preta na literatura brasileira: a ambiguidade como construção social (1880-1950). Universidade de São Paulo, 2006.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Rio de Janeiro, Record, 1933/2001.

FREYRE, Gilberto. O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1961/1979.

GERBASE, Carlos. Primeiro Filme: Descobrimdo – Fazendo – Pensando. Artes e Ofícios, 2012.

GIACOMINI, Sonia Maria. Mulher e escrava: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1988.

GOFFMAN, Erving. Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Título Original: Stigma – Notes on the Management of Spoiled Identity, 1963. Tradução: Mathias Lambert. Digitalização: 2004.

QUE horas ela volta? Globo Filmes, 2015. Disponível em<<https://globofilmes.globo.com/filme/quehoraselavolta/>> Acesso em: 15/05/2020

RODRIGUES, João Carlos. O Negro Brasileiro e o Cinema. Editora Pallas, 2006.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press, 1989.

SILVA, Priscila Aquino. Cinema e História: o imaginário norte americano através de Hollywood. Rio de Janeiro, Revista Cantareira, 2004.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **CENSURA E REPRESSÃO NAS COLÔNIAS PORTUGUESAS: O DISCURSO DO GRUPO CABO-VERDIANO CLARIDADE E A RESISTÊNCIA AO SALAZARISMO (1947-1966)**

### **CENSURE AND REPRESSION IN THE PORTUGUESE COLONIES: THE DISCOURSE OF THE CAPE VERDEAN GROUP CLARIDADE AND THE RESISTANCE TO SALAZARISM (1947-1966)**

Igor Santos Carneiro  
Graduando em História  
Universidade Estadual do Maranhão  
igorsantosuema@gmail.com

**RESUMO:** A revista literária Claridade (1936-1960) foi fundada em Cabo Verde, por personalidades relevantes do arquipélago, sendo eles: Jorge Barbosa (1902-1971), Baltasar Lopes (1907-1990) e Manuel Lopes (1907-2005). A Claridade, surgiu em um problemático contexto marcado pelo colonialismo e ditadura salazarista (1933-1974) e, para o cabo-verdiano Brito Semedo (1995), significou um distanciamento dos modelos literários metropolitanos, sendo a fase moderna da literatura cabo-verdiana atribuída ao grupo claridoso. Nas páginas da revista de artes e letras o grupo procurou enfatizar as problemáticas do povo local, tais como a fome, censura e a pobreza. O recorte temporal do trabalho coincide com o momento em que o sistema colonial português, segundo Patrícia Villen (2013), estaria entrando em uma profunda crise, e o regime salazarista em busca de manter sob seu controle os territórios africanos acabou por potencializar os mecanismos de opressão. A Claridade, por meio das suas produções literárias, fortaleceu o sentimento de pertença ao território e procurou produzir uma narrativa de denúncia que destoava do autoritarismo de Salazar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cabo Verde, claridade, ditadura, literatura.

**ABSTRACT:** The literary magazine Claridade (1936-1960) was founded in Cape Verde by relevant personalities from the archipelago, being them: Jorge Barbosa (1902-1971), Baltasar Lopes (1907-1990) and Manuel Lopes (1907-2005). Claridade appeared in a problematic context marked by colonialism and the Salazar dictatorship (1933-1974) and, for the Cape Verdean Brito Semedo (1995), it meant a distancing from metropolitan literary models, being the modern phase of Cape Verdean literature attributed to the Claridoso group. In the pages of the journal of arts and letters, the group sought to emphasize the problems of the local people, such as hunger, censorship and poverty. The time frame

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



of the work coincides with the moment in which the Portuguese colonial system, according to Patrícia Villen (2013), would be entering in a deep crisis, and the Salazar regime seeking to maintain under its control the African territories ended up enhancing the mechanisms of oppression. Claridade, through its literary productions, strengthened the sense of belonging to the territory and sought to produce a narrative of denunciation that disagreed with Salazar's authoritarianism.

**KEYWORDS:** Cape Verde, Claridade, dictatorship, literature

## INTRODUÇÃO

A Claridade foi fundada, em 1936, por Baltasar Lopes, Manuel Lopes e Jorge Barbosa, e por meio da revista foi inaugurada a suposta fase moderna da literatura cabo-verdiana que buscou caracterizar o povo ilhéu de forma diferente das outras colônias lusitanas em África. O contexto em que emerge a revista é problemático, além do colonialismo tardio, os territórios sob controle português eram atingidos pela ditadura de Salazar (1933-1974) que impedia que reflexões críticas contra o regime fossem feitas, além do mais, a ditadura salazarista se recusava a abrir mão do colonialismo, contrariando a opinião pública mundial dos anos 1950-60. Entretanto, os intelectuais cabo-verdianos, em torno da Claridade, tentaram participar ativamente nas decisões locais e, sobretudo na mediação entre a metrópole portuguesa e o arquipélago. O que torna o grupo claridoso ambíguo e contraditório, ao passo que estavam interessados em gerar uma identidade cabo-verdiana que não implicasse na independência do espaço.

A Claridade se esforçava para elencar as peculiaridades do sujeito ilhéu, entre as características locais podemos pontuar as ligadas ao meio ambiente, pois, Cabo Verde, arquipélago formado por dez ilhas, é marcado pela insularidade, secas constantes que causam a escassez de alimentos e, conseqüentemente, levam a mazelas sociais como a fome, pobreza e desigualdade social que culminam na emigração de parte considerável da população. Além disso, é importante frisar que o espaço foi território colonial de Portugal entre 1460 e 1975, o regime colonialista muito pouco fazia para melhorar a situação problemática das ilhas, uma vez que a metrópole apenas queria expropriar os territórios coloniais.

Após a independência do arquipélago, em 5 de julho de 1975, a discussão em torno da identidade nacional se tornou mais densa. Se durante os primeiros anos após a emancipação de Cabo Verde os intelectuais da claridade foram subalternizados, o mesmo não ocorreria a partir da década de 1990, quando eles passaram a ser exaltados em uma série de narrativas oficiais que conclamavam os literatos como verdadeiros fomentadores da identidade cabo-verdiana antes da emancipação do território. Logo este grupo retorna ao cenário nacional com homenagens oficiais e no sistema de ensino do país sendo reconhecidos como os grandes construtores da caboverdianidade.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



O contexto histórico da revista coincide com a ditadura salazarista, ou Estado Novo, que foi um regime ditatorial português que vigorou entre os anos 1933-1974. O seu principal representante foi António de Oliveira Salazar<sup>1</sup> que comandou a ditadura até 1968. O salazarismo está inserido no contexto da ascensão de regimes fascistas na Europa, algo característico do continente durante o século XX. Entre os principais traços do regime fascista português podemos citar o anticomunismo, o autoritarismo e o colonialismo tardio. Este regime só chegou ao fim com a Revolução dos Cravos (1974) que também possibilitou as independências das então colônias na África lusitana.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingir nossos objetivos foi necessário empreender leituras estratégicas que englobam diferentes áreas do conhecimento, tais como a História, Literatura e as Ciências Sociais. Fizemos leituras de livros, artigos, dissertações e teses, e por meio disso foi possível organizar uma bibliografia voltada para compreender como se deu a organização da revista *Claridade* e seus impactos em Cabo Verde entre os anos 1950-1975. Além disso, procuramos ampliar ao máximo possível o contexto cabo-verdiano em que a *Claridade* estava inserida, sendo possível abordar o colonialismo, a ditadura salazarista e as especificidades das ilhas do arquipélago. Posteriormente, demos início a análise cuidadosa da fonte documental, sendo que a revista *Claridade* possui um total de nove volumes, apesar de todos estarem catalogados e devidamente organizados, as produções utilizadas neste trabalho estão contidas nos volumes quatro e cinco, ambos publicados em 1947.

## RESULTADOS

A primeira produção analisada é intitulada de “renascença” e foi escrita por Pedro Corsino de Azevedo<sup>2</sup>. O pequeno poema pincela possíveis características do sujeito cabo-verdiano, este é retratado como um “atleta vencido” possivelmente fazendo alusão ao contexto conturbado do arquipélago, o sujeito ilhéu luta para sobreviver, mas é constantemente vencido por adversidades que já se tornaram comuns na realidade de Cabo Verde.

A força de quem se possui! / Sou o atleta vencido / Renascido. / Ah! Esta minha alegria / Que te deslumbra e extasia... / Sou forte como a força, / Contente como a infância. / Mundo, desafio-te / Oh almas irmãs da minh'alma, / A mim! / Some-te, distância! / Em mim há tanta calma!... (AZEVEDO, 1947, p. 16).

1 Ditador nacionalista que comandou diversos ministérios e foi presidente do Conselho de Ministros do governo ditatorial do Estado Novo. Ele foi professor catedrático de Economia Política, Ciência das Finanças e Economia Social da Universidade de Coimbra.

2 Poeta cabo-verdiano nascido em 1905, em S. Nicolau, e falecido em 1942.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



O sujeito cabo-verdiano é representado como dono de si mesmo, tendo força para enfrentar as adversidades, pois apesar de tantos problemas ele renasce cada vez mais forte, e sua resistência possui como motor a alegria desde sua infância. O discurso claridoso reafirma o cabo-verdiano como alguém que desafia o mundo no sentido de que não perde a oportunidade de emigrar e enfrentar os desafios presentes ao se estabelecer em uma terra diferente, ao mesmo tempo que o eu-lírico evoca a participação das outras “almas irmãs” que assim como ele partem do mesmo lugar, sofrem com as mesmas condições, mas renascem e resistem. A Claridade pincela o povo cabo-verdiano como batalhador e aguerrido. Entretanto, o poeta enfatiza tais características sem centralizar as causas reais para as perturbações que o povo ilhéu precisa resistir, isso implicaria em críticas diretas ao colonialismo.

A representação do homem ilhéu como aguerrido e desbravador do mundo permanece em “poema para tu decorares”, escrito por Tomás Martins<sup>3</sup>. No volume quatro da Claridade, este mesmo autor escreveu e dedicou a sua esposa, Hortência Áurea Sousa Martins. A narrativa gira em torno do homem que pode emigrar a qualquer momento, “Eu, feito corsário de aventuras estranhas, um dia qualquer partirei / numa caravela branca de velas brancas / fazer o meu destino” (MARTINS, 1947, p. 32). Mas além da ida, o eu-lírico premedita o retorno ao arquipélago:

E se algum dia eu voltar, / [...] cansado pelo fragor da luta, / os pés rasgados pelos espinhos do caminho, / as mãos ensanguentadas, / o rosto convulso, / sejam a carícia das tuas mãos / e o beijo da tua boca / um grito para que eu volte / para junto dos meus irmãos / continuar no fragor da luta / para a conquista do mundo... (MARTINS, 1947, p. 32).

Nesta narrativa a amada funciona como um motivo do emigrado retornar, porém ele vem pronto para lutar ao lado dos companheiros cabo-verdianos que sofrem com as mazelas das ilhas. Além disso, ao emigrar o sujeito descreve um caminho cheio de dor e espinhos que perfuram suas mãos ensanguentadas, seu rosto convulsiona, dando a entender que emigrar em busca de melhores condições de vida nem sempre resulta no objetivo procurado. Geralmente, a Claridade é acusada de não problematizar devidamente a emigração, é importante ressaltar que há uma valorização do ato de emigrar, essa questão é abordada como algo inerente ao sujeito do arquipélago. O que nos leva a perceber que os intelectuais em torno da revista romantizavam a emigração do povo cabo-verdiano. Entre os principais destinos dos emigrados estava a colônia portuguesa de São Tomé e Príncipe, onde haviam as roças de cacau que empregavam, em condições deploráveis, diversos cabo-verdianos.

Tratar a emigração como um ato de coragem mascara o teor problemático da época. Portugal chegou a fomentar a emigração para as roças são tomenses, isso acontecia principalmente em meio as crises de seca e fome no território, como exemplificado nos anos de 1902 e 1903, quando “uma das medidas tomadas na crise [...] foi empurrar os famintos para a emigração para S. Tomé talvez mais pelos lucros que desse movimento resultariam que pela ideia de os salvar” (FERREIRA, 1973,

3 Tomás Dantas Martins (1926-1983). Foi um bancário cabo-verdiano nascido em Ponta do Sol, Santo Antão

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



p. 33). Dessa forma, para fugir das secas e da fome o povo ilhéu emigrava de forma intensa para São Tomé, onde as condições laborais eram péssimas, alguns relatórios a respeito dessa questão foram publicados na época:

O primeiro dos quais, da autoria do chocolateiro inglês, William Cadbury, traduzido com o título: Os serviços de S. Tomé, e publicado em Lisboa pela Livraria Bertrand, em 1910, denunciava a dureza das condições laborais dos trabalhadores contratados, ou arrebanhados, nas colónias portuguesas, conclusões do dito relatório, revelando que o pessoal contratado trabalhava até o limites da sua força, conduziram ao boicote inglês ao cacau oriundo daquele arquipélago (NETO, 2009, p. 52).

A claridade, diversas vezes, romantizou a emigração e evitou a todo custo problematizar a ida para São Tomé e Príncipe, promovendo assim um silenciamento em torno dessa problemática, ao mesmo tempo que valorizava a ida para outros espaços, sobretudo para os Estados Unidos, que era cultuado como sendo sinônimo de desenvolvimento econômico, cultural e uma terra de liberdade. Essa construção em torno da imagem do país norte-americano é nada mais que o desejo de que seja colocado em prática, em solo cabo-verdiano, mecanismos que fomentassem o desenvolvimento econômico das ilhas.

O poema “oportunidade perdida”, de Aguinaldo Brito Fonseca, carrega em seu discurso o desejo de transformação na estrutura de Cabo Verde, o sujeito poético anseia pela ruptura entre ricos e pobres e o dia em que a liberdade chegaria ao povo. O ato de aguardar por melhorias não é individualista, mas sim coletivo, pois toda a população deseja por isso. “E até agora todos estão aguardando / o dia prometido, / o dia das riquezas, o dia do resgate, / o dia que o mundo inteiro espera / e que chegará outra vez / e passará outra vez / sem que ninguém o pressinta / como outro dia qualquer” (FONSECA, 1947, p. 18). O eu-lírico chama a atenção para a necessidade de o povo ser resgatado, mas que esse dia poderá ser perdido no sentido de que os dias passam e mudanças não acontecem. O sentimento presente aqui é o mesmo citado anteriormente, o desejo de melhorias liberalizantes, mas sem romper com Portugal. Dessa forma, a classe média cabo-verdiana, ansiava por alterações e melhorias.

No poema “Rapsódia da ponta-de-praia”, escrito por Osvaldo Alcantara, podemos pontuar o descontentamento com a censura que vigorava em Cabo Verde. Pois, o sujeito poético afirma em alguns momentos o desejo de enfrentar as autoridades e burlar regras estabelecidas. “Vais haver pancada / vou brigar com polícia, / porque polícia não sabe ainda / que eu sou homem macho. / Vou passar contrabando, / vou ao Porto Novo, / enganarei / os guardas de alfândega” (ALCANTARA, 1947, p. 13). O ato de passar os objetos proibidos para o território colonial realmente existia durante o longo período ditatorial salazarista, por exemplo, os romances regionalistas brasileiros eram proibidos e chegavam muitas vezes de forma ilegal nos territórios lusitanos em África.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





Por mais que os intelectuais claridosos se aliassem ao colonialismo em busca de uma posição intermediária, isso não quer dizer que estavam complacentes com todos os quesitos do regime. Esses intelectuais eram agentes de conservação do regime, mas também promoviam algumas mudanças, além disso, a censura era um incômodo para a liberdade criativa. A elite cabo-verdiana também foi influenciada, de forma muito tímida e conservadora, por alguns ideais do liberalismo, desde meados do século XIX:

Em Cabo Verde, pode-se dizer que só na segunda metade do século XIX, com a veiculação dos primeiros jornais, torna-se possível recuperar o clima de insatisfação que anima a luta ideológica até o começo do século XX. A maior parte da exígua literatura a que se tem acesso atesta que na virada do século um pequeno grupo de intelectuais cabo-verdianos demonstra acentuada simpatia pela corrente liberal, potencialmente hegemônica no ocidente [...] é oportuno lembrar que para os colonos liberdade significa livre-comércio, abolição dos monopólios e fim dos privilégios, aí incluídos os excessos fiscais e a arbitrariedade de alguns funcionários da coroa (HERNANDEZ, 2002, p. 120).

Escrever sobre tais temáticas demonstra o desejo dos claridosos por mais liberdade, mas também o cuidado para não fazer uma crítica muito elaborada, pois não era permitido críticas diretas ao regime político de Salazar, já que havia a PIDE<sup>4</sup> que estava a todo instante presente nas colônias fazendo valer as regras impostas. Além disso, o poema mostra o desejo de abandonar tais condições de cerceamento presentes em Cabo Verde, rumo ao que era considerado desenvolvido:

Vou fazer letra bonita, / vou escrever uma carta / ao Presidente Roosevelt / para ele distratar os meus papéis, / vou trabalhar em New Bedford, / vou ser tripulante de light-ship. Eu vou-me embora, / não vou ficar mais avassalado / pelo Astral Inferior / vou fugir / naquele grange ou naquele suíço (ALCANTARA, 1947, p. 13).

Visivelmente há o desejo do eu-lírico de ir aos Estados Unidos da América, ele quer mais do que visitar, ele quer trabalhar, quer oportunidades. O país norte-americano nesse momento é considerado o ápice de desenvolvimento e, especialmente na literatura cabo-verdiana, esse imaginário vai ecoar durante muito tempo. O desejo de evadir do espaço cabo-verdiano está ligado a ausência de desenvolvimento econômico das ilhas, o que fomenta críticas a Portugal, mas não exige a independência de Cabo Verde:

Com essas circunstâncias, esboça-se um cabo-verdianismo que encerra uma crítica à potência colonizadora, por sua incapacidade em tentar livrar o país do atraso e da decadência, colocando-o na trilha do progresso econômico, por meio da criação de condições capazes de emparelha-lo com as nações européias. Nesse momento, a perspectiva economicista prevalece em relação às ideias de autonomia política. Prepondera uma posição que longe de propor uma ruptura com o instituído, reafirma os mecanismos estruturais que objetivam

4 Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

o ajustamento ao sistema. Transparecem, dessa forma, anseios de mudança contidos na proposta de uma solução portuguesa para administrar o arquipélago (HERNANDEZ, 2002, p. 120).

Dessa forma, não é possível interpretar a claridade como um grupo que desejava a independência de Cabo Verde, mas podemos afirmar que estavam interessados em melhorias ligadas a situação das ilhas, e essas mudanças deveriam partir da própria administração colonial. A atividade jornalística nas ilhas estava sofrendo com a censura do salazarismo, então as produções literárias assumiram um papel de destaque a respeito dos problemas locais:

De 1931 a 1936 a imprensa já será muito diferente. Portugal e, por inerência, as suas colónias, estarão sob a mão pesada de uma ditadura que por várias décadas censurará tudo quanto for escrito nos jornais. O jornalismo possível volta para o Mindelo, onde, apesar de tudo, proliferam publicações académicas e literárias. (CRUZ, 2009, p. 53).

A cidade de Mindelo, local de surgimento da Claridade, se torna um importante centro de produção literária. Lá havia a presença de uma classe média ansiosa por maior participação nas deliberações políticas. Porém, os intelectuais queriam atuar como mediadores dessas mudanças, ou seja, queriam maior participação na administração. Eram uma elite orgulhosa de seu pertencimento ao território lusíada, e almejava conseguir melhorias para seu espaço sem que isso implicasse na independência de Cabo Verde. É importante pontuar que a formação de elites autóctones era uma tática portuguesa:

O objetivo sempre foi criar uma pequena elite de africanos que servisse e não competisse. Esses africanos não indígenas deveriam, em troca de alguns pequenos privilégios, constituir-se intermediários entre dominador e dominado, se possível colaboradores ‘reconhecidos’ (CABAÇO, p. 119).

Entretanto, o império português não podia controlar de forma absoluta os membros das elites locais. Estes, por meio do sistema de ensino, tendiam a manifestar seu incômodo assim que os primeiros sinais de crise chegavam. Em Cabo Verde não seria diferente, mesmo sem enfatizar a causas das mazelas sociais, a literatura claridosa tendia a denunciar a crise econômica, o desemprego e a fome nas ilhas. Sendo considerada, por alguns pesquisadores, como uma forma tímida de intervenção política:

O surgimento da Claridade foi uma reação intelectual com significado do que teria sido uma intervenção política, se ela fosse permitida. Este Movimento foi facilitado por uma disseminação da escolaridade, em termos relativos à época, fazendo com que um grupo grande de cabo-verdianos tivesse acesso às letras (SEMEDO, 1995, p. 66).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



De fato, a classe média e intelectual de Cabo Verde pôde ascender socialmente a posição de mediadora social devido ao sistema de ensino cabo-verdiano, que possibilitava a formação de um quadro mais bem preparado para assumir posições relevantes na administração colonial. Mas é importante ressaltar que nem todos tinham acesso a essa oportunidade de ascensão social, a maioria das pessoas no arquipélago ficavam relegadas as posições de subalternidade e pobreza, ou seja, como é comum em um sistema imperialista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, os intelectuais da revista *Claridade* se esforçaram para pincelar possíveis características do sujeito cabo-verdiano. Fizeram isso por enfatizar os problemas locais, tais como o fraco desenvolvimento econômico das ilhas, a fome e as emigrações. O cabo-verdiano é retratado como um ser de muitos problemas, mas é batalhador e não desiste de seus objetivos. Por outro lado, os claridosos deixaram de problematizar a causa real das mazelas locais, o colonialismo. Esse grupo intelectual partilhava de alguns privilégios no sistema colonialista, eram membros da classe média, portanto, não interessava a eles pregar a emancipação do território. Essa narrativa que evitava confrontos diretos com o regime colonial lusitano garantiu a vida longa da revista *Claridade*, esta chegou a ter nove volumes publicados, mesmo com o clima de tensão e censura na colônia. Apesar disso, os intelectuais da *Claridade* não concordavam com absolutamente tudo que o regime de Salazar propunha. Por exemplo, a censura os incomodava e estes agentes históricos desejavam que mudanças sociais fossem geradas no arquipélago. As cobranças eram feitas ao regime colonial por meio das produções literárias, longe de buscar a independência, estes sujeitos demonstravam seu desgosto sobretudo ao que diz respeito a dimensão econômica precária da época.

## REFERÊNCIAS :

CRUZ, I. Sandra. A quase-informação na literatura de Cabo Verde em tempo de censura (1926-1975). Dissertação, Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

CABAÇO, José Luís. Moçambique: identidade, colonialismo e libertação. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

FERREIRA, Manuel. A aventura crioula. Lisboa: Editora Platano, 1973.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





HERNANDEZ, Leila. Os filhos da terra do sol: A formação do Estado-Nação em Cabo Verde. São Paulo: Selo Negro, 2002.

NETO, Sérgio. Colónia Mártir Colónia Modelo: Cabo Verde no pensamento ultramarino português. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

SEMEDO, Manuel Brito. Caboverdianamente ensaiando 1. Mindelo: Ilhéu Editora, 1995.

**REALIZAÇÃO:**



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

**FINANCIAMENTO:**



**APOIO:**



## DESCOLONIZE-SE

Sunshine Cristina de Castro Reis Santos  
Universidade Federal do Maranhão  
Graduanda do Curso de Turismo

**RESUMO:** Pretende-se neste trabalho abordar aspectos teóricos que norteiam a exposição fotográfica “Descolonize-se”, além de apresentar a forma que a mesma vem sendo aprimorada, com objetivo de desenvolver ações educacionais e culturais em conjunto. Visando o estímulo da desconstrução do padrão eurocêntrico, através da reflexão do processo da estruturação da imagem da mulher negra no Brasil e a mesma dentro do marketing turístico, mediante exercício sensorial, didático que almeja desmitificar a romanização da miscigenação e da democracia racial. No intuito de contribuir para autonomia, minimizando as reproduções dos signos de estigmatização, propondo o protagonismo como ferramenta identitária que valoriza a produção matéria e imaterial afro-brasileira e que expõe a autenticidade como fomento do turismo. Este texto está dividido em três partes: na primeira são apresentados alguns aspectos conceituais relativos à construção imagética e seu uso para dominação e emancipação. Na segunda, tem-se um pequeno histórico do projeto, com sua dinâmica e, na terceira, é abordada os resultados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Descolonização. Turismo. Identidade. Protagonismo Negro.

**ABSTRACT:** This paper intends to address theoretical aspects that guide the photographic exhibition “Decolonize itself”, besides presenting the form that it has been improved, aiming to develop educational and cultural actions together. Aiming to stimulate the deconstruction of the Eurocentric pattern, through the reflection of the process of structuring the image of the black woman in Brazil and the same within the tourist marketing, through sensorial and didactic exercise that aims to demystify the romanization of miscegenation and racial democracy. In order to contribute to autonomy, minimizing the reproductions of the signs of stigmatization, proposing the protagonism as an identity tool that values the Afro Brazilian material and immaterial production and which exposes the authenticity as a promotion of tourism. This text is divided into three parts: the first presents some conceptual aspects related to the imagery construction and its use for domination and emancipation. In the second, there is a small history of the project, with its dynamics and, in the third, the results are approached.

**KEYWORDS:** Decolonization. Tourism. Identity. Black Protagonism.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## INTRODUÇÃO

Qual o impacto da construção do imaginário colonizador e a sua reprodução na psique de mulheres negras?

O colonialismo simboliza um regime brutal de opressão, materializada nas tentativas de silenciamento sistêmico, que legitima a exclusão. A objetificação impossibilita o acesso à representatividade, condição necessária para o desenvolvimento da identidade, logo se faz necessário contranarrativas decoloniais. O trabalho é resultado das emoções afetas durante a escrita monográfica, da percepção do lugar social ocupado pela mulher negra dentro da minha área de formação/atuação, o turismo.

No do turismo brasileiro observamos a reprodução de signos racista e sexista fruto de uma sociedade colonizada e patriarcal, podemos cita como exemplo as ações realizadas na década de 70 pelo Instituto Brasileiro do Turismo, a EMBRATUR, que segundo Leite (2017) investiu massivamente na promoção do Turismo Nacional utilizando a mulher brasileira como atrativo turístico a imagem da “mulata exportação”, foi vendida como identidade brasileira, outro exemplo foi executado pelo Governo do Maranhão que tomou uma atitude semelhante no ano de 2004 quando incentivou a utilização do Estado como cenário da novela “Da cor do Pecado” uma dramaturgia que reproduzia todo o imaginário de objetificação coloniais, com pretexto de “Descortinar o Maranhão para o mundo” visando o fomento turístico. A novela global exibida e reprisada em (2007) e (2012) em rede nacional foi vendida para 100 países, contribuindo para fortalecimento da romantização da miscigenação, a pigmentocracia entre outros estereótipos que podem ser reforçado pelos guias de turismo nos roteiro do Centro Histórico de São Luís como resumo da existência de Catarina Mina a um corpo sedutor que obteve ascensão social através de “favores” prestados à elite masculina de sua época titulada como “Xica da Silva Maranhense” ignorando todo seu legado como comerciante. Mediante a esse cenário, o estudo é norteado pelas necessidades de transgredir, buscar uma epistemologia plural, uma escrita de um corpo dissidente, uma desobediência poética, que investiga os efeitos da colonização.

## SENSAÇÃO ATEMPORAL: A COEXISTÊNCIA DO PASSADO COM O PRESENTE

Segundo Kilomba (2019) a cronologia atemporal é incorporada ao racismo cotidiano, visto que a reencenação de um passado colonial é configurada em uma realidade traumática, que continuamente é negligenciada. A violência contemporânea provocada pelo racismo, apresenta-se como espetáculo de aprisionamento dentro de um cenário colonial, onde os papéis de subordinação e a outridade são atribuídos ao sujeito negro.

A autora ressalta que a máscara do silenciamento são memórias vivas do projeto colonial, que estão enterradas na nossa psique de forma concreta, representações da política sádica de dominação,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



que tem como a lógica do seu regime, a implementação do senso de mudez. O controle da enunciação é visto como metáfora de posse, como mecanismo de defesa dentro de um cenário fantasioso de desapropriação, ameaça e perigo.

Os danos psíquicos que a irracionalidade do racista provoca através de uma vivência traumática em um mundo branco, é analisado pela autora através do mecanismo de defesa do ego, apresentado em de cinco estágios: negação; culpa; vergonha; reconhecimento; reparação.

A negação do projeto colonial é o primeiro estágio do mecanismo do ego, sendo uma ferramenta de manutenção e legitimação das violências estruturais de exclusão racial. A ausência do reconhecimento faz “o branco torna-se vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se o oprimido e o oprimido, o tirano.” (Kilomba, 2019)

A cisão da psique apresentada pela Kilomba, é fundamental para compreensão do racismo cotidiano, ou seja, da coexistência do passado com o presente. Para a autora a dualidade existencial do sujeito branco, se escabece com atribuição da bondade como “eu” e a maldade projetada sobre “outro”. Nesse sentido o sujeito negro torna-se então antagonista do “eu” a tela de projeção de tudo que teme reconhecer sobre si. No exercício de preservação da suposta bondade do ego, da moralidade ideal, entanto os aspectos ruins são aparelhados no exterior, no trânsito entre a rejeição, excitação, perigo, desejo, aspectos que causam inquietação e a necessidade de controle.

A personificação da repulsa é a forma primaria de outridade, a construção mental da dessemelhaça, ou seja, a branquitude torna-se uma identidade construída na exploração do outro, através do processo de negação, método de proteção contra o confronto de verdades desagradáveis, que opera de forma inconsciente na resolução de conflitos emocionais sem o reconhecimento de uma realidade desagradável.

Posterior a negação é apresentado a culpa, a vivência conflitante da consequência de suas ações, o medo da interdição moral, acusações, punições. Sendo necessário salientar que a autora descreve que a resposta comum para a culpa é intelectualização ou racionalização de uma justificativa. “De repente o sujeito branco investe tanto intelectualmente quanto emocionalmente na ideia de que “raça”, na verdade não importa como estratégia para reduzir os desejos inconsciente e agressivos em relação às /aos outras/os.” (Kilomba, 2019).

Quando se trata da vergonha a Kilomba evidencia que ela estar conectada com o medo do ridículo, e sobretudo com a percepção, confrontado o olhar do outro com o nosso. A discrepância da percepção alheia e a nossa própria percepção.

Em sequência tem o reconhecimento que é rompimento das narrativas ilusórias, a constatação do seu próprio racismo e da sua branquitude. Passando da fantasia para a realidade, “Não se trata mais da questão de como de como eu gostaria de ser visto/a, mas de quem eu sou; não mais como eu gostaria que as/os “outros” fossem, mas sim quem elas/eles realmente são.” (Kilomba, 2019)

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



O último estágio é a reparação, o abandono do privilegio através de estratégia de mudanças da concepção do racismo, individual, institucional e estrutural. A ruptura da necessidade da alienação através de retrato autoritário, que força a performance da ordem colonial no cotidiano, é um processo de pensar o racismo como uma dinâmica psicológica e não moral, ressaltando:

Em vez de fazer a clássica pergunta moral “Eu sou racista?” e esperar uma resposta confortável, o sujeito branco deveria perguntar, o sujeito branco deveria perguntar: “Como posso dismantelar meu próprio racismo” Tal pergunta, então por si só, já inicia esse processo. (Kilomba, 2019, p.46)

## DESALIAENAÇÃO: EXISTINDO PARA ALÉM DA OUTRIDADE

Durante a minha trajetória pessoal, artística e acadêmica eu fui assombrada pelo fantasma da ausência, me sentia aprisionada em imagens alienantes, uma expropriação que limitava a compreensão da minha própria existência. A sensação que meu corpo era público, inapropriado, atravessado pelo desejo e repulsa.

Por muitos anos acreditei que eram percepções singulares, frutos de psique problemática, complexa e deficiente. Segundo Moraes (2021) seria personificação cerceamento de liberdade, opressões cíclicas que se materializa como depositário de negação,

É como fazer um puzzle onde vejo que faltam muitas peças que me foram tiradas, outras que não foram nomeadas, outras que não foram escritas, arquivadas, documentadas, imagens que eu deveria ter visto e não vi, nomes que eu deveria ter sabido e não sei, livros que eu devia ter lido e não li... Depois, cada peça reconstrói um pouco de mim, é pessoal, sou eu, quem eu sou... E, tendo em conta que sou uma mulher da diáspora africana, há muitas peças que faltam, que foram silenciadas e invisibilizadas. É todo um processo de recuperação e de liberdade para fazer o que me interessa (e que não tem que interessar a outras pessoas), mas é fantástico quando fazes um trabalho que transporta muitas outras pessoas a caminhar contigo, porque se identificam. Isso é muito, muito, bonito. (ESCÓRCIO, 2017, p. 3 apud MORAES, 2021)

Moraes (2021) salienta a importância da compreensão do conceito de outridade apresentado pela Grada Kilomba para produção alternativa de saberes, uma vez que exemplifica a corporeidade negra como território de disputa, sendo necessário estabelecer o diálogo com conceitos de necropolítica, epistemicídio. A autora analisa a interartes, como ferramenta do hibridismo entre várias áreas do conhecimento, assim como legitimação existencial.

A exposição descolonize-se é esse processo de desalienação, a ritualização de ruptura de existência na outridade. Segundo Ribeiro (2017) “Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produção e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos.”

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





O simbolismo perpetua uma existência expropriada, com reencenação coloniais na contemporaneidade, violências que transitam entre a imagem, o discurso e o imaginário, me instigou a elaboração desse projeto, em uma tentativa de unificar as três áreas que tenho atuado na minha trajetória pessoal e acadêmica: a imagem, o feminismo negro e o turismo, enquanto mulher negra fotógrafa, graduanda de turismo e componente do grupo de estudo sobre Feminismos Negros Marielle Franco.

Assim como a Kilomba os meus escritos são incorporados de subjetividade, emoção, inadequado para academicismo dominante, que transgrede a linguagem clássica. Um discurso que, segundo a autora, apresenta-se como uma produção de conhecimento emancipatório, alternativo, que é tão político quanto poético.

A escrita insurgente está comprometida a (r)existência, com dignidade que nos foi e nos é negada “Quando falamos de direito a existência digna, a voz estamos falando locus social de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência.” (RIBEIRO, 2017).

Há esse imaginário que se faz da mulher negra que samba muito bem, dança, canta, cozinha, faz o sexo gostoso, cuida do corpo do outro, da casa da senhora, dos filhos da madame. “Mas reconhecer que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, o imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe.” (EVARISTO, 2017)

Fazem-se necessários cessação da outridade, das imagens aprisionadas na objetividade, a extinção das formas de desrespeito, político, social e individual. A construção de novos códigos de visualidade, podem fomentar a criação de novos repertórios, que rompa com pré-determinismo do outro, fortalecendo o compromisso de um retrato identitária fidedigno, com marcos de (Re)existência

Não podemos mais naturalizar essas violências escamoteadas de cultura. A cultura é construída, portanto, os valores dela também o são. É preciso perceber o quanto a reificação desses papéis subalternos e exaltivados para negras nega oportunidades para nós desempenharmos outros papéis e ocuparmos outros lugares. Não queremos protagonizar o imaginário do gringo que vem em busca de turismo sexual (RIBEIRO, 2018, p.97)

## DESCOLONIZE-SE

A exposição é fruto de um longo percurso de pensar e refletir sobre questões étnicas- raciais, de gênero e suas interseções. A junção de vivência e de análise teórica, um exercício de práxis, processos que resultam em arte. À medida que me apropriava do fazer artístico com a fotografia aprofundi o olhar acerca da minha percepção sobre mim mesma diante da sociedade – mulher, negra, periférica, mãe – assim como passei a perceber relações sociais imbricadas de significados e simbolismos.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Pensar imagens diante das muitas configurações sociais tornou-se para mim um modo de expressão, de reflexões que não cabiam, nem se encaixavam apenas em mim. Diante das inquietações que me acompanhavam, contextualizei minha própria área de formação/atuação: o turismo, as relações de poder, como ele pode ser uma ferramenta decolonial ou de manutenção de opressões.

A exposição nasce de exercício de me fazer sujeito, de compreender as várias camadas da minha existência enquanto um ser interseccional, observar os aspectos subjetivos e coletivos do meu eu, assimilar os danos que racismo me causou, como o colonialismo reverbera no meu comportamento, da minha relação comigo e com os outros. Uma tentativa de rompimento de imagens de controle, pelo menos no que diz respeito aos aspectos individuais, ou seja, a ruptura de ciclos disfuncionais de autoagressão, provocados pelo colapso traumático que o racismo configurou, imbricada na atemporalidade enquanto reencenação colonial contemporânea.

As fotografias, capturadas em 2019 em parceria com a Thayná Pinho, personificam as máscaras brancas que o sistema racista impõe direta e indiretamente. A exposição é um convite a pensar o lugar social que cada um/a ocupa, é uma oportunidade de ruptura com ambivalência, o luto colonial, pacto narciso e mecanismo de defesa do ego. Sendo necessário ressaltar que não é uma ação educacional para branquitude, visto que racismo não é ausência de informações, mas desejo de dominação.

Busco dizer o indizível, e incentivar os meus iguais a fazer o mesmo, não me preocupando em satisfazer as expectativas da branquitude. A minha arte não é para servir a casa grande, é para me libertar, me autodefinir, me autorrecuperar, erguer uma voz que tanto foi silenciada.

Com um toque de alucinação, regido pelo oculto e o que é evidente, as fotografias são um chamado à sensorialidade pelo olhar inicialmente, mas também pelo contexto apresentado pela exposição, uma vez que a linguagem artística tem uma dimensão política de criar, fixar, perpetuar ou refutar relações de poder e violência.

A curadoria da exposição compreende a apresentação de 9 imagens estáticas, fotografias impressas em tecido, com dimensões de 130 metros x 90 m que devem ser dispostas de forma suspensa. Além das impressões fotográficas em tecidos, teremos tecidos propriamente ditos, fios de lã e palavras soltas, ocupando os espaços na ambientação da exposição de modo a causar sensação de devaneio, e que os/as observadores/as possam sentir como foi o processo de construção das imagens. A intensão é também repensar, de certo modo, os parâmetros tradicionais de exposições artísticas, chegando a uma proposta diferente, interativa e provocativa.

As fotografias devem ser dispostas de maneira a serem uma sequência – Posterior a apreciação das imagens, temos um espelho de dimensão 47 cm x 140 cm, juntamente com um quadro interativo de 20x30, onde os visitantes poderão expressar a percepção sobre atuação do silenciamento na sua trajetória. O propósito é causar nos/as observadores/as a reflexão sobre o olhar para si, em um exercício sensorial diante do que foi visto e sentido pelas fotografias. O último elemento da expografia será o

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



texto. Optamos por essa configuração para não direcionar o olhar, para que os espectadores não tenham uma preconceção da intencionalidade da proposta.

A exposição será realizada na galeria do Sesc Maranhão no mês de setembro de 2021, sendo uma das propostas selecionadas pelo edital de credenciamento nº 03/2020. Devido as condições sanitárias, não teremos vernissage, será realizado encontros pontuais e visitas agendadas, para garantimos que todos os protocolos sanitários de prevenção contra Covid-19 sejam cumpridos. O Sesc Maranhão produzirá dois vídeos sobre a exposição, o primeiro será sobre o processo de montagem e segundo será uma mediação, um tour virtual, onde a artista, o curador e convidados apresentaram a exposição, uma possibilidade de democratização do acesso em tempos pandêmicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grada Kilomba trabalha a descolonização através da memorização do passado colonial como símbolo de um passado traumático que é reencenado através do racismo cotidiano, sendo uma lembrança da história coletiva de opressão racial, a transição de passado presente como retrato da irracionalidade do racismo e como acúmulo de evento de violência que está sempre se adaptando a contemporaneidade. Utilizei os seus pensamentos como marco teórico tanto da minha pesquisa monográfica, quanto na construção do trabalho apresentado, uma vez que se faz necessário pensar estratégias de desmantelamento das estruturas racistas na esfera pública e privada. Não basta somente eu tratar as inseguranças causada pela inadequação da vivência em mundo branco, parar de me violentar tentando ser a “Dama negra” a “perfeita”. Uma vez que mesmo sendo duas vezes melhor, ainda me negaram o acesso, não serei a “escolhida”. O meu acesso estará condicionado a subserviência, a imagem de uma boa “escravizada”. Logo a descolonização não é uma via de mão única, é necessário um movimento conjunto, ou seja, individual, social e governamental.

## REFERÊNCIA

BORGES, R. C. S.; BORGES, Rosane S. Mídia e Racismo. 1. ed. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2012. v. 1. 244p

EVARISTO, Conceição. Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. 2017. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>> Acesso em: 09/09/2021

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

LEITE, Cléa Aguiar. A representação da “mulher brasileira” construída pela Embratur entre 1966 e 1985. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. 2017.

MORAES. Cláudia Leticia. A arte como espaço de decolonização do conhecimento: análise de três performances de Grada Kilomba. Revista espaços acadêmicos. n.226. jan./fev.2021.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro. Brasil: Companhia das letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, Justificando 2017. Coleção: feminismos plurais.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **Simpósio Temático 02**

# **Religiões, educação e política: (re)configurações históricas, dinâmicas de poder e práticas sociais no Brasil**

Coordenadores:

- Prof. Dr.º Hugo Freitas de Melo
- Prof. Dr. Wheriston Silva Neris

## A SALVAÇÃO POR INTERMÉDIO DAS “BOAS OBRAS”: A ASSISTÊNCIA AOS DESVALIDOS PELA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA EM SÃO LUÍS - MA DURANTE O SÉCULO XIX

### SALVATION THROUGH “GOOD WORKS”: THE ASSISTANCE TO THE DESTITUTE BY THE SANTA CASA DE MISERICÓRDIA IN SÃO LUÍS - MA DURING THE 19TH CENTURY

Ana Caroline Silva Caldas  
Graduanda em História Licenciatura  
Universidade Estadual do Maranhão  
anacaroline233@gmail.com

**RESUMO:** Em finais do século XV e início do XVI surgem as confrarias, impulsionadas pelas noções cristãs que exaltavam as boas obras (isto é, a caridade), notadamente a Santa Casa de Misericórdia portuguesa, responsável por uma gama de atos caritativos em Portugal e ultramar. Com sua expansão, a instituição se estabeleceu em diversos lugares do Brasil, e dentre eles, em São Luís do Maranhão, provavelmente pelo ano de 1623. Crescendo em influência na cidade durante o século XIX, foi responsável pelo cuidado de igrejas, hospitais, cemitérios, asilo e Roda dos Expostos. Apesar da grande importância da irmandade no auxílio aos desvalidos, o caráter elitista se fazia presente internamente, uma vez que para ser membro era necessário ser homem abastado em fazenda, saber ler, escrever e cantar. Após o aceite, o novo integrante deveria cumprir exigências, como contribuições mensais e anuidades. Durante seu apogeu em São Luís, a Santa Casa de Misericórdia suscitou elogios e desavenças por parte da imprensa e sociedade maranhense, em especial a classe abastada, preocupada em manter o status que garantiria além do grande cortejo fúnebre, a porta de entrada para o céu. A mercê da pobreza, o(a) morador(a) da São Luís durante o século XIX encontrava dois dilemas: a dependência da caridade em um sistema que romantizou a relação entre pobreza e salvação através da figura do benfeitor, e a conformação de sua condição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Assistência, Salvação, Santa Casa de Misericórdia do Maranhão.

**ABSTRACT:** At the end of the 15th century and beginning of the 16th century, brotherhoods emerged, driven by Christian notions that exalted good works (i.e. charity), notably the Portuguese Santa Casa de Misericórdia, responsible for a range of charitable acts in Portugal and overseas. With its expansion, the institution established itself in several places in Brazil, and among them in São Luís do Maranhão,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



probably by the year 1623. Growing in influence in the city during the 19th century, it was responsible for the care of churches, hospitals, cemeteries, an asylum, and the Roda dos Expostos. Despite the great importance of the brotherhood in helping the destitute, the elitist character was internally present, since to be a member it was necessary to be a wealthy farm man, knowing how to read, write and sing. After being accepted, the new member had to fulfill requirements, such as monthly contributions and annual dues. During its heyday in São Luís, the Santa Casa de Misericórdia elicited both praise and disagreement from the Maranhão press and society, especially the wealthy class, concerned with maintaining the status that would guarantee, besides the great funeral procession, the entrance door to heaven. At the mercy of poverty, the inhabitant of São Luís during the 19th century faced two dilemmas: the dependence on charity in a system that romanticized the relationship between poverty and salvation through the figure of the benefactor, and the conformation of his condition.

**KEYWORDS:** Assistance, Salvation, Santa Casa de Misericórdia do Maranhão.

## INTRODUÇÃO

A partir do crescimento econômico no Ocidente europeu durante o século XI, novas formas de religiosidades surgiram associadas ao devocional. O “ser cristão” suscitou cada vez mais preocupação entre as elites européias, transformando a imitação de Jesus Cristo além de um estilo de vida, um ideal a ser seguido, bem como a Virgem Maria, que “adquiriu cada vez maior centralidade no culto religioso, e tornou-se na figura protectora da humanidade” (SÁ; LOPES, 2008, p.2). Um século depois, novos elementos orientam as noções cristãs sobre a vida após a morte com a criação do Purgatório.

O novo lugar seria o intermédio entre céu e inferno, destinado os espíritos a passarem por tribulações até alcançar o Reino dos Céus. Para Jacques Le Goff (apud. GANDELMAN, 2005, p. 27), essa crença estabelecia ligação com o “livre arbítrio” de homens e mulheres e suas responsabilidades em decorrência da narrativa mítica em torno do pecado cometido por Adão e Eva. Entretanto, com a crucificação do filho de Maria, a humanidade não mais carregaria o fardo do primeiro pecado, culminando na eterna devoção do homem à figura de Cristo.

Durante este período, “são lançadas as bases para o advento das ordens mendicantes, notadamente o franciscanismo” (COE, 2013, p. 19). O surgimento do franciscanismo trouxe para o cenário medieval a preocupação com a pobreza. Se antes, as ações religiosas giravam em torno das orações e vida em clausura, com as boas novas do franciscanismo, os frades trouxeram os ensinamentos aos europeus sobre como lidar com o dinheiro e sujeitos pobres. Através dos atos caritativos, se construiu a ideia da salvação por intermédio das obras, garantindo ao doador mais facilmente o paraíso.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Os atos caritativos foram realizados em sua maioria por aqueles que detinham recursos suficientes, e em decorrência disso, os ensinamentos franciscanos foram palco no período moderno do discurso de estímulo à acumulação capital, uma vez que acumular seria benéfico desde que os abastados exercessem a caridade. Dessa forma, a riqueza não era vista como um pecado, mas como algo positivo, se adequando perfeitamente na era de expansão marítima europeia.

As pessoas em situação de pobreza foram para os ricos uma das formas de salvação. Através da caridade, automaticamente houve a reprodução da manutenção do poder à medida que produziu no pobre o sentimento de gratidão e a justificativa de sua posição social. No entanto, a partir do século XVI, o crescimento populacional se expande para as cidades, sendo necessário reorganizar os grupos sociais que necessitavam de assistência, visto que os estabelecimentos<sup>1</sup> não tinham condições de atender toda a população. Neste contexto, as irmandades se apresentam como alternativa para aqueles que buscavam a salvação, uma vez que essas confrarias atuam ora como realizadoras de cultos, procissões e manutenção de objetos sagrados, ora prestaram auxílios aos necessitados. Dentre as irmandades, a Santa Casa de Misericórdia tornou-se o maior exemplo da religião como gerenciadora de práticas que “louvavam” a Deus.

A Santa Casa de Misericórdia foi criada e fundada no ano de 1498 em Lisboa pela rainha D. Leonor. Devido a ausência de D. Manuel I, assim que regressou de Castela, coube ao rei proteger a nova irmandade, que recebeu de braços abertos. Para o soberano, a Misericórdia se tornou uma instituição que definia o status das elites locais, concedendo aos irmãos inúmeros privilégios, expandidos para as demais Misericórdias espalhadas em Portugal e ultramar. Dessa forma, atrelada à nobreza, ser membro da confraria garantiu a respeitabilidade e superioridade dentro da esfera social.

Vale ressaltar a importante mudança que possibilitou a Santa Casa de Misericórdia atingir expressão máxima de poder e influência. Foi a partir do Concílio de Trento que a irmandade passou a proteção régia, posteriormente estendido às outras Santas Casas, crescendo o número de legados e doações.

Com considerável influência nos séculos XVIII e XIX em Portugal e suas colônias, a instituição detinha considerável acúmulo de capital, possibilitando o cuidado aos desvalidos com escolas, hospitais, asilos, cemitérios, recolhimentos e concessão de dotes às mulheres. Estendendo seu domínio no Império Português, a Santa Casa chega em São Luís do Maranhão durante o período colonial, porém cresce em influência durante o Oitocentos. Movidos por motivos religiosos, morais e políticos, a classe abastada da cidade se valeu da irmandade para a salvação por “boas obras”, manutenção de sua classe e usufruto da caridade para uso pessoal, algo que por vezes comprometeu o atendimento nos estabelecimentos da Misericórdia do Maranhão, atingindo quem mais precisava.

---

<sup>1</sup> Durante o medievo, notadamente o português, a assistência se caracterizou pelas albergarias, hospitais, gafarias e mercearias. A criação da Misericórdia possibilitou o amplo leque de assistência, diferenciando-se dentro e fora de Portugal, como por exemplo, as Misericórdias localizadas em Toscana (Itália), que foram destinadas a tratamentos médicos devido ao surto da peste bubônica.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo foi resultado da pesquisa de iniciação científica (PIBIC-UEMA) financiado pela agência de fomento CNPq, no qual se realiza a análise do âmbito assistencialista da Santa Casa de Misericórdia do Maranhão, em especial a situação das mulheres dotadas pela instituição, bem como as crises sofridas durante o século XIX. Atualmente, o projeto de pesquisa segue financiado pela agência FAPEMA.

A metodologia utilizada consistiu no levantamento bibliográfico sobre as Santas Casas em Portugal e seu vasto Império, especificamente a Misericórdia localizada em São Luís do Maranhão. Após o embasamento historiográfico e teórico, foi realizado a busca de fontes, que devido à pandemia ocasionada pela Covid-19, não foi possível a ida aos locais físicos, como o Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM) e a Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL). Porém, utilizamos dos meios digitais para obtenção das fontes, disponibilizadas pelos acervos digitais da BPBL e Biblioteca Nacional, tornando possível sua realização.

Autoras como Tânia Regina de Luca e Maria Helena Capelato, que abordam a imprensa como objeto de estudo, a História a partir dos periódicos possibilita ao pesquisador/a análises acerca das diversas formas (cultural, social, econômica, política, educação, relações de poder, disputas etc.) que os discursos moldaram as sociedades. Com a catalogação das fontes de imprensa, esta permite que conheçamos a Santa Casa de Misericórdia sob os olhares da época, bem como os cuidados assistencialistas da irmandade, a administração interna e as dificuldades enfrentadas durante o século XIX.

## RESULTADOS

### **A Santa Casa de Misericórdia do Maranhão e as práticas caritativas aos desvalidos**

Fundada provavelmente em 1623<sup>2</sup>, a irmandade da Santa Casa de Misericórdia em São Luís do Maranhão foi uma importante instituição para a sociedade maranhense. Inicialmente, durante o período colonial, a irmandade iniciou com poucos recursos, dedicando espaços aos cuidados de enfermos, distribuição de roupas, alimentos e esmola aos pobres. Não atuando de forma direta, isto é, nos seus próprios estabelecimentos, aqueles/as que necessitavam de hospitalização foram internados no Hospital Militar e no Lazareto do Bonfim aos que tinham varíola. O atendimento também foi realizado nas residências através de esmolas ou pensões diárias aos doentes impossibilitados de

---

2 Embasada por Mário Meirelles, que utiliza o relatório publicado no jornal O País (nº39), que na Sessão da Mesa realizada em 04.02.1830 há registro da criação da irmandade autorizada pelo Alvará Régio em 03/12/1622 durante o reinado de Filipe III de Portugal e IV de Espanha.

saírem de suas casas e/ou com doenças contagiosas e aos condenados à morte, oferecendo alimento e sepultamento.

Apesar do auxílio aos desvalidos, a irmandade mostrou interesse na construção de um hospital, principalmente após a visita do padre Antônio Vieira à São Luís em 1653. Com o impulso após a visitação, as obras foram esboçadas, porém saíram do papel a partir do século XIX, ano de inúmeras criações dos estabelecimentos da Misericórdia para o auxílio a população pobre da cidade.

[Nos anos posteriores a sua fundação], a instituição estava bastante aquém do cumprimento de seus deveres caritativos, devido à escassez de recursos. Ainda segundo [César Marques], essa irmandade ficou esquecida durante muito tempo na igreja de Santana, tendo seu respaldo perante a sociedade ludovicense aumentado principalmente a partir de 1830, momento da transferência da sede da associação para a igreja de São Pantaleão (COE, 2008, p. 55).

Por conseguinte, no decorrer do período oitocentista, a Santa Casa de Misericórdia do Maranhão criou e administrou Igrejas, hospitais, cemitérios, Casa dos Educandos e Artífices, Casa e Roda dos Expostos. Dentre os principais estabelecimentos da irmandade havia a Igreja de São Pantaleão, o Hospital da Caridade, o Hospital dos Lázaros e a Casa dos Expostos. Na prestação de serviços aos considerados à margem da sociedade, os hospitais acolheram os considerados “loucos, tuberculosos, pestosos, órfãos, e dessa forma, passou a ser um hospital para ‘classes perigosas’” (OLIVEIRA, 2011, p. 44)

Criado em 19 de março de 1814, o Hospital da Caridade ou Hospital São José da Caridade iniciou o atendimento a população pobre de São Luís que, nos primeiros anos de funcionamento suscita elogios pela imprensa maranhense, como exposto no jornal *O Conciliador* (06.03.1822, p. 2):

[...] imensos fructos e melhoramento no soccorro dos doentes pela seriedade como he notório, e a'dmirado, tanto pelos doentes Nacionaes, como Estrangeiros, que ali são curados pela Caridade da Santa Caza, e particulares que se curão a sua custa, alem do soccorro que tem muitas vezes os presos da Cadeia pela Caridade da mesma Santa Caza nos jantares que se lhes dão.

O Hospital da Caridade se tornou um dos hospitais mais significativos durante o Maranhão oitocentista. À medida que crescia a demanda, a partir de 1828 o hospital incluiu pensionistas para adquirir os serviços médicos e hospitalares oferecidos, ampliando suas finanças. Pagar pela “cura” e oferecer gratuitamente o auxílio no hospital aqueles/as sem recursos suficientes, isto é, a significativa parcela da população, caracterizou o hospital da irmandade, que logo não tardou em construir outro, o Hospital dos Lázaros, criado em 1830 e destinado ao tratamento de pessoas com lepra na região. Localizado atrás da instituição e próximo ao cemitério do mesmo, o referido hospital causou temor pelas autoridades médicas, uma vez que o poço onde bebiam os doentes estava perigosamente

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



próximo ao cemitério. Tanto o Hospital da Caridade quanto o Hospital dos Lázaros foram locais de atendimento aos escravizados, sendo necessário do seu senhor o pagamento de uma diária.

A garantia do bom funcionamento durante os primeiros anos no Hospital da Caridade foi proporcionada pelo provedor Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira. Devido à sua importância, a irmandade homenageou com um retrato na secretaria da Misericórdia. Porém, o memorável provedor não escapou das críticas que, segundo o jornal Semanário Maranhense (29.03.1868, p.2), seus serviços foram marcados pela má administração e falta de atenção, prejudicando o estabelecimento. Ao decorrer do período em voga, as problemáticas do hospital foram recorrentes, como a botica do hospital, que durou pouco tempo, com recorrência de falta de medicamentos, falta de pagamento de funcionários e superlotação.

A falta de recursos caracterizou outros estabelecimentos, como a Casa dos Expostos, responsável pela assistência a recém-nascidos abandonados na cidade ou Roda dos Expostos<sup>3</sup>, crianças e mulheres órfãs e pobres. Criado em 15 de agosto de 1827 a pedido do falecido Coronel da Guarda Nacional Izidorio Rodrigues Pereira, que deixou 2:000\$000 réis para a fundação, o estabelecimento foi marcado pelas péssimas condições habitacionais. No jornal Publicador Maranhense, em 1843, a Casa dos Expostos sustentava vinte e oito crianças, e entregou doze para indivíduos que exerceram cargos de tutela. A mortalidade entre crianças foi recorrente, acometendo metade dos expostos que, além desse fator, houve a insuficiência de espaço e falta de ventilação na Casa, algo que a Câmara Municipal alertou a irmandade, considerando o calor que o pio estabelecimento causava uma das principais causas para a mortalidade infantil.

No decorrer das décadas, a situação do Hospital da Caridade, Lázaros, Casa dos Expostos e demais estabelecimentos da Santa Casa pouco mudou. Em matéria com o título “Asylo da Mendicidade”, o jornal A Pacotilha expõe as falhas e a sugestão da melhor qualidade nos atos caritativos da Misericórdia na década de 1883. Apesar da assistência, a instituição necessitava melhorar os equipamentos, infraestrutura e até mesmo pagamentos de honorários de enfermeiros e médicos, no caso dos hospitais. O jornal também chama atenção pelo fato da Santa Casa abrigar os “sãos” e “alienados” no mesmo ambiente, sugerindo que a Casa deveria dividir em dois grupos. A crítica se estende à falta de amparo da Misericórdia pelas pessoas mendicantes, pois havia na província mais de seiscentos pobres. Para a solução desta problemática, a Misericórdia deveria erguer um asilo para essas pessoas que vagavam nas ruas para sobreviver, que segundo o jornal, “um asylo para estes desgraçados” seria de maior relevância que um hospital incompleto.

Em suma, apesar do amplo leque assistencialista da Santa Casa de Misericórdia do Maranhão, seus estabelecimentos constantemente sofriam com falta de recursos, má administração e falta de infraestrutura, prejudicando diretamente aqueles/as que necessitavam de assistência, composto

<sup>3</sup> A Casa da Roda ou Roda dos Expostos se caracterizou como um dispositivo de madeira fixado no muro ou janela da irmandade, na qual se colocava o bebê para ser recolhido pela instituição.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



predominantemente de sujeitos pobres. A divergência no atendimento aos desvalidos contou além da imprensa, tendo a Câmara Municipal inúmeras queixas para a instituição, que refletia suas querelas internas em suas extensões de domínio.

## **A IRMANDADE EM DECLÍNIO: OS REFLEXOS DA CRISE NA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS A POPULAÇÃO POBRE DE SÃO LUÍS**

Devido a influência e contato com os órgãos provinciais, ser membro da Misericórdia em São Luís significou a manutenção de privilégios entre as elites políticas, preocupadas em ascender nos cargos públicos de maior prestígio. Internamente, a instituição definiu e refletiu as hierarquizações na sociedade ao aceitar somente homens com fazendas, alfabetizados e que deveriam saber cantar. Na composição da Mesa, alguns critérios foram estabelecidos, como possuir 25 anos, ter habilidades (probidade e inteligência) e não ser escravo, ex-escravo ou pobre, valendo a última instância para quaisquer outros cargos e/ou ingresso na Misericórdia. O número relativamente pequeno e “seleto” de irmãos não foi por acaso: em 1860, viviam 35 mil habitantes na província, na qual 80% da população era analfabeta em decorrência do grande número de pessoas escravizadas e seus descendentes no século XIX.

Cumprindo as exigências estabelecidas, para a oficialização do aceite era necessário “além das joias pagas [...] havia diversos outros encargos a serem cumpridos, como o pagamento de anuidades e contribuições mensais variáveis, além das esmolas que eram coletadas regularmente, rendas advindas de propriedades e testamentos (ROCHA, 2014, p. 15). Os recursos dos associados se destinavam para a construção, reforma e manutenção das igrejas, hospitais, asilos, cemitérios, realizar a compra de imagens de santos, roupas etc., a realização de pagamentos, dentre eles, aos capelães e sacristãos e os festejos realizados pela irmandade aos seus santos padroeiros.

Devido ao caloroso contato com os órgãos da província, um ponto que comumente causava conflito girava em torno das obrigações da irmandade no auxílio à população pobre da cidade. A partir de 1840, as relações entre a irmandade e as instâncias políticas se estreitam. Foi nomeado o protetor da Misericórdia o presidente da província, cabendo a ele a participação direta nas eleições administrativas, e logo foi estabelecido como Provedor, o maior cargo administrativo da Santa Casa. No ano de 1850, a intervenção do poder imperial tornou-se mais evidente nas questões caritativas de São Luís, frutos da mudança na legislação do Império, que modificam os compromissos da instituição. Segundo Coe (2013, p. 46), tais mudanças possuíam objetivos,

conforme apontam as fontes, era [preciso] diminuir as influências meramente políticas nas decisões tomadas pela Misericórdia, ficando as discussões relacionadas à assistência proporcionada pela Misericórdia em segundo plano. Também fica claro que a oportunidade

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



foi criada para que o presidente da província pudesse participar de forma mais efetiva na destinação de recursos e manutenção de vasto patrimônio acumulado pela instituição ao longo de séculos de existência.

Apontada como a principal causa da mudança em decorrência das disputas de bens, como terrenos, edifícios e escravos foram objetos de disputa entre as facções políticas da província. Dessa forma, o presidente-provedor buscou apaziguar essas disputas e estabelecer períodos de “paz” para a Santa Casa, isto é, as disputas entre as elites pelo controle da instituição (COE, 2017, p. 4). Somase a intervenção a crise financeira da irmandade durante a segunda metade do século XIX, com elevada quantidade de devedores e dívidas passadas que não foram solucionadas pelas novas Mesas e tampouco pelo Provedor. As listas dos devedores foram sucessivamente sendo repetidas durante os balanços das contas, com pouco dinheiro devolvido à Misericórdia. Todavia, os enterramentos cresceram significativamente, se transformando no maior gerador de renda da Misericórdia<sup>4</sup>.

Porém, o lucro através dos cemitérios não foi o suficiente para sanar as despesas, que acentua-se principalmente com alimentos aos doentes e funcionários dos estabelecimentos da instituição. A crise dos alimentos contrasta com a crise econômica que acometeu a Província do Maranhão, que dentre os aspectos, a escassez de alimentos resultou no aumento de preços, afetando, dessa forma, os hospitais da cidade. Outrora, os maiores geradores de renda, as doações e legados que possibilitaram a construção dos estabelecimentos e garantiu o vasto patrimônio, sofreram declínio. As relações entre o doar e receber pesaram na balança, deixando o pobre à mercê de migalhas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caridade, norteadada pelo viés religioso durante a Europa Medieval, as atividades caritativas surgiram com o intuito de prestar assistência a pessoas pobres, concedendo esmolas, alimentos, hospitais e cemitérios gratuitos. Nesse contexto surgem as Misericórdias, responsáveis por auxiliar os desvalidos/as. Em Portugal foi responsável pela assistência aos pobres em várias dimensões (hospitais, asilos, cemitérios, recolhimentos para mulheres). Respondendo diretamente à figura do rei, a irmandade cresceu e expandiu-se para as colônias, transformando no reflexo do sistema de classes. Ser um irmão da Misericórdia se tornou mais que atos caritativos.

Com a extensão de seu domínio para as colônias, a Santa Casa de Misericórdia chegou a São Luís do Maranhão, se estabelecendo por volta de 1623. Inicialmente, a irmandade carecia de recursos

4 Inicialmente, a Santa Casa lucrou com os sepultamentos no interior da Igreja, porém com as práticas higienistas para a cidade durante o século XIX, que proibiram a prática, a irmandade inverteu o discurso e passou a centralizar os locais de enterros. Considerando a existência de lugares propícios para interceder pelas almas, foi concedido para a função com exclusividade a instituição, dessa forma, a Misericórdia administrava o cemitério da Câmara Municipal, tinha posse do Cemitério Velho, Cemitério Novo e Cemitério do Gavião.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



e ficou esquecida durante muito tempo, na qual somente por volta de 1830, já inserido no período imperial brasileiro, a irmandade passou a ser vista pela sociedade ludovicense. Na São Luís imperial, a Misericórdia prestava serviços aos ditos loucos, tuberculosos, doentes e órfãos, considerados incômodos para a sociedade. Também é ao longo do século XIX que a igreja tinha como extensão de domínio hospitais, cemitérios, asilo, Casa dos Educandos e Artífices, Casa e Roda dos Expostos.

Apesar do amplo leque de assistência, continuamente o atendimento deixava a desejar nos estabelecimentos da irmandade, marcados pela má gerência, dívidas, disputas internas por bens e controle da irmandade. Noticiados através dos jornais, a situação pouco melhorou, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, década de crise que atingiu a irmandade em decorrência da falta de doações, que aos poucos recebia o descrédito da sociedade ludovicense, prejudicando diretamente os sujeitos necessitados de assistência, em predominância sujeitos pobres.

## REFERÊNCIAS

### Fontes:

Jornais

O Conciliador (06.03.1822)

Pacotilha (07.06.1883)

Publicador Maranhense (13.05.1843)

Semanário Maranhense (29.03.1868)

### Bibliografia

COE, Agostinho Júnior Holanda. “Nós, os ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos”: a higiene e o fim dos sepultamentos eclesiásticos em São Luís (1828-1855). Dissertação (mestrado) em História Social – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

COE, Agostinho Júnior Holanda. A assistência em crise: a Santa Casa da Misericórdia do Maranhão na segunda metade do século XIX (1850-1890). Tese de Doutorado em História das Ciências e da Saúde – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

COE, Agostinho Júnior Holanda. A Santa Casa da Misericórdia do Maranhão e a intervenção dos presidentes-provedores na segunda metade do século XIX. In: XXIX SIMPÓSIO DE HISTÓRIA

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





NACIONAL - CONTRA OS PRECONCEITOS: História e Democracia, 2017, Brasília. XXIX SIMPÓSIO DE HISTÓRIA NACIONAL - CONTRA OS PRECONCEITOS: História e Democracia. São Paulo: ANPUH- Brasil, 2017. v. 1. p. 1-17.

GANDELMAN, Luciana Mendes. Mulheres para um império: orfãs e caridade nos recolhimentos femininos da Santa Casa de Misericórdia (Salvador, Rio de Janeiro e Porto - século XVIII). 2005. 374p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

Oliveira, Eduardo Gomes. Assistência a alienados na Santa Casa de Misericórdia do Maranhão (1882-1892). Dissertação (Mestrado) em História das Ciências e da Saúde – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

ROCHA, Raíssa Pereira Nina. A Irmandade da Misericórdia: um estudo sobre a Santa Casa de São Luís do Maranhão. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2014.

SÁ, Isabel dos Guimarães; LOPES, Maria Antónia – História breve das misericórdias portuguesas: 1498-2000. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **SER CANDOMBLECISTA E ESTAR NA ESCOLA: RELAÇÕES ENTRE FÉ E SILENCIAMENTO**

José Luiz Xavier Filho

Mestrando em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas (UPE)

jlxfilho@hotmail.com

**RESUMO:** A escola tem por objetivo e função ser um espaço de acolhimentos, direito, democrático, diverso e plural. É no espaço escolar em que se aprende valores que se levam para toda uma vida, quer seja socialmente ou academicamente. Dado o fato de que a escola deve respeitar todas as religiões, ela não pode favorecer uma em detrimento de outra. Desse modo, é vedado a gestão, coordenação, professoras e professores de uma escola laica deixarem que a sua fé influencie as suas decisões enquanto pessoas públicas. Este trabalho tem por objetivo um estudo de caso realizado numa escola de rede pública do ensino fundamental dos anos finais, onde os alunos e alunas candomblecistas/umbandistas/juremeiras tinham seus direitos e liberdade de fé e crença tolhidas dentro da escola, o que gerava um ambiente propício a propagação da intolerância religiosa. Abordaremos também os meios que foram utilizados na luta e combate ao preconceito junto aos estudantes e docentes dessa mesma instituição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religiões de Matrizes Africana. Educação. Intolerância Religiosa.

## **BEING CANDOMBLECIST AND BEING AT SCHOOL: RELATIONSHIPS BETWEEN FAITH AND SILENCE**

**ABSTRACT:** The school has the objective and function of being a welcoming space, right, democratic, diverse and plural. It is in the school space where values are learned that last a lifetime, whether socially or academically. Given the fact that the school must respect all religions, it cannot favor one over the other. In this way, the management, coordination, teachers and teachers of a secular school are prohibited from letting their faith influence their decisions as public persons. This work aims at a case study carried out in a public elementary school in the final years, where Candomblé/Umbanda/Juremeiras students and students had their rights and freedom of faith and belief restricted within the school, which generated a environment conducive to the spread of religious intolerance. We will also discuss the means that were used in the fight and fight against prejudice with students and professors of the same institution.

**KEYWORDS:** African Matrix Religions. Education. Religious intolerance.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





O ensino de História nas escolas de Ensino Fundamental dos Anos Finais não pode se limitar a uma mera submissão ao conhecimento produzido pelos historiadores. Alunos e professores, geralmente, dialogam com os conhecimentos eruditos da História, produzem e (re)produzem conhecimentos históricos. Os professores, então, não são meros reprodutores de conhecimentos produzidos por pensadores que se encontram fora do ambiente escolar. A antiga noção de divisão do trabalho entre os que pensam e os que executam o pensado não se enquadra nesse caso.

Os professores, então, cumprem um significativo papel de (re)produzir conhecimentos eruditos importantes para a sociedade, ao mesmo tempo, são pensadores que produzem conhecimentos no espaço escolar. Por isso mesmo, é muito importante que sejam valorizados e bem formados para desempenhar as inúmeras tarefas que lhe são atribuídas. O professor também atua para aumentar a abrangência da utilização de determinados conhecimentos apresentando novos desafios para ampliação e/ou aquisição de novas aprendizagens. Com base no contexto vivenciado pelos estudantes, o professor desafia, encoraja, esclarece e oferece novas possibilidades para que sejam redirecionados, ampliados ou desenvolvidos novos enfoques sobre o conhecimento.

Na perspectiva da consciência histórica, o conhecimento histórico deve servir como uma ferramenta de orientação temporal que levaria a uma leitura do mundo no presente e embasaria uma avaliação quanto às perspectivas de futuro alicerçadas nas experiências humanas do passado. Desse modo, aqueles que desenvolveram a consciência histórica não conheceriam apenas o passado, mas utilizariam esse conhecimento como meio para auxiliar a compreensão do presente e/ou “antecipar”, no plano mental, o futuro em forma de previsão pertinente (MEDEIROS, 2006; BARCA, 2006).

É sob essa perspectiva, que nos debruçamos sobre a relevância da abordagem do nosso objeto de estudo/projeto, tendo a consciência de que as culturas e religiões afro-brasileiras podem ser construídas em sala de aula através e, inclusive, a partir das narrativas de alunos e professores e, neste sentido, diagnosticamos as discriminações históricas a respeito. Então, objetivamos promover uma educação ética que desenvolva a consciência de que a valorização do ser humano precisa ultrapassar as fronteiras da violência, do preconceito e do racismo.

Logo, o momento escolhido para a culminância do projeto foi o dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, porque nos deu uma visão geral da importante participação da cultura africana na formação da cultura brasileira, no que diz respeito à culinária, artesanato, ao vestuário e ao vocabulário africano que fazem parte do nosso dia-a-dia. Para tanto, cada turma teve suas respectivas funções, sempre orientados pelos seus professores, que determinaram as tarefas a cada um dos integrantes. Todas as áreas trabalharam com artesanato, pintura, dança e músicas africanas e todos os alunos negros/as ou pretos/as<sup>1</sup> se apresentaram na execução do projeto trajado com o vestuário a moda afro-brasileira com suas tendências: cores, estilos e produtos.

1 Utilizamos os dois termos respeitando conforme cada aluno se identifica e/ou prefere ser chamado.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Compartilhamos aqui nossos objetivos:

### -GERAL

- Trabalhar a cultura africana e afro-brasileira dentro da sala de aula do Ensino Fundamental dos Anos Finais, em função dos seus valores de vida e do desconhecimento sobre o assunto, combatendo, assim, o aumento da discriminação racial na escola, e expor o que foi aprendido através de um projeto realizado durante a Semana da Consciência Negra.

### -ESPECÍFICOS

- Ressaltar a contribuição das religiões afro-brasileiras na formação cultural da sociedade brasileira, e abordar as questões que se voltam para a percepção do lugar de exclusão ao qual foi relegada a cultura e as expressões religiosas cultivadas, aqui, pela população de origem africana desde as primeiras diásporas;
- Reforçar a importância da laicidade como instrumento necessário para defender os espaços públicos da intolerância religiosa;
- Analisar a Lei n. 10.639/2003, que versa sobre o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana, enquanto efetivação em sala de aula.

Considerando que este artigo tem por base o projeto que foi vivenciado, compartilhamos com os leitores a metodologia do nosso projeto, a interdisciplinaridade e a execução do mesmo:

### - JUSTIFICATIVA:

A lei de nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, incluiu o dia 20 de novembro no calendário escolar, data em que celebramos o Dia Nacional da Consciência Negra. A mesma lei também tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Com isso, nós, professores, devemos inserir em nossos planejamentos, aulas sobre os seguintes temas: História da África e dos africanos, luta dos negros no Brasil, cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. Logo, devemos:

- Valorizar a cultura negra e seus afrodescendentes e afro-brasileiros, na escola e na sociedade;
- Desenvolver e ampliar a percepção de si enquanto sujeito negro, como parte primordial da cultura brasileira;
- Entender e valorizar a identidade negra;

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



- Redescobrir a cultura negra, embranquecida pelo tempo;
- Desmitificar o preconceito relativo aos costumes religiosos provindos da cultura africana;
- Trazer à tona, discussões provocantes, por meio das rodas de conversa, para um posicionamento mais crítico frente à realidade social em que vivemos.

## **-PROPOSTA METODOLÓGICA**

- O desenvolvimento do projeto estará em consonância com os blocos temáticos citados e será feito de acordo com as necessidades da turma e a realidade local, estabelecendo o problema e a proposta de conteúdo para a classe;
- Estimular o aluno a entrar em contato com músicas da cultura africana como o samba, a batucada, capoeira; e inserir nas atividades práticas coreografias fundamentadas nas raízes negras;
- Produção em artes com pintura sobre tema África, produção de maquetes e máscaras africanas trabalhando a geometria nos desenhos africanos;
- Incentivar a produção de poesias, documentários sobre negritude, vídeo com crianças negras da Escola;
- Explorar e trabalhar a teatralidade interpretativa de textos da cultura africana com encenações;
- Promover a realização de um ensaio fotográfico e um desfile para escolha da Beleza Negra/ Preta da Escola Municipal Cordeiro Filho.

Importante deixar claro que os professores foram apenas os tutores, todo o protagonismo foi exclusividade dos alunos, o projeto foi feito e pensado para eles e assim foi executado.

## **-CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO (3 SEMANAS - 01/11/19 A 22/11/19)**

### **HISTÓRIA**

- Por que 20 de novembro? (Apresentação do projeto);
- Biografia de personalidades afrodescendentes e a história dos Quilombos (Zumbi dos Palmares).
- Analisar e explorar através de pesquisas o início do racismo no Brasil;
- Reconhecer a herança cultural dos negros;
- Refletir e opinar sobre o papel do negro na formação da nação brasileira;

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



- Debater temas como: Preconceito racial / O processo de abolição;
- Breve histórico do movimento quilombola (homenagem as comunidades quilombolas locais: Cavuco e Pau Ferrado) e elaboração do mural de fotos das respectivas comunidades (exposição na escola);
- Murais com Ativistas Negros (exposição na escola);
- Mural com exposição do panteão dos Orixás (exposição na escola );
- Encenação sobre ativistas negros, os mesmos usados nos murais (apresentação do projeto).

Sugestões e propostas de atividades de Integração das áreas de estudo, salientando a interdisciplinaridade do projeto:

### LÍNGUA PORTUGUESA

- Leitura e produção de textos de diferentes gêneros sobre preconceito racial;
- Leitura de imagens: várias realidades vivenciadas por negros;
- Produzir, utilizando diferentes formas de expressão, textos individuais e coletivos sobre os debates e as reflexões do assunto;
- Leitura e produção de textos de diferentes gêneros sobre preconceito racial (exposição na escola);
- Poesias (apresentação do projeto);
- Estudo de Contos Africanos em sala de aula.
- Produção de Dicionário Afro-brasileiro em sala de aula (exposição na escola);
- Elaboração do painel com palavras de origem africana (exposição na escola);
- Poesia/Encenação – “Chamaram-me negra”
- Poesia/Encenação – “O meu cabelo não é ruim”

### GEOGRAFIA

- Localizar comunidades negras no Brasil, mapeamento das comunidades remanescentes quilombolas atuais (elaborar cartazes, painel);
- Formação étnica do povo brasileiro;
- As migrações (translado África - Brasil);
- Apresentação de figuras ilustres negras e mestiças da história brasileira passada e atual, bem como de pessoas afro-brasileiras do convívio dos alunos;

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



- Contextualização de temas como: A África – Apartheid – Preconceito racial;
- Contribuições das civilizações africanas para a formação da sociedade brasileira.

## CIÊNCIAS

- Genética dos negros (Presença ou ausência de melanina?);
- Doenças edênicas de origem africana;
- Leitura e análise de textos que refletem as condições subumanas vivenciadas por muitos negros em nosso país;
- Elaboração de um painel/mural sobre a alimentação de origem africana (exposição na escola);
- Mesa com pratos de origem africana (abrindo espaço para degustação através de lanche coletivo).

## MATEMÁTICA

- Textos que retratem a discriminação racial contendo dados numéricos;
- Elaboração de questionário e realização de pesquisa sobre discriminação racial na escola e comunidade (aula externa);
- Trabalhar em sala de aula a história de Thomas Fuller, africano escravizado, matemático;
- Construção e análise de gráficos.

## ARTE e EDUCAÇÃO FÍSICA

- Observar manifestações de arte realizadas pelos povos afro-brasileiros;
- Vivenciar através de músicas sobre o tema um pouco da cultura africana através do canto e de dramatizações;
  - A influência africana na nossa culinária, na dança, na música, na vivência religiosa e no jeito de ser brasileiro;
    - Apresentação de peças teatrais, fantoches, recitais, exposições.
    - Danças Africanas (apresentação do projeto);
    - Performance com músicas negras brasileiras (apresentação do projeto);
    - Elaboração de máscaras africanas (exposição na escola);
    - Para as performances da música brasileira (sugestões). Dentre as músicas aquelas que mais costumam agradar os alunos são: Mundo Negro (O Rappa); Pérola Negra (Daniela Mercury); Mamma África (Chico César); Meu ébano (Alcione); A Loirinha, O Playboy E O Negão (Kelly Key); Olhos Coloridos (Sandra de Sá).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## INGLÊS

- Identificação e tradução de palavras referentes aos seguintes temas: Pobreza, Discriminação e Injustiça;
- Trabalhar textos e músicas voltadas para os aspectos raciais;
- Utilizar em sala de aula músicas e clipes musicais de artistas negros (como por exemplo: Beyoncé, Rihanna, Whitney Huston, Michael Jackson, etc.) e trabalhar a tradução e significado das músicas para o povo negro;
- Estudar a vida de ativistas negros norte-americanos que influenciam o Movimento Negro no Brasil: Martin Luther King e Malcom X.

## CULMINÂNCIA E VIVÊNCIA: TROCA DE EXPERIÊNCIAS

A negritude, no território brasileiro, é o principal alvo de várias formas de discriminação racial. Com a existência de poucas reações contrárias, essas relações ficaram profundamente naturalizadas nas práticas sociais. Em função do ocultamento do racismo, que nos discursos e nas práticas sociais negam sua existência, é extremamente necessário analisar os discursos, as ideologias e as identidades étnico-raciais construídas, difundidas e naturalizadas em nosso meio social. O fato acima mencionado é uma prática constante, embora se busque a sua invisibilidade.

A edição de 2019 foi um fato extremamente especial. Deixou sua marca em centenas de alunos, lembrando que a Escola Municipal Cordeiro Filho, consta com aproximadamente 900 alunos, e visitantes, que ficaram encantados com energia que as pessoas levaram para a palco que foi montado no pátio da escola. Recebemos a visita da Secretária de Educação e boa parte de sua equipe.

Foi um momento de riquíssimas trocas de experiências, quando o público-alvo teve a oportunidade de expor sobre a sua negritude, no caso do negro/preto, e sobre o respeito, no caso das pessoas que não são negras. O projeto ocorreu exatamente como foi pensado, o protagonismo dos alunos afrodescendentes e um evento idealizado totalmente sob a ótica negra.

No pátio da escola ficaram centenas de pessoas que assistiram as atrações que eram apresentadas pelas crianças e adolescentes; pessoas que tiveram uma conscientização prévia, um trabalho vivenciado em sala de aula por todas as disciplinas. Contou com uma vasta programação, com destaque para apresentação de poesias, cordéis, cartazes, músicas, depoimentos, capoeira, testemunhos, danças, encenações e sugestões para futuras estratégias para o sucesso prático do projeto da Consciência Negra.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Figura01. Abertura da culminância do projeto com a bênção de Iansã, Oxum e Iemanjá



Fonte: Arquivo do autor (2021)

As atrações apresentadas no evento de 2019 contribuíram em aproximar a comunidade ao redor da escola, tendo em vista que é a única escola de Ensino Fundamental dos Anos Finais da zona urbana, assim também como os pais dos alunos, da cultura negra/preta, evidenciando sobre a sua força cultural. Na ocasião foram enfatizadas as belezas naturais dos negros/as ou pretos/as, a importância da preservação dos cachos e do cabelo crespo, o fim da ideia do “lápiz cor de pele” e a alegria da dança.

Cantaram sambas, pontos do Candomblé, roda de capoeira, o coco-de-roda, diversos testemunhos, recitaram poesias e tocaram instrumentos tradicionais cantando lindas canções. Foi extremamente positivo para todos os presentes, inclusive para as crianças negras/pretas, as quais participaram ativamente do evento. Vale ressaltar um dos pontos mais importantes da culminância, em que o panteão das divindades das religiões de matrizes africanas ganharam o espaço escolar pela primeira vez na história da escola. Alunos candomblecistas puderam colocar suas indumentárias sagradas e desfilaram representando o seu orixá regente.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Figura 02. Aluna candomblecista se vestindo como seu Orixá de frente.



Fonte: Arquivo do autor (2021).

Foi praticamente unânime entre as centenas de pessoas, ao afirmarem que se orgulhavam da sua cor e demais características genéticas. A perspectiva para o futuro é no sentido de anualmente aumentar o contingente de pessoas que assistem o evento e, principalmente, daqueles que participam diretamente, pois esses últimos tendem a trabalhar mais ativamente para alcançar os objetivos do projeto.

De modo geral, entre os municípios da região do agreste pernambucano, Lagoa dos Gatos se destacou em consolidar, pioneiramente, um evento nessa magnitude: empoderamento, protagonismo, feminismo negro, inclusão, equidade racial com grande aceitação popular, fruto desse projeto. A cópia do mesmo projeto foi pedida por dezenas de escolas da rede pública da região.

O estudante foi avaliado a todo momento, para isso, os professores observaram sua participação, interesse e apresentações dos trabalhos solicitados. Foi fundamental no processo de avaliação, durante o desenvolvimento do projeto pedagógico, que fossem consideradas as ações procedimentais, conceituais e atitudinais de cada aluno.

Assim o projeto foi pensado e segue como exemplo para os interessados:

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:







## APRESENTAÇÃO DO PROJETO:

- DISCURSO DE MARTIN LUTHER KING (abertura)
- DANÇA AFRICANA
- POESIAS
- APRESENTAÇÃO DE MÚSICA BLACK, HIP HOP (convidados)
- POESIAS
- PERFORMANCE COM MÚSICA NEGRA BRASILEIRA
- BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO QUILOMBOLA (HOMENAGEM AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS LOCAIS: CAVUCO E PAU FERRADO)
- DANÇA AFRICANA
- POESIA/ENCENAÇÃO (CHAMARAM-ME NEGRA)
- PERFORMANCE COM MÚSICA NEGRA BRASILEIRA
- DANÇA AFRICANA
- DESFILE – PÉROLA NEGRA (VALORIZAR A BELEZA NEGRA DA ESCOLA)
- PERFORMANCE COM MÚSICA NEGRA BRASILEIRA
- ENCENAÇÃO (PERSONAGENS NEGROS DA HISTÓRIA DO BRASIL/ATIVISTAS)
- DANÇA AFRICANA (encerramento)

## NA ESCOLA:

- EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS LOCAIS
- EXPOSIÇÃO DE ATIVISTAS NEGROS BRASILEIROS (Murais)
- PAINEL/MURAL COM COMIDAS DE ORIGEM AFRICANA
- MESA COM PRATOS DE ORIGEM AFRICANA (abrindo espaço para degustação através de lanche coletivo)
- PAINEL COM PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA (Tema: “Você sabia?”. Breve relato sobre a origem das palavras. Mural criativo com todas as palavras que os alunos conseguirem pesquisar)
- EXPOSIÇÃO DE MÁSCARAS AFRICANAS

É através da percepção de suas experiências de vida que o aluno pode incorporar com maior propriedade os saberes escolares de forma mais crítica e contínua, melhorando sua compreensão do

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



mundo e ampliando sua ação e interação social. Desse modo, o estudo da História e, conseqüentemente, a vivência do projeto que foi realizado, deve partir da compreensão e reconstituição da vida cotidiana para que seja possível entender essa dimensão na vida das outras pessoas e perceber que o homem, vivendo em sociedade, cria desde costumes pessoais até grandes ideias.

O conhecimento e a percepção dessa dinâmica possibilitam ao aluno buscar o entendimento da experiência humana no tempo, através da capacidade de análise, interpretação crítica, síntese e manejo de fontes informativas. Os objetivos da disciplina, de formar cidadãos críticos, junto ao projeto, não são novos. A constituição do pensamento crítico é uma meta necessária do espaço escolar e para a vida em sociedade.

Todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que podem ser questionamentos, confirmações, complementações, negações, ampliações, iluminações de aspectos não distinguidos. Assim, além de reconhecer as diferenças entre as áreas do conhecimento, é preciso identificar onde se encontram as zonas de interseção entre elas para localizar os pontos em comum. Para que esse projeto acontecesse, foi preciso que o professor de cada área abrisse um espaço de diálogo com as outras disciplinas e identificasse no seu campo de estudo onde estão as aberturas que permitem incorporar as contribuições das outras áreas. A interdisciplinaridade busca, sobretudo, um ensino que concilie diferentes conceitos, de diferentes áreas. Desse modo, pode-se substituir a fragmentação pela interação, permitindo que o aluno aprenda a relacionar conceitos e, conseqüentemente, construa novos conhecimentos, com muito mais autonomia e criatividade.

Logo, é fundamental que os professores se preocupem, desde o Ensino Fundamental, em incentivar os alunos a construir relações entre os diferentes conteúdos presentes nas diversas disciplinas do currículo. Por exemplo, propiciar uma conversa de forma que percebam que a ciência também tem uma história, assim como o país, o estado ou a comunidade. Assim, o projeto pedagógico envolveu todas as disciplinas, não foi de caráter obrigatório, mas a aceitação dos demais professores foi imediata, e foi importante porque abriu novas possibilidades de aprendizagem aos estudantes sendo necessário considerar as metas desejadas e as condições para a realização da culminância do projeto.

Se realmente queremos construir uma sociedade igualitária, é necessário compreender qual o papel que cada estrutura socioeconômica desempenha na reprodução do racismo, a fim de desenhar estratégias eficazes para o seu enfrentamento. Nesse cenário, o combate à desigualdade racial na educação é essencial, enquanto elemento indispensável para qualquer mudança, de modo que sem uma educação efetivamente antirracista não é possível pensar em uma sociedade igualitária.

Obtivemos o apoio de todos os alunos, e parece ser surreal o que narramos, mas a escola em si abraçou a causa e paramos durante uma semana para culminância do projeto. É um passo simples para muitos, mas grandioso para uma escola que está inserida dentro de um município

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





patriarcal, machista, intolerante com as religiões de matriz africana e homofóbico. Não resolvemos e nem findamos o preconceito e o racismo dentro o espaço escolar, isso seria utopia, mas estamos trabalhando a autoestima e valorização da cor com alunos que antes nem queriam ser chamados de negros/pretos e atribuíam sempre o uso da palavra “moreninho/moreninha”.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC/SEF, 2004.

BARCA, Isabel. Literacia e consciência histórica. *Educar, Especial*, p. 93-112. Editora UFPR. Curitiba, 2006.

MEDEIROS, Daniel Hortêncio de. Manuais didáticos e a formação da consciência histórica. *Educar, Especial*, p. 73-92. Editora UFPR. Curitiba, 2006.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO LIVRO DIDÁTICO DE SOCIOLOGIA

Thiago da Conceição Dias

Universidade Federal do Maranhão/Bacabal

Graduando do Curso de Ciências Humanas/Sociologia

Bolsista PIBIC/UFMA

Orientador: Prof. Dr. Wheriston Silva Neris

Professor Adjunto de Sociologia do Curso de Ciências Humanas da UFMA- Bacabal

E-mail: wheristonneris@yahoo.com.br

**RESUMO:** O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa monográfica que teve como objetivo analisar no livro didático de sociologia a construção discursiva e imagética da cultura africana e afro-brasileira que tornou-se obrigatória a partir da Lei federal nº 10.639/03 na educação básica. A proposta do estudo busca problematizar e desnaturalizar as concepções estereotipadas que conferem aos povos africanos e afro-brasileiros uma pretensa inferioridade. Ao abordar as religiões afro-brasileira, um dos maiores legado cultural dos povos africanos ao Brasil, o debate é limitante e superficial no âmbito da formação da cultura nacional. Neste sentido, há muito ainda a ser feito para o debate da intolerância religiosa, bem com o racismo brasileiro. Como metodologia optou-se pelo estudo de caso, que é um tipo de pesquisa que, segundo Severino (2013), faz descrição de um caso considerado representativo de um conjunto de casos análogos. O trabalho está dividido em dois momentos: a primeira etapa se configura com aporte bibliográfico e documental desenvolvida sob a perspectiva qualitativa. A base teórica contou com autores: Fanon (2008), Guimarães (2003), Stuart Hall (2011), Costa e Silva (2003), Candau (2008), Geertz (2008), Libâneo (1998), Freire (1996), entre outros que foram imprescindíveis para este trabalho. O segundo momento se configura como pesquisa de campo e análise do livro didático de sociologia de uma escola estadual do município de Bacabal-MA. Conclui-se com esse estudo a necessidade de ressignificação de textos e de imagens acerca das religiões de matrizes africana nos livros didáticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociologia, Cultura Africana, Educação, Intolerância Religiosa.

### THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF RELIGIONS OF AFRICAN ORIGIN IN SOCIOLOGY TEXTBOOKS

**ABSTRACT:** The present work is a cut of a monographic research that aimed to analyze in the

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



sociology textbook the discursive and imagetic construction of African and Afro-Brazilian culture that became mandatory after the Federal Law 10.639/03 in basic education. The proposal of the study seeks to problematize and denaturalize the stereotypical conceptions that confer on African and Afro-Brazilian peoples a supposed inferiority. In approaching the Afro-Brazilian religions, one of the greatest cultural legacies of the African peoples to Brazil, the debate is limiting and superficial in the scope of the formation of national culture. In this sense, there is still much to be done to debate religious intolerance, as well as Brazilian racism. As methodology, we opted for the case study, which is a type of research that, according to Severino (2013), describes a case considered representative of a set of analogous cases. The work is divided into two stages: the first stage is configured with bibliographic and documental contribution developed from a qualitative perspective. The theoretical basis included authors: Fanon (2008), Guimarães (2003), Stuart Hall (2011), Costa e Silva (2003), Candau (2008), Geertz (2008), Libâneo (1998), Freire (1996), among others who were essential to this work. The second moment is configured as field research and analysis of the sociology textbook of a state school in the city of Bacabal-MA. This study concludes that there is a need for the re-signification of texts and images about religions of African origin in textbooks.

**KEYWORDS:** Sociology, African Culture, Education, Religious Intolerance.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é um recorte de uma pesquisa monográfica para o Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão. Tem como objetivo trazer reflexões sobre a construção discursiva e imagética da cultura africana e afro-brasileira no ensino de sociologia. A Lei 10.639/03 torna obrigatório o ensino da História dos africanos e dos afrodescendentes na educação básica do Brasil. Lamentavelmente, a realidade é bem diferente do que deveria ser, visto que a limitação de conhecimento sobre o tema compromete este tipo de ensino, principalmente quando diz respeito as religiões de matrizes africanas. Neste sentido, devido à grande parte dos livros didáticos não trazer os assuntos referente à cultura negra no Brasil, muitos educadores acabam abordando o assunto de forma superficial sem a busca por outros materiais que poderiam servir como fonte de informação. As consequência são a reprodução de desinformações e preconceito, o que nos leva nos refletir acerca da efetivação da obrigatoriedade trazida pela lei 10.639.

O trabalho possui como método de pesquisa o estudo de caso<sup>1</sup>, de caráter qualitativo, dividido em dois momentos. As etapas contaram com a revisão bibliográfica e documental, identificação das principais ferramentas pedagógicas utilizadas, registros das principais

<sup>1</sup> Estudo de caso é um tipo de pesquisa que, segundo Severino (2013), faz descrição de um caso considerado representativo de um conjunto de casos análogos. Portanto, considerando que as escolas públicas estaduais de Bacabal usam o mesmo livro didático, esse tipo de pesquisa corresponde aos objetivos do presente trabalho.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



dificuldades de conciliar teoria e prática acerca do tema no ensino de sociologia e, por último, a análise do livro didático. A escola pesquisada trata-se do Centro de Ensino Arimathéa Cysne, é uma escola pública estadual, que possuem alunos oriundos da zona urbana e rural da cidade.

Em síntese ressaltamos a necessidade da ampliação de reflexões acerca de novas propostas para o ensino das relações étnico-raciais nas escolas e combater o racismo usando como ferramentas, além dos livros didáticos, outras ferramentas pedagógicas. Dessa maneira, será possível ampliar novos horizontes para que possamos mudarmos esse cenário através da educação e informação. Precisamos investir em pesquisas sobre o tema e avaliar a intensidade e o significado dessas atitudes. São investimentos que podem surtir efeitos nas salas de aula nas próximas gerações, para que seja possível responder indagações do tipo: o que torna difícil a abordagem da Cultura afro-brasileira nos livros didáticos de Sociologia?

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se caracterizou como estudo de caso, que segundo Severino (2013), é um tipo de pesquisa faz descrição de um caso semelhantes, dividido em dois momentos. O primeiro momento contou com a revisão bibliográfica e documental, identificação das principais ferramentas pedagógicas utilizadas na escola, registros das principais dificuldades de conciliar teoria e prática acerca do tema das religiões de matriz africana no ensino de sociologia e, por último, a análise do livro didático. A escola pesquisada trata-se do Centro de Ensino Arimathéa Cysne, que é uma escola pública estadual, que possuem alunos oriundos da zona urbana e rural da cidade de Bacabal – MA.

Na primeira etapa da pesquisa os autores que serviram de suporte teórico foram: Stuart Hall (2011), Terry Eagleton (2011), Hill (2006), Geertz (2008), Fanon (2008), Bourdieu (2002), Petronilha (2003), entre outros que servirão como base teórica. A segunda etapa se caracterizou com as análises dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para o ensino de sociologia e análise o livro didático de sociologia.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, busca-se apresentar os dados e discussões obtidos na pesquisa de campo realizada no Centro de Ensino Arimathéa Cysne. Para tanto, procura-se apresentar, inicialmente, a caracterização do ambiente escolar, na sequência a construção discursiva das religiões de matriz africana no livro didático de sociologia e na escola. Sendo assim, no texto que a seguir é possível

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



refletir sobre a importância da atuação dos docentes frente a temas complexos como a questão da cultura africana e afro-brasileira no processo de educação para as relações étnico-raciais.

### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO DE ENSINO ARIMATHÉA CYSNE

O Centro de Ensino Arimathéa Cysne (uma instituição de ensino público estadual do Maranhão, fundada em 1951, localizado na Rua Barão do Rio Branco s/n, no centro do município de Bacabal - MA), tem como objetivo estimular o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos e formar cidadãos críticos capazes de refletir sobre a realidade que estão inseridos. No entanto, apresenta uma aparente semelhança com as condições precárias de funcionamento de outras escolas públicas que tem a qualidade de ensino afetada por fatores físicos.

Com uma fachada dos anos de 1950 do século XX, a escola que funciona nos três turnos na modalidade de Ensino Médio Regular, com condição geral reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC), apresenta uma infraestrutura de pouca qualidade. Nas dependências da escola tem alimentação escolar para os alunos, água aparentemente filtrada, seis salas de aulas, um almoxarifado, uma cantina, dois banheiros para alunos, um para portadores de deficiência física, um banheiro para professores, uma sala de coordenação pedagógica, uma sala de secretaria, uma de diretoria e uma biblioteca (usada para guardar os livros didáticos). As condições de instalação hidráulica e elétrica são regulares, o que torna a iluminação comprometida, dificultando assim a visualização nas salas de aulas.

### 3.2 RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA ESCOLA

O Brasil é uma nação multicultural composta por diversas formas de organização social em diferentes grupos. Essa diversidade cultural pode ser observada em suas variações na música, na religião, na língua, na culinária, na organização social, na arte, na política, nos costumes, nas diferentes formas de viver e pensar, e em outros aspectos. Desse modo, segundo diversos estudos culturais como o de Carlos Brandão (1986), a cultura que compõe o que chamamos de Brasil tem suas raízes oriundas de povos africanos, portugueses e indígenas.

Ao discutir sobre a noção de cultura, Terry Eagleton (2011) argumenta que seu significado antropológico abrange tudo: de cortes de cabelo e hábitos de bebida à forma como devemos dirigir-nos ao primo em segundo grau do nosso cônjuge. De acordo com Laraia (2001), nos estudos de Tylor (1871) a definição de cultura era apresentada como “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



como membro de uma sociedade”. Por outro lado, de acordo com Stuart Hall (2011), a cultura é a soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns. Neste sentido, os povos africanos possuem culturas que dão sentido ao seu modo de vida.

De acordo com os estudos de Nina Rodrigues (2010), de todas as instituições africanas, entretidas na América pelos colonos negros ou transmitidas aos seus descendentes puros ou mestiços, foram às práticas religiosas do seu fetichismo as que melhor se conservaram no Brasil. Isso aconteceu porque a religião é uma instituição social que está presente nas sociedades ao longo da história humanidade, e consiste em um sistema de símbolos que propiciam intensas motivações aos indivíduos. De acordo com Clifford Geertz (2008), além de religião ser algo que liga o ser humano ao sagrado, está ligada ao conceito de cultura como,

Um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (GEERTZ, 2008).

Dessa forma, partindo do pressuposto de que o racismo é uma construção histórica, social e cultural, fruto de um longo processo ideológico, retornamos ao conceito de cultura. A antropologia nos ajuda a compreender que a definição de cultura, seja na educação ou nas ciências sociais, é mais do que um conceito acadêmico. Segundo Denys Cuche (1999), a cultura diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, e às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social.

Portanto, reconhecendo que o Brasil é composto por diferentes grupos sociais que possuem diversas formas de se organizar, e que essa diversidade e suas variações culturais são evidentes por exemplo no campo religioso, ressaltamos a importância de utilizar o ensino de sociologia enquanto espaço de possibilidade para discutir questões como preconceitos e estereótipos em relação à religiosidade afro-brasileira, para que seja possível instigar os alunos a pesquisarem e conhecerem essas religiões de resistência. Dessa forma poderemos desmistificar e romper a associação delas com rituais satânicos.

No entanto, aqui no Brasil (o segundo maior país com população negra, de acordo com censo de 2010 do IBGE) nos deparamos com vários casos de intolerância religiosa, principalmente em relação às religiões de matriz africana. Durante a pesquisa de campo foi possível identificar na escola que as representações sociais dos negros e suas crenças e valores são compartilhados a partir dos estereótipos étnicos. Em um dos momentos, um dos alunos da escola frisou na cor branca da minha pele. De acordo com o aluno, na instituição só tinha pessoas da pele “encardida”. Situação que nos leva ao que Frantz Fanon (2008) ressalta em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, que a cor preta é vista como algo ruim na sociedade.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





Além disso, não foram identificadas citações acerca das diversas religiões afro-brasileira no livro didático analisado. O conceito de religião é apresentado, porém, não se encontra nada acerca desse legado cultural que continua presente na sociedade. Durante a observação participante<sup>2</sup>, foi identificado o uso do rótulo “macumbeiro”, para caracterizar os estudantes oriundos de religiões de matriz africana. Além disso, foi possível verificar alguns constrangimentos de alunos ao se assumirem que pertencem a uma religião do gênero, com receio de tornarem-se motivo de chacota.

Outro ponto observado durante a investigação, é que a falta de interesse e desinformação por parte dos alunos e professores acerca dos temas das tradições religiosas de matrizes africanas e indígenas, é uma realidade da escola pesquisada. Uma vez abordado, é frequente a resistência de alunos pertencentes a outros segmentos religiosos, o que conseqüentemente dificulta o diálogo sobre os diferentes tipos de religiões no Brasil, deixando evidente que o preconceito ainda reflete sua maior característica que é a intolerância religiosa. A má interpretação dos significados dos processos que envolvem as religiões afro-brasileiras faz com que seus rituais e cultos sejam associados a bruxaria ou espíritos maléficos ou simplesmente fazem comparação ao diabo.

A princípio durante a aula acerca das religiões afro-brasileira, o discurso dos alunos em relação ao tema mostrou-se carregado de preconceitos quando classificam as práticas religiosas africana e afro-brasileira de “magia negra”. Outro traço marcante das falas dos estudantes foi à ideia de que as práticas religiosas mencionadas durante a aula não faziam parte da cultura brasileira, o que torna-se um fato preocupante. Outro ponto foi os discursos do docente de sociologia que revela a falta de conhecimento, provocando o desinteresse dos alunos com relação ao assunto. Daí também a necessidade da formação docente adequada, visto que a religião foi uma dos maiores legado cultural deixado pelos povos africanos. De acordo com os estudos de Mônica Estela Neves Higinio (2011),

A tradição religiosa afro-brasileira é parte do legado deixado por homens e mulheres que contribuíram de forma significativa para a diversidade do país em que vivemos. A sabedoria e os valores das religiões de matriz africana é um expressivo elemento da cultura brasileira, que foi mantido por gerações. (HIGINIO, 2011, p. 14)

Neste sentido, uma das ações pedagógicas na escola pesquisada contra o racismo é promovida durante todo o mês do qual é celebrado o Dia da Consciência Negra. Por meio do projeto “Escravo nem Pensar”, que é um programa educacional presente em todas as escolas públicas contra o trabalho escravo que ocorre em todo país, cuja maiores vítimas são pessoas em situações vulneráveis, os educadores e estudantes da escola realizam anualmente o evento Xó Preconceito, com o intuito de estimular reflexões críticas acerca dos temas voltados para as questões étnico-raciais na sociedade. O objetivo é compreender a importância de ações de combate contra o racismo nas escolas públicas de todos o Brasil.

<sup>2</sup> Como membro do Programa Residência Pedagógica, uma das minhas funções era ministrar aulas de sociologia. Com a falta de conteúdo no livro didático, levei outros materiais para abordar o tema. A autonomia do professor de sociologia é exatamente não se limitar ao livro didático.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



A ideia do evento surgiu em reuniões a partir do diálogo dos professores da escola sobre o preconceito racial na cidade de Bacabal. No evento são abordados temas como o racismo e o significado do dia da consciência negra. Através dessa ação pedagógica os alunos têm a possibilidade de refletir sobre as práticas racistas presentes no meio social e tem acesso a diferentes tipos de culturas que herdamos dos povos africanos. São ações pedagógicas fundamentais no combate ao racismo dentro e fora da escola. Um dos objetivos do evento é promover e estimular uma reflexão antirracista, visto que é preciso vencer a segregação racial presente nas relações sociais que favorece a cultura branca em detrimento da negra e, conseqüentemente, revela o racismo estrutural, muitas vezes de maneira velada.

No entanto, durante a observação participante outro ponto chama atenção. Diz respeito alguns professores de outras disciplinas da escola que não adotam iniciativas que possam contribuir para reais mudanças. Diante dessa realidade, os estudos de Ferreira e Camargo (2011) afirmam que o professor que não lida com temas que envolvam os conflitos étnicos vividos no ambiente escolar, se omitem frente às questões étnicas, tornando este cenário favorecedor da manutenção do preconceito. Desse modo, a escola, mesmo com ações pedagógicas aparadas pela lei 10.639 que torna obrigatório este tipo de iniciativa, acabam contribuindo para a manutenção da discriminação racial e o decorrente sofrimento vivenciados pela maioria da população brasileira.

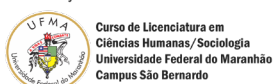
Sendo assim, fica evidente que o principal desafio na escola é conquistar e chamar a atenção dos alunos. É necessário ter consciência de que a religião é um fenômeno cultural que reflete a cultura de um determinado grupo e também um campo de memória. Portanto, a religião está presente em todos os grupos, é constituída por mitos, rituais e comportamentos morais. Dessa maneira, é preciso quebrar esse ditado do senso comum de que “religião não se discute”. É necessário usar o espaço escolar para lutar contra os preconceitos que nos levam a desprezar nossas raízes africanas e indígenas da cultura brasileira, uma vez que desprezá-las seria desprezar a nós mesmos.

De acordo com Durkheim (1996) “não há, pois, no fundo religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira”. Portanto, conhecer a importância da cultura dos povos africanos e indígenas para a formação da sociedade nas aulas de sociologia é sempre salutar. Desse modo, a abordagem da religiosidade afro-brasileira na escola dá sentido de inclusão inusitado, pois coloca o ser humano no centro do acontecer histórico. Falar sobre a vida cotidiana, o que inclui as religiosidades de matriz africana e indígena, contempla reflexões das representações construídas socialmente.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção na proposta deste estudo de caso foi fornecer subsídios suficientes para garantir uma reflexão acerca da importância da educação para as relações étnico-raciais no combate ao racismo e invisibilidade da população negra. O propósito inicial desta pesquisa foi analisar e compreender

REALIZAÇÃO:



FINANCIAMENTO:



APOIO:



criticamente o processo de implementação da Lei nº 10.639/2003 no livro didático de sociologia de uma escola da rede pública estadual do município de Bacabal/MA, indicando a aproximação ou distanciamento do que está indicado nos documentos oficiais para as relações étnico-raciais.

Após dezoito anos da promulgação da lei que torna obrigatório a inclusão da temática da cultura afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino, embora carregado de limitações, foi identificado que a editora do livro didático analisado preocupou-se em proporcionar algumas discussões significativas e reflexivas sobre as questões étnico-raciais ao apresentar questionamentos sobre culturas, diferenças, diversidade cultural e observação do outro. No entanto, é necessário ressaltar que o caminho é árduo e longo, uma vez que não podemos nos limitar ao livro didático. Sendo assim, o papel do professor é fundamental na construção de um pensamento antirracista.

Outro resposta obtida na investigação, é que apesar da implementação das leis federais 10.639/03 e 11.645/08 tornarem obrigatório o ensino da cultura africana, afro-brasileira e indígenas na educação básica, os órgãos oficiais não oferece subsídios suficientes para a preparação específica sobre o assunto. Os livros distribuídos pelo governo, como foi explanado, não contemplam a temática com profundidade.

Outro ponto identificado é que apesar do conhecimento dos professores da instituição acerca das limitações dos livros didáticos, a realidade identificada mostra que a escola reproduz as discriminações e preconceitos da sociedade nas suas relações sociais, uma vez que a maioria dos educadores (o que inclui o professor de sociologia) não ter usufruído conhecimento em suas formações iniciais, questões relacionadas à África, nem a trajetória dos africanos e indígenas no Brasil, o que impossibilita trabalhar com temática de forma coerente, sem associar o tema ao folclore como ocorre na maioria das vezes.

Por outro lado, foi identificado a existência do reconhecimento das desigualdades sociais e o desejo de transformá-las por grande parte dos educadores da escola, o que é um ponto positivo para futuras mudanças. Uma boa sugestão para que seja possível abordar os temas da cultura africana seria se o professor de Sociologia na escola considerar em seu planejamento que levar muita teoria para a sala de aula e encher o quadro de conceitos, tende a afastar os estudantes da disciplina e até mesmo criar entre eles uma antipatia com os temas sociológicos.

Portanto, para expor teorias, conceitos e temas das religiões de matriz africana seria propor o uso de imagens fotográficas como ponto de partida em direção a um processo de ensino-aprendizagem significativo, uma vez que a fotografia mantém uma relação metafórica com a linguagem e com os textos. De acordo com os estudos de Ana Carolina Lima Santos (2009, p.118), “a fotografia funciona mediante a constituição e o reconhecimento de formas relacionais que permitem estabelecer proporções, correspondências e equivalências com aquelas oferecidas na percepção direta da realidade”. Portanto, o uso de imagens possivelmente contribuiria para a compreensão do tema. É preciso superar a visão

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



eurocêntrica e promover a abertura a novos conhecimentos para que se possa avançar na eliminação do racismo e da hierarquia dos saberes.

Enfim, o objetivo do presente estudo não é fazer dura crítica às práticas pedagógicas adotadas pelos professores da instituição, mas sim trazer uma reflexão acerca de uma educação democrática. Desse modo, para a promoção do rompimento da perspectiva eurocêntrica de saberes que limita o reconhecimento da cultura africana, afro-brasileira e indígena no espaço de saber que constitui a escola, seria proveitoso trabalhar em sala de aula temas que fazem parte da realidade dos alunos, uma vez que podem trazer muitas reflexões, tendo em vista que são temas que fazem parte do cotidiano dos educados da escola pesquisada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena*. Parecer CNE/CP 009/2001. Brasília, DF, maio de 2001.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Básica 2019: Resumo Técnico*. Brasília, 2020.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Ciências humanas e suas tecnologias*. In: *Orientações curriculares para o ensino médio*. Brasília, DF: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, 1996*. Brasília: 1996.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc. Tradução de Viviane Ribeiro. 1999.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



DIAS, Thiago da Conceição. Educação das relações étnico-raciais: reflexões acerca da construção discursiva e imagética da cultura africana e afro-brasileira no livro didático de Sociologia. Monografia do Curso de Ciências Humanas-Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2021.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. 2. ed. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FERREIRA, Ricardo; CAMARGO, Amilton. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. Revista Psicologia: Ciência e Profissão, Maranhão, v. 31, n. 2, p.374-389, 2011.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: EDUFMG, 2011.

HIGINO, Mônica Estela Neves. As relações da criança candomblecista no espaço social da escola. Monografia da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2001.

RODRIGUES, Raimundo Nina. Sobrevivências religiosas religião, mitologia e culto. Os africanos no Brasil. p.240, Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SANTOS, Ana Carolina Lima. Realidade e representação: o discurso visual no fotojornalismo. Mediação. Belo Horizonte, v 9, nº 9, julho-dezembro de 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 1º edição, São Paulo, editora Cortez, 2013.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## REPRODUÇÃO E RESISTÊNCIA DAS DESIGUALDADES SOCIAIS NO ESPAÇO ESCOLAR

Edinéia Silva Alves

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS/UFMA)

E-mail: edineia.silva@discente.ufma.br

**RESUMO:** O presente estudo apresenta resultados de uma investigação acerca do espaço escolar enquanto um lugar de reprodução e resistências das desigualdades sociais. Com objetivo de analisar como as relações estabelecidas entre escola, comunidade, alunos e família dos educandos contribuem na superação das desigualdades sociais. Os sujeitos participantes dessa investigação foram (40) quarenta estudantes do 9º ano do ensino fundamental maior de uma escola pública localizada na zona rural do município de São Bernardo-MA. O percurso metodológico adotado para a coleta de dados consistiu na aplicação de questionários com questões abertas, direcionados para a captação de informações que auxiliassem na construção da análise da temática. A análise tornou visível as disparidades sociais existentes no ambiente escolar, evidenciando a necessidade de promover atividades que priorizem o diálogo entre os alunos, pais e a comunidade. Pois, o processo de ensino-aprendizagem dever ser desenvolvido coletivamente, na prática diária, através da apreensão dos conteúdos curriculares e na vivência com os sujeitos. Para que, seja construído um espaço voltado para a formação do cidadão crítico, reflexivo, que possibilite a superação das desigualdades sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço Escolar. Lugar de Reprodução. Resistências das Desigualdades.

### REPRODUCTION AND RESISTANCE OF SOCIAL INEQUALITIES IN THE SCHOOL SPACE ABSTRACT

**ABSTRACT:** This study presents results of an investigation about the school space as a place of reproduction and resistance of social inequalities. In order to analyze how the relationships established between school, community, students and students' families contribute to overcoming social inequalities. The subjects participating in this investigation were (40) forty students from the 9th year of higher elementary education in a public school located in the rural area of the city of São Bernardo-MA. The methodological approach adopted for data collection consists in the application of questionnaires with open questions, aimed at capturing information that would help in the construction of the thematic analysis. The analysis made visible the social disparities existing in the school environment, highlighting the need to promote activities that prioritize dialogue between students,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



parents and the community. Because, the teaching-learning process must be developed collectively, in daily practice, through the apprehension of the curricular contents and in the experience with the subjects. So that a space aimed at the formation of critical, reflective citizens is built, which makes it possible to overcome social inequalities.

**KEYWORDS:** School Space. Place of Reproduction. Resistance of Inequalities.

## INTRODUÇÃO

Desigualdades, reprodução social e resistências tem sido assuntos bastantes debatidos dentro do contexto educacional, por diferentes perspectivas epistemológicas e metodológicas. As pesquisas sobre tais temáticas cresceram muito nos últimos anos, isso em decorrência da demanda em compreender os efeitos que os aspectos culturais, econômicos e sociais estruturantes da sociedade tem sobre a educação, assim, os diversos estudos educacionais apresentam pensamentos diferenciados, porém, todos buscam compreender a educação e sua função social.

Presumia-se que por meio do acesso ao ensino público e gratuito o problema do acesso à educação, a igualdade de oportunidades e das desigualdades sociais entre todos os cidadãos seria resolvido (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). Visto que, os indivíduos competiriam em condições iguais dentro do sistema educacional, sendo que, aqueles que se destacassem por seus dons individuais, conseguiriam avançar em suas carreiras escolares e, em seguida, tomar posições superiores na hierarquia social. Todavia, no decorrer dos tempos, estudos apontaram que o corpo escolar desconhece as disparidades socioculturais que agem como fatores estruturantes do perfil do alunado, sendo de fato, um aparelho legitimador do processo de inculturação da cultura e dos valores da classe dominante.

Desse modo, compreender o espaço escolar enquanto um lugar de reprodução e resistências das desigualdades sociais é perceber o mesmo como um ambiente de disputas que são orientadas pelo grau de intensidade das relações estabelecidas entre escola, comunidade, alunos e família dos educandos, já que estas podem contribuir na superação das desigualdades sociais.

Com base nisso, o objetivo deste artigo é analisar como as relações estabelecidas entre escola, comunidade, alunos e família dos educandos contribuem na superação das desigualdades sociais vivenciadas por estudantes de uma escola da zona rural em São Bernardo-MA. Especialmente, com os alunos e pais/responsáveis, beneficiados pelo programa de transferência de renda, o Bolsa Família, e, compreender as relações estabelecidas entre escola e o território onde a mesma se encontra instalada.

No caso do estudo em foco, por se tratar de uma investigação acerca de aspectos simbólicos do contexto educacional, optou-se pelo emprego de métodos qualitativos (GIL, 2011). Assim, o percurso

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



metodológico adotado para a coleta de dados consiste na observação participante e na aplicação de questionários com questões abertas e fechadas, direcionados para a captação de informações que auxiliassem na análise as relações estabelecidas entre escola, comunidade, alunos e família.

## REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS NO ESPAÇO ESCOLAR

Mesmo que o sistema educacional tenha se tornado acessível à grande parcela da população, isso não garante a superação das situações de desigualdades vivenciadas pelo indivíduo, visto que, estes acontecem através da apreensão das predisposições existentes no espaço social do indivíduo. Sendo o ambiente familiar, o primeiro lugar onde se iniciar o processo de assimilação do capital cultural pela criança.

Com base nos estudos de Bourdieu (2013) é possível traçar uma análise aprofundada acerca do campo escolar e das relações sociais de desigualdades que se perpetuam nesse espaço. A reprodução das desigualdades no ambiente escolar, constitui-se por meio do sistema de dominação vigente nestas instituições que se estrutura na função ideológica, política e legitimadora de uma ordem arbitrária.

Bourdieu (2013, p.41) diz que:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade as desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.

Segundo Bourdieu (2013), o sistema de ensino funciona como um instrumento de reprodução das desigualdades sociais, que ratifica a legitimidade da herança cultural e o dom social. Desse modo, seria ingênuo caracterizar a escola enquanto um espaço que possibilita a ascensão social do indivíduo na hierarquia social, visto que, a mesma, ignora as diferenças socioculturais trazidas pelos estudantes, selecionando e privilegiando em sua teoria e prática, as manifestações e os valores culturais das classes dominantes. Com essa atitude, “a escola favorece aquelas crianças e jovens que já dominam este aparato cultural” (STIVAL: FORTUNATO, 2013, p.12003). Já que, a escola, para este indivíduo, é tida como uma continuação das estratégias desenvolvidas pela família e da sua prática social, enquanto os filhos das classes trabalhadoras precisam interiorizar a percepção de mundo dominante (Idem, 2013).

Deste modo, é através de uma violência simbólica (que) as relações de dominação do sistema educacional conseguem reproduzir a estrutura de classes, repetindo de maneira distinta a ideologia da classe dominante. Bourdieu (2007) pondera que o processo educativo enquanto uma ação coercitiva,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





que define a ação pedagógica como um ato de violência e força. Neste ato são impostos aos educandos “sistemas de pensamento diferenciais que criam nos mesmos hábitos distinções, ou seja, predisposições para agirem segundo um certo código de normas e valores que os caracteriza como pertencentes a um certo grupo ou uma classe” (STIVAL: FORTUNATO, 2013, p.12005).

Sobre isso, acrescenta-se que:

[...] o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força (BOURDIEU, 2013, p.311).

Deste modo, a escola tem colocação de importância dentro do processo de legitimação da “ordem social”. Pode-se afirmar que a função de reprodução da escola é uma invariante das sociedades modernas, que necessitam descobrir nos veredictos escolares, sancionando as aptidões e o mérito das pessoas, a justificativa das hierarquias sociais brotadas pelas desigualdades escolares. Por conseguinte, “a reprodução passaria, primeiro, pela transformação das desigualdades sociais, em desigualdades escolares de mesma extensão e, depois, das desigualdades escolares em desigualdades sociais, em um circuito idêntico de repetição” (DUBET; DURU-BELLAT; VÉRÉTOUT, 2012, p.24).

Seabra (2009, p.77) adverte que “proporcionar igualdade de oportunidades não era suficiente, nem desejável, dar “tudo igual a todos”, e que esta política tinha como efeito perverso potencializar a desigualdade de oportunidades”. Visto que, a promoção de um sistema de ensino público e gratuito ainda não garante as condições necessárias de acesso, frequência e desempenho escolar, pois não consegue abarcar as necessidades e especificidades apresentadas pelos estudantes no neste contexto.

Ainda conforme Seabra (2009, p.79) aos estudantes “provenientes dos meios sociais mais desfavorecidos (que, só nas últimas décadas tiveram acesso à oferta proporcionada pelo sistema de ensino) a escola conquista-se e “perde-se””. Visto que, quando este encontra-se nela, tais estudantes são relegados para os espaços mais indesejáveis, para as fileiras com menor prestígio e, conseqüentemente, para os diplomas de menor valor econômico e simbólico. Distanciando-se assim, daqueles alunos que, oriundos das categorias sociais mais privilegiadas, armados com maior capital cultural e social, alcançam melhor proveito escolar, cursam estudos mais longos e mais prestigiosos (SATO, 2012).

Deste modo, o espaço escolar assume uma função de reproduzidor das desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que, fornece os dispositivos necessários a manutenção da ideologia dominante. Os estudos sociológicos apontam que a origem social do indivíduo exerce toda sua força na sua trajetória escolar e, por mais que continuemos confiando nas possibilidades de mobilidade social pelo acesso à educação em instituições para esse fim, esses espaços colaboram mais intensamente para a preservação do que para uma ascensão dos grupos menos beneficiados econômica e culturalmente (SATO, 2010).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## EDUCAÇÃO PARA RESISTÊNCIA DAS DESIGUALDADES SOCIAIS

Mesmo sendo condicionada, em muito, por uma ideologia dominante, a educação pode descobrir lacunas para, por meio de práticas educacionais de cunho emancipatório e problematizador da realidade vigente, agir em concordância aos interesses da classe trabalhadora (ROSA; SILVA, 2017). Todavia, é pertinente ressaltar que se caracteriza em uma ação simplória colocar educação, enquanto única responsável pela transformação social. Entretanto, vale ressaltar que, se de modo geral a educação padece dos impactos gerados pela severa lógica do capital, cada vez mais dominante, é preciso “compreender a educação sempre como uma “forma de intervenção no mundo” que “implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento” (FREIRE, 2013, p. 96). A escola também um espaço que possui seus próprios códigos que, por vezes, se distinguem das práticas sociais dos estudantes. A mesma pode desenvolver uma função emancipatória, construindo no educando um pensamento reflexivo e crítico sobre os mecanismos que estruturam sua realidade social.

Marx (2013) encontra na educação a possibilidade tanto de alienação, quanto de emancipação do indivíduo, para ele “[...] não existe educação em geral. Conforme o conteúdo de classe ao qual estiver exposta, ela pode ser uma educação para a alienação ou uma educação para a emancipação” (RODRIGUES, p.42, 2001). Todavia, a educação só poderia romper com o viés alienante e reprodutor quando “desmascarar a ideologia dominante e desenvolver “consciência de classe” (tornar-se uma “classe-para-si”, e não mais apenas uma “classe-em-si”)” (BARROS, 2011, p.241).

Assim, partindo do princípio de que a escola não se restringe somente a um instrumento de reprodução, mas a um dispositivo de emancipação social para a superação das desigualdades. Faz-se necessário compreender os mecanismos que são acionados e condicionados dentro do processo educativo que possibilitam o alcance de melhor rendimento escolar que pode ser transformado em melhor posição na hierarquia social. Nesse sentido, cabe ressaltar que, o sucesso educacional e social por meio da educação não está restrito apenas aos esforços realizados dentro do campo escolar, mas também, aos investimentos familiares, visto que, nas práticas sociais dos muitos coletivos, “ocorrem processos (de) formativos com a produção de diferentes saberes em diferentes dimensões” (CAMPOS; SILVA; VALPASSOS, 2019, p.7).

Diante disso, o presente estudo foi desenvolvido na instituição de ensino participante da pesquisa foi a Escola Municipal Oswaldo Pereira Nunes, encontra-se localizada na zona rural do município de São Bernardo-MA, desenvolvendo atividades de ensino nos Anos Iniciais e Finais do ensino fundamental e na EJA. Seu funcionamento ocorre nos turnos matutino, vespertino e noturno. Matutino e vespertino com 6º ao 9º ano regular, sendo a manhã para o 6º e 7º ano e a tarde para o 8º e 9º ano, e, no noturno, funciona com Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJA. O território da escola localiza-se em de um espaço rural, os ambientes destinados ao lazer e promoção da cultura,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



se resumem aos campos de futebol e ambiência da escola. Sobre os serviços públicos fornecidos, há um posto de saúde que se localiza próximo da escola, o mesmo atende a população do povoado e os demais vizinhos.

Os estudantes que frequentam essa escola são tanto moradores do povoado, como de povoados vizinhos, por isso, a distância varia de acordo com cada aluno. Os moradores de povoados vizinhos se locomovem até a escola com o uso do ônibus escolar, sendo que alguns alunos do povoado também fazem uso desse transporte, por não morarem tão próximo da escola.

Sobre a profissão e ocupação dos pais/responsáveis pelos alunos, vê-se que dentre os homens, a lavoura está em primeiro lugar dentre os locais de serviço dos pais dos entrevistados, sendo exercida em sua maioria pelos homens que pelas mulheres. Percebe-se que as profissões que são exercidas pelos pais possivelmente ajustam-se ao grau de escolaridade dos mesmos, pois a maioria apresenta ocupação em serviços que não exigem um nível de escolaridade elevado e que possibilitam uma maior autonomia na realização das funções concernentes ao mesmo. Somente duas das profissões em destaque, evidenciam uma necessidade de escolaridade, como é o caso do Contador de Obra e Agente de Saúde. O restante exerce profissões como: comerciantes, barbeiro, dono de bar, derrubador de palha, pedreiro, carpinteiro, mecânico, carroceiro e açougueiro, profissões não especializadas, que conseqüentemente não exigem escolaridade média para serem realizadas.

Já, entre as mulheres a função exercida em maior grau é a de dona de casa. Desse modo, em muitos casos o homem é o principal provedor do sustento da família. Apenas, 11/40 mulheres possuem uma renda e contribuem com o marido nas despesas de casa. Nota-se também, que dentre esses (40) quarenta perfis, apenas duas mulheres exercem uma função que necessita de um nível de escolaridade mais elevada: à docência.

Com base nos dados, vê-se que o programa de transferência de renda Bolsa Família não somente enquanto uma política governamental de superação de pobreza, a mesma atua como um dispositivo mobilizador que possibilita o acesso e permanência das camadas sociais desfavorecidas no ambiente escolar (CAMPOS; SILVA; VALPASSOS, 2019). Assim, conforme os sujeitos pesquisados, estes encaram a escola como uma instituição de mobilidade social, que assume “a função intermediadora entre a realidade vivida pelos indivíduos e as necessidades de aprendizado dos sujeitos” que adentram tal espaço educacional.

Para Marx (2013) a possibilidade de superação das desigualdades sociais estaria na emancipação humana, mediada pelo ato de revolucionamento da sociedade (PAIXÃO, 2015, p.65). Dessa forma, as ações educativas devem se realizar a partir da realidade dos sujeitos com os quais se está trabalhando e são estes sujeitos (políticos) que se constituem como protagonistas da transformação. Nisso reside a vinculação da educação popular com as organizações e mobilizações sociais (ROSA; SILVA, 2017).

Outro ponto que merece destaque nessa análise é o impulsionamento da participação familiar

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



na educação dos filhos gerado pelo Bolsa Família. Assim, cada vez mais as famílias estão tomando partido no processo educacional dos filhos. Nogueira (2021) afirma que “em todos os meios sociais, o investimento em educação aumenta, embora de modo e em graus distintos e, também, com efeitos desiguais.” Desse modo, independente do nicho social do indivíduo, as famílias traçam suas estratégias que possibilitam aos seus filhos bons resultados com relação ao futuro escolar, profissional e social, onde os mesmos são influenciados pelas disposições sociais do grupo familiar ao qual pertencem.

No caso dos agentes em foco, vê-se que existe uma forte relação entre o aumento na renda monetária, autonomia individual e construção de estratégias escolares. Acredita-se que o BF possibilita uma aproximação da família na escola, possibilitando em parceria com os pais/responsáveis e demais integrantes da comunidade a construção de estratégias educacionais que considerem as especificidades dos sujeitos escolares, proporcionando assim, um acesso igualitário aos instrumentos mínimos para o exercício da cidadania e autonomia individual (REGO; PINZANI, 2013).

De acordo com Rabelo Apud Palazzo; Machado (2013, p. 9452), “[...] os estratos mais desfavorecidos da população ainda veem na educação uma forma de ascensão social”. Assim, urge salientar que, independentemente do nicho social a qual pertence o indivíduo, isso não anula suas expectativas numa vida melhor, pelo contrário, as estratégias familiares são estruturadas com base nessa esperança subjetiva<sup>1</sup> que é moldada a partir das relações sociais objetivas de cada família. Dessa forma, ao seu modo e suas condições, as famílias assumem um papel de comprometimento com o processo educacional do filho. Ou seja, “[...] a escola constituiria cada vez menos em um locus de inculcação da legitimidade cultural” (NOGUEIRA, 2021, p. 7). Tornando-se um espaço voltado à construção de uma autonomia e emancipação do sujeito social que mitigue e supere as desigualdades sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo realizou uma reflexão em torno do espaço escolar enquanto um lugar de reprodução e resistências das desigualdades sociais. Analisou como as relações estabelecidas entre escola, comunidade, alunos e família dos educandos contribuem na superação das desigualdades sociais, e como tais, atuam como dispositivo de superação das desigualdades sociais dentro dos sistemas de ensinos.

Portanto, o estudo permitiu observar que a escola assume um caráter dual, a mesma não se restringe somente a um instrumento de reprodução, mas a um dispositivo de emancipação social para a superação das desigualdades. Pois, mesmo sendo condicionada por uma ideologia da classe

<sup>1</sup> O conceito de esperança subjetiva é “[...] concebido como o produto da interiorização das condições objetivas que se operam segundo um processo comandado por todo o sistema das relações objetivas nas quais ela se efetua [...]” (BOURDIEU, 2013, p.191).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



dominante, ainda assim, a educação pode encontrar espaços para o desenvolvimento de práticas educacionais de cunho emancipatório, que impulsionem o educando a refletir acerca da sua realidade social vigente, para que assim, o mesmo consiga operar em concordância aos seus interesses de classe.

## REFERÊNCIA

BARROS, José D'Assunção. O conceito de alienação no jovem Marx. *Tempo Social*, 2011. 23(1), 223–245. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702011000100011> Acesso em: 20/08/2021.

BRASIL, ABA (Associação Brasileira de Antropologia). Código de Ética do Antropólogo e da Antropologia. Brasília / DF: UnB, 2012.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. Escritos de Educação. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores) 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DUBET, François. DURU-BELLAT, Marie. VÉRÉTOUT, Antoine. As desigualdades escolares antes e depois da escola: organização escolar e influência dos diplomas. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 14, no 29, jan./abr. 2012, p. 22-70.

CAMPOS, D.; SILVA, I. M.; VALPASSOS, C. F. F. A escola como tempo/espaço de resistência e superação das desigualdades: a relação com os territórios. *Inter-Ação*, Goiânia, v.44, n.1, p. 1-15, jan./abr. 2019.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, Antonio Carlos. *Método e Técnicas de Pesquisa Social*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





MARX, K. O Capital: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.

NOGUEIRA, Cláudio Marque Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação em Pierre Bourdieu: limites e contribuições. Educação & Sociedade. São Paulo, n. 78, 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice. O capital cultural e a produção das desigualdades escolares contemporâneas. Cad. Pesqui., São Paulo, v.51, e07468, 2021.

PALAZZO, Janete. MACHADO, Michelle Jordão. Desvantagens socioculturais dos futuros Educadores: que significados? XI Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, Curitiba, 23 à 26/09/2013.

PAIXÃO, Bruno Gonçalves da. Os fundamentos das desigualdades sociais: propriedade privada entre Rousseau e Marx. Intuitio, Porto Alegre Vol.8 – Nº.2 dezembro p.56-65, 2015.

REGO, Walquiria Domingues Leão. PINZANI, Alessandro. Liberdade, Dinheiro e Autonomia: o caso da Bolsa Família. Revista de Ciências Sociais, 38, Abril de 2013, pp. 21-42.

RODRIGUES, Alberto Tosi. Sociedade, educação e emancipação. In: Sociologia da educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 35 - 57

RODRIGUES, Alberto Tosi. Sociologia da educação. 6ª edição, Rio de Janeiro, Ed. Lamparina, 2001.

ROSA, Geraldo Antônio. SILVA, Daniela Quadros da. Educação popular na América Latina e questão social: da desigualdade à resistência Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 42, núm. 2, 2017, maio-agosto, pp. 319-332.

SATO, Silvana Rodrigues de Souza. O papel da herança familiar na seleção escolar: o caso do concurso vestibular da universidade federal de santa Catarina do ano de 2010. IX-ANPED-SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em: [http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Psicologia\\_da\\_Educacao/Trabalho/06\\_41\\_08\\_1868-7354-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Psicologia_da_Educacao/Trabalho/06_41_08_1868-7354-1-PB.pdf) Acesso em: 23/08/2021.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





SEABRA, Teresa. Desigualdades escolares e desigualdades sociais. Sociologia, problemas e práticas, n.º 59, 2009, pp. 75-106.

STIVAL, Maria Cristina Elias Esper. FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. Dominação e reprodução na escola: visão de Pierre Bourdieu. EDUCERE, Curitiba, 2013.

Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/676\\_924.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/676_924.pdf) Acesso em: 25/08/2021.

**REALIZAÇÃO:**



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

**FINANCIAMENTO:**



**APOIO:**



## UM JOGO MARCADO: A RELAÇÃO ENTRE A IMPRENSA E O PODER EM TERESINA (1971-1975)

Carlos Alberto de Melo Silva Mota  
Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí  
carlosalbertomota12@hotmail.com

**RESUMO:** Ao percorrer as sendas históricas do Brasil, na década de 1970, podemos observar rastros espessos do projeto político dos militares. Visualizamos que os generais buscavam manter sua posição no comando federal. Para isso, utilizaram recursos como atos institucionais, limitações aos outros Poderes e projetos políticos. Dentre esses projetos, observamos um alinhamento em torno do discurso de integração nacional, onde estados outrora vistos como marginalizados — como o Piauí — foram impulsionados ao crescimento, por meio de governos que valorizavam a construção civil como ferramenta para inserção no “milagre brasileiro” econômico. Constata-se então um discurso híbrido, cuja imprensa figura como a principal porta voz dos feitos da ditadura. Este artigo é fruto de uma pesquisa empírica a partir de documentos oficiais e de matérias jornalísticas, que são analisados a partir da interlocução com os estudos de Robert Darnton, Anne-Marie Smith, Beatriz Kushnir, Carlos Fico e Cláudia Fontineles.

**PALAVRAS CHAVE:** História. Política. Imprensa.

## A BRANDED GAME: THE RELATIONSHIP BETWEEN THE PRESS AND POWER IN TERESINA (1971-1975)

**ABSTRACT:** Crossing the historical paths of Brazil, in the 1970s, we can observe dense traces of the political project of the military. We visualize that the generals tried to maintain their position in the federal command. For this, as human resources, limitations to the others Powers and political projects. Among these projects, there is an alignment around the discourse of national integration, where formerly seen as marginalized states - such as Piauí - were driven to growth, by governments that valued civil construction as a tool for insertion into the economic “Brazilian miracle”. We can see a hybrid discourse, whose press appears as the main spokesperson for the dictatorship’s achievements. This article is fruit of aempirical research based on official documents and journalistic articles, which are analyzed from the interlocution with the studies of Robert Darnton (2016), Anne-Marie Smith (2000), Beatriz Kushnir (2012), Carlos Fico (2008) and Cláudia Fontineles (2015).

**KEY WORDS:** History. Policy. Press

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





## INTRODUÇÃO

Ao entrarmos em contato com um texto é normal desejarmos extrair algum significado dele. Na busca por esse desejo muitas vezes nos concentramos na literalidade do discurso. Buscamos o significado da mensagem no significado das palavras usadas. Não podemos negar que esse caminho traz resultados. Todavia, se pensarmos com frieza, até mesmo a seleção das palavras pode carregar uma mensagem, o silêncio pode expressar outra mensagem, assim como uma única palavra pode levar múltiplos significado. As chaves de análise são plurais.

Nesse sentido, ao dirigirmos nossos olhos para os discursos políticos no transcurso do regime militar, buscamos situar essas narrativas tendo em vista as circunstâncias históricas e o local de onde essas falas emergiam. Observamos que, por exemplo, o uso da palavra “revolução” ou “contragolpe” para se referir ao movimento conspiracionista de 1964 é um recurso *estratégico*.

Empregamos o conceito de estratégia com base na leitura do historiador francês Michel Certeau, conforme sua análise isso consiste na possibilidade de um “lugar”, do qual um sujeito, dotado de poder e querer, pode gerenciar suas relações com o exterior. De forma mais clara, Certeau chama de “estratégia o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de poder (uma empresa, um exército, uma cidade) pode ser isolado” (CERTEAU, 1994, p. 45).

Esse local específico é entendido como um fundamento que permite uma posição privilegiada na relação com os demais, com a exterioridade, com aqueles que não estão inseridos no lugar. “Como na administração de empresas, toda racionalização ‘estratégica’ procura em primeiro lugar distinguir de um ‘ambiente’ ‘um próprio’, isto é, lugar do poder e do querer próprios”. Nesse sentido, o discurso que acompanha o poder e colabora para manutenção desse lugar isolado é entendido como estratégico, pois “permite capitalizar vantagens conquistadas” (CERTEAU, 1994, p. 94).

Situamos os sujeitos, alinhados a esse local de fala estratégico, como apoiadores primeiramente do golpe e posteriormente do regime militar. Salientamos que a edificação do golpe foi circunstanciada pela construção de um “discurso de verdade” assimilado e espalhado por diversos núcleos civis da sociedade.

Michel Foucault afirma que numa sociedade como a nossa existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso (FOUCAULT, 1979, p. 179).

Para Foucault, seria determinista a análise onde o poder se concentra numa camada superior e é deduzido para outras camadas inferiores, como se fosse o núcleo de um átomo. O historiador considera que essa análise é sempre possível, mas é sempre fácil. Foucault exemplifica o teor da sua objeção a partir da dominação de classe burguesa.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Creio que é possível deduzir qualquer coisa do fenômeno geral da dominação da classe burguesa. O que faço é o inverso: examinar historicamente, partindo de baixo, a maneira como mecanismos de controle puderam funcionar; [...] mostra quais foram seus agentes, sem procurá-los na burguesia em geral e sim nos agentes reais (que podem ser a família, a vizinhança, os pais, os médicos, etc.) e como estes mecanismos de poder, em dado momento, em conjuntura precisa e por meio de um determinado número de transformações começaram a se tornar economicamente vantajosos e politicamente úteis (FOUCAULT, 1979, p. 179).

Essa inversão permite fugirmos duma análise determinista que encontraria nos militares todo o fundamento da conspiração de 1964. Endossamos a leitura do historiador Marcos Napolitano que costura elementos civis e militares para efetivação do golpe em 1964, por ele alcunhado “carnaval das direitas”.

As ruas do centro de São Paulo ficaram tomadas por uma grande multidão, calculada em 500 mil pessoas, que empunhavam cartazes anticomunistas e contra o governo e sua agenda reformista. Patroas de cabelo laquê e empregadas domésticas não muito confortáveis estavam lado a lado, contra o fantasma do comunismo. Religiosas, políticos, lideranças de classe também estavam presentes à passeata. Organizada pela União Cívica Feminina, uma das tantas entidades femininas conservadoras e anticomunistas que existiam no Brasil da época e que passaram a ser ativistas exaltadas contra a esquerda, a marcha teve apoio de mais de 100 entidades civis (NAPOLITANO, 2014, p. 56).

A presença massiva de pessoas nas ruas deu ânimo aos grupos conspiracionistas que se opunham ao governo de João Goulart. Napolitano afirma que não era mais preciso sussurrar nos palácios, pois agora as ruas também entoavam o mesmo discurso; por conseguinte, a ação contra o governo estaria legitimada, em nome do “povo”, materializado em praça pública (NAPOLITANO, 2014, p. 56).

Não retiramos os militares do centro da narrativa golpista, todavia afirmamos que a participação civil ajustou uma economia dos discursos que deu confiança aos conspiradores. Os militares se negavam a definir seu movimento como uma traição, se mantinham fiéis à narrativa de um contragolpe ou uma revolução que salvou o Brasil de um governo comunista.

Otávio Costa <sup>1</sup>, assim como toda nata dos militares de primeiro escalão do governo, enfatizava que articulação do golpe teve base no discurso anticomunista. Destacamos aqui sua narrativa pois Otávio teve papel primordial no comando da Assessoria Especial de Relações Públicas - AERP, órgão que sob sua gestão se tornou simbólico por narrativas como o “milagre econômico”.

1 Otávio formou-se pela Escola Militar de Realengo em 1942, ocupando variados cargos na hierarquia do Exército desde então. Dentre sua longa trajetória destacamos o comando do Centro de Estudos de Pessoal do Exército, a chefia da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) da Presidência da República e a subchefia do Departamento de Ensino e Pesquisa do Exército. Saindo deste último para a reserva em 1982.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Basicamente, a Revolução se fundamentava no anticomunismo exacerbado, que vinha de 1935. Partia-se da convicção de que estava em marcha uma tentativa de socialização e que o agente dessa socialização era o presidente Goulart. Considerava-se que as grandes ameaças estavam nas Ligas Camponesas, nos grupos dos onze, no projeto da república sindicalista atribuído ao Goulart e, por tudo isso, Goulart e Brizola eram os grandes inimigos a combater (COSTA apud D'ARAÚJO, 2014, p. 1751).

O historiador Daniel Samways aponta que a busca incessante pela eliminação do suposto perigo comunista criou uma paranoia. O medo e a aversão aos seguidores da ideologia fizeram com que serviços de informação vissem seu alçó em praticamente toda sociedade, que devia ser vigiada e espiada em nome da ordem e segurança nacional. Samways faz referência a uma palestra proferida em 1970 na Escola Superior de Guerra - ESG, cujo o título era *Espionagem nas informações*, onde o palestrante apontava uma nova arma que deveria ser incorporada ao sistema de segurança: a telepatia. O apontamento desse recurso pode parecer estranho nos dias atuais, assim como talvez o fosse no período supracitado; contudo, os tempos de Guerra Fria ficaram marcados por uma aproximação entre o real e o imaginário, dando sentido a busca de monstros a serem eliminados com as armas cada vez mais poderosas (SAMWAYS, 2014, p. 45).

## OLHOS VOLTADOS PARA O AMANHÃ: UMA ESTRATÉGIA DISCURSIVA

Dentro dessa trama os militares atribuíam a si o papel de salvadores e protetores da nação. Num discurso quase religioso tornava-se latente o desejo de ocupar essa posição no imaginário brasileiro. Essa retórica ganhou contornos bem espessos com o presidente Emílio Garrastazu Médici, em seu discurso de posse o orador adotou tal narrativa, num discurso tipificado como “messiânico”:

E, homem de fé, creio nas bênçãos de Deus aos que não têm outros propósitos que não sejam os do trabalho da vida inteira, os da justiça e os da compreensão entre os homens. E creio nos milagres que os homens fazem com as próprias mãos! E nos milagres da vontade coletiva. Creio na humanização da vida dos severinos do campo. E na solidariedade da família brasileira. Creio na alma generosa da mocidade. Creio na minha terra e no meu povo. Creio na sustentação que me haverão de dar os soldados como eu. Creio no apressamento do futuro. E creio em que, passados os dias difíceis dos anos 60, amanhecerá na década de 70, a nossa hora. E creio na missão de humanidade, de bondade e de amor que Deus confiou à minha gente. E, por que o creio, e por que o sinto, no arrepio de minha sensibilidade, é que, neste momento, sou oferta e aceitação. E aceito, neste símbolo do Governo da República, a carga imensa de angústias, de preocupações, de vigílias – a missão histórica que me foi dada. E a ela me dou, por inteiro, em verdade e confiança, em coragem, humildade e união. E a ela me dou, com a esperança acesa no coração, que o vento de minha terra e de minha infância, que nunca me mentiu no seu augúrio, está dizendo que Deus não me faltará, está me trazendo o cheiro de minha terra e de minha gente. E, com a ajuda de Deus e dos homens, haverei de pôr na mão do povo tudo aquilo em que mais creio (MÉDICI apud BONFIM, 2004, p 292).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



O trecho citado remete ao último tópico do discurso de Médici, onde as menções à religiosidade se tornam mais diretas, todavia todo o texto é transpassado por esses valores, personificando na sua figura um ideal superior, quase onipotente e onipresente: homem do campo; homem da fronteira; homem da família; homem do povo; homem da caserna; homem de minha terra; homem de meu tempo; homem da Revolução; homem da lei e do regulamento; e, por fim, homem de fé (MÉDICI apud BONFIM, 2004, p. 292).

Conforme o historiador Carlos Fico a redação desse discurso ficou a cargo do coronel Octávio Costa, na ocasião convidado para chefiar a AERP. “O discurso teve grande repercussão e provavelmente ajudou a marcar o destino de Octávio no que se refere às dificuldades que tinha para atuar no Palácio do Planalto”. Fico argumenta que, até a ocasião, o coronel era tido como “um sonhador, utópico, pretendente a poeta”, ascendendo substancialmente para coordenação “do mais significativo sistema de propaganda política que já houve no Brasil” (FICO, 1997, p. 76).

Essa forma de linguagem se tornaria o esquema geral no qual os líderes locais deveriam buscar as referências para balizar suas falas. Alberto Tavares Silva, ao tomar posse como governador do Piauí em 1971, foi direto em suas referências: “Aqui estou com minha equipe de chapéu de couro, como denominou o poeta e escritor Cel. Otávio Costa, assessor especial da Presidência da República, para iniciar o cumprimento de minha missão” (NOVO ..., 1971, p. 1).

O discurso adotado pelos líderes executivos servia como referência para as empresas jornalísticas, em grande medida alinhadas ao governo. O historiador Paolo Marconi faz referência a um depoimento de Pompeu Souza para apontar como as decisões da imprensa eram atravessadas por essas pressões econômicas e políticas: “o jornalista, o repórter, pode até ter o espírito público, espírito cívico, mas o empresário, por mais espírito cívico que tenha, tem primeiro seu capital, seu patrimônio para preservar” (SOUZA apud MARCONI, 1980, p. 52). O jornalista Pompeu Souza observa essas condições como uma forma de precarização da imprensa, onde até mesmo as maiores empresas estavam presas:

O governo sempre usa o seguinte recurso: ameaçar ou favorecer. É uma faca de dois gumes utilizada pelos dois lados. De um lado está o favorecimento, o pequeno favorecimento – não o favorecimento que gera a independência completa —, aquele que tira a corda do pescoço do cidadão e coloca na altura da orelha. Do outro, está a ameaça pura e simples. Exemplo: facilitar a importação de um equipamento gráfico ou impedir sua importação, ou então favorecer ou impedir o crédito para o capital de giro. Na verdade, o poder político aliado ao poder econômico que o sistema dá ao arbítrio é irresistível. Esse é um poder absoluto e nós sabemos perfeitamente que todas as empresas jornalísticas brasileiras estão submetidas a esse regime. Todas (SOUZA apud MARCONI, 1980, p. 52).

A historiadora Beatriz Kushnir problematiza uma memória historiográfica hegemônica que narra jornalistas como meras vítimas da censura durante o governo dos militares. A historiadora

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



não nega a existência de trabalhadores da imprensa perseguidos pela violência do regime, todavia centraliza sua análise entre aqueles que optaram por alinhar-se ao discurso do poder, por quaisquer que fossem os motivos (medo, comodidade, simpatia).

Permanecer no palco das decisões era mais importante que a busca e a publicação da verdade. Por isso esses jornalistas colaboracionistas são aqui vistos como cães de guarda. À soleira, montaram a guarda e fizeram autocensura no governo Médici, e mesmo antes dele, colaborando para construir e difundir uma imagem irreal, inverídica do país. E seguiram o fluxo quando o tabuleiro do poder mudou a disposição das peças (KUSHNIR, 2012, p. 52).

Essa imagem desproporcional do país invadiu as páginas de empresas jornalísticas em todo o país, dentre elas os jornais Estado do Piauí, O Dia e O Estado, situados na capital do Piauí. Os jornais colaboraram para difundir uma narrativa harmoniosa do estado e da federação durante os anos de recrudescimento do regime militar. Suas pautas eram autocensuradas, os jornalistas fugiam de temas que levassem a sociedade a questionar o governo, optavam por pautas otimistas de um dito Piauí caminhando para o progresso.

Conforme Anne-Marie Smith, a autocensura é uma subcategoria da censura. Em sua leitura pontua que, nesse cenário, o jornalista sabe que existe algo a dizer, mas não diz. Não é o silêncio da ignorância ou falta de discernimento, e sim o da abstenção consciente. Os resultados, para o público, são semelhantes aos da censura em termos de manipulação do conhecimento e do entendimento, mas com frequência acrescenta-se o elemento de que o público sequer sabe que lhe está sendo negada a informação. Isso representa um nível mais alto de distorção ao qual ele está sendo submetido. Conforme a autora, o público é uma vítima evidente tanto na censura quanto na autocensura (SMITH, 2000, p. 138).

O jornal *Estado do Piauí* adotou como cerne da sua narrativa ideia de um renascimento do Piauí. Associava-se aos líderes políticos uma narrativa otimista, semelhante ao artifício utilizado no discurso de posse do presidente Garrastazu Médici, por vezes fazendo utilizando passagens religiosas.

Nestas condições é de se esperar que o governo que se instala em condições invejáveis sob o ponto de vista de independência, na escolha de seus secretários acabe mesmo com os favoritismos que nos dois passados governos (Petrônio e Helvídio) oficializaram o Estado. [...] O fato do ilustre Senhor Governador não ter composto todo o seu secretariado tem sido motivo de comentários e zum-zum-zum contra a atual administração. Mas achamos que sua excelência está certo, esperando que o seu Secretário de Finanças seja indicado por sua excelência o Senhor Ministro da Fazenda uma vez que o primeiro indicado desistiu. [...] Se o governador Alberto Silva tivesse a mentalidade dos governos oligárquicos, ele não hesitaria um só instante, já teria convidado os economistas, os juristas do grupo sindicalizado, que andam por aí farejando que só cão vira-lata (O GOVERNADOR... 1971, p. 1).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Observamos que até mesmo a atitude do governador em não escolher um nome para o secretariado de finanças é motivo de elogio e distinção, em relação aos antigos mandatários. Conforme essa narrativa, a decisão de Alberto seria um indicador de uma mentalidade diferente que permitiria o Piauí avançar, não perdendo de vista a comparação com os governos passados, cuja marca seria a corrupção e troca de favores: “foram roubos maiores do que as Sete Pragas do Egito. Repetimos, há esperança de maiores dias para o Piauí com governo que se inicia” (O GOVERNADOR... 1971, p. 1).

É interessante notarmos a narrativa religiosa entrando em pauta, ao ser invocada a ideia de “Pragas do Egito”, que aliás foram dez, conforme a narrativa bíblica. É curioso observarmos o alcance dessa analogia, tendo em vista que essas pragas são interpretadas como calamidades que antecederam a libertação do povo hebreu, até então escravizado pelo faraó egípcio; conforme a narrativa bíblica, após as pragas deu-se o êxodo dos filhos de Israel que se encontravam em situação de aflição, achando na fé a força motriz para cruzar o deserto com destino a terra santa. Nessa analogia, que pode parecer despreziosa dentro do texto, observamos a associação do governo de Alberto Silva a um período de redenção, onde o povo piauiense cruzaria seu deserto com destino ao lugar ideal, para tanto precisaria ter fé e fazer sacrifícios, pois só assim milagre aconteceria.

O jornal *O Estado*, por sua vez, preconizava em suas matérias o uso da “cidade como artefato”. Essas narrativas textuais e visuais apropriavam-se da cidade como simbologia de um projeto político. Nessas circunstâncias é importante observar a representação que passava-se dar à cidade de Teresina, entendida pelo governador como pretensão “cartão de visitas” do estado. Para elevação da capital ao status de centro irradiador do projeto em execução, articula-se um valioso investimento, tendo em vista a adequação visual de espaços públicos aos preceitos desejados.

O governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Teresina firmaram convênio, na manhã de ontem; mediante o qual valores na ordem de Cr\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil cruzeiros) serão investidos em obras de urbanização e embelezamento da Cidade durante o atual exercício financeiro. As obras a serem executadas constarão de desapropriação; recuperação; pavimentação; arborização; fontes de climatização com espelho d'água e iluminação ornamental das principais praças e avenidas da metrópole (TERESINA ... 1971, p. 8).

Conforme a historiadora Maria Stella Bresciani a tentativa de centralização de uma narrativa de progresso com base na cidade evidencia, em grande medida, à redução do valor do indivíduo, do ego (BRESCIANI, 2004, p. 10). Numa interlocução com Giulio Carlo Argan, a historiadora argumenta que a realidade deixa de ser mensurada em escala humana, podendo apenas ser pensada, concebida e compreendida pelo homem; numa ilusão de manter-se no centro o indivíduo confabula um mito:

O mito do sublime e do terrífico, não mais representado pelas forças cósmicas, transfere-se para as forças tecnológicas, portanto humanas, que submetem as forças cósmicas e

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



as utilizam. É assim que o homem faz da sua técnica um mito, e o que é pior, um mito novamente tectônico (ARGAN apud BRESCIANI, 2004, p. 10).

Para Bresciani, projeta-se na técnica a ideia de um poder transformador das condições de vida urbana e moldador do cidadão, “essa aposta humana na potencialidade da técnica disponível certamente subjuga o homem e parece ganhar autonomia”. Nessa leitura a cidade é entendida como um espaço construído e objetivado, cujas potencialidades são praticamente ilimitadas. A base dessa argumentação é transpassada por um fundamento decepcionante, “a moderna intenção de projetar a cidade para um futuro que não nos pertence” (BRESCIANI, 2004, p. 12). Nesse sentido, ao falar-se sobre o intuito de “embelezar Teresina”, novamente se desloca os olhos dos cidadãos para uma projeção otimista do futuro e se esmaece o presente.

Quanto ao jornal *O Dia*, dentre os periódicos analisados é o único que se mantém funcionando até os dias atuais, observamos em suas páginas uma economia dos discursos integrando o projeto estadual ao plano federal. Ressaltando o vínculo entre essas diretrizes e a necessidade de trajetórias harmônicas para consolidação dos objetivos desejados.

O Brasil só será uma grande nação e o Piauí só será grande dentro desta nação se os piauienses se juntarem a todos brasileiros no esforço comum que estamos realizando e como está fazendo o atual Governo do Piauí na grande arrancada para o desenvolvimento (GENERAL... 1973, p.1).

Esse tipo de narrativa carrega uma eficácia comunicativa complexa pois se baseia num mito póster, conforme adverte Carlos Fico, projeta no futuro um tempo de êxitos, de alguma forma, conquistando a aceitação do público (FICO, 1997, p. 77). Prende-se o receptor na idealização de um futuro hipotético, onde o discurso do poder anuncia, através dos meios de comunicação, diretrizes a serem seguidas para alcançar aquele destino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo buscamos apontar, no recorte selecionado, como as construções discursivas não estão isoladas do universo político. As palavras são compreendidas como elementos dotados de potência e portadores de múltiplos significados. Ademais tentamos penetrar nas entrelinhas do texto e captar como a circunstância na qual ele está inserido é capaz de influenciar na sua produção.

Articulamos conceitos como estratégia e microfísica do poder para compreender como o discurso pode influenciar e também é influenciado pela sociedade. Consideramos que esses dois elementos não podem ser isolados na conjuntura política. Observamos que o poder é fruto de uma

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



economia dos discursos que o permite emergir e lhe dá credenciais para praticar atos. Salientamos que os atos praticados não são necessariamente proporcionais aos discursos que o legitimam, tendo em vista que o poder é corruptível, todavia isso não inocenta os propulsores dos discursos. Tal observação é forte e adverte para a importância do cálculo ao escolher apoiar uma narrativa.

Consideramos que o uso de um local de fala para apoiar um governo político é um recurso que perpetua a hegemonia e colabora para criação de legitimidade. Podemos entender que o silêncio perante situações de arbitrariedade é uma negligência. Uma narrativa seletiva que opta somente pelo lado da reverência aproxima-se mais da propaganda política que do jornalismo.

Ressaltamos que os elementos aqui destacados fazem parte de uma pesquisa iniciada ainda em 2016, a princípio como um projeto de iniciação científica (Política e imprensa: década de 1970); posteriormente esse trabalho foi ampliado como monografia (Tome nota: discursos políticos na imprensa teresinense); e desde 2019 vem sendo lapidado sob o formato de dissertação de mestrado (Por dentro da pauta: discursos políticos na imprensa de Teresina). Em todas essas etapas o trabalho teve a orientação da professora doutora Cláudia Cristina Fontineles.

## REFERÊNCIAS

BRESCIANI, Maria Stella. A cidade: Objeto de estudo e experiência vivenciada. Revista Estudos Urbanos e Regionais. V. 6, N. 2, 2004.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

D'ARAÚJO, Maria Celina (org.). Visões do Golpe: 12 depoimentos oficiais que articulam o golpe militar de 1964. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (e-book), 2014.

FICO, Carlos. Reinventando o otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GENERAL Rodrigo Otávio: O Piauí Serve de Exemplo a todo o Brasil. Teresina: O Dia. 30 ago. 1973, p. 1.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:







KUSHNIR, Beatriz. Cães de Guarda: Jornalistas e Censores do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARCONI, Paolo. A censura política na imprensa brasileira (1968-1978). São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 1980.

BONFIM, João Bosco Bezerra. Palavra de Presidente: Discursos de posse de Deodoro a Lula. Brasília: LGE Editora, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

NOVO Governo. Teresina: Estado do Piauí, 18 mar. 1971, p.4.

O GOVERNADOR está certo. Teresina: Estado do Piauí. 01 abr. 1971, p. 1.

SAMWAYS, Daniel Trevisan. Inimigos imaginários, sentimentos reais: medo e paranoia no discurso anticomunista do Serviço Nacional de Informações (1970-1973). Curitiba: Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR, 2014.

SMITH, Anne-Marie. Um acordo forçado: O consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

TERESINA será o cartão de visitas do Piauí. Teresina: O Estado. 08 jul. 1971, p. 8.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **Simpósio Temático 03**

### **Cidades, conflitos e narrativas sociais**

**Coordenadores:**

- Prof. Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior
- Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Tatiana Colasante
- Me. João Pedro de Santiago Neto

## PERCEPÇÕES SOBRE A CIDADE E O URBANO A PARTIR DA LITERATURA SOCIOLÓGICA

Angélica Lima Melo

Mestranda em Sociologia no Programa de Pós-graduação (PPGS)

Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz

E-mail: angelica.lmelo@hotmail.com

Seminário temático 03: Cidades, conflitos e narrativas sociais

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior (PPGS / UFMA)

**RESUMO:** O presente trabalho pretende analisar algumas contribuições de Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895), Émile Durkheim (1858-1917), Max Weber (1864-1920), George Simmel (1858-1918) e Robert Park (1864-1944) para a compreensão das cidades, seus sujeitos e dinâmicas contemporâneas. Objeto transversal ou privilegiado nos escritos desses autores, temos por intenção detectar, através de uma análise bibliográfica, suas valiosas contribuições teóricas e metodológicas para a investigação sobre os centros urbanos e as transformações que acompanham suas dinâmicas de formação e dilemas. Nesse percurso, pretendemos trilhar os caminhos teóricos e metodológicos que dão contornos as cidades, suas dinâmicas e habitantes nas obras dos autores, colocando em destaque as transformações, sujeitos e problemas que emergem com o processo de formação e adensamento populacional das cidades contemporâneas. Desprendendo-se das dinâmicas e isolamento do campo, o homem da cidade rompe com suas formas de vida anteriores a partir da fluidez e ritmo da vida urbana, forjando arranjos culturais, sociais, econômicos, políticos e trabalhistas que transformam as formas de viver e compreender os contextos citadinos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidades. Urbano. Sociologia. Clássicos. Contribuição.

## PERCEPTIONS ABOUT THE CITY AND THE URBAN FROM THE SOCIOLOGICAL LITERATURE

**ABSTRACT:** The present work analyzes some of Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895), Émile Durkheim (1858-1917), Max Weber (1864-1920), George Simmel (1858-1918) and Robert Park (1864-1944) contributions to the understanding of cities, their subjects and contemporary dynamics. Transversal or privileged object in the writings of these authors, it intends to detect, as per the bibliographic analysis, their valuable theoretical and methodological contributions for researching urban centers and transformations that follow their formation dynamics and dilemmas. Thus, it

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



intends to explore the theoretical and methodological paths that surround cities, its dynamics and inhabitants in the author's works, highlighting the transformations, as well as subjects and problems which emerge with the formation process and population densification of the contemporary cities. Detaching himself from the countryside dynamics and isolation, the male of the city breaks with his previous ways of life from the urban life fluidity and rhythm, forging cultural, social, economic, political and labor arrangements that transform ways of living and understanding city contexts.

**KEYWORDS:** Cities; Urban; Sociology; Classics; Contribution.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar as formas e os contornos da cidade e do urbano a partir de uma análise da contribuição dos clássicos da literatura sociológica, especialmente Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895), Émile Durkheim (1858-1917), George Simmel (1858-1918) e Max Weber (1864-1920), bem como de um dos precursores da chamada Escola de Chicago, Robert Ezra Park (1864-1944).

Como tema que permeia, transversalmente ou de forma direta, a obra desses autores, a cidade, em alguns momentos, configura-se historicamente através das relações capitalistas, que por meio das dinâmicas do comércio de mercadorias e a expansão de suas atividades conduziria o ambiente citadino rumo uma acentuada divisão social do trabalho. Sob este enfoque, a proletarianização, gerada no interior das relações de produção do capitalismo, e a questão da habitação tornam-se processos significativos na produção de uma teoria social que pretende compreender as mudanças nas relações sociais e econômicas que se desenrolavam frente a seus olhos.

Para Soares (2019), não é uma tarefa fácil compreender atualmente as cidades, pois as mesmas diferem significativamente daquelas estudadas nos séculos XIX e XX pelos autores acima mencionados. Como pondera o autor, não dispomos hoje de uma percepção precisa das demarcações impressas pelas rodovias que circulamos e, tampouco, um quantitativo populacional capaz de circunscrever conceitualmente uma cidade. Desse modo, inúmeros pesquisadores da área das ciências sociais, especialmente da sociologia e da antropologia têm se debruçado e contribuído para este instigante e complexo debate.

Desse modo a pergunta geradora da discussão gira em torno da compreensão de como clássicos imaginaram as cidades e os aspectos da vida urbana. De que maneira o trabalho, a industrialização e os arranjos desencadeados no século XIX embasam o pensamento fundante da teoria sociológica sobre a cidade e o urbano?

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para Ruben Oliven (2010), em “A cidade como categoria sociológica”, descrever a cidade significa imaginá-la- sob alguns ângulos que expressam suas constituições e categorias. Partindo dessa pista metodológica e teórica, pretendemos no presente artigo, através de uma pesquisa bibliográfica, identificar os contornos da cidade e do urbano presentes, direta ou indiretamente, nos escritos dos autores selecionados para o desenvolvimento do trabalho. Frente a esse objetivo, pretendemos identificar, a partir dos escritos sociológicos dos autores, questões relativas aos percursos teóricos e metodológicos relacionados ao processo de análise das cidades como objeto sociológico, e, as formas de imaginar e delimitar o espaço urbano presente ao longo das obras selecionadas.

## 3 RESULTADOS

### 3.1 Marx e Engels: a cidade como pólo urbano-industrial

As cidades ocupam, como apontam vários interpretes, um lugar secundário na produção dos estudos de Karl Marx e Friedrich Engels. Contudo, dentro dessa tradição teórica deixada por esses autores é possível caracterizar a cidade e o urbano através das relações entre os processos ligados ao mundo do trabalho, ao capital e à industrialização. Interpretando alguns dos mecanismos que se processam na cidade a partir do recorte histórico e analítico da revolução burguesa, ou melhor, da Revolução Francesa no Século XVII, Marx e Engels desenvolvem análises elucidativas sobre o processo de crescimento e urbanização das cidades europeias, que para nosso estudo mostram-se incisivas.

Marx e Engels iniciam suas análises sobre as cidades destacando momentos distintivos dessa configuração socioespacial que ganham forma através das relações históricas e contextuais entre modos de produção e forças produtivas. Na linha compreensiva dos autores, a cidade incorpora uma importância econômica e financeira significativa ao longo do seu processo de formação, especialmente quando pensamos na passagem dos cenários das cidades fechadas por suas muralhas aqueles constituídos pela industrialização (MARX; ENGELS, 1998; MARX; ENGELS, 2007).

A divisão de trabalho está mais evoluída; encontramos já a oposição entre a cidade e o campo, e mais tarde a oposição entre os Estados que representam o interesse das cidades e aqueles que representam o interesse dos campos. Mesmo no interior das cidades vamos encontrar uma oposição entre o comércio marítimo e a indústria (MARX e ENGELS, 2007, p. 47).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Oliven (2010) aponta que Marx e Engels imaginam a cidade como uma *variável dependente*, ou seja, a cidade seria a marca de processos ligados às transformações do capitalismo. Imersa em uma complexa rede de mecanismos, a cidade não se explicaria por si mesma. Dessa maneira, Marx e Engels (1998) consideram que a cidade é uma das localizações e concentrações econômicas que foram alteradas historicamente devido aos processos de mudanças e embates entre as forças produtivas e modo de produção, que desembocaria em uma ressignificação das técnicas de produção e da própria cidade. As relações materiais e históricas da sociedade, dinamicamente dialéticas e contraditórias, permitem aos autores identificar a cidade como palco privilegiado para as potencialidades criativas e problemas urgentes do capitalismo moderno e industrial.

### 3.2 DURKHEIM: A CIDADE MODERNA COMO PÓLO DA SOLIDARIEDADE

Segundo Marmanillo (2017), a cidade não ocupou um lugar “explícito” nos textos Durkheimianos, todavia emerge a partir de uma análise dedicada às diferenças que envolvem esse contexto, especialmente as que se estabelecem entre o campo e a cidade a partir das relações dinamizadas pelo processo de protagonismo das cidades. Nesse sentido, Mills (1969) nos mostra que os clássicos da sociologia se preocuparam com a ‘totalidade histórica’ dos acontecimentos, entendendo que “[...] a cidade é parte de uma totalidade; esta, sim, objeto legítimo de análise. Concebida como uma categoria histórica, é expressão de uma realidade mais abrangente, não tendo, portanto, o atributo de variável explicativa [...]” (SANT’ANNA, 2003, p. 92).

Por meio do contato promovido pelo fluxo dos indivíduos que deixam o campo rumo o espaço citadino, Durkheim (1998) identifica novas relações intersubjetivas, refinadas pelo agrupamento de pessoas que estão “intimamente em contato” e/ou dispersas na cidade. Para o autor a cidade tem o potencial de agrupar os sujeitos, de promover a divisão social do trabalho e de potencializar a diversidade, ao mesmo tempo em que torna possível a alteração das relações sociais de produção e daquelas consideradas mecânicas. Nas grandes cidades as relações práticas e morais são marcadas pela complexidade e pelas interdependências que permeiam a divisão do trabalho, gerando formas de coesão e solidariedade que envolve uma consciência coletiva e uma ordem moral marcada pela especialização dos trabalhadores urbanos.

### 3.3 SIMMEL E A BERLIM DO SÉCULO XX

Georg Simmel é considerado um dos clássicos do pensamento sociológico, juntamente com Durkheim, Marx e Weber, fazendo sentir-se sua influência temática, teórica e metodológica de

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



maneira significativa nos estudos contemporâneos sobre as cidades e o urbano. Em sua principal obra voltada aos estudos sobre a cidade, *A metrópole e a vida Mental* (1903), o autor deixa registrado suas análises sobre a constituição de um “novo sujeito” que se desprende das amarras institucionais e psicológicas que circundavam o cidadão feudal. Desse modo, o homem da cidade simmeliano utiliza-se do artifício da indiferença para viver na cidade, distanciando-se de diversas relações e sensações que o envolveriam emocionalmente.

As relações sociais na cidade estariam permeadas pela dualidade indivíduo e sociedade, impondo-se ao cidadão o desafio de manter sua autonomia. Frente os estímulos da vida cidadina, as relações sociais de produção industriais, a dinâmica econômica da cidade e as relações que o tecido urbano precisou forjar para imprimir nos indivíduos suas diferenciações, emerge um indivíduo internamente e externamente diferente.

Se houvesse, em resposta aos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas, tantas reações interiores quanto às da cidade pequena, onde se conhece quase todo mundo que se encontra e onde se tem uma relação positiva com quase todos, a pessoa ficaria completamente atomizada internamente e chegaria a um estado psíquico inimaginável. Em parte esse fato psicológico, em parte o direito a desconfiar que os homens tem em face dos elementos superficiais da vida metropolitana, tornam necessária nossa reserva. (SIMMEL, 1973, p. 17).

### 3.4 WEBER E A CIDADE ENQUANTO SEDE COMERCIAL

Em *A objetividade das Ciências Sociais* (2003), Max Weber explora a necessidade de um distanciamento do cientista em relação ao seu objeto, processo marcado pelas impressões e concepções do pesquisador. Utilizando a pesquisa histórica e o tipo ideal como ferramenta metodológica para apreender fenômenos significativos, ou os “nexos causais” do mundo e das ações sociais, o autor imagina a cidade a partir de suas múltiplas possibilidades e características.

A sociologia compreensiva de Weber imagina a cidade tipológica em conexão com o comércio, não em sua forma esporádica como ocorria nas cidades da antiguidade, mas por meio de suas relações com o Estado, a burocratização e os processos de monopolização da força física e econômica. Nesse sentido, segundo Oliven (2010), Weber enxergava nas cidades antigas uma pré-condição a existência das sociedades urbanas contemporâneas, entretanto, sua constituição política e econômica se daria em um arranjo marcado pela constituição de relações de poderes alicerçadas em um domínio legítimo, validado por mecanismos que operacionalizam a vida moderna.

A cidade, enquanto um ethos da cultura moderna, configura-se através das formações associadas a um capitalismo ascético, elemento que permeia as ações sociais dos grupos e sujeitos do leste Ocidental. As cidades tipológicas desenhadas por Weber permitem observar “[...] decisivamente,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



que o capitalismo surgiu através da empresa permanente e racional, da contabilidade racional, da técnica racional e do direito racional. A tudo isso se deve adicionar a ideologia racional, a racionalização da vida, a ética racional na economia [...]” (WEBER, 1968, p. 310).

[...] a cidade, para Weber, apresenta-se como uma estrutura complexa observada pelos prismas das atividades econômicas, pelas questões político-administrativas e diferentes dinâmicas sociais que influenciam e são influenciadas por todos esses aspectos. Assim, não há problema algum em relacionar as tipologias de cidades com as de dominação e em pensar os processos de concentração e dispersão de poder em relação às aglomerações urbanas ao longo da História. (MARMANILLO, 2018, p. 48).

### 3.5 ROBERT PARK E A CIDADE DE CHICAGO

Robert Ezra Park iniciou seus estudos sobre a cidade através do jornalismo, apontando, em seu processo de “conversão” à sociologia, alguns dos delineamentos da pesquisa empírica nesses contextos. Em seus apontamentos sobre a Chicago do início do século XX, especialmente em “*A cidade: investigações do comportamento humano no meio urbano*” (1975), Park aprecia a cidade como um complexo de relações que diferem, sobremaneira, das relações que se processavam nas cidades antigas.

Segundo Oliven (2010), a cidade para Robert Park emerge como uma variável independente, onde ser tecem dinamicamente uma constelação de intuições e dispositivos administrativos. A cidade é para Park uma base material e artificial que fundamenta sentimentos, partilhas e características comportamentais encadeadas na tradição e no costume. Nessa perspectiva, a cidade apresenta-se como “um estado de espírito” que fundamenta as teias relacionais que regulam as práticas sociais que conformam a sociedade, sendo necessária investigá-la enquanto um “laboratório”.

De acordo com Marafon (1996), Park foi influenciado pelos estudos da “ecologia humana”, que compreendia a cidade conectada a processos de adaptações e equilíbrios. Frente essa influência, os autores da escola de Chicago, em especial Ernest Burgess (1886-1966) e Park, utilizavam-se de métodos de estudo empreendidos pelas ciências naturais, sobretudo, pela influência de Spencer e Darwin. Para Silva (2011, p. 681):

Park, assim como outros jornalistas, via a cidade como espaço privilegiado para se compreender a sociedade e como um laboratório de aprendizados sociais. As diversas experiências em grandes cidades da época possibilitaram ao jornalista perceber o espaço urbano como local de experiências de um complexo de forças, fortalecendo, ainda mais, os ensinamentos que trouxe de sua formação com Dewey, em ver a cidade não como um fenômeno meramente geográfico e, sim, como organismo social. Para Park, a cidade é mais do que uma estrutura, é um processo. E deve ser vista com seus problemas sociais, dentro de um caldeirão complexo da época vivenciada pela imigração, “áreas segregadas”, regiões

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





morais, e tantas outras situações que levaram Park a forjar muitas das suas ideias que seriam desenvolvidas, posteriormente, na vida acadêmica. (SILVA, 2011, p. 681).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrevendo nossas linhas finais observamos, inicialmente, que os escritos e argumentos dos autores trabalhados no presente artigo são significativamente influenciados pelo contexto histórico em que estavam inseridos, sobretudo, pelas mudanças nas dinâmicas de produção geradas a partir da Revolução Industrial no século XVIII e sua “revolução” no campo e na cidade. Presentes nas preocupações dos clássicos da sociologia, as mudanças e as transformações do mundo da produção e a mobilidade e adaptação dos sujeitos que os conformam repercutiu nos estudos de autores contemporâneos, como, por exemplo, os que compunham a emblemática Escola de Chicago (COULON, 1995). Nesse sentido, as breves anotações conceituais que permeiam a teoria sociológica clássica e os estudos contemporâneos que privilegiam a cidade como objeto de estudo, articulam-se aos processos históricos, sociais e econômicos que se alargam com a industrialização e a centralidade dos contextos citadinos.

#### REFERÊNCIAS

ANTUNES, Henrique, F. O modo de vida urbano: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth, Ponto Urbe, v. 15, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2565>. Acesso em: 20 set. 2020.

BECKER, H. Conferência. A Escola de Chicago. Mana: estudos de Antropologia Social, v. 2, n. 2, out. 1996.

COULON, A. A Escola de Chicago. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. 13. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ENGELS, F. A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra. Porto: Afrontamento, 1975.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





FREITAS, Ricardo, Ferreira. Simmel e a cidade moderna: uma contribuição aos estudos da comunicação e do consumo. Revista CMC, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 41-53, jul. 2007.

GIDDENS, Anthony. O que é sociologia. Sociologia. 4. ed. Porto Alegre, Artmed, 2005.

SANT'ANA, Maria Josefina Gabriel. A concepção de cidade em diferentes matrizes teóricas das Ciências Sociais. Revista Rio de Janeiro, n. 9, p. 91-99, jan./abr. 2003.

LEITÃO, Lucia. A cidade de Simmel, a cidade dos homens. Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 461-471, jul./dez. 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGANANI, J. G. C., TORRES, L. L. (org.). Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.

MARMANILLO, Jesus. A cidade na perspectiva durkheimiana: Notas sobre a modernidade e morfologia social. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v. 1, n. 2, p. 137-150, jul. 2017.

MARX, Karl; ENGELS, F. A Ideologia Alemã. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. Osvaldo Coggiola (org.). São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo. 1998.

MILLS, C. W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

OLIVEN, R. G. A cidade como categoria sociológica. In: OLIVEN, R. G. Urbanização e mudança social no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010. p. 7-23.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





PARK, R. Um roteiro de investigação sobre a cidade. In: VELHO, G. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

PAULO NETTO, José. Introdução ao estudo do método de Marx I. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Notas sobre a sociologia urbana de Georg Simmel: Do cotidiano de Berlim às formas urbanas. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v. 3, n. 9, p. 15-30, nov. 2019.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Um breve comentário sobre a Sociologia urbana de Max Weber. Sociedades urbanas: revistas de Sociedade e Antropologia, v. 2, p. 39-54, 2018.

SELL, Carlos Eduardo. Sociologia Clássica Marx, Durkheim e Weber. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

SILVA, Noemia Félix da. A contribuição e o pioneirismo de Robert Ezra Park nos estudos de jornalismo. Estudos, Goiânia, v. 38, n. 4, p. 679-692, out./dez. 2011.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973.

SOARES, P. Manoel. A dificuldade em definir cidade: atualidade da discussão à luz de contributos recentes. Cad. Metrop., São Paulo, v. 21, n. 45, p. 647-668, maio/ago. 2019.

WACQUANT, Loïc J. D. Durkheim e Bourdieu: a base comum e suas fissuras. Novos Estudos CEBRAP, n. 48, p. 29-38, jul. 1997.

WEBER, Max. A dominação não legítima: tipologia das cidades. Economia e Sociedade, Brasília, v. 2, 1999.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel (org). Max Weber: Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 2003.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Ed. UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. v. 2.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, G. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

**REALIZAÇÃO:**



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

**FINANCIAMENTO:**



**APOIO:**



## ENGOMADOS E DESCAMISADOS: RELAÇÕES DE PODER NA CIDADE DE IMPERATRIZ EM 1950.

Tamires Silva Morais<sup>1</sup>

Jesus Marmanillo Pereira

ST 03 – Cidades, conflitos e narrativas sociais

**RESUMO:** Este trabalho discute as relações entre indivíduos recentes e estabelecidos no âmbito do processo de organização e ocupação do centro da cidade de Imperatriz – MA, na década de 1950. Moradores antigos interessados na manutenção do status quo frente àqueles que chegavam, para compor a mão de obra local na construção de novas estradas e rodovias. Marcados por diferenças de antiguidade, econômica, social e política, disputavam o habitat, os serviços públicos e o reconhecimento social. A primeira rua da cidade, rua de dentro, comportava os serviços públicos e a população mais abastada economicamente. As demais ruas criadas, para ceder lugar àqueles de fora da cidade, foram nominadas sob os títulos de rua de trás e rua de fora, reconhecidas como espaços para os sujeitos mais pobres e imigrantes. Para compreender estas relações, nos fundamentamos em Elias e Scotson (2008) através da noção de paradigma empírico, que, para os autores, funciona como uma constante universal em análises que tenham por configuração a interdependência entre indivíduos estabelecidos e recém-chegados. Os primeiros entendidos como portadores de valor humano e moral superior frente aos últimos. Por fim, a primeira etapa de construção do trabalho desenvolveu-se no ano de 2015, através da dissertação monográfica, por meio de depoimentos orais gravados com 12 moradores que vivenciaram ou testemunharam a ocupação das primeiras ruas. A segunda na pós-graduação através da reanálise de entrevistas e documentos (jornais, fotografias e arquivos orais), e a última, que deverá realizar-se por meio de idas ao campo e aprofundamento teórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estabelecidos.Outsiders.Cidade.Imperatriz.1950.

## PRESSED AND SHIRTLESS: POWER RELATIONS IN THE CITY OF IMPERATRIZ IN 1950.

**ABSTRACT:** This work discusses the relationships between recent and established individuals within the scope of the process of organization and occupation of the center of the city of Imperatriz – MA, in the 1950s. local work in the construction of new roads and highways. Marked

<sup>1</sup> Mestranda do curso de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (PPGS/UFMA). Compõe o Grupo: Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Imagens (LAEPCI). Possui graduação em Ciências Humanas - Sociologia, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA/2015). Bolsista por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professora no ensino básico.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



by differences in age, economic, social and political, they competed for habitat, public services and social recognition. The city's first street, inner street, housed public services and the most economically wealthy population. The other streets created, to make room for those from outside the city, were named under the titles of backstreet and outside street, recognized as spaces for the poorest individuals and immigrants. In order to understand these relationships, we base ourselves on Elias and Scotson (2008) through the notion of empirical paradigm, which, for the authors, works as a universal constant in analyzes whose configuration is the interdependence between established individuals and newcomers. The former understood as bearers of superior human and moral value compared to the latter. Finally, the first stage of construction of the work was developed in 2015, through the monographic dissertation, through oral testimonies recorded with 12 residents who experienced or witnessed the occupation of the first streets. The second in graduate studies through the reanalysis of interviews and documents (newspapers, photographs and oral files), and the last, which should be carried out through field trips and theoretical deepening.

**KEYWORDS:** Established.Outsiders.City.Empress.1950.

## 1.INTRODUÇÃO

[...]Um indivíduo caixeiro de outro, perdulara algures, o dinheiro que lhe fora dado para compras determinadas. Desculpando-se, dissera haver pernoitado nessa casa de pobres lavradores e ahi desaparecido o dinheiro.

Estrangulados os pobres, macerados na cruel tortura sem nada confessarem, o caixeiro infiel, pegado em contradição, confessou ter gasto o dinheiro.

Mas as victimas já tinham sofrido o suplicio, chamam-se Martinho, Izabel, Jacinta e outros. Como é civilizador o poder dos Bandeiras!

Imperatriz, 10 de fevereiro de 1907.

(Tompson - Pseudônimo. São Luís. Pacotilha, 19 set 1907).

O trecho da notícia apresentada refere-se a uma publicação realizada numa quinta-feira, dia 19 do mês de setembro, do ano de 1907. Elaborada a partir do depoimento de um indivíduo que utilizava por pseudônimo o nome de Tompson, proferido na data de 10 de fevereiro do mesmo ano. À época publicado no jornal “Pacotilha”, sob o título “Casas e torturas na Imperatriz”, dividindo a página do jornal com colunas de publicações sobre registros de nascimentos, sorteios, versículos bíblicos, eventos beneficentes e textos literários, a denúncia de Tompson, imagetivamente, não se destaca, no entanto, seu conteúdo aciona a reflexão do leitor acerca dos supostos fatos.

O veículo comunicativo utilizado pelo denunciante surgiu em outubro de 1880. O “Pacotilha” nasce por iniciativa do jornalista Victor Lobato e caracteriza-se por ser um jornal diário, de origem

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



privada, não-oficial, popular e inicialmente não-partidário. Possuía endereço fixo na cidade de São Luís, praça de João Lisboa, número 24. O jornal atualmente não existe e, diante de algumas intermitências funcionais, cessou suas atividades definitivamente em 1938. Além disso, cabe mencionar que a imprensa jornalística, nesta fase, sobretudo estas com iniciativas voltadas ao público em geral, era um espaço de múltiplas vozes e variados temas. Fazendo uso da mesma, a população reagia às situações vivenciadas no dia a dia. Deste modo e fazendo este uso, Tompson também o utiliza e para fazer-se crer, em sua denúncia, cita pelo menos quatro situações supostamente observadas ou vivenciadas por ele, tendo como foco e acusado, o intendente de Imperatriz, Fortunato Bandeira, do Partido Republicano Maranhense – PRM.

Descrevendo e interpretando seus pressupostos, as duas últimas situações da denúncia tratam de corrupções relativas à aplicação dos impostos por parte do poder público e torturas presumivelmente endossadas por Bandeira. Assim, sustenta que apesar de “o puder municipal, [estar] cobrando de tudo e de todos impostos sobre todos os títulos” na vila “[...] não há uma obra de benefício público [...]”. E finaliza a queixa narrando a tortura sofrida por uma família de lavradores acusada de roubar uma quantia em dinheiro de um caixeiro “estrangulados os pobres, macerados na cruel tortura sem nada confessarem, o caixeiro infiel, pegado em contradição, confessou ter gasto o dinheiro”. As vítimas torturadas, segundo ele, tinham por nome “Martinho, Izabel e Jacinta.” E por fim, conclui a queixa em tom irônico ao dizer: “Como é civilizador o poder dos Bandeiras!”

Deste modo, a gravidade da queixa realizada por Tompson, engloba variadas fontes de poder (político, social, econômico). Cabe explicitarmos que, ainda que a notícia se inscreva no contexto citado, pretendemos sustentar, que, a despeito de não se enquadrar perfeitamente no tempo delimitado por este trabalho, ao nos ancorarmos em Norbert Elias e Scotson (2000), defendemos que tanto a civilização quanto o poder são processuais, sociais e históricos e, embora o último nos interesse mais, sobretudo, enquanto instrumento coercitivo, e este (Elias e Scotson, 2000) “[...] possa variar muito a natureza das fontes de poder em que se fundamentam”, seu monopólio (dos tipos) presentes em um grupo social, exerce força sob os outros grupos ligados a ele. Podendo estender-se por uma considerável quantidade de tempo. Assim, para que determinado processo de transmissibilidade de poder chegue ao seu estado estanque, seria necessário, também, uma quantidade considerável de tempo para que houvesse nele grandes transformações. Elias (1970) afirma que “Certas transformações sociais só se podem efetuar - e se é que se podem mesmo efetuar – quando houver um desenvolvimento que abarque várias gerações.”

Entendemos com isso, que, as relações de poder que se estabelecem e se transformam, objetificam-se entre pares: através de uma teia de interdependência social duradoura. Portanto, Tompson ao, aparentemente, não participar desta teia ou simular-se, utiliza-se da proteção do anonimato quando denuncia os atos do intendente Fortunato Bandeira, eleito pela Câmara de

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Vereadores. Perguntamo-nos, se esta forma de exercício de poder, sobretudo, em suas diversas formas, apesar de seus abrandamentos, continuou a operar na década de 1950. Isto porque, esta delegação de poder político, sustentou-se por muitos anos, por meio de representantes pertencentes à família do intendente citado. Assim, o tempo delimitado por este trabalho situa-se no momento histórico da organização e ocupação da cidade de Imperatriz da década de 1950.

Neste sentido, utilizaremos como método principal, nesta análise, as possibilidades interpretativas da proposta de Elias e Scotson (2000) [...] o modelo de uma figuração estabelecidos-outsiders que resulta da investigação de uma comunidade pequena, como a de Winston Parva, pode funcionar como uma espécie de “paradigma empírico”. Como colocado pelos autores, pode ser encarado como um “gabarito” perante outras configurações mais amplas ou complexas. Proporcionando, contudo, o enriquecimento da compreensão das características surgentes tanto comuns como diferentes, desvelando, portanto, seu funcionamento, através deste método, entendido como uma “constante universal”.

Utilizando-nos deste paradigma empírico, apontamos a existência de três ruas na cidade de Imperatriz em 1950, circundadas por litígios e associativismos entre seus moradores, conhecidas como rua “de dentro”, “de trás” e “de fora”. Sob os títulos atualmente, de 15 de novembro, Coronel Manoel Bandeira e Godofredo Viana. Com isso, como colocado por uma das residentes, Moradora (A) da rua de dentro<sup>2</sup> “Os daqui eram os “engomados”, os de lá eram os “descamisados” [...]”. Trata-se de moradores antigos e recentes distribuídos hierarquicamente na superfície da região habitada e em disputas representativas.

## 2.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho contará com dados retirados de depoimentos mais recentes, fotografias e jornais sobre o tema e a época selecionada. As fotografias deste trabalho serão retiradas do blog “Museu virtual de Imperatriz - MA, de Fernando Cunha, que disponibiliza fotografias sobre a história da cidade a partir de arquivos pessoais de moradores antigos. Quanto aos dados jornalísticos, estes serão levantados a partir do jornal maranhense “Pacotilha”, disponibilizado em formato virtual, pela Biblioteca Nacional Brasil e, para o remanejamento dos depoimentos orais, serão utilizados dados coletados durante a pesquisa monográfica apresentada no ano de 2015. Assim, sob a égide dos autores(as) mencionados (as), pretendemos analisar as disputas de poder oriundas das relações territoriais e sociais entre estabelecidos e outsiders, os efeitos de lugar sobre estes dois núcleos de moradores e as possibilidades interpretativas advindas das interações no espaço da rua.

2 Atual Frei Manoel Procópio, mais conhecida por 15 de novembro.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





### 3. BREVE DESCRIÇÃO DAS TRÊS RUAS

Até o final da década de 1950 a cidade de Imperatriz contava com apenas três ruas. A primeira rua, “de dentro”, “grande”, “do fio”, “do telégrafo” e “do rio”, desenvolveu-se juntamente com a formação do povoado. A segunda rua, também chamada de rua “de trás”, “de baixo” e “do quero”, surge no contexto em que o povoado se torna vila. E a terceira rua, lembrada por muitos como rua “de fora”, só foi aberta no início do século XX. Assim, quanto a primeira rua, pressupõe-se que o adjetivo “grande” se refira a sua largura e extensão e que a designação “de dentro”, refira-se a uma contraposição à rua de fora. Atualmente é reconhecida pelo nome de 15 de novembro. Neste sentido, conforme a fotografia (figura 01) registrada pelo missionário católico italiano, Albé Ambrogio, estavam dispostas da seguinte maneira, da esquerda para a direita: ruas “de dentro”, “de trás” e “de fora.” E na sequência, (figura 02) a fotografia apresenta a fachada do posto de saúde da fundação – SESP, na década de 1950 e a fachada das casas da rua:



Figura 01: Foto das três ruas de Imperatriz na década de 1960 Fonte: CUNHA, 2010. Figura 02: Da esquerda para a direita: SESP e fachada das casas da rua 15 de novembro (1950-60). Fonte: CUNHA, 2010.

A segunda rua, “de trás”, “de baixo” e “do quero”, foi ocupada majoritariamente por indivíduos imigrantes, que chegaram posteriormente ao primeiro grupo citado. Ela é hoje conhecida pelo nome de Coronel Manoel Bandeira. Supõe-se que o nome rua “de trás” tenha relação com a forma com que esta era vista, se observada a partir da rua de “principal”. Quanto aos significados de rua “de baixo”, tem-se que, possam estar atreladas, no primeiro caso, a certo desnível em comparação a rua “grande”. A terceira, rua “de fora”, atual Godofredo Viana, pode ter sido classificada assim, por ser reconhecida pelos moradores das demais ruas como um segmento externo a eles. Assim, permaneceram por muitos anos, desassistidas pelos serviços essenciais. Deste modo, os efeitos dos lugares, suas resultantes, podem afetar materialmente a vida dos indivíduos e como posto por Bourdieu (2008, p. 159) “[...]esses

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



lugares abandonados, que se definem, fundamentalmente, por uma ausência - essencialmente a do Estado, e de tudo o que disso decorre: a polícia, a escola, as instituições de saúde, as associações, etc.”

#### 4.RELAÇÕES DE PODER ENTRE ESTABELECIDOS E OUTSIDERS

Os limites para esta análise, dos tipos, intensidade e fontes de poder, que precisamente transmutaram através do tempo, estão claros: não podemos precisá-los, não com exatidão. Pensando dentro dessas possibilidades e por meio de Norbert Elias (1994, p.53) compreendemos que os detentores das diversas formas de poder “pode[m] reter ou monopolizar aquilo que outros necessitam, como por exemplo, comida, amor, segurança, conhecimento, etc.” Desta forma, como mencionado no tópico anterior, nas ruas da cidade de Imperatriz, havia diferenças substanciais referentes as condições econômicas dos moradores e no aspecto de antiguidade de suas respectivas fundações. Quando Elias e Scotson (2000, p.20) nos dizem que o paradigma empírico proposto por ambos deve ser encarado como “um modelo pronto para ser testado, ampliado e, se necessário, revisto através da investigação de figurações correlatas em maior escala” nos alertam para a necessidade de adaptação para escalas e figurações diversas. O monopólio de poder apontado por Elias (1994) e o poder diluído em diversas ações de famílias politicamente e socialmente poderosas, apontadas por Tompson (1907) interpenetram-se nesta figuração específica, encontrada na cidade de Imperatriz.

Antes de adentrarmos na análise local, destacamos que em Winston Parva havia uma divisão social e territorial entre dois grupos: os moradores da “aldeia” e os moradores do “loteamento”. Apesar disso, a diferença entre ambos não se apresentava tão clara. Assim, ainda que tivessem mínimas disparidades relativas à religião, nacionalidade, renda, educação, língua, raça, relacionavam-se conflitivamente, e este modus operandi, se devia a um elemento que os diferenciavam: o tempo em que chegaram àquela localidade, ou seja: a antiguidade. Este elemento legitimava as concepções dos moradores mais antigos acerca de sua superioridade humana e a conseqüente inferioridade dos recém-chegados.

Relativamente, a figuração das ruas da cidade de Imperatriz, expõe pontos comuns e disparidades quando comparada à situação analisada em Winston Parva. A primeira rua da cidade, chamada de rua “de dentro”, comportava os primeiros moradores da cidade, e segundo a moradora (A) da rua central, esta “era a rua dos grandes farmacêuticos, dos grandes comerciantes, dos tenentes-coronéis, dos prefeitos.” E, nas demais ruas, “de trás” e “de fora” moravam, em sua maioria, os imigrantes mais recentes como afirma a mesma interlocutora “essa [outra] aqui era a rua “de trás”, onde morava o povo mais simples, algumas pessoas de notoriedade, e a “rua de fora”, que é a Godofredo [Viana], era onde morava a lavadeira, o carroceiro [...]”. Portanto, relativamente à comunidade analisada pelos autores, havia diferenças marcantes nas ocupações e de renda entre os indivíduos dos

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



dois grupos mencionados, embora haja semelhanças relativas ao critério de antiguidade destes e de suas residências. Dessa forma, a situação de conflito e interdependência vivenciada pelos “engomados e descamisados” em Imperatriz, responde em maior grau às suas especificidades socioeconômicas. Isso se destaca, principalmente, quando analisamos os motivos principais dos segregacionismos na América Latina, opostamente aos países da Europa.

Neste sentido, de acordo com Negri (2008, p.141), na América Latina, o processo de segregação habitacional e social encontra maior expressão na categoria socioeconômica. Desta forma, a separação de residências e pessoas no Brasil, atrela-se a este aspecto em maior medida. Em países europeus, em contraposição, a realidade pode apresentar fermentações de conflitos entre grupos, baseando-se fortemente em critérios raciais. Isto não quer dizer que, aqueles que se encontrem segregados na América Latina e no Brasil, não sejam discriminados racialmente. Principalmente, se consideramos que a maioria da população pobre do Brasil é negra ou mestiça. O que há, é uma ênfase maior no critério econômico e não uma exclusão de critérios raciais. Assim, Elias e Scotson (2000, p.33) asseveram que “sem dúvida, no caso extremo dos grupos humanos expostos à fome prolongada, o desejo intenso de comida ou, em termos mais gerais, de sobrevivência física pode realmente ter prioridade sobre todas as outras metas.” Cientes de que, a realidade da Europa é amplamente díspar de outros continentes, e que, tal método caberia, inclusive, em análises como esta.

Neste sentido, um significado nuclear na análise de Elias e Scotson (2000, p. 31) refere-se à decomposição e interpretação das formas nas quais os indivíduos se vinculam. Muitos elementos podem ser considerados, tais como raça, aparência física, porém, a investigação dos tipos e formas de vínculos entre os indivíduos, para os autores, podem em alguma medida, atender a tais questões. Portanto, nos dizem que: “[...] a sócio dinâmica da relação entre grupos interligados na condição de estabelecidos e outsiders é determinada por sua forma de vinculação e não por qualquer característica que os grupos tenham, independentemente dela” (ELIAS E SCOTSON, 2000, p. 31).

Estas formas de relações vinculativas entre os moradores das ruas na cidade de Imperatriz, possuem certa ligação com as aparências, mas como antes afirmado, não se encerram nelas. Assim, pressupõe-se, por um lado, que as adjetivações “engomados e descamisados” faça referência à realidade política argentina no mesmo período. Por outro lado, consideramos que tal designação possa ter derivado inconscientemente daquela irrompida na Argentina – Peronismo.

Neste sentido, em 2015, na ambivalência entre entender-se como pessoa legítima ou ilegítima entre os engomados, a moradora antiga (A), residente da rua 15 de novembro – rua “de dentro” – chega a afirmar em entrevista que “nós [sua família] ficamos aqui por acaso, porque aqui era a rua dos grandes farmacêuticos, dos grandes comerciantes, dos tenentes-coronéis, dos prefeitos.” Esta ambivalência vivenciada por ela, expressa-se no e a partir das relações com o lugar habitado – espaço físico. Deste modo, Bourdieu (2008, p.159) em “Efeitos de lugar” nos diz que “não se pode romper

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



com as falsas evidências e com os erros inscritos no pensamento substancialista dos lugares a não ser com a condição de proceder a uma análise rigorosa das relações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico.” Portanto, o lugar não pode ser deliberadamente compreendido sem considerarmos estas relações estruturais.

Pode-se considerar que o lugar relativo à rua principal da cidade, tendo concentrado em si serviços públicos essenciais, os únicos existentes naquele período, tenha refletido em como estes indivíduos passaram a ser vistos socialmente. Habitar esta rua ou aquela, tem consequências relativas aos sentidos representativos destes lugares e das ligações destes com estruturas sociais. Assim, ao investigar os usos das ruas e praças públicas em São Paulo nos séculos XIX e XX, Fraya Frehse (2016), nos coloca pontos importantes resultantes destas interações. Portanto, foi substancial para ela:

Estranhar “autoetnograficamente” a mediação de São Paulo em minhas próprias inquietações intelectuais em relação a essa cidade evidencia que a escolha investigativa dos usos das ruas e praças públicas em particular do centro histórico paulistano, mas também a abordagem específica que faço desses usos deriva, entre outros, de um impacto existencial bem definido que viver e trabalhar nessa cidade tem exercido sobre as minhas inquietações intelectuais. A São Paulo do presente em que vivo me interpela constantemente sobre a relatividade dos vínculos que o tempo nutre com o espaço (FREHSE, 2016, p.2).

Este estranhamento autoetnográfico, colocado por Frehse (2016), apresenta-se semelhantemente em Elias e Scotson (2000, p. 83), principalmente quando estes experienciam e caminham pelas áreas da aldeia e do loteamento na Inglaterra. Este modo de observar, propiciou-lhes inferir que “[...]andando pelas ruas das duas partes de Winston Parva, o visitante ocasional talvez se surpreendesse ao saber que os habitantes de uma delas julgavam-se imensamente superiores aos da outra”. Esta observação participante, permitiu-lhes compreender com alguma estranheza a sociodinâmica daquela comunidade.

Neste exercício de estranhamento, percebeu-se, também, além das diferenças temporais na ocupação do território da comunidade, disparidades nos elementos coesivos dos dois grupos de Winston Parva. Em paralelo, em Imperatriz, percebeu-se que, este elemento sobressaía-se principalmente por meio de matrimônios. As famílias de notoriedade política, sobretudo, daqueles que permaneceram no poder por considerável quantidade de anos, se entrecruzavam de maneira que os sobrenomes destes, eram mais facilmente identificáveis. . Neste sentido, segundo dados disponibilizados pelo site oficial da prefeitura (2021), consta-se, entre intendentess e prefeitos, pelos menos, 6 (seis) recorrências de mandatos de indivíduos com sobrenome “Bandeira”, 4 (quatro) ocorrências de mandatos realizados por pessoas com sobrenome “Moreira” e 3 (três) mandatos exercidos por indivíduos com sobrenome “Milhomem”. Fazendo-nos remeter à realidade de Winston Parva quando um vigário reafirmou que existem “estreitos laços de família da parte mais antiga da aldeia” e endossou outro depoente, servidor

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



público ao dizer: “Há tantos casamentos entre familiares aqui, que não se sabe quem é parente de quem” (ELIAS E SCOTSON, 2000, p.85).

Esta coesão por meio de um padrão de enlaces familiares, compunha uma moral comum, especialmente entre aqueles mais antigos, estabelecidos. Aqueles considerados menos coesos, relativizavam esta moral social, precipuamente por não estarem ligados a ela desde o início ou por um certo período de tempo necessário para seu reconhecimento. Estes últimos, ao agirem de outro modo, que não aquele exigido pela moral da comunidade, passavam a ser vistos como indivíduos anômicos. E, conforme o morador antigo (A) da rua “de dentro”, as anomias locais, as desordens deviam-se à presença dos moradores mais recentes, reconhecidos como outsiders: “naquela época não tinha essa roubalheira que tem hoje. Quando o cara não prestava, eles [as autoridades locais] botavam pra fora. Era o povo [os moradores da Rua Grande] que indicava quem poderia morar aqui” (MORADOR (A) DA RUA CENTRAL, 2015).

## 5.RESULTADOS

Este trabalho apontou que em muitos pontos, a realidade local das ruas em imperatriz, sejam estas acopladas ao povoado, vila ou cidade de Imperatriz, encontraram variados pontos comuns com outras comunidades, bairros urbanos, vilarejos etc., mas, também, encontrou as especificidades do que Elias e Scotson (2000, p. 165) chamaram de “problemas comunitários” e “problemas sociológicos específicos”. Foi possível cogitar algumas características específicas das relações dos moradores estabelecidos e recentes da cidade. Assim, como apontado no corpo deste trabalho, as particularidades das formas de separação de pessoas no território imperatrizense, têm forte interação com as categorias econômicas predominantes na América Latina e Brasil. Porém, a despeito de estas apresentarem-se proeminentemente, não excetuem o potencial representativo e social dos grupos mais coesos, de determinarem algumas normas e formas de existência, não atreladas a este elemento.

## 5.CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das possibilidades interpretativas oriundas da proposta metodológica de Elias e Scotson (2000) tornou-se possível o despertar de novas leituras acerca das relações sociais entre os habitantes da cidade de Imperatriz na década de 1950 e atualmente. Portanto, compreende-se que as diversas perspectivas possíveis relativas a este tema sejam profícuas para estudos posteriores na área da Sociologia.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre – Efeitos de Lugar. In: Pierre Bourdieu (org.) A Miséria do Mundo. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 159 – 166.

CUNHA, Fernando. Blog Museu Virtual de Imperatriz. 21 nov. 2010. Acervo da Associação Humanitária de Imperatriz Albé Ambrogio. Disponível em: < <http://museu-virtual.blogspot.com.br/> > Acesso em: 14 jul. 2021.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e outsiders. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_, Norbert. Conocimiento y poder. Madrid: La Piqueta, 1994.

\_\_\_\_\_, Norbert. Introdução à sociologia. Lisboa: Edições 70, 1970.

FREHSE, Fraya. 2016. Em busca do tempo nas ruas e praças de São Paulo. São Paulo. Ponto Urbe [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado dia 22 julho de 2021.

NEGRI, Silvio Moisés. Segregação socioespacial: alguns conceitos e análises. Editora. Rondonópolis, 2008.

TOMPSON [pseudônimo]. Casas e Torturas na Imperatriz. Texto datado de 10 de fevereiro de 1907. In: Jornal A Pacotilha, do dia 19 de setembro de 1907.

## DEPOIMENTOS

Moradora (A) da rua de dentro. Segregação socioespacial e estigma na sociedade imperatrizense da década de 1950. Entrevista concedida em maio de 2015.

Morador (A) da de rua de dentro. Segregação socioespacial e estigma na sociedade imperatrizense da década de 1950. Entrevista concedida em maio de 2015.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## AS POLÍTICAS DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE BOA VISTA/ RR E A MARGINALIZAÇÃO DA SUA ZONA DE PROSTITUIÇÃO-1950 <sup>1</sup>

Édla Sonaira Salazar de Oliveira

Licenciada em História

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras- PPGSOF/UFRR

**RESUMO:** Ao lançarmos olhares para a cidade de Boa Vista/RR, podemos analisá-la das mais diversas formas, a escolhida neste trabalho é a compreensão da região a partir das políticas de organização urbana e as relações com o território de prostituição chamado de Morro. Esta foi a primeira zona de prostituição que existiu na cidade de Boa Vista, então capital do Território Federal do Rio Branco, durante a década de 1950. O processo de ocupação da Amazônia, em especial a cidade de Boa Vista/RR, pode ser compreendido pela forma que o Estado o conduziu através de suas políticas públicas para a povoação e desenvolvimento, um projeto oriundo do poder do conquistador europeu. Fato este que não ocorreu sem contendas pois esses espaços possuem múltiplos agentes portadores de diferentes práticas socioespaciais, as pessoas são entendidas aqui como construtores dos espaços mesmo na condição de excluídos. Com isso a cidade de Boa Vista/RR foi transformada em palco e reflexo das relações sociais. Para tanto, utilizamos como nossas principais fontes o jornal O Átomo e os relatos de memorialistas e cronistas, dentre outras, partindo da pesquisa “A Zona do Morro: a marginalização do território da prostituição feminina na cidade de Boa Vista-RR na década de 1950”, realizada junto ao Curso de História da UFRR. Nosso objetivo, portanto, é discutir a forma como estes territórios marginais, considerados “sujos” e malditos, se inserem na dinâmica socioespacial da nova cidade que surge com a modernização de Boa Vista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade; Amazônia; Boa Vista; Urbanização; territórios marginais;

## THE URBANIZATION POLICIES OF THE CITY OF BOA VISTA / RR AND THE MARGINALIZATION OF ITS PROSTITUTION AREA-1950

**ABSTRACT:** When we look at the city of Boa Vista/RR, we can analyze it in the most diverse ways, the chosen one in this work is the understanding of the region from the urban organization policies and the relations with the prostitution territory called Morro. This was the first prostitution zone that existed in the city of Boa Vista, then capital of the Federal Territory of Rio Branco, during the 1950s.

<sup>1</sup> Esse trabalho foi produzido a partir da monografia: Oliveira, Édla Sonaira Salazar de. A zona do Morro: a marginalização do território da prostituição feminina na cidade de Boa Vista-RR na década de 1950. 74 f, (graduação) Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2020.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



The process of occupation of the Amazon, especially the city of Boa Vista/RR, can be understood by the way the State conducted it through its public policies for population and development, a project that came from the power of the European conqueror. This fact did not occur without disputes, as these spaces have multiple agents that carry different socio-spatial practices, people are understood here as constructors of spaces even in their excluded condition. With this, the city of Boa Vista/RR was transformed into a stage and reflection of social relations. Therefore, we used as our main sources the newspaper O Átomo and the reports of memoirists and chroniclers, among others, based on the research “The Zona do Morro: the marginalization of the territory of female prostitution in the city of Boa Vista-RR in the 1950s”, held at the UFRR History Course. Our objective, therefore, is to discuss how these marginal territories, considered “dirty” and cursed, fit into the socio-spatial dynamics of the new city that emerged with the modernization of Boa Vista.

**KEYWORDS:** City; Amazon; Good view; Urbanization; marginal territories;

## 1. INTRODUÇÃO

Este texto foi produzido como parte integrante de avaliação para a disciplina Estado, Sociedade e Meio ambiente do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras-PPGSOF. As leituras apresentadas no decorrer da disciplina enriqueceram o debate sobre as formações urbanas e a organização do meretrício na cidade de Boa Vista na segunda metade do século XX, tema da minha dissertação em curso. Ao lançarmos olhares para a cidade de Boa Vista/RR, podemos analisá-la das mais diversas formas, a escolhida neste texto é a compreensão da região a partir das políticas de organização urbana e as relações com a sua primeira zona de prostituição, o Morro.

Sejam grandes ou pequenas, todas as cidades amazônicas são lugares de “reprodução das relações sociais e constituem bases para realização ampliada da intervenção direta do Estado na produção do espaço e na ligação de pontos que possibilitam a expansão de novas formas de relações de produção na região” (OLIVEIRA, 1998, p.29). No decorrer do processo histórico que formam essas cidades, a atuação estatal que se faz presente na região espacializou o desenvolvimento do capital em ruas e prédios que surgiram por entre as floretas e rios. Entretanto, Oliveira (1998) aponta que esse processo não ocorreu sem contendas pois esses espaços possuem múltiplos agentes portadores de diferentes práticas socioespaciais, o que transformou as cidades amazônicas em palco e reflexo de lutas sociais.

Os eventos pretéritos atingem a dinâmicas dessas cidades e formam as especificidades de cada uma, impossibilitando assim uma análise generalizadora para as várias amazônias que se apresentam. Cada fragmento desse lugar vivido ultrapassa o anterior, mas também o conserva de alguma maneira.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





Desse modo “a produção do espaço urbano na Amazônia se dá a partir de um processo conflituoso, onde as novas relações destroem e reconstróem as antigas relações, pois o novo não exclui o velho” (OLIVEIRA, 1998, p. 39) e nessa dialética constante do construir, desconstruir e reconstruir dessas relações sociais que se fazem as cidades.

No caso das cidades amazônicas, as políticas de urbanização ocorreram de formas e em períodos desiguais, algumas nem se quer foram atingidas diretamente, o que acarretou na característica comum a todos os estados amazônicos, a concentração de boa parte da população nas capitais ou em poucas cidades maiores. (OLIVEIRA, 1998). O processo de ocupação da Amazônia, em especial a cidade de Boa Vista/RR, pode ser compreendido pela forma que o Estado o conduziu através de suas políticas públicas para a povoação e desenvolvimento, um projeto oriundo do poder do conquistador europeu. (BECKER, 2009; SANTOS, 2012) também das relações sociais, pois pessoas são entendidas aqui como construtores dos espaços mesmo na condição de excluídos.

Inicialmente contextualizaremos as ações na construção das cidades, as ações estatais na Amazônia a partir das políticas de modernização urbana nas concepções das sociedades industriais e de inserção na escala global. Sem deixar de considerar as especificidades das cidades amazônicas, das desigualdades no processo de urbanização, apontando que as cidades criadas na Amazônia no final do século XX foram produzidas através da forte atuação do Estado e da expansão do capital na Amazônia. E por fim, apontar as possíveis consequências dessas políticas na primeira zona de meretrício da cidade de Boa Vista/RR, a chamada Zona do Morro.

Para tanto, partimos da pesquisa “A Zona do Morro: a marginalização do território da prostituição feminina na cidade de Boa Vista-RR na década de 1950”, resultado do meu trabalho de conclusão de curso junto ao Curso de História da UFRR. O objetivo, portanto, é discutir a forma como estes territórios marginais, considerados “sujos” e malditos, se inserem no cotidiano e na dinâmica social das cidades, especialmente em Boa Vista, uma cidade amazônica e fronteiriça.

## 2. AS CIDADES NA FLORESTA

No processo histórico da Amazônia brasileira observa-se a instalação de diversos grandes projetos estatais que objetivavam o seu desenvolvimento. Para o Estado português e, posteriormente com a Independência, para o Estado brasileiro, as grandes dimensões territoriais da região, sua diversificada biodiversidade e a sua multiplicidade de universo, cultura e existências foram sempre um grande problema a ser encarado.

As iniciativas de políticas estatais aplicadas na região foram inicialmente, dada sua importância geopolítica e os fatores econômicos externos, para assegurar as questões fronteiriças, voltadas para integração nacional e de ocupação dos seus espaços. Já durante toda a segunda metade do século XX,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



inserem-se a isso as políticas desenvolvimentistas do Estado que visavam crescimento econômico (SANTOS, 2012). Como pano de fundo dessas ações, Oliveira e Carleial (2013) apontam que sempre estiveram presentes:

o interesse da reprodução do capital e a apropriação dos bens regionais pela iniciativa privada, descartando os interesses e necessidades dos atores locais e a capacidade endógena de um desenvolvimento comprometido com o equilíbrio socioambiental, onde se possa ter equidade com as questões territoriais econômicas, sociais e ambientais. (2013, p. 2)

No caso de Boa Vista, Veras defende que a elaboração e implantação do Plano Urbanístico da cidade no período de 1944 a 1950 é um dos exemplos materiais das “políticas de desenvolvimento urbano voltadas para o controle político, econômico e estratégico da fronteira setentrional” (VERAS, 2009, p. 95).

Oliveira (1998, p. 34-35) entende a Amazônia como uma formação econômica-social produzida a partir da dinâmica do capitalismo e, portanto, sujeitas a idas e vindas do sistema. Para o autor, os processos de intervenção que visavam a expansão de fronteiras e da implementação dos grandes projetos de modernização dessas cidades dinamizaram as mudanças sociais e colocaram como tendências:

a produção de um espaço controlado e homogêneo que, no entanto, não se concretiza em sua inteireza, à medida que o novo espaço não se produz excludentemente. Ele reproduz as diferenças e as resistências que não restauram as relações sociais anteriores, mas as recriam em outras dimensões (...) O novo completamente novo não existe e são nas brechas surgidas no processo contraditório de produção do espaço que a população do lugares os migrantes criam as condições de resistência, visando alcançar não apenas as transformações que se processam no e do espaço como também interferir de maneira que o direito à diferença e não as desigualdades lhes seja garantido. (1998, p. 39)

Desse modo, o autor defende que as cidades da Amazônia que vivenciam as políticas de urbanização ou são criadas na segunda metade do século XX, foram produzidas em tempos e espaços diferentes dos até então vividos pela população local, com essas modificação passaram a vivenciar novos valores e novas funções na dinâmica socioespacial. Ressignificando os usos desses espaços, assimilando esse novo modo de vida das sociedades industriais, mas não deixando de carregar seus valores regionais pois “todos esses aspectos mediados pelos usos e costumes, determinam a forma de produção das cidades, que se constituem como locus privilegiado na articulação entre o lugar, o nacional e o global e portanto local de resistência.” (OLIVEIRA, 1998, p. 40).

Corroborando com essa perspectiva, Mignolo (2020) ao fazer uma crítica a modernidade partir de alguns autores da América Latina, como Dussel e Quijano, aponta que poder do capitalismo

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



expresso na sua expansão não elimina todas as diferenças que resistem nas práticas e saberes dos povos locais. Nesse contexto, o modo como foi produzido o espaço nas cidades amazônicas dependem das condições concretas dos meios de produção e da forma de manifestação da vida que determina de certa forma sua natureza, sendo essa produção um requisito da própria existência humana. Portanto, ao estudarmos sobre as cidades amazônicas, devemos analisar também pela perspectiva das pessoas como construtores dos espaços mesmo na condição de excluídos. Dito isto, podemos então entender as cidades como decorrências de um conglomerado de vivências ao longo de sua formação. Todas essas transformações estão interligadas e precisamos observar como uma estrutura afeta outros setores.

As normas impostas pelos pensadores da cidade não são as únicas existente no espaço urbano, ou seja, as políticas estatais instituídas não limitam a utilização dos espaços e não formam por si só uma cidade. Portanto, o extrato populacional de menor poder aquisitivo, como os sujeitos do Morro, deve ser considerado como indivíduos construtores do espaço da cidade de Boa Vista, o que não significa deixar de reconhecer a sua condição de excluídos. Nesse sentido, a cidade tem como papel simultâneo de palco e personagem no espetáculo das disputas simbólicas de poder materializados no controle de espaços da cidade.

Na formação do espaço urbano de Boa Vista, a criação do Território Federal do Rio Branco em 1943 transformou a dinâmica socioespacial da região pois com ele ocorreu um novo reordenamento espacial, dando importância as áreas próximas da atual praça do Centro Cívico, inserindo na lógica do projeto de modernização da cidade os territórios que ficavam a margem da cidade até aquele momento, no caso, a Zona do Morro. Espacializando nas regiões centrais da nova Boa Vista que ali surgia uma disputa de poder entre os grupos responsáveis para implementar essas políticas estatais de modernização e as prostitutas, donos de bares e cafetinas.

Quando o Governo Federal contrata a empresa Riobras, de propriedade do Engenheiro Civil Darcy Aleixo Derenusson, para elaboração de um plano urbanístico, o Estado atua como agente modelador do espaço em conjunto com os agentes econômicos e sociais, no sentido de estruturar o espaço urbano de Boa Vista de acordo com as políticas nacionalistas voltada para a homogeneização das cidades na expansão capitalista.

Dentro disso, passam a se pensar nos problemas da cidade resolvidos pelo poder público por meio da ordem, tentando disciplinar o caos, ou seja, cria-se o discurso de planejamento urbano para organizar o espaço. Entretanto, esses planos agem na manutenção do poder do grupo dominante presente na máquina estatal e na exclusão dos consumidores da cidade. Portanto, o Estado por meio das políticas de urbanização da cidade de Boa Vista atuou como um defensor dos privilégios dos agentes sociais dominantes, fato este que possivelmente tenha refletido na marginalização da Zona do Morro.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



### 3. O MORRO INCOMODA MUITA GENTE

A primeira região destinada a prostituição na cidade de Boa Vista foi a chamada “Zona do Morro”, que se localizava no perímetro entre a Rua Antônio Bittencourt, Getúlio Vargas, Araújo Filho e Benjamin Constant, no atual Centro da cidade. Oliveira (2020) em seu trabalho sobre o Morro e sua espacialização na cidade de Boa Vista, aponta o surgimento da região ainda na década de 1940, conjectura embasada a partir do relato de um garimpeiro chamado José Maria, retirado do livro do memorialista de Laucides de Oliveira (2009). Segundo a autora o homem contava histórias do garimpo de Tepequém, e lembrou que em 1945 havia chegado o primeiro grupo de prostitutas no local sob a responsabilidade de uma mulher chamada Terezinha, que já era dona de um bar no Morro. Com isso, a autora aponta que o cabaré no garimpo tenha sido possivelmente formado por mulheres vinda do Morro.

O território da prostituição em Boa Vista esteve presente naquela região da cidade enquanto não fugisse ao controle das autoridades e não representasse “entraves ao crescimento urbano que encampava as bordas da cidade onde se toleravam esses espaços heteróclitos”. (BENATTI,2014, p. 8) A zona de meretrício surgiu na margem da cidade, mas a partir do momento que Boa Vista começa a se expandir e entrar na lógica da urbanização, a cidade sofre uma reorganização espacial com seu novo Traçado Urbano que passou a valorizar seus espaços próximo do Centro Cívico (OLIVEIRA,2020).

Neste contexto, o território ocupado pelas prostitutas é integrado à urbe e passa a se localizar justamente em pontos importantes da região, e a partir disso, começa a ser visto como um problema pois a exposição de corpos femininos e comportamentos ditos inapropriados passaram a “representar uma barreira para a construção do mundo urbano ideal, afinal, a tal exposição contrariava o que se esperava da imagem do meio urbano, de um espaço útil e higiênico” (AGUIAR,2016, p.38).

A partir dessas modificações na infraestrutura urbana, reforça-se o discurso relacionando a região do “Morro” e seus sujeitos, à criminalidade, à violência e ao empobrecimento moral da família. As meretrizes passam a ser constantemente associadas, no imaginário da elite local, ao esgoto, a sujeira e representação da degeneração da mulher. Além disso, temiam que os comportamentos desses indivíduos influenciassem a juventude, no caso, as moças de família (OLIVEIRA, 2020). Segundo Júnior (2014), o discurso higienista utilizado para construir uma imagem marginalizada dos sujeitos da zona de meretrício reforça a ideia de algo ruim à sociedade/moral social.

Os agentes sociais dominantes da cidade de Boa Vista, liderados por fazendeiros, membros da Igreja, alguns funcionários públicos e comerciantes (SANTOS,2012, p. 112), reproduziam a imagem moral burguesa, apontando a região frequentada por trabalhadores braçais, garimpeiros e prostitutas como as que mereceriam maior atenção da polícia, da saúde pública e dos demais poderes urbanos

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



encarregados de manter a ordem e zelar pelos bons costumes. Com o objetivo, não de preocupação com esses sujeitos, mas em controlar e ocultar essas regiões, que eram permitidas somente quando sob controle e invisibilizada.

A partir da década de 1940 com a organização urbana da cidade, a localização das zonas dos prostíbulos de Boa Vista, torna-se local de disputas simbólicas de poder entre esses agentes dominantes que materializavam os símbolos do poder central na cidade, empregando ideologias e pensando um urbano dentro das ideias higienistas, e de outro lado as prostitutas, donos de bares e cafetinas. As políticas estatais implementadas na cidade a partir desse momento é pautado nas ideias nacionalistas, criando um impasse entre as prostitutas e as instituições que defendem os valores impostos pela elite local. Exigindo assim a retirada do Morro das áreas centrais da cidade e o seu deslocamento do para áreas marginalizadas.

Observa-se a tentativa de esconder as práticas realojando distante das “pessoas de bem”, os pensadores da cidade analisam a constituição de um visual “limpo” e que valorizasse as novas formas da cidade, ou seja, o centro principal. Não havendo o pedido de erradicação da prostituição, entende-se assim uma permissividade para a prática, desde que controlada. A prostituição confinada, afastada, regulamentada, normatizada, mais facilmente controlável pelos poderes de polícia, raramente entrava na pauta dos jornalistas, a não ser quando interferiam na lógica moral da cidade e nos interesses de grupos da elite local em estabelecer os controles a esses espaços no qual estava situada.

Com a modernização houve uma reformulação no espaço urbano da cidade o que atribuiu novos sentidos para a dinâmica socioespacial e rompeu com uma rotina de cidade ribeirinha que Boa Vista manteve por muitos anos. A cidade passa a ser pensada para entrar na lógica urbanística determinada pelos planos nacionais para o Território. Estas disputas para retirada das prostitutas daquela região a partir de 1950, ocorrem porque os pensadores da cidade buscavam um uso diferente para aqueles espaços, algo que refletisse o espaço urbano ideal, que para eles deveria ser limpo, útil e higiênico (OLIVEIRA,2020).

Quando se trata do baixo meretrício, como o Morro, percebe-se que esta atividade sofre mais perseguições que os outros níveis de prostituição por questões de ordem econômica, (SILVA, 2011, p.33) tanto que a marginalização dos territórios da prostituição foi ocasionada não somente pela imagem da prostituta mas também por ser lugar de diversão principalmente de garimpeiros, homens pobres sem relevância social. Este tipo de prostituição frequentemente é posta na periferia imediata do centro pois são regiões que possuem um certo estado de deterioração e falta de estruturas básicas, não possuindo ambiência familiar estável, o que proporciona uma localização para a prática do meretrício escondido e sem grande resistência.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações promovidas pelo poder central na cidade de Boa Vista se concretizam em espacialidades numa sensação de extrema obviedade pela frequência de estar sempre presente nas dinâmicas urbanas, como se fosse algo dado ao acaso. Entretanto, as políticas de modernização implementada pelo Estado brasileiro que se sucederam sobre a cidade fogem ao óbvio. As paredes de concreto e ruas materializam interesses do capital, por esse motivo esse processo de urbanização da cidade de Boa Vista está assinalado pela exclusão.

Acredita-se que com intervenção do governo central, a vida urbana da cidade foi inteiramente remodelada, pensada e desenhada uma nova Boa Vista baseada nas ideias globais de cidade. Esses processos que surgiam atrelado a fatores econômicos, produziram no imaginário da sociedade boavistense a necessidade do banimento da zona das áreas centrais para outras regiões afastadas, pois estariam “sujando” a imagem da cidade. Desse modo, os sujeitos do baixo meretrício são considerados uma fonte de sujeira e são remanejados do centro para as regiões marginais da cidade, pois para florescer a prostituição é forçada a se esconder da ordem moral da sociedade.

As campanhas de desapropriação provocadas por grupos controladores da cidade são práticas que resultaram no deslocamento da zona do baixo meretrício para regiões marginais próxima ao centro, que posteriormente com o crescimento da cidade tenham sofridos outras campanhas para deslocamentos pois a prostituição acompanha a organização interna da cidade e vai se adaptando e resistindo. A região destinada aos prazeres sexuais foi escondida nas áreas mais distantes do centro urbano, mas não impediu que estivesse integrada a organização da atual dinâmica socioespacial da cidade.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Nayara Elisa de Moraes. Um incômodo moral: o meretrício e seus meios de controle em Curitiba (1929-1937). 202 f. Dissertação (Mestrado) Programa em Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná, 2016, p. 29-54.

BECKER, Bertha K. Amazônia: geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BENATTI, Antônio Paulo. O CENTRO E AS MARGENS Boêmia e prostituição na capital mundial do café, (Londrina: 1930-1970) - 241f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1996, 157-215 p.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



CARNOY, Martin. Estado e Teoria política. (equipe de trad. PUCCAMP) 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1988, p. 19-80.

CERTEAU, Michel de, A invenção do cotidiano: a arte de fazer. 1980. 3. Edição, editora Vozes, Petrópolis-RJ 1996, p.169-192.

JÚNIOR, Paulo Marreiro dos Santos. Glamour e agonia na prostituição da Manaus da borracha. Cordis. Mulheres na história, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 17-31, jul./dez. 2014.

LEPETIT, Bernard. Proposições para uma prática restrita da interdisciplinaridade. Arquitetura, geografia, história: usos da escala. A história leva os atores a sério. In: SALGUEIRO, Heliana (Org.). Por uma nova história urbana. São Paulo: Edusp, 2001.

MIGNOLO, Walter D. A Geopolítica do Conhecimento e a Diferença Colonial. Revista Lusófona de Educação, 48, 187-224.

OLIVEIRA, Édla Sonaira Salazar de. A zona do morro: a marginalização do território da prostituição feminina na cidade de Boa Vista-RR na década de 1950. 74 f. Monografia (graduação) – Universidade Federal de Roraima, Curso de História. Boa Vista, 2020.

OLIVEIRA, Robson Quintino de; CARLEIAL, Liana Maria da Frota. Desenvolvimento amazônico: uma discussão das políticas públicas do estado brasileiro. Revista Eletrônica Multidisciplinar da Faculdade de Alta Floresta - ISSN: 2238-5479, v. 2, n. 1, 2013. Disponível em < <http://faflor.com.br/revistas/refaf/index.php/refaf/article/view/90/html>> Acesso em 21 de junho de 2021.

OLIVEIRA, Laucides. Boa Vista 1953, uma aventura...Ah, dias de minha juventude... Boa Vista: Gráfica Real, 2007.

OLIVEIRA, José Aldemir de Oliveira. Trilhas e atalhos: as cidades amazônicas no final do século XX. In: ALVES, Cláudia Lima Esteves. Formação do espaço amazônico e relações fronteiriças. CCSG-UFRR, Boa Vista-RR, p. 27- 46.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



OLIVEIRA, Rafael da Silva. Do rio ao traçado urbano, e novamente ao rio (alguns apontamentos para pensar a cidade de Boa Vista/RR). Revista ACTA Geográfica, ANO II, nº3, jan./jun. de 2008. p.93-106.

RAGO, M. “Os prazeres da noite.” Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra (1991).

SANTOS, Nélvio Paulo Dutra. Roraima: possibilidade e impossibilidades da formação de uma elite regional. In: Roraima/Boa Vista- temas sobre o regional e o local. MAGALHÃES, Maria das Graças Santos dias. SOUZA, Carla Monteiro de (Org.). Editora UFRR, Boa Vista-RR,2012, p. 105-124.

SILVA, Jean Carlos. O conceito de território na Geografia e a territorialidade da prostituição. In: RIBEIRO, Miguel Angelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva (Org.). Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 19-41 p.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas; ROCHA, Rafael Alexandre; ALMEIDA, Marcelo Mendes. A segregação como conteúdo da nova morfologia urbana de Boa Vista – RR. Revista Acta Geográfica, ano III, nº6, jul./dez. de 2012. p.47-53.

VERAS, Antônio Rezende Tolrino. A produção do espaço urbano de Boa Vista – Roraima. São Paulo, 2009. 235f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





## CONSEGUIMOS A CASA E AGORA? COTIDIANO E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM TRÊS LAGOAS-MS

Diogo Cerdan Brito

Estudante de Graduação em Geografia

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) – Campus de Três Lagoas

diogocerdanb2@gmail.com

Patrícia Helena Milani

Doutorado

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) – Campus de Três Lagoas

patriciah.milani@gmail.com

**RESUMO:** Levando em consideração o processo de segregação socioespacial e seus desdobramentos na cidade no plano do vivido, vemos a possibilidade de, através das práticas espaciais dos moradores dos Conjuntos Habitacionais verticais Novo Oeste e Orestinho em Três Lagoas-MS, debatermos o cotidiano da e a partir da periferia com base nas experiências dos moradores. Utilizamos a metodologia qualitativa para o desenvolvimento desta pesquisa, realizamos entrevistas com moradores dos conjuntos habitacionais verticais, com roteiros semiestruturados, o que nos permitiu algumas análises do processo de segregação em suas dimensões objetiva e subjetiva. Vemos que o modelo de moradias verticais, desencadeia diversos conflitos: tanto pela proximidade dos apartamentos, quanto pelas taxas de condomínio (que muitos moradores não têm condições financeiras para pagar, segundo as entrevistas). Isso gera inclusive o abandono de alguns apartamentos e casos de refuncionalização para usos comerciais. Para além do espaço de moradia na periferia da cidade, verificamos múltiplas experiências espaciais desses sujeitos no âmbito da cidade, com base nas práticas espaciais ligadas ao trabalho, lazer e consumo, uma vez que a vida dos sujeitos sociais não se desenvolve em localidades fixas, mas vivenciam a cidade a partir de seus locais de moradia. Verificamos que as experiências espaciais se distinguem devido as diferenças de gênero, formas de mobilidade e faixa geracional dos sujeitos e sujeitas entrevistados/as.

**PALAVRAS CHAVE:** Segregação Socioespacial; Periferia; Cotidiano; Três Lagoas-MS.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **WE GOT THE HOUSE AND NOW? DAILY LIFE AND SOCIO-SPACE SEGREGATION IN TRÊS LAGOAS-MS**

**ABSTRACT:** Taking into account the process of socio-spatial segregation and its consequences in the city in terms of what is lived, we see the possibility, through the spatial practices of the residents of the Novo Oeste and Orestinho vertical housing complexes in Três Lagoas-MS, to debate the daily life of and from the periphery based on the experiences of the residents. We used the qualitative methodology for the development of this research, we conducted interviews with residents of vertical housing developments, with semi-structured scripts, which allowed us to analyze the segregation process in its objective and subjective dimensions. We see that the vertical housing model triggers several conflicts: both because of the proximity of the apartments, and because of condominium fees (which many residents cannot afford, according to the interviews). This even generates the abandonment of some apartments and cases of refunctionalization for commercial uses. In addition to the living space on the outskirts of the city, we verified multiple spatial experiences of these subjects within the city, based on spatial practices linked to work, leisure and consumption, since the lives of social subjects do not develop in fixed locations, but they experience the city from their place of residence. We found that spatial experiences are distinguished due to differences in gender, forms of mobility and generational range of subjects and subjects interviewed.

**KEYWORDS:** Sociospatial Segregation; Periphery; Daily; Três Lagoas-MS.

### **INTRODUÇÃO**

Este texto é parte de uma pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada: “Segregação e práticas espaciais dos moradores dos conjuntos habitacionais verticais em Três Lagoas-MS”. A pesquisa é desenvolvida no âmbito do curso de Geografia, da UFMS.

A cidade de Três Lagoas possui, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 125.137 habitantes (estimativa de 2021), e está localizada na Mesorregião do Leste do Mato Grosso do Sul. No âmbito das políticas habitacionais implementadas na cidade, houve entre os anos de 1998 a 2010 um total de 1409 unidades habitacionais, distribuídas em 19 conjuntos habitacionais horizontais pelo Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social - FNHIS (MILANI, 2020, p. 357). A partir de 2011 os Conjuntos Habitacionais passaram a ser estruturados de forma vertical pelo Programa de Subsídio Habitacional – PSH.

Temos como objetivo central neste texto analisar e entender a forma como o processo de segregação socioespacial é vivido pelos moradores de dois conjuntos habitacionais verticais na cidade de Três Lagoas: Orestinho e Novo Oeste. Nosso enfoque se recaiu, para o desenvolvimento deste texto,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



nas relações entre os moradores nos espaços internos aos conjuntos, nas relações de solidariedade e nas relações de conflito que caracterizam a vida cotidiana das moradoras entrevistadas, nos horários de permanência nos apartamentos.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trabalhamos com a metodologia qualitativa, tendo como principal instrumento a realização de entrevistas – com roteiros semiestruturados. Desta forma, procuramos ouvir as experiências cotidianas de quem vive o processo de segregação socioespacial e as implicações em suas práticas espaciais nos conjuntos habitacionais.

Os roteiros de entrevistas foram divididos por assuntos: a) perfil, b) habitação, c) mobilidade, d) lazer, e) relações de vizinhança.

Durante a entrevista (de forma online devido a Pandemia de Covid 19), tentamos transformar a situação artificial de entrevista em uma conversa informal, onde somos ouvintes prontos para aprender com a experiência do entrevistado – o que é de suma importância, quando buscamos falas que expressam opiniões e vivências de cada um, ao invés de buscar responder alguma questão da maneira mais “correta”. As entrevistas foram gravadas com a permissão dos entrevistados e posteriormente transcritas e analisadas neste texto.

Após a realização da transcrição, realizamos a codificação das entrevistas, ou seja, elaboramos temas que com base nas falas das entrevistadas, como por exemplo “conflitos nos conjuntos habitacionais”, ou também “representações negativas sobre o conjunto habitacional”. A codificação das informações qualitativas, segundo Gibbs (2009), é a forma como o pesquisador define de que tratam as informações em análise, através da aplicação de nomes a passagens de texto, sendo, por assim dizer, processo deliberado e reflexivo de categorização dos conteúdos, de forma a estabelecer uma estrutura de ideias temáticas, formando um foco para pensar no texto e em possíveis interpretações do seu conteúdo.

A partir dos temas pudemos buscar referências bibliográficas pertinentes para o trabalho – e que, a partir da não neutralidade do pesquisador, contribuíram para uma análise crítica e fundamentada das entrevistas no contexto do trabalho. Neste sentido,

Entrevistas são caminhos dessa espécie, isto é, métodos para obter ou produzir dados. Elas não são, por si mesmas, respostas à pergunta de pesquisa. Só farão sentido se forem precedidas de uma preparação crítica, e analisadas e interpretadas em conjunto com outros dados e com (ou contra) as teorias. (KAPP, 2020, p. 6)

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:

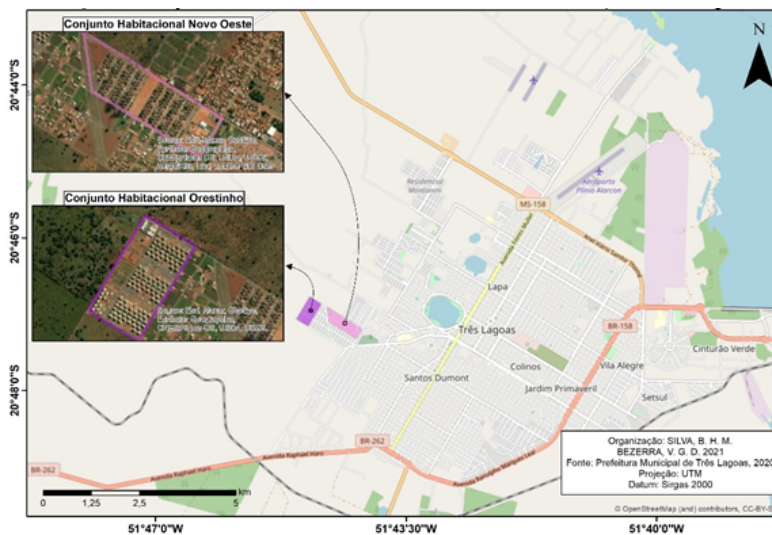


Neste sentido, a reflexão que fazemos acerca do trabalho empírico – reflexão teórica – permite corrigir rumos e ir além do que já foi constatado centenas de vezes em centenas de lugares (KAPP, 2020, p. 5).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Franqueline (2017, p. 79) nos aponta que em 2013 foi entregue pelo Programa Minha Casa Minha Vida, o Conjunto Habitacional Novo Oeste, o qual conta com 1.224 moradias divididas em 8 blocos de apartamentos, em que cada apartamento conta com dois quartos, sala, cozinha, e áreas de serviço e de lazer com aproximadamente 42 m<sup>2</sup> de construção.

Em 2015 foi construído o Conjunto Habitacional Orestinho, com 1.432 moradias divididas em 12 blocos de apartamentos, de modo que cada apartamento foi dividido de forma similar ao Novo Oeste – dois quartos, sala, cozinha, e áreas de serviço e de lazer com aproximadamente 42 m<sup>2</sup> de construção (FRANQUELINO, 2017, p. 79). Cada bloco de apartamentos é denominado de condomínio, assim cada um tem sua própria portaria e entrada. No mapa a seguir, podemos observar a localização dos conjuntos habitacionais em Três Lagoas.



Mapa 1 – Localização dos Conjuntos Habitacionais Novo Oeste e Orestinho no Município de Três Lagoas – MS. Organização: SILVA, B. H. M.; BEZERRE, V. G. D. 2021.

Quando pensamos no modelo de Conjunto Habitacional Vertical implantado a partir de 2011 em Três Lagoas-MS, vemos uma problemática: muitos moradores estavam acostumados a morar em casas térreas que, por menor que fossem, tinham varanda, quintal e a possibilidade de fazer

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



reformas conforme o tempo – sobretudo pequenos aumentos na casa. Combinado a esses elementos há o distanciamento do vizinho, o que ajuda a manter certa privacidade, considerando os barulhos, por exemplo, dentre os conflitos narrados pelas entrevistadas, como veremos adiante.

O modelo vertical implementado foi inspirado em outros conjuntos habitacionais também oriundos do Programa Minha Casa Minha Vida, e advém de uma escala geográfica (sobretudo modelos de moradias das metrópoles) muitas vezes incompatível com os costumes e estilos de moradias de sujeitos sociais/moradores de cidades não metropolitanas.

Por outro lado, este modelo vertical:

(...) além de permitir que um número significativo de moradias sociais seja concebido, ainda permite uma articulação entre diferentes agentes produtores do espaço urbano, como os proprietários fundiários e os promotores imobiliários, que se beneficiaram com a criação de unidades habitacionais sociais no local. (ALMEIDA E MILANI, 2020, p.15)

A construção de conjuntos habitacionais tem o intuito de prover moradias para a classe trabalhadora, no entanto devemos levar em consideração o papel do Poder Público enquanto agente produtor do espaço urbano (CORRÊA, 1989), conjuntamente com as políticas habitacionais, neste caso o Programa Minha Casa Minha Vida. Assim, ao solucionar (em teoria) o problema da moradia, são contabilizados também os interesses dos demais agentes produtores de espaço, de forma não neutra.

Temos então, um modelo vertical, cuja ideia é adaptada com base em outra escala, esta entendida enquanto relação, ou seja, escala geográfica (BRENNER, 2013). Por meio das falas que nos relataram as práticas espaciais buscamos compreender como os sujeitos sociais moradores dos conjuntos vivenciam esses espaços de moradia e a cidade, ou, como se expressa a segregação socioespacial tanto na dimensão objetiva, quanto na subjetiva de sua experiência espacial cotidiana.

Utilizamos as narrativas de três entrevistadas para embasar nossas análises da vida cotidiana nos conjuntos habitacionais. As entrevistadas foram: Fabiana, Ana e Mirian<sup>1</sup>.

Fabiana, de 21 anos, é moradora do conjunto habitacional Novo Oeste, estudante da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), mora com a mãe e o irmão mais novo no primeiro andar do bloco do conjunto habitacional, no período da entrevista estava desempregada.

Um dos principais problemas relatados pelas entrevistadas não está relacionado com as infraestruturas, como por exemplo, água e energia, mas às questões de sociabilidade conflituosa no espaço de moradia.

Nesse contexto Fabiana nos contou que:

1 Os nomes são fictícios, para preservar a identidade das colaboradoras.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



É sempre por conta do barulho, muitas vezes vizinhos. A tolerância é até as dez horas, né?! Pra você escutar uma música alta, conversar alto, só que aqui não. Muitas pessoas extrapolam esse horário, vamos supor, tem dia que é meia noite, meia noite e meia e estão com som alto, tão conversando. Briga por causa do lixo, estacionamento não tem, só uma vez que saiu uma briga por causa do lixo ali, mas começou na verdade por conta do barulho, ai já começaram a falar de outras coisas também. (Fabiana, 21 anos, moradora do Novo Oeste)

Lindón (2006), trabalha com as práticas espaciais através das “Geografias de la vida cotidiana”, em que reconhece quatro vertentes analíticas: os deslocamentos, as práticas que permanecem em um lugar; os cenários de comportamento e padrões e rotinas espaciais. Neste texto enfocamos nos cenários.

Estes são definidos por Lindón (2006, p. 373) como uma forma de abordagem para as práticas que se fixam em um lugar, através dos espaços e tempos nos quais ocorrem as práticas espaciais cotidianas. Assim, podemos ver os conjuntos habitacionais enquanto cenários, onde ocorrem interações, negociações, e relações de vizinhança – de tal modo que, nessas relações surgem conflitos entre alguns moradores (que tem uma prática relativamente fixa).

Quando a entrevistada Fabiana fala sobre os conflitos de vizinhança, um grande problema encontrado diz respeito ao barulho. A questão do barulho se acirra quando pensamos no tamanho dos apartamentos, somada a proximidade entre eles. Então quando pensamos nos conjuntos habitacionais enquanto cenários, podemos colocar mais uma questão trabalhada por Lindón (2006, p. 373), para a reflexão: as práticas que ocorrem fora de um recinto (outdoor), ou dentro de um recinto (*indoor*), pede-se mudanças de comportamentos entre o “dentro dos apartamentos” e “fora”.

Existem práticas para recintos abertos e fechados, e que, muitas vezes, quando não respeitadas, culminam em conflitos. Essa situação fica explícita na fala de Fabiana, quando diz que “a tolerância é até as dez horas, né?” Em um conjunto habitacional, onde o espaço está dividido e há uma diversidade de pessoas (moradores), algumas práticas que não estão de acordo com o esperado afetam a forma como os sujeitos sociais vivenciam aquele espaço e as suas relações sociais diárias.

Por sua vez, Ana, moradora no Novo Oeste, possui 37 anos, é mãe solteira (em seus termos), tem duas filhas, uma de 18 e uma de 5 anos. Mora a 7 anos no apartamento com a filha de 5 anos – no entanto a menina fica com a avó, no bairro Santa Luzia, durante a jornada de trabalho da mãe (trabalha em dois empregos, na parte da manhã é babá, e a tarde trabalha em uma escola privada, em serviços gerais).

Uma questão interessante levantada na fala da Ana diz respeito ao contato entre os vizinhos, que se tornou inevitável na experiência espacial cotidiana dos moradores (indoor). Quando perguntamos se há relação de amizade entre ela e os vizinhos, Ana afirmou que “é mais bom dia e boa tarde, conversar é muito pouco. Eles cuidam pra mim, eu cuido pra eles, mas é bom dia ou boa tarde. Se caso aconteça alguma coisa, eu chego e falo, mas se não... Frequentar casa, assim, não.”

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Notamos, no caso da Ana, que apesar da proximidade e dos encontros, a relação entre vizinhos não se aprofunda para além das casualidades. Podemos associar esta questão aos diferentes ciclos de vida dos moradores, uma vez que as rotinas podem influenciar na forma como o sujeito social interage com o espaço a sua volta – seja pelo tempo limitado expresso na sua rotina, ou por questões pessoais.

Existem inúmeras possibilidades para a existência de conflitos nesse espaço, uma vez que os sujeitos sociais não são neutros, mas sim que carregam uma identidade composta por particularidades que foram produzidas e reproduzidas ao longo de sua vida.

Se pensarmos, em uma situação hipotética, que em um determinado apartamento superior mora uma jovem de 22 anos, solteira, sozinha, trabalhando durante o dia inteiro, e que utiliza o apartamento apenas para dormir, enquanto no apartamento de baixo uma mulher de 45 anos, com duas crianças, que está o dia todo no apartamento, veremos que a experiência espacial de ambas vai ser diferente, devido ao seu ciclo de vida e outras dimensões que compõem suas existências espacial e temporal.

Desta forma, o modo como as duas vão vivenciar este cenário (LINDÓN, 2006) vai ser diferente, assim como as condutas que se esperam vão ter distintos parâmetros para as duas. Talvez para a jovem de 22 anos não seja um problema passar boa parte da madrugada acordada em seu apartamento aos finais de semana, no entanto, se pensarmos na mulher de 45 anos, que mora no apartamento de baixo com as duas crianças, podemos perceber que, pela proximidade dos apartamentos, a prática espacial de sua vizinha venha a atrapalhar o seu momento de descanso.

No âmbito das entrevistas, tivemos também a Mirian, formada em Letras e estudante de Psicologia, moradora do Conjunto Habitacional Novo Oeste há dois anos. Mirian divide o apartamento com o namorado, servidor público municipal. Ela tem 28 anos e faz estágio em uma clínica, além de dar aulas particulares de reforço.

Mirian morava anteriormente em Andradina<sup>2</sup> e se mudou para Três Lagoas devido a faculdade e trabalho. Nos informou também a maior opção para estágios, menor custo de vida e gastos com transporte – a entrevistada inclusive falou que seu gasto com transporte antes de se mudar, era quase o mesmo que o gasto que tem atualmente com o aluguel, além do horário que chegava em casa (em Andradina), por precisar viajar todo dia, e estar morando sozinha naquele momento.

Através da experiência espacial cotidiana de Mirian, é possível desdobrar um pouco mais a questão dos conflitos, uma vez que, quando questionada sobre a existência de conflitos de vizinhança, nos contou que:

Sim, bastante, nossa, inclusive, até eu que sou tranquila já acabei me metendo ai em uma ou duas discussões acaloradas. O que tinha recorrente aqui, é que tinha uma moradora,

2 Cidade localizada no Estado de São Paulo, a 42 quilômetros de Três Lagoas-MS. As duas cidades se localizam nas fronteiras estaduais dos respectivos estados.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



isso eu to pegando pelo lado que eu moro assim, que eu moro bem de esquina, então fica com bastante problema. Tinha uma moradora deficiente, acho que é deficiente intelectual, que ela fazia uso de drogas há muito tempo, então ela tinha um prejuízo sim, é que você (...) pela deficiência, né?! E ela arrumava muita briga, então ela ficava naquele limbo de ah não podemos cobrar porque ela é deficiente, ela não tem consciência, e toda uma visão infantilizada da pessoa com deficiência, e era uns comportamentos agressivos dela, então tipo ela já tentou matar a mãe, ela perdeu a guarda dos filhos, então ela brigava muito, mas aí agora ela foi pra uma clínica, diminuiu muito, porque parecia que era (...) ela ficava usando e vinha pessoas usar com ela, e por conta das atitudes dela, das pessoas que vinham, então ficava sempre esse lado aqui muito visado, tendo muito conflito. (Mirian, 28 anos, Novo Oeste)

É interessante salientarmos a existência de uma síndica no bloco em que Mirian mora, uma vez que é a pessoa (também) responsável pela administração de conflitos e problemas que entre os moradores. Notamos que a razão do conflito vai além da questão do barulho, uma vez na fala de Mirian compareceu outro elemento – qual?

Aqui é interessante o pensamento de Almeida (2011), o qual aponta que é na sociabilidade construída cotidianamente que os diversos atores sociais vivem e convivem, participando de várias atividades em conjunto – como podemos notar quando pensamos na forma dos moradores se organizarem, procurando a resolução de conflitos e questões referentes aos apartamentos com uma síndica.

Este ponto se materializa quando a entrevistada nos conta, por exemplo, da questão da moradora com problema com drogas, em que, além de usar no espaço de convívio em que outros moradores habitam, traz para este lugar, também, pessoas para usar – prática essa que geralmente não é bem vista, levando em conta a existência de crianças nestes conjuntos habitacionais, e a ilegalidade do ato, segundo Mirian.

Assim, podemos pensar nesta questão dos usuários de drogas como elucidado por Almeida (2011, p. 2), em que o desconhecido (ou estranho) invade a privacidade de um público (no caso os moradores) que preza pelo bom convívio social – convívio social este, que gera um vínculo de conhecimento mútuo –, de modo que o indivíduo que não é identificado por este vínculo, é tido como intruso. Esta situação se torna mais tensionada ainda, ao considerarmos que junto dos considerados pelos moradores como intrusos, está uma moradora, que deveria seguir as condições para a convivência no conjunto habitacional.

Esta tensão que surge, dá a possibilidade de novas configurações e possibilidades sociais, a partir das ações e reações dos sujeitos sociais (PARK APUD ALMEIDA, 2011, p. 4). Assim, ao passo que há uma ação por parte de uma moradora com problemas de drogas, ou até mesmo por conta de barulho, haverá uma reação dos vizinhos e demais moradores – e é neste momento que a tensão se desdobrará e será necessária uma solução para estas problemáticas. Desta forma, é desencadeada uma nova configuração social pautada nas regras de convivência, as quais os moradores devem respeitar.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





Neste viés, é possível que associemos, através das falas das entrevistadas, os conflitos (pelo menos parte) que se desenvolvem nos conjuntos habitacionais, ao modelo vertical de moradia, trazido de outras escalas, que destoam da forma como os sujeitos sociais tendem a vivenciar este âmbito da vida – impactando, inclusive, em sua qualidade de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das experiências cotidianas com as quais trabalhamos ao longo da pesquisa nas entrevistas, vemos a possibilidade de dar voz aos que vivenciam o processo de segregação socioespacial, e que têm sua vivência e experiência impactadas, a partir da mudança para os conjuntos habitacionais, neste caso, verticais.

É importante pontuarmos a pluralidade de questões que surgem diante destas investigações – uma vez que trabalhamos com sujeitos sociais com diferentes identidades, vivências e visões de mundo, situados em um dado espaço e tempo

Neste sentido, cabe a nós, enquanto pesquisadores, ir ao chão, e articular as objetividades e subjetividades do processo de segregação, de modo a trazer à tona as contradições, os conflitos, as negociações e relações que se desenvolvem em meio a produção e reprodução do espaço urbano, e que impacta na vivência espacial dos sujeitos sociais que integram este processo. Sendo pertinente que tenhamos em mente a não neutralidade daqueles que fazem parte dos processos que culminam no espaço urbano segmentado em classes sociais, onde alguns estão condicionados, e outros se autosegregam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alexandre Paz. Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular de João Pessoa-PB. Revista Ponto Urbe, n. 9, 2011.

ALMEIDA, Rubenita Martins de. A segregação socioespacial em Três Lagoas/MS: uma análise a partir dos conjuntos habitacionais verticais Novo Oeste e Orestinho. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2021.

BRENNER, Neil. Reestruturação, reescalamento e a questão urbana. Revista GEOUSP. V. 17, n. 1, p. 198-220, 2013.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989.

FRANQUELINO, Adriano Roberto. Questão urbana e o programa minha casa minha vida em Três Lagoas/MS. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2017.

GIBBS, Braham. Análise de Dados Qualitativos. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KAPP, Silke. Entrevistas na pesquisa sócio-espacial. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. v.22, 2020. p. 1-32.

LINDÓN, Alicia Villoria. Geografías de la vida cotidiana. In: HIERNAUX, Nicolas Daniel; LINDÓN, Alicia Villoria (org). Tratado de geografia humana. Barcelona: Anthropos Editorial, 2006. p. 356-400.

MILANI, Patrícia Helena; ARANHA, Edima. Três Lagoas-MS: uma cidade em transição? In: CALIXTO, Maria José Martinelli Silva; MORENO, Bruno Bomfim; BERNADELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora (Org). O urbano em Mato Grosso do Sul: abordagens e leituras. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2020. p. 339-366.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **MOTORISTAS DE APLICATIVO, UM TRABALHO POR UM PREÇO JUSTO? EM BUSCA DO TRABALHO, DA LEGITIMIDADE E DA SOBREVIVÊNCIA, UMA ANÁLISE QUE PRIVILEGIE OS MOTORISTAS DE IMPERATRIZ-MA.**

Ana Paula Pinto Pereira (Mestranda, UFMA, anapaula.ap1@hotmail.com)  
Clodomir Cordeiro de Matos Júnior, (PPGS/UFMA, clodomir.cordeiro@gmail.com)

**RESUMO:** O objetivo do artigo é compreender a inserção dos motoristas de aplicativo em Imperatriz buscando captar as trajetórias de lutas diante das condições estruturais globais e locais para o exercício da sua função. O artigo é motivado pela manifestação que ocorreu em Imperatriz no dia 17 de março promovida pelos motoristas de aplicativo. O referido artigo é fruto de uma pesquisa bibliográfica, assim como uma pesquisa de campo centrado no ambiente digital. Buscou-se construir um levantamento bibliográfico sobre os movimentos sociais e sobre as mutações no mundo do trabalho para então pensar as condições locais desses motoristas.

**PALAVRAS CHAVES:** Trabalho; Motoristas de Aplicativo; Conflito.

### **APP DRIVERS, A JOB FOR A FAIR PRICE? IN SEARCH OF WORK, LEGITIMACY AND COMPETENCE, AN ANALYSIS THAT PRIVILEGES THE DRIVERS OF IMPERATRIZ-MA.**

**ABSTRACT:** The objective of the article is to understand the insertion of application drivers in Empress, seeking to capture the trajectories of struggles in the face of global and local structural conditions for the exercise of their function. The article is motivated by the demonstration that took place in Empress on March 17th promoted by the application drivers. This article is the result of a bibliographical research, as well as a field research centered on the digital environment. We sought to build a bibliographic survey on social movements and on changes in the world of work to then think about the local conditions of these drivers.

**KEYWORDS:** WORK; Application Drivers; Conflict.

### **INTRODUÇÃO**

O Uber, ao chegar no Brasil, surge como mais uma alternativa ao usuário de transporte,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



assim como uma alternativa de trabalho, que se encaixa na “economia do compartilhamento”. Autores tais como (SLEE, 2017; ABÍLIO, 2020) criticam, pois este se configura como uma forma de trabalho flexibilizado e precarizado, no qual não dispõe de direitos aos trabalhadores e o resultado é o enriquecimento das empresas de tecnologia em contrapartida aos baixos salários e altas jornadas de trabalhos dos seus colaboradores. Nesse sentido, o referido trabalho objetiva compreender a inserção dos motoristas de aplicativo em Imperatriz buscando captar as trajetórias de lutas diante das condições estruturais globais e locais para o exercício da sua função.

O referido artigo é fruto de uma pesquisa bibliográfica, assim como uma pesquisa de campo centrado no ambiente digital. Buscou-se construir um levantamento bibliográfico sobre os movimentos sociais e sobre as mutações no mundo do trabalho. Construí um diálogo com o presidente do sindicato dos motoristas de aplicativo (SINDAPP), que foi tanto virtual, por meio do WhatsApp, como houve um encontro presencial, no qual seguimos todos os protocolos de segurança. Fiz observações em algumas páginas do Facebook e do Instagram como o da associação de motoristas de Aplicativo de Imperatriz (AMAP-MA), do vereador Ricardo Seidel, que esteve diretamente envolvido com a luta dos motoristas. Além disso, fiz observações em canais do YouTube, além de buscar notícias que versassem sobre o tema.

O artigo foi dividido em 3 tópicos: 1) Em que consiste um movimento social? no qual busco refletir sobre a definição de movimento social e sobre alguns aspectos importantes no seu desenvolvimento, como as oportunidades políticas; 2) As mutações do mundo do trabalho e os movimentos de resistência, no qual eu busco refletir sobre as mutações do mundo do trabalho e os processos de resistência, argumentando que estes acompanham tais mutações, procuro traçar um contexto histórico até chegar a expansão da acumulação flexível e da economia compartilhada que abre caminho para empresas como a Uber, que apesar de precarizar o trabalhador, este tem se levantado com resistência. 3) Busco construir a história dos motoristas de apps na cidade de Imperatriz-MA, perseguindo os processos de luta desde a inserção dos motoristas, busca pela legalização e conflito direto com as empresas de aplicativo.

## EM QUE CONSISTE UM MOVIMENTO SOCIAL?

Antes de analisar a história dos motoristas de Apps em Imperatriz e das suas trajetórias de lutas, se questiona: em que consiste os movimentos sociais? Uma discussão interessante é encontramos no livro de Tarrow (2009) “O Poder em Movimento: Movimentos Sociais e Confronto Político”. A partir da leitura, é possível inferir que um dos elementos básicos para o aparecimento deste é a insatisfação e/ou conflito que é desencadeado por um grupo, o que nos leva a percepção de outro elemento fundamental, a coletividade.

Compreende-se o movimento social como um empreendimento coletivo, que envolve um

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



conflito, uma insatisfação, que demanda uma organização e que se organiza dentro de uma estrutura de poder. Portanto, o movimento social é caracterizado pela luta de poder. Apesar disso, talvez essa não seja a resposta para pergunta: “O que faz as pessoas comuns irem às ruas, arriscarem suas vidas e ficarem gravemente feridos para clamar por seus direitos?” (TARROW, 2009, p. 99) afinal, a queixa por falta de direitos, os desentendimentos entre classes e grupos distintos é corriqueiro na vida social. A tese de Tarrow (2009) para o questionamento que o autor suscita refere-se às oportunidades políticas:

Seja qual for a origem das reivindicações de confronto, são as oportunidades e as restrições políticas que as transformam em ação. Elas produzem movimentos sociais disponibilizando conhecimento e repertórios flexíveis de confronto; desenvolvendo quadros interpretativos de ação coletiva e identidades coletivas, e construindo estruturas de mobilização em torno de redes sociais e organizações”. (TARROW, 2009, p. 181)

O autor busca demonstrar a força que as oportunidades políticas detêm sobre o sucesso ou insucesso de um movimento social. No entanto, apesar de enfatizar às oportunidades políticas, compreendidas como uma questão estrutural, ele abre espaço para pensar a agência dos indivíduos. O que o autor tenta demonstrar é que as oportunidades políticas não estão à mercê apenas de questões estruturais, mais que os indivíduos podem promovê-la. O fato de determinados grupos se organizarem em prol de um objetivo comum a fim de almejar algum benefício coletivo pode gerar consequências positivas para a causa ou grupo. Tarrow (2009) acredita que é necessário combinar os fatores internos e externos, organizacionais e políticos, estruturais e estratégicos para compreender o sucesso de um movimento social. Portanto, o movimento social é um processo enriquecedor.

## A MUTAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO E OS MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA

A luta da classe trabalhadora remonta ao próprio nascimento e desenvolvimento do capitalismo. Ao olhar a história percebe-se que os trabalhadores fabris estavam insatisfeitos com as condições de trabalho, com a alta jornada de trabalho e muitas outras queixas, isso acabou resultando em algumas inquietações e confrontos. O que se percebe é que a história do capitalismo vem acompanhada de processos de lutas e resistências, ou seja, a situação de dominação, privação e falta de direitos tem gerado uma série de confrontos entre a classe operária e a classe burguesa.

Alguns autores da sociologia do trabalho vêm buscando refletir sobre as metamorfoses no mundo do trabalho tais como Antunes (2009, 2011, 2018, 2020) Antunes e Alvez (2004), Antunes e Pinto (2017), dentre outros. Tais transformações vem corroborando para o aumento do exército industrial de serviços e conseqüentemente da precarização do trabalho e do trabalhador. Um dos aspectos que tem marcado o mundo do trabalho hoje é o processo de flexibilização iniciado com o

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



advento do Toyotismo. Este se caracteriza por um processo mais amplo, a flexibilização do capital, no qual a reorganização fabril é apenas uma das características, ou seja, não é só a produção e o produto que se tornaram flexíveis, inclusive o trabalhador torna-se flexível.

Diante do cenário atual, algo que vem preocupando os teóricos é o processo de degradação e precarização do trabalho. Essa pode ser sentida na diversidade que engloba a classe trabalhadora hoje, que já não é mais restrita nem prevalece o trabalhador fabril. Estes trabalhadores ao se encontrarem fora do mercado de trabalho se veem obrigados a buscar alternativas para sua sobrevivência:

O trabalho estável torna-se então, (quase) virtual. Estamos vivenciando, portanto, a erosão do trabalho contratado e regulamentado, dominante no século XX, e vendo sua substituição pelas diversas formas de “empreendedorismo”, “cooperativismo”, “trabalho voluntário”. (ANTUNES, p. 7, 2018)

É nessa conjuntura que se abre espaço para o que alguns autores tais como Slee (2017) e Sundararajan (2018) chamam de Economia do Compartilhamento (Sharing Economy). Essa nova economia tem como centro a tecnologia como uma forma de conectar pessoas em busca de produtos ou serviços e prestadores do mesmo. Para Slee (2017) a economia do compartilhamento consiste em negócios que se utilizam da internet para conectar consumidores com prestadores de serviços. Um exemplo é a Uber (empresa que ganhou maior destaque nesse ramo de serviço aqui no Brasil), que se apresenta como uma empresa de tecnologia e não como uma empresa de transporte. Portanto, a conectividade aqui é essencial para o desenvolvimento e avanço dessa nova forma de fazer negócios.

Slee (2017) tem um posicionamento crítico em torno dessa forma de cooperação social pautada no capital. O que essa economia promete é ajudar os indivíduos a se tornarem microempresários, autônomos de uma maneira flexível, tornar a vida mais sustentável pelo compartilhamento de ferramentas e serviços. No entanto, o autor busca demonstrar que tais promessas ou não se fundamentam ou possuem um lado sombrio, pois o que acontece na prática é que o que antes era protegido agora está desregulamentado, além disso, as empresas estão se tornando cada vez mais invasivas, produzindo novas formas de consumo e de exploração. É no âmbito da precarização que Slee (2017) compreende a economia do compartilhamento como uma “economia dos bicos” que simboliza contratos precários de trabalho.

Portanto, o que se observa nesse cenário é o processo de precarização, ou mais especificamente, decorrente deste primeiro, o processo de uberização compreendido como um fenômeno que tem como cerne a empresa Uber mas que não se esgota nela. Para Abílio (2020) este fenômeno consiste num amplo processo de informalização do trabalho, eliminação de direitos por meio de políticas estatais que flexibilizam o trabalho favorecendo sua exploração, aos modos de subjetivação relacionados às formas de gestão do trabalho diante do neoliberalismo, os desafios diante do ciberespaço no mundo

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



do trabalho, as tendências de gestão e subordinação do trabalho.

Portanto, observa-se diante desse contexto o advento e a expansão do novo proletariado da era digital (ANTUNES, 2020) que surge diante de um contexto uberizado, flexibilizado, precarizado. Um exemplo claro desse processo é a empresa global Uber. Para tanto, basta analisarmos a forma como a empresa se apresenta:

A Uber é uma empresa de tecnologia que cria oportunidades ao colocar o mundo em movimento. Encaramos os desafios mais complexos para ajudar nossos parceiros e usuários a se locomover usando uma plataforma integrada de mobilidade presente em mais de 10 mil cidades do planeta. (UBER, acessado dia 10 de junho de 2021)

De início, a Uber já se apresenta como uma empresa de tecnologia, ou seja, por mais que o objetivo da empresa seja propiciar a mobilidade urbana, esta não se caracteriza dessa forma. Para Antunes (2020) essas empresas-aplicativos é, na verdade, uma empresa privada global de assalariamento, no entanto disfarçada de um trabalho desregulamentado.

Apesar de todo esse contexto marcado por perdas de direitos trabalhistas, pelo processo de flexibilização, pelo não reconhecimento do vínculo empregatício, o que se percebe é que esses motoristas estão se organizando em busca de melhores condições de trabalho. Portanto, apesar de um contexto contra esses trabalhadores, estes estão buscando se organizar por meio de sindicatos e associações para correrem atrás dos seus direitos, o que pode ser verificado em diversos países, como os Estados Unidos, Reino Unido e até o Brasil.

## **MOVIMENTOS SOCIAIS DOS MOTORISTA DE APP NOS ESTADOS UNIDOS E NA EUROPA**

O que se percebe é que a inserção destes motoristas é marcada por conflitos. Em um primeiro momento, gira em torno da aceitação e regulamentação dos serviços nos países e cidades em que são instaladas, pois desencadeou atritos com as categorias já estabelecidas como os taxistas, tendo como pauta, num primeiro momento a luta pelo reconhecimento do posto de trabalho, na qual a própria empresa age junto a estes trabalhadores. No entanto, em segundo momento, esse conflito se dá entre os motoristas e a empresa Uber.

Países como os Estados Unidos têm se destacado na mobilização contra a empresa Uber. Alguns motoristas levantaram ações judiciais pedindo o reconhecimento do vínculo empregatício, propondo a alteração na forma de contrato, visando tornarem-se trabalhadores assalariados. Como aponta a Veja, em 2016 a Uber acabou respondendo a essas reivindicações reconhecendo o direito dos

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



motoristas de serem representados por um sindicato, mas que fosse filiado ao sindicato International Association of Machinists (IAM).

Esses trabalhadores estão na luta pelo reconhecimento do vínculo empregatício entre a empresa Uber e os motoristas por aplicativo, pois estes compreendem que há uma relação de trabalho entre eles e a empresa e não apenas uma relação de intermediação. Esses conflitos e reivindicações também tem permeado os países europeus, do qual podemos destacar o Reino Unido. Diversos sites de notícias têm veiculado sobre a vitória dos motoristas de aplicativo sobre o reconhecimento de vínculo empregatício, como é o caso do Portal G1 (2021).

## **MOVIMENTOS SOCIAIS DOS MOTORISTAS DE APP NO BRASIL**

O Brasil não tem sido diferente, é possível coletar notícias das movimentações desses trabalhadores desde o surgimento da empresa no país, que remonta a 2014 durante a copa do mundo, instalada inicialmente no Rio de Janeiro e em seguida em São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. Em um primeiro momento as reivindicações giravam em torno da regulamentação do serviço no Brasil, no entanto, hoje observa a emergência de um movimento as condições do trabalho, a precariedade, a subsunção, às longas jornadas, os salários baixos, a falta de direitos e garantias sociais.

Dentro dessas diversas formas de organização vale destacar o movimento denominado “SOS Motoristas de App” iniciado em 2021. Sua primeira publicação na página oficial do movimento remonta ao dia 16 de fevereiro. A partir das leituras das postagens depreende-se que se tratava de um movimento nacional que visava lutar em prol dos direitos dos motoristas de App. Conforme a descrição do grupo do WhatsApp dos administradores este tem como fim uma luta nacional e igualitário em prol da categoria. Frisam que o grupo é de todos, sendo a união dos trabalhadores um lema imprescindível no movimento. O referido movimento propôs uma greve/paralisação a nível nacional, que ocorreu no dia 17 de março de 2021. A mobilização é feita por meios de canais eletrônicos, das redes e mídias sociais. Alguns motoristas têm buscado criar canais de comunicação que facilitem a disseminação de notícias, do cotidiano e dos direitos dos motoristas por aplicativo, como os grupos de WhatsApp ou canais no YouTube.

No dia do movimento foi realizada uma live ao vivo pelo canal do motorista a fim de divulgar e dar força ao motorista. Além da ação do dia 17, o movimento tem organizado e concretizado diversas outras ações, das quais podemos citar a campanha de doação de sangue que teve como lema “Não é justo sermos sugados! Nosso sangue, doamos a quem precisa”.

## **OS MOTORISTAS DE APLICATIVO EM IMPERATRIZ:**

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





Dentre as empresas de aplicativo de transporte presentes em Imperatriz-Ma, a Uber foi a primeira a se instalar na cidade, datando sua inserção no dia 25 de julho de 2017, quando iniciou o processo de inscrição para pessoas interessadas em trabalhar como colaboradores da empresa, como foi divulgado pelo site empresa Uber Brasil, assim como jornais locais. No entanto, o aplicativo só começou a operar na tarde do dia 22 de Novembro de 2017.

O Uber chega em Imperatriz anunciando uma nova forma de mobilidade pela cidade e um novo ofício. Não demorou muito tempo para a expansão e aceitação do serviço na cidade. Apesar disso, estes surgem provocando certo conflito em meio as categorias já estabelecidas. Portanto, os motoristas de aplicativo se instauram na cidade sendo bem recebidos pela população, mas não tão bem pelas categorias já estabelecidas. É possível perceber isso por meio da fala de um motorista de táxi e um mototáxi: “Uber é bom, ótimo. Para a população, melhor ainda, mas para o mototáxi não foi bom não. Porque o preço dele (Uber) é mais barato, carrega mais passageiros”. (Wisley Chaves, 32 anos de idade e 12 anos de mototáxi <sup>1</sup>);

Com posicionamento similar ao Sr. Alberto, motorista com 52 anos de idade e 14 anos de serviço como taxista, afirma que: “A concorrência aí é de fazer o cão dobrar a esquina, negócio é complicado”. Para ele a concorrência é desleal, e um negócio não rentável, inclusive para os motoristas de app, pois se questiona “De seis reais, oito reais uma corrida? Não tem condição. Você ainda tira a porcentagem do aplicativo. Gasolina do preço que tá aí”. Apesar de ambos os motoristas acima reconhecerem a importância deste novo modal como uma alternativa para a população imperatrizense apontam que após a chegada dessa nova modalidade tiveram uma perda significativa nos passageiros, e conseqüentemente na renda. Além disso, aparição desses novos modais gerou conflitos entre as categorias.

Sobre esse conflito, o sr. Valmir, se recorda como era complicada a relação entre as duas categorias no início da inserção dos Apps. Ele alega que os taxistas tentavam retirar os passageiros e fazia confusão, inclusive relatou que houve um incidente ou no ano de 2018 ou início de 2019 entre um taxista e um motorista de app que resultou até em um acidente, após uma perseguição os dois carros acabaram colidindo em um poste. Apesar dos conflitos, o sr. Valmir relata que as coisas melhoraram bastante com a regulamentação do serviço.

Nesse sentido, compreende-se uma relação entre *Estabelecidos e Outsiders* (Elias e Scotson, 1965), que não se resume à inserção dos motoristas de apps, como pontua o sr. Alberto ao afirmar a Bueno (2019) que havia rivalidade semelhante entre mototaxista e taxistas, e hoje vivem tranquilamente dividindo o mesmo espaço na urbe cada um com o seu público. Um aspecto que propicia essa relação mais harmoniosa é a regulamentação do serviço, pois isso significa a sua legitimidade para operar na cidade. Por isso, compreende-se que a primeira luta dos motoristas de App na cidade é em torno da busca por sua legitimidade e reconhecimento.

1 Fala retirada de uma reportagem. Disponível em: <https://imperatriznoticias.ufma.br/cidade/uber-e-bom-otimo-para-a-populacao-melhor-ainda-afirma-mototaxista/?phrase=uber&phrase=>

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



A luta inicial da associação era pela regulamentação viável para os motoristas. Foi construída uma página no facebook como perfil da associação no dia 21 de junho dia em que publica uma imagem com a frase “Desculpas não pagam contas”, esta denota um dos motivos da inserção destes motoristas, que é percebida por meio da trajetória de inserção do sr. Valmir:

na realidade a minha história é basicamente a história dos outros, apareceu aplicativo na cidade em novembro de 2018 e eu tava desempregado e tinha um carro devendo duas parcelas (Risos) aí não tinha outra alternativa aí eu cadastrei, [...] no início foi assim basicamente como os motoristas de aplicativo entram no aplicativo por falta de emprego né aí vê no aplicativo opção. (Entrevista realizada no dia 5 de maio de 2021)

Apesar de Valmir fazer referência a 2018, supomos que ele esteja se referindo a 2017, que é o ano em que a empresa se instalou na cidade. Em sua fala, relata que a inserção dos motoristas na cidade é influenciada em grande medida pela falta de emprego, tal realidade não se diferencia dos motoristas de táxi como pontua Pereira (2019). É diante do embate entre legitimidade, melhoria da acessibilidade e do conflito entre as categorias que se inicia em 2017 debates na câmara municipal sobre a possibilidade de regulamentar o serviço. Conforme aponta o Bueno (2019) e o Sarayva (2018), o vereador Francisco Rodrigues da Costa, 59 anos, popularmente conhecido como Chiquim da Diferro, criou o projeto de lei de Nº 1.737/2018, que defende a regulamentação dos motoristas por meio de plataformas digitais.

Observa-se que o vereador Chiquim da Diferro para além da defesa do aplicativo na cidade toma partido para a defesa da categoria dos taxistas. Tal posicionamento, assim como a proposta da regulamentação da maneira como foi pensada, é rejeitada pelos motoristas de aplicativo, afinal como aponta o MA10 Imperatriz tinha mais de 1000 motoristas cadastrados, e todos se sentiam no direito de exercer ofício. Tal situação levou os motoristas a se manifestarem contra a anulação da proposta de lei, e reformulação da mesma.

Após o início da realização dos cadastros em 24 de abril e uma proposta de alteração nos requisitos da lei, o assunto se tornou polêmico na cidade. De um lado, a classe de Ubers pedindo a alteração na lei de regulamentação para que ela se torne menos criteriosa e sem a limitação requerida, realizando uma manifestação em frente a Câmara Municipal, no dia 23 de abril e, do outro, a classe dos taxistas, que exigem que a lei se torne vigente o mais rápido possível. (BUENO, 2019)

Se percebe novamente o conflito entre as categorias do transporte alternativo, que buscam defender seus posicionamentos e procuram apoio político. Diante do contexto dos ciclos de confronto é interessante refletir sobre o que levou esses indivíduos a se manifestarem para reclamar por seus direitos, e seguindo Tarrow (2009) abre-se espaço para perceber as oportunidades políticas. Como

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



observamos, os taxistas tinham seus aliados políticos, que pode ser representado pelo vereador Chiquin da Diferro<sup>2</sup>, como visto anteriormente, que defende a luta dos taxistas, inclusive dos taxistas lotação.

Percebendo a importância desses contatos políticos o sr. Valmir relata que foi procurar apoio político, no entanto apenas um vereador decidiu apoiá-los, o vereador Ricardo Seidel. O auxílio do vereador Ricardo Seidel pode ser percebido no facebook da associação<sup>3</sup>, como no facebook pessoal do vereador<sup>4</sup>, no qual é possível perceber vídeos e fotos dos processos de luta. Em um vídeo publicado no facebook, o vereador Ricardo Seidel resume os processos de luta em prol da regularização municipal dos motoristas de App: 17 de abril, início da luta: protocolização da lei que retira as limitações e outros pontos da lei anterior; 24 de abril, Audiência com os motoristas de e a OAB; 5 de abril, Carreata pelas ruas de Imperatriz; 2 de Maio, Reunião com Ricardo Seidel e a presidência da OAB; 2 de Maio - Reunião com o prefeito Assis Ramos; 21 de Maio - Conseguiram a aprovação da lei que garantia o serviço por App.

Como aponta Tarrow (2009) as influências de aliados políticos estão intimamente ligadas aos movimentos serem bem ou mal sucedidos. Por meio das observações das redes sociais foi possível identificar tais influência assim como as escolhas dos repertórios de confrontos que iam desde manifestações em vias públicas quanto por meio da cordialidade, na busca de apoio popular. Após as diversas lutas, veio a regulamentação do transporte por App através da lei ordinária 1.783/2019 que altera a Lei Ordinária nº 1.737/2018.

Após a regulamentação do serviço, o grupo apresenta novas demandas, que foram potencializadas com a pandemia, como a precarização do trabalho, Portanto, é nesse contexto eu inicia o movimento SOS Motoristas por Apps, soma-se a isso o aumento da gasolina. É com base nas condições nacionais, regionais e locais que os motoristas da cidade Imperatriz fazem jus ao movimento SOS Motoristas por aplicativo tendo realizado um levante no dia 17 de março interditando a BR 010 nas proximidades do bairro Conjunto Vitória.

2 Essa aliança e apoio pode ser percebida em um trecho de uma audiência pública para tratar da situação dos motoristas de apps. Disponível em: <https://www.facebook.com/186208388761461/videos/2077294229066459>.

3 Pedido de apoio da população na audiência pública, postado em 20 março de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/CamaraImperatriz/photos/a.1422742901095830/2135008303202616/>; Discussão sobre a nova lei que regularizaria os motoristas de Apps, postado no dia 6 de maio 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/186208388761461/photos/a.186216228760677/332706487444983/>;

4 Sobre a aprovação de locais para embarque e desembarque, publicada no dia 30 de Outubro de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/ricardoseidelma/photos/a.129622114208183/699011930602529/>; Sobre a possibilidade dos motoristas de Apps terem direito aos mesmos descontos na compra do veículo que possui o taxista, postado no dia 27 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/ricardoseidelma/photos/a.129622114208183/653501748486881/>;

Vídeo da fala do vereador Ricardo Seidel junto dos motoristas de aplicativo em uma manifestação no qual este pede apoio da população em prol da causa dos motoristas de aplicativo, postado no dia 25 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/ricardoseidelma/videos/2456893710988004>;

Imagem 2 - Concentração BR



Imagem 1 - Caracterização Carros



Fonte: Desconhecida

As imagens são retiradas de vídeos que foram compartilhadas nos grupos de WhatsApp. A manifestação inicia-se com uma carreta até a BR 010 próximo ao Conjunto Vitória. É possível perceber que os carros estão caracterizados com as suas queixas (imagem) 01. Ao chegar no ponto de concentração os motoristas paralisam a BR 010 se utilizando de pneus, ateando fogo para que impossibilitar a passagem (Imagens 01 e 02) Em diálogo com o sr. Valmir ele argumenta que cerca de 60% dos motoristas sobrevive apenas da renda gerada pelo aplicativo, e estes necessitam trabalhar dobrado ou triplicado diante do contexto pandêmico e do aumento das despesas para o exercício do ofício. Valmir argumenta que os motoristas alcançaram um benefício que inclusive foi estendido as outras categorias:

O governo do Maranhão liberou dois meses de auxílio combustível Provavelmente por conta desta manifestação porque assim a manifestação nas outras cidades como foi que ocorreu as pessoas iam para a praça botou bandeira, e nós não, nós foi pra briga porque aqui no Maranhão só funciona dessa forma, infelizmente, porque você vai faz uma carreta tranca aí, chama a atenção das autoridade e acontece o negócio. (Entrevista realizada no dia 05 de maio de 2021)

É interessante perceber na fala do sr. Valmir um conhecimento local sobre o funcionamento do exercício do poder na relação Estado e Sociedade. Tal conhecimento levou os motoristas a agirem de tal forma que acreditam terem conseguido uma vitória. Apesar da manifestação ser percebida como exitosa é importante destacar que ainda há muitas outras pautas que permanecem em aberto e além disso o auxílio é uma medida temporária. O sr. Valmir aponta que os motoristas têm muito prejuízos de manutenção por conta da infraestrutura da cidade, que junto com a diminuição do combustível é uma das pautas de maior urgência.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que, se num primeiro momento a luta buscava legitimidade do seu espaço na cidade e tinha como pauta a consolidação de “um transporte por um preço justo e um serviço de qualidade”, novamente a ideia do preço aparece no debate, porém com uma nova conotação. Reclama-se um preço justo, mas no sentido de o motorista arcar com as despesas do seu ofício e gerar lucro para manutenção pessoal e familiar. Portanto, percebe-se que muito foi alcançado nesses mais de 3 anos de existência da categoria, mas que há ainda um caminho longo a ser percorrido em prol de um serviço justo que garanta a dignidade e cidadania dos motoristas.

## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? 1. Estudos avançados, v. 34, n. 98, p. 111-126, 2020.

ANTUNES, Ricardo. Uberização, Trabalho Digital e Indústria. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão – o novo proletariado de serviços na era digital. Editora Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. Os Sentidos do Trabalho: Ensaio Sobre a Afirmação e Negação do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

BUENO, Thaísa. Vereador Chiquim da Diferro explica porque defende limitar número de carros. Disponível em: <https://imperatriznoticias.ufma.br/entrevistas/vereador-chiquim-da-diferro-explica-porque-defende-limitar-numero-de-carros-que-atendem-por-aplicativo/>. Acesso em 10 de Junho de 2021.

ELIAS, Nobert. Introdução a Sociologia. Lisboa: Edições 70, 2008.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



ELIAS, Nobert; SCOTSON, John. Os Estabelecidos e Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000 [1965].

G1. Uber vai conceder Direitos Trabalhistas a todos os seus motoristas. Disponível em; <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/03/16/uber-vai-conceder-beneficios-de-funcionarios-a-70-mil-motoristas-no-reino-unido.ghtml>. Acesso em 15 de junho de 2021.

MATTOS, Marcelo Badaró. A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2019.

OLIVEIRA, Felipe. Alta da gasolina faz motorista de Uber no Brasil aderir a greve global. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/05/alta-de-combustivel-e-preco-da-corrida-levam-motoristas-de-aplicativos-a-programar-paralisacao.shtml>. Acesso no dia 10 de Junho de 2021.

SARAYVA, Mayara. Lei estabelece requisitos para transporte de passageiros por aplicativos. Disponível em: <https://www.ma10.com.br/2018/06/21/lei-estabelece-requisitos-para-transporte-de-passageiros-por-aplicativos/>. Acesso em 10 de Junho de 2021.

SIMMEL, Georg. O conflito como sociação. RBSE, v. 10, n. 30, p. 569-574, 2011.

SLEE, Tom. Uberização: a nova onda do trabalho precarizado. SP: Editora Elefante, 2017.

SUNDARARAJAN. Economia Compartilhada: o fim do emprego e a ascensão do capitalismo de multidão. São Paulo: Editora Senac SP, 2018.

TARROW, Sidney. O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis: Vozes, 2009.

UBER. Fatos e dados sobre a Uber. Disponível em: <https://www.uber.com/pt-BR/newsroom/fatos-e-dados-sobre-uber/>. Acessado no dia 10 de Junho de 2021.

VEJA. Uber reconhece sindicato de seus motoristas em Nova York. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/uber-reconhece-sindicato-de-seus-motoristas-em-nova-york/>. Acesso em 18 de junho de 2021

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **POLÍTICAS DE COLONIZAÇÃO, MEMÓRIA EM DISPUTA E RACISMO: CONFIGURAÇÕES DE UMA CIDADE DA AMAZÔNIA LEGAL BRASILEIRA**

Natália Araújo de Oliveira, Doutora em Sociologia, UFRGS, oliveira.natalia@outlook.com

**RESUMO:** Diferentes políticas de colonização levaram migrantes à Amazônia Legal Brasileira e análises econômicas e políticas dessas marchas já foram realizadas. Todavia, pesquisas que analisam a memória cultural dos atores desse processo e os embates entre elas ainda são escassas. Os atores em questão são os migrantes (Pioneiros da Marcha para o Oeste e Gaúchos) e os atingidos pelas políticas desenvolvimentistas (neste caso os indígenas Xavante). A pesquisa apresentada - fruto de investigações qualitativas realizadas para uma monografia, uma dissertação e uma tese – foi realizada em uma pequena cidade do Mato Grosso – Nova Xavantina –, e tem como objetivo analisar os embates pelo pioneirismo na memória local, fazendo uso de entrevistas, documentos e observação. Como resultado, foi possível perceber uma mobilização para segregar o Xavante e sua memória, embora a cidade, em seu nome, os homenageie, o que foi analisado a partir do racismo contra indígenas. Também foi notada a incorporação, pelos migrantes, dos discursos usados para incentivar a migração, resultando em discussões que colocam em pauta quais valores são importantes para celebrar uma memória cultural como memória oficial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Políticas de colonização; Memória Cultural; Racismo; Amazônia Legal Brasileira

### **COLONIZATION POLICIES, DISPUTED MEMORY AND RACISM: CONFIGURATIONS OF A TOWN FROM BRAZILIAN LEGAL AMAZON**

**ABSTRACT:** Different colonization policies brought migrants to the Brazilian Legal Amazon and economic and political analyses of these marches have already been carried out. However, researches that analyzes the cultural memory of the actors of this process and the clashes between them is still scarce. The actors in question are the migrants (Pioneers of the Marches to the West and Gauchos) and those affected by the developmentalist policies (in this case the Xavante Indians). The presented research – outcome of of qualitative investigations carried out for a monograph, a dissertation and a thesis - was conducted in a small town in Mato Grosso - Nova Xavantina -, and has the objective of analyzing the clashes for pioneerism in local memory, making use of interviews, documents and observation. As a result, it was possible to notice a mobilization to segregate the Xavante and their

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



memory, although the city, in its name, honors them, which was analyzed based on racism against indigenous people. It was also noticed the incorporation, by migrants, of the discourses used to encourage migration, resulting in discussions that put into question which values are important to celebrate a cultural memory as official memory.

**KEYWORDS:** Colonization policies; Cultural Memory; Racism; Brazilian Legal Amazon

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a formação de identidades e de memórias a partir das políticas migratórias criadas para a Amazônia Legal Brasileira<sup>1</sup>, tendo como campo empírico a cidade de Nova Xavantina, município localizado no interior do Mato Grosso. Ao longo de onze anos (2006-2017) produzi uma monografia, uma dissertação e uma tese (Oliveira, 2007, 2010, 2017) que tinham como campo empírico a cidade. Sempre por meio de pesquisas qualitativas, analisei os lugares de memória da cidade, as lógicas simbólicas de pertencimento e exclusão advindas do contato entre diferentes grupos etno-culturais e também como a memória e história são usadas para segregar o indígena, fazendo uso de pesquisa documental, etnografia, observação, questionário, entrevistas de grupo focal, entrevistas semiestruturada etc. É a partir dessa base que me aproprio para debater o tema.

Nova Xavantina, cidade com população estimada de 20.944 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020), é formada oficialmente a partir de políticas de colonização criadas pelo governo para expandir a fronteira agrícola nacional e, anterior a este contexto, já havia na região indígenas da etnia Xavante, que chegaram em 1820. A partir da década de 1940, com a criação do projeto nacionalista *Marcha para o Oeste*, do presidente Vargas, chegaram à região migrantes (vindos principalmente da região Nordeste ou ainda do estado limítrofe, Goiás) que posteriormente foram denominados Pioneiros. Já no governo militar, na década de 1970, gaúchos partiram do sul do país também para esta região em colonizações agrícolas incentivadas pelas políticas do governo.

Na migração dos integrantes da *Marcha para o Oeste* assim como na dos sulistas haviam discursos nacionalistas sendo proferidos para incentivar a migração. Estes utilizavam quesitos raciais e de identidade como marcadores. Os participantes das políticas iniciadas no governo Vargas foram qualificados como heróis nacionais, novos bandeirantes que iriam ao interior do país cumprir a missão de desbravá-lo. Já os gaúchos migraram a partir de enunciações que afirmaram que somente eles, com seu *ethos* de trabalho, sua coragem e luta - que seria intrínseca por serem filhos de imigrantes -, levariam

1 A região denominada Amazônia Legal Brasileira é composta pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, parte do Maranhão, Mato Grosso, Rondônia, Roraima e Tocantins.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





a civilização ao interior do país. Ademais, os Xavante<sup>2</sup> já estavam há tempos na região e, para a ocupação dos seus territórios, estereótipos foram criados ou reforçados, como os que os colocam como índios bravos e guerreiros, porém, ao mesmo tempo, eles eram vistos como crianças que precisam da tutela do governo para se transformar em trabalhadores nacionais.

Ao usar a cidade de Nova Xavantina como campo empírico, analiso não apenas os discursos dos governantes e responsáveis pela criação e gerenciamento das colonizações, mas também trago falas<sup>3</sup> dos diretamente atingidos no processo, nordestinos e goianos que migraram a partir das políticas do governo Vargas, gaúchos que migraram nas políticas de colonização durante a ditadura e dos Xavante, atingidos por ambas as políticas e negligenciados em todas elas. A intenção aqui é perceber os debates pela memória local e compreender como a memória indígena é subjugada - o que é pensado a partir do racismo que os indígenas do país todos sofrem.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de campo foi realizada entre os anos de 2006 a 2010 (realização de pesquisa de campo para o trabalho de conclusão de curso da graduação e do mestrado) e de 2013 a 2017 (durante a pesquisa de doutorado). Os resultados apresentados são frutos de pesquisas qualitativas e as técnicas de coleta de dados contemplam etnografia, observação participante, uso de documentos, entrevistas semiestruturadas e de grupo focal. Na pesquisa do trabalho de conclusão de curso foram entrevistadas 16 pessoas, na de mestrado 22 e de doutorado 72 pessoas. A análise dos dados foi baseada na análise temática, na qual se verifica a recorrência dos dados nas entrevistas e, em seguida, se destaca os assuntos mais abordados pelos informantes.

## RESULTADOS

Os Xavante, que se autodenominam como A'uwe (gente), estão situados na Serra do Roncador e pelos vales dos rios das Mortes, Culuene, Couto Magalhães, Batovi e Garças, no leste do estado de Mato Grosso. Sua população, em 2020, de acordo com Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) era de 22.256 pessoas (ISA, 2020). Fazem parte do grupo Akuen, da família linguística Jê, tronco Macro-Jê (Maybury-Lewis, 1974).

---

2 Sigo a convenção etnográfica para a grafia dos nomes indígenas, definida durante a primeira reunião de Antropologia da Associação Brasileira de Antropologia em 1953. Desse modo, os nomes dos grupos indígenas se iniciarão com letra maiúscula e não terão flexão de gênero e de número.

3 Os nomes dos entrevistados foram trocados para preservar suas identidades.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Segundo relatos orais dos Xavante, o primeiro contato com não índios ocorreu no litoral, região distante do Brasil central onde vivem hoje, entretanto, a primeira menção em documentos consta de 1751, em que os mostra na então capitania de Goiás, no que hoje seria Tocantins (Graham, 1995). Em 1820 eles cruzaram o rio que divide o Mato Grosso e Goiás, Araguaia fugindo do aprisionamento em que haviam sido trancafiados. Na nova região, fundaram novas aldeias e viveram em relativa paz no que se refere ao contato com o homem branco até o começo da década de 1930, quando novamente são procurados, mas é apenas em 1946 que o contato amistoso se faz. Os Xavante afirmam que foram eles que permitiram a aproximação, o que legitima dizer que eles pacificaram os brancos, como me contou um dos entrevistados: “Aqui na Xavantina meu pai amansou branco. Meu pai amansou, por isso eu estou aqui”.

É nesse momento, na década de 1940, que o projeto nacionalista *Marcha para o Oeste* está em pleno funcionamento e, para realizar seu intento – criar colônias agrícolas nos estados Amazonas, Pará, Mato Grosso, Paraná e Goiás – se fazia indispensável o contato com os indígenas. A fim de cumprir seu intento, migrantes pobres – público alvo do projeto – foram incentivados a migrar, com discursos que os colocavam como novos bandeirantes e heróis nacionais que iriam ao interior do país desbravá-los. Principalmente homens vindo do Nordeste ou ainda do estado vizinho, Goiás, atenderam ao chamado e migraram.

O lançamento da Expedição foi feito em uma missa solene na Basílica de São Bento, em São Paulo. Os primeiros expedicionários saíram de São Paulo no dia 7 de agosto de 1943 e, depois de passar em Uberlândia (MG), foram a Barra do Rio das Garças – hoje Aragarças (GO), cidade vizinha a Barra do Garças (que fica a 150 quilômetros de Nova Xavantina). Saíram de lá no dia 4 de dezembro de 1943, chegando ao Rio das Mortes, onde hoje está Nova Xavantina, no dia 28 de fevereiro de 1944.

Os migrantes, que foram chamados inicialmente de bandeirantes, depois se transformaram funcionários da Fundação Brasil Central (FBC), o que lhes deu poder, prestígio e também status social (Lima Filho, 1998). Contudo, com as mudanças políticas ocorridas, esse órgão foi extinto em 1967 e outro criado, a Superintendência para o Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco), que absorveu parte dos trabalhadores da Fundação. Todavia, muitos deles foram aposentados compulsoriamente na mudança de um órgão ao outro. Com a extinção da FBC, uma parte de seu patrimônio, assim como de seu quadro permanente de pessoal, foi transferida para a Sudeco e, nesse processo de transferência de um órgão para outro, os documentos da FBC foram eliminados, o que é um reflexo dos novos planos que estavam sendo traçados para a Amazônia Legal, já durante a ditadura militar.

Nesse período, a segurança nacional era um tema constante. Para garanti-la era necessário, segundo os militares, transferir migrantes para a Amazônia brasileira. Dois argumentos eram usados para a ocupação da Amazônia Legal. Um deles declarava que, ao povoar o interior, o “território predestinado” seria ocupado e haveria uma defesa dos países fronteiriços. O segundo dizia que a

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



redistribuição da população poderia por fim ao desequilíbrio econômico e demográfico, aproveitando-se os enormes recursos do seu vasto e inexplorado interior do Brasil. A ação de colonização culminaria na independência política e econômica do Brasil (Davis; Menget, 1981).

Como público alvo para participar dessa migração foram escolhidos os gaúchos, que começavam a se mobilizar no seu estado para ter acesso à terra. Inicialmente foram estabelecidas colonizações públicas, contudo, o governo posteriormente as passa para o setor privado, que possuía estratégias muito persuasivas de difusão de mensagens favoráveis aos projetos de migração. Conta Tavares dos Santos (1993) que uma das cooperativas de colonização valia-se dos mais modernos recursos audiovisuais da época, com a utilização da mídia- como rádios locais do Rio Grande do Sul, nas quais se lia cartas (triadas), com experiências bem sucedidas de colonos que já haviam migrado. Jornais também circulavam afirmando o gaúcho como “filho do imigrante”, rememorando datas importantes, como um “novo 25 de julho”, data de comemoração do começo da colonização alemã no Brasil. A partir de então, os colonos eram colocados como os heróis que iriam transformar espaços vazios em locais de civilização e desenvolvimento (Ribeiro, 1987).

Os colonos começaram a migrar para o Mato Grosso a partir em julho de 1972 e outros no início de 1973. Por dois anos, esses viveram sob situação bastante difícil, morando em barracos, muitas vezes doentes (principalmente com malária). Os recursos financeiros que os mantiveram durante esse tempo foram trazidos da região de origem. Ao chegar à região, encontraram o chamado espaço vazio ocupados por Xavantes e funcionários públicos que haviam migrado no governo Vargas. Posteriormente as lavouras deram certo e eles conseguiram se estabelecer no município, criando inclusive um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) – chamado de *Centro-Oeste Pampeano*.

Aqui se percebe uma discussão sobre pioneirismo na cidade, haja vista que é a partir da criação do CTG que os pioneiros perceberam que precisavam demarcar sua memória no município e o fazem criando uma festa, no ano de 1987 e realizada até os dias de hoje, denominada *Festa do Pioneiro da Marcha para o Oeste*. Um dos idealizadores da Festa contou:

Nós criamos a primeira festa. Por quê? Porque os gaúchos, quando chegaram aqui, organizados como sempre foram e tal, criaram o CTG, fizeram aí aquela coisa tudo bonito. Aí o pessoal: gente, a turma não sei o quê os gaúchos, vamos fazer uma festa também dos Pioneiros, vamos fazer a festa dos Pioneiros (Pioneiro Hélio, em entrevista concedida em 2015).

A fala do entrevistado mostra como um grupo pode se posicionar para demarcar sua identidade e sua memória cultural no município, isto é, a identidade de pioneiros lhes pertencia e era necessário fazer algo em resposta à outra memória que começava a se estabelecer, a dos gaúchos que haviam chegado à cidade em anos anteriores e começava a se organizar. O evento representa a demarcação da

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



memória coletiva de Nova Xavantina e tem grande significado simbólico aos que são homenageados naquele dia. Como conta um pioneiro “[...] não é uma Festa corriqueira, está se promovendo um evento histórico. Festa dos Pioneiros da Marcha Para o Oeste é diferente das outras. Ela tem a finalidade de manter viva a Marcha para o Oeste e o carinho para com esses heróis” (Pioneiro Carlos, em entrevista concedida em 2015).

Os gaúchos reconhecem a importância dos Pioneiros da Marcha para o Oeste na formação da cidade e afirmam que eles foram essenciais para que as primeiras estradas surgissem e eles pudessem chegar. Porém, atribuem a si mesmos o desenvolvimento da região e também se pautam como pioneiros da cidade, pioneiros do progresso, como explicou um entrevistado:

A chegada dos gaúchos pra cá trouxe muito desenvolvimento para a cidade, aí veio cultivo da soja, do arroz, na época de 70, 80 se plantava muito arroz aqui, aí que veio soja. Aí com o plantio de soja e arroz e depois começaram com a pecuária. Então, o grande desenvolvimento mesmo da cidade de Xavantina foi na chegada dos gaúchos pra cá que trouxeram o cultivo da agricultura e pecuária (Gaúcho Almir, em entrevista concedida em 2015).

Ao falar do relacionamento inicial com os Pioneiros, um dos gaúchos entrevistado explica:

Não, com esses aí [Pioneiros] havia uma questão assim, o pessoal que veio do Sul, esses que vieram pela colonizadora, eles consideravam o povo daqui preguiçoso, fazia pouco, já existia uma certa discriminação, espécie de preconceito, não assim que influenciasse de ter assim uma inimizade, um confronto por parte deles que moravam aqui [...] eles elogiavam, né, o trabalho desses Gaúchos, de Pioneiros, de desbravadores, que enfrenta os desafios [...] (Gaúcho Roberto, em entrevista concedida em 2009).

Essa manifestação mostra como os moradores da região eram colocados pelas políticas de colonização e como os gaúchos introjetaram esse discurso. É possível perceber as palavras “pioneiros” e “desbravadores” associadas a eles. Além disso, o discurso remete ao que era dito para que os gaúchos migrassem – que o local precisava de pessoas corajosas já que os moradores seriam funcionários públicos ociosos e sem iniciativa. O estereótipo de que os gaúchos teriam um *ethos* de trabalho por serem filhos de imigrantes foram citados como componente da identidade gaúcha na cidade. Na fala de um migrante gaúcho:

Mudou muito [a cidade, após a chegada dos gaúchos], graças aos gaúchos. Não por querer desprezar as outras raças, mas graças aos gaúchos que vieram abrir todas essas fazendas pra plantar, pra produzir, então melhoraram muito, assim, mudou muito, muito mesmo. [...] não tem medo de fazer dívida, nem de trabalhar, né, um povo muito trabalhador, então foi muito bom esse povo vir pra cá, pra essa região toda (Gaúcho Márcio, em entrevista concedida em 2015).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Sobre os Xavante, foi possível perceber uma mobilização coletiva para deslegitimar sua memória e pioneirismo na história local. No ensino da história da cidade há o reforço da narrativa de apenas um grupo - *dos Pioneiros da Marcha para o Oeste* e os alunos reproduzem, em seus trabalhos, esse discurso. Os Xavante são lembrados apenas quando se aponta o motivo do nome da cidade. Os livros utilizados pelos professores são de historiadores locais que reforçam essa narrativa. Embora estejam presentes em sala, os Xavante não são protagonistas para falar sobre a memória do município, pelo contrário, são usados como exemplo do Brasil selvagem a ser domesticado – conforme o discurso oficial. Não há, na cidade, nenhum lugar de memória dos indígenas, embora eles cobrem essa representatividade, entendendo seria necessária:

(...) uma imagem assim, um símbolo de índio nas praças, ficaria mais certo, mas agora, o que o governo pensa, não só o governo, todos os brancos pensam, que essa terra não é do índio não. Várias pessoas pensam isso, mas índio não pensa assim não (Xavante Adão, em entrevista concedida em 2006).

Essa fala revela que, para os Xavante, é legítima a luta dos índios do país por reconhecimento, contudo, é marcada por uma relação desigual, visto que do outro lado tem o homem branco, que pensa de maneira diferente e entende que a terra não é e nem deve ser do índio. Em um estado como o Mato Grosso, que tem na posse do território a produção agrícola e agropecuária uma grande fonte de riqueza, a posse da terra por grupos que não compartilham dos valores locais de produção e comercialização da sociedade capitalista é sempre contestada, sendo frequente o discurso de “pouco índio para muita terra” e da desapropriação do produtor rural, que trabalha para levar comida à mesa do brasileiro.

O debate sobre como a memória do índio é subjugada na história da cidade é pensada aqui a partir do racismo, conceituado como “dominação sistemática de um grupo étnico por outro, acompanhada por representações e ideologias que essencializam e depreciam o povo subordinado, servindo para justificar a exploração ou exclusão material” (Monsma, 2017, p. 56). Como Peixoto (2017) explica, ainda que o racismo contra o indígena seja explícito, ele raramente é identificado como tal e isto ocorre por que a palavra racismo carrega um estigma que se refugia em eufemismos no contexto social brasileiro que afirma que racismo não existe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O deslocamento de diferentes grupos a partir de políticas nacionais de desenvolvimento possibilita compreender a identidade migrante a partir de uma ótica de transformação, como ocorreu com nordestinos e goianos participantes de projetos nacionalistas surgidos a partir do governo Vargas,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



que passaram de pobres a heróis nacionais. Permite ainda perceber a utilização, pelos proponentes das colonizações, da essencialização de um grupo cultural para incentivar a migração.

Nesse sentido, os Pioneiros da Marcha para Oeste revelam orgulho por terem “respondido” ao chamado nacional do presidente Vargas, como visto ao longo do trabalho. Assim, o pioneirismo é afirmado como parte de sua identidade coletiva e pertence unicamente a seu grupo. Assim, ter participado de eventos referentes à *Marcha para o Oeste* é o delimitador da fronteira “ser pioneiro”. Logo, por mais que outros tenham realizado feitos importantes para o município, somente eles são pioneiros da cidade, com fronteiras simbólicas que envolvem a participação em uma determinada época vivida coletivamente. E, para demarcar essa identidade, realizam anualmente uma Festa.

Enquanto isso, os Gaúchos também migraram para a região atendendo a chamados nacionais para povoar a Amazônia Legal e levar o progresso a uma região apresentada como inóspita e atrasada, por ser habitada por indígenas e por homens ociosos. Desse modo, frequentemente atribuem o pioneirismo da região a si próprios, pois foram eles que, com seus valores de trabalho e coragem, desenvolveram o espaço. Sendo assim, sua identidade está pautada nesta perspectiva.

Já os Xavante destacam a ausência de reconhecimento da sua identidade e seu pioneirismo no município, evidenciando uma invisibilidade que nega o nome da própria cidade. Igualmente, há ainda o fato de que os Xavante não vieram para a região de Nova Xavantina com o intuito de realizar sonhos de prosperidade econômica nem em nome de um pátria constituída modernamente como estado-nação. Sua perspectiva de civilização, assim como de vida cotidiana é outra e eles não compartilham dos ideais não indígenas de progresso, domínio e transformação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, Shelton; MENGET, Patrick. Povos primitivos e ideologias civilizadas no Brasil. In: JUNQUEIRA, Carmem; CARVALHO, Edgard de A. (org.). Antropologia e indigenismo na América latina. São Paulo: Cortez, 1981, p. 37–65.

GRAHAM, Laura. *Performing dreams*. Austin: Universidade do Texas, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil/ Mato Grosso/ Nova Xavantina. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/nova-xavantina/panorama>. Acesso em: 15 set. 2020.

ISA. Povos Indígenas no Brasil: Xavante. 2020. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xavante#Saiba\\_mais](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xavante#Saiba_mais). Acesso em: 21 mar. 2021.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Pioneiros da Marcha para o Oeste: memória e identidade na Fronteira do Médio Araguaia. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

MAYBURY-LEWIS, David. A sociedade xavante. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

MONSMA, Karl. Como pensar o racismo: o paradigma colonial e a abordagem da sociologia histórica. Revista de Ciências Sociais, v. 48, n. 2, p. 53–82, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/19494>.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Lugares de memória, lembranças e esquecimento: um novo olhar para o turismo em Nova Xavantina/MT. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Turismo), Universidade do Estado do Mato Grosso, Nova Xavantina, 2007.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Xavante, pioneiros e gaúchos: identidade e sociabilidade em Nova Xavantina/MT. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais), Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2161>. Acesso em: 8 set. 2021.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. História, memória e exclusão: os Xavante e as políticas nacionais de desenvolvimento em Nova Xavantina – MT. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172931#>. Acesso em: 21 mar. 2021.

PEIXOTO, Kércia Priscilla Figueiredo. Racismo contra indígenas: reconhecer é combater. Revista AntHropológicas, v. 28, n. 2, p. 27–56, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/25363>.

RIBEIRO, Iselda Corrêa. Pioneiros gaúchos: a colonização do norte matogrossense. Santa Maria: Tchê! Editora, 1987.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente dos. Matuchos: exclusão e luta - do sul para a Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1993.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## RESISTÊNCIA SOB VIGILÂNCIA: O PROGRAMA “VILA BAIRRO SEGURANÇA” NA REGIÃO “LAGOAS DO NORTE” EM TERESINA-PI

Paulo Victor Leôncio Chaves

Mestrando em Direito pela Universidade de Brasília (PPGD/UnB)

Especialista em Direito Penal e Criminologia pelo Instituto de Criminologia e Política Criminal (ICPC/UNINTER)

Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Piauí

E-mail: pvictorlc@gmail.com

**RESUMO:** Nesta pesquisa abordo o direcionamento geograficamente restrito das ações e operações de policiamento e segurança pública no espaço urbano, enfocando, especificamente, as ações do programa “Vila Bairro Segurança”, em Teresina, Piauí. O problema que move esta proposta de pesquisa é: como o direcionamento geograficamente restrito das ações de policiamento do programa Vila Bairro Segurança atua no controle social das práticas e movimentos de resistência do espaço vigiado, a região do Lagoas do Norte em Teresina, Piauí? O marco teórico orientador do trabalho será o da criminologia crítica aliado aos estudos policiais e sobre gestão da segurança pública. Ademais, também há o campo dos estudos sobre o direito à cidade, a fim de identificar o problema do urbano dos bairros de atuação do referido programa, seus espaços, práticas e movimentos de resistência, bem como examinar sua formulação, implementação e organização e analisar suas ações e interações com os espaços e movimentos de resistência. A metodologia proposta é a pesquisa documental de orientação etnográfica, com fontes estatais e entrevistas com a população que habita e resiste no espaço vigiado. Justifica-se pela necessidade de compreender como o direcionamento geograficamente restrito das ações de policiamento atua em áreas de conflito entre grupos sociais locais e o poder público, de modo a permitir o restabelecimento de protocolos de instauração dessas políticas ou a própria revisão da viabilidade de sua implementação, além da necessidade de lançar luz sobre estratégias de segurança pública empreendidas na capital localizada no interior do Nordeste brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVES:** policiamento, espaço urbano, segurança pública, Vila Bairro Segurança.

### RESISTENCE UNDER SURVEILLANCE: THE “VILA BAIRRO SEGURANÇA” PROGRAM ON “LAGOAS DO NORTE” REGION IN TERESINA-PI

**ABSTRACT:** In this research, I address the geographically restricted direction of policing and public security actions and operations in the urban space, specifically focusing on the actions of the “Vila Bairro

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





Segurança” program in Teresina, Piauí. The problem that drives this research proposal is: how does the geographically restricted direction of the policing actions of the Vila Bairro Segurança program act in the social control of the practices and resistance movements of the guarded space, the region of Lagoas do Norte in Teresina, Piauí? The theoretical framework guiding the work will be critical criminology combined with police studies and public security management. Furthermore, there is also the field of studies on the right to the city, in order to identify the problem of the urban in the neighborhoods where the referred program operates, their spaces, practices and resistance movements, as well as to examine their formulation, implementation and organization and to analyze their actions and interactions with spaces and resistance movements. The proposed methodology is documentary research with an ethnographic orientation, with state sources and interviews with the population that inhabits and resists in the monitored space. It is justified by the need to understand how the geographically restricted direction of policing actions acts in areas of conflict between local social groups and the government, in order to allow the reestablishment of protocols for the implementation of these policies or the review of the feasibility of its implementation, in addition to the need to shed light on public security strategies undertaken in the capital located in the interior of the Brazilian Northeast.

**KEYWORDS:** policing; urban space; public security; Vila Bairro Segurança.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está em andamento e tem como tema o direcionamento geograficamente restrito das ações e operações de policiamento e segurança pública no espaço urbano. A temática proposta se insere num contexto político-social em que as estratégias de segurança pública têm sido pautadas a partir da distribuição diferencial de controle e vigilância entre os espaços da cidade, justificada segundo aspectos declarados (elevado índice de registro de situações de violência em determinada região da cidade, por exemplo), mas orientada por aspectos latentes (região que concentra maior parte da parcela empobrecida da população e com modos informais de sobrevivência, por exemplo).

Nesse contexto, a implantação de ações das institucionalmente chamadas polícias comunitárias ganharam força e passaram a ser copiadas nos diversos centros urbanos pelo Brasil, com adaptações. É o caso do programa “Vila Bairro Segurança”, em Teresina – PI, desenvolvido pela gestão municipal com o objetivo de “reforçar a segurança pública nos bairros da capital” (TERESINA, 2019a). Lançado no início de 2018, suas ações são executadas de forma geograficamente restrita, ocorrendo exclusivamente nos bairros da capital piauiense que compõem a região “Lagoas do Norte”

A chamada região “Lagoas do Norte” é o conglomerado urbano que reúne 13 (treze) bairros da zona norte de Teresina, assim denominada pela presença de diversas lagoas no seu entorno e em seu interior. Segundo dados do IBGE, conforme o censo de 2010, disponibilizados pela Prefeitura de

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Teresina, a região abriga mais de 92 mil habitantes distribuídos em cerca de 24 mil domicílios. Esta população é majoritariamente feminina (53,36%), negra (72,12%), composta por crianças e jovens (53,37%) e possui renda familiar de até dois salários-mínimos (45,14%) (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2016; TERESINA, 2018). O local é, também, o conjunto de bairros que abriga a maior quantidade de casas de culto afroreligioso em Teresina (CARMO; MORAES, 2016; SIQUEIRA, 2018).

Desde o ano de 2008, passou a ser assim denominada em decorrência do “Programa Lagoas do Norte”, projeto desenvolvido pela Prefeitura de Teresina em parceria com o Governo Federal, financiado pelo Banco Mundial, como meio de urbanização-gentrificação daqueles bairros, declaradamente em face dos alarmantes indicadores sobre a má qualidade de saneamento básico e a quantidade de enchentes e alagamentos provocados pelas cheias dos rios e lagoas que banham a região. No desenvolvimento do projeto, houve deslocamentos forçados, desapropriações, que seguem em curso, de milhares de famílias, pontos comerciais e casas de culto afroreligioso, sob o argumento de que habitavam áreas de risco ou, no caso dos imóveis que não enfrentavam o problema das cheias, de que os espaços desapropriados seriam objetos dos projetos de urbanização (VARÃO; REGO, 2017; ROLNIK, 2019).

Os deslocamentos forçados, produto do planejamento pouco democrático do projeto, que não levava em consideração os interesses e as demandas da população atingida, contribuíram para o surgimento de movimentos sociais de resistência popular à urbanização-gentrificação naquela região, a exemplo do movimento “Lagoas do Norte, pra quem?” e do “Centro de Defesa Ferreira de Sousa”, os quais passaram a protagonizar momentos de oposição às ações do Projeto e, conseqüentemente, da Prefeitura de Teresina.

É nesse cenário de disputa pelo espaço urbano que se insere o programa “Vila Bairro Segurança”. Tal como o projeto de origem, Programa Lagoas do Norte, a estratégia de segurança é objeto de tensão discursiva a respeito de seus resultados iniciais, em que de um lado tem-se a versão institucionalmente divulgada, pela gestão municipal de que a implantação do programa teria permitido a “redução da violência na região através das ações educativas” (TERESINA, 2019b), baseando-se, os êxitos do programa de segurança, a partir do número de abordagens, apreensões e notificações de irregularidades. Por outro lado, há a versão da população moradora da região atingida, segundo a qual “esta é mais uma política higienizadora que visa excluir os moradores do seu direito à cidade” (OCORRE DIÁRIO, 2018), que denuncia que as ações desempenhadas na implementação do programa ultrapassam os pressupostos de uma política de segurança cidadã e questiona o seu direcionamento restrito.

Observadas as especificidades, lançando luz sobre o problema em nível comparativo no quadro nacional, as ações de policiamento geograficamente restrito interferem nas dinâmicas de organização

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



social e na relação construída entre sujeitos e espaço urbano ocupado/habitado. No caso teresinense, a opção pela vigilância concentrada no entorno de bares e clubes que sediam bailes de reggae ou praças que servem de palco para a disputa dos MC's se apresenta como similar ao controle sobre as práticas culturais, e, dessa forma, sobre a própria existência daquela população. O que se declara como mais uma fase de um projeto municipal de urbanização ressoa, na ponta atingida, como uma estratégia de controle social a partir da vigilância policial e, assim, como processo de criminalização da população que resiste à gentrificação.

O problema que move esta proposta de pesquisa é: como as ações de policiamento do programa “Vila Bairro Segurança” atuam no controle social das práticas e movimentos de resistência popular aos projetos de urbanização-gentrificação no espaço vigiado, a região do Lagoas do Norte em Teresina, Piauí?

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de identificar o problema do urbano dos bairros da região “Lagoas do Norte”, onde atua o programa “Vila Bairro Segurança”, a pesquisa utilizará a revisão bibliográfica com foco nas produções científicas que abordam o cenário local, desde as perspectivas historiográfica, geoambiental e socioantropológica, a respeito dos impactos provocados pelos projetos de urbanização-gentrificação sobre a produção do espaço, além das informações disponibilizadas em relatórios técnicos, publicamente disponibilizados, ou requeridos com fundamento na Lei nº 12.527, de 2011 (Lei de Acesso à Informação), quando não publicados, e veiculadas pelos diversos formatos de mídia, privilegiando-se a eletrônica.

Com a finalidade de examinar a formulação, implementação e organização do programa “Vila Bairro Segurança”, a pesquisa proposta tomará como fontes os documentos públicos de criação do referido programa, bem como os documentos que embasaram sua elaboração, a fim de identificar suas características constitutivas e a justificativa institucional de sua atuação geograficamente restrita, os quais, quando não disponíveis nos sítios eletrônicos mantidos pela gestão municipal, poderão ser dela requeridos com fundamento na Lei de Acesso à Informação.

Para analisar as ações do programa “Vila Bairro Segurança” e discutir suas interações com espaços e movimentos de resistência, as fontes utilizadas serão: i) notícias veiculadas em plataformas jornalísticas e de divulgação institucional no âmbito eletrônico, de modo a verificar os discursos reproduzidos a respeito do programa e seus resultados; ii) relatórios das operações executadas durante as ações do programa sob análise, compreendidos, temporalmente, desde o seu início até o período em que foi proposta a expansão do programa para bairros não compreendidos na região “Lagoas do

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Norte”, cujo acesso poderá ser requerido aos órgãos participantes das operações<sup>1</sup> com fundamento na Lei de Acesso à Informação, visando caracterizar os sujeitos e demarcar os espaços destinatários do controle, bem como extrair os resultados registrados das operações (relatos de abordagens, locais de intervenção, apreensões, prisões realizadas, etc.); iii) as narrativas dos sujeitos destinatários da estratégia institucional de controle, colhidas por meio de entrevistas semiestruturadas desde ideias organizadas em mapas de associação (SPINK, 2010), considerando os elementos prévios disponíveis nas notícias e documentos analisados, notadamente com aqueles e aquelas que constroem as resistências locais, como o movimento “Lagoas do Norte, pra quem?” e o “Centro de Defesa Ferreira de Sousa”, bem como dos sujeitos que ocupam os espaços destinatários do controle, guiando-se pelas informações colhidas nas fontes anteriores, a exemplo dos frequentadores dos espaços de divertimento e dos povos de terreiro.

A organização dos dados eventualmente colhidos de fontes documentais dar-se-á de forma descritiva para os de caráter normativo e jornalístico, mas podendo também ser apresentada na forma de quadros ou diagramas quando voltada para os dados colhidos em relatórios de operações (visando à comparação de locais de abordagem, resultado das operações, etc.); quanto às narrativas colhidas a partir de entrevistas, propõe-se sua descrição, uma vez que a não adoção da técnica de formulário pode impedir a organização em forma de tabelas ou elementos semelhantes.

A análise das fontes será guiada pela técnica de análise de conteúdo, na medida em que torna possível extrair de si os elementos informativos fundamentais para, daí, formularem-se conclusões a partir de inferências e associações (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014), não estando descartado, ao menos inicialmente, o manejo da técnica de análise de discurso, especialmente considerando a fluidez e a diversidade dos dados colhidos a partir de entrevistas (MEDEIROS, 2019), bem como os sentidos construídos a partir do escrito e do não escrito nos documentos produzidos pelo Estado, especialmente em suas agências de controle (FARIAS, 2015; FERREIRA, 2013), razão pela qual as fontes documentais serão analisadas a partir da noção de documentos como campo, o que permite, dessa forma, depreender as relações de poder configuradas a partir dos textos que carregam (MUZZOPAPPA; VILLALTA, 2011; GRAZIANO, 2018). Quanto às narrativas colhidas a partir de entrevistas, a análise as tomará como representação histórico-subjetiva de apreensão da realidade dos sujeitos destinatários do controle (CEDRO, 2011). A interpretação dos dados colhidos será guiada pelo referencial teórico-metodológico da Criminologia Crítica, abordando as dinâmicas de policiamento geograficamente restrito, controle social e vigilância, numa sociedade estruturada sobre conflitualidades e disputas, como condicionantes de processos de criminalização.

1 Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência Social e Políticas Integradas, Secretaria Estadual de Segurança Pública, Conselho Tutelar, Superintendência Municipal de Transportes e Trânsito, entre outros.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## RESULTADOS

Como se trata de pesquisa que segue em andamento, os resultados são incipientes e provisórios. É possível destacar, todavia, já como ponto de partida, o encerramento do programa de segurança pública no final do ano de 2020. Oficialmente, não está muito bem delimitado o porquê do encerramento de um projeto cujos resultados propagandeados pelo poder público soavam tão satisfatórios, no entanto algumas hipóteses são possíveis.

Na gestão pública no Brasil costuma prevalecer a adoção de políticas de governo ao invés de políticas de estado. No âmbito municipal, situações desse tipo são ainda mais comuns. Em Teresina, o programa foi iniciado em uma gestão cujo grupo político se mantinha no comando da Prefeitura havia cerca de quarenta anos; nas eleições municipais de 2020, todavia, essa hegemonia foi quebrada e um grupo político que se declarava opositor na ocasião foi alçado ao poder.

A hipótese que se formula é que o encerramento tenha ocorrido como mecanismo de evitação de continuidade, em uma gestão opositora, de um projeto cujos resultados soavam com repercussão positiva para a Prefeitura municipal. A estratégia abriria a possibilidade de formulação de novas formas de abordagem da segurança pública nesta esfera, com ou sem o aproveitamento do modelo anterior. Até o presente momento, no entanto, a situação segue inalterada.

Quanto aos demais pontos delineados como objetivos da pesquisa, os resultados ainda seguem em elaboração, considerando o estado do campo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de seguir em fase de elaboração, é possível extrair algumas conclusões e tecer breves considerações finais sobre esta pesquisa, em especial quanto a suas potencialidades. Inobstante já encerrado o projeto analisado, a pesquisa proposta permite compreender como o direcionamento geograficamente restrito das ações de policiamento atua em áreas de conflito entre grupos sociais locais e o poder público, de modo a permitir o restabelecimento de protocolos de instauração dessas políticas ou a própria revisão da viabilidade de sua implementação.

Há elementos indicativos de que são poucas e bastante restritas as pesquisas e produções científicas que abordaram as estratégias de policiamento, a gestão da segurança pública e as práticas de resistência popular em Teresina, partindo ou não do programa “Vila Bairro Segurança”, aspecto que dá relevância acadêmica a esta proposta de pesquisa.

Nesse sentido, elevar a luta da comunidade das Lagoas do Norte e suas interações com as estratégias de policiamento à categoria de estratégias de resistência permite a formulação de associações

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



com as propostas reivindicatórias da própria comunidade, em especial a de luta pelo reconhecimento como quilombo urbano. A luta organizada e resistência contra o poder, em um território negro, cada vez mais ganha força e segue firme.

## REFERÊNCIAS

CARMO, Francisca Daniele Soares do; MORAES, Maria Dione Carvalho de. Territórios sociais de povos de terreiro em Teresina – PI (consensos e dissensos no processo de intervenção urbanística do Programa Lagoas do Norte, na zona Norte da cidade). In: Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia. Políticas da Antropologia: ética, diversidade e conflitos. João Pessoa, 2016.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. Informação & Sociedade: estudos, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 13-18, 30 abr. 2014.

CEDRO, Marcelo. Pesquisa social e fontes orais: particularidades da entrevista como procedimento metodológico qualitativo. Revista Perspectivas Sociais, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 125-135, mar. 2011.

FARIAS, Juliana. Fuzil, caneta e carimbo: notas sobre burocracia e tecnologias de governo. Confluências: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, Niterói, v. 17, n. 3, p. 75-91, dez. 2015. <https://doi.org/10.22409/conflu17i3.p434>

FERREIRA, Leticia Carvalho de Mesquita. “Apenas preencher papel”: reflexões sobre registros policiais de desaparecimento de pessoa e outros documentos. Mana, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 39-68, abr. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-93132013000100002>.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Diagnóstico da violência na região de Lagoas do Norte, com foco na população juvenil. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016. 76 p. Contrato PMT/SEMPLAN/UGP Lagoas do Norte nº 29/2015.

GRAZIANO, Florencia. Qué, cómo y cuánto se escribe en los documentos de la burocracia judicial para “menores”, en la ciudad de Buenos Aires. Etnografica, [S.L.], n. 223, p. 531-553, 1 out. 2018. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/etnografica.5901>.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



MEDEIROS, Flavia. Sobre discursos e práticas da brutalidade policial: um ensaio interseccional e etnográfico. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - Abpn, [S.L.], v. 11, n. 30, p. 108-129, nov. 2019. Revista da ABPN. <http://dx.doi.org/10.31418/2177-2770.2019.v11.n.30.p108-129>.

MUZZOPAPPA, Eva; VILLALTA, Carla. Los documentos como campo. Reflexiones teorico-metodológicas sobre un enfoque etnográfico de archivos y documentos estatales. Revista Colombiana de Antropología, vol. 47, num. 1. enero-junio, 2011, pp. 13-42.

OCORRE DIÁRIO. Vila Bairro Segurança: prefeitura trata pobres como caso de polícia e NUPEC-UFPI repudia ações. 2018. Redação Ocorre Diário. Disponível em: <https://ocorrediarario.com/prefeitura-trata-pobres-como-caso-de-policia/>. Acesso em 02/09/2020.

ROLNIK, Raquel. Banco Mundial e Prefeitura de Teresina ameaçam destruir modos de vida tradicionais. 2019. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/banco-mundial-e-prefeitura-de-teresina-ameacam-destruir-modos-de-vida-tradicionais/>. Acesso em: 11 out. 2020.

SIQUEIRA, Felipe Ibiapina do Monte Ruben. Territorialidades sagradas: religiosidades católica e afro-brasileira na Zona Norte de Teresina (PI). 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Geografia, Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

SPINK, Mary Jane. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano [online] Rio de Janeiro : Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 72 p.

TERESINA. Secretaria Municipal de Planejamento. PLN – Caracterização: caracterização social e econômica da região. 2018. Disponível em: <https://semplan.teresina.pi.gov.br/pln-caracterizacao/>. Acesso em 23/09/2020.

TERESINA. Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência Social e Políticas Integradas. Projeto Vila Bairro Segurança realiza operação na zona norte de Teresina. 2019a. Disponível em <https://semcaspi.teresina.pi.gov.br/2019/06/18/projeto-vila-bairro-seguranca-realiza-operacao-na-zona-norte-de-teresina/>. Acesso em 23/09/2020.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





TERESINA. Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência Social e Políticas Integradas. Secretário anuncia ampliação do Vila Bairro Segurança. 2019b. Disponível em <https://pmt.pi.gov.br/lsvr-slide/secretario-anuncia-ampliacao-do-vila-bairro-seguranca/>. Acesso em 02/09/2020.

VARÃO, Lorena Lima Moura; REGO, Natasha Karenina de Sousa. O caso da luta das mulheres contra o deslocamento compulsório na Av. Boa Esperança, Teresina-PI. In: BRUZACA, Ruan Didier; SOUSA, Arnaldo Vieira (org.). Anais do I Ciclo de Debates do PAJUP: direito crítico e práticas jurídicas

**REALIZAÇÃO:**



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

**FINANCIAMENTO:**



**APOIO:**





## A FAVELA NAS ESCRIVIVÊNCIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO, A PARTIR DO ROMANCE BECOS DA MEMÓRIA

Elisandra Cantanhede Ribeiro <sup>1</sup>

Elizania Cantanhede Ribeiro <sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente texto visa analisar a narrativa da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, que traz em suas entrelinhas de suas escritivências durante o desfavelamento em Belo Horizonte, comparando a favela com as senzalas existentes no Brasil que fizeram parte do processo de escravização e hoje podemos comparar com as desigualdades vivenciadas nas periferias das grandes cidades brasileiras. O romance nos dar possibilidades de debates, de como vivem a população desses espaços e como vivenciam seu cotidiano dentro do espaço considerado à margem da sociedade devido as desigualdades existentes no país, dentro destas narrativas foram a população negra que mais sofreram dentro desse processo de busca por espaço e moradias, foram eles que passaram um longo período amontoados nos cortiços e atualmente (re)existindo nas favelas. A sua recorrente narrativa nos remete a um passando que pode se configurar tal qual como o presente, onde o acesso as políticas públicas não conseguem abarcar sobretudo as demandas no que diz respeito ao direito à moradia digna e território. Podemos considerar que o atual processo de urbanização continua conduzindo um modelo de crescimento não-todo assistido, acirrando cada vez mais a desigualdade social e consequentemente a violência pela busca do espaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escritivências, Desigualdades Sociais, Favela.

## THE FAVELA IN THE CONCEIÇÃO EVARISTO WRITINGS OF, FROM THE ROMANCE BECOS DA MEMORIA

**ABSTRACT:** This text aims to analyze the narrative of the Afro-Brazilian writer Conceição Evaristo, who brings between the lines of her writings during the slump in Belo Horizonte, comparing the favela with the slave quarters in Brazil that were part of the enslavement process and today we can compare with the inequalities experienced in the peripheries of large Brazilian cities. The novel gives us possibilities for debates, on how the population of these spaces live and how they experience their daily lives within the space considered on the margins of society due to the inequalities existing in

1 Licenciada em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (UFMA), Mestranda do Programa de Pós-graduação em História e Conexões Atlântica: culturas e poderes (UFMA), Especialista no Ensino de História do Brasil: culturas e sociedades, Especialista em Metodologia em Ensino de História Jhuerbete@hotmail.com

2 Licenciada em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (UFMA), Licenciada em Pedagogia plena pela (UFMA), eliz.cantanhede@hotmail.com

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



the country. Within these narratives, it was the black population that suffered most within this search process. For space and housing, they were the ones who spent a long period huddled in tenements and currently (re)existing in the favelas. Its recurrent narrative takes us to a past that can be configured as the present, where access to public policies cannot cover, above all, the demands regarding the right to decent housing and territory. We can consider that the current urbanization process continues to lead to a non-assisted growth model, increasing social inequality and, consequently, violence for the search for space.

**KEYWORDS:** Escrivivências, Social Inequalities, Favela.

## INTRODUÇÃO

Através da literatura, principalmente a literatura afro-brasileira como é o caso do romance *Becos da Memória* da escritora Conceição Evaristo, que após leitura e análise da obra verificou-se a possibilidade de diálogo acerca de diversas temáticas, como é o caso da inserção dos negros na sociedade, acesso aos direitos essenciais, as relações de gênero, o retrato social da periferia etc. São algumas das abordagens que podemos problematizar a partir da leitura da obra.

Traçar um panorama da população, sobretudo a população negra durante a década de 1980 no Brasil, é trazer elementos para responder a atual situação do negro no que diz respeito a efetivação e garantia dos direitos essenciais, como é o caso da educação, saúde, moradia, e a sua inserção na sociedade brasileira no período do pós-abolição.

Para Florestan Fernandes (2008), “ao negro não foi dado a oportunidade de ser inserido na sociedade brasileira, com seus direitos básicos assegurados”, coube aos próprios negros a reestruturação de suas próprias vidas e sua história, tendo que lutar para conquistar um espaço na sociedade e assegurar seus direitos básicos, que só foram “garantidos” a partir de 1988 com a Constituição. E ainda assim não foi garantia de mudança da situação, na qual encontravam-se naquele momento, (Diga-se, muitos ainda permanecem nesse estado de pobreza e calamidade).

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nasceu em Belo Horizonte, em novembro de 1946, graduou-se em Letras- Português e Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutora em Literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense. A autora surgiu no cenário da literatura brasileira a partir da década de 1990 quando publica vários poemas nos *Cadernos Negros*<sup>3</sup>, em 2003 publica seu primeiro romance *Ponciá Vicêncio*. Conceição Evaristo conseguiu fixar suas raízes em uma literatura muito das vezes considerada para brancos e de sexo masculino que por muitas ocasiões se comportou de maneira racista e sexista.

3 Consistem em uma edição coletiva anual, de contos e poemas, desde 1978 que tem o papel de divulgar uma enunciação negra de temática variada sobre a tradição e cultura africana e afro-brasileira.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



A literatura afro-brasileira da autora tem um teor de desconstrução de estereótipos e de denúncia da realidade em que vive a população Afro-brasileira. E tem se mostrado cada vez mais atuante desde sua publicação nos cadernos negros no que se refere a realidade social enfrentado pela população negra e sua realidade socio- histórica e elevando a população negra a um papel de protagonista de sua própria história.

A autora em suas escrituras, a partir do seu romance traz uma análise da favela<sup>4</sup> em Belo Horizonte, época em que houve um grande desfavelamento na década de 1960. Dentro da obra Becos da Memória (obra lançada anteriormente em 2006 e atualmente foi relançada pela editora Palla), a favela surge como um cenário perfeito de análise da população menos favorecida, marginalizada da sociedade, e que são desaposados do seu espaço de moradia e precisam se acostumar com uma nova realidade a partir do momento que começa a derrubada de seus barracos<sup>5</sup>, onde muitos já estavam acostumados e criando laços afetivos, acreditando que fosse um espaço de acomodação permanente.

O nosso trabalho é uma revisão de literatura a partir da obra Becos da Memória, trazemos artigos, dissertações, teses e livros que possam colaborar com o diálogo acerca do tema proposto. O trabalho está estruturado de três partes, primeira parte, faremos uma análise do romance trazendo elementos para problematizar, segunda parte faremos um diálogo com referências que possam contribuir para tal, e por fim traremos as considerações finais acerca da análise da obra Becos da Memória.

## **AS ESCRIVIVÊNCIAS DA FAVELA A PARTIR DO OLHAR DE CONCEIÇÃO EVARISTO ATRAVÉS DA OBRA BECOS DA MEMÓRIA**

O romance foi escrito nos anos de 1980, foi publicado somente em 2006, a demora na publicação segundo a autora é devida as dificuldades encontradas para aqueles que estão distante do “centro” e que sempre buscam superar as barreiras encontradas ao longo de sua trajetória. A narrativa é perpassada por uma personagem central que é a Maria- Nova, que se torna olhos e ouvidos de tantas estórias e histórias narradas ao longo do romance que são contadas pelos mais velhos. Maria passa a escutar com atenção e compartilhar das dores e alegrias da favela, que durante esse processo de escuta fica incumbida de dar vida a essas narrativas através de seus escritos.

A autora dá vida a personagens como os “bêbados”, os “malandros”, as “putas” as crianças, as lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol, ao tio Totó, ao Pedro Cândido, a Bondade, ao Tião, Maria Velha, e a própria Maria Nova, Negro Alírio, aos homens e mulheres que se amontoavam

4 Substantivo feminino [Popular] Conjunto de moradias populares que, construídas a partir da utilização de materiais diversos, se localizam, normalmente, nas encostas dos morros; comunidade. (Dicionário online)

5 Pequena habitação de madeira, coberta de palha, telha ou zinco, geralmente construída em morros ou favelas

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



nos barracos da favela. A autora dá voz aos tantos invisíveis da sociedade, que podemos chamar de subalternos, a exemplo dado por Spivak (2010) em sua obra *Pode o subalterno falar?* e dificilmente pode ser ouvido como são os casos de tantas vozes dentro do espaço da favela.

### **Maria Nova**

[...] Maria- Nova. Um dia, não se sabia como ela haveria de contar tudo aquilo ali, contar a história delas e a dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente não perdia nada. [...]duas coisas ela gostava de colecionar: selos e história que ouvia. Maria-Nova crescia. Olhava o pôr do sol. Maria-Nova lia. Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia dentro e fora de cada barraco, de cada pessoa. [...] (EVARISTO, 2013, p.49).

Maria-Nova personagem central desta história que tem a função fundamental de descrever tudo e todos que fazem parte desse contexto da favela. Maria dá voz e vez para os personagens que poderiam facilmente passar despercebidos por aqueles desavisados, pois o espaço da favela não é visto como espaço “de narrativas significativas para a sociedade e nem reconhecido como espaço de aprendizagem”. A autora evidência os (as) negros(as), trazendo as especificidades de ser afro-brasileiro(a).

A Maria-Nova nada mais é do que a própria autora que traz em suas entrelinhas as experiências vivenciadas durante o período de desfavelamento, e toda as narrativas perpassadas por ela, tem também um teor de denúncia, da situação dos negros na sociedade brasileira. A falta de moradia digna pode ser retratada nos tantos barracos existentes Brasil a fora e aqueles em que vivem em condições precarizadas.

### **Tio Totó: Antônio João da Silva**

[...]Andava inconsolável, já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela, ali seria sua última morada [...] sabia que não nascera ali, como também ali não nascerá seus pais. Estavam todos na labuta da roça e da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que já nascera na “Lei do Ventre Livre”<sup>6</sup>.[...] Totó ainda era menino, mas, de vez enquanto sentia aquelas punhaladas no peito. Uma dor aguda, fria que sem querer fazia com que ele soltasse suspiros. O pai de Totó chamava aquela dor de Banzo<sup>7</sup> [...]nem ele nem ela não tinham mais os pais vivos. Um surto de tuberculose que começara na casa grande assolara também os escravos. Iriam partir, queriam esquecer as histórias de escravidão, suas e de seus pais. (EVARISTO,2013, p 30-34).

Durante a obra o personagem tio Totó compartilha de uma narrativa, que vem desde o

6 Lei 2040/1871 - Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annaul de escravos.

7 é definido como saudade da África, ou como forma de adjetivação de pessoa triste, pensativa, atônita, pasmada, melancólica.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



período da escravidão que pode ser problematizada atualmente, a Lei do ventre livre e também traz o relato do sentimento que muitos dos negros(as) vindo como escravizados de sua terra natal acabaram acometidos pelo banzo, sentimento compartilhado por muitos negros escravizados durante o processo de escravização vivenciado no Brasil. As constantes mudanças vivenciadas no período da escravização fizeram que um contingente significativo de negros e negras, fossem acometidos com uma série de doenças e as mudanças constante de um território para o outro, também foi um dos motivos do estado de melancolia, pois para os negros(as) o território tem um significado para além do espaço físico. Para além disso também foram apartados de suas famílias dificultando assim a convivência em outros locais.

## **Maria Velha**

Dizem que a vida é um perde e ganha. Eu digo, a vida é uma perdedeira só, tamanho é o perder. Perdi a Miquilina e a Catita. Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado o trabalho de escravo nos campos. Perdi um lugar, uma terra, que pais de meus pais diziam que eram era um lugar grande, matos e bichos. De gente livre e sol forte .... E hoje, agora a gente perde um lugar que eu já pensava ser dono. Perder a favela! [...] (EVARISTO, 2013, p 45).

A personagem Maria velha sente a dor da perda de muitos entes e a perda de uma África que fica subtendida pela descrição dada pelos seus avós. A perda está constante em sua narrativa sendo fruto de sua melancolia e sofrimento, que passa se desenhar a partir do momento que precisam deixar a favela, como a própria personagem relata que já considerava seu próprio espaço de moradia. Espaço que pode se problematizar dentro da sala de aula como o espaço onde muitos são aqueles (as) alunas que residem principalmente aqueles que são maioria dentro de nossas escolas públicas.

Os signos das cidades são muito similares aos signos da literatura. Ambos estão construídos sob a ótica das linhas que norteiam o tráfego e a benesse na geografia da cidade quando aquelas cosem as ideias do texto. Há uma cartografia sublimar entre ambos, porque na cidade há normas e leis intrafegáveis ao sujeito quando as descumpre; no campo da escrita há normas e leis, que, mesmo burlando-as, é possível o tráfego do sujeito constituinte da escrita.

## **DIALOGANDO COM LITERATURA AFRO-BRASIELIRA**

A literatura apresentada pela autora nos trouxe elementos, para que fosse pensada a realidade do negro(a) brasileiro(a), a partir das condições desses sujeitos sociais que estão inseridos em sua narrativa, fazendo comparação à situação da população que está inserida nos espaços das favelas do Brasil a fora. É importante pontuar que possui um número significativo de população negra que reside nos espaços das favelas e que permanece no centro das desigualdades sociais.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Como aponta os dados das Síntese dos Indicadores Sociais de 2020, do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística),

Para a desagregação por cor ou raça, na população total, 56,3% se declararam de cor preta ou parda, em 2019, mas esses eram mais de 70% entre aqueles abaixo das linhas de pobreza utilizadas. Entre os que se declararam de cor ou raça branca, 3,4% eram extremamente pobres e 14,7% eram pobres, mas essas incidências mais que dobravam entre o grupo anterior; Mercado de Trabalho em cargos de gerência somente 29,9% da população negra enquanto a população branca ocupa 68,6% dos Cargos.

Quanto a Distribuição de Renda a população negra 32,9% vive (sobrevive) com US\$ 5,50 diário e a população não negra é de 15,4%.

Na Educação a taxa de analfabetismo entre os negros é de 6,8% na zona urbana e na rural é 20,7%, para os brancos a taxa de analfabetismo é de 3,1% na zona urbana e 11,0% na zona rural. Quanto a taxa de homicídios da população branca é de 63,5 para os homens e 5,2 para as mulheres para população negra dos homens 185,0 para homens e 10,1 para as mulheres. (SINTESE DOS INDICADORES SOCIAIS, 2020, p.4).

Esses dados só corroboram para afirmar a realidade na qual vivem hoje a população negra brasileira, devido aos deslocamentos compulsório para implementação de “grandes empreendimentos”, a acentuação do nível de pobreza são alguns dos aspectos que podem justificar a inserção de um grande número de pessoas, sobretudo as negras nos espaços das favelas. Espaços esses que se constituem de relações múltiplas e de relações sociais, onde a relação de solidariedade é fundamental para que esses agentes não se tornem ainda mais a margem da sociedade. Esses resquícios do processo de escravização.

A violência contra a população negra, fator determinante analisado para entendermos a afirmação recorrente do colonialismo enquanto instrumento de pensar o poder colonial sob o prisma do modelo universal, Deivison Mendes Faustino (2015), ressalta que:

A violência é um tema recorrente nos textos de Fanon, mas devido a sua problematização, por vezes apressada, no interior dos fanonismos, faz-se necessário observar de forma mais detida como ela aparece nos textos. A violência é um elemento político, em primeiro lugar, porque o colonialismo não é outra coisa que não a negação da dimensão humana dos colonizados. Para Fanon, o colonialismo é e só podia ser uma entificação violenta ou não se reproduziria como tal. Essa violência está impressa desde a divisão racial do trabalho que ela cria até nos meios bélicos e simbólicos que dispõe para mantê-la racialmente polarizada (FAUSTINO, 2015, p. 78).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do racismo no Brasil é acompanhada por profundas falta de iniciativas e promulgações de políticas públicas voltadas ao povo negro, o estado brasileiro, não se configura como a gente que desenvolve medidas sociais para sanar as questões dos negros escravizados dentro

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



da sociedade, compreender o papel do estado é fundamental para se analisar a construção dos espaços sociais para a uma população, escravizada marginalizada e majoritária na sociedade.

A autora trouxe elementos essenciais para se pensar o acesso a moradia e pensar o espaço da favela em que a população negra foi inserido e para isso é necessário repensar as políticas de acesso aos diferentes sujeitos que fazem parte desse processo.

## REFERÊNCIAS

DANTAS, Carolina Viana, Mobilização negra nas primeiras décadas republicanas, IN: DANTAS, HEBE Mattos, MARTHA Abreu (org.) 1ª ed.- Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

EVARISTO, Conceição, Becos da Memória – Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

FERNANDES, Florestan, A Integração do Negro na Sociedade de Classes: (o legado da “raça branca”), Volume I, 5. Ed.- São Paulo: Globo, 2008. (obras reunidas de Florestan Fernandes).

Canto, D., & Alós, A. (2018). AS MEMÓRIAS DA FAVELA DE CONCEIÇÃO EVARISTO. *Linguagens & Cidadania*, v.19, número especial, jan/dez., 2017 disponível em: <https://doi.org/10.5902/1516849230886> acesso em 17/09/2021.

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2020 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2020

FAUSTINO, D. M. “Por que Fanon, por que agora?”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 252 f, 2015.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## REDE DE APOIO E ATENDIMENTO ÀS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NA CIDADE DE IMPERATRIZ – MA

Luziane Ponciano Gama<sup>1</sup>

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior<sup>2</sup>

Jaira Ruama Oliveira de Sousa Vieira<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho pretende explorar a rede de apoio e atendimento às mulheres vítimas de violência na cidade de Imperatriz, Maranhão, apresentando os diversos órgãos que participam desta articulação, suas atribuições e respectivas ações no enfrentamento à violência contra a mulher. Articuladas às políticas públicas voltadas para o enfrentamento da violência contra a mulher, essas instituições tem contribuído para a redução das desigualdades impostas por papéis sociais, notadamente a manifestação histórica das relações de poder desiguais entre mulheres e homens, sendo a violência contra a mulher uma de suas mais dolorosas faces. O texto apresenta elementos de uma pesquisa de mestrado em andamento, desta forma, nossa exposição se desenvolverá a partir de uma abordagem de cunho exploratório de base bibliográfica e documental, buscando identificar e descrever a rede de apoio existente na cidade de Imperatriz. Analisando as formas de mobilização destes órgãos em nível municipal a efetiva proteção e apoio à mulher vítima de violência ganha forma, nos permitindo identificar as múltiplas instituições e experiências de apoio e atendimento a esse público. Conclui-se, a partir da análise realizada, que a cidade de Imperatriz conta com uma rede de apoio e atendimento que se articula em diversos órgãos, não só trabalhando questões ligadas ao combate à violência, mas especialmente, possibilitando o apoio e proteção que permitem à mulher o início de um processo de resgate de sua dignidade, significativamente vulnerável no contexto da violência vivenciada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres. Violência. Políticas. Rede. Atendimento.

## SUPPORT AND SERVICE NETWORK FOR WOMEN VICTIMS OF VIOLENCE IN THE CITY OF IMPERATRIZ – MA

**ABSTRACT:** This work intends to explore the support and assistance network for women victims of violence in the city of Imperatriz, Maranhão, presenting the various bodies that participate in

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, e-mail: luziane.ponciano@discente.ufma.br.

2 Orientador Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, e-mail: clodomir.cordeiro@ufma.br.

3 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Formação Docente em práticas educativas da Universidade Federal do Maranhão, e-mail: jaira.ruama@discente.ufma.br.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





this articulation, their attributions and respective actions in confronting the violence against women. Articulated with public policies aimed at confronting the violence against women, these institutions have contributed to the reduction of inequalities imposed by social roles, notably the historical manifestation of power relations unequal between women and men, with violence against women being one of the most painful faces. The text presents elements of an ongoing master's research, in this way, our exhibition will develop from an exploratory approach bibliographical and documentary basis, seeking to identify and describe the existing support network in the city of Imperatriz. Analyzing the forms of mobilization of these organs at the municipal level, the effective protection and support for women victims of violence takes shape, in the allowing to identify the multiple institutions and experiences of support and assistance to this public. It is concluded, from the analysis carried out, that the city of Imperatriz has a support and service network that articulates in various agencies, not only working on issues linked to combating violence, but especially, enabling the support and protection that allow women to start a process of rescuing their dignity, significantly vulnerable in the context of experienced violence.

**KEYWORDS:** Women. Violence. Policies. Network. Service.

## INTRODUÇÃO

No Brasil a forte atuação dos movimentos feministas na segunda metade dos anos 1970 mobilizou a atuação estatal na década seguinte, com a criação das Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres (DEAMs), e do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (1985), inexistindo, até então, órgão responsável por políticas públicas específicas para mulheres. Em 2001, o país foi responsabilizado pela Corte Interamericana de Direitos Humanos por omissão, tolerância e negligência em relação à violência contra as mulheres, cujas recomendações desencadearam na criação da Lei Maria da Penha (2006), considerada compatível com os anseios internos insculpidos pelos tratados internacionais que já demarcavam o gênero como fator determinante na violência contra as mulheres.

A Criação em 2003 da Secretaria de Políticas para as Mulheres/Presidência da República, impulsionou as políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres que se limitava as Casas-Abrigo e as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs), passando a incluir ações de prevenção, de garantia de direitos e a responsabilização dos agressores. Com o advento da Lei Maria da Penha, a descrição da atuação estatal em situações de violência contra mulher passou de rarefeita a exigir uma atuação articulada entre as instituições/serviços governamentais, não-governamentais e a comunidade.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Assim, a rede de atendimento às mulheres em situação de violência foi redimensionada, e as respostas dos governos (Federal, estaduais e municipais), passaram a compreender outros serviços, tais como: centros de referência da mulher, defensorias da mulher, promotorias da mulher ou núcleos de gênero nos Ministérios Públicos, juizados especializados de violência doméstica e familiar contra a mulher, Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180), entre outros (BRASIL, 2011).

Imperatriz, localizada no oeste maranhense, é a segunda maior cidade, centro político, cultural e populacional do estado, entreposto comercial e de serviços que conecta dois estados vizinhos: Tocantins e Pará, e como tal, foi impactada pela ampliação da rede de apoio de atendimento às mulheres vítimas de violência. Este artigo visa explorar as instituições que compõem a referida rede, suas atribuições e respectivas ações no enfrentamento à violência contra a mulher na cidade.

O texto apresenta elementos de uma pesquisa de mestrado em andamento que pretende analisar as narrativas da mulher vítima de violência durante a Pandemia, atendidas pelos órgãos que compõem a rede em nível municipal. Desta forma, nossa exposição se desenvolverá a partir de uma abordagem de cunho exploratório de base bibliográfica e documental, buscando identificar e descrever a rede de apoio existente na cidade de Imperatriz. Busca-se analisar como essas instituições tem contribuído para a redução das desigualdades impostas por papéis sociais, notadamente a manifestação histórica das relações de poder desiguais entre mulheres e homens, sendo a violência contra a mulher uma de suas mais dolorosas faces.

Por fim, a análise realizada possibilitou identificar as múltiplas instituições e experiências de apoio e atendimento a esse público, a infraestrutura social de atendimento colocada à disposição das mulheres em situação de violência, e demonstrou que a cidade de Imperatriz conta com uma rede de apoio e atendimento que se articula em diversos órgãos, não só trabalhando questões ligadas ao combate à violência, mas especialmente, possibilitando o apoio e proteção que permitem à mulher o início de um processo de resgate de sua dignidade, significativamente vulnerável no contexto da violência vivenciada.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de modalidade exploratória, que visa proporcionar “visão geral, de tipo aproximativo” (Gil, 2011, p.27) sobre o funcionamento e formas de articulação da Rede de Atendimento à Mulher Vítima de Violência em Imperatriz. Para tanto, inicialmente foi feito estudo bibliográfico e documental para fundamentação teórica visando aproximação com o objeto pesquisado. Nesse processo foram utilizados livros, artigos, documentos institucionais que direcionam o atendimento em rede (Planos Nacionais de Políticas para Mulheres, Política Nacional de Enfrentamento a Violência contra a Mulher, Diretrizes Gerais e Protocolos de Atendimento da casa

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



da Mulher Brasileira, Norma Técnica de Uniformização dos Centros de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM) em situação de violência e dados fornecidos em relatório CRAM-Imperatriz).

Utilizou-se também o banco de dados com indicadores sobre a violência contra a mulher, em especial os dados produzidos pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021), as redes sociais dos componentes da rede e da Prefeitura Municipal de Imperatriz e as anotações realizadas em diário de bordo referente ao comparecimento no locais que realizam o atendimento especializado, possibilitado, no decorrer da realização da coleta de dados, pela ampliação da vacinação e da possibilidade de atendimento presencial após a com desaceleração do casos de COVID-19 em Imperatriz.

Para descrição institucional foram excluídas as entidades da rede que fazem atendimento de atenção básica, mas que não compõe os serviços especializados, embora sejam mencionados no texto. Assim como as organizações não governamentais (movimentos de mulheres e atendimentos voluntários) que compõe a rede de enfrentamento.

Os dados foram sistematizados, tendo como parâmetros os objetivos da investigação, e a busca pela compreensão refletida da forma como em nível municipal se proporciona o atendimento as mulheres vitimadas pela violência e a maneira que as instituições se mobilizam para retirá-las da condição a que estão expostas.

## **VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: ENFRENTAMENTO E ATENDIMENTO EM REDE**

Diante da complexidade do fenômeno da violência contra as mulheres, sabe-se que apesar dos avanços assistidos nos últimos anos, as conquistas no campo legal em termos de direitos são insuficientes para atingir a concretude das mazelas que marcam a vida das mulheres no país. Conforme dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a cada 1 minuto, 8 mulheres sofreram ou estão sofrendo violência física no Brasil durante a Pandemia do novo coronavírus (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2021). Os números são alarmantes considerando que os dados foram atualizados em Julho de 2021 e há cifras ocultas que acompanham as estatísticas sobre a violência.

A criação da Secretaria Especial de Políticas Públicas para a Mulher alavancou políticas públicas e serviços que buscam criar e fortalecer as estratégias de enfrentamento à violência contra mulher com a possibilidade de maior alocação de recursos. Neste contexto, surge o Plano Nacional de Políticas para Mulheres, resultado da mobilização do mulheres, a partir da Conferência Nacional de Políticas para Mulheres (2004), fixando objetivos, metas, linhas e planos de ação a serem seguidas e articuladas na estrutura que compõe a administração pública.

O plano trouxe avanços significativos considerando que seu ideário perpassam a autonomia econômica, a educação, o acesso a saúde, direito à moradia e a terra, enfrentamento ao sexismo, e

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



às múltiplas formas de violência, fortalecimento e participação das mulheres nos espaços de poder e decisão (BRASIL, 2013c), representando uma guinada histórica na questão de gênero no país e demonstrando a importância da decisão política governamental para promoção da igualdade entre homens e mulheres.

A Política Nacional de Enfrentamento à violência contra às Mulheres, orienta a formulação e execução das políticas públicas para prevenção, combate e enfrentamento a violência contra a mulher, assim como a assistência às mulheres em situação de violência em rede. Segundo Tojal (2016, p. 16) “alinhada ao debate teórico e às conquistas políticas, legais e organizativas das mulheres no campo das Políticas” esta forma de enfrentamento busca superar a desarticulação e a fragmentação dos serviços, por meio da ação coordenada de diferentes áreas governamentais, com o apoio e monitoramento de organizações não-governamentais e da sociedade civil.

Importante ressaltar que, a Política Nacional traz em seu conteúdo uma conceituação e uma diferenciação da Rede de Enfretamento a Violência contra as Mulheres e a Rede de Atendimento as Mulheres em Situação de Violência dispendo que:

A rede de atendimento faz referência ao conjunto de ações e serviços de diferentes setores (em especial, da assistência social, da justiça, da segurança pública e da saúde), que visam à ampliação e à melhoria da qualidade do atendimento, à identificação e ao encaminhamento adequados das mulheres em situação de violência e à integralidade e à humanização do atendimento. (BRASIL, 2011 p. 14)

E afirma que, a Rede de Atendimento é parte da Rede de Enfretamento à violência contra a Mulher, que é mais ampla e inclui órgãos responsáveis pela gestão e controle social das políticas de gênero, além dos serviços de atendimento. Desse modo, com uma perspectiva intersetorial rompe com modelo de gestão setorizada ao buscar contemplar de maneira integral as demandas das mulheres e suas diversidades.

Assim, a partir de acordos celebrados entre os entes federativos para cumprimento do Pacto Nacional de Enfrentamento à violência contra as Mulheres o número de serviços especializados vem crescendo e os reflexos de sua atuação sendo sentidos pela sociedade, especialmente pelas mulheres, destinatárias da gama dos serviços oferecidos.

Para Menezes (2014, p. 783) “é de fundamental importância o suporte de uma rede intersetorial articulada e sistematizada, com o devido conhecimento sobre as atribuições de cada entidade” permitindo assim a “criação de um ambiente favorável no processo de empoderamento” (BERTH, 2020, p. 72) das mulheres vítimas de violência, promovidas por ações governamentais voltadas para prevenção, combate, enfrentamento e superação dessa manifestação das formas de opressão.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## REDE DE APOIO DE ATENDIMENTO A MULHER EM IMPERATRIZ-MA

A rede de atendimento às mulheres em situação de violência deve ser compreendida no âmbito dos Planos Nacionais de Políticas para as Mulheres e da Política e do Pacto Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, os conceitos, as diretrizes e as ações de prevenção e combate à violência. A rede de atendimento em Imperatriz é marcada pelo oferecimento de uma multiplicidade de serviços, o que possibilita o oferecimento de atendimento multidisciplinar para mulheres vítimas de violência, seja ela física, psicológica, moral, sexual ou patrimonial.

Vinculados à Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres (SMPM) funcionam: a Casa Abrigo Dra Ruth Noleto desde de 2008, que oferece abrigo às mulheres em situação de violência doméstica e familiar; e o Centro de Referência de Atendimento à Mulher -CRAM, criado em 2010, espaço destinado a prevenção da violência contra mulher por meio de ações especializadas, oferta de atendimento psicológico, pedagógico, social, bem como encaminhamento à rede de serviços prestados pelo Município, que até junho de 2021 atendeu 2.064 mulheres (VIEIRA; GAMA, 2021).

O CRAM, é o principal equipamento público de atendimento às mulheres vítimas de violência em nível Municipal, fica localizado no Centro da cidade nas proximidades do terminal de integração, o que facilita que mulheres dos bairros de Imperatriz tenham acesso ao Centro de Referência com a utilização de transporte público, visto que também funciona como porta de entrada, ou que eles chamam de “demanda espontânea”, para o atendimento das mulheres em situação de violência, especialmente as que não tem a pretensão de realizar a denúncia à Delegacia Especializada, como também recebe mulheres encaminhadas pela rede e pelos atendimentos voluntários realizados por organizações não governamentais atuantes no Município (VIEIRA; GAMA, 2021).

Em ambiente cuja estrutura e forma de atendimento são orientadas pela Norma Técnica de Uniformização, o Centro de Referência de Atendimento à Mulher em situação de Violência (2), objetiva atender de forma atenta e sensível as mulheres. Também é realizado pelo CRAM o atendimento em grupos e rodas de conversa, que foram retomadas depois que a cidade passou pelo período mais agudo da Pandemia, e oferece cursos promovidos pela SMPM visando autonomia financeira, e as ações de prevenção são efetivadas na realização de oficinas e palestras sobre a temática em Escolas Públicas e privadas, além de outros estabelecimentos e entidades (VIEIRA; GAMA, 2021).

A Casa da Mulher Maranhense, inaugurada em agosto de 2020 na cidade, versão interiorizada da Casa da Mulher Brasileira no Estado, segue as Diretrizes Gerais e protocolos de atendimento do Programa “Mulher, Viver sem Violência”, e define a criação, e as premissas de base para implementação da Casa da Mulher Brasileira entre suas estratégias de ação (BRASIL, 2013a).

A casa agrega em seu espaço físico a Vara de Violência Doméstica e Familiar contra Mulher, a 8ª Promotoria de Justiça Especializada, a 15ª Defensoria Pública de Defesa da Mulher nos casos de

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Violência Doméstica, a Delegacia Especializada da Mulher, a Patrulha Maria da Penha, o atendimento psicossocial, cuja estrutura, funcionamento e ações são viabilizadas por meio da Secretaria de Estado da Mulher, facilitando o acesso da mulher aos serviços especializados, em razão de serem realizados em um único espaço institucional, considerando suas atribuições e competência autônomas (VIEIRA; GAMA, 2021).

A Delegacia Especializada da Mulher, unidade especializada da Polícia Civil realiza ações de prevenção e investigação de crimes violência doméstica e gênero (BRASIL, 2006).

A Promotoria Especializada, promove ação penal e denúncia do/a agressor(a) nos crimes de violência contra as mulheres, a preposição de ações coletivas no interesse das mulheres, atende as que necessitam de amparo legal para garantia de sua integridade física, psicológica, moral e patrimonial, além de possibilitar a aplicação dos dispositivos legais, a promover as medidas de proteção e a fiscalização das entidades de atendimento.

A Defensoria Pública de Defesa da Mulher nos casos de Violência Doméstica, núcleo especializado que tem por finalidade realizar a orientação das mulheres sobre seus direitos, esclarecendo as medidas judiciais cabíveis e suas consequências jurídicas, presta assistência jurídica gratuita, propõe ações cíveis necessárias, podendo encaminhá-las para Delegacia Especializadas, solicitar medidas protetivas e a necessidade de apoio psicossocial quando couber.

A Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, órgão que conjuga competências cíveis e criminais para processar, julgar, e executar as causas decorrentes da prática de violência doméstica e familiar contra a mulher. A Patrulha Maria da Penha, no âmbito do sistema de segurança pública, é responsável pelo acompanhamento e fiscalização do cumprimento das medidas protetivas, determinadas pela Vara Especializada e em favor das vítimas.

Assim, os serviços oferecidos no cumprimento de seus papéis institucionais realizam também encaminhamentos, a partir das demandas surgidas na escuta da mulher para os demais componentes da rede no que couber para concretização do atendimento integral da vítima de violência, podendo haver um movimento de retorno ou continuidade do atendimento em um processo de retroalimentação do sistema.

Na visita das pesquisadoras na unidade, observou-se a mobilização por parte da Diretoria da casa para dar conhecimento a comunidade da existência da casa e os serviços oferecidos, concretizadas posterior em ações observadas nas postagens da casa em suas redes sociais. A visibilização da existência de tais serviços é de suma importância, pois mulheres em situação de violência geralmente desconhecem os serviços, equipamentos e procedimentos da rede de atendimento (VIEIRA; GAMA, 2021).

O acesso das mulheres às referidas unidades de atendimento permitem o acesso a políticas públicas como o aluguel social, e empresas parceiras para facilitação da empregabilidade das vítimas,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



em razão de lei municipal que fomenta essa alternativa, além de outros serviços oferecidos pela rede de atenção básica da cidade, e a outros órgãos, a depender das demandas percebidas, como o encaminhamento ao CREAS – Centro de Referência Especializado da Assistência Social, quando a situação de violência também envolve o atendimento de crianças e adolescentes realizada pelo CRAM (VIEIRA; GAMA, 2021).

Nas unidades, tanto a diretora da Casa da Mulher Maranhense como a Coordenadora do CRAM, reforçaram a importância do Acolhimento humanizado, e a articulação da rede, inclusive mencionaram que são realizadas reuniões mensais para afinar os procedimentos e buscar estratégias (VIEIRA; GAMA, 2021). Entretanto, a Rede de Atendimento, que neste texto é denominada também de ‘apoio às mulheres’, em razão das funções da rede e da forma que deve ser conduzido o atendimento às vítimas, também apresenta suas limitações e desafios.

No CRAM, no que se refere aos recursos humanos, faltam profissionais para completar a equipe necessária, conforme a norma que regula seu funcionamento (BRASIL, 2013b, p. 31), além de formação contínua e valorização dos profissionais que atuam com mulheres em situação de violência (BRASIL, 2013b, p. 26). Importante para compreensão do fenômeno, a coleta de dados realizada por parte das equipes, como para garantir a tranquilidade por meio de atendimento qualificado e humanizado, evitando um processo de violência permanente.

Tais desafios e limitações foram ressaltados pelo Fórum de Mulheres de Imperatriz<sup>4</sup>, que em sua atividade por ocasião celebração dos 15 anos da Lei Maria da Penha apontou problemas na rede. Entre eles, destaca-se a necessidade do funcionamento da Delegacia Especializada 24 horas e em feriados e fins de semana e do CRAM no mínimo por 12 (doze) horas, e também em finais de semana e feriados; a eficiência e eficácia da assistência jurídica gratuita realizada pela Defensoria Pública, e a realização de campanhas permanentes de denúncia e mobilização social contra a violência às mulheres (FÓRUM DE MULHERES, 2021), que denota ruídos e insatisfações que chegam ao movimento de mulheres da cidade.

O fórum é importante para o enfrentamento, uma vez que conscientes de que os abusos sistemáticos perpetrados contra mulheres na sociedade não estão confinados à esfera doméstica, embora seja ali seu lócus privilegiado (HOOKS, 2019, p.182), se empenham no sucesso da operacionalização da rede de atendimento como ferramenta para prevenção e combate desse problema social que martiriza as mulheres, como espaços de possibilidade e de reprodução de novos códigos de conduta.

4 Com base na Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra a Mulher, o Fórum, não faz parte da rede de atendimento, e sim parte da rede de enfrentamento, mas é importante mecanismo para a coleta de dados acerca das falhas na rede de atendimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se, a partir da análise realizada, que a cidade de Imperatriz conta com uma robusta rede de apoio e atendimento as mulheres vítimas de violência, notadamente se considerada a precariedade da infraestrutura disponível para a maioria dos municípios do país. A atuação desta rede é norteadada por um movimento de articulação entre as diversas instituições que a compõe, não só trabalhando questões ligadas ao combate à violência, mas especialmente, possibilitando o acolhimento e proteção que permite à mulher atendida vislumbrar um ponto de partida no processo de recuperação de sua dignidade.

Percebeu-se que a rede redireciona suas atividades e estratégias de fortalecimento das mulheres em situação de violência doméstica, a partir das demandas surgidas, como no caso das repercussões trazidas pela Pandemia de SARS-CoV-2, mobilizando a infraestrutura social que tem a sua disposição, para realizar atendimentos e a conscientização da sociedade sobre a problemática da violência contra as mulheres.

Constatou-se, ainda que a rede possui limitações, apesar dos avanços no que se refere a sua ampliação no decorrer dos últimos anos. Tais limitações dizem respeito, principalmente, a alocação de recursos e à insuficiência de pessoal qualificado para atendimento às vítimas, o que impacta no horário de atendimento disponibilizado e na qualidade do atendimento, que pode levar a um processo de vitimização permanente no ambiente estruturado para seu rompimento.

A existência de pontos dissonantes na articulação entre as instituições também pode prejudicar a lógica de rede e a forma de fornecimento dos serviços disponibilizados, visto que é a rede que proporciona acessos significativos para que a mulher em situação de violência saia, com o apoio de serviços públicos, da condição a que foi exposta.

Por fim, evidenciou-se a importância do CRAM, dentro do conjunto de enfrentamento à violência na cidade de Imperatriz, que atua tanto em atendimentos provenientes da rede (encaminhamentos) como recebe uma demanda espontânea retroalimentando o sistema a partir das demandas apresentadas pelas mulheres que buscam a unidade, dentro de um ambiente com aparência menos institucionalizada ‘casa de acolhimento e atendimento’ que possibilita maior compreensão institucional das necessidades da mulher que ali é atendida.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





## REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. EMPODERAMENTO. São Paulo: Jandaíra, 2020. – (Feminismos Plurais)

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 8.086, de 30 de agosto de 2013a. Institui o Programa Mulher: Viver sem Violência e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8086.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8086.htm). Acesso em 11.10.2021.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Rede de enfrentamento à violência contra as mulheres. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Brasília, 2013b.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Norma técnica de uniformização dos centros de referência de atendimento à mulher em situação de violência. Brasília, 2006.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres. Brasília, 2013c.

BRASIL. Secretaria Nacional de Enfretamento à Violência contra as Mulheres/Secretaria de Políticas para as Mulheres. Política Nacional de Enfretamento à Violência contra a Mulher. Brasília, 2011.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Relatório Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 3ª Edição, 2021. Disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em 04/10/2021.

GIL, Antonio Carlos. Método e Técnicas de Pesquisa Social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011

HOOKS, Bell. Teoria Feminista: da margem ao centro; tradução Reinar Patriota, Perspectiva. São Paulo, 2019.

IMPERATRIZ. A cidade. Prefeitura Municipal de Imperatriz, 2021. Disponível em <http://www.imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/a-cidade.html>. Acesso em 04/10/2021.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





MENEZES, Paulo Ricardo de Macedo et al. Enfrentamento da violência contra a mulher: articulação intersetorial e atenção integral. Saúde e sociedade, v. 23, p. 778-786, 2014.

TOJAL, Ana Lúcia Soares et al. Rede de enfrentamento à violência contra a mulher: situação dos serviços especializados no município de Maceió. Revista Brasileira de Tecnologias Sociais, v. 3, n. 2, p. 13-22, 2016.

VIEIRA, J. R. O. S.; GAMA, L. P. Diário de Bordo da Pesquisa sobre a rede de atendimento da violência contra a mulher na cidade de Imperatriz-MA. Imperatriz, 2021. 1 diário de bordo.

**REALIZAÇÃO:**



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

**FINANCIAMENTO:**



**APOIO:**



## **Simpósio Temático 04**

### **Corpos dissidentes: emoções, afetos e poderes**

Coordenadores:

- Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Gomes Pereira
- Mestrando Ramisson Corrêa Ramos

## A INTENSIDADE E A SIMPATIA COMO COMPLEMENTO METODOLÓGICO EM HENRI BERGSON

Daniel Viana de Carvalho  
Universidade Federal do Maranhão  
Graduando em psicologia  
daniel.1043@hotmail.com

Flávio Luiz de Castro Freitas  
Universidade Federal do Maranhão  
Professor Dr. Em Filosofia  
flavio.luiz@ufma.br

**RESUMO:** O trabalho irá desenvolver o conceito de intensidade e de simpatia a partir do pensamento de Henri Bergson, os quais são conceitos chave para a compreensão do autor. Primeiramente, será abordado o problema principal entre tempo e espaço<sup>1</sup>, o misto mal formado, que é uma confusão causada a partir de uma sobreposição do espaço sobre o tempo. A partir da solução desse problema, poderá ser estabelecida a intensidade tal qual ela é, ou seja, como puro movimento qualitativo e sem a interferência do espaço, e em seguida será abordada a questão da simpatia, que seria uma forma de perspectivismo profundo, a simpatia permite apreender um objeto “de dentro” por meio de seu puro movimento, uma percepção pura. O trabalho é resultado de pesquisas de cunho bibliográfico, na qual parte-se de uma análise estrutural dos textos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bergson; Intensidade; Simpatia; Espaço; Duração.

## INTENSITY AND SIMPATY AS A METHODOLOGICAL COMPLEMENT IN HENRI BERGSON

**ABSTRACT:** The work will develop the concept of intensity and sympathy from Henri Bergson's thought, which are key concepts for the author's understanding. First, the main problem between time and space will be addressed, the malformed mix, which is a confusion caused by an overlapping of space over time. From the solution of this problem, the intensity can be established as it is, that is, as pure qualitative movement and without the interference of space, and then the issue of sympathy, which would be a form of profound perspectivism, will be addressed. sympathy allows you to apprehend

<sup>1</sup> A duração pura é a forma que assume a sucessão de nossos estados de consciência quando nosso ego se deixa viver, quando se abstém de estabelecer uma separação entre o estado atual e os estados anteriores. (Tradução livre).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



an object “from within” through its pure movement, a pure perception. The work is the result of bibliographical research, in which it starts with a structural analysis of the texts.

**KEYWORDS:** Bergson; Intensity; Sympathy; Space; Duration.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar duas das principais ideias de Henri Bergson, as quais são a duração e a intuição, a partir de dois complementos metodológicos, a intensidade e a simpatia, à luz do texto de *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, em que tais complementos possibilitarão um enriquecimento da teoria de Bergson e a tornará mais consistente.

Além disso, o trabalho se dará em torno da principal problemática bergsoniana, o problema dos mistos mal formados, que é uma confusão entre duas naturezas de ordens distintas, especificamente, uma sobreposição de uma pela outra, no caso que Bergson apresenta, é o espaço que tenta sobrepor-se ao tempo, isto é, tratar o tempo com critérios espaciais, mas como é possível utilizar critérios que por natureza necessitam de extensão para medir o que é inextenso? Essa a problemática em que as ideias centrais de Bergson serão definidas e devidamente exploradas. Mas poder-se-ia perguntar se as dificuldades insuperáveis que certos problemas filosóficos levantam não advêm por teirmos em justapor no espaço fenômenos que não ocupam espaço, e se, abstraindo das grosseiras imagens em torno das quais se polemiza, não lhes poríamos termo (BERGSON, p.16).

Nesse sentido, tempo e espaço são duas formas a priori da sensibilidade, de acordo com a estética transcendental kantiana, mas diferentemente dela, Bergson (2020, p. 74) os distingue, o tempo não é um subalterno do espaço, o tempo para ser pensado não é necessário posicionar em um plano homogêneo, lugares no espaço, visto que isso indicaria um tempo sempre igual, que nunca carregasse o resquício do passado, por onde passou, seria um tempo totalmente quantitativo, sem qualidade alguma, sem mudanças, sem diferenças. Assim, O tempo é também a forma da transformação dos estados da consciência, cujo fundamento último é a emoção profunda, ou seja, é uma forma da sensibilidade também, porém atua em um lugar diferente do espaço, embora ambos sejam subjetivos, espaço interage com aquilo que é externo, enquanto o tempo com aquilo que é interno.

## METODOLOGIA

O método de trabalho será dividido em princípios e procedimentos. Com relação aos princípios, adotam-se os seguintes: identificar o problema ou a principal tese de cada livro pesquisado; reconhecer a seletividade do entendimento de cada autor; ler o pensamento dos filósofos e psicanalistas como uma

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



evolução ao longo dos mecanismos constitutivos da crítica direcionada aos seus antagonistas. Com base nisso, será adotado como ponto de partida uma análise estrutural do texto bergsoniano, *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, assim também será feito com os trabalhos de Gilles Deleuze em *Bergsonismo* e David Lapoujade em *Potências do tempo*, que ajudarão a formular a ideia central do presente trabalho, a qual seria a da intensidade e simpatia como complementos metodológicos no pensamento bergsoniano.

## RESULTADOS

A partir do levantamento bibliográfico de obras foi possível alcançar os objetivos propostos, isto é, compreender a intensidade e a simpatia como complementos metodológicos do pensamento bergsoniano. Primeiramente, para traçar o caminho argumentativo que definirá o tema é importante ressaltar alguns conceitos que Bergson dispõe para elucidar as questões propostas, alguns já vistos anteriormente, estes são a duração, os mistos mal formados e a intuição, além da própria intensidade e simpatia.

Inicialmente, no capítulo um do Ensaio, o qual Bergson (2020, p. 17) apresenta a problemática que permeia a intensidade, que é a utilização do conceito de grandezas intensivas, que será a chave para estabelecer as suas principais ideias. Tal conceito recai sobre um problema argumentativo, um problema de ordens, naturezas distintas, seria um misto mal formado, visto que o próprio conceito utiliza duas nomenclaturas que por natureza são diferentes; grandezas se relacionam a quantidade, àquilo que cresce ou reduz de maneira extensa, espacial, enquanto que a intensidade é algo que aumenta ou diminui não como grandezas matemáticas, mas como graus qualitativos, ou seja, não são intensidades maiores ou menores que outras, são intensidades diferentes entre si, são de ordem temporal. Isso segundo Bergson (2020, p. 20) pode ser evidenciado no seguinte trecho:

Talvez a dificuldade do problema se deva principalmente ao fato de chamarmos pelo mesmo nome e representarmos da mesma forma intensidades de naturezas muito diferentes: a intensidade de um sentimento, por exemplo, e a de uma sensação esforço.

Segundo Gilles Deleuze (2012, p. 12-13), o misto mal formado pode ser originado de duas formas, ou um problema mal colocado ou um problema inexistente, a grande questão do problema mal colocado acontece na formação de falsos problemas, pois o primeiro é uma má interpretação e o segundo é a sua consequência, sendo assim, um problema inexistente, um equívoco. Sendo assim, o misto mal formado passa a ser visível, o tempo que é sobreposto pelo espaço formando grandezas intensivas, isto é, um problema inexistente, um problema conceitual por excelência. Uma observação

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



que pode ser feita seria a seguinte: como um equívoco seria algo tão amplamente aceito pelas esferas do conhecimento, especificamente, os das ciências naturais e senso comum?

A resposta para tal pergunta se encontra no próprio espaço, em que toma conta de tudo aquilo que é intuído por meio dele e pela forma que é aprendido a fazer isso, em outras palavras, a própria linguagem é algo que já está contaminada com noções espaciais, de maneira que para representar algo dotado de uma imensa expressão é necessário reduzir este algo a uma única palavra, o exemplo da dor exemplifica este fato muito bem. Bergson (2020, p. 16) denuncia essa sobreposição por meio da linguagem no seguinte trecho, “[...] a linguagem exige que estabeleçamos entre nossas ideias as mesmas distinções nítidas e precisas, a mesma descontinuidade estabelecida entre os objetos materiais.” Assim, não existe uma única forma de sentir dor, mas existe infinidade de formas diferentes e que são descritas com exteriormente como uma grande redução do seu sentido, a forma como isso pode ser mais fielmente passado seria o próprio grito de dor, que é algo que não cabe em palavras formuladas. O espaço, por sua vez utiliza critérios úteis, práticos, que são mais acessíveis ao senso comum e a própria ciência. Esse tipo de vivência dinâmica e intensiva, segundo Bergson (2020, p. 21), não combina com o espaço, visto que:

[...] essa representação totalmente dinâmica repugna à consciência reflexiva, porque ela gosta das distinções estritas, que se expressam facilmente por palavras, e de coisas com contornos bem definidos, como aqueles que percebemos no espaço.

Isso abre espaço para outra observação: de que maneira é possível distinguir essas duas naturezas depois de se tornarem mistos mal formados? Isso se dá por intuição, que é o método bergsoniano (não conceituado no Ensaio, apenas posteriormente) em que Deleuze (2012, p. 9) afirma ser um método de precisão, é esse método que, por meio da problematização, separa os mistos mal formados, ele é quem coloca os problemas nos devidos lugares por meio de perguntas aos conceitos frágeis e equivocados. Dessa forma, por em ordem dá origem a novos problemas e posteriormente novas soluções, não necessariamente na aquisição de soluções, mas na ordenação das problemáticas.

Dessa maneira, ao conceituar a respeito da intuição, dos mistos mal formados, do espaço, do tempo, é possível chegar propriamente na intensidade e naquilo que ela carrega consigo. As intensidades segundo Henri Bergson (2020, p. 20-21), são puro movimento de transformação, de conexão entre os estados da consciência, as quais advêm da consciência profunda, isso pode ser compreendido como a própria vivência do ser humano, a forma como os estímulos são percebidos internamente. O que fundamenta a própria duração, que segundo Frédéric Worms (2000, p. 20): “La durée toute pure est la forme que prend la succession de nos états de conscience quand notre moi se laisse vivre, quand il s’abstient d’établir une séparation entre l’état présent et les états antérieurs.1” visto que essa passagem de um ponto a outro será semelhante a uma orquestra sinfônica, não é apenas

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



um instrumento isolado, mas todos juntos tocando a mesma música, isso quer dizer, não é apenas um estado da consciência que se transforma, mas é um estado que se transforma em outro, que se transforma em outro continuamente, um virtual que se torna atual, são vários indivisíveis que se tornam divisíveis, um ponto que chega ao outro, mas sem deixar o traço que chegou até aquele ponto, ele dura. Isso pode ser observado, conforme Bergson (2020, p. 74):

Como cada uma das fases sucessivas de nossa vida consciente que - no entanto, se penetram umas nas outras corresponde a uma oscilação do pêndulo do relógio que lhe é simultânea, e como, de outro lado, as oscilações são nitidamente distintas - uma vez que uma não existe mais quando a outra se produz -, contraímos o hábito de estabelecer a mesma distinção entre os momentos sucessivos de nossa vida consciente - as oscilações do pêndulo as decompõem, por assim dizer, em partes exteriores umas às outras. Daí vem a ideia errada de uma duração interna homogênea, análoga ao espaço, cujos momentos idênticos se seguiriam sem se penetrar. Mas, de outro lado, as oscilações pendulares - que só são distintas porque uma desapareceu quando a outra apareceu- se beneficiam de algum modo da influência que elas exerceram sobre nossa vida consciente.

É por esse mesmo motivo, de um ponto chegar a outro, que as intensidades são percebidas pelo espaço, devido ao seu caráter ambíguo, o qual permite uma pessoa perceber a mudança de qualidade, no caso já citado como a sensação de dor, outro exemplo pode ser o do esforço muscular que também já foi citado anteriormente, que segundo Bergson (2020, p. 20) a excitação do músculo ao ser estimulado seria uma estimulação qualitativa e não necessariamente pela quantidade de repetições feitas, afinal, o músculo em si não conta, aqui seria dado o aumento da intensidade, ou mudança de qualidade, ele recebe estímulos e compartilha com o corpo, não é só ele que é excitado, mas toda a estrutura muscular à medida que recebe estímulos. Por isso a ambiguidade das intensidades muitas vezes é confundida como um fenômeno espacial.

Nesse sentido, a intensidade será o que fundamentará a duração, que por sua vez fundamenta a consciência, mas para que isso se ligue adequadamente, resta algo mais, seria a simpatia, é ela que permitirá a intuição ser um método rigoroso, visto que segundo David Lapouade (2017, p. 61-62), é por meio dela que o ser humano pode aprender o objeto de dentro, ou seja, conhecer de verdade aquilo que é mais único no centro do objeto, por meio de um longo período de camaradagem, não basta apenas conhecer, é preciso conhecer bem para adquirir precisão, é por meio disso que a problematização dos mistos mal formados se dá. Como é possível separar algo que não é conhecido e que aparentemente não tem começo e nem fim? É justamente por esse conhecer “de dentro” da simpatia.

Bergson (2020, p. 22-23) mostra os primeiros indícios da simpatia nos sentimentos estéticos, como no exemplo apreciação de uma dança, de uma canção ou de uma obra de arte, em que o ritmo, a graciosidade e a beleza, invadem a consciência e permite uma mudança de qualidade, de percepção, uma espécie de transporte, como se cada movimento, cada nuance fosse algo que cada

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





pessoa conhecesse profundissimamente, uma forma de movimento que chama outro movimento e a pessoa espera por esse movimento, nas palavras da dança, seria um passo que chamasse outro passo. À medida que as intensidades mudam e conectam os outros estados de consciência, ali a simpatia se faz presente, pois conforme se aprofunda e o sujeito desenvolve uma familiaridade, é como se ela estivesse em sintonia e cada vez conhecesse mais desse ato.

A simpatia, nessa perspectiva se torna um complemento da duração, pois por meio das interpenetrações das intensidades de vários estados, o que dará vez a duração, esses estados interpenetrados só podem ocorrer se houver uma sintonia entre eles, é o que faz com que a duração carregue consigo uma infinidade de indivisíveis-divisíveis, uma unidade indivisível, que não para de se dividir, ou seja, em cada divisão ela um indivisível, pois a cada mudança já é outro elemento de uma natureza distinta, há outros sem que existam vários, é um número somente em potência, é o virtual à medida que se atualiza (DELEUZE, p. 36).

Assim, segundo Lapoujade (2017, p. 71-72), a intuição se dá no indivíduo ser análogo ao universo, enquanto que a simpatia seria dada no universo que seria análogo ao indivíduo, em outras palavras, é um profundo perspectivismo. Bergson em momento algum descarta a experiência ou mesmo espaço, o que ele propõe é estabelecer as naturezas corretamente, até porque é impossível viver de forma completamente profunda, isso seria a esquizofrenia, ou seja, no mais profundo do humano existe o não humano, o não senso, e é por meio disso que a simpatia se dá com o mundo, o contato, a humanização do não humano junto com o não humano no mais profundo da consciência, em outras palavras, seria se identificar “de dentro para fora”, se familiarizar com o mundo.

Dessa forma, a intensidade e a simpatia fundamentam as principais ideias bergsonianas, dando a elas consistência e rigor necessários para o desenvolvimento de uma tese mais sólida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recapitulando todo o processo de desenvolvimento desse trabalho, que foi baseado na obra de Henri Bergson, Ensaio sobre os dados imediatos da consciência, na qual o objetivo geral era compreender a intensidade e a simpatia como complemento metodológico no pensamento bergsoniano, que por sua vez parte da contemplação do problema inicial da sobreposição do tempo pelo espaço, o misto mal formado, que contaminava a noção de intensidade, por meio das ditas grandezas intensivas, e ao dissolver essa problemática seria possível observar a dinâmica dos estados da consciência e perceber como as intensidades se comportam. A partir disso as intensidades são inseridas no contexto da duração e como elas a permeiam, que é justamente por interpenetrações de estados da consciência, a conexão que é estabelecida pelas intensidades é o que formula posteriormente o rastro, a continuidade da duração, o passado e o presente ao mesmo tempo.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Sendo assim, a partir da dinâmica das intensidades, da observação da vivência da duração e o uso do método da intuição é possível perceber que existe algo mais profundo nessa relação, algo que permite interligar consistentemente todos esses elementos citados, que é a simpatia, a qual possibilita o aprender de dentro dos objetos, transportar-se para uma realidade distinta a qual o indivíduo se identifica, ela permite com mais precisão conhecer aquilo que está análogo ao sujeito, por meio da intuição e por meio disso se familiarizar. Portanto, os dois elementos (intensidade e simpatia) se tornam complementos metodológicos fundamentais da teoria bergsoniana.

Além disso, foi possível, por meio de uma interdisciplinaridade que o autor trabalhado apresenta, ter contato e interação com profissionais de diversas áreas, tais quais, física, matemática, biologia, artes, filosofia e psicologia; áreas essas que são contempladas por Bergson, no livro Ensaio sobre os dados imediatos da consciência, que possibilitou também uma troca enriquecedora e muito construtiva, além de contribuir também para a divulgação científica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, H. Ensaio sobre os dados imediatos da consciência. Tradução e notas de Maria Adriana Camargo Capello; prefácio, revisão técnica e notas de Débora Cristina Morato Pinto. São Paulo: Edipro, 2020.

DELEUZE, G. Bergsonismo. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012. 2ª ed.

LAPOUJADE, D. Potências do tempo. Tradução de Hortência Santos Lencastre. São Paulo: N-1 edições, 2017, 2ª ed..

WORMS, F. Le vocabulaire de Bergson. Paris: Ellipses, 2000.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## HISTÓRIA DE VIDA DE CASAIS HOMOSSEXUAIS: RESPEITO, COMPREENSÃO, AMOR E PEQUENOS CONFLITOS

Fernando Brasil Alves<sup>1</sup>

Graduado em Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão-Campus de Imperatriz - MA  
E-mail: brasilfernando03@gmail.com

**RESUMO:** O tema sobre família homoafetiva ou família LGBTQIA+ vem ganhando uma atenção especial nos últimos anos na sociedade e no espaço universitário por questionar o conceito de família. O presente artigo pretende compreender a percepção do conceito de família a partir dos casais LGBTQIA+. Tendo como metodologia qualitativa de estudo de caso com as famílias LGBTQIA+ na cidade de Imperatriz - MA, usando como recurso entrevistas e tendo como foco, escutar as “histórias de vida”. Tem como objetivo problematizar a questão da noção de família para as pessoas do mesmo sexo. Passando pela esfera dos papéis sexuais e de gênero a ser desempenhado em cada núcleo familiar que foi investigado. Não Dicotomizando a polaridade entre heterossexualidade e homossexualidade. Como fundamentação teórica foi trabalhado DIAS (2000) e UZIEL (2002). Pesquisadoras essas que já vem investigando o novo modelo de família na sociedade. Reconhecemos que no campo das novas formas familiares, se depara com velhas questões que sobrepuja as pesquisas e os seus resultados, como a “tradição” e a “moral”. No decorrer da pesquisa, foi notado que as famílias LGBQIA+ assumem papel não muito diferente das famílias heterossexuais. Entretanto, é notado que elas possuem signos sociais de defesa e cuidado para não sofrer violências na sociedade. Nas considerações finais, fica claro que o conceito de família LGBTQIA+ apresenta uma ideia em andamento; enfrentando o preconceito social na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família. LGBTQIA+. Sociedade. Preconceito.

## LIFE STORY OF HOMOSEXUAL COUPLES: RESPECT, UNDERSTANDING, LOVE AND SMALL CONFLICTS

**ABSTRACT:** The topic of homo-affective family or LGBTQIA+ family has gained special attention in recent years in society and in the university space for questioning the concept of family. This article aims to understand the perception of the concept of family from LGBTQIA+ couples. Using

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Ciências Humanas/sociologia pela Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz. E-mail: brasilfernando03@gmail.com

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



the qualitative methodology of a case study with LGBTQIA+ families in the city of Imperatriz - MA, using interviews as a resource and focusing on listening to “life stories”. Its objective is to problematize the issue of the notion of family for people of the same sex. Passing through the sphere of sex and gender roles to be played in each family nucleus that was investigated. No Dichotomizing the polarity between heterosexuality and homosexuality. As theoretical foundation, DIAS (2000) and UZIEL (2002) were worked. These researchers are already investigating the new family model in society. We recognize that in the field of new family forms, it is faced with old questions that overwhelm research and its results, such as “tradition” and “morality”. During the research, it was noticed that LGBTQIA+ families assume a role not very different from heterosexual families. However, it is noted that they have social signs of defense and care not to suffer violence in society. In the final remarks, it is clear that the concept of the LGBTQIA+ family presents an idea in progress; facing social prejudice in society.

**KEYWORDS:** Family. LGBTQIA+. Society. Prejudice.

## INTRODUÇÃO

As transformações sociais ocorridas na última metade do século XX, serviram como mola propulsora para dar ênfase que certas estruturas sociais pudessem ser questionadas como economia, cultura, forças globais antagônicas assim como também valores morais e ditos tradicionais pela sociedade como a eutanásia, casamento e principalmente o conceito de família.

Diante da evolução pragmática da sociedade brasileira nos últimos 50 anos. A família brasileira evoluiu. Acompanhando o exemplo de outros países do mundo ocidental. A economia, a cultura e a própria política, passaram influenciar ainda mais a família ocidental e porque não dizer, a família brasileira?

Esse último passou a ganhar notoriedade no espaço acadêmico como ferramenta de interpretação para entender as mudanças ocorridas na estrutura social e familiar que vem ocorrendo na sociedade. Pensar em neste véis que envolve as famílias, nos remete raciocinar que os conceitos pensados como imutáveis passaram a ser questionados – vemos, ao longo da história o quanto o conceito “família” mudou e se estruturou na sociedade.

O que vai determinar não somente a visibilidade das novas famílias (como as monoparentais e anaparentais) mas como também a família homoafetiva, é a afetividade – é o elemento que caracteriza ou catalisa a qual faz identificar as novas estruturas familiares, mesmo enfrentando oposição daqueles que dizem em seus discursos, que as famílias de “normais” são as que são formadas por laços de sangue e patriarcal.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Família esta que passou a ganhar mais destaque após o Superior Tribunal Justiça reconhecer que as uniões das pessoas do mesmo sexo, também são consideradas famílias – abalando assim, conceitos enraizados na historiografia brasileira sobre o conceito adotado e vivenciado no Brasil (como também na América Latina).

De acordo com DIAS (2000) “famílias homoafetivas são aquelas formadas por pessoas do mesmo sexo por laços afetivo e recíprocos de ambos os sujeitos”.

Sem embargo de observar-se o importante passo dado ao ampliar os modelos de família, a consideração ainda retrata a discriminação arraigada no seio social. O seu silêncio eloquente em relação às uniões homoafetivas é a prova disso, ademais, impôs, de uma forma expressa a diferenciação de sexo do casal, como requisito para a proteção da família por parte do Estado (BEZERRA, 2010:67).

Ficou perceptível, ao analisar as uniões homoafetivas que o cenário acadêmico era tímido, mesmo havendo uma gama de autores, na área do direito, que já viam problematizando a noção de família para as pessoas do sexo, mas do ponto de vista hétero.

## DESENVOLVIMENTO

O tema sobre família homoafetiva vem ganhando uma atenção especial nos últimos anos na sociedade e no espaço universitário.

Sabemos que os conceitos são voláteis e sofrem variações no decorrer da história e através dessas transformações/mutações significativas que o objeto de estudo e de observação tende a se expandir de acordo com o tempo e com as novas realidades que ganharam mais visibilidade e espaço, outrora que uma vez estavam na condição de marginalizadas da sociedade.

Assim como a família tradicional vem sentido as transformações ao longo período da nossa história, com a família homoafetiva não tende a ser diferente, e sim vem acompanhando/sentindo as transformações nos últimos anos da sociedade geral

No Brasil, a disputa ideológica em relação a concepção de família está em grande debate. Existe um setor da sociedade que defender o resgate da família tradicional como base moral capaz de desenvolver “os verdadeiros valores morais da sociedade” e, por outro lado, outro setor que aceita as formas plurais de constituição familiar e busca adequá-las na legislação com reconhecimento de entidade familiar. Nesse caso, a polemica se encontra fortemente instaurada quando se trata de família homoafetiva (PEREIRA e SCHIMANSKI, 2013:07).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



O maior desafio encontra-se na aceitação pela própria sociedade, de aceitar essas famílias e ainda Mais a adoção pela mesma de crianças. Tornando-se um diálogo ferrenho e político acerca do tema a adoção de crianças pelos casais homoafetivos ainda concentra um leque de pontos negativos que contribuem com pluralidade de preconceitos que vão contra aceitação e formação das famílias homoafetivas.

Além deste transmites, o preconceito é evidente na sociedade e por mais que lutem pela legalização dos seus direitos os interesses de uma maioria ainda são predominantes. Ameaçando o próprio governo de não aprovar os interesses do mesmo e da minoria que luta pela aprovação (as ONGs e movimentos homossexuais pelo país) entre eles, a causa da luta do reconhecimento da família homoafetiva.

O preconceito de não reconhecer a realidade de muitas famílias homoafetivas perante uma parcela da sociedade e as barreiras existentes pela própria legislação brasileiras acerca desta categoria, são os entraves que impede o avanço dessas famílias no seu reconhecimento na legislação de fato e de direito da família homoafetiva brasileira<sup>2</sup>. O preconceito é evidente em todas as esferas da sociedade, mesmo tendo a justiça, auxiliando o combate ao preconceito.

A formação de famílias homoafetivas altera todo o conceito histórico de família até o presente momento conhecido no cenário nacional e internacional. Abalando uma ideia já construída do conceito de família nuclear. Ou seja, que a família tida como certa ou padrão é somente aquela formada em união pelo casamento (ou civil) de um homem e uma mulher e os filhos que vier desta união, e para este modo de pensar, todos os elementos que descrevem novos vieses de família ou famílias, não se encaixam neste espaço construído— ficando visível que esses modelos de famílias não são contemplados no debate reflexivo do conceito de família até então construído ao longo dos anos e ao mesmo tempo.

## 2 RESOLUÇÃO Nº 175, DE 14 DE MAIO DE 2013

Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo.

O PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, no uso de suas atribuições constitucionais e regimentais, CONSIDERANDO a decisão do plenário do Conselho Nacional de Justiça, tomada no julgamento do Ato Normativo no 0002626-65.2013.2.00.0000, na 169ª Sessão Ordinária, realizada em 14 de maio de 2013;

CONSIDERANDO que o Supremo Tribunal Federal, nos acórdãos prolatados em julgamento da ADPF 132/RJ e da ADI 4277/DF, reconheceu a inconstitucionalidade de distinção de tratamento legal às uniões estáveis constituídas por pessoas de mesmo sexo;

CONSIDERANDO que as referidas decisões foram proferidas com eficácia vinculante à administração pública e aos demais órgãos do Poder Judiciário;

CONSIDERANDO que o Superior Tribunal de Justiça, em julgamento do RESP 1.183.378/RS, decidiu inexistir óbices legais à celebração de casamento entre pessoas de mesmo sexo;

CONSIDERANDO a competência do Conselho Nacional de Justiça, prevista no art. 103-B, da Constituição Federal de 1988;

RESOLVE:

Art. 1º É vedada às autoridades competentes a recusa de habilitação, celebração de casamento civil ou de conversão de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo. Art. 2º A recusa prevista no artigo 1º implicará a imediata comunicação ao respectivo juiz corregedor para as providências cabíveis. Art. 3º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação ([http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o\\_n\\_175.pdf](http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf))

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Debater família formada por pessoas do mesmo sexo, nos dá a necessidade de entender não somente pela história, mas também pelo viés de como o conceito de família, preconceito, estigma, cultura, normas, regras e características mudou do século XIX até os dias atuais.

Na contemporaneidade, o casamento não é garantia para uma vida sexual plena, e objetivo das uniões conjugais já não possui mais como foco a geração de filhos, mas busca-se, além do prazer sexual, uma relação que “presume igualdade na doação e no recebimento emocional (GIDDENS, 1993:173).

As relações humanas mudaram e estão mudando cotidianamente ao nosso redor – ganhando nome de relações líquidas – e essa situação<sup>3</sup> influenciou os modos de pensar da família. Família tende apenas acompanhar os novos elos que a sociedade vem desenvolvendo no decorrer da história da humanidade. O conceito de família não atende mais a demanda social e institucional que o mesmo atende. Falar em família hoje nos remete em pensar que houve uma transformação social da família a qual o modelo tido como padrão e correto não preenche mais o espaço social histórico construído ao longo dos anos. Estamos falando de transformação da família e do novo conceito de família nascente na sociedade.

A família nuclear, modelo inspirador da sociedade ocidental é, cada vez mais, uma experiência minoritária. Se a família aparece como a mais natural das categorias sociais, é porque ela funciona como esquema classificatório e princípio de construção do mundo social. A família é constituída como entidade unida, integrada, unitária, estável, constante, indiferente à flutuação dos sentimentos individuais (Bourdieu, 1993:43). Há um trabalho simbólico capaz de transformar o que poderia ser obrigação de amar em disposição para tal, dotando cada membro do grupo de generosidade, solidariedade, capacidade de doação, de ajuda. O sentimento familiar precisa ser constantemente re-investido para que esta ficção possa se perpetuar, é necessária uma adesão à existência deste grupo (UZIEL, 2002:12).

No determinado tempo histórico o conceito de família era definido pelos laços de sangue e parentesco, hoje, o atual cenário para definir o conceito de família é também acrescentado o termo afetividade – mola propulsora que abrangera a transformação social da família. Aquela família que não se encaixa nos padrões patriarcais enraizados no contexto brasileiro e sim aquela família que sofre ou sofreu todas as formas de preconceitos que outrora eram marginalizadas e hoje são respaldadas pelo afeto e o sentimento como todo. Falar em família no atual cenário nos trata de transformação social ocorrida das décadas de 70 para cá. Falar de alteridade dos costumes sociais no Brasil e de conflito interno entre o “moralismo”, “cultura” e “tradição” versus novos “modos de ver” e “viver em família”.

Falar de família homoafetiva é falar de período de transição de surgimento ou esclarecimento em torno do conceito família. No decorrer da pesquisa de investigação do objeto. Encontrei 13 casais

3 Bauman, Zygmunt, Modernidade Líquida - 2001

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



homoafetivos e dos quais passei a conviver com eles; com a intenção de encontrar elementos e signos que possam atender a demanda em que o objeto se manifesta a partir do questionamento; o que é família na percepção deles?

Atualmente, o conceito de família vai muito além da união do homem e da mulher e filhos ou da união das pessoas do mesmo sexo. Portanto, podemos definir família nas palavras do Pereira.

Eis, portanto, o conceito material identificador da família contemporânea: o amor que vise a uma comunhão plena de vida e interesses, de forma pública, contínua e duradoura (amor familiar), pautado ainda no princípio constitucional da pluralidade das entidades familiares (PEREIRA, 2005: 165-168).

O afeto é a principal característica dessas famílias e dos seus membros que estão dispostos a constituem um núcleo familiar.

Dos 13 casais, escolhi três. Devido os mesmos demonstrarem uma maior curiosidade a respeito da pesquisa e querer relatar a sua história de vida. Acreditando que possa inspirar outros casais sobre a afetividade e sentimentos. Ao longo da convivência com esses casais, constatei a presença de crianças em seus lares.

O casal “eternas companheiras”, foi o que eu tive menor convivência, pois ambas, tem uma agenda “cheia”. A conheci através de um amigo que é próximo a elas. As mesmas foram o primeiro casal a oficializar o casamento civil entre as pessoas do mesmo sexo na cidade de Imperatriz - MA. Elas trabalham, construíram uma vida juntas ao longo dos seus 25 anos.

De início, enfrentaram preconceito e nenhum momento, pensaram em desistir de estar uma com a outra. Questionado sobre o que é família na visão delas, temos a seguinte resposta;

“Família é tudo. Família é a base de tudo. Família é conceito de laços de vida. Laços de sangue são o mínimo. Acima dos laços de sangue tem o companheirismo, amor, cumplicidade e compreensão. Sendo assim, vários fatores que o sangue não corresponde mais”. Entrevista concedida no dia 14 de outubro de 2015

Os laços de sangue são de cena e entram no lugar, os laços de afetividade nesta nova configuração familiar. Que demanda mais “amor” e outros sentimentos e virtudes onde o preconceito não tem mais espaço.

O segundo casal que desejou participar da pesquisa é o “casal vinte”. Os conheci num almoço de amigos em comum. Entre risos e gargalhadas, conversei em particular com eles, se os mesmos têm interesse em participar da pesquisa sobre “famílias homoafetivas”. Eles, aceitaram de início, e já marcamos a data de início da convivência.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





O um dos rapazes, outrora já teve relacionamento com uma mulher que a qual teve filhos dessa relação. Anos mais tarde, separou-se e decidiu assumir que é gay para a família e a sociedade. O casal antes de oficializar a união perante o estado, moram juntos por 7 anos. De início, na versão deles, era apenas encontros casuais e não havia o interesse em iniciar um relacionamento mais sério e duradouro.

O casal se conheceu através de redes sociais que a qual é uma ferramenta muito utilizado na busca de namoro pela comunidade LGBTQIA+. Com as redes sociais, é possível encontrar a pessoa com interesses comuns e afetivos para os relacionamentos. Esses recursos, também são praticados pelas pessoas heterossexuais em busca de parceiros ou parceiras para conhecer alguém e eventualmente iniciar um relacionamento.

Questionamento sobre o que é família na percepção deles, os mesmos dizem em seu relato,

“Para mim, família não precisa ter casamento no papel. Aonde que tem dois é uma família. Nós somos uma família. E logico que um filho faz parte de qualquer família. Então família para mim, é corpos unidos a qual estamos juntos por um objetivo, fazer outro feliz e vice-versa”. Entrevista concedida no dia 01 de outubro de 2015

Lembro que ao relatar essa resposta, o outro rapaz disse;

“Eu procurava companheirismo e confiança no meu parceiro”. Entrevista concedida no dia 01 de outubro de 2015.

E notado, que houve uma afirmação para reforçar o quanto eles se amam. Esse núcleo familiar leva uma vida discreta e a casa deles, sempre tem uma visita de amigos e amigas que os motivam e os ajudam. Quanto aos momentos de raiva e ciúmes, se deve ao lidar com os ex-namorados de ambos, em que alguns dos mesmos, insistem em atrapalhar a vida deles.

O terceiro núcleo familiar os conheci através de um amigo. Os mesmos têm uma pequena empresa de estética. Moram juntos mais de 15 anos e não pensam em formalizar a união – na percepção deles, está bem como esta.

Inicialmente, eles relutaram em contar a sua história de vida, mas com o tempo depois eles aceitaram. O filho deles, estavam na escola. Não soube se era adotado ou se era filho de algum deles. Dos três casais que eu conheci, esse foi o que mais enfrentou preconceito e até em breve momentos, hostilização por parte da família de um dos companheiros.

Notei que o olhar ficou sem brilho e percebi que o medo de lembrar das situações gerou comoção em ambos. A família de um dos casais, não aceitava a união do filho com o outro. Houve muita violência moral e até física para impedir a união dos mesmos. Na revisão bibliográfica, percebi que elementos como esse, além de desprezo e reprovação, atrapalham a constituição familiar dessas

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



uniões das pessoas do mesmo sexo. E a fonte dessas atitudes, advinham das pessoas que não aceitam essa nova configuração familiar e especial, as famílias de sangue que não compreende a afetividade que os leva os seus respectivos filhos e filhas a constituir uma família homoafetiva.

Indagado sobre o que é família, ele diz,

Num relacionamento pode haver tudo. Mas se houver beijo, tem intimidade. E eu amo ele e ele me ama e assim, construímos laços de confiança e com ele o mesmo faz a mesma coisa. Ele faz parte da minha vida e eu da vida dele. Entrevista concedida no dia 21 de setembro de 2015.

Vemos aqui que afetividade ficou mais forte no decorrer dos anos entre o casal. Apesar de a família de um dos membros do casal em ainda hoje, não aceitar a união – os mesmos resistem e lutam para manter viva a história de afeto, carinho e respeito que eles têm.

Ao estar com as famílias homoafetivas, vi o quanto a afetividade e outros sentimentos são visivelmente presentes em suas histórias de vida, assim como também o medo e o ciúme – como todo casal que almeja construir uma vida a dois. No contato com elas, senti alguns marcadores sociais que são próprios dessas famílias que as percebi em quatro caminhos.

O estado brasileiro ainda não reconhece o as uniões das pessoas do mesmo sexo, no sentido legislativo – sendo esse fato, atrelado ao fato do preconceito em que os membros LGBTQIA+ enfrentam em todo território nacional. O mesmo estado, os reconhece de forma via judicial. Onde os casais homoafetivos bateram na porta do judiciário e solicitaram direitos para si, os mesmos direitos que já estão garantidos por lei aos casais heteroafetivos.

A dificuldade dos familiares em aceitar as uniões dos seus respectivos filhos e filhas. Tendo várias respostas para justificar a não aceitação das uniões

O preconceito que essas famílias enfrentam no dia a dia, uma boa parte dessas famílias, ainda vivem “escondidas”, por temerem sofrer algum tipo de violência, assim como também, elas tendem a ser vítimas duas vezes a mais, por serem LGBTQIA+, e ousar, constituir uma família.

De alguns membros da comunidade LGBTQIA+ de não entender a pauta do casamento civil igualitário e por fim, o preconceito enraizado no pensamento social do Brasil. Preconceito esse que faz mais vítimas LGBTQIA+ no país, tornando o Brasil, em referência em crimes contra gênero, identidade e sexualidade que estão fora da “norma”.

Em outras palavras, ficou perceptível que noção de família até então conhecida, sofreu abalos e passou a ganhar novas configurações até então não conhecidas. Essas novas configurações passaram a ter mais espaço e lutar por reconhecimento de suas realidades sociais. Sobre o questionamento de família, ficou mais claro que conceitos que outrora eram cristalizados, passaram a ser questionados. E o conceito de família passou a ser interpretado

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



a partir não somente dos laços de sangue e sim agora, com maior protagonismo, com laços de afetividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter o contato com as famílias formada por pessoas do mesmo sexo, nos permitiram a questionar experiências de desconstrução dos ensinamentos perpassada pelo à sociedade através dos instrumentos de controle social e coercitivo. Mesmos com as conquistas já adquiridas em que as famílias conseguiram através do judiciário, muito tem a ser feito ainda pelo seu reconhecimento e respeito na sociedade como todo.

Mas, o principal fator que as impede de uma maior compreensão, é o preconceito em que esses núcleos familiares sofrem. Preconceito por serem quem são de acordo com a sua orientação e identidade de gênero e o mesmo preconceito que se estende para aqueles que ousam formar uma família que não é socialmente aceita para a norma vigente social – e na esfera da sociedade, ser família para os heteroafetivos não é questionado, e sendo justificado com a resposta em base da moral e da religião – quando levando esse debate outras configurações familiares e em especial, para os LGBTQIA+ ou pessoas do mesmo sexo, não é somente questionado como também, sofrem represálias por uma parcela da sociedade.

Temos a certeza que esse trabalho, inconcluso de pesquisa, ainda tende a sofrer novas interpretações e caminhos que aponta novas respostas acerca o que é família homoafetiva, e a resposta para essa pergunta, ocorrerá através das próprias famílias homoafetivas ou LGBTQIA+, o que é família?

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BIMBI, Bruno. Casamento Igualitário / Bruno Bimbi; tradução Rosanne M. Nascimento de Souza – Rio de Janeiro: Garamond, 2013

BORGES, Roberta da costa. Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas. Ribeirão Preto – SP, 2009

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL: Brasil. Constituição (1988) Constituição da República Federativa do Brasil, DF: Senado, 1988.

DINIZ, André Geraldo Ribeiro; Cláudia Andréa Mayorga Borges. Possíveis interlocuções entre parentesco e identidade sexual: paternidade vivenciada por homens homo/bissexuais. In: Miriam Grossi et al. (orgs.) Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis. Rio de Janeiro: Garamond, p. 253-276, 2007.

DIAS, Maria Berenice. Família homoafetiva. Bagoas, 2009

DIAS, Maria Berenice. União Homossexual: o preconceito & a justiça / Maria Berenice Dias. Porto Alegre do Advogado, 2000

DIAS, Maria Berenice. Uniões Homoafetivas: uma realidade que o Brasil insiste em não ver. Porto Alegre, 2001

ENGELS, Friedrich, 1820 – 1895. A origem da família, da propriedade privada e do Estado / Friedrich Engels; tradução de Leandro Konder. – 3. Ed. – São Paulo: expressão popular, 2012

FOCAULT, Michel, 1926-1984. História da sexualidade. 3: o cuidado de si/ Michel Foucault: Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque: revisão técnica de José Augusto Guilhona Albuquerque. –Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FONSECA, C. (2008) Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. Revista Estudos Feministas, 16 (3), 769-783.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: Rogério D. Junqueira (org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, p. 85-94, 2009.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: Ensaio sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELLO, Luciana Ferreira de. Relacionamentos homoafetivos: diferentes, porém iguais – fundamentos da legitimidade e racionalidades da decisão baseada em direitos fundamentais proferida pelo Supremo Tribunal Federal no Julgamento conjunto da ADPF132 /08 e da 4.277/09. Curitiba, 2014

QUEIROZ, Luciano Marcelo Dias. A família homoafetiva e as lacunas na legislação: fator de exclusão social, uma responsabilidade do Estado. Universidade Estadual do Norte do Paraná, Jacarezinho, 2012.

RIOS, Roger Raupp. Para Um Direito Democrático da Sexualidade. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 2006

SIMÕES, Júlio Assis. Do movimento homossexual ao LBGTT / Júlio Assis Simões, Regina Facchini. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

UZIEL, Anna Paula. Família e Homossexualidade: Velhas Questões, novos problemas. Campinas – SP, 2002.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades “impensáveis: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 2006.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## DESEJOS, AFETOS E PODERES: SINGULARIDADE DO CORPO FEMININO E PERFORMÁTICO DOCENTE DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Francisca Márcia Costa de Souza<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em uma abordagem de gênero do corpo docente feminino, buscamos pensar o fazer pedagógico como performance, tendo o corpo como seu elemento constitutivo, a partir de experiências individuais, vividas durante aulas remotas do componente curricular História, executadas para estudantes do Ensino Médio, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). A abordagem contempla as cartografias dos desejos, afetos e poderes que atravessaram a prática docente no contexto da COVID-19. Para realizar a cartografia desse corpo desterritorializado e da docência como virtualidade, é interessante pensar a pedagogia da performance, o corpo teatralizado, os agenciamentos coletivos de disciplinamento e controle em sua relação com o atrevimento singular. Como resultado, observamos o modo como o corpo constituiu a cena na tela do computador ou celular, contribuindo com revelações interessantes sobre o fazer pedagógico. Assim, buscamos reunir esforços para compreender as vivências compulsórias do ritual docente durante o ensino remoto e as formas que assumem os corpos dissidentes das educadoras em tempos de pandemia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cartografia, corpo, educação e poder.

### INTRODUÇÃO

Um corpo não se restringe a um organismo.  
(DELEUZE; GUATTARI, 1994, p. 372)

Este trabalho é fruto de vivências docentes ocorridas durante a pandemia de COVID-19. São reflexões preliminares ou introdutórias sobre “tornar-se” professora em um contexto de pandemia. Neste percurso, inclusive de descoberta de si, pensamos também as ações desenvolvidas em torno de atividades no ensino remoto, visando entender as formas de engendramento de disciplinamento de corpos de professoras, pensando para além do corpo-organismo, mas corpo-desejo e corpo-resistência.

Neste aspecto, este texto assemelha-se ao autorretrato. Pondo-se diante do reflexo do

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA. Mestra em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Curso Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. E-mail: francisca.souza@ifma.edu.br.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



espelho, visamos diálogos mais abrangentes e experiências diversificadas sobre cartografias de corpos de professoras durante a pandemia de COVID-19.

Neste sentido, este trabalho pretende fazer uma “prospecção cartográfica”, buscando escavar camadas profundas de lembranças, no gesto de trazer à tona os movimentos de resistência e reexistências de professoras em busca do tempo desterritorializado entre vida/trabalho. Sendo assim, é esforço teórico-reflexivo sobre formas de nominar a opressão e sobrecarga de trabalho, num trabalho de estranhamento do corpo feminino de professoras durante a pandemia: montar e desmontar, vestir-se e despir-se, portanto, sem sutiã, sem maquiagem e sem salto são suficiente para pensar formas de engendramento de silêncios, opressões e vigilância? A câmera desligada do zoom ou meet é aliada das mulheres nesta pandemia? Argumentar a favor do corpo de professoras como possibilidade vivencial e perceptiva do saber sensível. O corpo oportuniza a linguagem do sensível.

## **ESTRANHAR O CORPO E O FAZER PEDAGÓGICO COMO PERFORMANCE**

Segundo Guacira Louro (2016), o corpo da mulher foi desde sempre objeto de muitas curiosidades e controles, inclusive, objeto de atenção de várias correntes do feminismo. Dentro deste percurso de luta das mulheres por igualdade, liberdade e visibilidade, o corpo feminino também foi expressão máxima de luta, rebeldia, estandarte em tempos de guerras e ferozmente disputados pelos homens em tribunais, academias, gabinetes, consultórios e universidades.

Todavia, o corpo feminino também tem sido utilizado como possibilidade para mulheres, como de viver a própria sexualidade, decidir com autonomia sobre maternidade como “destino” ou “escolha”, conceber o corpo plural e político. Nesta multiplicidade, o corpo jovem ou corpo idoso, corpo estético ou corpo “king” (DESPENTES, 2016) são cartografias de corpos políticos das mulheres. Em todos os casos, o corpo das mulheres possui um propósito político e não meramente orgânico como os homens insistem em enclausurar as mulheres em termos de natureza. Por isso, é necessário entrar o corpo, cartografar não somente sua beleza que muitas vezes nos aprisiona em padrões estéticos, mas, sobretudo, no sentido de reivindicá-lo para as mulheres. Um corpo cansado merece descanso e cuidados, não faz sentido a construção de uma supermulher capaz de fazer sacrifícios sobre-humanos para dar conta de uma jornada tripla por exemplo. Estranhar o corpo feminino na pandemia não é tornar evidente as cicatrizes, as imperfeições ou o excesso de peso, mas apontar as sutilezas de disciplinamento e exploração e formas de adoecimentos.

Se em tempos normais já é desafiador para mulheres terem que lidar politicamente com seus corpos muitas vezes caricaturados, ridicularizados, medicalizados e estereotipados, imaginem em um contexto de pandemia em que professoras, por exemplo, estão entre a vida e o trabalho dentro de casa. Neste aspecto, a casa é espaço da vida privada como todos sabem. Enquanto invenção da

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



modernidade, a vida privada faz uso das cortinas nas janelas para evitar olhares curiosos, mas isso não é tudo e não é assunto para este trabalho. Entretanto, queremos enfatizar que na pandemia a fronteira entre público e privado de certa forma é borrada.

Nesta indefinição fronteira, as mulheres têm sofrido não somente com uma sobrecarga de trabalho, mas, sem lugar para descanso ou dormir, sofrendo com autocobranças e o sentimento que tudo pode suportar e fazer ao mesmo tempo.

Assim, toda hora parece adequada para responder ao e-mail, participar de reunião online, atender aos alunos e participar de inúmeros eventos remotos. Tudo isso em um espaço que antes era possível tecer memórias familiares, viver histórias e descansar depois de um longo dia de trabalho.

Neste trabalho de estranhamento do corpo feminino na pandemia, algumas mulheres carregam excessivamente o sentimento de culpa por não terem tempo de qualidade para os filhos e para si, pois exercer longas jornadas de trabalho, como cozer, passar, varrer, limpar, arrumar e outros e realizar atividades laborais, foram ainda mais normalizadas na pandemia. Mesmo as mulheres que contam com equipamentos, máquinas e auxiliares, tiveram que lidar com formas atualizadas de precarização da vida e do trabalho.

No mundo do trabalho, existe um silêncio enorme sobre as condições de vida e trabalho das mulheres. As lives sobre saúde mental evidenciam muito mais o desconhecimento sobre sofrimentos, fobias e explorações do corpo de professoras na pandemia, do que esclarecer criticamente problemas estruturais, sob o disfarce que estamos todos preocupados com o que acontecer com as mulheres.

Neste contexto, na pandemia as mulheres em geral tiveram que lidar com mais esse desafio de criar um espaço para trabalho dentro de casa. Contudo, as antigas imposições culturais em relação ao cuidado permaneceram ainda mais agudizadas dada a pandemia de COVID-19, em que as mulheres professoras ou enfermeiras, médicas ou advogadas, domésticas ou diaristas e faxineiras tiveram que também lidar com o cuidado do outro adoecido por conta da COVID-19 ou em decorrência dela.

Esse corpo ignorado, precisa performatizar para dar conta de uma lista enorme de tarefas diárias. No fazer pedagógico de professoras durante a pandemia, não devemos ainda celebrar o fato de muitas de nós termos abandonado momentaneamente sutiãs, saltos e maquiagens. Essas imposições ao corpo feminino demonstram formas de disciplinamento e normatização de condutas, pois o corpo feminino foi alvo de inúmeras prescrições. O corpo feminino é construção simbólica e de poder, o corpo, portanto, não é em si mesmo. Mesmo o corpo aparente não é facilmente compreensível, mas construído de inúmeras camadas. Por isso o trabalho de escavar camada por camada, desterrando cada faceta em vestígios soterrados.

Partindo do pressuposto que o corpo é polissêmico, professoras na pandemia tiveram que lidar com excesso de trabalho, inúmeras preocupações, doenças cardiovasculares, pressão alta, insônia, depressão, ansiedade e o sentimento de culpa. Pensado dessa forma, os corpos de professoras vivem

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





sob enorme pressão, pressão dos prazos e das burocracias, ausência de tempo para si e muito tempo dedicado ao trabalho e ao cuidado familiar-doméstico. Assim, nesta jornada reflexiva sobre corpos de professoras e suas performatividade atrás das telas de computadores e celulares, importa dizer a intenção de refletir sobre esse corpo que não precisa necessariamente ser visto, de modo pensar em termos de evidências e interpretar seus “códigos pedagógicos” ocultos atrás de câmeras, reforçando novos significados performativos de professoras.

Nesse sentido, professoras estariam em desacordo com uma pedagogia linear e racional do processo de desenvolvimento do ensino, pois levaria em consideração histórias de vidas individuais e o imenso guarda-chuva que é a cultura a qual pertencemos que, obviamente, conferem sentido às suas práticas pedagógicas.

Nessa investigação, a prática pedagógica performativa de professoras na pandemia é transformativa, intimamente relacionada ao tempo da casa, na dialética de cores, aromas e sabores, carregando em si mesma movimentos do corpo no cotidiano da casa, é o tempo da casa e o tempo esquadrihado da aula que se juntam para dar lugar a uma performance digital ou remota de professoras na pandemia.

Colocando a questão nesta perspectiva, a aula se abre para outras possibilidades, o tempo fluido é digital, a abordagem de temas transita de páginas de site a músicas do youtube. As implicações e desafios colocados pela abordagem performativa em educação apontam para a prática pedagógica transformativa, pois exige pensar o ensino e a aprendizagem remotas de outra forma, elegendo o mundo como possibilidade de conhecimento. Propostas pedagógicas fundamentadas nesta abordagem são muito caras para pensar a fluidez do tempo e espaço, para relativizar verdades democratizar discussões e repensar verdades dadas como princípios inquebrantáveis.

Quando se inclui na experiência do ensino remoto o corpo performativo de professoras conscientes de sua opressão, violência e exploração, já não interessa mais o que dizem sobre suas olheiras, sobrepeso e a falta de maquiagem.

Sendo assim, mesmo o corpo feminino não deixando de se constituiu totalmente como lugar do discurso masculino, onde subsistem formas de instituição do lugar subordinado, desprezível e explorado, é interessante desestabilizar e desarranjar certezas sobre o corpo feminino, especialmente pensar as formas de extorsão a que são submetidos durante a pandemia, sob a falsa normalização de que mulheres cuidam melhor, que são cuidadoras amoras natas. Por isso, essa reflexão é maneira de reclamar o nosso corpo, falando de suas experiências e histórias, sobre as “marcas do corpo” e as “marca do poder”. Prosseguindo nesta discussão, Guacira Louro (2016) disse que:

Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir de padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura. Então, os corpos são que são na cultura (p. 77).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Diante do exposto, que marcas carregam o corpo de professoras durante a pandemia? Marcas de gênero, raça e classe? Marcas de poder? Marcas do cansaço, da sobrecarga de trabalho, da vertigem, da diferença, da indiferença, marcas invisíveis ou profundas. Em outras palavras, durante a pandemia, o corpo das mulheres, das professoras foram exigidos ao máximo, os corpos das professoras são porta-vozes de uma exploração autorizada, de classificações e hierarquizações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isso nos faz pensar no que disse Butler, discursos “habitam corpos”, que corpos carregam discursos como parte de seu próprio sangue, é alvo do “polo oposto”. Como suportar tamanho peso do mundo? Como garantir seu funcionamento se constantemente nossos corpos não são poupados e são exigidos compulsoriamente movimentos repetidos, coerentes, intervenções, deslocamentos e ingerências. Mas também é através do corpo que também se dão processos de afirmação e transgressão.

Neste aspecto, Paulo Freire (2019) fala do despertar de si, sobre ser capaz de reconstruir-se, de não se entregar, de recusar-se burocratizar-se, fala dos perigos de ser um repetidora cadenciada domesticada, temerosa de arriscar-se, repetindo o que foi lido com orgulho. A pandemia domesticou os corpos das mulheres, mas devemos lembrar de que o corpo carrega as marcas do passado, isso nos faz lembrar que é preciso alimentar a curiosidade críticas, a insatisfação e indocilidade.

Nesta linha de pensamento, Bell Hooks (2017) bebendo em Freire diz que a educação é uma prática de liberdade. Contudo, aprendemos a “obedecer a autoridade”, a executar “rituais de controle”, a conservar o direito do outro. Enquanto nosso direito desponta no horizonte como promessa apenas.

Compartilhando desse entendimento, Bell Hooks fala de como “aprendi muito sobre o tipo de professora que eu não queria ser” (p. 14). Para nosso caso, de como professoras durante a pandemia tiveram que aperfeiçoar o corpo máquina como forma de sugar nossas energias e assim garantir que voltássemos para casa, expandido a “mística feminina da domesticidade”, recaindo para valorização diferenciada e desigual dos afetos (BIROLI, 2018, p. 91), em um “ambiente de injustiças que estão presentes no cotidiano da vida doméstica” (idem), que é feita de “afetos, cuidados e exploração do trabalho, exercício da autoridade e da violência” (ibidem).

Essa desigualdade pode ser sentida não apenas por mulheres cuja fragilidade maior reside em subordinação econômica e patrimonial, também se fez sentida por professoras, ressaltando a dimensão do controle sobre afetos e corpos, que esgotam “o tempo e a energia” delas. A pandemia não poupou as mulheres. O trabalho remoto não poupou as professoras, seu corpo-máquina assumiu sua performance máxima a entrecruzar uma fronteira indefinida entre vida e mundo do trabalho. Essa fronteira borrada significou a exploração da sua força de trabalho sem abrir mão do papel de cuidadora, ou seja, seus papéis de produtoras

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



e reprodutora que constituem o capitalismo. Nem mesmo o trabalho e o salário têm sido compensador para mulheres:

o efeito dessa comoditização turva a divisão histórica do capitalismo entre produção e reprodução, também é certo que essa consequência não emancipa as mulheres. Ao contrário, quase todas nós ainda somos obrigadas a trabalhar “o segundo turno” mesmo quando mais do nosso tempo e da nossa energia é apropriado pelo capital (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASE, 2019, p. 113):

Assim, chamamos atenção para experiência de professoras durante a pandemia, em uma abordagem de gênero/feminista, trazendo para discussão a posição que as mulheres professoras ocupam nas relações de vida e trabalho, num contexto de tolerância à exploração e precarização das relações de trabalho e à despolitização da esfera doméstica, lugar que não tem seu valor reconhecido e gratuito, numa exploração “reforçada” (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASE, 2019, p. 111-112), mal remunerado e precário, sem a possibilidade de autorrealização e autonomia, roendo até os ossos, especialmente diante da “retração dos serviços sociais públicos” (idem, p. 114).

Então, é preciso dialogar com outras perspectivas sobre o corpo que não partissem da espetacularização do corpo belo e jovem, e nos leva a refletir sobre as possibilidades do corpo resistência, e corpo vivo, palco para reexistências

## REFERÊNCIAS

ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASE, Nancy. Feminismo para os 99%. Um manifesto. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

BIROLI, Flávia. Gênero e desigualdade. Limites da democracia no Brasil. São Paulo:Boitempo, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica. Cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Editora Vozes, [1986] 2011.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



LE BRETON, D. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus Editora; 2003. 1.

\_\_\_\_\_. A sociologia do corpo. Petrópolis: Editora Vozes; 2006. 2.

\_\_\_\_\_. As paixões ordinárias: antropologia das emoções. Petrópolis: Editora Vozes; 2009.

\_\_\_\_\_. Antropologia do corpo e modernidade. Petrópolis: Editora Vozes; 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental. Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora Sulina, [2006] 2011.

\_\_\_\_\_. Políticas da hibridação: Evitando falsos problemas. Cadernos de Subjetividade, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **Simpósio Temático 05**

# **Territorialidades e povos indígenas: Histórias e Memórias**

Coordenadoras:

- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Caroline Amorim Oliveira
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Núbia Ferreira Corrêa

## AS HETEROIDENTIFICAÇÕES SOBRE OS POVOS AMERÍNDIOS NA REGIÃO DO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE

Felipe Caldas Ramos

Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Humanas / Sociologia

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

E-mail: felipe.caldas@discente.ufma.br

Bolsista PIBIC/FAPEMA

Orientadora: Ana Caroline Amorim Oliveira - (PGCULT/UFMA)

**RESUMO:** O objetivo do presente trabalho foi identificar as heteroidentificações sobre os povos ameríndios do município de Brejo, Maranhão. Foi utilizado como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental em arquivos públicos digitalizados sobre o município e do entorno, tendo por base uma articulação interdisciplinar entre: História, Geografia, Etnologia e Antropologia. Na região do Baixo Parnaíba foram identificados, até o momento, 6 povos. Dentre esses, estão o povo indígena Anapuru Muypurá que teve importância central nesse trabalho, porque o município de Brejo (antes Brejo dos Anapurus) era e (é) território onde eles viviam e (vivem). Entendemos que com os processos de colonização as culturas e línguas desses povos foram obscurecidas e silenciadas pela lógica colonialista dominante, mas isso não quer dizer que não existiam. Ademais, os usos dos diversos etnônimos sobre os povos foi uma estratégia colonial para se referir aos povos ameríndios. Como por exemplo: Taramambézes, Teremenbés, Taramambees, Terembés, Tembés, Tramambés, Anapuru-mirim, Anapuru-Açu, esses também aparecem em alguns trabalhos com a grafia, Amapuru, Anaperí, Anaperú, Arani ou Aranihi, Araiós, Araiões, possível corruptela de Aroases (Arayó, Anayó, Anajó) (COSTA, 1974; SILVA, 2003). Assim, concluímos que, as culturas, as línguas, as autodenominações e as maneiras como esses povos se compreendiam foram obscurecidas e silenciadas. Entretanto, atualmente os povos indígenas estão produzindo contradiscursos e assumindo suas narrativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Município de Brejo, Etnônimos, Baixo Parnaíba Maranhense.

## HETEROIDENTIFICATIONS ABOUT AMERINDIAN PEOPLES IN THE REGION OF LOW PARNAÍBA MARANHENSE

**ABSTRACT:** The objective of the present work was to identify the hetero-identifications about the Amerindian peoples of the micro-region of the city of Brejo, Maranhão. The methodology used was the bibliographical and documentary research in public archives digitized about the city and its surroundings, based on an interdisciplinary articulation between: History, Geography, Ethnology and Anthropology.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



So far, 6 peoples have been identified in the Baixo Parnaíba region. Among these are the indigenous people Anapuru Muypurá, who played a central role in this work, because the municipality of Brejo (formerly Brejo dos Anapurus) was and (is) territory where they lived and (live). We understand that with the colonization processes the cultures and languages of these peoples were obscured and silenced by the dominant colonialist logic, but this does not mean that they did not exist. Furthermore, the use of different ethnonyms on peoples was a colonial strategy to refer to Amerindian peoples. For example: Taramambézes, Teremenbés, Taramambees, Terembés, Tembés, Tramambés, Anapuru-mirim, Anapuru-Açu, these also appear in some works with the spelling Anapuru, Anaperí, Anaperú, Arani or Aranhi, Araiós, Araiões, possible corruption of Aroases, (Arayó, Anayó, Anajó) (COSTA, 1974; SILVA, 2003). Thus, we conclude that cultures, languages, self-denominations and the ways in which these peoples saw themselves were obscured and silenced during the colonial process. However, currently indigenous peoples are producing counter-discourses and assuming their narratives.

**KEYWORDS:** Municipality of Brejo, Ethnonyms, Baixo Parnaíba Maranhense.

## INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é identificar as heteroidentificações sobre os povos ameríndios do município de Brejo – Maranhão. Os povos habitantes dessa região, bem como toda região que veio a se constituir como Baixo Parnaíba Maranhense<sup>1</sup>, tiveram suas histórias silenciadas pela história que ficou presente, a saber, a “História oficial”. Tal história foi construída a partir do entendimento que os colonizadores/invasores tinham sobre os povos originários.

As identificações são importantes para compreendermos a própria luta atual desses povos, que estão em processo de retomada/levante<sup>2</sup>. Sendo que, nesse processo eles utilizam etnônimos que foram dados pelos próprios colonizadores.

Nesse sentido, foi utilizado como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental em arquivos públicos digitalizados sobre o município e do entorno, tendo por base uma articulação interdisciplinar entre: História, Geografia, Etnologia e Antropologia.

1 “O Território da Cidadania Baixo Parnaíba - MA está localizado na região Nordeste e é composto por 16 municípios: Água Doce do Maranhão, Anapurus, Araiões, Belágua, Brejo, Buriti, Chapadinha, Magalhães de Almeida, Mata Roma, Milagres do Maranhão, Santana do Maranhão, Santa Quitéria do Maranhão, São Benedito do Rio Preto, São Bernardo, Tutóia e Urbano Santos” (BRASIL, 2015).

2 Lucca Muypurá, liderança indígena do povo Anapuru Muypurá, diz que o processo de retomada acontece quando “eu me reconecto a minha identidade e entendo que a retomada não é individual e sim coletiva, então quando reconecto a minha identidade e identifico outros dos meus, outros parentes que estão nesse mesmo processo que são processos recentes ou com mais tempo, mais que estão nesse silenciamento estrutural, que está imposto e que o professor: Ronilson na live passada falou muito bem, inclusive quero aproveitar esse espaço para parabenizá-lo” (Lucca Anapuru Muypurá em fala pública no dia 01 de março de 2021).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Segundo Lakatos e Marconi (2001), a pesquisa bibliográfica, é considerada uma fonte de coleta de dados secundária, pode ser definida como: contribuições culturais ou científicas realizadas no passado sobre um determinado assunto, tema ou problema que possa ser estudado. Foi analisado trabalhos acadêmicos, como monografias, dissertações e teses, que se dedicam a estudar sobre a história indígena no Estado do Maranhão e que citam a região do Baixo Parnaíba, onde está localizado o Município de Brejo. A principal ferramenta utilizado para a busca de trabalhos foi o *Google Scholar*, que possibilita a localização de artigos, teses, dissertações, livros e monografias que são úteis para pesquisadores.

Já em relação a pesquisa documental, como aponta Lakatos e Marconi (2001), é a coleta de dados em fontes primárias, como documentos escritos, ou não, pertencentes a arquivos públicos, em arquivos particulares de instituições e domicílios, e em fontes estatísticas. Tal pesquisa foi desenvolvida em âmbito virtual nos sites das bibliotecas internacionais, de museus de instituições públicas internacionais, arquivos públicos internacionais, arquivos religiosos, e de sites de documentos antropológicos e linguísticos que disponibilizam seu material para fins acadêmicos. Um dos principais arquivos foi o Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), que disponibiliza de forma digitalizada alguns documentos referentes ao antigo Estado do Maranhão e Grão-Pará. Entretanto, diversos documentos não puderam ser acessados por ainda não estarem digitalizados e a sede ser em Portugal.

O presente artigo está estruturado na seguinte ordem: o primeiro tópico que busca compreender, inicialmente, a origem da categoria sertão e como ela foi se adaptando no período da conquista e colonização. Posteriormente, com o entendimento dessa categoria será apresentado algumas das identificações feitas pelos invasores sobre os povos indígenas habitantes da região do Baixo Parnaíba Maranhense, dando enfoque ao município de Brejo. E, por fim, as considerações finais.

## O “SERTÃO” E OS ETNÔNIMOS INDÍGENAS

Para entender sobre as identificações sobre os povos ameríndios buscaremos compreender sobre a categoria “sertão” que foi utilizada para se referir tanto ao espaço geográfico ocupado pelos povos nativos quanto aos próprios indígenas. No artigo de Kalina Vanderlei Silva (2006), “O sertão na obra de dois cronistas coloniais: a construção de uma imagem barroca (séculos XVI-XVII)”, a autora pontua que a ideia de sertão já estava presente desde o século XVI: representava uma oposição entre espaço litoral colonizado pelos portugueses e aqueles espaços que ainda não faziam parte dos domínios da Coroa. Ao longo do processo de colonização, a categoria “sertão” foi adquirindo novos significados, como a “ideia de grandes espaços incultos”, “vastidão dos interiores”, “região inóspita e sem lei”.

Silva (2006) nos diz que as obras dos cronistas Gabriel Soares de Sousa, autor de *Tratado Descritivo do Brasil* (1587) e Ambrósio Fernandes Brandão, autor de *Diálogos das grandezas do Brasil* (1618) foram muito difundidas e contribuíram com as imagens mais espalhadas do Barroco, sobre o “sertão”.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





É necessário compreendermos o sentido histórico da categoria sertão, que veio com “os navios europeus”, mantendo os estereótipos usados na Europa. Ademais, esses estereótipos adaptaram-se em um novo contexto e espaço. Melo (2011, p. 30) discorre que:

A construção da ideia de sertão está relacionada à representação que os portugueses possuíam acerca do espaço. Para Denise Maldí, os portugueses foram influenciados pelas representações medievais sobre o espaço e pela representação da floresta como lugar de solidão e que expressava a ideia de deserto. Nesse sentido, os portugueses “foram incapazes de formular qualquer identificação territorial nativa diante do espaço misterioso que ficou conhecido como sertão ou, mais remotamente, matos”. Assim, o sertão seria um espaço indefinido, múltiplo e poliformo.

Como indicado na citação, os portugueses foram incapazes de entender ou mesmo identificar os territórios nativos, isso serviu para dizer que o sertão não tinha limites e que não possuía fronteiras “o que, por um lado, abalaria o próprio conceito europeu de fronteira; e por outro, iria se prestar de forma exemplar aos objetivos da colonização” (MALDI, 1997, p. 192).

A incapacidade de formulações de identificações territoriais nativas por parte do colonizador não implicou, por outro lado, necessariamente, a ausência do reconhecimento de espaços nativos da alteridade colonizada, concebidos sempre à luz dos modelos europeus (MALDI, 1997, p. 192).

Ademais, a ideia de “sertão” foi sendo utilizada de várias formas e diversos sentidos atribuídos pelos colonizadores envolvidos na conquista e ocupação, a partir de suas experiências, e principalmente de seus próprios interesses, durante o processo de colonização/invasão. Roland (2018, p. 12) descreve que:

Eram diversos os sentidos da palavra “sertão”, sendo utilizada para se referir a regiões que estavam enfrentando processos civilizatórios decorrentes da expansão de colonização portuguesa que se instalava nesses espaços, caracterizados pelas autoridades como um “espaço habitado por índios ferozes” (também caracterizados como indivíduos “dominados pela natureza bruta”, “bárbaros”, “hereges”, “infieis”), “desconhecidos”, “inacessíveis”, “isolados”, “perigosos”, e “onde não haviam chegado as benesses da religião”, da “civilização” e da “cultura”.

Sendo assim, nos foi possível entender também a categoria “tapuias”, que foi muito utilizada para se referir aos povos indígenas que habitavam o sertão e, conseqüentemente, o Baixo Parnaíba Maranhense, identificado também como sertão. “Apesar da grande diversidade cultural dos povos habitantes dos sertões, têm sua cultura generalizada, sendo todos, independente de suas particularidades, denominados pelos colonos como tapuias” (SILVA, 2003, p. 235). Foram

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



impostos elementos culturais e a conversão à fé judaico-cristã aos povos originários. Silva (2003, p. 235) pontua que,

[...] o termo tapuia, palavra tupi, é já em si uma generalização que esconde a identidade cultural de cada uma das tribos, algumas aparentadas, outras independentes. Tapuia, traduzido por língua travada, termina por significar no contexto português colonial, bárbaro, acentuando a característica de selvageria que o discurso dominante lhes imputa.

Esse silenciamento às culturas indígenas, serviu para obscurecê-las sendo regida pelo discurso dominante, que não tinha interesse nenhum em saber sobre as culturas daqueles povos, a não ser para dominá-los. A lógica colonialista dominante tratou os povos nativos de acordo com seus interesses, a cada momento. Quando eram declaradas as guerras justas<sup>3</sup> aos povos indígenas, foram constatados pelas decisões “legais” como “bárbaros”, “selvagens”, “violentos”. Às vezes eram “protegidos” e poderiam ser “passíveis” de serem “civilizados”. “Há nuances no discurso: há bárbaros incorrigíveis, outros pacificáveis, há gentios promissores, outros traidores, há índios de inestimável utilidade, outros que são pobres coitados” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 34).

Entretanto, não pode ser esquecido que os povos originários reagiam a essa lógica colonial-moderna, como afirma Mignolo (2017), a partir de suas lógicas culturais e interesses próprios como identificamos em diversas fontes documentais e orais.

Em algumas cartas do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) referentes ao Maranhão encontramos categorias para referir-se aos indígenas, a saber, “tapuias”, “gentios”, “gentios do corso”. Vejamos como alguns autores definem essas categorias. Em relação a primeira categoria, segundo Perrone-Moisés (1990, p. 35),

[...] o termo gentil concordando com sua etimologia, ocupa um campo intermediário, que vai de inimigos aos recém aldeados, ainda não convertidos e não aliados, passando pelos que, não demonstrando intenções hostis (“gentio manso”), são candidatos ideais ao descimento, aldeamento e catequese. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 35).

Em relação a categoria “índios do corso” Melo (2011, p. 80) pontua que:

[...] assim como outras expressões a exemplo da própria palavra índios, constitui uma categoria que foi criada na sociedade colonial e que não comporta a diversidade daqueles povos. Por um lado, parece que os índios do corso eram aqueles que não se fixavam em nenhum espaço. O que talvez não implique que isto fosse condição para que estes índios

3 Havia dois tipos de guerras justas, a defensiva e a ofensiva. A primeira se fará somente no ato de invasão que os índios inimigos e infieis fizerem nas aldeias e terras do Estado do Maranhão com cabeça ou comunidade que tiver soberania ou jurisdição. Já a ofensiva seria feita quando houvesse temor certo e infalível que os ditos inimigos da fé procurarão mandar as terras de meus domínios formando e ajuntando gente para o dito efeito sem que por outro modo se lhes possa impedir a dita invasão (MELO, 2011, p. 28).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



fossem vistos como inimigos pelos portugueses. Assim, ao que tudo indica, a expressão índios do corso se refere aos índios que optaram em permanecer andantes “sem querer chegar ao grêmio da igreja”

A categoria “corso” era utilizada também aos indígenas que cometiam “hostilidades”. Em um carta do governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará, António de Albuquerque Coelho de Carvalho, ao Rei D. Pedro II, aparece uma união entre a categoria “Tapuia” e “Corso”, “[...] os ataques dos tapuias de corso, que infestavam as margens dos rios Mearim, Itapecurú, Moni, assim como os prejuízos causados na nova povoação de Icatú, matando moradores, seus escravos e destruindo totalmente as fazendas”<sup>4</sup>.

Outra carta sobre as “hostilidades” cometidas pelos “tapuias do corso”, “sobre a continuação das hostilidades dos tapuias de corso contra os moradores da terra firme da capitania do Maranhão, e as preocupações demonstradas pelos moradores da vila do Icatú, do Mearim e Itapecurú, sentindo-se desamparados”<sup>5</sup>. Assim, percebe-se quando eram utilizadas algumas categorias.

Vejamos agora o que foi identificado com pesquisa bibliográfica, no trabalho de Melo (2011), encontramos uma grande diversidade de povos indígenas que habitavam e (habitam), a maior parte deles, nos estados do Maranhão, Piauí, Ceará. Na região do Baixo Parnaíba, foram encontrados a presença dos Anapuru, Anaperú-Açu, Anaperú-Mirim, Arayo, Tremembé e Arani. Entre estes, os Anapuru, que viviam e (vivem) no local que hoje é o município de Brejo no Maranhão, antes denominado como Brejo dos Anapurus. Tais povos eram vistos a partir de vários etnônimos diferentes, sendo assim Melo (2011, p. 66) aponta que os indígenas foram igualmente agrupados em grupos étnicos, cuja grafia dos nomes é variada na documentação. Segundo Nádia Farage (1986, p. 7):

Sabe-se que a etnonímia, via de regra, representa um problema metodológico para a história indígena que se vale de fontes escritas: um só etnônimo pode encobrir vários grupos étnicos, e reversamente, vários etnônimos podem estar sendo utilizados nas fontes para designar um grupo étnico.

Durante a pesquisa nos documentos e nos trabalhos bibliográficos encontramos etnônimos parecidos com os povos citados, entre os quais: Taramambézes, Teremenbés, Taramambees, Terembés, Tembés, Tramambés, Anapuru-mirim, Anapuru-Açu, esses também aparecem em alguns trabalhos com grafia, Amapuru, Anaperí, Anaperú, Arani ou Arani, Araiós, Araioses, possível corruptela de Aroases, (Arayó, Anayó, Anajó) (COSTA, 1979; SILVA, 2003).

4 “Carta do Governador [do Estado do Maranhão e Grão-Pará], António de Albuquerque [Coelho de Carvalho], ao Rei [D. Pedro II]”. 26 de junho de 1692 AHU\_CU\_BRASIL-GERAL, CX. 1, D. 109.

5 “Carta Do Governador [do Estado do Maranhão e Grão-Pará], António de Albuquerque [Coelho de Carvalho], ao Rei [D. Pedro II]”. 20 de julho de 1698. AHU\_CU\_BRASIL-GERAL, cx. 2, D. 133.

Os indígenas Anapuru viviam e (vivem) no curso inferior do rio Parnaíba, no lugar denominado como Brejo dos Anapurus, que atualmente é o município de Brejo. De acordo com Bombardi (2014), os Anapuru começaram a ser combatidos no final do século XVII pelo capitão-mor da conquista do Piauí, Francisco Dias Siqueira.

No processo de pesquisa documental, percebemos que os Anapuru mantinham uma relação bem controversa com os colonizadores: às vezes eram constatados pelos colonizadores como aliados, e ora como inimigos que deveriam ser combatidos a todo custo. Essas identificações serviram como base para as próprias declarações das guerras justas, na qual eles eram vistos como “hostis” ao processo colonizador, por estarem atacando as casas dos colonos que estavam sendo construídas nos territórios em que habitavam e (habitam).

Os colonizadores/invasores fizeram também uma diferenciação dos Anapuru em dois grupos (ou povos).

Os termos “Açú” e “Mirim” nas línguas de matriz tupi significam, respectivamente, grande e pequeno. Nesse sentido, essa denominação feita pelos portugueses poderia referir-se no primeiro caso a um grupo com maior concentração populacional do que o segundo (BOMBARDI, 2014, p. 127 e 128).

Corroborando com esse mesmo argumento, Melo (2011) pontua que a classificação dos povos em “Açu” e “Mirim” é uma categorização dos “brancos” sobre os povos indígenas. “Não há como afirmar se estas distinções existiam para os grupos indígenas, se eram grupos distintos ou uma unidade sócio-cultural ou ainda se era mais uma produção do olhar branco sobre as sociedades indígenas” (MELO, 2011, p. 93).

Na análise dos textos locais, os historiadores dizem que os Anapuru eram Tupi. “O próprio etnônimo já diz que os Anapurus: Ana (forte); Purus (antropófago)” (AROSO, LIMA, 1985, p.?). Não conseguimos encontrar informações se realmente eram tupis. No entanto, quando, em períodos em que houve guerras, eles eram chamados “tapuias”, quando, se sabe, no processo havia oposição entre os Tupi e Tapuias.

John Manuel Monteiro no primeiro capítulo da sua tese de livre docência aborda os escritos de Gabriel Soares de Sousa que foi pioneiro em estabelecer um sentido de divisão dos indígenas em categorias como Tupi e Tapuia, no contexto em que esse escritor vivia, no qual “[...] fiando-se basicamente naquilo que seus informantes tupis lhe passavam, escritores como Gabriel Soares costumavam projetar os grupos tapuias como a antítese da sociedade Tupinambá, portanto descrevendo-os quase sempre em termos negativos” (MONTEIRO, 2001, p. 18).

Além disso, o autor ressalta que o binômio Tupi-Tapuia: “[...] tornava minimamente compreensível a diversidade cultural e linguística que marcava o Brasil” (MONTEIRO, 2001, p. 171).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



E que teve desdobramentos para a construção da brasilidade: “Para os pensadores do Império, os índios Tupis, relegados ao passado remoto de origens da nacionalidade, teriam desaparecido enquanto povos, porém tendo contribuído sobremaneira para a gênese da nação, através da mestiçagem e da herança de sua língua” (MONTEIRO, 2001, p. 172). Apesar do autor está falando do período Imperial do Brasil, posterior ao período colonial que é o contexto em está sendo tratado nesse artigo, ele cita os Tupis como contribuintes para a “gênese da nação”.

Em relação aos Tapuias, Monteiro (2001, p. 172) pontua que:

[...] a despeito de enormes evidências históricas em contrário, situavam-se num polo oposto. Frequentemente caracterizados como inimigos ao invés de aliados representavam, em síntese, o traíçoeiro selvagem dos sertões que atrapalhava o avanço da civilização, ao invés do nobre guerreiro que fez pacto de paz e de sangue com o colonizador.

Essas categorias foram definidas pelos colonizadores com intuito de distinguir quem era os “parceiros” e os “inimigos”, de modo que a “parceria” com os nativos tornasse um estratégia imprescindível para o sucesso da dominação sobre os sertões. Representando assim as identificações sobre os povos indígenas feitas pelos colonizadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo identificar as heteroidentificações sobre os povos ameríndios da microrregião do município de Brejo – Maranhão. Assim, apesar da dificuldade, compreendemos que algumas das identificações foram feitas sobre os povos indígenas de forma generalizada e que, o próprio lugar que eles vivam e (vivem) foi visto pelos colonizadores/invasores como determinante para os seus comportamentos.

Percebemos também que o silenciamento às culturas indígenas serviu para obscurecer as culturas e as línguas dos diversos povos, sendo regida pelo discurso dominante, que não tinha interesse nenhum em saber sobre aqueles povos, a não ser para dominá-los. Junto a isso, tem-se os etnônimos que são múltiplos e foram escritos de diferentes formas e que podem ter encoberto diversas etnias.

Durante as guerras justas, os povos que habitavam e (habitam) a região do Baixo Parnaíba Maranhense foram vistos como “hostis” e “invasores”, por tentarem resistir a colonização/invasão dos seus territórios. Ademais, atualmente os povos indígenas estão produzindo contradiscursos e assumindo suas narrativas. A exemplo dos Anapuru Muypurá que a partir do processo de retomada/levante, estão buscando as suas narrativas com o intuito de deixar de lado o silenciamento/apagamento da história indígena deles, e se autodeclaram Anapuru Muypurá.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



O presente estudo está em andamento tendo em vista a dificuldade diante das fontes e o tempo para analisá-las. Nesse sentido, se faz necessário debruçar de maneira mais aprofundada sobre as identificações sobre os povos indígenas aqui mencionados.

## REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário/ Secretaria de Desenvolvimento Territorial. MDA/SDT. Perfil Territorial Baixo Parnaíba - MA. Elaboração: CGMA, mai./2015.

Disponível em: [http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno\\_territorial\\_020\\_Baixo%0f](http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_020_Baixo%0f). Acesso em: 07 de out. de 2021.

COSTA, F. A. Pereira. Cronologia histórica do Estado Piauí. São Cristóvão, RJ: Artenova, 1979.

FARAGE, Nadia. As muralhas dos sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ANPOCS, 1991.

LAGO, Anderson de Carvalho. Brejo, Aldeia dos Anapurus. São Luís: Secretaria de Cultura, 1989

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. Fundamentos metodologia científica. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MALDI, Denise. “De confederados a bárbaros: a representação da territorialidade e da fronteira indígenas nos séculos XVIII e XIX”. Revista de Antropologia, vol. 40, nº 2 (1997).

MELO, Vanice Siqueira. Cruentas guerras: índios e portugueses nos sertões do Maranhão e Piauí. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: O Lado Mais Escuro Da Modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 32, n. 94, p. 01, 2017. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.scielo.br/pdf/r\\_bcsoc/](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.scielo.br/pdf/r_bcsoc/). Acesso em: 21 de set. de 2021.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





MONTEIRO, John Manuel. Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo. 2001. 233f. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

OLIVEIRA, Gleydson de Castro. Processos de resistência do Povo Anapuru Muypurá na Região do Baixo Parnaíba Maranhense. 1h 59min 37s, 2021. Publicado pelo canal Ciências Humanas Sociologia CHS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch>. Acesso em: 21 de set. de 2021.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII). In: CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). História dos índios no Brasil, São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 115-132.

ROLAND, Samir Lola. Sesmarias e conflitos de terra na expansão portuguesa no vale do Parnaíba (Maranhão e Piauí, séculos XVII e XVIII). 2018. 263 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

SILVA, Jacionira Coelho. Arqueologia no Médio São Francisco indígenas, vaqueiros e missionários. 2003. 460 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

SILVA, Kalina Vanderley Paiva. O Sertão na obra de dois cronistas coloniais: a construção de uma imagem barroca (séculos XVI-XVII), Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. 32, n. 2, p. 46-63, dez. 2006.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





## PASSADO E PRESENTE: (RE)CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO

Richardes Lima Souza

Graduando em Ciências Humanas/Sociologia

Universidade Federal do Maranhão – UFMA de São Bernardo

Bolsista PIBIC/CNPQ

E-mail: richardes.lima@discente.ufma.br

Ana Caroline Amorim Oliveira - (PGCULT/UFMA).

**RESUMO:** A presente pesquisa, em desenvolvimento, objetiva reconstruir a história dos povos indígenas na região de São Bernardo-MA a partir do agenciamento dos indígenas. Foi realizado o levantamento bibliográfico (documentos oficiais, obras memorialistas, mapas) sobre o tema onde foi possível conhecer os processos de colonização no município (MELO, 2011). Os povos indígenas da região do município foram, pouco-a-pouco silenciados nos documentos e na historiografia “oficial” (MELLO, 2009). Tal região é caracterizada como “sem povos indígenas” por essas narrativas oficiais. Em contraste com o processo de retomada dos Anapuru Muypurá que estão se visibilizando para se fazerem ouvir e serem respeitados em sua identidade étnica, evidenciando que esse povo nunca foi “extinto”, mas sempre existiram e resistiram. Muito ainda precisa ser compreendido sobre as histórias e trajetórias indígenas nesta região.

**PALAVRAS-CHAVE:** Baixo Parnaíba Maranhense; História indígena; Visibilização dos povos indígenas;

## PAST AND PRESENT: (RE)CONSTRUCTION OF INDIGENOUS HISTORY IN THE MUNICIPALITY OF SÃO BERNARDO

**ABSTRACT :** This research, in development, aims to reconstruct the history of indigenous peoples in the region of São Bernardo-MA from the agency of indigenous peoples. A bibliographic survey was carried out (official documents, memorial works, maps) on the topic where it was possible to know the colonization processes in the municipality (MELO, 2011). The indigenous peoples of the municipality’s region were, little by little, silenced in the documents and in the “official” historiography (MELLO, 2009). Such region is characterized as “without indigenous peoples” by these official narratives. In contrast to the process of retaking the Anapuru Muypurá who are making themselves visible to make themselves heard and to be respected in their ethnic identity, showing that these people have never been “extinct”, but have always existed and resisted. Much remains to be understood about indigenous

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





histories and trajectories in this region.

**KEY WORDS:** Baixo Parnaíba Maranhense; Indigenous history; Visibility of indigenous peoples;

## INTRODUÇÃO

A história indígena (CUNHA, 1992; MONTEIRO, 2001) é um campo de estudos recente dentro das pesquisas tanto em Antropologia quanto em História, em particular, no Brasil. Segundo Varnhagen (1978[1854]) os índios possuíam etnografia e não história. Os povos ameríndios foram compreendidos pela característica da ausência em vários âmbitos, estavam na infância da humanidade; não se utilizavam da escrita (povos ágrafos); não possuíam Estado; não possuíam religião. Inclusive na língua nativa Tupi haveria uma ausência das letras f, l, r. Desenvolveu-se, então, a máxima “sem fé, sem lei, sem rei”. E, diante de tantas ausências, conseqüentemente eram “povos sem história”. (CUNHA, 1990).

O município de São Bernardo, é fundado em 1724, por um mestre de campo<sup>1</sup>, Bernardo de Carvalho Aguiar, que vendo a fertilidade da terra e os bons pastos para a criação de gado, instala uma fazenda. A cidade só nasceria de fato a partir de uma pequena missão jesuítica, feita para a catequização e escravização dos indígenas do povo Anapurú.

A partir da missão jesuítica o aldeamento se amplia, principalmente a partir da instalação de fazendas de gado e engenhos de açúcar (COSTA, 2017). A cidade de São Bernardo conta com cerca de 28.667 pessoas, segundo o censo do IBGE (2010). O município é basicamente agrário, a economia em sua grande parte é composta pelo setor de serviços, sendo que boa parte da sua população vive da agricultura de subsistência.

Este local onde hoje é a cidade é denominada pelos moradores de “matriz”, por ter servido como ponto de apoio para os jesuítas que faziam a catequização dos povos indígenas da região. Por se tratar de um ponto estratégico, para essa atividade no interior do Leste maranhense, daí foi surgindo outras povoações, que mais tarde se tornariam cidades, como, Santa Quitéria (COSTA, 2017).

Assim, o objetivo geral foi realizar a (re)construção da história indígena na interface entre a História e Antropologia, em especial, no município de São Bernardo-MA.

## METODOLOGIA

O presente trabalho é fruto da pesquisa desenvolvida no PIBIC, com início em 2019 e finalizado em Agosto de 2021. A investigação, que durou 12 meses - de julho de 2020 até agosto de 2021 - iniciou com a revisão das pesquisas realizadas sobre o tema de caráter interdisciplinar como já apontado

<sup>1</sup> Mestre de campo era o termo dado à uma pessoa, cuja função era de travar guerras aos nativos e “manter a paz” nas povoações da colônia.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



anteriormente, com o objetivo de se apropriar da produção já realizada sobre a região pesquisada, reconstruir o objeto de estudo aqui delineado e dialogar com os demais pesquisadores de diversas áreas das Ciências Humanas, que já trabalharam com essa temática.

Outros materiais foram analisados durante a pesquisa, como mapas, documentos legais, legislações, assim como obras arquitetônicas e algumas entrevistas com interlocutores.

Na investigação, foi utilizado o método da pesquisa documental, acadêmica, de livros de cronistas, religiosos, sobre o município de São Bernardo e do entorno, de caráter interdisciplinar, articulando História, Geografia, Etnologia e Antropologia, como já apontado anteriormente, com o objetivo de se aprofundar na produção já iniciada sobre a região pesquisada.

A pesquisa antropológica em arquivos é uma abordagem recente nesta disciplina. Durante muito tempo se compreendeu os arquivos como espaços eminentemente da História. Entretanto, ao compreendermos os arquivos etnográficos enquanto um sistema de enunciados, verdades parciais, interpretações histórica e culturalmente constituídas eles estarão sujeitos a leitura e novas interpretações. (CUNHA, 2004, p.292)

A pesquisa documental se deu principalmente no âmbito virtual em sites das bibliotecas nacionais e internacionais, museus de instituições públicas, nacionais e internacionais, arquivos públicos nacionais e internacionais, arquivos religiosos, sites de documentos antropológicos e linguísticos, que disponibilizam seu material de pesquisa para fins acadêmicos.

Inicialmente, foi planejado ir a campo no município de São Bernardo para pesquisas no arquivo público do referido município, arquivo da Igreja Católica, e realizar entrevistas com os moradores locais mais antigos da cidade (sede e povoados) sobre a memória da presença indígena no referido município, através da observação participante, conversas informais, entrevista semi-estruturada e questionários. No entanto, devido a pandemia da Covid-19, essas idas à campo não foram possíveis, dado o alto risco do momento.

Dessas idas à campo haveria a continuação da produção do caderno de campo para a construção do olhar antropológico do pesquisador, bem como, de apresentação de trabalhos sobre os primeiros resultados e andamento da pesquisa em eventos locais, nacionais e internacionais, sendo que, foi possível executar essa última parte da metodologia planejada.

Dessa forma, fortalecendo a sensibilização do pesquisador, que está em formação contínua, através das habilidades do olhar, do ouvir e do escrever como nos alerta Roberto Cardoso de Oliveira (2000), foi possível a realização dessa pesquisa, pois sabendo olhar e ouvir, um simples gesto ou palavra pode se tornar um valioso elemento para uma pesquisa, e sabendo escrever, é que se torna exequível a construção de relatórios como esse.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## RESULTADOS

No decorrer dessa pesquisa, foi possível estudar muitas obras bibliográficas, sendo elas: Bombardi (2014), onde nos foi possível compreender a prática dos descimentos, que consistia em sequestrar indígenas, ou capturá-los através de povos aliados, a fim de escravizá-los ou aldeá-los. Silva (2016), que nos proporcionou estudar mais a fundo, a importância de missionários no processo de invasão e estabelecimento de povoações de colonizadores na antiga capitania do Maranhão

Lago (1989), uma obra que tenta traçar a genealogia da cidade de Brejo-MA, desde o primeiro colonizador, até o início da República, trazendo questões como a ética da sociedade brejense, normas e leis de higiene social e rapidamente comentando a presença Anapuru. Mott (1985), onde o autor traz informações acerca da colonização onde hoje é o estado do Piauí. Santos(2009), obra ao qual percebemos o grande esforço em administrar as terras invadidas, tendo o governo das capitanias, grande papel no processo de adentrada nos territórios indígenas e nas guerras travadas com os mesmos.

Oliveira (2020), artigo de Lucca Muypurá, onde ele traz as memórias e a narrativa da vida de sua bisavó, Deuzilla Machado, anciã do povo Anapuru Muypurá. Hoje, Lucca Muypurá é um dos líderes dos Anapuru Muypurá, e é um dos principais articuladores do processo de retomada desse povo, indo ao encontro dos parentes espalhados pelos municípios do Baixo Parnaíba maranhense, como Brejo, Chapadinha e Anapurus, para de articulá-los para se organizarem e conhecerem a luta da retomada.

Perrone-Moisés (1992), artigo ao qual a autora traz toda a legislação indigenista do período colonial, traçando os princípios das leis acerca dos indígenas, desde leis sobre a “paz” até leis sobre a escravização desses povos.

Felipe Costa (2017) em “Matriz de São Bernardo, de Capela a Santuário” apresenta um panorama da história da cidade de São Bernardo a partir do processo de colonização. Este processo está atrelado as fazendas de gado, aos engenhos de cana-de-açúcar, ao trabalho de catequização e escravização dos povos indígenas, em especial, do povo Anapurú Muypurá<sup>2</sup>. Tal povo serviu tanto como mão de obra para as lavouras, como também, de soldados a serviço dos colonizadores contra outros povos inimigos dos portugueses.

A relação entre o colonizador e o povo Anapurú Muypurá, com todo o processo de deflagração de guerra e paz, os acordos e quebras de acordos, e finalmente, com a dominação por meio da força desse povo, que desde o início da colonização resistiram aos avanços coloniais em seu território. (COSTA,2017)

Em 1703, o governo da província do Maranhão permite a missionarização dos Anapurú Muypurá a pedido desse mesmo povo, que por motivo estratégico, percebeu que com a presença

---

2 Anapuru Muypurá é o nome que atualmente o povo, Anapuru, escolheram para si, desde o processo de retomada ao qual estão lutando.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



de missionários, não seriam vistos como ameaças ou inimigos, ficando assim seguros de guerras. (COSTA,2017).

No entanto, em 1708, é declarado guerra aos Anapurú Muypurá, em virtude do assassinato de Manoel dos Santos, um português que estava junto a esse povo. Até o presente momento não identificamos registros de combates, não sendo possível afirmar se houve ou não a guerra. Em 1712 é tentado um acordo de paz com o povo Anapuru Muypurá, através do português Bernardo de Carvalho Aguiar, mas não houve sucesso. No ano de 1722 o governo provincial determina que se dizimasse o povo Anapurú, mas mais uma vez não há registros de batalhas nos documentos pesquisados.

A paz entre colonizadores e os Anapurú Muypurá é firmada somente em 1729, através do português Francisco Vasconcelos, que aproveitando a situação em que o povo Anapurú Muypurá se encontrava, dado as guerras com os invasores, Francisco Vasconcelos, com prendas e bons tratos conquistou a simpatia dessa nação, e em agradecimento pelo feito, o governo provincial entregou uma sesmaria a Francisco Vasconcelos onde hoje é a cidade de Brejo, à época, território do povo Anapurú Muypurá

A colonização desta região se deu a partir da instalação das fazendas de gado e de engenhos. Entretanto, o “problema” enfrentado pelos invasores era a falta de mão-de-obra. A catequização e a escravização dos povos indígenas eram autorizadas pela Coroa para atender tanto às demandas da Igreja como dos colonos.

Os povos nativos eram identificados pela Coroa como “bravios e ferozes” e os aliados, sendo os bravios e ferozes identificados como “Tapuias”<sup>3</sup>, que não possuíam acordos de paz com os colonizadores. Descritos como impedimento para a expansão da “civilização” nas terras do então Maranhão e Grão-Pará. Os povos nativos usavam como estratégia contra os invasores ataques aos carregamentos de mercadorias, ateando fogo em engenhos e atacando as fazendas de gado e os vilarejos (MELO, 2011).

A missão jesuítica que funda a cidade de São Bernardo estava localizada no território do povo Anapurú Muypurá. Esse povoamento estava em posição estratégica para o processo de conquista do leste maranhense, o que fez que rapidamente as divisões do poder colonial se instalassem na cidade, como, por exemplo a elevação em 1741 que tornou o pequeno vilarejo de São Bernardo do Parnaíba, como era conhecido à época, em freguesia.

Com o avanço das guerras justas, resgates e descimentos, considerando as guerras justas como o ato de declarar guerra a determinado povo indígena por motivo de depredação do patrimônio dos colonizadores, o poder colonial declarava guerra a esses povos indígenas (denominados tapuias), para que o avanço da colonização não fosse barrado. Atos desse tipo eram denominados de guerra

<sup>3</sup> O termo “tapuia” possuía distintos significados podendo se referir a povos indígenas que não falavam a língua Tupi, como também, para caracterizar os povos indígenas que não eram aliados dos colonizadores portugueses (MONTEIRO, 2001).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



defensiva. Já quando o poder colonial desejava exterminar um povo indígena por estes estarem “atrapalhando” o avanço dos colonizadores, a guerra recebia o nome de guerra ofensiva. (MELO, 2011; PERRONE-MOISÉS, 1992).

Resgates, uma prática muito executada no período colonial, era o ato de invadir os territórios indígenas para comprar indígenas inimigos que estavam aprisionados. E, os descimentos, foi a prática de se adentrar em matas e territórios indígenas para aprisioná-los para servirem de escravos nas atividades coloniais.

A Coroa se beneficiou com a venda e aprisionamento de indígenas “cativos”. Indígenas esses que eram aprisionados em seus territórios ou através de guerras com outros povos aliados dos colonizadores, para servirem de mão de obra escravizada nas diversas atividades coloniais, como a pecuária, a lavoura e como escravos domésticos.

Criou-se uma Junta, por ordem do Rei Dom João IV em 1655 dado à falta de conhecimento por parte da corte em assuntos específicos que exigiam um conhecimento da região, e principalmente para resolver conflitos que envolviam os povos indígenas e as atividades do poder colonial com esses povos, principalmente a questão dos aldeamentos e guerras.

Participavam da Junta, representantes do Clero, da Coroa e do poder militar da época, que julgavam declarações de guerras defensivas, aconselhando o rei quando em caso de guerra ofensiva, pois a junta das missões só era permitida a declarar guerra defensiva e ficava a cargo do rei a declaração de guerras ofensivas. Também competia à Junta das Missões o gerenciamento dos aldeamentos, sendo os aldeamentos, aglomerações de vários povos diferentes sob a regência de missionários católicos para forçar o abandono da cultura ancestral para a cultura do colonizador através de incursões nos territórios indígenas para a escravização e a fundação de novos aldeamentos. (MELLO, 2009)

A cidade de São Bernardo, fruto dessa luta entre um povo indígena, os Anapuru Muypurá e colonizadores, é um claro exemplo da dinâmica empregada no processo de conquista e ocupação desse território, hoje chamado Brasil. As informações, até então tidas como “oficiais” e “neutras”, só revelam a real intenção governamental para se silenciar todo um povo e toda uma trajetória.

Hoje a cidade de São Bernardo respira na sua calma e seu ar bucólico, o resultado desse processo, de apagamento e silenciamento, resultado esse obtido não só pelas guerras, mas também por aldeamentos, e pela escrita oficial, que não imune ao viés estatal, mas propriamente, à serviço do Estado, construiu uma história de um suposto vencedor, o colonizador, mal sabendo que, ao contrário do esperado, hoje, um povo indígena se faz ouvir novamente, o mesmo povo indígena tão duramente perseguido e exterminado, os Anapuru Muypurá.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral, ainda em andamento, realizar a (re)construção da história dos povos ameríndios da microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense no município de São Bernardo o que foi possível através do mapeamento e levantamento bibliográfico

O processo de conquista da referida região se deu através de disputas de territórios, guerras, acordos e desacordos, missões jesuíticas e escravização dos povos indígenas presentes nesta região a exemplo dos povos, Anapuru Muypurá, o povo Tremembé, o povo Araió e o povo Anicuz. Com a instalação de fazendas e engenhos para a instalação dos colonos invasores os povos indígenas foram pouco-a-pouco silenciados nos documentos oficiais e na historiografia “oficial”.

Foi possível identificar diversos povos que viviam no Baixo Parnaíba Maranhense, os Anapurú, Tremembé, Araió e Anicuz que lutaram e resistiram pelos seus territórios. Destes povos, os Anapuru Muypúra se visibilizam novamente em seu processo de retomada para se fazerem ouvir e serem respeitados em sua indianidade. Muito ainda precisa ser compreendido sobre as histórias e trajetórias indígenas nesta região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias. Brasília: IBGE, 2017.

BOMBARDI. Fernanda Aires. Pelos interstícios do olhar do colonizador: descimentos de índios no Estado do Maranhão e Grão Pará (1680-1750). Programa de Pós-graduação em História Social. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo-USP. 2014. 188f

CLASTRES, Pierre. A Sociedade contra o Estado – pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify. [1974] 2004a. 279 p.

CHAVES, Joaquim. O índio no solo piauiense. Centro de estudos piauienses. Teresina, 1953

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1998. O Trabalho do Antropólogo. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp. 220 pp.

COSTA, Felipe Silva. Matriz São Bernardo: de capela a Santuário. Fortaleza: Impreco, 2017

CUNHA, Manuela Carneiro. Introdução a uma história indígena. In: História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. Imagens de índios do Brasil. Revista Estudos Avançados, Estud. av. vol.4 no.10 São Paulo Sep./Dec. 1990

\_\_\_\_\_. Por uma história indígena e do indigenismo. In: Cultura com aspas. São Paulo: Cosac e Naify, 2009.

LAGO, Aderson de Carvalho. Brejo, aldeia dos Anapurús. São Luís, 1989

MARANHÃO. Plano territorial de desenvolvimento rural sustentável. São Luís, 2005 (não fala a editora)

MAIRTON Celestino da. Um caminho para o estado do Brasil: colonos, missionários, escravos e índios no tempo das conquistas do Estado do Maranhão e Piauí, 1600-1800. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em História do Brasil. Recife, 2016.

MELO, Vanice Siqueira. Cruentas guerras: índios e portugueses nos sertões do Maranhão e Piauí. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia. 2011.

MELLO, Márcia Eliane. Fé e Império: as juntas das missões nas conquistas portuguesas. Manaus: EDUA, 2009<sup>a</sup>

MONTEIRO, Jonh. Tupis, Tapuias e historiadores- estudos de história indígena e do indigenismo. Tese apresentada para o concurso de Livre Docência. Departamento de Antropologia-IFCH. Universidade de Campinas-Unicamp. 2001.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





MOTT, Luis. Piauí colonial- população, economia e sociedade, 1985; 1987.VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. História geral do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1978[1854].

OLIVEIRA, Gleydson de Castro. Cavacando memórias: narrativas de história de visa de Deuzuila Machado, anciã indígena do povo Anapuru Muypurá do Maranhão. ABATIRÁ - REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS. Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XVIII. VI: n.2 Jul : Dez :: 2020. p. 1- 754.

SANTOS, Fabiano Vilaça dos. Da Paraíba ao Estado do Maranhão: trajetórias de governo na América portuguesa (séculos XVII e XVIII). Revista de História.161(2º semestre de 2009). 58-83.

PERRONE-MOISÉS. Beatriz. Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI ao sec. XVIII). Histórias dos índios no Brasil. (Org.) Manuela Carneiro da Cunha. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP,1992.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Nova divisão de regiões. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





## COMUNIDADES TRADICIONAIS: TERRITORIALIDADES EM CONFLITO NO INTERIOR DO MARANHÃO

Isaiás Silva Lopes – Discente do Curso de Turismo da UFMA campus São Bernardo. E-mail: lopes.isaias@discente.ufma.br

Andressa Martins – Discente do Curso de Turismo da UFMA campus São Bernardo. E-mail: andressa.martins@discente.ufma.br

Tatiana Colasante – Docente do Curso de Turismo da UFMA campus São Bernardo. E-mail tatiana.colasante@ufma.br

Simpósio Temático: Territorialidades e povos indígenas: Histórias e memórias

**RESUMO :** Povos indígenas e comunidades remanescentes quilombolas vêm sendo destituídos dos seus direitos há séculos. Isso se reflete na perda de seus territórios lócus do modo de vida desses grupos sociais que a partir de diferentes territorialidades expressam sua cultura, religião e memória. Nesse contexto, o presente trabalho tem como recorte analítico o quilombo Saco das Almas, localizado em Brejo-MA que historicamente sofre conflitos com sojicultores a partir da expansão da área cultivável que mitiga as condições de vida da comunidade, com poluição ambiental, perda de terras e ameaças, fazendo com que os quilombolas tenham que criar estratégias de resistências. Sugere-se o turismo como um dos instrumentos de enaltecimento, resistência e (re) existências desses sujeitos sociais utilizando-se a metodologia do diagnóstico participativo com a comunidade local, reconhecendo sua história, saberes, simbolismos, alimentos, danças tradicionais e demais manifestações culturais presentes no local. Como resultado do trabalho, a partir de dados coletados em pesquisa de campo, indica-se um roteiro de excursionismo como forma de valorização da identidade quilombola.

**PALAVRAS-CHAVE:** territorialidades. comunidades remanescentes quilombolas. identidade. turismo. diagnóstico participativo.

## TRADITIONAL COMMUNITIES: CONFLICTING TERRITORIALITIES WITH IN MARANHÃO

**ABSTRACT:** Indigenous peoples and remaining quilombola communities have been deprived of their rights for centuries. This is reflected in the loss of their territories, locus of the way of life of these social groups that, from different territorialities, express their culture, religion and memory. In

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



this context, the present work is analytically focused on the Saco das Almas quilombo, located in Brejo-MA, which has historically suffered conflicts with soybean farmers from the expansion of the arable area that mitigates the living conditions of the community, with environmental pollution, loss of land and threats, making the quilombolas have to create resistance strategies. Tourism is suggested as one of the instruments of exaltation, resistance and (re)existence of these social subjects using the methodology of participatory diagnosis with the local community, recognizing its history, knowledge, symbolism, food, traditional dances and other cultural manifestations present on site. As a result of the work, based on data collected in field research, an excursion script is indicated as a way of valuing the quilombola identity.

**KEYWORDS:** territorialities. remainingquilombola communities. identity. tourism. participatory diagnosis.

## INTRODUÇÃO

O turismo vem sendo uma atividade cada vez mais preocupada com o meio social e com seus impactos no meio onde está inserido. Nesse sentido, o turismo no espaço rural se destaca por ser um tipo de turismo oposto ao de massa, que degrada o meio em que está inserido, mais relacionado à comunidade local e usufruindo os saberes e fazeres locais. Desse modo também o turista está cada vez mais buscando esses locais, como aponta o Ministério do turismo (2018), onde encontra festas tradicionais, culinária e uma série de atividades que pode realizar ao ar livre, podendo também interagir com a comunidade local.

Por isso, pensar em estratégias e em planejamento que assegure às comunidades locais a manutenção de sua cultura é de suma importância. Contudo, muitas comunidades tradicionais são pontos de muito debate por se tornarem palco de entraves de lutas principalmente por suas terras que são cada vez mais cobiçadas pelo avanço dos grandes latifundiários, em busca de terras para plantações em grande escala, Brussio e Ferreira (2017) diz que as comunidades tem travado lutas e sido resistência contra os latifundiários e demais instancias que tem dificultado a posse pelas terras dos quilombos. Nesse aspecto, temos as ações sobre o território mediadas por interesses distintos, causando conflitos intensos.

Defende-se, portanto, que o turismo pode contribuir para a valorização dos territórios tradicionais e minimizar os conflitos, se tornando chave no processo de reconhecimento da cultura local, possibilitando ações com vistas à preservação dos elementos identitários, como argumenta Carvalho (2018).

Nesse sentido, o objeto de estudo da pesquisa foi o território do Quilombo Saco das Almas, situado no município de Brejo-MA, na região do Baixo Parnaíba Maranhense (Figura 1). O instituto

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





## 2. PROCESSOS METODOLOGICOS

Inicialmente, os procedimentos metodológicos do projeto envolveriam: a) pesquisa bibliográfica; b) pesquisa documental e; c) pesquisa de campo. Na primeira e segunda etapas foram analisados materiais de diferentes fontes para contribuir com o arcabouço teórico da pesquisa, a partir de estudos sobre território em uma perspectiva multidimensional e processual; a conformação territorial do Quilombo Saco das Almas e os processos envolvidos nessa dinâmica de luta pela conquista da titulação de suas terras e locus da identidade territorial; análise do Território do Baixo Parnaíba Maranhense pontuando sua dimensão social, econômica, cultural; elaboração de roteiros em comunidades tradicionais e em espaços rurais.

No entanto, a parte da pesquisa de campo que teria como objetivo analisar a potencialidade turística do local utilizando o diagnóstico participativo, registros de fotos, áudios e vídeos desses elementos representativos da identidade territorial quilombola teve que ser adaptada em função do período da pesquisa coincidir com a pandemia de coronavírus que restringiu as atividades presenciais a fim de preservar a vida de pesquisadores e comunidade.

Diante das limitações impostas para a parte prática da pesquisa, optou-se por utilizar coletas de dados e registros que foram feitos pela equipe do Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura (GPEMADEC) em 2019, já que na ocasião realizou-se uma visita à comunidade, na qual se teve contato com locais de interesse turísticos. Dessa forma, optou-se por utilizar as fichas de inventário participativo catalogando manifestações (i) materiais que foram mencionadas pela comunidade na ocasião em que o grupo esteve presente no quilombo. Com isso, conseguiu-se priorizar os elementos identitários apropriados de forma coletiva e que refletem o patrimônio quilombola. As fichas foram preenchidas de acordo com o modelo sugerido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

## 3. RESULTADOS

Como resultados destaca-se a grande potencialidade do quilombo em realizar um excursionismo, dada a partir do levantamento dos fazeres e saberes locais, enfatizado através da presença de locais, objetos e bens imateriais capazes de chamar a atenção do turista para a sua visitação, levando o mesmo a ter a curiosidade de permanecer no local (Figura 2). Entendendo assim que o turismo pode ser uma forma de resistência trazendo o fortalecimento dos ideais da comunidade e consequentemente agregando nas lutas de seus territórios.

Nesse sentido, a proposta de roteiro (Figura 3) tendo como público alvo a comunidade acadêmica, sai do Campus UFMA São Bernardo, partindo em direção ao quilombo no caminho

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



já se tem o contraste das plantações de soja presente em um vasto território mais que ao entrar no caminho que leva ao quilombo essa paisagem começa a mudar, pois se tem a presença das palmeiras e a vegetação nativa da região.

Tal percurso exige uma viagem de 2 horas, pois boa parte do caminho não é asfaltada. Nesse tempo, os discentes/pesquisadores do projeto serão os próprios guias apresentando os elementos presentes no percurso.

O local de encontro com a comunidade é uma das escolas públicas que poderiam receber em torno de 30 pessoas com infraestrutura suficiente para esse público, dispondo de cozinha, cadeiras, mesas e banheiros. Nesse ambiente, seria servido um lanche com comidas típicas locais (sucos de frutas, tapioca, dentre outros). Em seguida, teria a apresentação do tambor de crioula, manifestação cultural presente nos quilombos, seguindo de uma roda de conversa com os líderes e moradores locais escutando assim suas histórias.

O almoço vem em seguida com os pratos tipicamente locais (moqueca de peixe, mingau de farinha, paçoca de gergelim), após o almoço seria um passeio a pé pela comunidade conhecendo seu modo de vida, e no percurso da igreja para o cemitério escutar a lenda de João Velho, considerado milagreiro pela comunidade, conforme verificado em Ferreira et.al. (2020).

**Figura 2:** Elementos que remetem à ruralidade do Quilombo Saco das Almas



Fonte: Tatiana Colasante (2019)

Após esse *tour* com ricas discussões e conhecimentos seria o retorno a escola, assim oferecendo um lanche, logo após se teria uma exposição do artesanato local, com vendas de bio-joias e comidas típicas e pinturas. Logo após ocorreria o retorno para a UFMA, e no ônibus colheríamos o feedback dos visitantes com aplicação de questionários, buscando saber quais as experiências que chamaram atenção ao mesmo tempo tendo o retorno de avaliação do excursionismo.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:

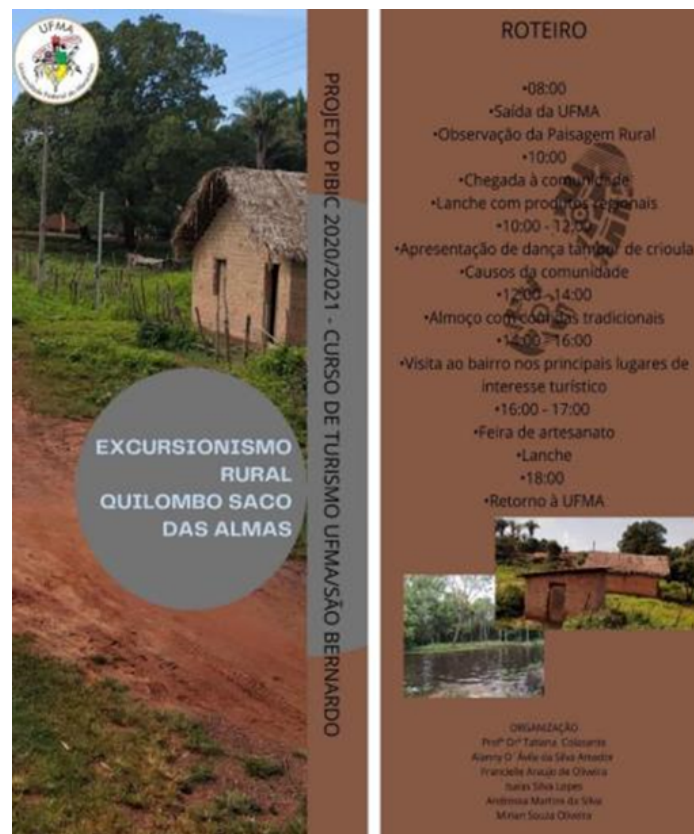


APOIO:



Há muitos conflitos no território Baixo Parnaíba Maranhense, pois possui muitas comunidades quilombolas (Matinha, Valença, Saco das Almas, São João dos Pilões, etc.) que ainda não tem a titulação de suas terras, sofrendo diversas violações aos seus direitos humanos em decorrência do avanço da fronteira agrícola do agronegócio da soja e do eucalipto. Com todos os conflitos territoriais e luta desses povos, o Baixo Parnaíba possui grande potencial para o turismo rural, turismo religioso, ecoturismo e turismo cultural e histórico, sendo, portanto, uma região rica de paisagens e histórias. A partir de análise das condições da comunidade em trabalho de campo realizado em 2019, verificou-se a importância de se pensar um desenvolvimento endógeno com a emergência de uma consciência de lugar no Baixo Parnaíba Maranhense.

**Figura 3:** Folder do roteiro turístico para o Quilombo Saco das Almas



Elaborado pelos autores (2021)

Nesse aspecto, a consciência de lugar é vital para a identificação e participação social, para a reprodução do lugar como espaço de convivência com relações comunitárias (BECATTINI; MAGNAGHI, 2015). Assim, a força da identidade territorial quilombola a partir da valorização dos seus elementos identitários pelo turismo pode contribuir para esse processo. Com a pandemia e o

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



crescimento de busca por locais ao ar livre, o desenvolvimento de atividades não agrícolas no espaço rural como complemento da renda, tem sido uma possibilidade viável para as comunidades rurais.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que existe viabilidade de criação de um roteiro para a realização do excursionismo que é uma prática de visitação que não implica em pernoite, entendendo que seria um teste para que posteriormente haja um roteiro turístico consolidado, com envolvimento maior da comunidade. Inicialmente, o plano de trabalho priorizou como público alvo a comunidade acadêmica, o que tornaria o processo mais interessante com o intercâmbio de saberes. Mas não descarta-se a possibilidade de ampliar a oferta para a comunidade externa, caso a comunidade esteja aberta a essa nova possibilidade.

Nesse sentido, a construção do roteiro elencou os principais pontos históricos e objetos de relevância cultural, levando em consideração as visitas já realizadas no local pelos pesquisadores do GEPEMADEC em 2019. Entendeu-se que o turista tem motivações na procura do turismo nos espaços rurais, como descanso, contemplação das paisagens, consumo de produtos regionais e envolvimento com a comunidade local.

Destaca-se como um ponto importante a valorização que a prática do excursionismo vai trazer para o local, mostrando que o quilombo tem parceiros no entrave de luta por suas terras. Nesse sentido, o turismo como ferramenta de valorização local tem mostrado seus benefícios em outros locais como demonstra Carvalho (2018).

Ainda se tem muito a se produzir para chegar à conclusão e efetivação da atividade turística no quilombo. Ressalta-se que a pandemia impossibilitou a ida ao quilombo e a realização do teste de excursionismo como se pretendia. No entanto, esse trabalho teve sua importância uma vez que identificou os saberes locais e ao mesmo tempo propôs um tipo de prática através da construção de um roteiro turístico demonstrando de que forma é possível aliar os saberes locais com o conhecimento científico, ao mesmo tempo, dando alternativas para que a comunidade autóctone possa pensar em ações para o desenvolvimento local.

#### 5. REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério do Turismo – Turismo cultural: orientações básicas. 2º ed – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BECATTINI, Giacomo e MAGNAGHI, Alberto. Coscienzadi classe e coscienzadiluogo. In:

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





BECATTINI, Giacomo. (Org.). La coscienza dei luoghi. Roma: Donzelli, 2015. p. 115-222.

BRUSSIO, Josenildo; FERREIRA, Dacileia Lima – A construção da identidade quilombola no quilombo Saco das Almas em Brejo – MA. In: Identidades, ideologias e democracia: múltiplos olhares nas Ciências Sociais. Anais da II Jornada de Ciências Sociais - São Luís: EDFUMA, 2017.

CARVALHO, Karoliny Diniz. O turismo rural como alternativa para o desenvolvimento das comunidades de Itamatatua e Santa Maria em Alcântara, Maranhão (Brasil). Revista de Turismo Contemporâneo, v. 6, n. 1, 2018.

BRUSSIO, Josenildo; FERREIRA, Dacileia Lima – A construção da identidade quilombola no quilombo Saco das Almas em Brejo – MA. In: Identidades, ideologias e democracia: múltiplos olhares nas Ciências Sociais. Anais da II Jornada de Ciências Sociais – São Luís: EDUFMA, 2017.

SILVA, Glaubécia Teixeira da; NOVO, Cristiane Barroncas Maciel Costa. Roteiro turístico. 2016.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





## **Simpósio Temático 06**

### **Produção espacial, territórios e dinâmicas socioambientais**

Coordenador:

- Prof. Dr. Thiago Pereira Lima

## DOS TRAPEIROS AOS CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS: UM DIÁLOGO ENTRE CAROLINA MARIA DE JESUS E WALTER BENJAMIN

Luís Felipe Moreira Soares<sup>1</sup>  
Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha<sup>2</sup>

**RESUMO:** Um dos grandes problemas da sociedade do século XXI, é a alta produção de resíduos sólidos, termo técnico utilizado a partir do século XIX para nomear lixo. Objetiva-se refletir sobre as práticas relacionadas à invisibilidade social e a problemática ambiental que une os trapeiros e catadores de lixo, que vivem em periculosa situação de vulnerabilidade social. Numa breve análise, tecemos diálogos entre Walter Benjamin (1892-1940), que em sua obra intitulada “Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo”, onde evidencia as circunstâncias sub-humanas dos trapeiros na cidade de Paris, em meados do século XIX, e Carolina Maria de Jesus (1914- 1977), em seu livro: “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, a autora narra as adversidades de uma catadora de papel na cidade de São Paulo na segunda metade do século XX. Ao eleger uma temporalidade tão distinta, a intenção é demonstrar que as condições às quais estas pessoas foram e são submetidas, integram um processo histórico-ontológico do ser humano, uma vez que as nomenclaturas para lixo, trapeiros e catadores foram apenas transformadas historicamente. Para sustentar as discussões, nos apoiamos em Eigenheer (2009), Cruz (2016), Soares (2006). As análises parciais das fontes, tentam evidenciar as condições de trabalho em sua materialidade, vulnerabilidade, fragilidade e precariedade; neste universo, visa-se, também, destacar os riscos iminentes de contrair doenças, tendo em vista seu contato direto com esses lixos. Contribuem para o processo de invisibilidade social de trapeiros e catadores todos esses processos supracitados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Walter Benjamin. Catadores. Invisibilidade Social. Resíduos.

**ABSTRACT:** One of the great problems of society in the 21st century is the high production of solid waste, a technical term used since the 19th century to name garbage. The objective is to reflect on the practices related to social invisibility and the environmental issue that unites ragpickers and garbage collectors, who live in a dangerous situation of social vulnerability. In a brief analysis, we weave dialogues between Walter Benjamin (1892-1940), who in his work entitled “Charles Baudelaire: a lyricist at the height of capitalism”, where he highlights the sub-human circumstances of the ragpickers

1 Estudante de Licenciatura em Filosofia- Cidade Universitária Dom Delgado  
Universidade Federal do Maranhão- UFMA. Ifm.soares@discente.ufma.br

2 Orientador: docente do DEFIL-UFMA, Professor Permanente do PPGCult-UFMA

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



in the city of Paris, in the mid-century XIX, and Carolina Maria de Jesus (1914-1977), in her book: “Quarto de Espelho: diary of a favelada”, the author narrates the adversities of a paper picker in the city of São Paulo in the second half of the 20th century. By choosing such a distinct temporality, the intention is to demonstrate that the conditions to which these people were and are subjected are part of a historical-ontological process of the human being, since the nomenclatures for garbage, ragpickers and scavengers were only historically transformed. To support the discussions, we rely on Eigenheer (2009), Cruz (2016), Soares (2006). The partial analyzes of the sources try to show the working conditions in their materiality, vulnerability, fragility and precariousness; in this universe, the aim is also to highlight the imminent risks of contracting diseases, in view of their direct contact with this waste. All these aforementioned processes contribute to the process of social invisibility of ragpickers and scavengers.

**KEYWORDS:** Walter Benjamin. Collectors. Social Invisibility. Waste.

## INTRODUÇÃO

Tentar levantar questões acerca do lixo ao longo da história do homem, sobretudo com precisão, não é uma tarefa muito fácil, ainda quando se tenta limitar a determinados períodos e fatos importantes que refletem para a atual situação sobre a temática em questão: trapeiros e catadores. Para vislumbrar esse panorama histórico, Eigenher (2009) vai refletir desde a antiguidade, com os sumérios, egípcios, gregos, romanos e entre outros, embora as pesquisas destacam-se a partir da idade média com o declínio das cidades. A discussão sobre resíduos sólidos ( termo técnico utilizado a partir do século XIX para nomear “lixo”) ganhou visibilidade e importância no presente século, em virtude da alta produção destes. Numa sintética-minuciosa análise, tecemos um possível diálogo entre o ensaísta, crítico literário e filósofo Walter Benjamin(1892-1940), que, em alguns dos seus escritos, especialmente em sua obra intitulada “*Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*”, reflete sobre as circunstâncias sub-humanas dos trapeiros na cidade de Paris, em meados do século XIX com a ascensão do processo industrial e como retrato, usar a autora, escritora e, conforme intitula Cruz(2016), a catadora mais famosa do Brasil, Carolina Maria de Jesus, usando seu livro como apoio, com o título “*Quarto de despejo: um diário de uma favelada*”; onde evidencia as adversidades do seu estágio enquanto catadora na cidade de São Paulo na segunda metade do século XX.

Dessa maneira, ao eleger dois autores que vivem em uma temporalidade tão distinta, objetiva-se refletir sobre as práticas relacionadas à invisibilidade social e a problemática ambiental que une os trapeiros<sup>3</sup> e catadores de lixo, que vivem em periculosa situação de vulnerabilidade social, assim como é pretendido demonstrar que as condições às quais estas pessoas foram e são submetidas integram

3 Nome dado ao que, atualmente, chama-se de catador.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



um processo histórico-ontológico; nesse sentido, o homem, antes mesmo da sua concepção sobre ser quem é, antes mesmo de se tornar um animal político( Aristóteles), ele já produzia lixo. Nas Escrituras Sagradas a questão dos resíduos também é destacada como intrínseca à existência humana, conforme está posto nos seguintes versículos: “Debaixo do céu há momento para tudo, e tempo certo para cada coisa: tempo de nascer e tempo de morrer; tempo pra chorar e tempo pra rir; [...] tempo pra guardar e tempo pra jogar fora; tempo pra rasgar e tempo pra costurar”. (Eclesiastes, cap.3.1,2,4,6,7). Assim, Cruz (2016) apresenta que, desde a pré-história, estudiosos apontam que o homem carboniza o lixo.

Segundo as definições de Antônio Carlos Gil(2002,p.44) a metodologia utilizada para desenvolvimento deste trabalho é a de pesquisa bibliográfica, pois tomou-se como base materiais já elaborados, tais como livros e artigos científicos, tendo como abordagem qualitativa em relação aos resultados. Sendo assim, o presente artigo se estrutura visando discorrer sobre as condições de trabalho dos trapeiros e catadores, destacando as circunstância vulneráveis que são submetidos e, por conseguinte, os riscos iminentes de contrair doenças, tendo em vista seu contato direto, onde contribui significamente para o seu recôndito. Além de discorrer sobre a política nacional de resíduos sólidos que teve grande importância para o manejo e destinação desses resíduos.

## 2. O ONTEM E O HOJE: RESÍDUO SÓLIDO

Sabe-se que há uma relação entre o meio ambiente e o organismo que nele vive: há uma ligação direta entre a humanidade e a degradação do mesmo, assim como a qualidade de vida de quem vive nesse espaço, desta forma, qualquer alteração feita no corpo natural, o ser humano é fundamentalmente atingido por essas dinâmicas. Assim, o consumo e a produção excessiva de materiais, resultará na geração de resíduos, conforme vai dizer Gonçalves em sua dissertação:

O excessivo uso de recursos naturais como matéria prima para a produção industrial, acompanhado por hábitos de consumo e desperdício altamente estimulados na população, contribuíram para a geração ampliada e variada de resíduos. Neste contexto, cada vez mais produtos são produzidos, redundando em mais e mais resíduos. Isso é agravado com a utilização crescente de embalagens descartáveis de alumínio, de ferro, de vidro, de plástico e de papel. ( GONÇALVES, 2004, p. 5)

Foi somente a partir da década 70, com o primeiro evento da ONU( Organizações das Nações Unidas) sobre meio ambiente e desenvolvimento humano, intitulada conferência de Estocolmo<sup>4</sup> , que o mundo começou a se preocupar com o meio ambiente, pois foi a partir daí que houve uma mudança

4 Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano que ocorreu em Estocolmo de 05 à 16 de junho de 1972, onde foi deliberado e promulgado 26 princípios comuns ao povo que oferecem ao mundo inspiração para melhorar e preservar este.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



na mão de obra humana por máquinas, ou seja, uma nova industrialização. Passando de um baixo nível de degradação para um nível altamente elevado, em virtude da alta produção e consumo, além do grande aumento da urbanização e crescimento demográfico, que passou a ter uma composição cada vez mais diversificada e perigosa.

Segundo Eigenheer (1999: 30), a partir da lógica capitalista “cria-se um paradoxo: é preciso consumir cada vez mais para viver e manter-se na vida moderna, ao mesmo tempo, que se torna necessário evitar que o produto final desse consumo – o lixo – nos ameace”.

Resíduo Sólido ou lixo? Lixo ou Resíduo Sólido? Abre-se um leque de possibilidades na hora de escolher qual é o termo adequado. Para uns, lixo, “é aquele que a destinação final é o lixão/aterro sanitário, aquilo que não tem valor, aliás, o único valor, é negativo; enquanto para outros, o resíduo sólido é um termo mais técnico para dá nome ao que chama-se, diariamente, de lixo; ou então, aquilo que pode se aproveitar. No dicionário Houaiss (2001) a palavra lixo está designada como:

“Qualquer objeto sem valor ou utilidade, detrito oriundo de trabalhos domésticos ou industriais que se joga fora; uso informal ou de forma pejorativa: coisa ordinária, malfeita, feia; pessoas sem qualquer dote moral, físico ou intelectual; a camada mais baixa da sociedade; escória, ralé”.

Desta forma, o termo “lixo” é utilizado de forma provocativa e inadequada dentro de um corpo social, além de promover a exclusão dentro da atual sociedade extremamente capitalista. Partindo das seguintes frases: “Para o homem não existe nada melhor do que comer, beber e encontrar prazer em seu trabalho”. (ECLESIASTES 2;24), “O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo” (GÊNESIS 2;15), e que “o trabalho dignifica o homem” (autor desconhecido), afirma-se também de que o termo lixo promove e sustenta a exclusão e invisibilidade dos catadores e catadoras. Quanto ao resíduo sólido, é utilizado mais no meio acadêmico e por técnicos, segundo o mesmo dicionário Houaiss (2001) define como: “aquilo que sobra, o que resta de qualquer processo”. No Brasil, essa discussão sobre Resíduo sólido vem ganhando importância há um pouco mais de 30 anos, teve início com a Constituição Federal, que diz em seu artigo 225:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Conforme diz Cruz(2016), embora a temática e a preocupação seja sobre Meio Ambiente, por se tratar de Resíduos Sólidos, o cuidado antes de tudo, também é sobre saúde pública. Sendo assim,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



foi necessário estender a discussão ano após ano, até que em 2010 foi promulgada a Política Nacional de Resíduos Sólidos( PNRS). Onde ganhou grande destaque na questão do estímulo à disposição e destinação adequada dos resíduos sólidos. É necessário destacar a importância com os grupos dos numerosos trabalhadores e trabalhadoras, que sofrem com a invisibilidade social.

### 3. TRAPEIROS E CATADORES

O catador de Materiais Recicláveis ou de Resíduos Sólidos não é um ofício do cenário atual, nem tampouco se restringe somente ao Brasil, conforme diz Juncá (2001):

“Em 1857, um poema chamado ‘O vinho dos trapeiros’ de Charles Baudelaire, já fazia referência à atividade do catador. No Brasil, é a figura do ‘velho garrafeiro’, do começo do século XX, que põe em evidência tal atividade, que se expande com o desenvolvimento da sociedade industrial”.

Como diz Juncá(2001), não se trata de uma atividade atual, mas com o passar do tempo vem ocupando cada vez mais espaço no mercado de trabalho, embora muitas coisas precisam ser feitas para ter-se uma qualidade básica no trabalho destes; é um abismo muito grande entre qualidade no trabalho e o ofício em questão. Cabe, aos catadores, seja mulher ou homem, selecionar materiais que podem ser reaproveitados e direcioná-los à cooperativas ou instituições responsáveis pela reutilização. Da coleta ao destino final, que cabe ao catador, destacam-se muitas questões que levam a sua invisibilidade, seja pelo tratamento que tem, seja pela desvalorização do trabalho, seja pelo preconceito que sofre. Os passos que dão-se para o processo de visibilidade e importância é de “formiguinha”, no entanto, houve um grande passo:

“Somente em 2002 a ocupação catador de material reciclável foi incluída na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, cabendo a esse profissional: catar, selecionar e vender materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis”(GONÇALVES, 2004, p.12)

#### 3.1. TRAPEIROS EM WALTER BENJAMIN

É considerável olhar as circunstâncias que envolvem os catadores e trapeiros atualmente, no entanto faz-se necessário destacar a cronologia de fatos que decorreram para tentar olhar o presente de forma analítica, conforme vai citar Laurentino Gomes: “um país que não estuda história é incapaz de conhecer a si próprio”. Portanto, essas discussões trouxeram algumas reflexões ao longo da história

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



por grandes revolucionários. Assim, o filósofo Walter Benjamin, nos seus escritos sobre a boêmia do século XIX, faz referência à figura do trapeiro:

O maior número de trapeiros surgiu nas cidades desde que, graças aos novos métodos industriais, os rejeitos ganharam certo valor. Trabalhavam para intermediários e representavam uma espécie de indústria caseira situada na rua. (BENJAMIN, 1997, p.16).

O trapeiro é uma personagem que se apresenta no livro *“Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo”*, como o “catador” de papéis, sucatas, trapos e, muitas vezes, como “aquele que está a procura de comida”; figura típica que surge na cidade de Paris do século XIX, profissão essa que fica popular em virtude da demanda que a própria Paris institui, do aumento de detritos e do rápido avanço industrial. Fosse “novo” ou “velho”, limitava-se, os instrumentos, para tal ofício, apenas ter cesto, lamparina e um pegador(gancho).

### 3.2. O CATADOR EM MARIA CAROLINA DE JESUS

Maria Carolina de Jesus, mulher catadora, moradora da favela de Canindé, às margens do rio Tietê, responsável pela obra *“Quarto de despejo: um diário de uma favelada”* (best seller, segundo a Oxford, sucesso de vendas). Obra que discorre sobre a vida dessa catadora que foi vítima de uma expansão e crescimento do Brasil ficando às margens e aglutinada em uma periferia sob condições de sofrimento e miséria.

A publicação da obra marca um ponto importante para a história dos resíduos e dos catadores, pois narra as péssimas condições de vida de uma catadora e preferida de Deus<sup>5</sup>, além de popularizar a sua obra em mais de 40 países e traduzidas em 13 idiomas diferentes. Podemos dizer que a autora jamais se resignou às condições sociais que lhe foram impostas, apesar de ter estudado somente até o 2º ano, mas sempre priorizou a educação dos seus 3 filhos. À saber, chamam-se: João José, José Carlos e Vera Eunice.

No contexto do trabalho de modo geral, Rodrigues (2002) aponta para o aumento do dualismo, visto que pode se perceber uma guerra nessas duas esferas: trabalhador qualificado e bem remunerado e, do outro lado, o não qualificado que tem, no ofício, a precariedade. o último que, também trabalha informalmente, tornam-se cada vez mais vítimas do fenômeno da invisibilidade social.

Dentro dessa sociedade contemporânea, o almejo dos catadores ainda é muito básico: direito à aposentadoria, carteira assinada, reconhecimento, equipamentos básicos para o manejo desses equipamentos, e melhores condições de trabalho.

5 mesmo que: os miseráveis, os excluídos, aqueles que vivem à margem.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



### 3.3. OS INVISÍVEIS

Em 2002, foi oficializado a profissão de catador de resíduos sólidos pelo Código Brasileiro de Ocupações(CBO), entretanto há uma grande dificuldade em registrar totalmente essa classificação no mercado de trabalho, pois, segundo a IPEA, as diferenças de nomenclatura utilizadas nos últimos Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dificultam uma comparação de dados mais precisa sobre esses trabalhadores, impossibilitando analisar a evolução de sua condição social ao longo do tempo. Os coletores, no fim do século passado, eram denominados pelo IBGE por *Outras ocupações e ocupações mal definida*; anos mais tarde, foram tratados por *lixeiros*; de lixeiros, passaram a ser *catadores de sucata*; Apenas no Censo de 2010 a atividade está representada como *Coletores de lixo e material reciclável*. E as mudanças continuam, dificultando ainda mais uma análise mais ampliada desse público.

Segundo o Censo demográfico de 2010, 387.910 pessoas se declaram catadores de resíduos sólidos no Brasil. Porém, estas informações devem ter espaços para margem de erro em decorrência às nomenclaturas que foram sendo alteradas ao longo do tempo. Sendo assim, o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada- IPEA, em 2013, apontam dados similares aos do Censo, uma variação de 400 mil a 600 mil catadores. Onde na Região Nordeste está presente cerca de 30% do total, uma média de 116.528 pessoas. A respeito da educação, o analfabetismo ainda é mais exacerbado, tornando-se superior à média nacional, chegando a 34% de analfabetos. (RELATÓRIO Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável, IPEA 2013 p. 5-28).

## 4. METODOLOGIA DA PESQUISA

De acordo com Gil (2002), a pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo apresentar respostas aos problemas que são propostos. Para realizarmos a pesquisa é preciso termos como base um método, pois “[...] a metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou estudo, ou para se fazer ciência”. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.12). Desta forma, a metodologia apresenta-se como fator que determina a validade do destino para alcançar o fim proposto pela pesquisa. Desta maneira, a pesquisa a ser desenvolvida define-se de natureza teórica que têm como abordagem metodológica interpretativa hermenêutica e qualitativa. Por isso, tem como base no método de pesquisa hipotético-dedutivo como objetivo exploratório no levantamento do material bibliográfico a partir dos textos para análise das discussões dos trapeiros/catadores em sua vulnerabilidade, invisibilidade e precariedade no seu universo de trabalho, com os textos dos teóricos: Walter Benjamin (1892-1940), que em sua obra intitulada “*Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*”, destacando as condições vulneráveis no século XIX

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





que os trapeiros são submetidos, sobretudo com a ascensão do capitalismo e Maria Carolina de Jesus (1914- 1977), em seu livro: “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*”, justificando que, mesmo com uma temporalidade tão dinâmica e distinta, as condições sociais permaneceram iguais.

Assim como a hermenêutica de textos de apoio dos seguintes comentadores serviram para elucidar a problemática levantada em torno da pesquisa: Emílio Maciel Eigenheer, Luiz Eduardo Soares e Maria do Carmo Alves da Cruz. Além de outras obras sugeridas ao longo dessa pesquisa para abrangência do entendimento dessa temática, trazendo um diálogo interdisciplinar entre Filosofia, enquanto ciências humanas, e meio ambiente, enquanto ciências sociais. Portanto, a pesquisa dissertativa seguirá com base no material bibliográfico mencionado, buscando os elementos de análise para, assim, ter-se uma interpretação reflexiva filosófica do pensador e da autora por meio de suas obras.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o século XIX, sobretudo a partir da revolução industrial essa categoria de pessoas estão inseridas no meio social, desenvolvendo seu trabalho de forma articulada, adaptando suas rotinas, sofrendo riscos constantes, e ainda são responsáveis por carregar a carga do sofrimento, no qual não se restringe às marcas deixadas pelo trabalho, mas, sobretudo, com a indiferença social. Assim, essas pessoas invisíveis necessárias Cruz(2016), enquanto sujeitos, portadores de direitos e deveres e principalmente como protagonistas da ação da reciclagem de lixo têm grande importância para o desenvolvimento sustentável, abrindo mão da sua própria saúde. Mas vale levantar a seguinte questão, ainda com tanta importância e protagonismo: o crescimento da invisibilidade e o aumento significativo de catadoras e catadores vêm aumentando paralelamente ao avanço industrial, desde a gênese do capitalismo; nesse linha cronológica, destacam-se os trapeiros e Maria Carolina que foi vítima desse sistema de segregação e produção em massa, quando diz:

Eu classifico São Paulo assim: o palácio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 2007, p.32)

Cruz(2016) diz que o lugar de segregação se constituiu tanto para o lixo quanto para os catadores e catadoras de materiais recicláveis, distanciando cada vez mais do alcance dos olhos e nariz, perdendo sua visibilidade. Com isso, nosso estudo se propõe a contribuir para melhoria dos meios e condições de trabalho em que esses trabalhadores são inseridos atualmente, bem como para romper a barreira que o capitalismo impera sobre a visibilidade desses agentes ambientais e sociais.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Não digam que fui rebotalho, que vivi à margem da vida. Digam que eu procurava trabalho, mas fui sempre preterida. Digam ao povo brasileiro que meu sonho era ser escritora, mas eu não tinha dinheiro pra pagar uma editora.

Maria Carolina de Jesus (1960)

## 6. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BÍBLIA. A. Testamento Eclesiastes. Português. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990. p. 862.

BRASIL. Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010. Estabelece a Política nacional de resíduos sólidos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/ato2007-2010/2010/lei/112305.html>.

Acesso em: 09/10/2021.

EIGENHER, Emílio Maciel. Lixo urbano: a limpeza urbana através dos tempos. 2009. Disponível em: <http://www.lixoeducacao.uerj.br/imagens/pdf/ahistoriadolixo.pdf>. Acesso em: 08/10/2021.

GONÇALVES, Raquel de Souza. Catadores de Materiais Recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde./ Raquel de Souza Gonçalves. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/ENSP, 2004. Disponível: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/5344/2/ve\\_%20Raquel\\_Souza\\_ENSP\\_2004.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/5344/2/ve_%20Raquel_Souza_ENSP_2004.pdf) > acesso: 07/10/2021.

IBGE. Censo 2010: população por município. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas\\_pdf/total\\_populacao\\_maranhao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_maranhao.pdf) >. Acesso em: 01/10/2021.

JESUS, Maria Carolina de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 9ª.ed. São Paulo: Ática, 2007.

JUNCÁ, D. M. C. et al. A mão que obra no lixo. EdUFF/RJ; 2000.

JUNCÁ, D. M. C. Vida de Cata-Dor: outras palavras sobre o lixo. In: CEAS. Salvador, nº 193, pp. 61-68, maio/junho de 2001.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





CRUZ, Maria do Carmo Alves da. **TRABALHO E INVISIBILIDADE SOCIAL: reflexões sobre as práticas da mulher catadora de materiais recicláveis em São Luís- MA.** 18º andar. 2014.

CRUZ, Maria do Carmo Alves da. **As invisíveis Necessárias: trabalho de educação das mulheres catadoras de materiais recicláveis em São Luís.** Dissertação em programa de pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016

**RELATÓRIO SITUAÇÃO SOCIAL DAS CATADORAS E DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL E REUTILIZÁVEL: Região nordeste.** IPEA, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/situacaosocial/130820relatoriosituacaosocialNordeste.pdf> . Acesso em: 14/09/2014.

SOARES, Luiz Eduardo. **Segurança Pública e Gestão de Risco.** Estudos Avançados 20 (56), 2006, p. 96-106.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## PARA ALÉM DA PROPRIEDADE RURAL: A IMPORTÂNCIA DA REFORMA AGRÁRIA COMO SOLUÇÃO AMBIENTAL PARA O BIOMA BRASILEIRO

Bruna dos Santos <sup>1</sup>  
Mestranda História

**RESUMO:** A análise proposta por este escrito tem a oferecer uma visão histórica social para os conflitos por terra que são um problema constante na política brasileira. As discussões sobre o tema são atemporais, e prometem sempre se absterem de contextos sociais que nos permitem enxergar muito além da propriedade rural como meio de produção. Essas abrem os olhos para os reais problemas que o campo sofre, e para a interferência massiva que o latifundiário oferece na economia, bem estar e catástrofes ambientais. Precisamos dar a devida importância para a Reforma Agrária a nível nacional com efetividade. Não só porque redistribuir as terras proporciona subsistência ao pequeno e médio agricultor, mas porque o solo está sendo usado de forma indiscriminada e sem cuidados. A mata vem sendo destruídas e o indígena vem sendo expropriado de suas terras. A reforma deve ser vista não só como uma política pública, mas como a solução para viabilizar melhores condições de vida para a sociedade e o bioma brasileiro. Por isso é preciso uma discussão sobre a sociedade de risco e as políticas públicas que o presente trabalho propõe.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reforma Agrária; História Social; Sociedade de risco;

Este trabalho tem por objetivo trazer uma análise dos conflitos por terra e as consequências para âmbito social. Em razão desse motivo, foi preciso uma análise sociológica embasada em autores que trabalham questões relacionadas a esse tema. Foram utilizados os pesquisadores Ulrich Beck, José de Souza Martins, João Pedro Stedile, Antônio Márcio Buainain, Paulo Schilling, entre outros, e através de sua análise pode-se averiguar os impactos que os conflitos por terras podem causar à sociedade. Para tanto, foi necessário conhecer mais sobre tais conflitos. Essa perspectiva trouxe ao trabalho uma abordagem histórico-sociológica. Desse modo foi possível apropriar-se da História para calcar o estudo dentro de uma contextualização. Isso porque, os conflitos existem desde a colonização portuguesa no Brasil.

Foi preciso delimitar o período estudado ao século XX. Optou-se por ele, pois dá conta de boa parte dos conflitos contemporâneos que até hoje reverberam em nossa sociedade. A história e as mídias de comunicação nos fazem conhecer os problemas que o Brasil (e o mundo) vem enfrentando na esfera ambiental. Há margem para que pensássemos em possíveis soluções, ou, de forma mais modesta,

<sup>1</sup> Mestranda História – Universidade do Vale dos Sinos, Unisinos – Bolsa Capes

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



enxergar a realidade e ver além dos problemas ambientais, mas também políticos, econômicos e sociais.

Por meio de uma breve análise, a historiografia nos permite relacionar a forma como as terras latifundiárias foram adquiridas ao longo da História do Brasil. Sabemos que sesmeiros e posseiros obtiveram a propriedade privada de suas terras através da Lei de Terras de 1850. Essa lei foi redigida sob a base de teorias liberais, que efervesciam em pleno século XIX em países emergentes, como é o caso dos Estados Unidos. Para os yankees o processo aconteceu através de programas de governo que desapropriaram e redistribuíram massivamente as terras (sem ideal de lucro). Após a Guerra de Secessão (1865), houve uma necessidade desse tipo de representação. Haja vista que os industriários da região norte desejavam a expansão capitalista, facilitaram, por isso, o arrendamento das terras. Esse modelo foi copiado no Japão no pós-Segunda Guerra.

Já no Brasil, a Lei de Terras de 1850 permitiu que a propriedade de terras fosse legalizada, e que a compra delas fosse, de fato, permitida. As terras deixaram de pertencer ao Estado (que naquele momento era o Império Brasileiro) e podiam ser adquiridas por homens comuns. O privilégio, no momento da aquisição, era para aqueles que já estavam sob a posse da terra, precisando apenas comprovar, por meio de documentação obtida por um agrimensor, seu tamanho e localização.

Não me estenderei nessa parte, mas ora, quem teria condições financeiras de pagar pelos serviços profissionais de um agrimensor? Eram aqueles abastados. Os que estavam nas camadas mais altas da elite. Quem foram os homens que propuseram uma lei que beneficiasse somente uma parcela pequena da sociedade rural brasileira? Como consequência de uma Lei elitista, liberal e excludente, muitos imigrantes, indígenas e alforriados precisaram vender sua mão-de-obra a esses homens. Criou-se assim uma classe de trabalhadores rurais sem propriedade da terra. O número de proprietários era menor do que de trabalhadores. As extensões das terras eram cada vez maiores sob o mando de poucos.

Há, por conta disso, a necessidade de realizar uma reforma na esfera agrária nos anos vindouros a formação da República Brasileira. O autor e estudioso do tema, João Pedro Stedile (2020) diz que:

A Reforma Agrária pode ser caracterizada como um programa de governo que busca democratizar a propriedade da terra na sociedade e garantir o seu acesso, distribuindo-a a todos que a quiserem fazer produzir e dela usufruir.

Ao entrarmos nessa questão precisamos entender quem e por que quer uma Reforma Agrária. Existe uma discussão política e econômica que barra a realização dessa reforma. Essa de fato ainda não aconteceu, mesmo mais de 100 anos após a Proclamação da República Brasileira. Igualmente sabendo de sua importância para a distribuição das terras produtivas do Brasil. No país existem entre os apoiadores da reforma e redistribuição de terras, dois grupos diferentes que se opõe. Um liderado por latifundiários, políticos, empresários e líderes religiosos. Esses desejam estar à frente da negociação para que seja realizada de maneira que lhes agrade. Ou seja, sem prejudicar seu capital,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



riquezas e poder. Para o latifundiário, a Reforma Agrária, constituiria na distribuição de terras, desde que não interferisse nas suas, ou que, o pequeno agricultor pudesse trabalhar a terra do latifundiário, com a finalidade de trazer resultados para o todo. Dessa forma, o proprietário receberia o lucro da terra, em troca de sua posse. Para tanto, é importante salientar que esse grupo não se preocupa com os riscos e impactos que pesam os seus empreendimentos. O pesquisador e sociólogo Ricardo Braga Brito diz que grandes proprietários e grileiros “viam na terra interesses especulativos e a constituição de áreas de turismo e/ou constituição de áreas habitacionais” (BRITO, 2021, p. 333).

Outro grupo é liderado por pequenos agricultores, movimentos sociais rurais e políticos de esquerda. Esses lutam pela redistribuição mais humanitária e visando a qualidade de vida e do meio ambiente. Os dois grupos não se cruzam e fazem oposição.

Entre as formas de redistribuição de terras, o Brasil se enquadra no sistema de transferência por meio de decreto. Assim, de forma compulsória, é entregue ao Estado, mediante indenização. Esse sistema dá ao proprietário maior liberdade para negociar os valores de compra e venda. Stedile (2020) diz que a possibilidade de confisco, no Brasil, só ocorre quando as fazendas são usadas para contrabando, narcotráfico ou plantio de psicoativos – como, por exemplo, a maconha.

Ao longo da história do nosso país tivemos vários movimentos que lutaram em prol dos pequenos agricultores e sem terras. Alguns tiveram uma trajetória curta. Mas o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, O MST, é o que perdura na luta pela classe. Atualmente, ainda não temos uma Reforma Agrária consistente, que contribua, de fato, econômica e socialmente para o Brasil.

Mas o que seria uma reforma justa? Primeiramente é importante definir o problema da grande propriedade: em 1849, o Tenente General Francisco José de Souza Soares e Andréa (SCHILLING, 1963, p. 11), Presidente da Província do Rio Grande, na época, relatou a Assembleia Legislativa Provincial que:

Um dos grandes obstáculos que se tem oposto nesta Província ao desenvolvimento da Agricultura, e mesmo ao da População, é a existência de grandes fazendas, ou antes de grandes desertos, cujos donos, cuidando só, e mal, da criação, tem o direito de repelir de seus campos as famílias desvalidas que não têm aonde se conservar de pé.

... uns poucos fazendeiros sucessivos fazem deserta uma porção de terrenos maior do que a ocupada por alguns pequenos estados da Alemanha e as famílias pobres andam errantes a pedir abrigo a um ao outro, sem que alguém lhe valha.

Aqui estamos falando do século XIX. Período da história em que o Brasil vivia sob o regime político imperialista. Mas com a República as mudanças, nesse setor, não foram tão visíveis.

O MST nos informa que, no Brasil, são cerca de 350 mil famílias vivendo em terras conquistadas por meio das lutas da organização. É preciso entender que não é um número totalizante. Há muitas

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



famílias que ainda lutam por seu espaço. Além disso, os assentamentos possuem poucas benfeitorias e infraestrutura, como por exemplo, falta de saneamento, energia elétrica, educação, acesso a cultura e lazer. Para termos noção da importância do Movimento para a sociedade, recentemente saíram matérias em jornais importantes do país como Folha, Globo e BBC, que dão conta dele ser o maior produtor orgânico no país, ou seja, sem uso de agrotóxico. Em meio à crise pandêmica do COVID-19, o MST manteve os preços de seus produtos. Fez muito mais, distribuiu alimentos (mais de 5 mil toneladas) e marmitas nas periferias rurais e urbanas brasileiras, segundo o jornal Folha de São Paulo.

No livro, “O que é a Reforma Agrária”, Paulo Schilling (1963) cita pensamentos de filósofos, atores sociais e políticos, como é o caso do padre Lebrecht, que diz que

A quem prejuízo, dizes, guardando o que é meu? Dize-me: a que chamas de ‘teu’? De que fonte recebestes o que está a serviço da tua vida? Os ricos são como alguém que após reservar um lugar num teatro impedisse a entrada de outros, por considerar como seu bem próprio o que está destinado ao uso comum de todos.

Vemos em suas palavras que a Reforma Agrária visa o bem-estar e igualdade de direitos de todos, acesso as terras e seu uso. Seria um erro não perceber que a Propriedade Privada da terra só aumenta as desigualdades sociais e o empobrecimento econômico do país. O autor trás, ainda, dados sobre a economia agrária brasileira da década de 1960, que não mudaram muito de lá para cá:

O monopólio da terra representa uma série de limitações ao desenvolvimento da agricultura. Dessas, sem dúvida, a mais importante é representada pela renda territorial paga pelos camponeses sem terra e mesmo por empresários capitalistas aos latifundiários.

Por isso, Joaquim Nabuco, nos explica qual o tipo de Reforma Agrária seria ideal para nosso modelo brasileiro. Para a sociedade rural, para a economia e para o controle desenfreado do colapso ambiental que o Brasil vive. É preciso repensar essa estrutura, pois “não há outra solução... senão uma lei agrária que estabeleça a pequena propriedade... É preciso que os brasileiros possam ser proprietários de terra e que o Estado os ajude a sê-lo” (SCHILLING, 1963, p. 107).

Para Schilling (1963), a Reforma Agrária tem como principal propósito a democratização da propriedade. Permitir o acesso e fixação do homem a terra como proprietário. Deve ter em vista, principalmente a difusão da pequena e média propriedade e cooperativas, para corrigir os aspectos negativos do minifúndio. Antes do Regime Militar ditatorial que o Brasil passou a partir de 1964, houve uma intensa luta pela Reforma. À época, governos estaduais, com o apoio de intelectuais de esquerda visaram apresentar projetos que manifestassem essa mudança. Sabemos que o mundo passava por um pós-Guerra. O medo do Comunismo efervescia. Por conta disso, falava-se nos jornais, que a Reforma seria um ato ideológico, associado à União Soviética e a China. Virou uma luta entre opositores políticos.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



É importante contextualizar esse processo, para podermos avançar na discussão. O mundo está passando por intensas transformações. As tecnologias mudam quase que diariamente. O planeta urge por mudanças no pensamento social que se oponha a destruição ambiental. Através de políticas capitalistas, destrutivas e excludentes, muitos países são responsáveis pela manutenção do fim do seu bioma. Como é o caso do Brasil. Temos um histórico de apropriação de latifundiários. O resultado do uso da terra de maneira compulsória é devastador e vem causando alerta máximo nos especialistas ambientais.

A partir daqui enxergamos a importância de estudarmos Ulrich Beck (2011), e seu clássico “Sociedade de Risco”. A distribuição de terras, para além da pequena e média agricultura, vem cada dia mais destruindo a biodiversidade brasileira. A um custo provavelmente irreversível. E, como Beck fala “o processo de modernização torna-se ‘reflexivo’, convertendo-se a si mesmo em tema e problema” (BECK, 2011, p. 24). Estamos, atualmente, na iminência de um colapso e a probabilidade de o planeta não suportar mais a nossa demanda. Em entrevista recente, Ana Chã, do coletivo de cultura do MST, diz que,

A maneira de trabalhar a terra e repensar as conexões entre campo, ser humano e cidade integra o pensamento adotado oficialmente pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, desde 2007. “A redistribuição de propriedade é algo central, mas nos assumimos como produtores de comida e passamos a aprofundar experiências agroecológicas que eram mais isoladas. É um modo de produção que nos permite repensar a vida”.

Um bom exemplo do problema causado pela modernização foi o governo de Juscelino Kubitschek. Sua meta de desenvolvimento era o crescimento industrial. Em seu governo a produção do setor cresceu 80%, com destaque para o aço, mecânica, elétrica e comunicação. Essa expansão industrial gerou, com a concentração de capital, a entrada de empresas multinacionais no país. Deixou poucas oportunidades para o pequeno capital interno. Com o plantio do trigo interno recebendo interferências das importações de insumos, o setor entrou em crise e a dívida externa se tornou um grande problema para a economia do país por muitos anos. Em seu trabalho sobre o desenvolvimento agrário do período, Israel Gil da Silva Mendonça (2016) fala sobre alguns desses problemas:

A industrialização também gerou desequilíbrios regionais ... a principal diferença entre o Nordeste e o Centro-Sul do Brasil era a industrialização. Enquanto a economia do Centro-Sul diminua a sua dependência em relação aos recursos externos, a partir de maiores investimentos em bens de capital e na ampliação dos mercados industriais, o primeiro caso, produzia pouquíssima renda monetária, dificultando as transações comerciais entre esse e o Sul, gerando a necessidade de capitais externos. O elevado aumento populacional tendia ainda a gerar retrocesso econômico.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





As consequências catastróficas para o trabalho rural e o pequeno agricultor tornaram-se iminentes. Ou seja, os processos de modernização, que tem por objetivo sanar determinados problemas, acabam por causar outros riscos, como o desemprego, a miséria, e até mesmo a falta de instrução educacional suficiente aos trabalhadores da nova ordem de modernidade.

Na esfera rural, as dificuldades causadas por esses processos, sem a implementação de uma Reforma Agrária eficaz, acabam por marginalizar o pequeno e médio agricultor. Não à toa temos inúmeras famílias em situação de abandono pelas políticas públicas. A explicação que Beck nos traz é de que “começam a convergir na continuidade os processos de modernização as situações e os conflitos sociais de uma sociedade ‘que distribui riqueza’ com os de uma sociedade ‘que distribui riscos’” (BECK, 2011, p. 25).

Os riscos que a sociedade corre, refletem no meio ambiente. Os desmatamentos, e a destruição da nossa biodiversidade estão impactando vidas, não só no meio rural, mas também urbano. É de esperar o crescente aquecimento das temperaturas globais. Uma vez que a biosfera está sendo diretamente atingida pelas políticas econômicas de risco desenfreado do solo. Há uma industrialização forçada e o acúmulo de terras para servir ao agronegócio. E, para completar esse grupo de riscos, existe uma desumanização da agricultura familiar, que, possivelmente, traria resultados benéficos para todo o sistema fundiário, econômico e social do país.

Atualmente há um intenso trabalho para que o Brasil continue sendo um dos maiores exportadores mundiais de alimento. No começo da formação da República Brasileira não existiam tecnologias capazes de dar conta do clima tropical em que estamos inseridos. Mas fomos eficientes em desenvolver sistemas para corrigir o solo e sistemas produtivos adaptados aos trópicos. E mais, criar uma variedade de cultura comparada a países desenvolvidos. Os principais produtos são grãos, carnes, fibras, produtos florestais e frutas. E, mesmo assim, toda essa tecnologia não garante um futuro favorável. Alimentos básicos de qualidades e preços competitivos abastecendo o mercado interno, se tornam importantes aliados econômicos para controlar o aumento de renda e crescimento populacional. O mercado externo possui grande potencial por conta da diversidade de produtos e procura de todos os mercados. No processo histórico da economia agrária brasileira viu-se a necessidade de abrir o mercado para venda externa, pois começou a existir um aumento de produção além do necessário para o consumo interno.

Para além da questão econômica, o agricultor precisa conhecer problemas relacionados ao meio ambiente e questões sociais que incluem produção, transporte, processamento e comercialização. Tudo isso sob a implicação na saúde humana. Até porque existe, por parte do consumidor final, a preocupação com o produto que está vindo para suas mesas. Esse tipo de cuidado vem sendo tomado recentemente, na história contemporânea, algo que há pouco tempo nem se pensava.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Outra grande preocupação dos tempos atuais é a preservação da fauna e flora, os recursos naturais e os diferentes biomas. Cada vez mais há uma pressão para a conservação devido ao aumento populacional e a má gestão pública.

As catástrofes que vêm ocorrendo no Brasil trazem uma discussão pertinente junto aos problemas do aquecimento global. Os desmatamentos como atividade do agronegócio vêm pesando negativamente tanto interna quanto na política externa. Investidores, empresários e ativistas têm estado de olho no Brasil. Há outro grande empecilho nos investimentos no país: as denúncias de trabalho escravo. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), no período de 1995 à 2020, em torno de 55 mil trabalhadores foram libertos de situações análogas a de escravidão em zonas rural e urbana.

Para estudiosos do tema, como Antônio Márcio Buainain (2020) uma das formas de transformar as relações homem + capital = meio ambiente seria por meio do apoio ao pequeno produtor. Nesse ponto, entra a questão da Reforma Agrária. O fato dos programas de governo a nível federal que vem sendo postos em prática, ajudam, mas não de todo. Ainda existem pequenos produtores e homens sem-terra, que buscam seu espaço para trabalhar. Como resolver essa questão sem abrir mão dos benefícios já adquiridos e, ao mesmo tempo preservando o bioma? Um dos grandes problemas da ausência de uma Reforma Agrária consistente, diz respeito ao próprio capital que o agronegócio envolve. No final do século XIX, a mão de obra escrava foi drasticamente substituída pelo trabalhador livre. Porém não havia, por parte do latifundiário, o preparo para essa substituição. Podemos concluir que as mudanças das relações de trabalho impactaram o social e econômico do setor rural. Vamos ter trabalhadores em situação muito próxima a escravidão, já que essas relações não eram capitalistas, como José de Souza Martins (2010) nos esclarece, e sim travada por questionáveis artifícios. Assim como um êxodo para as grandes cidades que estavam surgindo.

Existe, no ato de ocupar as terras uma ação coletiva que diz respeito à luta pela terra. Trata-se sempre de uma organização que parte de camponeses, envolvidos nessa relação. Entre os desejos desses agricultores está à autonomia de produção e “de possibilidade de se estabelecer e garantir a reprodução material e social” (BRITO, 2021, p. 333).

É importante salientar que a divisão da terra e a Reforma Agrária não são problema que a humanidade sofre somente na contemporaneidade. Desde a criação do estado temos embates pela terra e sua redistribuição. Temos miséria, desigualdade e uma multidão de pobres, mantidos pelo Estado. Em contrapartida, sempre houve um número reduzido de famílias que viviam no luxo. Sabemos pela História da Antiguidade que homens como Licurgo, Tibério Graco e Henrique VII, estiveram à frente dos ideais de distribuição de terras. Plutarco nos conta que Licurgo dividiu a terra entre os homens de sua sociedade. Esses passaram a viver “juntos num regime de absoluta igualdade e completa comunhão de bens” (SHILLING, 1963, p. 55).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Já a lei que Henrique VII promulgou, dá conta da seguridade de seus cultivadores, e uma porção de terra suficiente para que os indivíduos usufríssem decentemente de bem-estar e vivendo de sua subsistência. Da forma que foi redigida os homens não estariam sujeitos a um regime servil. Isso diz muito sobre as diferenças que existem para cada período, época e sociedade. Permite-nos perceber que não existe a fórmula certa, e que ela deve ser adequada a cada sociedade. Mas que independente de como for feita, deve ser feita.

A importância da Reforma Agrária está, então, como já vimos, para prover e promover o bem-estar daqueles que vivem da agricultura. Principalmente os que vivem de maneira paupérrima, e que a terra é o único meio de vida. Também, muito além da propriedade, devemos analisar os riscos que o latifúndio traz a nível ambiental. Não há dúvidas de que a grande propriedade tem como objetivo o lucro capitalista. Não seria de todo mal, se os problemas ocasionados pelo desenvolvimento desenfreado não trouxessem problemas aqueles que estão à margem, seja econômica ou socialmente.

Falar em desenvolvimento de um país é olhar para além do ganho econômico e enxergar as perdas que políticas públicas mal desenvolvidas podem trazer e condicionar os indivíduos a aceitar situações de miséria. Essas podem vir, não só pelo desemprego ou ausência de trabalho, mas pelas próprias catástrofes ambientais que atingem regiões inteiras, matando e destruindo tudo, por onde passam. Como no caso de Mariana e Brumadinho. Acidentes que aconteceram com apenas 3 anos de diferença. As tragédias trouxeram impactos ambientais e inúmeras mortes e desabrigados. Os sites de imprensa brasileira dão conta de que há, no país, muitas barragens em situação crítica, prontas para se romperem. Não podemos normalizar catástrofes como essas. Em 2020 foi criada lei, que estabelece a proibição de construção de barragens do tipo “a montante”, usado em Brumadinho e Mariana. Esse é o método usado em diques de contenção que se apoiam sobre o próprio rejeito depositado. E mais, a lei dá conta ainda de que todas as barragens construídas dessa forma devem ser desativadas até 25 de fevereiro de 2022. O problema não acaba por aí, porém é um passo dado a favor da vida. Mas ainda é preciso muito mais. Ora, uma boa solução seria condicionar o uso da terra. E uma dessas formas é distribuindo a terra para a pequena agricultura, que usa o solo de maneira mais consciente.

Muitos países pelo mundo a fora já passaram por esse processo. Cada um a sua maneira. Resta a nós, entendermos a sua importância e como ela influencia significativamente no bem-estar social e econômico de uma nação. O desenvolvimento econômico não diz respeito somente à industrialização e existe a possibilidade de alcançarmos níveis mais altos dentro da esfera global quando todos se beneficiarem e as desigualdades diminuir. Para essa conclusão, basta olharmos a PL490 que vem sendo articulada na Câmara e Senado brasileiro. Vamos enxergar a lacuna existente entre o mundo capitalista e sua opressão constante. A vida de milhares de pessoas depende dos ajustes dessas leis para sua sobrevivência, e nesse momento, a preservação de espaços já estabelecidos. Ao permitir que as terras indígenas percam sua demarcação, já estabelecidas anteriormente, o Governo Federal

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



abre caminho para a destruição desses grupos sociais e tiram mais uma vez a oportunidade para que camponeses recebam seu galardão de terras.

A PL490 permite que homens não indígenas possam adentrar as aldeias sem autorizações prévias desses grupos, desrespeitando seus direitos. Com exceção de auxílio médico ou para intermediar ação estatal de utilidade pública, qualquer contato com o exterior pode ser o fim de uma comunidade indígena inteira. Na Constituição de 1988 existe a garantia de que grupos indígenas possam usufruir de seus usos e costumes. Por isso, se eles optam por não manter contato com os não indígenas, é totalmente aceitável pelas Leis do país. O Projeto de Lei está acabando com esse direito. Mas de maior gravidade é saber que a partir da aprovação dessa lei, indígenas terão que comprovar a ocupação das terras desde antes da promulgação da lei. Ora, vimos que em 1850, sob a Lei de Terras, algo semelhante aconteceu, e muitos desses indígenas foram expropriados e mortos por não terem acesso a meios legais para tal feito.

Dessa forma, destacamos a ausência de políticas que possibilitem a Reforma Agrária e que isso possibilita o atraso ao desenvolvimento econômico ao país. Além disso, e muito mais grave, as consequências na esfera ambiental só aumentam sua importância e urgência para serem resolvidos.

## CONCLUSÃO

A Reforma Agrária, como Schilling (1963) disse, é algo que cada país deve encontrar o seu caminho para eliminar as contradições que barram o desenvolvimento de sua economia agrária. Isso nos indica a necessidade de se repensar as leis e políticas brasileiras. O autor Stedile corrobora a fala de Schilling quando diz que “o grau de importância ou de influência na luta internacional pela reforma agrária está presente de forma diferenciada em cada um dos países” (SDETILE, 2020, p. 13). É preciso olhar as especificidades do solo, clima, flora e fauna. Além disso, pensar no camponês que ocupa essas terras. Como o solo está sendo usado? Pensar nesse homem que vive da terra para sobreviver e não como o empresário que busca o capital como objetivo final. Ele olha só para si. Não enxerga além, porque não quer e porque não precisa. Esse olhar capitalista visa o desenvolvimento, lucro, exploração da mão de obra e o enriquecimento de uma pequena parcela da sociedade. Já a Reforma Agrária visa o todo, independente da sua condição financeira. Vide as intervenções sociais que o MST vem fazendo nos últimos anos com alimentos de qualidade por preços mais baixos que o do mercado. Tem ainda a redistribuição de alimentos e marmitas que estão solucionando brevemente a fome de quem está à margem da sociedade.

Já o empresário e latifundiário vai fundo em seus investimentos e ignora o meio ambiente. Desmata, constrói barragens, destrói o solo e não se preocupa com as consequências irreversíveis de seus atos. Na América Latina, o Brasil é o 17º colocado no índice de Reforma Agrária, sendo que a

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



discussão que durou de 1985 a 2002 nunca foi significativa e se perdeu no meio de tantas outras pautas de igual urgência no país.

Para o nosso país, o sistema ideal de reforma seria o popular. Esse por sua vez, consiste na distribuição massiva de terras aos camponeses em um governo de natureza popular que mantenha aliança entre movimentos sociais e camponeses. Desses processos resultam reformas progressistas e populares que não necessariamente afetam o sistema capitalista. Na maioria dos países que esse processo foi posto em prática, perdura até os dias de hoje, mas em muitos deles ainda houve a interferência de fazendeiros desapropriados que recuperaram suas terras.

Porém ainda somos dependentes dos assentamentos rurais e da precarização que envolve esse sistema. Infelizmente milhares vivem sob esse regime e estão à margem da sociedade. Isso proporciona um sentimento de pertencimento a uma classe, haja vista que como tantos outros milhares de brasileiros das áreas urbanas vivem na extrema pobreza e não recebem a devida atenção do Estado. Muito por conta disso, o MST se volta às causas sociais e humanitárias, proporcionando produtos de qualidade e valor competitivo para os cidadãos brasileiros e distribuindo seu excedente com aqueles que não podem usufruir desses alimentos. O excesso de industrialização e mão de obra força a hipervalorizar os produtos vindos do agronegócio. Assim, aumenta o valor que o consumidor paga pelo produto final. Mercadorias vindas dos pequenos e médios agricultores tendem a ser limpo de agrotóxicos, o lucro do camponês é maior e o consumidor não vê tanta diferença no preço final.

Por isso tudo que foi falado nesse texto, é mais do que certo que a Reforma Agrária é necessária no nosso país. Primeiramente porque o campo é parte importante para milhares de vidas que dependem desse setor. Segundo porque através de uma redistribuição justa o bioma brasileiro passará a ser menos prejudicado, o que permite uma qualidade de vida melhor para os cidadãos. A propriedade rural não é o ator principal e sim quem nela vive e usa seus recursos. É preciso cobrar ação de políticos para que haja uma democracia em que as políticas públicas sejam eficazes a todos os cidadãos e não apenas uma pequena parcela da sociedade brasileira.

## BIBLIOGRAFIA

MST contabiliza 5.000 toneladas de alimentos doados desde o início da epidemia de Covid-19. Folha de São Paulo. 07 de julho de 2021. Em [https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/07/mst-contabiliza-5000-toneladas-de-alimentos-doados-desde-o-inicio-da-epidemia-de-covid-19.shtml?utm\\_source=twitter&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=twfolha](https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/07/mst-contabiliza-5000-toneladas-de-alimentos-doados-desde-o-inicio-da-epidemia-de-covid-19.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha). Acesso em 08 de julho de 2021;

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





MST: Você entende o que é esse movimento? Politize, 15 de maio de 2019. Em <https://www.politize.com.br/mst-voce-entende-o-que-e-esse-movimento/>. Acesso em 08 de julho de 2021;

Como o MST se tornou o maior produtor de orgânicos do país. GQ, 21 de outubro de 2020. Em <https://gq.globo.com/Lifestyle/Poder/noticia/2020/10/como-o-mst-se-tornou-o-maior-produtor-de-organicos-do-pais.html>. Acesso em 08 de julho de 2021;

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Em <https://mst.org.br/> Acesso em 08 de julho de 2021;

STEDILE, João Pedro. Experiências históricas de Reforma Agrária no mundo. São Paulo, Expressão popular. 1ª Ed. Vol 1, 2020;

BECK, Ulrich. Sociedade de risco. Rumo a uma outra modernidade. São Paulo – SP, Editora 34. 2ª edição, 2011;

MARTINS, José de Souza. O Cativo da Terra. São Paulo – SP, Editora Contexto. 9ª Edição, 2010;

MENDONÇA, Israel Gil da Silva. Desenvolvimento, Agricultura e Reforma Agrária nas Visões de Celso Furtado e Roberto Campos (1950-67). Seropédica, RJ, 2016;

SCHILLING, Paulo R. O que é Reforma Agrária. Rio de Janeiro, RJ. Editora Civilização Brasileira S.A., 1963;

BRITO, Ricardo Braga. Reconquista da terra: resistência e organização de camponeses ao final da ditadura empresarial-militar. Rio de Janeiro, RJ. Estudos Sociedade e Agricultura. Junho a setembro de 2021, 332-354.

CONTINI, Elisio; ABEL, Pedro; BUAINAIN, Antônio Márcio; GRUNDLING, Roberta. Agro brasileiro em evolução: Complexidade e especialização. Rio de Janeiro, RJ. Revista de Política Agrícola. Ano XXIX, nº 3, Jul/Ago/Set. 2020.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **PATRIMÔNIO E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DAS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU**

Thiago da Conceição Dias  
Universidade Federal do Maranhão/Bacabal  
Graduando do Curso de Ciências Humanas/Sociologia  
Bolsista PIBIC/UFMA

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Mayka Danielle Brito Amaral  
Professora Adjunta do Curso de Ciências Humanas da UFMA/Bacabal

**RESUMO:** O presente trabalho é um recorte do projeto de pesquisa “Reprodução social, territorialização e luta das camponesas-quebradeiras de coco babaçu na região do Médio Mearim (MA)”, inserido ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). O estudo tem como principal objetivo analisar a reprodução das práticas das camponesas-quebradeiras de coco enquanto patrimônio. Desse modo, considerando que o patrimônio cultural é de fundamental importância para a memória e a identidade dos povos tradicionais, a melhor forma de compreender os diversos bens culturais que ganham valor de patrimônio representativo de alguma coletividade, é conhecendo sua trajetória. Neste sentido, os conceitos de território, camponês, cultura, identidade e patrimônio são instrumentos importantes que torna possível compreender o processo de construção das identidades das quebradeiras de coco babaçu. Como metodologia para a investigação optou-se pelo estudo de caso com a contribuição da revisão em publicações científicas e entrevistas com quebradeiras de coco da região do Lago do Junco, que ao longo do tempo lutam e resistem para continuar quebrando o coco, uma vez que a reprodução das práticas de quebrar coco tem valor de sobrevivência e existência. Nesta perspectiva, conclui-se com este trabalho, a necessidade de ampliar a discussão para surgir novas reflexões e propostas a respeito da importância de preservar a prática de quebrar o coco babaçu, a terra e a palmeira, elementos tão importantes para a identidade das Quebradeiras de Coco e suas famílias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coco Babaçu, Quebradeiras, Identidade, Patrimônio. Cultura.

## **PATRIMONY AND CULTURE: THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITIES OF BABASSU NUT BREAKERS**

**ABSTRACT:** The present work is a part of the research project “Social reproduction, territorialization and struggle of the babassu coconut peasant women-breakers in the region of the Middle Mearim

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



(MA)”, part of the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC). The study’s main objective is to analyze the reproduction of the practices of peasant women babassu coconut breakers as heritage. Thus, considering that cultural heritage is of fundamental importance for the memory and identity of traditional peoples, the best way to understand the various cultural assets that gain value as representative heritage of some collectivity is to know its trajectory. In this sense, the concepts of territory, peasant, culture, identity, and heritage are important instruments that make it possible to understand the process of identity construction of the babassu nut breakers. As a methodology for the investigation we chose the case study with the contribution of reviewing scientific publications and interviews with women babassu nut breakers from the region of Lago do Junco, who struggle and resist over time to continue breaking the coconut, since the reproduction of the practices of breaking coconuts has survival and existence value. From this perspective, this work concludes that there is a need to expand the discussion so that new reflections and proposals can arise regarding the importance of preserving the practice of breaking the babassu coconut, the land, and the palm tree, elements that are so important to the identity of the babassu nut breakers and their families.

**KEYWORDS:** Babassu Coconut, Women Babassu Coconut Breakers, Identity, Heritage. Culture.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo faz parte do projeto de pesquisa “Reprodução social, territorialização e luta das camponesas-quebradeiras de coco babaçu na região do Médio Mearim (MA)” da Universidade Federal do Maranhão, campus de Bacabal, cujo objetivo é analisar a reprodução das práticas das camponesas-quebradeiras de coco, enquanto um patrimônio cultural. Como metodologia para a investigação optou-se pelo estudo de caso.

Portanto, considerando que o patrimônio cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos tradicionais, a melhor forma de construir qualquer tipo de mediação em torno dos diversos bens culturais que ganham valor de patrimônio representativo de alguma coletividade é, sem dúvidas, conhecendo a trajetória dos seus sentidos, o que significa compreender as práticas culturais das quebradeiras de coco babaçu.

Neste sentido, compreender a importância econômica e cultural do babaçu para o estado do Maranhão (considerando os conceitos da geografia) é fundamental para entender o processo da reprodução da prática da quebra do coco. Dessa forma, buscamos compreender como as quebradeiras de coco babaçu organizam e reproduzem suas práticas culturais de uma maneira que possa ser compreendida como patrimônio cultural.

O território, é um conceito imprescindível à compreensão da realidade das quebradeiras de coco babaçu, pois através dele é possível perceber a aproximação da realidade concreta ao

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





social, à identidade e ao sentimento de pertencimento destes sujeitos sociais. Estudos recentes têm demonstrado a capacidade dessa classe social garantir a sua reprodução e territorialização por meio de lutas efetuadas contra a classe dominante e burguesa do país. Por outro lado, a significação de lugar caracteriza-se como fundamental, uma vez que vêm carregado de tradições e modos de vida particulares, pois a experiência histórica do campesinato brasileiro demonstra que a religiosidade camponesa é um componente importante da sua ordem moral (AMARAL, 2017).

Em suma, essa proposta busca problematizar e contribuir para a compreensão da prática de quebrar coco como parte da identidade das camponesas quebradeiras de coco. Além disso, a pesquisa analisa de que modo essas práticas são reproduzidas, preservadas e socializada, uma vez que traz em seu bojo os conceitos de povos tradicionais, quebradeira de coco, patrimônio natural e cultural, território e lugar. Podemos mudar esse cenário de desinformação através de valorização patrimonial investindo em pesquisas sobre o tema.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se caracteriza como estudo de caso, que segundo Severino (2013), é um tipo de pesquisa faz descrição de um caso considerado representativo de um conjunto de casos análogos. Portanto, os procedimentos metodológicos do presente estudo condiz com os objetivos dessa pesquisa. As técnicas utilizadas foram as seguintes: revisão em publicações científicas para dar suporte teórico para o trabalho e entrevistas com quebradeiras de coco da região do Lago do Junco. Sendo assim, o trabalho está dividido em dois momentos.

A primeira etapa realizada foi a pesquisa bibliográfica que teve base nos seguintes autores: Amaral (2017), Chauí (2006), Brito (2008), Haesbaert (2005), Raffestin (1993), Eagleton (2011), Hall (2011), Maheirie (2002), Barbosa (2014), Barth (2000), Cordeiro (2008), Ferrari (2004), entre outros. A segunda etapa foram: às entrevistas, desenvolvidas de forma espontânea. As entrevistas foram feitas via Google Meets, levando-se em consideração os procedimentos de medidas de segurança sanitária do cenário da COVID-19. Portanto, foram de forma remota conforme a instrução normativa N°01/2021 – AGEUFMA, que estabelece as diretrizes e recomendações para a realização das atividades concernentes aos planos de trabalho de iniciação científica (PIBIC).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Aqui busca-se apresentar as análises dos dados obtidos com as etapas da pesquisa sobre as quebradeiras de coco babaçu. Portanto, procura-se apresentar, inicialmente, os conceitos de

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



patrimônio, território e cultura, junto com as análises das entrevistas. Subentende-se que as definições apresentadas contemplam as práticas culturais das quebradeiras. Além disso, com a pesquisa foi possível perceber que seria relevante pensar melhor a respeito das práticas culturais das quebradeiras de coco. Segundo Hall (1997), qualquer prática social, ao produzir significados e interferir nas ações sociais é prática cultural, portanto, discursiva.

### 3.1 PATRIMÔNIO: A REPRODUÇÃO CULTURAL DA QUEBRA DO COCO BABAÇU

O conceito de patrimônio é uma construção social. Nesse sentido, as práticas culturais dos diferentes grupos que compõe a cultura de um lugar, que são transmitidas de geração para geração, são patrimônios culturais. Dessa maneira, a prática de quebrar coco que é um dos fatores determinantes que mantem viva a identidade e memória das quebradeiras de coco babaçu, torna-se também um patrimônio. Dona Nazira, quebradeira de coco, em Lago do Junco, falou da importância da reprodução da prática de quebrar coco babaçu. Ela destacou o valor patrimonial da prática, quando diz que:

[...] Pra mim o babaçu e a terra tem uma grande importância porque desde que me entendi foi vivendo essa vida de quebradeira de coco e trabalhadora rural. A minha mãe também, a vida dela foi quase igual a minha. [...]. Então, **é por isso que eu dou muito valor a essa produção, porque dessa produção que eu fui criada, meus pais e meus irmãos (risos)**. Também meus avós criou minha família, por causa do coco, né? Criei a minha toda foi dessa produção. (DONA NAZIRA. Entrevista oral, 18 mar.2021, grifo nosso)<sup>1</sup>.

Neste sentido, Canani (2005, p. 3) considera que patrimônio “pode ser entendido como um conjunto de bens, materiais ou não, direitos, ações, posse e tudo o mais que pertença a uma pessoa e seja suscetível de apreciação econômica”. Por esse caminho, a prática de quebrar coco babaçu configurar-se em oportunidades interessantes para incentivar o que Marilena Chauí (2006) denominou de “cidadania cultural”, considerando tanto as perdas, quanto as conquistas nas perspectivas das quebradeiras de coco, para a elaboração de políticas públicas que garantam amplos direitos aos cidadãos. Afinal, o patrimônio é, além de uma construção social, uma prática eminentemente política. Dona Nazira também ressalta a importância da conscientização em seu povoado sobre a importância do babaçu e da luta pela sua preservação.

[...] Então é isso, eu defendo muito o babaçu e a terra porque elas são para nós a nossa vida, né? Nossa vida, nossa autonomia, nossa riqueza. Hoje nós têm uma riqueza, porque eu sou assentada, tem onde trabalhar, tem onde a gente morar, que antes a gente morava no casebre alheio, o arame passando no canto da casa e o gado no terreiro onde gente não podia nem sair fora com medo. Então hoje nossa vida

<sup>1</sup> Nazira Pereira da Silva em entrevista concedida em 18 de março de 2021, Lago do Junco – MA (Google Meets).

mudou muito com esse trabalho e com essa organização que a gente criou e enfrentou latifundiários, governo, várias estancias pra gente chegar até aqui. (DONA NAZIRA. Entrevista oral, 18 mar. 2021)

Desse modo, considerando a importância da luta pela preservação do babaçu como o item que faz parte da cultura das quebradeiras de coco, Hall (1997), define cultura como um campo de lutas em torno do significado. Neste sentido, ainda segundo o autor, uma abordagem da análise social contemporânea, que passou a ver a cultura como uma condição constitutiva da vida social, tem provocado nos últimos anos uma mudança de paradigma nas ciências sociais e nas humanidades (HALL, 1997).

Na Constituição brasileira de 1988, no seu artigo 216, patrimônio cultural brasileiro está definido como os “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, ação e a memória dos diferentes grupos que formam a sociedade brasileira”. É o que caracteriza novamente as práticas de quebra de coco babaçu visto que é uma ação que simbolizam identidades. Portanto, de acordo com a dona Maria das Dores, nossa outra entrevistada, a prática de quebrar o coco babaçu está diretamente ligado a identidade da quebradeira de coco.

A luta pela terra e pelo babaçu, foi uma necessidade de todas as famílias que viviam aqui. **Por conta dessa necessidade**, se travou uma luta longa pelo babaçu livre. Ai a gente foi ganhando esse espaço. Iniciado sempre pelas mulheres e depois os homens junto porque veio a conquista da terra. Mas foi iniciado pelas mulheres que quebrava coco, ai a gente passou a se valorizar mais. (DONA MARIA DAS DORES. Entrevista oral, 18 mar. 2021, grifo nosso<sup>2</sup>)

O referido artigo presente na constituição estabelece que cabe ao Estado, em colaboração com a sociedade, proteger o patrimônio cultural através dos mecanismos de inventários, registros, desapropriação e vigilância, bem como através da adoção de ações de cautela. Neste sentido, com a aprovação do Decreto nº 3.551/2000 que criou o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, a definição do modo como o patrimônio cultural deve ser identificado se dar através do registro e não do tombamento, como ocorre com o patrimônio material, pois os bens de natureza cultural são definidos como bens intangíveis.

Portanto, para receber o reconhecimento como patrimônio, as práticas culturais devem ser consideradas referências culturais, ou seja, transmitidas há várias gerações por meio da memória, marcando a identidade de grupos sociais e favorecendo o sentido de pertencimento dos indivíduos às suas comunidades de origem. É exatamente dessa maneira que as quebradeiras de coco babaçu se organizam, quebram o coco há várias gerações. Portanto, há uma continuidade histórica, visto que a comunidade mantém a prática viva ao longo do tempo. Conforme Dona Nazira, a prática além de ter

2 Maria das Dores em entrevista concedida em 25 de Março de 2021, Lago do Junco – MA (Google Meets).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



passado gerações, salvou muitas famílias:

[...] Criei minha família toda foi dessa produção. Mesmo sendo sofrida, sendo complicada, valores muito baixo, mas era dali que nós tirava o pão. [...] nós quebradeira, nós honra muito e defende a palmeira, porque essa palmeiras pra nós é uma mãe. [...] Então a palmeira é tudo pra nós, porque ela nos dar tudo: a palha, o pau, o estrume, a amêndoa, o carvão, o casco, o entre casca, que a gente faz o mesocarpo. Então da palmeira a gente tem tudo que a gente precisa e tudo isso serve de alimento. Certo? Então é por isso a gente dar tanto valor pra essa palmeira. Porque ela é pra nós uma grande mãe. (DONA NAZIRA. Entrevista oral, 18 março de 2021)

Com a visibilidade da noção de patrimônio cultural, a ampliação da concepção de memória e de delimitação da cultura, passa a ser consideradas como elementos constitutivos das práticas, das representações e das expressões simbólicas, dentre outros do fazer humano. Desse modo, a melhor forma de construir qualquer tipo de mediação em torno dos diversos bens culturais que ganham valor de patrimônio representativo de alguma coletividade é, sem dúvidas, conhecendo a trajetória dos seus sentidos.

### 3.2 BABAÇUAIS: TERRITÓRIO E CULTURA

O termo território constitui um conceito consagrado nas ciências humanas, pois refere-se a uma categoria geográfica elaborada historicamente (BRITO, 2008). A sua definição é concebida como uma ferramenta útil para compreender as diferentes formas de apropriação do espaço, seu uso e ocupação. Porém, o uso generalizado do conceito de território por profissionais de diversas áreas tem chamado a atenção para a variedade de seus significados.

Para compreender o conceito de território, é necessário antes de tudo, compreender seu caráter político. Haesbaert (2005, p. 2) salienta que enquanto “espaço-tempo vivido”, o conceito de território é sempre múltiplo, diverso e complexo. Desse maneira ocorre a confusão entre os conceitos de espaço e território, que se diferencia um do outro. Para Raffestin (1993, p.143), “espaço e território não são termos equivalentes”.

Ainda de acordo com Raffestin (1993), os sujeitos sociais ao se apropriar do espaço, por meio do trabalho humano, territorializam o espaço. Neste sentido, a construção do território revela as relações marcadas pelo poder. O que contribui para o entendimento dos conflitos na região do Lago do Junco, envolvendo o Estado, fazendeiros e outros agentes capitalistas, quando os babaçuais são apropriados pelas as quebradeiras de coco. Dona Nazira afirma a existência de conflitos na região, que caracteriza as relações de poder presente no território.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





08, 09 e 10 de  
Setembro de 2021

**I JORNADA DE  
CIÊNCIAS HUMANAS  
E SOCIAIS**

TERRITORIALIDADES E CULTURAS  
EM TEMPOS DE RESISTÊNCIAS.

Ainda tem, não são todas as comunidades e nem todas as região se libertaram. Porque hoje ainda existe terra presa, coco preso, cancelas fechada em algumas região e alguns municípios. E essa luta ainda tá longe de acabar. Porque as mulheres, primeira pessoas, cruzaram o braço, descansaram, por causa desse apoio que vem dos governo que é essas migalhas e que muitas pessoas recebem. Então depois disso as pessoas ficaram acomodadas e pararam de lutar. Mas ainda existe derrubas de palmeiras e coco preso, pessoas sem terra para trabalhar, tá? Mas tão acomodado, certo? Nós que nunca paramos de lutar porque a gente tem isso no sangue. (DONA NAZIRA. Entrevista oral, 18 mar. 2021)

Por outro lado, Hasbaert (2002) define três concepções básicas para analisar o território. Na primeira classificação, a *jurídico-política*, “o território é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal”. A segunda classificação diz respeito a *cultural(ista)*, pois “prioriza dimensões simbólicas e mais subjetivas, dessa maneira o território é visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço”. A última classificação corresponde a *econômica*, visto que “destaca a desterritorialização em sua perspectiva material, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho”. (HAESBAERT apud SPOSITO, 2004, p. 18).

Na perspectiva da luta das quebradeiras de coco por seus direitos aos babaçuais, o conceito de território está presente em múltiplas dimensões e sentidos. A relação entre cultura e o território também é uma questão central na luta. Definir o que é cultura não é uma tarefa simples. Dessa maneira, segundo Stuart Hall (2011), cultura é a soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns. Na antropologia o conceito de cultura ganha novas conotações e suas definições passam a ser consideradas como um conjunto de traços que podem influenciar e ser influenciado. Segundo Gomes (2003),

A cultura, seja na educação ou nas ciências sociais, é mais do que um conceito acadêmico. Ela diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social (GOMES, 2003, p. 75).

Portanto, considerando que as experiências cotidianas das quebradeiras de coco babaçu fazem parte da construção e manutenção de suas memórias e identidades, o processo histórico e social desses conhecimentos produz significações que são relevantes para compreensão dos processos que envolvem a prática de quebrar coco. De acordo com a Dona Maria das Dores, as reuniões que faziam parte do cotidiano das mulheres foram fundamentais em algumas conquistas. Na entrevista ela fala da importância dessa união na conquista de alguns direitos.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





08, 09 e 10 de  
Setembro de 2021

**I JORNADA DE  
CIÊNCIAS HUMANAS  
E SOCIAIS**

TERRITORIALIDADES E CULTURAS  
EM TEMPOS DE RESISTÊNCIAS.

Cada comunidade tinha um clube de mãe. A gente chamava clube de mãe, outra chamava grupo de mãe. Todo domingo as mulheres se reuniam. Ai elas discutiam a problemática da comunidade, de outras comunidade. Do município não, porque era um papel muito alto pra mulher naquela época, né? A mulher era vista pra cuidar de casa, das crianças, mas como o clube moviam muitas mulheres, muitas crianças na época, a gente foi lutando também pela pastoral da criança. Quando ela chegou, foi ela quem nos deu a mão. Ai a gente foi aprendendo essas melhorias com o soro caseiro, com a fossa asséptica, com o filtro, com as plantas medicinais. **Então foi razão demais pra gente ter força pra se reunir, pra fazer algo por uma família que tava pior que a outra [...].** Em 1988 a gente se reuniu pra lutar pelo sindicato que aceitava só homem e tinha a pastoral pra ajudar a gente. Tinha também a questão do meio ambiente, a derrubada das palmeiras, então tudo isso era assunto pra gente debater aos domingos. (DONA MARIA DAS DORES. Entrevista oral, 25 mar. 2021; grifo nosso)

Segundo Maheirie (2002), o sujeito, a partir das relações que vivencia no mundo, produz significações e, como ser significante, vivencia esta sua condição de ser, que lhe permite singularizar os objetos coletivos, humanizando a objetividade do mundo. Dessa forma, o babaçu é uma cultura importante para a sobrevivência de milhares de famílias no Estado do Maranhão. As quebradeiras de coco usam o fruto para reproduzir suas práticas e dar significados para sua existência e sobrevivência. De acordo com a Dona Maria das Dores, com o coco babaçu foi possível garantir sua autonomia financeira, portanto, destaca a importância de preservar a palmeira.

Eu aprendi a quebrar coco porque sempre quis minha vida sem pedir alguém, eu queria ter minhas coisas e ai me interessei muito cedo de fazer esse trabalho, né? De quebra do babaçu. Como eu fazia essa quebra, eu tinha meu dinheirinho pouco, mas eu tinha pra fazer aquilo que eu queria. **Então essa vontade de aprender veio de mim mesmo [...], eu tinha vontade de possuir as coisas e não queria pedir pra ninguém.** Eu me criei dessa forma [...]. Como a pobreza era grande, todo mundo tinha que quebrar. (DONA MARIA DAS DORES, Entrevista oral, 25 mar. 2021; grifo nosso)

As mulheres constituem a maioria das trabalhadoras de quebradeiras de coco babaçu (BARBOSA, 2014). De acordo com Barth (2000), elas possuem uma identidade, porque se define e são definidas de tal forma. Além de camponesas, trabalhadoras rurais e extrativistas do coco babaçu, são esposas, donas de casa, mãe, e sobretudo, ocupam várias posições sociais. Segundo Cordeiro (2008, p. 56), na literatura produzida entre os anos de 1950 e 1980 sobre o babaçu, não é encontrado o termo quebradeira de coco nas produções científicas. Isso significa que a construção dessa identidade aconteceu justamente com a organização do movimento pela terra e trabalho, sobretudo, pelo território. Dona Nazira durante a entrevista ressalta que a definição da identidade das quebradeiras de coco surgiu antes das lutas pelo reconhecimento e que se intensificou após a criação e organização dos grupos.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Essa definição foi **antes e após a luta**. Antes da luta a gente começou com a briga sobre os latifundiários e também o sindicato que nós tinha antes, não aceitava que as mulheres fossem sócias. E nós fomos pra luta pra se associar. Foi uma das primeiras lutas que nós tivemos para ter nossa identidade de quebradeira de coco. Depois que passou a luta, criamos a associação e aí sim nós se definimos mesmo como quebradeira de coco [...] porque antes nós era muito submissa e ameaçada. Nós não tinha coragem de se definir como quebradeira de coco no meio da sociedade, porque a gente recebia crítica e era humilhada. A partir da hora que nós criamos a associação, dali pra frente nós nos definimos como quebradeira. **Nós somos quebradeira representadas em falar em qualquer lugar que nós tiver.** Hoje nós fala em qualquer lugar, em qualquer situação nós se identifica como quebradeira de coco. Tanto nós quebradeira de coco mulheres idosas, como a nossa juventude também, até nossas filhas que não podiam dizer na sociedade que eram filhas de quebradeiras. (DONA NAZIRA. Entrevista oral, 18 mar. 2021; grifos nossos)

De acordo com Ferrari (2004), a busca pela identidade pessoal é a encarnação de todo um complexo sistema de relações sociais presentes antes mesmo da existência do sujeito no mundo. Neste sentido, trata-se de uma questão política, uma vez que a ideologia presente no tecido social toma corpo no modo como se constituem as identidades. Dessa maneira, as múltiplas formas de protagonismo das mulheres na economia de subsistência apontam para sua grande força política, que neste caso, trata-se mesmo de reconhecer uma regularidade histórica.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa é possível afirmar que o patrimônio cultural de um povo é responsável pela continuidade histórica de uma comunidade que se reconhece como tal e materializa seus ideais e valores, transcendendo as gerações. Além disso, foi possível identificar que as comunidades das quebradeiras de coco de Lago do Junco, têm sua identidade e sua história marcadas pela luta e reconhecimento de suas identidades. Portanto, é necessário reflexões sobre a importância do coco babaçu para a construção da identidade da quebradeira de coco, principalmente como elemento capaz de ajudar a recuperar a memória e a identidade local, e sensibilizar a comunidade para seus valores culturais.

Com a pesquisa também foi possível identificar que a preservação da palmeira coco babaçu não só garante o direito à memória individual e coletiva, como também permite as quebradeiras entender o universo sociocultural em que estão inseridas. Assim o patrimônio cultural não define totalmente a identidade de um sujeito, mas, sem sombra de dúvidas, faz parte de sua identidade cultural. Dessa forma, é necessário estimular e conscientizar a sociedade a adotar atitudes de preservação do coco babaçu. Ao estarem participando dos saberes, das habilidades, das crenças, das práticas e dos modos de ser das pessoas, as quebradeiras de coco estão interagindo com sua identidade e com aquele patrimônio.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



De acordo com os estudos de Ribeiro (2005, p.52), na sociedade brasileira “a atribuição de valores aos bens segue a tradição europeia, em que os patrimônios nacionais são constituídos a partir das categorias de história da arte”. E a autora segue complementando que “na prática, as ações são direcionadas para a proteção da cultura da elite”. O que nos leva a refletir acerca do impacto da visão eurocêntrica no reconhecimento de outras culturas e patrimônio, principalmente a prática de quebrar coco.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Mayka Danielle Brito. Reforma Agrária e Reconhecimento: o caminho da autonomia e liberdade das camponesas-quebradeiras de coco babaçu da região do Bico do Papagaio. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.

BARBOSA, Viviane O. Gênero e trabalho nos babaçuais maranhenses. Estudos Feministas, Florianópolis, 25(2): 562, maio-agosto/2017.

IBARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: o guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Org. Tomke Lask. Contracapa, p. 25-67, 2000.

BRASIL, Diário Oficial da República Federativa do. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Brasília, DF, 2007.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: DF, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 10 dez. 2020.

BRITO, C. A PETROBRAS e a gestão do território no Recôncavo Baiano [online]. Salvador: EDUFBA, p. 236, 2008. ISBN 978-85-232-0542-3. Available from SciELO Books.

CANANI, Aline Sapiezinskas Krás Borges. Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil. Revista Horizontes Antropológicos. Vol.11, n.23, pp. 163-175, 2005.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





CHAUÍ, Marilena. Cidadania Cultural: o direito à cultura. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

FERRARI, Marian A. L. Dias. Preconceito na publicidade televisiva: vozes e olhares de adolescentes. Tese de Doutorado em Psicologia. Instituto de Psicologia da USP, São Paulo. 2004.

HAESBAERT, Rogério. Territórios Alternativos. São Paulo: Contexto, 2002.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade, p. 15 – 46, jul./dez., 1997.

HALL, Stuart. Marcos para os Estudos Culturais. In: \_\_\_\_\_. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: EDUFMG, 2011.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do Sujeito, Subjetividade e Identidade. Interações. Vol. VII. n.13 .p. 31-44. Jan-Jun 2002.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, Renata Cordeiro. Velhos conflitos em novas causas: um estudo sobre processos de ambientalização nos discursos do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu no Maranhão 114f. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Maranhão. Centro de Estudos de Ciências Humanas sob orientação de Horácio Antunes de Sant’ana Júnior, 2008.

RIBEIRO, Sandra Bernardes. Brasília memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural. São Paulo, Annablume, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 1º ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

SPOSITO, Eliseu Savério. Sobre o conceito de território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do sudoeste do Paraná. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## “TERRA DE PRETO, TERRA DE SANTO” NA ROTA DE GRANDES EMPREENDIMENTOS: DESENVOLVIMENTISMO E A DESTERRITORIALIZAÇÃO EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM ALCÂNTARA-MA

Alex Matos Rabelo <sup>1</sup>

Elisandra Cantanhede Ribeiro<sup>2</sup>

**RESUMO:** O início da década de 1980 foi marcante no cenário aéreo-espacial brasileiro, pois nesse período o governo federal, em um acordo firmado com o governo militar e o Estado do Maranhão, através do Decreto nº 88.136 de 1º de Março de 1983, dá condições para implementação do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) situado em Alcântara, um centro de alta tecnologia de lançamento de foguetes o qual objetivava colocar em órbita satélites, o que seria um dos maiores e ambiciosos projetos científicos e econômico a partir da lógica desenvolvimentista no Estado. No entanto, para difundir esse projeto se faz necessário desterritorializar milhares de pessoas, essencialmente comunidades tradicionais quilombolas. Neste sentido, para entendermos as múltiplas violências a qual foram submetidas as comunidades tradicionais quilombolas nos debruçaremos a partir dos conceitos de desenvolvimentismo para pensarmos a lógica salvacionista difundida pelo CLA para o progresso maranhense, bem como a desterritorialização para compreendermos a luta cotidiana desses povos pelo direito a terra e ao território. Desse modo, o cotidiano desses quilombolas no espaço rural maranhense passa por diversas transformações a partir de múltiplos processos, desde a instauração do latifúndio, protagonizado pelo agronegócio, e a busca incessante pelo capital tensionado por esse grande empreendimento e a retirada compulsória do grande contingente de famílias das localidades do entorno do centro de lançamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Direitos Territoriais, Base de Alcântara, Território Quilombolas.

---

1 Licenciando em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros-UFMA, Pós-Graduando (Especialização) em História do Maranhão-IESF, Bolsista FAPEMA, alexrabellos@hotmail.com

2 Licenciada em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros-UFMA, Especialista em História do Brasil: culturas e sociedades-IESF, Pós-Graduanda (Especialização) em História do Maranhão-IESF, Mestranda do Programa de Pós-graduação em História e Conexões Atlântica: culturas e poderes-UFMA, Jhuerbete@hotmail.com

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## “LAND OF BLACK, LAND OF SAINT” ON THE ROUTE OF MAJOR ENTERPRISES: DEVELOPMENTALISM AND DETERRITORIALIZATION IN QUILOMBOLA COMMUNITIES IN ALCÂNTARA-MA

**ABSTRACT:** The beginning of the 1980s was remarkable in the Brazilian air-space scenario, as during this period the federal government, in an agreement signed with the military government and the State of Maranhão, through Decree No. 88.136 of March 1, 1983, provides conditions for the implementation of the Alcântara Launch Center (CLA) located in Alcântara, a high technology rocket launching center which aimed to place satellites into orbit, which would be one of the largest and most ambitious scientific and economic projects based on the developmental logic in the State. However, to spread this project it is necessary to deterritorialize thousands of people, essentially traditional quilombola communities. In this sense, to understand the multiple violences to which traditional quilombola communities were subjected, we will look at the concepts of developmentalism to think about the salvationist logic spread by the CLA for progress in Maranhão, as well as the deterritorialization to understand the daily struggle of these peoples for the right land and territory. In this way, the daily life of these quilombolas in the rural space of Maranhão undergoes several transformations based on multiple processes, from the establishment of large estates, led by agribusiness, and the incessant search for capital strained by this large enterprise and the compulsory withdrawal of the large contingent of families from the locations around the launch center.

**KEYWORDS:** Territorial Rights, Alcântara Base, Quilombola Territory.

### INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XX, a política internacional foi tencionada pela Guerra Fria, onde desencadeou na dimensão ideológica conflitos horizontais na luta pela hegemonia política, militar e economicamente global, sendo notoriamente disputado pelas maiores e relevantes potências militares do período – Estados Unidos da América e a União Soviética – que travaram disputas ferrenhas acerca do conhecimento e apropriação estratégica no acesso e controle das conquistas espaciais.

No Brasil, o debate acerca da construção do programa espacial teve início nas décadas de 1950 e 1960, quando a Aeronáutica iniciou os primeiros projetos para o desenvolvimento de pequenos foguetes destinados a sondagens meteorológicas para a Força Aérea Brasileira. Assim, fundamentado nessa perspectiva de expansão tecnológica, na cidade de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, foi criado em 1965 o Centro de Lançamento da Barreira do Inferno (CLBI), que em alguns anos depois de seu estabelecimento responsabilizou-se em direcionar o Brasil aos avanços na área tecnológica espacial.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Com a inviabilidade da expansão territorial do CLBI, em função do processo de adensamento urbano no entorno da Região Metropolitana de Natal, o Governo Federal deu início a procura de um novo espaço que apresentasse as condições necessárias para a implantação de um centro de lançamento de foguetes, onde essa busca foi sanada com a construção em 1983, no município de Alcântara, no Estado do Maranhão o Centro de Lançamento de Alcântara (CLA)<sup>3</sup>. No entanto, este passou a ser considerado, técnica e cientificamente, um dos mais relevantes avanços tecnológicos do progresso aeroespacial, capaz de ascender o Brasil às mais importantes posições entre os países portadores de tal política de desenvolvimento tecnológico.

O CLA, está presente no município desde a década de 1980, fruto de um acordo com o governo militar e o Estado do Maranhão através do Decreto Lei nº 88.136<sup>4</sup> de 1º de março de 1983(BRASIL,1983), dá condições para implementação do CLA em Alcântara e com isso possibilitou a remoção de um contingente significativo de famílias. Durante esse período foram deslocadas cerca de 312 famílias de 23 municípios pertencentes a cidade de Alcântara.

O município de Alcântara/MA, distante 90,5 km da capital maranhense, por sua localização geográfica foi elencado como local mais adequado para construção do novo Centro de Lançamento – o CLA – onde, desde então, caracterizou-se por ser considerado e apresentado pelo governo João Batista Figueiredo como “o mais ambicioso projeto científico para um país em desenvolvimento e se desenvolveu como reflexo do Estado desenvolvimentista hegemônico das décadas de 1970 e 1980” (MEIRELLES, 1983, p. 26).

Tendo como análise a “verticalização” dessas hegemonias, assim como, as relações de poder que se consolidam, o CLA como modus operandi, foi amplamente permeado por interesses e acordos comerciais estratégicos, políticos, logísticos e científicos objetivando transformar Alcântara em um centro exponencial lucrativo que pudesse gerar recurso financeiro para o Brasil, renovar a economia e possibilitar novos horizontes mercadológicos no cenário internacional. Baseando-se em quatro aspectos principais que oficializava e legitimava condições favoráveis de implementação:

A localização geográfica privilegiada do município (pela proximidade à linha do equador) favorecendo lançamentos de foguetes com maior precisão e segurança, além de possibilitar

3 CLA - Centro de Lançamento de Alcântara – construído em 1989 e executado pela F.A.B., destinado a realizar missões espaciais de importante cabedal científico e tecnológico.

4 Art. 1º. Fica criado, no Ministério da Aeronáutica, o Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) com a finalidade de executar e apoiar as atividades de lançamento e rastreamento de engenhos aeroespaciais, bem como executar testes e experimentos de interesse do Ministério da Aeronáutica, relacionados com a Política Nacional de Desenvolvimento Aeroespacial.

Art. 2º. O CLA é diretamente subordinado ao Diretor-Geral do Departamento de Pesquisas e Desenvolvimento.

Art. 3º. O Diretor do CLA é Coronel do Quadro de Oficiais Aviadores, da Ativa.

Art. 4º. O CLA tem sede no Município de Alcântara, Estado do Maranhão.

Art. 5º. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



maior velocidade ao veículo lançado, redução dos custos com combustível e gerando por sua vez uma economia de até 30% no lançamento; o clima pouco variável que garante lançamentos em condições favoráveis de segurança, e por último, a baixa densidade demográfica que garantiria um baixo custo no processo de desapropriação (FERNANDES,1993 apud CHOAIRY, 2000).

Assim, durante as últimas décadas, o termo desenvolvimento e seus desdobramentos ocuparam lugar de grande relevância nas ciências humanas, sociais e econômicas, na dimensão política, na mídia e nas discussões de políticas públicas. Dessa forma, este trabalho não objetiva limitar-se aos conceitos, mas sim discutir suas intersecções, trazendo questionamentos e reflexões que possam surgir e contribuir com o debate sobre as problematizações abordadas neste trabalho.

Portanto, a partir da lógica de modernização do Estado do Maranhão por meio da implantação do CLA, estabelecemos a devida interlocução com o conceito de desterritorialização<sup>5</sup>. Ainda, parto dessa introdução para (re)pensar, a todo momento, os processos de violação de direitos a qual essas terras outrora denominadas “ terra de preto, terra de santo, intituladas assim pelos seus próprios agentes sociais, ao se reconhecerem e constituírem suas identidades coletivas, distinguindo-se da lógica do estado. A partir de 1988, essas comunidades se reconfiguram com a legislação onde passa a se denominar enquanto comunidades remanescentes de quilombos<sup>6</sup> estão imersas, como também (re)compreender e discutir o racismo e suas imbricações como um dos subsídios centrais de todos estes construtos.

## O CENTRO DE LANÇAMENTO DE ALCÂNTARA (CLA) E A POLÍTICA DESENVOLVIMENTISTA DO/NO ESTADO DO MARANHÃO

Na era da intensa globalização, Alcântara emerge no cenário político global como um local propício para o desenvolvimento de atividades tecnológicas de ponta e desde 1982 tem-se destacado como o segundo maior centro aeroespacial de lançamento de foguetes do Brasil. No entanto, “[...] os projetos recentes de desenvolvimento socioeconômico de países ou regiões fica evidente que a concordância tácita sobre a complexidade de tais processos persiste, assim como também persiste a discordância explícita sobre as formas de implementação e condução das políticas de desenvolvimento” (SIEDENBERG, 2006, p.2).

De acordo com o Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial – DCTA, a relevância

5 (BADIE, 1996, p.13) inadapto aos novos dados da economia importante para pôr em ordem a proliferação contemporânea das reivindicações identitárias, abalado pelo progresso de multiculturalismo (o território foi ultrapassado pelos avanços de uma mundialização que pretende unificar as regras, os valores e os objetivos de toda humanidade.

6 Comunidades remanescentes de quilombos – nomenclatura usada pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 no ADCT no Art. 68, para designar a população negra que mora nos quilombos contemporâneos, e usada neste trabalho para designar também as comunidades expropriadas de seus territórios.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



do CLA para a humanidade se justifica na possibilidade de evolução nos setores da comunicação, meio ambiente, transporte e tráfego aéreo, meteorologia e sensoriamento remoto, assim, é por meio deste que as informações obtidas de origem espacial têm colaborado para o pleno desenvolvimento da sociedade civil e militar. Entretanto, a paradoxal noção de salvação propagada pelos projetos de desenvolvimento no Estado do Maranhão, em especial o caso de Alcântara segue um locus estritamente desigual, pois a instalação do CLA não proporcionou, em termos sociais, culturais e econômicos, o desenvolvimento esperado pela população. A contribuição até o momento foi o surgimento de empregos indiretos em serviços gerais – relativizando o quadro de subalternidade – na Base e nas residências da vila do CLA<sup>7</sup>.

Porém, o que se pode observar desde o início da implantação da base é que não se tem mínima preocupação no que tange os direitos das comunidades remanescentes de quilombo que vivem no município de Alcântara. Em 1980, de acordo com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (2007) no fascículo Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara, o decreto estadual nº. 7.320 de setembro de 1980 desapropriou 52.000 hectares do município de Alcântara para implantação do dito C.L.A. e instituiu ameaças de expulsão das terras a totalidade das famílias que residiam e trabalhavam nestas terras há muitas gerações (BARROS, 2019, p.6).

Ao efetivar uma análise antropológica sobre os povoados de Alcântara o antropólogo Alfredo Wagner B. de Almeida (2002), constata que, mesmo as famílias que estão fora da área da Base Espacial sofrem danos por conta dos impactos causados pela instalação do empreendimento. No entanto, segundo disposições gerais da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos aos referentes problemas vivenciados pelas comunidades após a implantação do CLA em Alcântara/MA estão caracterizados: êxodo rural e a formação de favelas, palafitas e ocupações na zona urbana do município; precariedade das condições nas “agrovilas”; irrisórias indenizações para as comunidades que já foram deslocadas; ameaças de novos deslocamentos forçados; ameaça da desestruturação de algumas comunidades por causa da inclusão dos agrupamentos forçados das comunidades; esgotamento dos recursos naturais e destruição ambiental; as comunidades vêm sendo impedidas de pescar e de terem acesso aos cemitérios onde estão enterrados os parentes dos moradores. Assim, o mote dessa condição/situação experienciado pelas comunidades “só foi possível porque foi apoiado na força do Estado, na lógica do poder e do capital, ferindo os dispositivos constitucionais e outros instrumentos legais e, sobretudo, materializando-se através da violação dos direitos das populações das comunidades remanescentes de quilombos e tradicionais de Alcântara” (Barros, 2019, p.8).

<sup>7</sup> Vila do CLA - situada na área junto a praia anteriormente ocupada pelas famílias das agrovilas, é hoje destinada à residência temporária dos técnicos e funcionários que permanecem no CLA durante o período que antecede as atividades de lançamento de veículos espaciais.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Desse modo, as discussões estabelecidas acima sobre a temática do desenvolvimento, além de atual e duradoura, destaca-se como questão fulcral no Brasil, pois, conforme aponta Latouche (1994), acerca do “processo de ocidentalização do mundo”, explicita que notoriamente perceptível até por volta de 1950, este fenômeno acabou inserindo sociedades tradicionais e países subdesenvolvidos às potentes economias urbano-industriais diante de tácitas configurações, sendo assim, estas sociedades mantinham os parâmetros, métodos e modelos ocidentais de “desenvolvimento” ou atrelavam-se às tradições, culturas e costumes, logo ignorando as ideias ocidentais, a tecnologia e o “progresso”.

### **“EXPANDIR MESMO QUE DESTERRITORIALIZE”: DESLOCAMENTO DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM ALCÂNTARA PELO CENTRO DE LANÇAMENTO DE ALCÂNTARA (CLA)**

No Brasil, à guisa de legislações, ações e programas governamentais propondo a inclusão dos remanescentes de quilombos como sujeitos de direitos, destacamos como contributos relevantes a Constituição da República Federativa Brasileira de 1988, assim como, alguns parâmetros estaduais.

O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), da Constituição Federal de 1988, regulamentado em 2003, corroborou a viabilidade de reconhecimento jurídico sobre posses e usufrutos familiares, concedendo-lhes o direito efetivo a terra “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). Entretanto, para a implantação do centro de lançamento de foguetes em Alcântara, no início da década de 1980, Barros (2019), estabelece que este processo se deu de forma/maneira autoritária e somente foi viabilizado a partir de “doações” de uma área de 52.000 hectares do então presidente da república José Sarney o qual provocou a desterritorialização de aproximadamente 300 famílias, quilombolas principalmente, as quais ocupavam o território havia quase três séculos.

Desse modo, a expansão do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA), provou um processo de expropriação em que resultou em alterações espaciais, novos processos territoriais, mudanças econômicas e culturais para as populações atingidas. Entre outras consequências importantes, destacam-se: a mobilidade humana forçada (êxodo rural), a proibição da livre mobilidade no antigo território e, mudança nas atividades econômicas subsistências.

Essas mudanças foram prejudiciais para muitas famílias, que tiveram que se readaptar para construção de um novo estilo de vida, devido às mudanças ocasionadas pelo processo de remoção dos seus territórios e as mudanças implementadas, ainda hoje deixou sequelas, devido a quantidades de famílias que precisam ser removidas para o alargamento do centro. Segundo nos aponta Mello,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Uma limitação das agrovilas é a distância e o acesso ao mar pelos moradores, que só pode ser efetuado sob o controle administrativo do CLA. No passado os oradores conseguiam ir e vir rapidamente no mesmo dia, sobrando tempo ainda para a lavoura. Hoje, eles têm até que dormir no local. Além disso quando há lançamento de foguetes, o acesso das comunidades à área do CLA é proibido devido as questões de segurança. Contudo como elas necessitam de acesso ao mar para a pesca, algumas famílias têm dificuldades para conseguir outra fonte de alimento, tendo de recorrer ao vizinho ou, quando ainda possuem recurso compram de outra comunidade (MELLO, 2008, p. 42).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate acerca dos direitos territoriais quilombolas está longe de acabar, pois ainda hoje a maioria das comunidades não tem seu processo de certificação concluída e os direitos implementados, devido a morosidade do Estado Brasileiro em respeitar os direitos adquiridos pela população negra brasileira.

É necessário que haja sensibilização do Estado quanto a questões ligada aos desafios das demarcações de terras dos territórios quilombolas marcados por muitos conflitos, bem como o respeito a diversidades de culturas, identidades, levando em consideração toda a narrativa dos diferentes sujeitos envolvidos, evitando assim o número expressivo de famílias que são forçadas a viverem em aglomerados sobretudo na capital do estado, São Luís.

O processo de desterritorialização além de causar danos materiais, traz também danos emocionais, devido as ligações construídas com a terra durante a sua vida, que vem muitas vezes de uma herança ancestral e causa assim um prejuízo ainda maior. A lógica da implementação de grandes desenvolvimentos, não é a mesma das comunidades tradicionais, pois a política do ordenamento territorial acaba por forçar migrações tanto interna, quanto externa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara: laudo antropológico. Brasília: MMA, 2006.

ANJOS, Leonardo dos, Direitos, resistência e mobilização: a luta dos quilombolas de Alcântara contra a base espacial / Leonardo dos Anjos; Cynthia Carvalho Martins, org., Davi Pereira Júnior, org., Patrícia Maria Portela Nunes, org.; Alfredo Wagner Berno de Almeida, ed. – Rio de Janeiro: Casa 8, 2016

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





BADIE, B, 1995, La fin Territories, Paris Favard. (Edição Portuguesa: o fim dos territórios. Lisboa, Instituto Piaget, s/d).

BARROS, Larissa Andréa Amaral. AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE ALCÂNTARA-MA DIANTE À IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO DE FOGUETES: desafios e perspectivas. IX Jornada de Políticas Públicas-UFMA, São Luís, p.1-12, 2019.

BRAGA, Yara Maria Rosendo de Oliveira. Território étnico: conflitos territoriais em Alcântara - Maranhão, SP. 2011. 155 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 19 nov. 2017.

CHOAIRY, Antônio Cesar Costa. Alcântara vai para o espaço: a dinâmica da implantação do centro de lançamento de Alcântara. São Luís. Editora UFMA/PROINCS, 2000.

LATOUCHE, S. A OCIDENTALIZAÇÃO DO MUNDO. Petrópolis, 1994.

MEIRELLES, Sérgio. Alcântara na era espacial. São Luís: Cáritas Brasileira, 1983.

MELLO, A. C. A experiência do Grupo Executivo Interministerial de Alcantara na construção de um ambiente participativo e cooperativo. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PEREIRA, Junior Martins, Quilombos de Alcântara: Território e Conflitos – Intrusão do território das comunidades quilombolas de Alcântara pela empresa binacional, Alcântara Cyclone Space / Davi Pereira Júnior... [et al.] – Manaus: Editora.

da Universidade Federal do Amazonas, 2009

SIEDENBERG, Dieter Rugard. DESENVOLVIMENTO: ambigüidades de um conceito difuso. Cadernos EBAPE. BR, v.4, n.4, p.1-15, Dez. 2006.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **Simpósio Temático 07**

# **O uso de pesquisas de campo na elaboração de trabalhos em Ciências Humanas e Sociais: experiências e práticas**

Coordenadores:

- Me. Fladney Francisco da Silva Freire
- Me. Ronilson de Oliveira Sousa

## **CAMPO, EXPERIÊNCIA E MÚSICA: UMA ANÁLISE DE CUNHO ETNOGRÁFICO ENTRE OS MEMBROS DO HEAVY METAL**

Muryel Moura dos Santos

(Doutorando em Ciências Sociais – PPGCS-UFCG/FAPESQ-PB)

muryel\_moura@hotmail.com

**RESUMO:** Na pesquisa desenvolvida para a produção da dissertação em Ciências Sociais, atentei as práticas sociais operadas no campo social e artístico do Heavy Metal, a partir da realidade experimentada na cidade de Campina Grande-PB. Neste artigo, em específico, pretendo realizar uma reflexão de cunho etnográfico, através de diferentes momentos experimentados em pesquisa para apresentar o mundo social do Heavy Metal e os seus significados para a construção da identidade compreendida enquanto “subversiva”. Para isso, metodologicamente, recupero o caderno de campo com anotações produzidas e desenvolvidas através da observação participante desde 2015, no qual pude participar de momentos ordinários e excepcionais da vida desses indivíduos. Portanto, reflito meu processo de inserção no grupo enquanto um membro e os desdobramentos de estar engajado nesse campo como um pesquisador por longos anos, destaca-se assim aqui, o caráter do trabalho de campo, a vivência e a experiência de pesquisa como fundamental para o ofício do pesquisador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa de campo; experiência; Heavy Metal

### **FIELD, EXPERIENCE AND MUSIC: AN FRAMEWORK ANALYSIS ETHNOGRAPHIC AMONG HEAVY METAL MEMBERS**

**ABSTRACT:** In the research developed for the production of the dissertation in Social Sciences, I paid attention to the social practices operated in the social and artistic field of Heavy Metal, based on the reality experienced in the city of Campina Grande-PB. In this article, specifically, I intend to carry out an ethnographic reflection, through different moments experienced in research to present the social world of Heavy Metal and its meanings for the construction of the identity understood as “subversive”. For this, methodologically, I retrieve the field notebook with notes produced and developed through participant observation since 2015, in which I was able to participate in ordinary and exceptional moments in the lives of these individuals. Therefore, I reflect my process of inclusion in the group as a member and the consequences of being engaged in this field as a researcher for many years the métier of the researcher.

**KEYWORDS:** Field research; experience; Heavy metal

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## INTRODUÇÃO

Em meados dos anos 1980, surgiam as primeiras bandas de Heavy Metal através da eclosão das mídias digitais, nos Estados Unidos e Inglaterra. as canções das bandas vinham carregadas de críticas ao status quo, pois era o período pós Segunda Guerra Mundial que gerou questionamento na sociedade sobre as instituições sociais. Nos estados unidos, bandas lutavam pela autonomia e preconceito sobre a música aplicado pelo grupo conservador *Parent Music Resource center* (PMRC), já na Inglaterra estava vivenciando o regime “neoliberal” da Margareth Thatcher, governo que produziu desemprego e inflação aos ingleses (Silva, 2014; Dunn, 2005). Nos Estados Unidos bandas como Twister Sister e Iron Maiden na Inglaterra se opuseram as forças dominantes através da arte subversiva – é importante destacar que bandas como Black Sabbath, já possuíam o caráter contestador antes.

A dimensão subversiva da música destacada na história, mostrou como os jovens e adultos experimentavam a música, não somente nos países citados, mas também no Brasil, especialmente, no período de tensão e conflito produzido pelo regime militar (Silva, 2014). No entanto, este estilo ou gênero musical continua fazendo parte da realidade de muitos indivíduos no mundo e no Brasil e se tornado um fenômeno observado pelas Ciências Sociais. Nesta comunicação, desejamos destacar brevemente processo de inserção e sociabilidade dos shows e o processo de tornar esse grupo num fenômeno analisável para nossa pesquisa que, vem sendo desenvolvida desde 2015, na cidade de Campina Grande-PB.

Para apresentar esses elementos destacados esta comunicação está dividida em três momentos, campo, experiência e música como parte que consideramos a serem refletidas no processo de pesquisa. Dessa forma, recuperamos situações de campo para discutir e apresentar a trajetória de pesquisa como algo que se constrói paulatinamente, assim no primeiro momento apresentamos brevemente alguns aspectos do campo de pesquisa, no segundo momento atentamos a experiência de estar e aprender com os membros e no terceiro momento a refletir sobre aspectos da música Heavy Metal.

## CAMPO, EXPERIÊNCIA E A MÚSICA DO HEAVY METAL

Aproximadamente em 1980, através da eclosão das mídias digitais nos países convencionados como desenvolvidos, surgiam as primeiras bandas do gênero Heavy Metal, podemos dizer que uma das primeiras bandas que iniciaram e desenvolveram este gênero foram as famosas Black Sabbath e Led Zeppelin. Essas bandas traziam em suas letras críticas ao status quo seja este religioso ou político, mais especificamente, ao cristianismo e a política neoliberal que estava se instaurando na Inglaterra. A banda Iron Maiden e Ozzy, por exemplo, escreveram várias canções criticando a política, a corrupção e a guerra no Vietnã temas que estavam sendo debatidos naquele contexto. Os artistas

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



desse campo social, sentiram os efeitos do pós-guerra nos aspectos econômicos, políticos e sociais, logo as canções vinham carregadas de indiferença, contestação e subversão dos valores sociais.

Esta dimensão do grupo, fez com que vários pesquisadores iniciassem investigações para entender esse fenômeno social. O antropólogo americano Sunn Dan (2005; 2008; 2011) produziu documentários sobre o Heavy Metal em diferentes contextos sociais em países do “ocidente” e ‘oriente” apresentando formas pelas quais os adeptos ou simpatizantes dessa música se identificavam com Metal. Assim como este autor citado acima, outros pesquisadores fizeram pesquisas sobre o tema no Brasil, a saber: Silva (2014) atentou a história do grupo, analisando os aspectos políticos e sociais em que o Heavy Metal se desenvolveu e tornou o que chama-se Metal, até a chegada no Brasil; Lopes (2006) fez uma etnografia no Rio de Janeiro, desvendando as dinâmicas de sociabilidade dos membros do Metal pelos bairros e bares no seu **lôcus** de pesquisa e Azevedo (2009) em sua pesquisa destacou a importância dos aspectos audiovisuais para construção social desse mundo artístico e social.

Poderíamos continuar apresentando as pesquisas, porém a ideia não é esta para a comunicação que apresento. Mas sim, que este fenômeno social tem produzido pesquisas que muito contribuem para o desenvolvimento e entendimento das práticas dos jovens e adultos que participam dos shows e tem uma vida social ancorada nesse estilo musical, isto é, a música tem o poder simbólico de criar unidade social ao agregar vários indivíduos de diferentes condições e posições sociais num dado espaço de interação. No processo de pesquisa, ao participar e compartilhar também como um membro do grupo dos eventos, pude perceber que muitos Headbangers eram de origem da classe média baixa e classe média, poucos eram da classe média alta – a diferença existe e tem implicações nas relações sociais entre eles, no entanto, eu não vou tratar desse aspecto (Santos, 2021).

Focalizo brevemente aqui, na apresentação do fenômeno social estudado e minha vontade inicial como pesquisador em conhecer e entender mais sobre o metal através da ótica acadêmica. Enquanto se conhecia o objeto de estudo através das pesquisas, observei que havia em outras produções um conjunto de enunciados que se revelavam repetitivos, algo que acontece com outras áreas de pesquisa, logo, isso não é exclusividade, era quase como uma tentativa de encontrar a origem das práticas e cada um tentavam ao seu modo apresentar isso. A atenção para com tal aspecto se fez importante por revelar a estrutura narrativa comum do campo, da qual muitos pesquisadores acharam fecundo seguir, nesse sentido, acho importante que isso seja um esforço reflexivos das subjetividades que criamos e devemos atentar. Pois, nossa experiência enquanto pesquisador é afetada e testada a todo momento (Brunner, 1986).

Dessa forma, para discutir sobre experiência em campo ou quando se pesquisa um fenômeno social com certo apreço ou afeto ao pesquisador como tive - e tenho, se torna importante refletir sobre nossas trajetórias. Assim, preciso apresentar que antes de ser pesquisador do Metal, eu era metal, simpatizante e admirador da música desde os 11 para os 12 anos. Minha experiência de aprendizado

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



foi produzida através de familiares que escutavam a música Metal e a posteriori, na escola (ensino fundamental/médio) tive vários amigos e amigas com que se reunia para conversar e trocar CDs e DVDS sobre Heavy Metal. Não somente isso, fazíamos trajetos e acompanhávamos uns aos outros, isto é, ir aos shows e participar de atividades culturais pela cidade era motivo para rever os amigos e amigas do Metal.

Após logos, anos juntos e engajados na atividade identitária. Alguns amigos formaram uma banda, da qual fui chamado para participar, lá empreendi parte do meu tempo aprendendo sobre teoria musical e sobre a forma de tocar Metal, porque para tocar ou cantar um estilo de música que se executa rapidamente – dependendo do subgênero musical – as passagens destinadas ao vocalista necessitam de atenção, é preciso trabalhar e dedicar tempo a cantar nas métricas, algo que demandou atenção e tempo. Após esse contexto, foi possível enquanto músico experimentar os palcos e sentir toda sinergia produzida pela música, tocando na cidade e regiões circunvizinhas.

Apresento isso resumidamente, porque quando cheguei a universidade, tinha uma formação de mais de 10 anos no Metal e agora encontrava outra realidade de formação em que exigiu ao final do curso a escolha de um fenômeno social para desenvolver a monografia. De fato, a escolha não foi a priori feita rapidamente, mas decidi analisar o Metal, instigado pelo orientador. Tendo escolhido, um dilema surgia, estudar algo próximo e que tinha toda uma formação, o orientador naquele contexto sugeriu-me acompanhar um grupo de chorinho da cidade, cujo material fora utilizado para a disciplina de métodos e técnicas de pesquisa em antropologia. Como aluno de Ciências Sociais que precisava de um relato etnográfico para disciplina e pesquisador demandava uma experiência diferente do que estava naturalizado. Dessa forma, analisar o grupo de chorinho como exercício de pesquisa foi importante, para entender a dinâmica da roda de choro, os improvisos, as canções, retóricas e a tradição oral.

Quando chegou o momento de olhar para o metal como fenômeno social passível de análise fui acumulando material das anotações que fazia dos shows e excursões, em que estava acompanhando os membros. Todo esse processo não foi nada rápido. Mas que levou anos empreendidos e que talvez não fosse possível da forma que me fora devido minha iniciação e formação, algo que fez toda diferença, especialmente num campo em que a masculinidade era expressão super enfatizada – é fundamental uma problematização desse campo a partir do olhar da mulher, pois este campo também atrai muitas mulheres. Devido, as emergentes bandas de mulheres e a possibilidade de participação nos circuitos musicais e shows locais. A música nesse sentido, tem um poder agregador reunindo pessoas diferentes num dado espaço social, embora o exercício musical esteja voltado e marcado para um gênero sexual.

Os músicos (homens e mulheres) antes de começarem as apresentações em palco ensaiam repetidas vezes; pois toda apresentação necessita de certa maneira que eles/elas apresentem algo que a audiência costuma assistir nos grandes shows do mainstream, necessita de prática, energia e dinheiro

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



para executar a performance em palco. Pois, parte disso reflete e refletirá no que esses músicos esperam da audiência e o contrário também, o que irá ocorrer, de que forma, baseando-se nas experiências de outros shows locais ou do mainstream. Não obstante, o horário da apresentação e o espaço em que ocorrerá as apresentações, os subgêneros do Heavy Metal convocados para apresentação, reflete diretamente no status das bandas e dos músicos, bem como na audiência (Santos, 2021; Azevedo, 2009).

A música e a estética dela demandam dos músicos e audiência representarem, pois, os corpos dos membros balançam num frenesi embalados pelas canções; fazem caretas e insultam as instituições ou mesmo como elogio pela apresentação – são usadas palavras como: “do caralho”, “muito foda” e “tal músico é pica” são alguns discursos que aparecem entre músico e audiência –, músicos gesticulam uns para os outros quando as canções devem começar, iniciar e parar marcando as passagens das canções e dessa forma organizando a performance em palco. Dessa forma, a música produzida pelos músicos à audiência gera efeitos emocionais de modo a fazer os indivíduos criarem laços sociais ou participarem da sociabilidade dos shows como é o nosso caso. Não se findando por aí, a música do Heavy Metal produz momentos de intensos contatos, como *circle pit*, *mosh pit* e *wall death*<sup>1</sup>, cada um com graus de satisfação e extravaso (Seixas, 2015).

Para além dos efeitos físicos, psicológicos e sociais, quando as canções findam, os músicos e audiência obtiveram uma nova experiência da música, tanto os músicos pensam como foram os shows anteriores e já se preparam para os próximos eventos, quanto a audiência avalia e cria novas expectativas para com as bandas. Fato que se descreve nas conversas e bate papos dos membros seja nos shows ou redes sociais. Assim pode surgir várias interpretações sobre a música e os indivíduos que as inscreve de diferentes formas, no corpo e na alma de forma ritualizada (Santos, 2021).

Nesta comunicação, as dimensões do campo, experiência e da música, me permitiram compreender as dinâmicas e lógicas das relações que se fazem através da música Heavy Metal que muitas vezes é estigmatizada e marginalizada pela sociedade abrangente em desconhecer que a música é uma válvula de escape das tensões e sofrimentos da “modernidade”.

## METODOLOGIA

A metodologia empregada para essa discussão se baseia em dados analisados através da perspectiva qualitativa e exploratória. Objetivando experimentar e vivenciar as atividades do grupo

1 Categorias nativas que se referem momentos de clímax diferentes, a saber: circle pit: momento em que os membros correm em círculos esbarrando uns nos outros; mosh pit: é o ato ou ação de se lançar num salto livre do palco para a audiência; wall of death: ocasião em que a audiência se divide em duas e cada parte correm na direção da outra. Diferente do que pode parecer ou julgar de forma preconceituosa advindas do senso comum, estas atividades não têm o caráter de gerar violência, pelo contrário, é um catalisador das emoções e formação de unidade social, pois ao entrar nessa dinâmica o indivíduo suspende a individualidade e interagem de forma coletiva para que as manifestações aconteçam (Santos, 2021; Seixas, 2015).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



aqui descrito nos shows e redes sociais, acompanhando-os no excepcional e ordinário da vida social. A observação participante do grupo teve início em 2015, prática que me possibilitou registrar e acumular anotações no caderno de campo (Malinowski, 1998).

## RESULTADOS

Ao tratar de uma parte da dimensão do processo de investigação, revela-se aqui práticas e experiências de pesquisa, consideradas relevantes a particularidade do grupo e do pesquisador. Dessa forma, a pesquisa de campo se tornou fundamental, porém considerando as variáveis que formam e reproduzem o campo, isto é, campo, experiência e música podem se transformar com o passar dos anos. Portanto, o fenômeno social não é experimentado por todos os indivíduos da mesma forma, pois sempre se necessita negociar, interagir e estabelecer relações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta comunicação teve como objetivo apresentar brevemente as práticas do processo de pesquisa que desenvolvi ao longo dos anos. Dividi a discussão em três momentos que se referem aos processos distintos mais que são complementares da pesquisa. Iniciei com a discussão sobre o campo, a legitimação do fenômeno social para análise social, depois a consolidação de pesquisas e críticas a determinados modelos explicativos que tendem a realizar e reproduzir no campo uma narrativa comum que normatiza e não explica heterogeneidade das práticas sociais do grupo. No segundo momento, foi apresentado rapidamente como no caso específico de pesquisa, se tornou fundamental a pesquisa de campo, observando e participando de diversos encontros e shows para compreender a dinâmica social do grupo. Como foi destacado a experiência pode ajudar avançar por um lado e por outro pode colocar certos dilemas com que o pesquisador deve se defrontar e muitas vezes, isso não é simples de ser lidado porque envolve condições e posições sociais do antropólogo ou sociólogo no campo. Por conseguinte, atentei a música como algo passível de ser investigado, mais especificamente, a música do Heavy Metal, destacando algumas dimensões analisáveis realizadas no processo de pesquisa empreendido no mestrado, cuja particularidade se torna fundamental para compreensão dessa identidade social (Santos, 2021). Por fim, a pesquisa de campo era fundamental, pois um show é experimentado no face a face, na escuta dos sons, a observação das performances e outros aspectos. Assim, campo, experiência e música carregam vários significados e dilemas que podem ser analisados em suas intensidades e maneiras pelo pesquisador.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Cláudia Souza Nunes de. “É para ser escuro!” – codificações do black metal como gênero audiovisual. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BRUNER, Edward M. Ethnography as Narrative. In: TURNER, Victor W. & BRUNER Edward M, eds. The anthropology of experience. Urbana and Chicago, University of Illinois Press, 1988.

LOPES, P, A L. Heavy Metal no Rio de Janeiro e Dessacralização de Símbolos Religiosos: A Música do Demônio na Cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz. Doutorado em Antropologia Social – Museu Nacional – UFRJ. 2006

MALINOWSKI, Bronislaw. (1998 [1922]), “Argonautas do Pacífico Ocidental”. Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural.

SANTOS, M, M. Shows, bandas e audiência. Uma análise microssociológica entre os Headbangers da cidade de Campina Grande-PB. Campina Grande-PB. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Campina Grande. 2021

SEIXAS & ELIZABETH PISSOLATO, Luana. Música e Extravasamento: festa como perspectiva, juventudes e heavy metal em Juiz de Fora-MG. Revista AntHropológicas, [S.l.], v. 26, n. 1, dez. 2015. ISSN 2525-5223. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23908>. Acesso em: 09 out. 2021.

SILVA, Wlisses James de Farias. Heavy Metal no Brasil: Os incômodos perdedores (década de 1980). Tese de Doutorado em (História Social) da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo do Programa de Pós-Graduação em História. 2014

## Documentário

DUNN, S, MCFAYEN, S; JOYWISE. Metal: A Headbanger Journey. Warner home video. 2005.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





DUNN, S, MCFAYEN, S. Metal Evolution. Warner home video. 2011

DUNN, S, MCFAYEN, S. Global Metal. Banger Production. 2008

**REALIZAÇÃO.**



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

**FINANCIAMENTO:**



**APOIO:**



## LIMITAÇÕES E POSSIBILIDADES NO USO DA ENTREVISTA NA PESQUISA DE CAMPO NO ESTUDO DA RELAÇÃO DOS RECURSOS CULTURAIS E A ESCOLHA PROFISSIONAL

Edinéia Silva Alves

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS/UFMA)

E-mail: edineia.silva@discente.ufma.br

**RESUMO:** O presente estudo apresenta os resultados de uma reflexão acerca da experiência investigativa vivenciada em uma escola pública do ensino fundamental II, localizada na zona rural de São Bernardo-MA. Desse modo, o objetivo deste trabalho é analisar as possibilidades e limitações do uso da entrevista em profundidade na pesquisa de campo para um estudo sobre a relação dos recursos culturais e a escolha da profissão docente entre os professores da instituição escolar no povoado Currais. O percurso metodológico adotado na construção desta análise consiste na revisão bibliográfica e observação participante que estabelece relações entre o método e teoria, que permitam ao sociólogo a construção de um objeto de validade científica que supere as aparências apresentadas da realidade. Compreende-se que o uso da entrevista na pesquisa de campo enquanto metodologia investigativa, pode apresentar limitações que envolvem o momento da ida e inserção no campo de análise, assim como, a dificuldade de criar medidas para variáveis de percepção ou comportamento dos agentes e espaço pesquisado. Todavia, a pesquisa de campo permite ao pesquisador um papel ativo dentro da investigação, para conhecer e observar as diversas variáveis que compõem o espaço campo estudado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Entrevista em Profundidade. Pesquisa de Campo. Limitações. Possibilidades.

## LIMITATIONS AND POSSIBILITIES IN USE OF THE INTERVIEW IN FIELD RESEARCH IN THE STUDY OF THE RELATIONSHIP OF CULTURAL RESOURCES AND PROFESSIONAL CHOICE

**ABSTRACT:** This study presents the results of a reflection on the investigative experience lived in a public elementary school II, located in the rural area of São Bernardo-MA. Thus, the aim of this paper is to analyze the possibilities and limitations of using in-depth interviews in field research for a study on the relationship between cultural resources and the choice of the teaching profession among teachers at the school institution in the village of Currais. The methodological approach adopted in the construction of this analysis consists of a bibliographical review and participant observation that

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



establishes relationships between method and theory, which allow the sociologist to construct an object of scientific validity that surpasses the presented appearances of reality. It is understood that the use of interviews in field research as an investigative methodology may have limitations involving the time of going and entering the field of analysis, as well as the difficulty of creating measures for variables of perception or behavior of agents and space searched. However, field research allows the researcher to play an active role in the investigation, to know and observe the various variables that make up the studied field space.

**KEYWORDS:** In-Depth Interview. Field research. Limitations. Possibilities.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa científica consiste em um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento” (LAKATOS, 2003, p.154). Desta forma, o exame científico corresponde a um procedimento formal que disponibiliza de métodos para a construção do pensamento reflexivo, que requer um tratamento sistematizado e se estabelece como um caminho a ser trilhado para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais sobre o objeto estudado (LAKATOS, 2003).

Dessa forma, o processo referente a construção de um estudo de cunho científico sugere a seleção de uma metodologia de investigação que se adequem aos objetivos da pesquisa. Severino (2007) aponta que o termo metodologia nos remete a definição de produção do conhecimento, que é o referencial diferenciador do agir humano em relação ao agir de outras espécies (SEVERINO, 2007). Desta forma, a produção do conhecimento científico estaria diretamente relacionada à construção do objeto a ser estudado. Pois, “[...] o conhecimento deve se dar mediante a construção dos objetos a se conhecer e não mais pela *representação* desses objetos” (SEVERINO, 2007, p.32).

A partir do desenvolvimento das reflexões epistemológicas acerca das peculiaridades do objeto estudado pelas Ciências Humanas e Sociais, notou-se que o: “[...] modo de ser humano foram mostrando a complexidade do fenômeno humano e a insuficiência da metodologia positivista para sua apreensão e explicação”. (SEVERINO, 2007, p.112). visto que, “[...] a produção de conhecimento não se processa como se os dados, os fatos se mostrassem gratuitamente aos olhos do pesquisador [...]” (PRODANOV, 2013, p.22). Pelo contrário, os conhecimentos produzidos pelas Ciências Humanas, desde que são produzidos, sofrem em maior ou menor grau as interferências dos princípios e pressuposições do próprio pesquisador.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Nesse contexto, estabeleceu-se um debate a respeito das metodologias que pudessem viabilizar a construção de conhecimento acerca da vida social sem ser indiferente a sua complexidade. A esse método chama-se de abordagem qualitativa. Isso não torna a abordagem qualitativa livre de enganos, pois a qualidade de um trabalho científico é resultado da coerência existente entre método e objeto (LAKATOS, 2003).

Diante do exposto, o presente artigo apresenta um exercício reflexivo acerca das limitações e possibilidades da pesquisa de campo com o uso da entrevista em profundidade enquanto uma técnica de investigação no estudo sobre a relação dos recursos culturais e a escolha da profissão docente entre os professores da instituição escolar no povoado Currais. A escolha da referida temática para análise, consiste no fato de a mesma possibilitar uma análise sobre o processo construtivo da pesquisa social, além de, proporcionar um exame dos fatores que compõem o percurso metodológico da pesquisa de campo por entrevista.

O percurso metodológico adotado na construção desta análise consiste na revisão bibliográfica e observação participante que estabelece relações entre o método e teoria, que permitam ao sociólogo a construção de um objeto de validade científica que supere as aparências apresentadas da realidade (GIL, 2008).

## CONCEITUANDO A ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

A entrevista em profundidade é uma das técnicas investigativas bastante utilizada entre pesquisadores nas Ciências Sociais. Conforme afirma Gil (2008), psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e tantos outros profissionais que abordam em suas pesquisas questões relacionadas aos conflitos humanos fazem uso dessa técnica. Segundo Gaskell (2008, p.66) “a versatilidade e valor da entrevista qualitativa são evidenciados no seu emprego abrangente em muitas disciplinas sociais científicas e na pesquisa social comercial [...]”.

Destaca-se que seu uso não se limita somente a “[...] coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação” (GIL, 2008, p.109). Vê-se que a entrevista é uma técnica de investigação que oportuniza não somente a coleta de dados, mas serve como um elemento condutor para o desenvolvimento da pesquisa e diagnóstico das informações fornecidas pelos entrevistados.

Gil (2008, p.109) define a entrevista como “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. Dessa forma, o uso da entrevista como ferramenta investigativa impõe uma forma de interação social, estabelecendo um diálogo assimétrico em que o investigador busca coletar dados e o investigado transforma-se na fonte de informação (GIL, 2008).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Corroborando com as afirmações de Gil (2008), Haguette (1987, p.86), diz que a entrevista pode ser compreendida como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Para ambos os autores a entrevista é tida como um instrumento investigativo que proporciona a construção de uma interação social entre os indivíduos que participam da pesquisa. Todavia, ressalta-se que esse momento de interação social é conduzido por um roteiro previamente construindo pelo entrevistador, ou seja, a socialização entre investigado e investigador é orientada com base objetivos estabelecidos para a pesquisa em foco.

Desse modo, a entrevista não deve ser confundida com a simples conversa, é algo mais que isso, pois, o seu desenvolvimento exige contar com um roteiro adequado, que conduza a fala dos entrevistados aos objetivos preestabelecidos, que discriminam suficientemente o que deve ser coletado (LAKATOS, 2003).

Para Beaud e Weber (2007) a entrevista deve ser visualizada como um complemento mais ou menos indispensável do momento da observação do espaço campo. Segundo eles, são duas operações que não se separam, dessa forma, é necessário a construção de um diálogo entre o momento de observação e a realização das entrevistas. Assim, os autores destacam que “entrevistas e observações fazem progredir a pesquisa como um concerto. Não há corte entre ambas” (BEAUD; WEBER, 2007, p.118). Portanto, é na observação dos fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, juntamente ao registro escrito/gravado das informações fornecidas pelos entrevistados que que o pesquisador realiza a análise das variáveis que se presumem relevantes a construção do estudo (LAKATOS, 2003).

## **O USO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE NO ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO DOS RECURSOS CULTURAIS E A ESCOLHA DA PROFISSÃO DOCENTE**

O modo como determinado ator escolhe seu “curso superior, [ou profissão] as crenças, os valores, os objetivos que ele mobiliza nessa escolha, tudo seria definido a partir do seu habitus, e este, por sua vez, refletiria a posição social de origem do ator” (NOGUEIRA, 2004, p.76). A partir de um conhecimento da origem social do indivíduo, poder-se-ia medir o grau de intensidade dessas predisposições sobre as escolhas do mesmo (ALVES, 2015).

Diante disso, a técnica de pesquisa selecionada foi utilizada no estudo sobre as variáveis sociais e culturais que perpassam o processo de escolha da profissão docente entre os professores do Ensino Fundamental II da instituição escolar no povoado Currais. Fornecendo os instrumentos necessários a apreensão das variáveis culturais, econômicas e sociais que compõem e mantem o ato da escolha da profissão.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Assim, o percurso metodológico escolhido na realização do estudo sobre escolha profissional precisa oferecer os meios para a construção de um diálogo direto entre teoria e a realidade social que se pretende investigar. Visto que, conforme os estudos de Castilho (2014, p.37) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”. A experiência de conhecer qualquer fenômeno constituinte da realidade exige ao pesquisador a necessidade de uma aproximação direta, devido sua complexidade e dinamicidade.

Nesse contexto científico, ainda conforme Castilho (2014, p.38) pode-se afirmar que:

[...] a pesquisa possui aspectos teóricos, metodológicos e práticos, transpondo o reducionismo do empirismo. A realidade é interpretada a partir de um embasamento teórico, sem a pretensão de desvendar integralmente o real e possui um caminho metodológico a percorrer com instrumentos cientificamente apropriados.

Com base na citação acima, vê-se que o trabalho científico é construído a partir de uma junção entre teoria, método e prática, já que, a análise da realidade social implica estabelecer uma relação os aspectos teóricos e metodológicos. Pois, a “[...] divisão teoria /metodologia constitui em oposição epistemológica uma oposição constitutiva da divisão do trabalho científico num dado momento [...]” (BOURDIEU, 2010, p. 24). Estabelecendo uma relação analítica entre teoria, método e o contexto social em que o objeto está inserido. Para a realização de uma pesquisa torna-se imprescindível a superação do senso comum, estabelecendo relações entre o método e teoria, que permitam ao sociólogo a construção de um objeto de validade científica que supere as aparências apresentadas da realidade.

Dentro desse cenário, a entrevista “é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano” (GIL, 2008, p.110). O uso da entrevista em profundidade como instrumento investigativo na pesquisa sociológica apresenta grandes possibilidades para a construção de uma pesquisa científica sobre os condicionantes sociais que estruturam e legitimam as ações dos indivíduos em sociedade.

Gil (2008) aponta que dentre as possibilidades e benefícios de investigação oferecidos com o uso da entrevista, destacam-se: maior flexibilidade para a coleta de dados, a pessoa entrevistada não precisa saber ler ou escrever e a captação de expressões faciais e corporais do entrevistado. Os fatores destacados corroboram consideravelmente para a coleta de dados em uma perspectiva qualitativa, visto que, uma “abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CASTILHO, 2014, p.39).

Desse modo, na pesquisa de campo com o uso da entrevista em profundidade permite a

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



coleta de informações detalhadas, já que, o campo estudado não se restringe a dados isolados, pelo contrário, o sujeito pesquisado é tido como um elemento que compõe o espaço campo, interpreta-o e atribuindo-lhe significado GASKELL (2008). Exigindo do pesquisador um encontro direto, munido de uma técnica investigativa que possibilite reunir um conjunto de informações a serem documentadas e analisadas.

A entrevista em profundidade na pesquisa de campo fornece maior flexibilidade para a coleta de dados, a mesma autoriza uma melhor análise das variáveis que culminaram na escolha da profissão docente entre os professores da instituição escolar no povoado Currais. Pois, esse tipo de técnica investigativa possibilita que os entrevistados informem ao entrevistador, suas concepções de mundo e valores referentes ao tema em questão, através de um discurso livre de imposições.

Sobre isso, Seltiz et al., (1967, p.63) aponta que:

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.

Conforme a citação, vê-se que o uso da entrevista é adequado em estudos que é preciso obter informações com os indivíduos, pois, permite que entrevistado e entrevistador estabeleçam um diálogo confortável, que permitirá ao indivíduo interrogado sentimento de aconchego e segurança, fatores necessários para que o mesmo consiga fornecer as informações necessárias acerca do campo em estudo. Dessa forma, o procedimento da entrevista proporciona que os entrevistados informem ao entrevistador, suas concepções de mundo e valores referentes ao tema em questão, através de um discurso livre de imposições.

Outro ponto positivo no uso da entrevista, é a possibilidade de realizar a gravação das informações fornecidas pelos entrevistados, um eficiente instrumento para melhor armazenar os dados coletados. Dessa forma, fica-se mais livre durante o andamento da gravação para se fazer algumas observações escritas de circunstâncias que escapam a gravação em áudio, ao mesmo tempo, que se amplia a interação com o entrevistado, já que se fica mais vigilante ao conteúdo de suas verbalizações. Assim sendo, indagamos questões da fala dos entrevistados que apareceram no decorrer da entrevista e que nos pareciam importantes para a análise do tema estudado.

Segundo Phillips (1974, p. 165) é “também possível usar a própria situação da entrevista como dado, pois uma compreensão da dinâmica presente pode conduzir a uma maior compreensão da interação social como um todo”. Conforme o autor, é oportuno o pesquisador estar alerta com a interação que acontece com o entrevistado no decorrer da entrevista. Pois, mesmo sendo complexo compreender os efeitos sentidos pelo processo de socialização imposto no momento da entrevista,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





quando se captura os valores e expectativas dos entrevistados é possível utilizá-los na interpretação das informações fornecidas pelos sujeitos participantes do estudo (PHILLIPS, 1974).

## LIMITAÇÕES DA ENTREVISTA ENQUANTO FERRAMENTA INVESTIGATIVA

Mesmo sendo a entrevista em profundidade um instrumento de investigação eficiente no estudo dos indivíduos e das relações sociais, a mesma apresenta certas desvantagens que muitas vezes a torna menos indicada para a realização de uma pesquisa. Segundo Gil (2008, p.110) dentre as principais desvantagens no uso da entrevista, destacam-se:

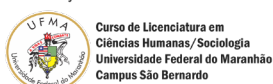
- a) a falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas que lhe são feitas;
- b) a inadequada compreensão do significado das perguntas;
- c) o fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes;
- d) inabilidade ou mesmo incapacidade do entrevistado para responder adequadamente, em decorrência de insuficiência vocabular ou de problemas psicológicos;
- e) a influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado;
- f) a influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado;
- g) os custos com o treinamento de pessoal e a aplicação das entrevistas.

Na citação acima apresenta-se algumas das limitações que trazem interferência na qualidade das informações que são fornecidas com a realização das entrevistas, podendo prejudicar o resultado da pesquisa. Assim, é preciso que o pesquisador esteja preparado para contornar os diversos obstáculos que possam emergir durante o processo de realização do estudo.

Durante a realização de uma entrevista é importante conduzi-la de modo que as informações obtidas não tenham influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado. Dessa forma, os entrevistadores “são geralmente instruídos para ter cuidado com a expressão de aprovação ou desaprovação das afirmações feitas pelo entrevistado e para desenvolver gestos e respostas verbais não comprometedoras, quando o entrevistado indicar o desejo de alguma reação” (PHILLIPS, 1974, 169).

Para a condução de uma entrevista eficiente é oportuno que o entrevistador tenha domínio das expressões que demonstrem aprovação ou desaprovação das respostas que são fornecidas pelos entrevistados. Pois, a influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado pode inutilizar os dados coletados. Visto que, as informações fornecidas durante a entrevista podem ser corrompidas com a visão do entrevistador sobre o campo, impossibilitando assim, que os participantes da pesquisa tenham a liberdade e confiança para conversar e expressar suas opiniões e conhecimento acerca do que lhes é questionado.

REALIZAÇÃO:



FINANCIAMENTO:



APOIO:



A inadequada compreensão do significado das perguntas é outro problema que ocorre no andamento de uma entrevista e pode interferir diretamente na construção da análise das informações coletadas. Já que, muitas vezes, devido a má organização de um roteiro de entrevista e a formulação deficiente das questões, provoca o desentendimento dos entrevistados acerca do que o entrevistador que saber.

Um entrevistador despreparado é outro fator que compromete o bom andamento da coleta de informações no desenvolvimento de uma pesquisa. Dependendo do público que será realizada as entrevistas é preciso que o entrevistador esteja preparado para conduzir a entrevista, esteja apta a proporcionar um ambiente agradável ao entrevistado, para que o mesmo consiga fornecer o seu conhecimento e concepção de mundo, de modo claro e consciente (GIL, 2008). Desse modo, uma atenção redobrada no momento de construção do roteiro e condução da entrevista são imprescindíveis na construção de um estudo eficiente acerca da realidade social.

Gaskell (2008, p.67) aponta que embora o guia da pesquisa deva “ser bem preparado no início do estudo, ele deve ser usado com alguma flexibilidade”. Ou seja, o pesquisador precisa saber manusear o roteiro de estudo conforme o desenvolvimento da entrevista. Assim, “o entrevistador deve usar sua imaginação social científica para perceber quando temas considerados importantes e que não poderiam estar presentes em um planejamento ou expectativa anterior, aparecem na discussão” (GASKELL, 2008, p.67).

Dessa forma, um entrevistador despreparado pode ocasionar prejuízos a construção e desenvolvimento de uma pesquisa. Pois, o mesmo precisa ter domínio do roteiro que vai ser utilizado na entrevista, para que consiga identificar quando é necessário seguir o guia de entrevista ou deixar o entrevistado confortável para falar sem seguir um roteiro preestabelecido.

Diante disso, as limitações aqui apresentadas, expressam grau maior ou menor de interferência na qualidade da entrevista. Contudo, em razão da flexibilidade dessa técnica investigativa, tais dificuldades podem ser contornadas. Entretanto, isso exigirá do pesquisador dedicação no planejamento da pesquisa e na construção da relação de confiança com o sujeito participante do estudo, já que o sucesso desta técnica depende fundamentalmente do nível da relação pessoal estabelecido entre entrevistador e entrevistado (GIL, 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou reflexões sobre as limitações e possibilidades no uso da entrevista em profundidade enquanto uma técnica de investigação no estudo sobre a relação dos recursos culturais e a escolha da profissão docente. Oportunizando a construção de uma análise do emprego da pesquisa em profundidade na pesquisa de campo.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



A entrevista pode ser compreendida enquanto uma técnica em que o investigador e investigado constroem um diálogo assimétrico, que possibilita ao investigador a busca e coleta de dados e o investigado transforma-se em fonte de informação. Um instrumento investigativo que permite uma interação social entre os indivíduos que participam da pesquisa. Contudo, é oportuno ressaltar que o momento de socialização que ocorre entre entrevistado e entrevistador tem como base um roteiro de pesquisa preestabelecido que deve servir como fio condutor da conversa para a obtenção de informações.

Dentre as possibilidades da entrevista na pesquisa de campo enquanto instrumento de investigação pode-se citar a flexibilidade para a coleta de dados, já, os aspectos limitantes no uso da entrevista estão atrelados a possível influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado.

Portanto, a entrevista é uma técnica investigativa flexível as circunstâncias que são apresentados no campo de estudo, permite que o pesquisador adequue seus interesses prévios, percebendo as particularidades do objeto e sujeitos que solicitaram novas abordagens metodológicas. O ato de fazer pesquisa e construir um objeto exigem o cuidado que o pesquisador precisa ter, desde o momento da escolha do objeto, até a fase da ida a campo para a coleta de dados. Fazer pesquisa é um ato que necessita esforço e atenção nas etapas que serão trilhadas no desenvolvimento da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Edinéia Silva. Profissão docente: influência dos bens culturais, econômicos e sociais no processo da escolha profissional. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Licenciatura em Ciências Humanas / Sociologia, 2015.

BEAUD, S. e WEBER, F. Guia para a pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERNARD, Phillips. Entrevistas, questionários e levantamentos. In: PAIVA, Vanilda. Pesquisa Social: Estratégias e Táticas. Rio de Janeiro, 1974.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução: Fernando Tomaz -14ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



CASTILHO, Auriluce Pereira et al. Manual de metodologia científica. Auriluce Pereira Castilho, Nara Rúbia Martins Borges e Vânia Tanús Pereira. (orgs.) – Itumbiara - GO: ILES/ULBRA, 2014.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

GIL, Antonio Carlos. Método e Técnicas de Pesquisa Social.6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

HAGUETTE, T. M. F. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. – 5. ed. – São Paulo : Atlas, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SELLTIZ, Claire et al. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: Herder, 1967.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2007.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **PESQUISAS CIENTÍFICAS DO CAMPO DA SUBJETIVIDADE: REFLEXÕES E DEBATES**

Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior  
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM  
Mestrando em Psicologia – PPGP/UFSM  
paulo\_juniorpio@hotmail.com

**RESUMO:** Alcançar o status de ciência sempre foi uma necessidade da Psicologia para se desvencilhar das amarras filosóficas. Ao mesmo tempo, essa área do conhecimento diferencia das demais, não sustentando paradigmas como o do positivismo. Dessa forma, como conciliar o estudo da subjetividade humana a etapas de um saber científico? Estas questões perduram até os dias atuais e se torna a pergunta norteadora deste trabalho. O estudo tem como objetivo geral analisar os métodos adotados na pesquisa psicológica, de modo a ofertar subsídios para a produção do conhecimento. Trata-se portanto, de uma pesquisa de caráter bibliográfico e do tipo narrativo e compreensivo. Foram analisadas referências nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico, Scielo, Pepsic e BVS Brasil. Para este trabalho foram elegidos quinze publicações entre o período de 2017 à 2021, compreendendo os escritos em língua portuguesa. Ao final da análise os resultados encontrados permitiram duas categorias de reflexões e debates. A primeira diz respeito os métodos e técnicas utilizadas, sendo em sua grande maioria do tipo qualitativa. Além do uso de entrevistas abertas, imagens, vídeos, diários, cartas e demais recursos. Essa combinação permite ter mais acessos não apenas a subjetividade, como a compreensão do fenômeno a qual os sujeitos estão inseridos. Já a segunda categoria aponta para os desafios da pesquisa psicológica em meio a uma pandemia. Os meios habituais já não são os mesmos, fazendo os pesquisadores reinventarem e terem acesso a esse campo subjetivo através de uma tela.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa, Psicologia, Subjetividade, Pandemia.

## **SCIENTIFIC RESEARCH IN THE FIELD OF SUBJECTIVITY: REFLECTIONS AND DEBATES**

**ABSTRACT:** To reach the status of science has always been a necessity for Psychology to get rid of philosophical ties. At the same time, this area of knowledge differs from the others, not supporting paradigms such as positivism. Thus, how to reconcile the study of human subjectivity with the stages of a scientific knowledge? These questions persist until today and become the guiding question of this work. The general objective of this study is to analyze the methods adopted in psychological research,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



in order to offer subsidies for the production of knowledge. It is, therefore, a bibliographical research of narrative and comprehensive type. References in the following databases were analyzed: Google Scholar, Scielo, Pepsic and BVS Brazil. Fifteen publications were selected for this work between the period 2017 to 2021, including those written in Portuguese. At the end of the analysis, the results found allowed for two categories of reflections and debates. The first concerns the methods and techniques used, most of them being of the qualitative type. Besides the use of open interviews, images, videos, diaries, letters, and other resources. This combination allows more access not only to subjectivity, but also to the understanding of the phenomenon in which the subjects are inserted. The second category points to the challenges of psychological research in the midst of a pandemic. The usual means are no longer the same, making researchers reinvent themselves and have access to this subjective field through a screen.

**KEYWORDS:** Research, Psychology, Subjectivity, Pandemic.

## INTRODUÇÃO

A Psicologia se constitui como uma ciência importante dentro das sociedades. Como todo saber aplicado, sua área reconhece diversas nomenclaturas como objetos de estudo. Entretanto, Bock, Furtado e Teixeira (2019) descrevem a subjetividade como primordial conceito de concentração desta área. A mesma pode ser definida como um conjunto complexo de nuances formativas do sujeito, abrangendo desde seus fatores biológicos como psicológicos, históricos, sociais, culturais e afins.

Como parte importante da sua constituição, a pesquisa também se faz presente neste campo de estudo. A pesquisa psicológica visa buscar as compreensões de fatores, fenômenos e pessoas. A sua ênfase busca permitir dar vazão a todos os aspectos que compõe seu objeto, oportunizando a fala, discursos e percepções dos envolvidos. Assim, existe, portanto, a necessidade de realizar tais iniciativas, de modo a promover a visibilidade dos conhecimentos (SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012).

Suas investigações buscam dar margem as questões intrínsecas dos indivíduos, sendo necessário todo um preparo para sua realização. Dessa forma, as pesquisas surgem or meio da definição da área de concentração daquele estudo, embasando todo o processo por meio de teorias. Inclusive, são estes aportes os pontos fundamentais para a definição das demais etapas deste processo. Outro ponto importante, e mais que necessário, diz respeito a ética presente no estudo. Os pesquisadores precisam estar munidos de recursos que garantam a dignidade e a confidencialidade do estudo, ara que valores como a validade e fidedignidade estejam presentes (BREAKWELL et al., 2011).

São essas pesquisas que visam dar margem as verdadeiras nuances dos sujeitos. Aqui, suas questões, sua história, suas tradições, suas crenças e afins são os objetos a serem não apenas investigados,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



mas produtores de sentido. Cada discurso é validado dentro da sua própria individualidade e das suas realidades, valorizando sua subjetividade (MINAYO, 2016).

Pensando nestas relações, existem diversas ferramentas as quais permitem a viabilização destes trabalhos. Enquanto, Medrado, Spink e Mélo (2014) apresentam os diários de campo como mecanismo de investigação, Spink, Menegon e Medrado (2014) ofertam a produção de oficinas como possibilidade frente a este tipo de trabalho. Por máximo que sejam distintas, as publicações apresentam ideias dentro do campo das Ciências Humanas, permitindo a viabilização do próprio sujeito, da sua própria identidade, das suas próprias questões e claro, da sua própria subjetividade.

Baseada nas considerações anteriores, este trabalho possui como objetivo geral analisar os métodos adotados na pesquisa psicológica, de modo a ofertar subsídios para a produção do conhecimento. Consequentemente, este escrito também apresenta reflexões pertinentes dentro do campo da pesquisa, com base no contexto histórico vigente.

## MÉTODO

Este trabalho é classificado como uma revisão de literatura. Conforme Gonçalves (2019) esta forma de publicação visa analisar os achados escritos na literatura, dentro de uma determinada temática. Além disso, esta revisão é do tipo narrativa e compreensiva. As buscas foram realizadas entre os meses de junho e julho de 2021. Para isto, foram realizadas as procuras nas seguintes bases de dados eletrônicas: Google Acadêmico, Scielo, Pepsic e BVS Brasil. Os descritores utilizados nesta pesquisa foram: pesquisa, desenho, Psicologia, metodologia e subjetividade.

De modo a identificar quais estudos deveriam ser escolhidos foram definidos critérios para esta investigação. Os critérios de inclusão estabelecidos consistiam em: trabalhos publicados entre o período de 2017 à 2021, compreendendo os escritos em língua portuguesa. Já como critérios de exclusão: resumos (simples e/ou expandidos), entrevistas, artigos de opinião e resenhas.

Conforme as definições ressaltadas anteriormente foram escolhidas quinze referências, as quais auxiliaram no objetivo traçado neste trabalho. Ao final da análise os resultados encontrados permitiram duas categorias de reflexões e debates. A primeira diz respeito os métodos e técnicas utilizadas; já a segunda categoria aponta para os desafios da pesquisa psicológica em meio a uma pandemia.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### Métodos e técnicas utilizadas na pesquisa da subjetividade

A abordagem qualitativa sem dúvida é uma das mais utilizadas dentro das ciências humanas e

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



sociais, entretanto, existem grandes porcentagem em demais campos como da educação e da saúde. O sustento desta alternativa diz respeito as técnicas de escuta e investigação a qual focam no discursos e não em medidas quantitativas. A partir daí, fica claro alcançar esta subjetividade tão esperada, apresentando por meio de imagens, vídeos, observações e afins (MINAYO; COSTA, 2018).

Essa metodologia abrange uma série de possibilidades de manejo e instrumentalização das pesquisas. Exemplos disso estão dispostos no descrito de Oliveira, Strassburg E Piffer (2017). Os autores apresentam métodos como Grupo Focal, Discurso do Sujeito Coletivo, Método Delphi e a Etnografia. Cada uma dessas perspectivas estabelecem regras e atuações definidas, tendo originalidade em áreas distintas. Entretanto, um ponto comum que as une diz respeito ao encontro desta subjetividade e a produção de sentido que as mesmas realizam dentro da sua realidade.

De fato, os discursos passam a ser além do foco de análise, o do estudo. Para isto, seja em qual método adotar diante cada pesquisa, a ética deve se manter presente nas ações dos pesquisadores. Existem formas e maneiras próprias e relevantes a serem observadas de acordo com cada instrumento e modalidade de estudo (CARNUT, 2019).

O processo de escolhas destes métodos traduzem em bastante euforia e possíveis problemas, caso não sejam bem estruturados. É o que afirma os autores Silva, Russo e Oliveira (2018). É mais que evidente a importância de optar por um delineamento metodológico, afinal de contas, é ele quem guiará todo o trabalho, estabelecendo o alcance das metas e objetivos previstos. O grande problema ocorre quando esta escolha é superestimada, colocando assim como um dogma necessário dentro da pesquisa. O que os autores apresentam como uma alternativa “saudável” no meio deste cenário diz respeito a uma coerência estabelecida entre este método, os objetivos e a problemática do estudo.

Os mesmos autores ainda seguem alertando para um fenômeno preocupante. Enquanto o pesquisador como um sujeito, passe a inferir suas questões, valores e crenças dentro daquela realidade/objeto. Suas questões então passa a fazer parte daquilo, produzindo análises e interpretações enviesadas. Para isto, o pesquisador necessita de cautela durante a produção, se mantendo distante de quaisquer formas de influência no estudo. Exemplos de casos contrários a esta recomendação produziram trabalhos com resultados bastante duvidosos (SILVA; RUSSO; OLIVEIRA, 2018).

Dentro da pesquisa qualitativa a entrevista se constitui como uma das técnicas mais frequentes e de usabilidade entre os diversos estudos produzidos. Ela possui um caráter de maior alcance e magnitude entre todos os envolvidos deste processo. Entretanto, a mesma não pode ser reduzida a palavra facilidade. A entrevista se constitui como um instrumento que visa cuidados e bastante atenção. É preciso pensar em todo a conjuntura de sua realização. Os questionamentos, o local de realização, a forma de condução, tudo isso e muito mais deve ser pensado e repensado entre os pesquisadores, como forma de manter a autenticidade dos dados (BATISTA; MATOS; NASCIMENTO, 2017).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





Apesar de todas as questões descritas anteriormente, ainda existe um ponto de extrema necessidade em ser tratado. A pesquisa também passa por questões por parte do pesquisador. Suas visões, bem como seus afetamentos, podem interferir dentro da produção da pesquisa. É o que garante Proetti (2017) sobre as angustias causadas pela necessidade de escolher uma modalidade dentro do campo dos estudos qualitativos:

“Essa dificuldade, aliás, permeia as mentes dos pesquisadores em formação, pois a ansiedade da busca de respostas aos problemas de pesquisa faz com que muitos iniciantes na pesquisa científica adotem questionários de forma imediata e se esqueçam de apresentar a metodologia adequada e específica para os estudos que desenvolvem em seu trabalho (PROETTI, 2017, p. 21).”

### **Os desafios da pesquisa psicológica no cenário pandêmico**

A pandemia proporcionou uma série de mudanças nas sociedades. Assim, como o cotidiano, as instituições e os espaços padeceram de novas configurações, a pesquisa também não ficou alheia a isso. Oliveira (2021) aponta a primeira alteração vivenciada: os objetos de pesquisa. Os fenômenos a quais são estudados precisam ser viabilizados pelo meio digital, visto que o contato presencial pode significar a transmissão e disseminação do vírus da Covid-19. Assim sendo, as ações que antes eram desenvolvidas com o contato *in loco*, passou para as páginas e artificios virtuais.

Silva (2020) aponta para a importância que os estudos das áreas das ciências humanas propiciam em momentos como este. Diante de um quadro complexo e diverso, as ciências destas áreas propiciam não apenas a multidisciplinaridade, mas a adoção de perspectivas a quais promovem novas reflexões. Este novo pensar contribui para a produção de ações e medidas que sejam efetivas diante das demandas apresentadas pelo contexto histórico atual.

Por máximo que existam novos modelos virtuais que apoiem o método dos trabalhos, Oliveira (2021) alerta:

“Quando é possível realizar adaptações e proceder com a coleta de dados por meio digital, seja através de questionários, entrevistas ou outras técnicas de coletas de dados, é fundamental lembrar-se da importância de manter e garantir os mais altos cuidados éticos na investigação e, ainda, proporcionar discussão metodológica sobre tais estratégias e adaptações (OLIVEIRA, 2021, p. 99).”

Pesquisas em Psicologia apresentam grande relevância nos tempos atuais. Todas as alternativas presentes nestes períodos servem como base para a produção de novos saberes. Como afirma Menezes et al., (2020) as redes sociais tem se mostrado como uma fonte de inesgotável intervenção e investigação. Os autores buscaram neste trabalho especificamente as questões psicológicas emergentes de intervenções por meio do Instagram, no caso, por meio da contação de histórias. Essa nova

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



perspectiva surge então, produzindo informações relevantes e necessárias dentro da subjetividade humana no período pandêmico.

Esses trabalhos ainda conseguem efeitos para além do meio acadêmico. Barros e Gracie (2020), por exemplo, analisaram aspectos relacionados a tristeza, qualidade do sono e ao nervosismo. Seus dados, além de demonstrar uma situação alarmante, convida a toda a sociedade, as instituições de saúde pública e aos governantes implicados nas esferas públicas a pensarem para além da pandemia. Buscando compreender e entendendo as consequências deste episódio, promovendo atitudes agora para a posterioridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A subjetividade é um aspecto importante dentro das vivências e da própria constituição dos seres humanos. Dessa maneira, a mesma é indissociável, entretanto, aparenta vivenciar bastantes formas de invisibilização. Ainda que muitos possam não dar a devida atenção, as pesquisas do campo das ciências humanas, a Psicologia propriamente, parecem dar o devido valor a este aspecto. É bastante comum se deparar com trabalhos buscando compreender realidades, valores, crenças, visões de mundo e demais nuances envolvendo particularidades de um fenômeno.

A própria área da pesquisa criou bastante subsídios para a realização destes estudos, estabelecendo normas, métodos, ações, análises, posturas, valores a serem ressaltados. Desse jeito, estas investigações agora contavam com subsídios as quais davam todo o apoio necessário para a confiabilidade e validade dos dados. Essa ampla gama de possibilidades da abertura ao pesquisador a buscar construir o seu próprio caminho de pesquisa, com base nas problemáticas abordadas.

A pandemia da Covid-19 também ofertou mais aspectos dentro desta área. O contato que agora estabelece a contaminação do vírus impossibilita a realização de diversos métodos. Ainda assim, as pesquisas não pararam. Principalmente por mostrar toda sua relevância para a sociedade. Desta maneira, mesmo com obstáculos e novos artifícios, as pesquisas seguem acontecendo, dando vazão a plena e singular subjetividade humana.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Marilisa Berti de Azevedo et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, p. e2020427, 2020.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



BATISTA, Eraldo Carlos; MATOS, Luís Alberto Lourenço de; NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, v. 11, n. 3, p. 23-38, 2017.

BREAKWELL, Glynis M. et al. Métodos de pesquisa em psicologia. Artmed Editora, 2010.

CARNUT, Leonardo. Pesquisa social ou pesquisa qualitativa? Uma dis (des) cu (constru) ss (ç) ão em pauta na saúde coletiva. Saúde em Debate, v. 43, p. 170-180, 2019.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane Paris; MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: Spink, Mary Jane Paris.; Brigagão, Jacqueline Isaac Machado; Nascimento Vanda Lúcia Vitoriano do; Cordeiro, Mariana Prioli (Orgs.). A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 274-294.

MENEZES, Jaileila de Araújo et al. A contação de histórias no instagram como tecnologia leve em tempos pesados de pandemia. Psicologia & Sociedade, v. 32, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. Revista Lusófona de Educação, v. 40, n. 40, 2018.

OLIVEIRA, Nilton Marques de; STRASSBURG, Udo; PIFFER, Moacir. Técnicas de pesquisa qualitativa: uma abordagem conceitual. Ciências Sociais Aplicadas em Revista, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 32, p. 87-110, jun. 2017.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Desafios para a pesquisa no campo das ciências humanas em tempos de pandemia da COVID-19. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 5, n. 14, p. 93-101, 2021.

PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. Revista Lumen-ISSN: 2447-8717, v. 2, n. 4, 2018.

SHAUGHNESSY, John J.; ZECHMEISTER, Eugene B.; ZECHMEISTER, Jeanne S. Metodologia de pesquisa em psicologia. AMGH Editora, 2012.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





SILVA, Luciano Ferreira da; RUSSO, Rosária de Fátima Segger Macri; OLIVEIRA, Paulo Sergio Gonçalves de. Quantitativa ou qualitativa? um alinhamento entre pesquisa, pesquisador e achados em pesquisas sociais. Revista Pretexto, p. 30-45, 2018.

SILVA, Michel Goulart da. A pandemia e a importância das Ciências Humanas. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 2, n. 6, p. 30-34, 2020.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. Psicologia & Sociedade, v. 26, p. 32-43, 2014.

**REALIZAÇÃO:**



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

**FINANCIAMENTO:**



**APOIO:**



# **Simpósio Temático 08**

## **Imaginário, Simbolismos e Mitos**

**Coordenadores:**

- Prof. Dr. Josenildo Campos Brussio
- Prof. Dr. Fabrício Tavares de Moraes

## A MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO EM A PAIXÃO SEGUNDO G. H. DE CLARICE LISPECTOR

Luã Leal Gouveia  
Mestrando em Letras (PPGL - UFPA)  
Universidade Federal do Pará – UFPA  
lua.gouveia@ilc.ufpa.br

**RESUMO:** A presente discussão orienta-se em analisar a obra *A paixão segundo G. H.* (2009), de Clarice Lispector, a partir de uma leitura sobre a recepção do sagrado nesta obra, propondo uma abertura acerca do termo hierofania indicado por Mircea Eliade (2018), em seu livro *O sagrado e o profano* (2018). A leitura dialoga com as questões suscitadas por Mariângela Alonso (2008) sobre a caracterização da barata como uma manifestação do sagrado, G. H. é seduzida pelo inseto e sentido oculto em que ele esconde, desta maneira, a barata carrega uma força que inclina a personagem para o lado avesso, oposto da vida, para a natureza incomum da existência, assim como a experiência do sagrado. De acordo com o que é discutido por Eliade (2018, p. 18), é difícil do ser humano compreender a manifestação do sagrado através de pedras, árvores, mas, segundo o autor, quando manifesto eles perdem o sentido de pedra ou árvores, e sim deixam que o sagrado se revele, isto é, uma hierofania. Para tanto, esta proposição discute esta atmosfera do sagrado na obra de Clarice Lispector como uma proposta de leitura, tratando da experiência da personagem de perda do eu e busca pelo núcleo como traços do sagrado, observando a experiência com a barata como parte da revelação do sagrado na sua existência. Desta maneira, utiliza-se como escopo teórico as discussões levantadas pelos autores: Benedito Nunes (1995); Georges Bataille (2015); bem como a leitura de Mariangela Alonso (2008); e Mircea Eliade (2018).

**PALAVRAS-CHAVE:** A paixão segundo G. H.. Hierofania. O sagrado na Literatura.

### THE MANIFESTATION OF THE SACRED IN CLARICE LISPECTOR'S PASSION ACCORDING TO G. H.

**ABSTRACT:** The present discussion is oriented to analyze the work *The Passion According to G. H.* (2009), by Clarice Lispector, from a reading about the reception of the sacred in this work, proposing an opening about the term hierophany indicated by Mircea Eliade (2018), in his book *The Sacred and the Profane* (2018). The reading dialogues with the questions raised by Mariângela Alonso (2008, p. 15) about the characterization of the cockroach as a manifestation of the sacred, G. H. is seduced

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



by the insect and hidden meaning in which it hides, in this way, the cockroach carries a force that inclines the character to the reverse, opposite side of life, to the unusual nature of existence, as well as the experience of the sacred. According to what is discussed by Eliade (2018, p. 18), it is difficult for human beings to understand the manifestation of the sacred through stones, trees, but, according to the author, when manifested they lose the sense of stone or trees, but rather allow the sacred to reveal itself, that is, a hierophany. To this end, this proposition discusses this atmosphere of the sacred in Clarice Lispector's work as a proposed reading, dealing with the character's experience of loss of self and search for the core as traces of the sacred, observing the experience with the cockroach as part of the revelation of the sacred in her existence. In this way, it is used as theoretical scope the discussions raised by the authors: Benedito Nunes (1995); Georges Bataille (2015); as well as the reading of Mariangela Alonso (2008); and Mircea Eliade (2018).

**KEYWORDS:** Passion according to G. H.. Hierophany. The sacred in Literature.

## INTRODUÇÃO

Obra narrada em primeira pessoa, A paixão segundo G. H. (2009) conta a experiência de uma personagem, identificada apenas pelas suas iniciais, que está “procurando” e “tentando entender” o que lhe ocorreu, o que a causa medo, caracterizando como uma “desorganização profunda”. A narrativa é um relato do que lhe ocorreu no dia anterior, apresenta-se confusa e que havia perdido algo de essencial, que chamou de terceira perna, algo que a deixava de pé, controlável, organizada. Por encontrar-se sem amparo, perdida, precisava dar a alguém o que lhe ocorrera, o que causou sua desorganização, o que a fez perder sua montagem humana, isto é, a causa da perda da imagem que tinha de si. Como recurso para entregar esse enorme desconforto, ter perdido a sua organização, usará a escrita para reviver o que lhe aconteceu, mas solicita que o leitor, de modo imaginário, segure sua mão, pois o que viveu foi de maneira dura e penosa.

A narrativa do dia anterior começa com G. H. sem a empregada de sua casa, havia se despedido, chamada Janair, e decide limpar seu apartamento, mas que começaria pelo quarto da empregada, por imaginar ser o ambiente mais sujo. A personagem morava em um apartamento de cobertura e, no percurso até o quarto da empregada, fuma um cigarro na área de serviço e analisa a quantidade de andares que compõe o seu prédio, treze andares abaixo, e observa os fundos dos outros apartamentos ao lado do seu prédio, o que a insere em lugar de reflexão acerca das aparências que congregam a vida. Após seguir para o quarto da empregada, espantou-se, pois deparou-se com um quarto limpo e iluminado, e com uma inscrição na parede, feita à carvão, de: um homem, uma mulher e um cão. Imaginou que o desenho na parede foi um recado deixado pela empregada, supondo que ela a odiara.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Adiante, ao ver as imagens que a deixou confusa, pensou que seria melhor arrastar os móveis do quarto e jogar baldes com água e lavar todo o ambiente. Ao tentar conhecer mais do cômodo, que se tornou desconhecido, descreve como se tivesse saído do apartamento e entrado em outra casa, o quarto era totalmente estranho a ela. Relata como um cômodo totalmente iluminado, então aproximasse do guarda-roupa, móvel que compõe o quarto, e, ao abrir um pouco a porta do objeto, impedida de abrir todo devido a cama, viu uma barata que emergiu da escuridão do interior. Impelida pelo medo e por uma força que desconhecia lançou a porta do guarda-roupa contra a barata, no intuito de matá-la, mas não teve êxito, a barata foi bipartida e ainda possuía um pedaço de vida.

Ocorre que a barata não foi totalmente assassinada, apesar de sua vontade a priori ter sido esta, o inseto, bipartido, jorrava uma consistência branca e G.H. assistia toda a cena, o que a consumiu toda, deixando que sua estrutura de vida humana fosse atravessada pelo animal. Desta maneira, ela passa, então, a narrar o contato com o inseto, que por vezes se confundia com ele, como seu calvário, descrito como infernal, pois carregava o neutro da vida, assim, esta travessia torna-se angustiante e arrebatadora. Para selar sua experiência com a barata decide provar do animal, daquilo que jorrava de suas entranhas, e ao sentir o gosto em sua boca, começou a cuspir e vomitar. Sentia que o ato de ter colocado a consistência branca da barata na boca era como um batizado pelo mundo, e estava como se tivessem rompido o seu invólucro, sentia-se sem limites. A sua vida estava sem forma e sem sentido humano, traduzindo esta experiência como alcançado o inumano. Entrega-se ao desconhecido, o que era visto como a entrega verdadeiramente real. Explica que o mundo não dependia dela e que isso sim era uma confiança. Encerra dizendo que não entende o que disse e que nunca mais compreenderia a vida, mas, mesmo assim, adorava.

A presente discussão orienta-se em analisar a obra *A paixão segundo G. H.* (2009), de Clarice Lispector, a partir de uma leitura sobre a recepção do sagrado nesta obra, propondo uma abertura acerca do termo hierofania indicado por Mircea Eliade em seu livro *O sagrado e o profano* (2018). A leitura dialoga com as questões suscitadas por Mariângela Alonso (2008, p. 15) sobre a caracterização da barata como uma manifestação do sagrado, G. H. é seduzida pelo inseto e sentido oculto em que ele esconde, desta maneira, a barata carrega uma força que inclina a personagem para o lado avesso, oposto da vida, para a natureza incomum da existência, assim como a experiência do sagrado. De acordo com o que é discutido por Eliade (2018, p. 18), é difícil do ser humano compreender a manifestação do sagrado através de pedras, árvores, mas, segundo o autor, quando manifesto eles perdem o sentido de pedra ou árvores, e sim deixam que o sagrado se revele, isto é, uma hierofania.

Para tanto, esta discussão, a partir de uma orientação qualitativa, observa as condições do qual a protagonista do romance de Clarice está inserida, visto que a sua experiência agonizante levou a personagem a transgredir as estruturas humana. Desta forma, propõe-se uma leitura atenta da obra *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector, em diálogo com os teóricos Mircea Eliade (2018);

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





Georges Bataille (2015); e os críticos da obra da autora: Benedito Nunes (1995); Yudith Rosenbaum (2006); e Mariângela Alonso (2008); no intuito de ampliar as discussões acerca do sagrado na obra *A paixão segundo G. H.*

## G. H. E O APARECIMENTO DO SAGRADO

Romance da autora Clarice Lispector, *A paixão segundo G. H.*, publicada em 1964, desperta inúmeras leituras, entre elas uma cuidadosa feita pelo filósofo e crítico literário Benedito Nunes acerca do itinerário místico da protagonista da obra, inserido no livro *O drama da linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector (1995)*. G. H. são as iniciais utilizadas para nomear uma personagem que atravessa por um caminho cheio de antagonismos e com o interesse de chegar ao núcleo da vida. Em uma nota deixada pela autora intitulada “A possíveis leitores” é observado um traço do que seria a atividade da protagonista: *atravessar devagar e penosamente o oposto daquilo que se vai aproximar*. Este oposto é lido como a vida divina se apresentando, por isso a dificuldade da protagonista em descrever tal atmosfera do vivido outrora, pois o divino não se deixa revelar em sua inteiridade.

No capítulo *O itinerário místico de G. H.* (NUNES, 1995, p. 58) o autor discute essa travessia da personagem como um itinerário místico, da qual experienciou como uma via ascética. Confere o relato da personagem como uma confissão tormentosa que foi despertada por um pequeno gesto contra o inseto, ato que é descrito como instintivo, provocado pelo terror e ódio pela barata. Segundo a autoria, esse pequeno contato incidental com a barata, no quarto da empregada, não é alegórico, mas sim a representação contra o animal dessa espécie, este que precedeu o surgimento da humanidade, e que perturbou a vida organizada de G.H., pois é a partir desse enfrentamento com o animal que ficam claros os contrastes entre o humano e não-humano, conforme o autor descreve:

A barata que o provocou nada tem de uma entidade alegórica. Foi a barata “real”, o mero inseto doméstico – Periplaneta americana (Linneus), do gênero dos ortópteros e da família dos blastídeos – o agente dessa estranha conversão, que transtornou a existência arrumada de G. H.. O confronto da personagem com o animal, e precisamente com um animal dessa espécie – cuja ancestralidade, que precedeu o surgimento da vida humana na Terra, a narrativa destaca, assinala a máxima oposição que engloba os demais contrastes expostos no relato de G. H., entre humano e não-humano, o natural e o cultural (NUNES, 1995, p. 60).

De acordo com o autor, é somente a partir do contato com a barata que G.H. pôde ver sua vida sendo esvaziada, mas que será um ganho. Apesar de resistir ao contato com o impessoal, o autor descreve como um conhecimento participado, o que desencadeia na sua preocupação entre: seguir para o inumano ou conservar sua organização humana. Assim, ela contempla as contradições da

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



existência, como amor e ódio, crueldade e piedade, humano e divino, mas que nessa caminhada ela vai confundir esses opostos e eles vão se interpenetrar dificultando a segregação (Ibid, p. 59).

A travessia da protagonista só pôde ser iniciada quando em contato com um inseto arcaico, carregado de uma simbologia atemporal, a barata, causou uma enorme desordem humana, naquilo em que ela conhecia acerca da sua identidade. Assim, a discussão inclina-se a pensar no conceito de Mircea Eliade (2018): hierofania. Termo este que sinaliza para a ideia de uma aparição do divino, manifestada, mas o autor sinaliza que o homem moderno sente dificuldades em articular tais experiências através de coisas, animais, pedras, porém, o que assegura Eliade, é que quando o objeto é utilizado para manifestar o numinoso não trata-se do objeto enquanto pedra, árvore ou animais, mas uma hierofania, já não são pedras e animais, é o sagrado sendo manifesto, como pode ser observado abaixo:

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver, não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o ganz andere<sup>1</sup> (ELIADE, 2018, p. 18).

De acordo com o autor, o sagrado pode ser manifesto através de diferentes formas, assim, quando aparecidos, eles já não se constituem enquanto sua matéria, mas o divino revelado. A partir desta contemplação, observa-se a barata enquanto uma figura hierofânica, isto é, através do inseto G. H. pôde ver o divino sendo desvelado. É uma experiência singular, avassaladora e de difícil compreensão, quando em contato com essas forças que ultrapassam a condição humana o ser humano não encontra repouso, linguagem e conceito para o vivido, por isso sua dificuldade na descrição. Georges Bataille (2015) aponta para o sagrado como uma força avassaladora que consome o indivíduo que participa dessa efervescência, conforme é visto adiante:

O sagrado é essa efervescência pródiga da vida que, para durar, a ordem das coisas encadeia e que o encadeamento transforma em desencadeamento, ou, em outros termos, em violência. Sem trégua, ele ameaça romper os diques, opor à atividade produtiva o movimento precipitado e contagioso de um consumo de pura glória. O sagrado é precisamente comparável à chama que destrói a madeira ao consumi-la. É o contrário de uma coisa, um incêndio ilimitado que se propaga, irradia calor e luz, queima e cega; e aquele que ele queima e cega, por sua vez, de repente também queima e cega (BATAILLE, 2015, p. 44).

De acordo com o autor, o sagrado é essa luz irradiante que cega e queima o indivíduo, o que ocorre com a personagem do romance de Clarice, se viu consumida por uma força transgressora que não comportou sentido, expressão e linguagem. Acerca da dificuldade em se narrar o ocorrido,

1 Traduzido por completamente diferente.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



o trabalho dialoga com Yudith Rosenbaum (2006) sobre G. H. ter comungado satanicamente com o gosto do vivo, um lado oposto da vida que não encontra substância, por isso a dificuldade em se recontar o ocorrido, porque o estado vivo do qual G. H. encontra-se não possui sentido moral, ético, nem bem e nem mal, nem bom e nem ruim, apenas encontrava-se participando de uma vida sendo. A barata, então, torna-se esse objeto infinito, aparente, inatingível, pois estava manifestando o divino, não havia traço e sim a vida se mostrando, a autora acrescenta:

Para além de deus e do diabo, é na potência da vida que G. H. penetra; é com a massa pastosa, figuração da assustadora latência da vida, que G. H. se identifica, reincorporando o que um dia lhe pertenceu e do qual foi expulsa para humanizar-se. Aqui a humanização se dá pelo desumano e não pela renúncia instintual (como a viagem odisséica de Ulisses); dá-se, ao contrário, pelo mergulho no que há de mais primevo e indiscriminado, emergindo dali uma subjetividade absolutamente *sui generis*<sup>2</sup> (ROSENBAUM, 2006, p. 168).

Para Rosenbaum, o lugar do qual G. H. se encontra é vivo, participa da vida sendo, se mostrando, uma natureza se revelando, mas que não pode ser descrita, pois é no oposto da vida que se encontra, e o inseto é que atravessou a protagonista para essa força. De acordo com Mariangela Alonso (2008) a barata, enquanto objeto hierofânico, atinge o significado de adoração, assim como nas doutrinas religiosas, e chama a personagem para um outro sentido da vida, para uma outra realidade.

A barata, ultrapassando a constituição corriqueira e asquerosa, tal qual uma hierofania, atinge o significado de adoração sagrada por parte da protagonista, uma vez que a chama para um outro sentido. Deste modo, o quarto dos fundos torna-se cenário consagrado, de modo coincidente ao momento mítico do princípio, da criação (ALONSO, 2008, p. 15 - 16).

Desta maneira, segundo a autora, a posição do qual a barata encontra-se é de extrema sedução e redenção. G. H. viu através do inseto o divino se revelando, manifestando sua intensidade, por isso sua dificuldade na rememoração. O inseto atravessa a vida organizada de G. H. e impulsiona a atravessar para o lado avesso da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paixão segundo G. H., de Clarice Lispector, mostra o universo profundo que a literatura da autora nos insere. Partindo desta leitura crítica, acerca da obra, observa-se que este romance possibilita essa abertura acerca da manifestação do sagrado, visto que a personagem e narradora G. H. não apenas se despersonalizou e viu sua vida ruindo, ela atravessou para um outra atmosfera da vida, lugar este não encontra linguagem e sentido, por isso sua dificuldade em rememorar o que lhe ocorrera.

2 Original, peculiar, singular.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Quando percebeu que o ato violento contra a barata, o desejo de matar, não foi concluído, viu que o inseto somente havia ficado bipartido e ainda continha um pequeno resto de vida, foi tomada por uma enorme angústia e começa a vislumbrar os efeitos dessa experiência, vista por esta análise como ritual. É com esse pequeno gesto e simples com o animal que ela pôde apreciar a natureza viva da vida, isto é, pôde ver o divino se manifestando, G. H. discorre:

Sem desfitar a barata, fui me abaixando até sentir que meu corpo encontrava a cama e, sem desfitar a barata, sentei-me. Agora era com os olhos erguidos que eu a via. Agora, debruçada sobre a própria cintura, ela me olhava de cima pra baixo. Eu havia prendido defronte de mim o imundo do mundo – e desencantara a coisa viva. (LISPECTOR, 2009, p. 74)

A personagem olhando diretamente para barata vê que está de frente de um poderoso ser, o animal carrega a verdadeira pulsação da vida, a vida plena sendo exposta. O núcleo do qual ela se ver inserida é a própria experiência do divino se manifestando. Através dessa figura hierofânica, a barata, ela atravessou “o oposto daquilo se vai aproximar”, recepcionou e participou desse ato relevador do sagrado.

## REFERÊNCIAS:

ALONSO, Mariângela. MACHADO LEITE, G. M. O SUBSTRATO MÍTICO EM A PAIXÃO SEGUNDO G.H, DE CLARICE LIS PECTOR. Revista de Letras, v. 1, n. 29, 11.

BATAILLE, Georges. Teoria da religião: seguida de Esquema de uma história das religiões. Tradução Fernando Scheibe. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2018.

LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G. H.. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

NUNES, Benedito. O drama da linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Editora Ática, 1995.

ROSENBAUM, Yudith. Metamorfoses do mal: Uma leitura de Clarice Lispector. 1. Ed. 1. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2006.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## **Simpósio Temático 09**

# **Educação e os desafios e possibilidades no novo modelo de estágio supervisionado obrigatório no ensino remoto**

Coordenadora:

- Prof.<sup>a</sup> Esp. Ivanete Coimbra Cavalcante

## O PAPEL DA ARGUMENTAÇÃO NAS PRÁTICAS ESCOLARES

Lindinalva Shirlem Pena Forte Ferreira <sup>1</sup>

Kamylla Zayda Moraes Gomes <sup>2</sup>

Matheus Costa Rodrigues <sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como principal objetivo aproximar a Teoria da Argumentação do Chaïm Perelman, na sua obra *Ética e Direito*, das competências específicas 2 e 5 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), inerentes a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Tal propósito, é resultado de um estudo coletivo elaborado pelo Programa De Iniciação à Docência (PIBID), tendo a Filosofia como campo de conhecimento. Ademais, em decorrência da análise entre os modelos de argumentação e a BNCC, será elaborado, posteriormente, um projeto educacional, com o intuito de transferir os frutos da investigação com os alunos do Ensino Médio da escola Centro Educa Mais Dom Ungarelli. Cuja finalidade, irá interpor as habilidades intrínsecas e previamente selecionadas das competências citadas, das considerações morais acerca da retórica moderna. Pretende-se, assim, construir um espaço de diálogo com os alunos, munindo-os com as ferramentas argumentativas adequadas para atuarem dentro do seu contexto social, de forma a identificar, apurar e aperfeiçoar as suas técnicas de raciocínio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perelman, BNCC, competências, habilidades.

## THE ROLE OF ARGUMENTATION IN SCHOOL PRACTICES

**ABSTRACT:** The main objective of this article is to approximate the Theory of Argumentation of Chaïm Perelman, in his work *Ethics and Law*, to the specific competencies 2 and 5 of the Common National Curriculum Base (BNCC), inherent to the area of Applied Human and Social Sciences. This purpose is the result of a collective study elaborated by the Teaching Initiation Program (PIBID), with Philosophy as a field of knowledge. Moreover, due to the analysis between the argumentative models and the BNCC, an educational project will be elaborated later, with the aim of transferring the fruits of the investigation with the high school students of the Centro Educa Mais Dom Ungarelli school. Whose purpose will intercede the intrinsic and previously selected skills of the aforementioned competencies, of moral considerations about modern rhetoric. Thus, it is intended to build a space for dialogue with the students, equipped them with the appropriate argumentative tools to act within their

1 Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão – Campus Pinheiro lindinalva.shirlem@discente.ufma.br

2 Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão – Campus Pinheiro kamylla.gomes@discente.ufma.br

3 Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão – Campus Pinheiro matheus.cr@discente.ufma.br

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



social context, in order to identify, investigate and improve their reasoning techniques.

**KEYWORDS:** Perelman, BNCC, skills, abilities.

## 1. APONTAMENTOS INTRODUTÓRIOS ACERCA DA BNCC E DO CHAÏM PERELMAN

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), é um documento que apresenta regulamentações para a estruturação das aprendizagens essenciais que serão utilizadas nas escolas brasileiras de caráter públicas e privadas. Assim sendo, esse registro formal visa atender à três aspectos concernentes aos níveis de formação educacional: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Desse modo, a BNCC objetiva organizar de forma clara e concisa, os currículos ligados aos estados e municípios de todo o território brasileiro. Tendo como ponto de partida, o parágrafo 1º do artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Lei nº 9.394/1996).

Portanto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um documento importantíssimo para o desenvolvimento estratégico do sistema educacional brasileiro. Cujas finalidades, estão pautadas na promoção de igualdade, formação integral e na construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

No que concerne o referencial teórico escolhido, o autor Chaïm Perelman (1912-1984) foi um pensador europeu, de origem polonesa, mas que sempre residiu na Bélgica, desde que sua família migrou para essa região em 1925. Estudou na Universidade de Bruxelas, onde se dedicou ao Direito e à Filosofia. Estes dois campos do conhecimento, marcaram a sua vida acadêmica, embora a filosofia tenha um espaço maior em suas obras, justamente em virtude dos trabalhos que realizou no campo da lógica e da retórica.

Por conseguinte, entre as obras que foram publicadas pelo autor polonês, destacam-se “Sobre a Justiça”, de 1945; “Retórica e Filosofia: por uma teoria da argumentação na filosofia”, de 1953, em colaboração com Lucie Olbrechts-Tyteca; “O campo da argumentação”, de 1970; “Lógica Jurídica: nova retórica”, de 1976; “Retóricas”, de 1989 e “Ética e Direito”, de 1990.

## 2. ASPECTOS DESTACADOS APÓS O ESTUDO DA BNCC E DA TEORIA JURÍDICA DO CHAÏM PERELMAN: COMPETÊNCIAS E HABILIDADES.

O nível educacional escolhido e analisado para atribuir especificações e objetivos, diz respeito ao Ensino Médio, pautado na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Desse modo, foi possível pleitear algumas observações essenciais, que serão utilizadas,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



posteriormente, para articulações entre o conteúdo do documento e a Teoria Jurídica do Chaïm Perelman.

Primeiramente, a BNCC selecionada destaca alguns aspectos que devem ser instituídos no âmbito educacional referente, de forma que se possa estimular a elaboração de hipóteses e argumentos a partir de uma sistematização de informações devidamente confiáveis e sólidas. Assim sendo, o protagonismo juvenil deve ser favorecido e conduzido de modo a dar luz aos parâmetros condizentes às diversas formas de mobilização, no que concerne, às linguagens, registros e práticas cooperativas. Por conseguinte, os três eixos principais que estão interligados à área de Ciências Humanas, e que servem como indicadores de abordagens necessárias para a compreensão dos fenômenos sociais, são o Tempo e o Espaço; Território e Fronteira e Política e Trabalho.

Dessa forma, as competências gerais que foram optadas, tendo como pontos norteadores à análise das ferramentas argumentativas da obra *Ética e Direito*, de Chaïm Perelman, foram as competências 7 e 10. Que trazem as seguintes características:

*“Competência Geral 7: Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.” (BNCC, 2017 p.9)*

*“Competência Geral 10: Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.” (BNCC, 2017, p. 10)*

Outrossim, as habilidades escolhidas que dizem respeito às competências específicas 2 e 5 da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, foram as seguintes:

*C2 - “Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.*

*(EM13CHS202) – Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicos e culturais.” (BNCC, 2017, p. 573)*

*C5 – “Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.*

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:







08, 09 e 10 de  
Setembro de 2021

**I JORNADA DE  
CIÊNCIAS HUMANAS  
E SOCIAIS**

TERRITORIALIDADES E CULTURAS  
EM TEMPOS DE RESISTÊNCIAS.

(EM13CHS501) – *Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.*

(EM13CHS502) – *Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.*

(EM13CHS503) – *Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.*

(EM13CHS504) - *Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.” (BNCC, 2017, p. 577)*

### 3. OBSERVAÇÕES ACERCA DA LÓGICA JURÍDICA

A delimitação da obra “Ética e Direito” do Chaïm Perelman, publicada em 1990, teve como ponto principal, o Capítulo II “O raciocínio jurídico: uma lógica da argumentação”. A partir do texto enunciado, foi possível inferir observações essenciais para a compreensão da teoria da argumentação, no campo das relações humanas. Compreendendo-se todo o processo de retificação da literatura clássica à literatura moderna, até que o raciocínio lógico do Direito fosse inteiramente definido para às suas aplicações no âmbito social e jurídico. Conforme às suas devidas implicações dinâmicas e hierarquizadas para efeito dos objetivos definidos à cada contexto.

Inicialmente, faz-se necessário complementar, de forma histórica, a linha temporal que marcou o entendimento e o aperfeiçoamento dos conteúdos concernentes a Teoria Jurídica. Desse modo, os conceitos do campo da lógica, foram identificados como sendo intrínseco à lógica formal. Sendo esta, um modelo puro de natureza matemática, para conclusões demonstrativas generalizadas e aplicáveis às demais linhas de conhecimento. [...] “Esse ramo da filosofia recobrou vida e vigor por estímulo de matemáticos tais como Boole, Morgan, Schröder, Frege, Peano, e se identificou, cada vez mais, com uma álgebra generalizada, o que lhe valeu, aliás, em vários autores, o nome de lógica matemática.” (PERELMAN, 2002, p. 469)

Contudo, essa limitação teórica resultou na exclusividade de uma lógica formal que vinculava-se apenas em utilizar dos seus mecanismos de dedução, para atender aos casos principais ainda postos em discursões. Dito isso, a lógica matemática em vigor,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



tal como ela foi apresentada, recorria ao puro raciocínio dedutivo para se chegar às conclusões subseqüentes.

Por outro lado, essa concepção acerca da finalidade da lógica, não atendia aos possíveis resultados que se poderia obter, sem o uso principal dessa iniciativa formal. Dessa forma, o indivíduo se manteria alheio aos outros métodos de raciocínio que lhe incumbiam e que seriam fundamentais às disciplinas que não englobavam o universo matemático. Principalmente, àquelas que estão ligadas ao campo do Direito, cujas aplicações são pautadas em argumentos a *fortiori* [durante], a *pari* [semelhança], a *contrario* [inversão] e o argumento por analogia [comparação]. [...] “Um argumento não é correto e coercivo ou incorreto e sem valor, mas é relevante ou irrelevante, forte ou fraco, consoante razões que lhe justificam o emprego no caso.” (PERELMAN, 2002, p. 471)

Ademais, é de suma importância citar o papel de Aristóteles, na elaboração desses conteúdos ligados à lógica formal e a lógica jurídica. Na sua obra “*Organon*”, o filósofo delineia espaços para comportar às provas analíticas, como também, para a compreensão das provas dialéticas. Sendo a primeira, referente a dedução, e a segunda, concernente ao convencimento. Tendo esta, uma colocação primordial na teoria da argumentação.

#### 4. RESULTADOS TEÓRICOS – METODOLÓGICOS

Segundamente, é preciso reiterar a aproximação entre a Teoria Jurídica e os parâmetros educacionais estabelecidos na BNCC. Principalmente, no que tange as propriedades já estabelecidas para o Ensino Médio, na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Conforme o objetivo exposto, é plausível atenuar a estrutura política que rege a organização das redes civis para a execução de leis tanto à nível nacional, quanto à qualidade do setor municipal. Dito isso, o ponto de partida para essa análise, estará pautada no papel exercido pelas políticas públicas, no cumprimento dos regulamentos concernentes às dificuldades encontradas no corpo social. Sendo assim, esse macroplanejamento, constitui um grupo de ações voltadas para a solução de problemas apresentados pelos setores da sociedade, ou mesmo, pelo conjunto das sociedades. Cujas repartição principal, que adere à essas medidas aplicáveis, diz respeito ao Estado-nação<sup>4</sup>.

Adicionalmente, as políticas públicas cumprem a função de materialização das leis, que são determinadas com viés ao desempenho de garantias para o bem comum, como também, à atividade de efetuação dos direitos humanos. Como, por exemplo, às premissas de igualdade material e igualdade de condições. Além disso, é indubitável enfatizar como todo esse processo ocorre dentro da disposição do sistema jurídico: 1- processo de criação de leis; 2- processo de sancionamento de leis; 3- processo de execução de leis. Sendo este último, uma promulgação exclusiva da parte do Poder Executivo. E

4 Organização jurídica, política, militar, territorial e administrativa.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



que também, relaciona-se com a responsabilidade pelo o qual o Juiz é detentor, no que concerne, às suas motivações e razões que o levaram a decisão final, com base nos fatos apresentados e no teor das competências jurídicas.

Seguidamente, essa sistematização das cadeias de ideias intrínseca às discussões jurídicas, trazem consigo os instrumentos principais para a verificação cuidadosa, de como as ocorrências exibidas devem ser interpostas. E isso, no que diz respeito as habilidades selecionadas para cada competência específica, exprime claramente os mesmos mecanismos de investigação que pleiteia os conteúdos à serem analisados. Nesse sentido, os parâmetros da BNCC podem levar aos alunos, por parte das ações do corpo docente, os recursos que lhes serão estimulados e que visam os objetivos determinados.

Por fim, é de suma importância acrescentar como esses procedimentos e perspectivas de ensino, são fundamentais para o atual contexto em que se encontra o Brasil, como também, o mundo. Com o advento da Era da Informação, uma enorme gama de informações estão sendo disponíveis aos internautas todos os dias, e isso, em tese, é algo extraordinariamente novo, assim como, vantajoso, se comparado a velocidade das entregas de novas notícias no passado. Contudo, essa facilidade de acesso não implica, necessariamente, em um aprimoramento da educação. Segundo uma pesquisa publicada no site do G1, dois terços dos adolescentes brasileiros que foram avaliados no Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), não conseguiam distinguir fato de opinião. Essa descrição fora apresentada pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), com base no relatório Leitores do Século 21 – Desenvolvendo Habilidades de Alfabetização em um Mundo Digital. Desse forma, as estratégias de ensino devem ser voltadas à essa problemática, principalmente, no que se refere ao ensino remoto adotado pelas instituições educacionais, para o enfrentamento da COVID-19.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, levando-se em conta a realidade desafiadora da educação brasileira, faz-se necessário salientar que, o auxílio da figura do professor no tocante à aprendizagem virtual ou presencial a partir do uso e aplicação das ferramentas argumentativas, proporcionará aos discentes não só distinguirem fatos de opiniões, como também, elaborarem pesquisas relativas a sua base de ensino de maneira crítica e aprofundada. O que contribui, na mesma medida, para a plena formação estudantil e o exercício da cidadania.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BBC. ‘Nativos Digitais’ não sabem buscar conhecimento na internet, diz OCDE. G1 Economia, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/05/31/nativos-digitais-nao-sabem-buscar-conhecimento-na-internet-diz-ocde.ghtml>

PERELMAN, Chaïm. Ética e Direito. (Capítulo II – O raciocínio jurídico: uma lógica da argumentação). São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

**REALIZAÇÃO.**



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

**FINANCIAMENTO:**



**APOIO:**



## **PROPOSTAS E POSSIBILIDADES: O USO DAS TCI'S PARA O ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL NA AMAZONIA MARANHENSE.**

Edlayne Alves de Oliveira- UFMA <sup>1</sup>

E-mail: edlayne.oliveira@  
discente.ufma.br

Rogério de Carvalho Veras<sup>2</sup>- Orientador -UFMA.

E-mail: rogerio.veras@ufma.br

**RESUMO:** Este trabalho apresenta uma investigação sobre o ensino de História Regional e Local usando como recorte a Amazonia Maranhense, analisando o ensino de história a partir desta, abordando os elementos sociais, culturais que constroem esse espaço. Para isso, em aspectos metodológicos, esta pesquisa é participativa, atuam nela professores da rede pública de ensino, no nível médio da educação básica, que buscam em conjunto propostas e possibilidades de abordagem da História Regional e Local utilizando as TCI's (Tecnologias da Informação e Comunicação), privilegiando aspectos como fazeres e narrativas, indivíduos e manifestações sociais e culturais pouco representadas no currículo escolar. O ponto de partida é a cidade de Imperatriz- MA, por ser esta a cidade com o maior número de escolas da região, bem como uma densidade demográfica acentuada, concentrando nela também os participantes desta pesquisa, oferecendo assim boas condições para o início desse trabalho que pode também expandir-se para outros municípios e localidades pertencentes à Amazonia Maranhense. Entende-se assim que a Amazonia Maranhense compreende um amplo campo de possibilidades temáticas que podem ser vistas em sala de aula favorecendo a identificação dos indivíduos com a sua própria história bem como a participação nela como sujeitos históricos.

**PALAVRAS- CHAVE:** Ensino e Pesquisa, História Regional e Local, Amazonia Maranhense,

## **PROPOSALS AND POSSIBILITIES: THE USE OF TCI'S FOR THE TEACHING OF REGIONAL AND LOCAL HISTORY IN THE AMAZONIA MARANHENSE.**

**ABSTRACT:** This work presents an investigation on the teaching of Regional and Local History using the Amazon Maranhense as a cutout, analyzing the teaching of history from this point onwards,

1 Mestranda em Ensino de História, Programa de Mestrado Profissional em História- PROFHISTORIA-Universidade Federal do Maranhão-UFMA

2 (2018). É professor do Mestrado Profissional em Ensino de História (UFMA/ São Luís-MA), do Programa de Pós-graduação em Sociologia (UFMA/ ImperatrizMA) e do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia (UFMA/Imperatriz-MA)

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



approaching the social and cultural elements that build this space. For this, in methodological aspects, this research is participatory, teachers from the public school system work in it, at the secondary level of basic education, who jointly seek proposals and possibilities of approaching Regional and Local History using the ICT's (Information Technologies and Communication), focusing on aspects such as actions and narratives, individuals and social and cultural manifestations that are poorly represented in the school curriculum. The starting point is the city of Imperatriz-MA, as this is the city with the largest number of schools in the region, as well as a marked demographic density, concentrating the participants of this research in it, thus offering good conditions for the beginning of this work. which can also expand to other municipalities and localities belonging to the Amazon region of Maranhão. It is understood that the Amazon Maranhense comprises a wide field of thematic possibilities that can be seen in the classroom, favoring the identification of individuals with their own history as well as their participation in it as historical subjects.

**KEYWORDS-** Teaching and Research, Regional and Local History, Amazônia Maranhense.

Durante a vida escolar, fazendo parte da estrutura curricular, a História Regional e Local ocupa um lugar de certa importância. Mesmo que os currículos da disciplina história passem por mudanças, ainda mantém a História Regional e Local visando o conhecimento e o fortalecimento da identidade do indivíduo com elementos históricos, sociais e culturais. A partir do movimento da escola dos Annales e a abertura de novas formas de interpretação da história, a História Regional e Local se mostrou um campo teórico importante tanto para a pesquisa quanto para o ensino de história.

Entendendo a atividade humana como criadora, a História Regional e Local possibilita uma rica análise de movimentos políticos, organizações sociais, afirmações e reproduções de elementos culturais, fazeres e realidades, a partir dos eventos, povo e demais particularidades de determinada localidade, fazendo assim um contraponto à análise do indivíduo apenas como um ser global.

A inquietação quanto à temática da História Regional Local na sala de aula, ocorreu ainda no nível médio do ensino regular. Desde então, surgiram curiosidades quanto à formação da minha cidade natal, para além do que era dito e repetido no aniversário da cidade. Histórias sobre as empreitadas jesuíticas da colonização e ocupação do território, como também da força da economia agrícola que colocou Viana (MA)<sup>3</sup> como uma das principais potências econômicas maranhenses do período colonial.

No entanto, não havia uma identificação com essa história, primeiro por ela apresentar uma cidade formada por europeus e nascida da colonização, segundo por saber que essa potência econômica era feita por braços de escravizados africanos e não identificar a participação deles

3 Município brasileiro localizado na Baixada Maranhense.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



nessa história que era vista na escola; os indígenas também só eram citados no momento da chegada dos jesuítas.

Constantemente me perguntava: “Esse povo onde está? Onde nesta história os negros e os indígenas aparecem contribuindo na formação desta comunidade?”. Essa inquietação também se fez presente durante a graduação, à medida que se construíam outros conhecimentos acerca da colonização e das diferentes frentes de expansão e ocupação do território nacional, quanto aos temas da cultura, das populações tradicionais, entre outros. Assim, foi possível perceber os porquês do ensino de uma história que valoriza uma narrativa eurocêntrica, pois esse tipo de ensino favorece determinados nomes, bem como alguns acontecimentos enquanto outros grupos são marginalizados na história.

Barros (2010) destaca um especial interesse da História Regional e Local pelas relações sociais que acontecem no campo da vida prática, os elementos e/ou personagens que montam a trama das relações sociais em um lugar. A partir dela, podemos estabelecer comparações com outras realidades regionais, associando-as a recortes administrativos e geográficos, referindo-se a recortes antropológicos e culturais. Essas mesmas condições podem ser adotadas em observância a uma realidade específica, ou seja, centralizada nos fatos, fazeres e costumes de um dado lugar e sua população.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é investigar como se apresenta o ensino História Regional e Local na Amazônia Maranhense. Assim, verificar formas de abordagem dessa temática em sala de aula, a partir da cidade de Imperatriz (MA), dentro de um diálogo constante com professores de história da rede pública no ensino médio, observando também como se dá o uso das TIC'S (Tecnologias da Informação e Comunicação), nas suas práticas de ensino.

A Amazônia Maranhense, lugar de onde falamos, aparece como recorte deste trabalho, sobretudo, a cidade de Imperatriz. Ela é nosso ponto de partida, pois destaca-se como centro regional, tem sua história relacionada diretamente com o processo de ocupação da Amazônia, a partir das iniciativas governamentais e dos ciclos econômicos vivenciados pela região. Para além destes motivos, Imperatriz também apresenta um maior número de escolas, bem como maior densidade demográfica, os indivíduos colaboradores desta pesquisa são docentes da rede pública de ensino, e atuantes neste município.

A possibilidade de análise do ensino de História Regional e Local em Imperatriz abre margem para a realização desta pesquisa em outras localidades, visto a amplitude de abordagens do assunto em sala de aula, bem como a diversidade de formação e contextos existentes na Amazônia Maranhense, constituindo assim uma rica temática para exploração e um importante fator de identificação dos alunos com a sua história e a história do lugar.

A partir da década de 1980, o uso da História Regional e Local se tornou um tema mais frequente nos estudos acadêmicos, por conta da difusão da corrente historiográfica pertencente ao terceiro momento da Escola dos Annales, conhecida por História Nova. Esta linhagem de historiadores

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



objetivava dar visibilidade histórica para a pluralidade da vida histórico-social, considerando aspectos culturais e dinâmicos da sociedade, criticando a história tradicional e implementando os indivíduos “excluídos” da história nos estudos acadêmicos.

A afirmação de Burke (2011, p. 11), que diz: “a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana”, sintetiza os esforços desta corrente historiográfica. Essas novas formas de interpretação surgiram, como um embate às formas consagradas de fazer história. A história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que, tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história (BURKE, 2011, p. 12). Nesse sentido, as novas tendências historiográficas, com o olhar voltado para a toda a forma de organização política, social e econômica do ser humano, vão reconhecer diferentes estruturas e narrativas.

Para além do viés teórico, este trabalho também é movido por experiências práticas em sala de aula. Perguntados sobre o ensino de História Regional e Local, os professores colaboradores desta pesquisa manifestaram dificuldades em selecionar materiais para a produção de aulas, ou necessidade de melhores abordagens metodológicas para explorar a temática, mesmo contexto enfrentado por mim como docente. Essas experiências demonstraram a relevância de investigar o ensino de História Regional e Local.

A região cenária da pesquisa é a Amazônia Maranhense. O conceito de Amazônia Maranhense é relativo à parte maranhense do território considerado como Amazônia Legal<sup>4</sup>, da qual 181 municípios dos 217<sup>5</sup> deste Estado fazem parte, entre eles o município de Imperatriz. Mas para além dos elementos geográficos de vegetação, relevo, clima e proximidade territorial, que integram a cidade de Imperatriz à região norte do país, há os aspectos de formação histórica, de identidade, de costumes e culturas da região, com muita influência no cotidiano e memória coletiva da sociedade local, inclusive relacionada à sua fundação e aos diferentes ciclos econômicos vivenciados pela cidade.

Em sua obra, Franklin (2005) dá destaque para uma das frentes de ocupação da região: as expedições vindas da província do Pará para a colonização do território, em meados do século XIX. Posterior a este momento, é ainda possível citar um intenso fluxo populacional e cultural de diversas regiões do país, nos momentos em que Imperatriz passou pelo ciclo econômico da castanha (primeira metade do século XX) e também da mineração (anos 1970 e 1980), deixando traços regionais e culturais únicos.

É possível citar também a frente de ocupação realizada pela expansão pecuária, desde o século XVIII, os caminhos realizados pelo gado em busca de pastagens também marcaram a história local,

4 A Amazônia Legal corresponde à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM delimitada no Art. 2o da Lei Complementar n. 124, de 03.01.2007 (IBGE, 2020).

5 Totalidade de municípios registrados no Estado do Maranhão, de acordo com a categoria “organização territorial” realizada pelo Censo 2018. (IBGE, 2018).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





e é vista nas influências exercidas, por exemplo, na tradição dos vaqueiros e também na culinária (CABRAL, 2008). Citamos estas duas frentes de ocupação da região como exemplo, mas é possível construir uma narrativa de formação da região sobre várias outras. No entanto, os diferentes olhares de formação cultural e social do estado do Maranhão não são contemplados pelo currículo do ensino médio, pois o mesmo privilegia a formação do Estado a partir da colonização europeia e litorânea da capital do Estado.

Para além disso, dado o contexto de mundialização do período contemporâneo, esta abordagem da História Regional e Local, em Imperatriz, contribuiria para o contato dos estudantes com histórias individuais e de grupos sociais muitas vezes silenciados, além de ser uma estratégia pedagógica que se aproxima das vivências dos discentes.

Dentro da História Regional e Local se torna possível um olhar mais próximo das identidades regionais e étnicas, em contraponto à “identidade nacional” e do advento do mundo pós-moderno que estabelece identidades “homogeneizadas” com uma postura unilateral e simplista (HALL, 2006). Alegamos assim que essa “homogeneização” pode ser reduzida com o ensino da História Regional e Local, pois permite que os indivíduos construam identificação com seu lugar, povo, costumes e história.

O uso da História Regional e Local nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1999) não é novo, no entanto, muitas vezes se vê congelado em datas e fatos citados em sala de aula, não sendo associado diretamente ao mundo do indivíduo, ou com pouca construção de aprendizagem histórica e identificação.

Isso se dá pela permanência do ideário de utilizar a História Regional e Local para exaltar os grandes nomes regionais ou mesmo de algumas famílias, um viés bastante utilizado pelo ensino de História Tradicional. Cabe aqui ressaltar que não buscamos condenar o uso da História Tradicional em sala de aula, esta constitui uma das formas do Ensino de História, busca-se destacar que esta forma de ensino não pode ser vista como única pelo docente em sua prática, uma vez que a mesma promove o silenciamento de várias outras vertentes de abordagem histórica.

Entendendo que a identidade é plural, não fixa e construída nas relações travadas socialmente, é necessária uma abordagem do ensino de história que compreenda e busque os processos de emancipação de determinado povo ou região, também análise de grupos e etnias, semelhanças e potencialidades de diferentes grupos, pertencimentos social, político e religioso (LEITE, 2015). Esse reconhecimento pode ser realizado pela História Regional e Local de forma minuciosa, permitindo uma vasta análise histórica plural e realista.

Devido então à importância de promover o exercício de consciência histórica nos indivíduos a partir da história do “lugar” e/ou de seu povo, esta pesquisa se justifica através da investigação e da análise do ensino de História Regional e Local. Esta busca, realizada de forma colaborativa, quer entender sobretudo a Amazônia Maranhense, no que concerne em ser um espaço de práticas

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



e vivências de diversos grupos humanos nela inseridos, desde o relevo, às relações econômicas, culturais, familiares, de exploração e condições de sobrevivência.

Um viés que também chama atenção é a apresentação da História Regional e Local, no Ensino Médio, do currículo praticado pelo governo do Estado, que promove como narrativa da história do Maranhão eventos quase que inteiramente pautados na ocupação europeia, a partir do litoral e da capital.

Esta observação remete a um dos motivos de nossa pesquisa, a falsa ideia de pertencimento a uma localidade que contava a sua história a partir da colonização, ignorando totalmente outros personagens da história, como a exemplo de indígenas e africanos. Nesta história dos colonizadores, não aparece o processo de marginalização, os conflitos e os processos históricos da “fronteira” (MARTINS, 2019a), que foram importantes partes do processo de formação da “região” em que se dá este estudo.

A concepção de fronteira mostrada pelo autor não se institui como uma “fronteira física, ela estabelece o movimento, o limite de territórios que se redefinem continuamente” (MARTINS, 2019a, p. 10). A Amazônia Maranhense território de nossa pesquisa, aparece dentro deste conceito sociológico de fronteira de forma muito viva, pois tem sua história pautada nos conflitos, lutas, resistências, um território marcado pelos interesses econômicos nacionais e internacionais, por diferentes formas de ocupação, um território que reúne diferentes grupos sociais que estabelecem suas relações com o “Outro” (especialmente os povos indígenas) e definem o espaço de feitura da sua história.

Caracterizar a Amazônia Maranhense como fronteira, espaço de encontro, assim como de embate com o “Outro”, está diretamente ligado aos estigmas, imaginários e discursos que foram construídos sobre a Amazônia no Brasil. Diversas frentes de ocupação amazônicas foram implementadas por governos nacionais, desde o século XIX até os dias atuais, passando pelo período da ditadura do presidente Vargas, e da ditadura militar na década de 70, quando a Amazônia passou a ter as suas fronteiras vigiadas pelo plano de segurança nacional de proteção de fronteiras, neste caso, fronteiras físicas. Ao longo desse espaço temporal, as iniciativas de colonização, expulsão dos indígenas, ocupação agrícola e de ligação da “isolada” Amazônia ao resto do território foram muitas. (CESCO E LIMA, 2018)

Com o objetivo de compreender como se efetiva o ensino de História Regional e Local, bem como de posteriormente desenvolver um material didático que favoreça a realização de consultas de apoio pedagógico para os professores de história em Imperatriz-MA, realizamos esta pesquisa como um estudo colaborativo.

Para melhor explicação do nosso principal procedimento, destaco as palavras de Ferreira e Ibiapina (2011, p. 122)

A pesquisa colaborativa propõe abordagem em que os objetivos da pesquisa e da formação se encontram imbricados, exigindo a inter-relação entre os atores do processo, distinguindo-se de outras modalidades pelo caráter de participação, colaboração e reflexão crítica que

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



lhe é inerente. [...] Nessa perspectiva, o foco da Pesquisa Colaborativa é a vida real do professorado, bem como do processo educativo e as relações estabelecidas pelos professores e pesquisadores como sujeitos da história que constroem no desenvolvimento da atividade docente, tornando-os mais conscientes do contexto no qual estão inseridos, alicerçados por visão e compreensão crítica das suas atuações. [...] pesquisar, na proposta colaborativa, implica refletir sobre o agir e sobre as teorias que lhe servem de esteio, como também criar formas de interpretá-los e transformá-los.

Os professores que estão a vivenciar o cotidiano escolar precisam também proporcionar aos seus alunos oportunidades de aprendizagem com apoio da tecnologia. Além de estarem preparados para oferecer autonomia aos estudantes, com as vantagens que a tecnologia pode trazer às escolas e as salas de aula, tanto presenciais quanto virtuais, devem os professores serem equipados com recursos e habilidades em tecnologia que permitam dispor o conhecimento, ao mesmo tempo que se incorporam conceitos e competências em TIC's. (UNESCO, 2008)

As tecnologias e as metodologias incorporadas ao saber docente modificam o papel tradicional do professor, o qual vê no decorrer do processo educacional, que sua prática pedagógica precisa estar sendo sempre reavaliada. A inovação não está restrita ao uso da tecnologia, mas também à maneira como o professor vai se apropriar desses recursos para criar projetos metodológicos que superem a reprodução do conhecimento e levem à produção do conhecimento (BEHRENS, 2000.p.103).

Formar indivíduos críticos é um dos principais pontos a serem alcançados como sujeitos de aprendizagem em Ciências Humanas, de modo a poderem lidar de forma positiva com a acelerada transformação do cotidiano tecnológico. Superado o momento relatado por Massetto (2000), onde o autor afirma que por muito tempo não se valorizou adequadamente o uso de tecnologias visando tornar o ensino e aprendizagem mais eficiente e eficaz, é possível dizer que vivenciamos um momento histórico em que o ensino não aparece mais afastado da tecnologia, a aprendizagem por mídias virtuais é uma constante no dia-a-dia das pessoas.

Tal procedimento metodológico, pelo fato de promover a aproximação da memória histórica e de vivências mais concretas, permite também uma mudança no processo de ensino na sala de aula, pois tende a incentivar e motivar o estudante a pesquisar, a construir o conhecimento, tendo por base aquilo que ele mesmo pode buscar mais próximo de si, fugindo do estudo tradicional de sala de aula.

Assim, a investigação supera a mera descrição e se volta para a transformação da realidade social. Destacamos a perspectiva reflexiva e colaborativa, porque proporciona, no âmbito da pesquisa social e humana, a oportunidade dos participantes se transformarem em colaboradores do processo de construção de conhecimentos, ao mesmo tempo em que também promove espaços de formação e de desenvolvimento profissional para ambos, pesquisadores e docentes.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. O campo da História. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

BEHERENS, M. A. “Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente”, in MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica, Campinas: Papirus, 2000.

BURKE, Peter (org.). A Escrita da História. Novas Perspectivas. São Paulo, Editora Unesp, 2011.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. Caminhos do Gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2008.

CESCO, Susana, LIMA. Eli Napoleão de. Terra da promessa: Colonização e natureza na História Amazônica. Revista Territórios e Fronteiras. Cuiabá, vol 11, n.2, ago-dez, 2018. Disponível em: <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras>. Acesso em: 17 jul 2021.

FERREIRA, M. S.; IBIAPINA, I. M. L. de M. A pesquisa colaborativa como espaço formativo. In: MAGALHÃES, M. C.C.; FIDALGO, S. S. (Org.). Questões de método e de linguagem na formação docente. Campinas, SP: 2011.

FRANKLIN, Adalberto. Breve História da Imperatriz. Ética. Imperatriz.2005.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A,2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Organização Territorial. 2018. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 maio 2021.

LEITE, Fernando Eudes. Percursos, Linhagens e (RE) construção do campo histórico. In; LEAL, Maria das Graças de Andrade Leal; FARIAS, Sara Oliveira. História Regional e Local III; Reflexões e práticas nos campos da teoria, pesquisa e do ensino- Salvador: EDUNEB, 2015. Disponível em: <https://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/1462>.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. 2. ed.4. reimp. São Paulo: Contexto, 2019a.

MARTINS. Dayse Teixeira. Currículo e historicidade: a disciplina História do Maranhão no sistema público estadual de ensino (1902 – 2013) / Dayse Marinho Martins -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019b.

MASETTO. Marcos T. Mediação Pedagógica e o uso da Tecnologia. in MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica, Campinas: Papirus, 2000.

UNESCO. Padrões de competências em TICs para professores. Título original: ICT competency standards for teachers: policy framework. Paris: UNESCO, 2008.

**REALIZAÇÃO.**



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

**FINANCIAMENTO:**



**APOIO:**



## POTENCIALIDADES (SUB)MARINAS: NAUFRÁGIO COMO ESTRATÉGIA OCEANOGRÁFICA ANTICOLONIAL

lucas lins

(graduande em Oceanologia/FURG;  
carneebatatas@hotmail.com)

**RESUMO:** considerado (e repartido cartográfica e politicamente) sob o pretexto de *aqua nullius* pela narrativa colonial da expansão marítima europeia, o oceano e a Oceanografia, inseridas nas Ciências “exatas e da Terra”, têm a si associadas um imaginário coletivo esvaziado de outros pilares onto-epistemológicos que não aqueles que se encontram enquadrados pelas ficções (porque imaginadas antes de concretizadas) normativas de uma performatividade extrativista que (re)produz e faz (re)produzir, através da gramática da colonialidade, discursos e ações que dão continuidade ao projeto da modernidade junto a suas estruturas hierárquicas coloniais (que são, portanto, racistas, classistas, cisheterogenerificadas, binárias, antrope e andropocentradas), autorizadas sob a máscara da (suposta) neutralidade da linguagem científica empregada pelo sujeito universal. porém, como estratégia poética de naufrágio desta narrativa única, neste trabalho pretendo, através de uma leitura composicional (fractal) de imagens-chave desse imaginário, analisar as camadas do evento que opera em permanência neste contexto, buscando, junto à poética negra feminista, ao pensamento político decolonial, e à teoria *queer/cuir*, potencializar aberturas, rachaduras, frestas para que corpos-territórios e epistemologias outras, antes diluídas e invisibilizadas, (re)territorializem tais águas por modos envolvidos, (re)pensando este entrelugar oceânico para além da narrativa da *m/água*.

**PALAVRAS-CHAVE:** epistemologias dissidentes, ecologia queer, oceanografia socioambiental

### (UNDER)SEA POTENTIALITIES: SHIPWRECK AS AN ANTICOLONIAL OCEANOGRAPHIC STRATEGY

**ABSTRACT:** considered (and portioned cartographic and politically) under the pretext of *aqua nullius* by the european maritime expansion's colonial narrative, the ocean and the Oceanography, set in the “exact and Earth” Sciences, have associated to them a collective imaginary emptied of onto-epistemological pillars other than those that are framed by normative fictions (because imagined before accomplished) of an extractivist performativity which (re)produces and compels to (re)produce, through coloniality's grammar, discourses and actions that give continuity to the modernity project

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



along with its colonial hierarchical structures (which are, therefore, racist, classist, cisheterogenerified, binary, anthropo and andropocentric), authorized under the mask of scientific language's (supposed) neutrality employed by the universal subject. however, as a poethic strategy of sinking this single narrative, in this study, i inted to, through a compositional (fractal) reading of key-images from this imaginary, analyse the layers of the event that operates in permanence in this context, seeking, along with the black feminist poethics, the political decolonial thinking, the queer/cuír theory, potencialize openings, cracks, slits so that other bodies-territories and other epistemologies, previously diluted and invisibilized, (re)territorialize such waters by involved ways, (re)rhinking this oceanic place-in-between beyond the narrative of sorro/water.

**KEYWORDS:** dissident epistemologies, queer ecology, socio-environmental oceanography

## I. NA LINHA D'ÁGUA

Alocada no campo das Ciências do Mar – que, por si, compreendem (des)localizações nas Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Engenharias, e o que se denomina como Multidisciplinar (Castello & Krug, 2017) –, a Oceanografia, especialmente no que concerne aos seus ramos clássicos (ou pilares) nas áreas Física, Química, Biológica, e Geológica que convergem ao que se qualifica como Oceanografia Hegemônica, ou Clássica (Moura, 2017; 2019), encontra-se fundamentada em uma tradição resultante de um intenso e extenso processo de expropriação, exploração, e exploração do que se denominam “recursos”, conceito que, em seu emprego, borra as fronteiras do que se considera humano ou não-humano.

Associada à narrativa do projeto de modernidade/colonialidade (Ballestrin, 2013; Mignolo, 2017), o desenvolver da Oceanografia está diretamente imbricado no processo da expansão marítima européia, no qual, pela justificativa do domínio político-tecnológico do conhecimento e do comércio, as potências européias teriam se empenhado a fazer expedições “mais bem organizadas” (Castello & Krug, 2017, p. 20), notabilizando-se nas *artes marítimas*. entretanto, junto ao projeto da modernidade, com seu discurso de “iluminação” e ordenação do Mundo (através do conhecimento), todo um conjunto de estratégias foi empregado, fazendo permanecer, hegemonicamente, uma configuração narrativa específica que, própria de um sistema/modelo que se fundamenta na violência capital racial (Silva, 2019), dilui, invisibiliza e afoga outras possibilidades, seus modos de existência, seus territórios, e, pela imposição do “branco do mapa” (isto é, pelo apagamento do seu período pré-“descobrimento”), torna-os territórios sem proprietários (*terra nullius, aqua nullius*), “livres” para serem renomeados, repartidos, reapropriados; e explorados (DeLoughrey, 2010; Bona, 2020).

Fundamentado ontológica e epistemologicamente em pilares que organizam e ordenam o Mundo em formas separadas e determinadas no tempo e no espaço (Lander, 2005; Silva, 2016) de

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



modo que, no sentido da flecha do Tempo, é indicada e imposta uma trajetória linear de “conformação temporal da diferença cultural como realização de momentos distintos do desenvolvimento do Espírito, cujo ápice seria representado pelas configurações sociais européias pós-iluministas” (Silva, 2016, p. 61) – a saber, a *separabilidade*, a *determinabilidade*, e a *seqüencialidade* (Silva, 2016) –, o discurso da Ciência expõe uma imbricação com a/na (violenta) gramática da colonialidade, na qual a linguagem científica ocupa um (suposto) lugar de neutralidade, (auto)autorizando ao (autoproclamado) sujeito universal o imperial direito de olhar (e destruir, acumular, se apropriar, diferenciar, estudar, resgatar, gravar, documentar, salvar, e exibir) (Azoulay, 2020), configurando tal conhecimento enquanto ferramenta de dominação, confundido com um sistema de verdade(s).

Essa desterritorialização e descorporificação, tanto do território (enquanto meio ambiente) quanto do corpo (enquanto sujeito produtor do conhecimento) se dá a partir da ocupação de um lugar privilegiado que, pela diferença, autoriza ao sujeito – que não é universal, mas localizado em uma identidade européia, branca, masculina, cisheteronormativa, cristã... isto é, uma identidade que é norma social – a capacidade de nomear (e com isso determinar) os lugares ocupados por tudo aquilo que lhe é externo e diferente de si, sem nunca nomear seu posicionamento, o que, amparado por uma perspectiva ocularcêntrica da sociedade cosmovisual ocidental (Oyèwùmí, 2018), fortalece a idéia de que “[v]er passou a significar conhecer” (Dondis, 2007, p. 13) e que “[o] *que vemos é uma parte fundamental do que sabemos*” (Dondis, 2007, p. 27, grifos da autora).

Nesse sentido, a provocação feita por Donna Haraway – “[c]om o sangue de quem foram feitos meus olhos?” (Haraway, 1995, p. 25) –, além de nos situar enquanto sujeitos parciais, me provoca a pensar, enquanto inserido e atuante no âmbito das Ciências do Mar, de que modo venho olhando (e pensando, e agindo sobre) esse entrelugar oceânico; sobre o que é permitido ver/saber e o que não é; sobre os modos de construção e sobre seu imaginário coletivo (Espig, 2003; Magalhães, 2016). Christina Sharpe (2016) nos conta que o sódio, elemento presente no sangue humano, tem tempo de residência de 260 milhões de anos na ciclagem de nutrientes das massas de água. pensando nas pessoas escravizadas que foram jogadas (ou se jogaram, em fuga) das embarcações, pensando também na “reencenação moderna” dos barcos e botes imigrantes, como não pensar na permanência, na implicação a nível atômico da violência capital racial?

Indicando que um imaginário coletivo povoado de imagens que instauram, encenam e reencenam, a todo momento, uma reiteração e “cimentação” de uma configuração ficcional de Mundo (ficção porque, antes de instaurada, foi imaginada) (Mombaça, 2016) que apenas promove uma repetição infinita (e, por isso, fractal) das mesmas estruturas que o sustentam, fica evidente que utilizar as “ferramentas do senhor” (mesmo que reapropriadas) (Lorde, 2019) não fornecerá soluções às infinitas crises (ambiental, social, política...) de imaginação política. então, como interromper a repetição fractal?

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





## II. COMO RESPIRAR DEBAIXO D'ÁGUA <sup>1</sup>

No exercício (ou desafio) de pensar fora da lógica do pensamento linear (isto é, sem o Tempo), a adoção de uma perspectiva composicional ou fractal (Silva, 2018; 2020) como metodologia de leitura de imagens se coloca a permitir que, entendendo as imagens enquanto eventos, possam ser identificados nelas/neles elementos, similaridades, correspondências, simetrias que, para além de situá-las/los enquanto (con)seqüências, identifica seus aspectos “imanescentes, escalares, abundantes e indeterminad[o]s” (Silva, 2020, p. 213) de modo a permitir que o pensamento (po)ético<sup>2</sup> re/de/componha as imagens (e os imaginários) sem constituir respostas determinadas, universais, e rígidas que dependam da repetição, não se colocando, assim, na indiferença à violência capital racial (Silva, 2020).

Assim, ao propor des/re/territorializações a partir das re/de/composições sem mobilizar os pilares onto-epistemológicos da modernidade (Silva, 2016; 2018; 2019; 2020), busco, aqui, responder (em sentido de responsabilização, e de reação) à possibilidade de ler o que não está escrito nessas imagens, textos, eventos, o que não explícito nos arquivos oceânicos (oceanográficos, oceanológicos), preenchendo as lacunas existentes a partir de um imageamento (po)ético criativo que problematize e tematize uma (po)ética do imaginário oceânico a partir de relações em implicação. em outras palavras, encher os olhos de água.

## III. OLHOS ENCHARCADOS

Analisadas como fâcies de um mesmo evento, uma imagem do desembarque de colonizadores portugueses na costa do que denominados como América do Sul (figura 1), uma imagem de um veículo remotamente operado (ROV, da sigla em inglês) atingindo o ambiente previamente “desconhecido” das fontes hidrotermais em profundidades abissais (figura 2), e uma imagem da planta-baixa do esquema de planejamento para uma alocação máxima de pessoas negras em um navio de transporte de pessoas escravizadas expropriadas de suas famílias, territórios e raízes representam, em si, diversos ângulos de um mesmo evento – a saber, o do projeto da modernidade/colonialidade –. ao narrar, mais uma vez, sobre o “descobrimto” de um “novo mundo”, a operação e chegada de maquinários tecnológicos enquanto componentes do imaginário, mais do que atualizar tecnologicamente, reencenam no corpo do Mundo a narrativa de exploração de “recursos” de um ambiente “sem proprietários” à disposição do “Homem da Ciência” que, correndo contra a flecha do Tempo, deve vencer a corrida rumo ao des-envolvimento, extraindo desses ambientes não apenas elementos químicos e minerais a serem

1 o título desta seção é inspirado em uma conversa pública entre Jota Mombaça e Cintia Guedes para o AfrotonizarLAB, disponível em <http://youtube.com/watch?v=bZgRGmB2oUM>.

2 para Denise Ferreira da Silva, o pensamento poético apresenta uma força criativa que contém um elemento ético.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



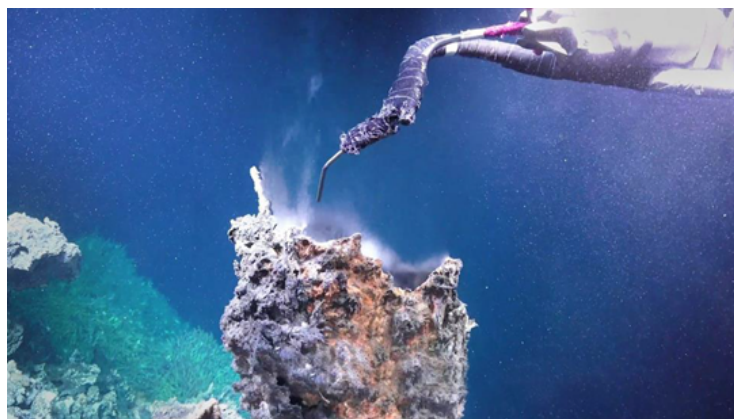
utilizados na Indústria, mas também os delimitando a áreas de conhecimento que os *autoctonizem* à própria lógica que autorizou ser exercido o direito imperial (Azoulay, 2020) sobre os territórios ameríndios e africanos e seus povos originários. da mesma forma que a “natureza” é colocada nesse lugar externo e inferior pelo sujeito “universal” colonial, assim também são as pessoas de origem indígena, pessoas negras, com deficiência, mulheres (cis, trans), LGBTQIA+, binário/normativo-dissidentes, e todas as identidades em diferença.

**figura 1** – Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500, Oscar Pereira da Silva, 1900.



fonte: <http://lusophia.wordpress.com/2016/10/04/pedro-alvares-cabral-o-homem-e-a-obra-na-demanda-do-grande-ocidente-por-vitor-manuel-adriao>.

**figura 2** – veículo remotamente operado (ROV) em mergulho investigativo em fonte hidrotermal.



fonte: <http://schmidtocean.org/technology/live-from-rv-falkor/interdisciplinary-investigation-of-new-hydrothermal-vent-field>.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

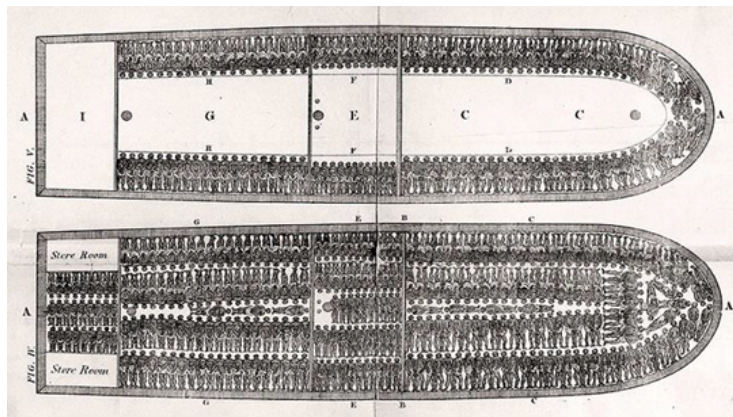
FINANCIAMENTO:



APOIO:



figura 3 – planta esquemática do navio Brooks (1788).



fonte: <http://br.pinterest.com/pin/725290714975483803>.

#### IV. MAIS ALGUMAS BOLHAS

A reencenação dos elementos coloniais dentro do campo da Oceanografia, ao promover a (re)produção dos componentes estruturais da configuração do Mundo Ordenado (Silva, 2016; 2019), instaura uma performatividade que, ao discursar sobre algo (por fala e/ou ato), produz a própria norma que regula as possibilidades do que é permitido existir dentro do campo social, descentralizando e descorporificando o sujeito na produção das normativas (Butler, 2015). assim, no exercício da instauração, encenação, reencenação dos discursos e práticas da colonialidade do saber dentro do campo das Ciências do Mar, instaura-se uma narrativa única (Adichie, 2019) que, além de determinar quem pode falar (isto é, quem tem autorização para discursar e, com isso, determinar perspectivas que se configuram enquanto verdades validadas pela configuração do saber acadêmico) (Kilomba, 2019), traz consigo todo um arsenal de práticas racistas, sexistas, classistas, capacitistas, cisheterogenerificas, LGBTIA+fóbicas, antropo e andropocentradas que são elementos implicados (fractais) da configuração ordenada do Mundo tal qual o conhecemos (Silva, 2019; 2020).

Justificadas pelo artefato/ferramenta da visualidade, que confere autenticidade ao se inserir na cosmovisão ocidental, tais estruturas, além de “cimentarem” o Mundo, não permitem rotas para além a *m/água* (Luna & nascimento, 2017), monopolizando a violência com a premissa de “gerenciar não apenas o acesso às técnicas, máquinas e dispositivos com que se performa a violência legítima, mas também as técnicas, máquinas e dispositivos com que se escreve a violência, os limites de sua definição” (Mombaça, 2016, p. 5).

Assim, como estratégia anticolonial (descolonial, decolonial, anticapitalista, dissidente, queer/cuir...) em desvio, fuga criativa à rota de engolfamento-ou-morte (Silva, 2019), – assim como a proposição do fim do Mundo tal qual o conhecemos (Silva, 2019) – o fim da Oceanografia tal qual a conhecemos,

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



(po)eticamente imageada pelo naufrágio (figura 4) dessa embarcação do projeto de modernidade/colonialidade, essa *nau frágil* (Luna & nascimento, 2017), se apresenta como possibilidade potente para forçar uma discussão propriamente ética, no campo das Ciências, desse ancoramento em um imaginário, se não colonial, colonializado, assim como esvaziado de possibilidades que naveguem em direção a uma ética da relação, a uma implicação profunda (4 Waters, 2020). fugir da narrativa única implica uma dissidência que “sempre decorre de uma ruptura do continuum temporal (...) [ , r]uptura da narrativa dos vencedores – essa fábula que torna os subalternos horrendos aos seus próprios olhos –, mas também ruptura da sucessão alienante do trabalho e do repouso” (Tona, 2020, p. 36), tratando-se, assim, “não apenas de combater o Estado escravagista, mas de repudiar o seu próprio princípio” (Tona, 2020, p. 43), isto é, sendo insuficiente apenas se reapropriar das ferramentas coloniais do conhecimento científico, e, assim, instaurando, encenando e reencenando as mesmas estruturas coloniais de subalternização da diferença, mas buscando, em fuga criativa, enxergar as potencialidades, debaixo da água, da proliferação de formas de vida no casco dessas embarcações que, servindo agora de substrato, tal qual recifes, funcionam como berçários da biodiversidade do meio ambiente, isto é, cuidando para que aberturas, rachaduras, frestas possam ser ocupadas por pela possibilidade de outra(s) configuração(ões) ontológica(s), por outras epistemologias, outros corpos-territórios que nadem e naveguem em potencialidade de configurações territoriais que estejam atentas ao não apagamento de nomes, histórias e vínculos; à não cartografização, “branqueamento” do mapa, determinação e delimitação, repartição e partilha de territórios ao projeto de exploração; à não reencenação, repetição das violentas imagens/imageamentos fractais do Mundo Ordenado; mas, em *afetabilidade*, *intencionalidade*, e *atentividade* (Silva, 2019), mergulhem, se entendendo em e se colocando, na fuga das armadilhas de cooptação coloniais, em implicação profunda.

**figura 4** – naufrágio do navio C-55 Mine Sweeper em Isla Mujeres, México.



fonte: <http://mexicodivers.com/wreck-diving-in-isla-mujeres>.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

4 WATERS – Deep Implicancy. Direção de Arjuna Neuman e Denise Ferreira da Silva. EhChO, 2020 (21'10). Disponível em: <http://ehcho.org/conteudo/4-waters>. Acesso em: 11 out. 2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Tradução: Juliana Romeu. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AZOULAY, Ariella Aïsha. Undoing Imperial Modernity, p.28-42. In: RUBINSTEIN, Daniel (Ed.). Fragmentation of the Photographic image in the Digital Age. Routledge History of Photography Series, Nova Iorque, Routledge, 2020

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, (11): 89-117, 2013.

BONA, Denétèm Touam. Cosmopoéticas do refúgio. 1ª edição. Desterro: Cultura e Barbárie, 2020.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTELLO, Jorge Pablo; KRUG, Luiz Carlos. As Ciências do Mar. p. 10-24. In: CASTELLO, Jorge Pablo; KRUG, Luiz Carlos (Orgs.). Introdução às Ciências do Mar. 1ª edição. Pelotas: Textos, 2017.

DeLOUGHREY, Elizabeth. Heavy waters: waste and Atlantic Modernity. Publications of the Modern Language Association of America, 125 (3): 703-712, 2010.

DONDIS, Donis. Sintaxe da linguagem visual. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 2ª edição, 4ª tiragem, São Paulo, Martins Fontes, 2007.

ESPIG, Márcia Janete. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História. Revista Textura, (9): 49-56, 2003.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, (5): 7-41, 1995.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano. 1ª edição. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. p. 8-23. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - Perspectivas latino-americanas. Coleção Sur Sur, Buenos Aires, Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), 2005.

LUNA, Luedji; nascimento, tatiana. Iodo + Now Frágil (4'50) In: Um Corpo no Mundo. São Paulo: YB Music, 2017

LORDE, Audre. As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande, p. 135-139. In: LORDE, Audre. Irmã Outsider: ensaios e conferências. 1ª edição. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MAGALHÃES, Wallace Lucas. O imaginário social como um campo de disputas: um diálogo entre Backzo e Bourdieu. Albuquerque – Revista de História, 8 (16): 92-110, 2016.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 32 (94): 1-18, 2017.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. Oficina de Imaginação Política, Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Avanços em Oceanografia Humana e o socioambientalismo nas ciências do mar. p. 7-47. In: MOURA, Gustavo Goulart Moreira (Org.). Avanços em Oceanografia Humana: O Socioambientalismo nas Ciências do Mar. (Coleção Escritos Acadêmicos, Série Estudos Reunidos). vol. 30, Jundiaí: Paco, 2017.

MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Construção da crítica à Oceanografia Clássica: contribuições a partir da Oceanografia Socioambiental. Revista Ambiente & Educação, Dossiê A Educação Ambiental

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



em uma Perspectiva da Oceanografia Socioambiental, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA-FURG), 24 (2): 13-41, 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o corpo: teorias Ocidentais e sujeitos Africanos. Tradução: wanderson flor do nascimento, 2018. Disponível em: [http://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81\\_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD\\_-\\_visualizando\\_o\\_corpo.pdf](http://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf). Acesso em: 22 mar. 2021.

SHARPE, Christina. In the wake: on blackness and being. Durham, Duke University, 2016.

SILVA, Denise Ferreira da. Sobre Diferença sem Separabilidade. p. 57-65. In: VOLZ, Jochen; REBOUÇAS, Júlia (Orgs.). 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva (Catálogo), São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

SILVA, Denise Ferreira da. O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo, p. 407-411. In: PEDROSA, Adriana; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André; SANTORO, Artur; MENEZES, Hélio; SCHWARCS, Lília Moritz; TOLEDO, Tomás. (Orgs.). Histórias Afro-atlânticas: vol. 2. São Paulo: MASP/Instituto Tomie Ohtake, 2018.

SILVA, Denise Ferreira da. A dívida impagável. Tradução: Amilcar Packer, Pedro Daher. Oficina de Imaginação Política, Living Commons, 2019.

SILVA, Denise Ferreira da. Pensamento fractal. Tradução: Mariana dos Santos, Nicolau Gayão. PLURAL – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, 27 (1): p. 206-214, 2020.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## RELATOS SOBRE O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS DE ATUAÇÃO

Jucélia Carvalho da Silva

E-mail: juceliaassistentesocial@gmail.com

Especialista em Educação Especial/Inclusiva (UEMA)

Discente de C. Humanas/Sociologia (UFMA/São Bernardo).

Rebeca Marques Prudêncio

E-mail: rmarquesprudencio@gmail.com

Discente de Ciências Humanas/Sociologia (UFMA/São Bernardo).

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior

E-mail: clodomir.cordeiro@gmail.com

Doutor em Sociologia (USP)

Professor Adjunto (PPGS/LCH/Sociologia).

**RESUMO:** O trabalho a ser apresentado tem como objetivo explorar as experiências de trabalho dos alunos integrantes do Programa Residência Pedagógica (RP), LCH da UFMA/São Bernardo, durante o período da Pandemia de Covid-19. Tomando como base para nossas discussões as experiências dos professores(as) residentes, preceptora e alunos da educação básica da escola parceira, pretendemos analisar as múltiplas questões que envolvem o desenvolvimento das atividades e objetivos do programa durante esse período. Frente ao atual contexto estimulado pela crise sanitária, a educação e as práticas pedagógicas tem se transformado e reconfigurado, levando os educadores em distintos níveis de formação a refletir sobre seu trabalho e as urgentes situações que envolvem a frequência escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Pandemia. Professor. Residência. Evasão.

**SUMMARY:** The work to be presented aims to explore the work experiences of the students who were part of the Pedagogical Residency Program (PR), LCH of UFMA/São Bernardo, during the Covid-19 Pandemic period. Based on our discussions the experiences of teachers, preceptors and students of the basic education of the partner school, we intend to analyze the multiple issues that involve the development of the activities and objectives of the program during this objectives of the programme during that period. Faced with the current context stimulated by the health crisis, education

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





and pedagogical practices have been transformed and reconfigured, leading educators at different levels of training to reflect on their work and the urgent situations involving school attendance.

**KEYWORDS:** Education. Pandemic. Teacher. Residence. Evasion.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o programa residência pedagógica que em sua metodologia, busca inserir o acadêmico da IES na rede de educação básica de ensino, dando subsídio no desenvolvendo de habilidades e competências que permitem a realização de um ensino de qualidade, assim como uma formação galgada por experiências e aprimoramento profissional. Assim como, promover reflexões em torno da educação nas escolas no contexto da pandemia. Tomando como base a experiência vivenciada pelo professor ou professora residente, via programa Residência Pedagógica, que desde a sua articulação inicial, tem propiciado aos alunos e alunas da Universidade Federal, a oportunidade de vivenciar o contexto das escolas durante o processo de maturação profissional e pedagógico destes enquanto educadores e futuros profissionais da educação.

Traremos as discussões e embasamentos teóricos com os textos trabalhados no primeiro momento do RP, encontros pedagógicos de formação docente realizados pela SEDUC e UFMA, as normativas e decretos Estaduais que regulamentam o ensino remoto aplicado no ensino médio no ano de 2021. Destacando que todos os encontros formativos aconteceram de forma não presencial, mas através de encontros virtuais.

De acordo com o Resolução 2002020 no seu artigo 1º que estabelece as normas educacionais e medidas de prevenção ao novo Coronavírus – COVID-19 na volta às aulas no ano subsequente 2021:

“1º A presente Resolução tem por objeto o estabelecimento de normas educacionais complementares para as instituições e redes de Educação Básica e de Educação Superior integrantes do Sistema Estadual de Ensino do Maranhão, enquanto permanecerem as medidas de prevenção ao novo Coronavírus – COVID-19...”. (CEE/MA).

Finalizamos com as impressões primárias das observações realizadas até o dado momento no Centro de Ensino Médio Deborah Correa Lima, nas turmas de 1º e 3º ano, sob a tutoria da professora titular e preceptora do RP, Isabelle Gonçalves de Souza e do professor/UFMA e coordenador do RP, Clodomir Cordeiro de Matos Junior. Percebe-se que tanto o corpo docente, como o discente de todas as unidades de ensino, seja de cunho superior ou básica, sofreram adaptações tecnológicas, inovaram suas metodologias de ensino e buscam aprimorar a cada dia para ofertar um ensino de qualidade.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Assim como manter a permanência do educando na escola, dado este que nos chama bastante atenção ao notarmos a ausência dos mesmos nas aulas online administradas. No atual contexto histórico que a humanidade presencia, onde tudo se transforma, se reorganiza, se reconfigura, com a educação não é diferente. Questões outras fundamentais e relevantes tornaram-se ainda mais pontuais no que diz respeito as reflexões em torno da educação durante a pandemia, bem como questões que giram em torno da evasão escolar. Pois o contexto da sala de aula é constituído por diversas realidades sociais, étnicas, culturais e econômicas, que a partir da pandemia tem sido cada vez mais evidenciadas, e porque não dizer em outras palavras, escancaradas.

## **METODOLOGIA APLICADA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

É imprescindível destacar o atual momento em que a humanidade se encontra, onde o mundo foi acometido pela crise sanitária causada pelo novo CORONAVIRUS, que de acordo com *ARRUDA 2020* o *COVID-19 gerou uma situação colocando 90% da população estudantil está isolada em todo o mundo*, um momento impar em que todos estão se refazendo, onde as estruturas econômicas, sociais, políticas, religiosas entre outras estão buscando se fortalecer através do uso das tecnologias. Nunca foi tão necessário o uso de tais ferramentas para aproximar as pessoas que precisam manter o isolamento social:

“Em tempos de pandemia e aulas remotas, ter acesso à internet é fundamental para que crianças e adolescentes possam assistir às aulas online e acessar outros conteúdos da internet que garantam a continuidade do aprendizado. De acordo com dados do Fundo das Nações Unidas (UNICEF), cerca de 4,8 milhões de crianças e adolescentes, de 9 a 17 anos não têm acesso à internet em casa. Isso corresponde a cerca de 17% de todos os brasileiros nessa faixa etária”. (EDUCAMAISBRASIL).

No campo educacional não ocorreu diferente. Gestores, professores e educandos de todos os níveis de ensino buscaram e buscam se aproximar dessas ferramentas através do aprimoramento do uso das TICs para garantir o acesso ao ensino mesmo que de forma remota, como é o atual modelo empregado na escola aqui pesquisada e na IES da qual somos acadêmicas.

Para esboçar sobre métodos e metodologias aplicadas no ensino médico, vale destacar que o Estado do Maranhão buscou e busca aprimorar os conhecimentos no uso de ferramentas como Whatzapp, uma ferramenta que viralizou no novo formato de ensino de acordo com a BBC News Brasil, ou plataformas como Youtube, google meet e google forms entre outras. Disponibilizando uma plataforma denominada de “Plataforma Gonçalves Dias”, onde todo o corpo docente e discente tem acesso aos conteúdos programáticos que auxiliaram o processo de ensino e aprendizagem no momento pandêmico que nos encontramos.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Além de formações pedagógicas, organizadas pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), dentre estas a inicial, que ocorreu entre os dias 2 e 4 de fevereiro de 2021, voltada para gestores escolares, gestores regionais e professores da rede pública de ensino do estado. Nos três de palestras foram abordados temas de extrema importância assim como os desafios enfrentados pela educação básica em tempos de pandemia. Sempre ressaltando a importância do Busca Ativa Escolar, um mecanismo desenvolvido pelo UNICEF em parceria com a UNDIME, para auxiliar Estados e Municípios no acompanhamento de crianças e adolescentes que estão fora da escola ou em risco de evasão escolar.

## **EVASÃO ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM O CAPITAL ECONÔMICO, CULTURAL E SOCIAL**

A evasão escolar sempre fizera parte do ambiente das escolas, constituindo-se como um dos grandes desafios a serem enfrentados e combatidos via uma metodologia pedagógica que propiciasse uma educação de qualidade, acessível a todos e todas de maneira prática, para além do plano teórico. Ao abordarmos este tema em questão, não nos parece distante o pensamento de Bourdieu, mas o seu inverso, pois as abordagens realizadas pelo autor em torno do capital cultural e social estão intimamente ligadas e interligadas ao contexto dos desafios das escolas frente a evasão nos centros de ensino. Isto porque a evasão escolar é um reflexo da realidade econômica e social dos alunos e alunas que compõem o ambiente das escolas.

Ao abraçados por uma dura realidade permeada por muitas desigualdades, se veem em muitos casos abandonados por um sistema educacional que em teoria traz como conceito fundamental a ideia de que a educação é um direito de todos e todas, embora na prática, não seja o que vislumbramos em muitas ocasiões. Para melhor exemplificar e enriquecer o corpo do nosso artigo, por que não usarmos a educação brasileira como o parâmetro das ideias que buscamos apresentar? Ideias essas que foram amplamente discutidas na obra de Bourdieu que traz por título “A Economia Das Trocas Simbólicas”.

Trocas estas que servirá como pilar de nossas observações e reflexões para a composição do presente trabalho, cujo objetivo é contribuir para o pensamento sociológico e também para a própria auto reflexão daqueles que de alguma forma fazem parte da comunidade escolar. Bourdieu fala sobre o papel da família em sua obra, a influência que está exerce sobre a própria concepção do dever da escola, entre outras questões. Ora, em outras palavras, não somente os educadores e educadoras serão abraçados pelas ideias de Bourdieu, nem tão somente os alunos e alunas, mas todos em questão, a sociedade por si mesma, se verá como num espelho ao adentrar o mundo das ideias de Bourdieu, que consagrara-se como uma das mentes mais brilhantes do século XX.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Quais os fatores que levam a evasão de alunos e alunas das escolas? Diversos aspectos compõem o contexto das evasões escolares. A composição familiar destes estudantes, bem como o status econômico de suas famílias, em grande medida age como um dos elementos responsáveis pelo abandono destes estudantes a rotina das escolas, entre outros aspectos.

Entretanto, o fator econômico em questão, se torna um dos elementos fundamentais frente nossas observações. Pensemos contemporaneamente. Em que sentido? Ora, como dito anteriormente a evasão escolar sempre fizera parte da realidade das escolas, muitos dos estudantes abandonam estas instituições porque precisam em muitos casos, escolher entre a rotina de estudos ou a rotina de trabalho. E em grande medida, quanto a estes casos como tratam-se de jovens e adolescentes com uma renda familiar insuficiente, estes acabam por fazer a segunda escolha em detrimento da primeira.

Ao pensarmos contemporaneamente sobre tais questões, nos vemos frente ao novo desafio enfrentado pela comunidade escolar, que evidência em grande medida as desigualdades que permeiam o ambiente das escolas como fora apresentado nas ideias de Bourdieu quando este apresenta seus conceitos de capital cultural e social. Ora, estamos no atual momento passando por uma grave crise sanitária em todo o mundo, com o surgimento e propagação em larga escala de um vírus altamente transmissível e passível de levar os indivíduos contaminados a óbito. Sim, estamos fazendo menção ao novo Corona- Vírus. Que requereu de toda a comunidade escolar novas medidas e práticas de ensino, remodelando os conceitos pedagógicos tradicionais.

Evidenciando, por conseguinte, ou por que não dizer, escancarado as desigualdades que existem no corpo das escolas. Isso porque, no ensino remoto, adotado pela comunidade escolar como uma medida de continuidade das aulas de forma segura, sem que o corpo docente entre em contato direto com os alunos e alunas ou demais funcionários da instituição, como via de contenção da propagação do vírus; estas aulas, outrora presenciais tornaram-se remotas, transmitidas vias plataformas digitais que são passíveis de acesso somente a partir de dados móveis ou redes wi-fi, não deixando de lado os aparelhos de acesso, como celular, notebook, tablet, computador entre outros aparelhos eletrônicos.

Limitando por sua vez, cada vez mais o acesso destes estudantes a educação. Pois quantos destes podem financeiramente obter acesso a todos estes mecanismos? Quantos estudantes não estão evadindo das salas de aulas virtuais assim como fora com as salas de aulas físicas, porque o capital cultural fora monopolizado aqueles que podem pagar por ele? O capital econômico sempre representará uma linha divisória entre as classes, no contexto das escolas, tal linha divisória permanece.

## **RELATOS DAS OBSERVAÇÕES REALIZADAS E EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS.**

Nas observações realizadas fora possível se fazer notar a readaptação do método pedagógico, ao qual, por meio de novas abordagens e práticas de ensino, se buscou a apesar de todas as limitações

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



que se impuseram a realização das aulas a distância, uma a adaptação gradual dos alunos e alunas assim como dos professores e professoras ao uso das tecnologias como instrumento de ensino, não, evidentemente, sem algumas dificuldade enfrentadas por ambas as partes, mas que ao longo do processo foram sendo superadas.

O uso de plataformas digitais como salas de aulas virtuais, provocará nos educadores a necessidade de estarem sempre se atualizando e se reinventando como profissionais, na busca de melhor atender a necessidade de seus alunos e alunas. Ora, das observações realizadas e das experiências vivenciadas, fora possível constatar o quanto o tema que permeia em torno do ensino a distância no contexto da pandemia, está em volto numa gama de complexidade.

Para além destas observações iniciais, fora possível analisar a ação prática da metodologia adotada, em vistas das observações realizadas nas aulas da professora Isabelle Gonçalves, que através de vídeo aulas dispostos na plataforma whatsapp, outrora usada apenas como um aplicativo de bate-papo mas na quarentena fora revestida como sala de aula pelo Centro de Ensino Débora Correia Lima. Ora, através destes vídeos aulas enviados por meio do whatsapp, os conteúdos foram ministrados através de uma aula com uso e exposição de imagens e conteúdos referentes a disciplina Sociologia, área de atuação da professora em questão. Para além dos vídeos aulas, no horário disposto para a disciplina ministrada pela professora Isabelle, questionários referentes ao tema da aula foram apresentados pela professora, com o objetivo de serem discutidos pelos alunos e alunas.

## TURMAS DOS PRIMEIROS ANOS MATUTINO E VESPERTINO

Nas observações realizadas notam-se aspectos preocupantes como a participação e apreensão do conteúdo apresentado nas turmas acima especificadas demonstrando como é desafiador o ensino de sociologia no formato de aulas remotas, no formato de vídeos-aulas produzidas pela mesma, através ferramenta Whatzapp, da qual a professora faz uso videoaulas desenvolvidas pela própria mesma. Percebe-se que a professora utiliza uma metodologia que busca praticidade e criatividade com, ao sincronizar videoaulas e áudios que explicam o conteúdo abordado.

Na interação em sala virtual, a professora instiga os alunos a pensar, questionando-os, formulando questões com os principais conceitos abordados na videoaula. Percebe-se que poucos alunos interagem, mesmo que a sala tenha 20 ou 30 alunos online. Uma situação que só se recobre quando a professora pede pra enviar as atividades no privado para que a mesma possa mensurar a presença e o assimilar nota. Vale ressaltar que este não é o único método de mensuração dos itens acima destacados, a escola também disponibiliza material impresso para os alunos que não tem acesso as aulas online e de simulados virtuais.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## TURMAS DOS TERCEIROS ANOS MATUTINO E VESPERTINO

A jornada dos profissionais da educação sempre fora marcada pela busca infinta e constante de como melhor repassar o conteúdo aos seus alunos e alunas e de que forma reter a atenção destes. Ora, no contexto da pandemia, em que professores e professoras se encontram fisicamente distantes dos estudantes, interligados apenas pelas mídias sociais, que no contexto do isolamento social foram readaptadas como ferramentas de trabalho, mas um dilema se impõe. Como, a longa distância, acompanhar a vida estudantil destes jovens? Como auxiliá-los em suas dúvidas, mesmo não estando perto? Como reter a atenção destes nas plataformas digitais de maneira que estes não tenham sua atenção do conteúdo dispersa mas retida unicamente no conteúdo? A experiência do projeto Residência Pedagógica em dias de pandemia, nos tem provocado tais reflexões, que outrora se faziam presentes no contexto das salas de aulas, e que neste momento, se fazem presentes nas salas de aulas virtuais com maior intensidade, devido a sensibilidade que desperta a complexidade do assunto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tivera como objetivo relatar as experiências vivenciadas no programa educacional Residência Pedagógica, que sob os moldes de uma nova metodologia de ensino, buscou se adaptar ao ensino remoto, que fora adotado como forma de combate e contenção da pandemia de Covid-19, que exigiu de toda a comunidade escolar e acadêmica, medidas preventivas de isolamento. Assim como demonstrar como se deu/dá o nosso primeiro com a sala de aula através das observações de forma tecnológica, em específico o uso do watsapp. Também fica evidente que o Ensino remoto aplicado por conta da COVID-19, demonstra a desigualdade no campo de acesso ao ensino devido a falta de recursos tecnológicos como um aparelho celular e internet demonstrando como a desigualdade social ficou exposta e excluiu muitos, causando a evasão escolar no momento pandêmico que o mundo foi assolado, em especial no Brasil, em específico nos municípios mais distantes dos grandes centros econômicos como é a cidade de São Bernardo – MA.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Bourdieu, Pierre, 1930-2002 A economia das trocas simbólicas/Pierre Bourdieu. Introdução, organização e seleção Sergio Micell. Perspectiva, 2007. -(Coleção estudos: 20/ dirigida por J. Guinsburg). 6º Edição- primeira reimpressão.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





ARRUDA, Eucídio Pimenta: EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19 | Em Rede - Revista de Educação a Distância (aunirede.org.br). Acesso em 02/09/2021

Conselho Estadual da Educação do Estado do Maranhão. RESOLUÇÃO-200-2020-.pdf (conselhodeeducacao.ma.gov.br). Acesso em 02/09/2021

Disponível em: 8 lições após um ano de ensino remoto na pandemia - BBC News Brasil. Acesso em 02/09/2021

Disponível em: Quais são os desafios do ensino remoto na educação básica? | Educa Mais Brasil. Acesso em 02/09/2021

Presidência da República Secretaria-Geral Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 13.979, DE 6 DE FEVEREIRO DE 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: (planalto.gov.br)

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



## UMA POSSÍVEL APROXIMAÇÃO ENTRE A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO E AS COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS 1, 4 E 6 DA BNCC

Paulo França Leite

pauloleite745@gmail.com

Sherlanne Raquel Martins Moraes

sherlannemoraes@gmail.com

Dayane Ferreira Silva

Dayannee2806@gmail.com

UFMA/Campus Pinheiro – Ciências Humanas/Filosofia

Graduação

**RESUMO:** O presente artigo tem como intuito testar a aproximação do capítulo II - *Raciocínio Jurídico: uma lógica da argumentação* – do texto de natureza jurídica de Chaïm Perelman com as competências específicas 1, 4 e 6 e suas respectivas habilidades selecionadas – a saber: a EM13CHS103 e EM13CHS106; EM13CHS404; EM13CHS601, EM13CHS603 e EM13CHS605 – na área de Ciências Humanas e Sociais presente na BNCC, tal como solicitado para a continuidade do projeto realizado pelo PIBID – Filosofia Campus de Pinheiro, UFMA, que tem como intuito aquisição de ferramentas argumentativas do modelo prático pelos bolsistas e posterior compartilhamento dessas habilidades com alunos do Ensino Médio da rede pública de ensino. Uma vez que se trata de um projeto educacional, é necessário um embasamento, uma ponte entre nosso material teórico – texto de Perelman – com a Base Comum Curricular e os trechos que se referem a argumentação. Para tanto, iniciaremos com um preâmbulo acerca dos pontos a serem ligados para em seguida testar a aproximação entre eles e apresentar suas consequências e vantagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perelman; BNCC; Competências; Argumentação.

### A POSSIBLE APPROXIMATION BETWEEN ARGUMENTATION THEORY AND SPECIFIC COMPETENCES 1, 4 AND 6 OF BNCC

**ABSTRACT:** This article aims to test the approach of chapter II - Legal Reasoning: a logic of argumentation - from the text of legal nature by Chaïm Perelman with specific skills 1, 4 and 6 and their respective selected skills - namely: the EM13CHS103 and EM13CHS106; EM13CHS404; EM13CHS601, EM13CHS603 and EM13CHS605 - in the area of Human and Social Sciences

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:





present at BNCC, as requested for the continuation of the project carried out by PIBID - Philosophy Campus from Pinheiro, UFMA, which aims to acquire argumentative tools of the practical model by scholarship holders and later sharing of these skills with high school students from the public school system. Since this is an educational project, a foundation is needed, a bridge between our theoretical material – Perelman’s text – with the Common Curriculum Base and the passages that refer to argumentation. Therefore, we will start with a preamble about the points to be connected, and then test the approximation between them and present their consequences and advantages.

**KEYWORDS:** Perelman; BNCC; Skills; Argumentation.

## 1. INTRODUÇÃO

A análise de Chaïm Perelman no capítulo II de seu livro, *Ética e Direito*, contribuiu largamente para que se retirasse o modelo prático argumentativo da margem, da periferia, onde permaneceu em detrimento do modelo argumentativo formal, que era identificado por especialistas matemáticos como a própria lógica – como se esquecidos que o *Organon* de Aristóteles também comportava os Tópicos.

A lógica formal fornecia provas que eram necessariamente verdadeiras, coercitivas e mecanicamente demonstráveis, ao passo que a lógica prática fornecia apenas verossimilhanças, argumentos fortes ou fracos. As provas são somente “provas dialéticas” que movimentam valores restritos no espaço ou/e tempo.

Portanto, era natural que o modelo formal, dado ao peso de nossa tradição racionalista, fosse o preferível. “o inconveniente dessa concepção é que ela tem como consequência levar o lógico a negligenciar o estudo de formas raciocínio que têm grande importância em certas disciplinas não-matemáticas e, mais especialmente, em direito.” (PERELMAN, 2002p.471).

Todavia, ao contrário de Kelsen, que propunha um direito puro – depurado de todos os elementos exteriores ao direito, tais como políticos – Perelman acaba por identificar a lógica do direito com a lógica argumentativa prática. Para tal conclusão Perelman elenca vários motivos, todavia o que mais aqui interesse é que o Juiz é obrigado sempre a julgar e a justificar seu julgamento através da argumentação, assim como as demais partes envolvidas devem justificar seus pontos através de uma argumentação não demonstrativa, pois se o fosse bastaria provar que  $A + B = C$ . Não basta afirmar, há necessidade de convencer. Ademais no direito a prática da magistratura costuma fornecer material a doutrina, ou seja, estamos falando de um direito constantemente construído pela prática.

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



As conclusões de Perelman sobre o modelo argumentativo prático não se restringem apenas ao direito, a argumentação é um componente da vida gregária, um componente do cotidiano humano, agimos, pensamos e justificamos tais coisas através da argumentação – da exposição de motivos válidos. Lembremos das *Ágoras* gregas, a praça pública, onde se digladiavam pontos de vista em busca de convencer, de adquirir o favor do público.

Todavia, nem todo ser humano sabe de fato argumentar ou quando argumenta com propriedade, o faz de forma quase inconsciente, tal como dizia Aristóteles dos filósofos antigos: “Tal como se comportam nos combates os que não se exercitaram: como estes, agitando-se em todas as direções, lançam belos golpes sem serem guiados pelo conhecimento, também aqueles pensadores não parecem ter verdadeiramente conhecimento do que afirmam” (ARISTÓTELES, 2002. p.23).

Quando não se argumenta com propriedade também falta os mecanismos de defesa, as “ferramentas” para se defender de argumentos ludibriadores – as famosas falácias – presentes na política e em diversos âmbitos sociais. Ignoramos o motivo das coisas e, portanto, apenas as aceitamos passivamente.

Diante disso parece louvável o estímulo a argumentação presente nas Ciências Humanas e Sociais da BNCC e tomemos foco especial, dado a proposta deste texto, nas competências específicas 1, 4 e 6 e suas respectivas habilidades selecionadas – a saber: a EM13CHS103 e EM13CHS106; EM13CHS404; EM13CHS601, EM13CHS603 e EM13CHS605 – na área de Ciências Humanas e Sociais presente na BNCC. Trataremos inicialmente das competências específicas 1, 4 e 6 para em seguida tratar das habilidades.

## 2. COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS 1, 4 E 6

A competência específica 1 concerne, no geral, de a composição de um arcabouço histórico crítico acerca da política, sociedade e cultura de ordem regional, nacional e mundial; já a competência específica 4 trata do trabalho e das relações de trabalho no tempo e espaço; e por fim, a competência específica 6 propõe a participação crítica em debates públicos e, portanto, o protagonismo político-social, além do respeito a opiniões divergentes.

Uma vez que o discente é munido de perspectiva histórica, tal como a competência específica 1 pretende, ele se torna capaz de elaborar hipóteses e compor argumentos de forma mais sistematizada chegando a “provas dialéticas”. “Se uma ciência do direito pressupõe posicionamentos, tais posicionamentos não serão considerados irracionais, quando puderem ser justificados de uma forma razoável, graças a uma argumentação cuja a força e pertinência reconhecemos” (PERELMAN, 2002.p.480).

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



Todavia, ainda que suas hipóteses movimentem dados qualitativos e quantitativos, desconstruindo monismo e dicotomias, ainda que sejam construções mais sólidas que o senso comum, para além do senso comum, o aluno irá compreender que são hipóteses, aproximações da realidade passíveis de erro, como já dito: provas dialéticas.

“Esses argumentos não podem, de fato, servir para uma demonstração rigorosa e não se conhece máquina capaz de manejá-la, pois o uso deles necessita, todas às vezes, de um posicionamento que lhes justificaria a aplicação em determinadas circunstâncias. De fato, o uso desse argumento jamais se apresenta sob a forma de uma demonstração formalmente correta ou incorreta” (*idem*.p.471)

A perspectiva histórica leva a desnaturalização de sua realidade e da certeza de verdades absolutas e, neste sentido, a compreensão histórica do trabalho e das relações de produções, leva o discente a desnaturalização e problematização de um sistema em que ele se encontra, leva aos questionamentos acerca da desigualdade, sobre a valoração das profissões e de toda uma lógica de mercado que costuma estar oculta através da ideia de “as coisas sempre foram assim e sempre serão”.

Partindo de uma visão mais ampla, que leva em consideração mais pontos de vistas, que movimentam diversos valores, o discente aprende a conviver com eles, a não estar tão certo sempre de si, aprende, portanto, através da argumentação a ser mais tolerante ao diferente – o que é certamente um ganho dentro do meio escolar, tão conturbado pela intolerância e violência – tornando o aluno mais apto para exercer o protagonismo civil buscado pela habilidade específica 6, compreendida, ao menos neste momento como consequência das anteriores.

## 2.1. HABILIDADES EM13CHS103 E EM13CHS40

“Toda sentença deve ser motivada” lembra Perelman o Art. 97 da Constituição belga, todavia essa motivação “não é coerciva, pois não resulta de um raciocínio puramente demonstrativo, mas da argumentação.” (*idem*.p.473) O juiz, embora livre, não julga de forma arbitrária, apresenta motivos, mede a força daquele ou de outro argumento e relaciona suas conclusões “com textos legais” (*idem*. p.473). De forma análoga, para bem motivar e elaborar sua hipótese, segundo a habilidade 03, deve o aluno ser capaz de relacionar seus argumentos “a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas” (BRASIL, 2018. p.572). Trata-se aqui de motivar, de embasar, fundamentar.

O hábito de fundamentar seus próprios argumentos em uma base científica engendra uma postura crítica em relação aos argumentos alheios, levando ao debate dos múltiplos aspectos que permeiam nossa realidade social, político, econômica e cultural. E se aceitarmos a visão mais

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



ampla do capitalismo de Fraser que o identifica não apenas como um modelo econômico, mas como uma forma de vida cultural, social e política (FRASER; JAEGGI, 2020) a proposta da habilidade específica 04 de “identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos” se torna ainda mais importante, pois estará sendo discutido as particularidades dos caminhos por onde chegamos a presente situação, assim como “seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens” (*idem*. p.576) contribuindo, como já foi mencionado, para desnaturalização da realidade desses jovens.

## 2.2. HABILIDADE EM13CHS106; EM13CHS601, EM13CHS603 E EM13CHS605

Ainda que Perelman afirme que retórica não é “a arte de falar bem, num estilo florido e empolado” (*idem*.p.505) se faz necessário, como exige a habilidade 06, que o aluno domine uma série de formas de linguagens, sejam elas “cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais” para ser capaz de se articular das mais diversas formas, afim de persuadir e de convencer e, considerando o avanço da tecnologia, as formas de linguagens e comunicação aumentam consideravelmente, assim como as possibilidades de “acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” (BRASIL, 2018. p.572)

Somado a essa possibilidade de protagonismo social e político também se agrega uma proteção através de um espírito crítico contra as famosas “fake news” muito difundidas na internet, além de como asseverado em um dos tópicos anteriores, uma maior capacidade de conviver com o outro e, portanto, diminuindo a possibilidade que o discente tome atitudes desrespeitosas e intolerantes nas redes sociais.

A habilidade 01 da competência específica 6 trata de identificar grupos minoritários e trazer suas demandas para o debate, encarando o aluno como alguém apto para deliberar sobre o assunto, uma vez que como assegurado pela habilidade 03 da competência específica 1 e reafirmado pela habilidade 03 da competência específica 6, ele compreenderá e saberá movimentar conceitos de ordem política básica, tais como: Estado, poder e soberania.

Ademais, a aquisição de tais habilidades pode ajudar a mitigar um dos maiores obstáculos para a participação civil na política, uma vez que, se podemos nos fiar nas conclusões de Weber, o Estado moderno tem uma inclinação cada vez maior para o funcionalismo e para burocratização e, portanto, o fazer político torna-se cada vez mais prerrogativa daqueles que fazem da política um ofício – políticos profissionais com formação acadêmica e administrativa (WEBER, 2020). Daí se deduz que os espaços para a atuação do que Weber chama de políticos de ocasião – isto é, cidadãos normais quando votam ou deliberam sobre questões políticas – na nossa democracia representativa diminuem consideravelmente, uma vez que, a linguagem

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



política, com todas as suas minúcias burocráticas, é no mínimo de difícil compreensão e maçante e no máximo, incompreensível.

### 3. CONCLUSÃO.

Perelman após realizar todo processo que retirava o modelo argumentativo prático da periferia e o identificava com a prática do direito assevera que: “me parece importante, para formação dos estudantes de direito, completar o ensino tradicional de lógica, *dedicado à prova demonstrativa*, com um ensino daquilo que Aristóteles qualificava de *provas dialéticas*” (PERELMAN, 2002.p p.505).

Parece evidente, após o trajeto percorrido aqui, a importância do estudo das provas dialéticas nas escolas e não restritas apenas ao âmbito jurídico. “são argumentos utilizados tanto num discurso como um discursão” (*idem*.p.505) muito embora Perelman estivesse tomando “discurso” e “discursão” em sentido jurídico, admitindo essas palavras em sentido mais geral, parece justificável tal educação como está assegurada na competência específica 1, 4 e 6. O discente contextualiza seu conhecimento e o expressa de várias formas, afia seu senso crítico e busca os motivos, que fundamentam suas ações e posições, assim como se defende de argumentos falaciosos que buscam reduzi-lo a apenas um tolo e torna-se capaz de manter um debate coerente com os demais indivíduos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PERELMAN, Chaïm. *Ética e Direito*. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edições Loyala, 2002

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018

WEBER, Marx. *Política como vocação e ofício*. Rio de Janeiro: Vozes, 2020

FRASER, Nancy. JAEGGI, Rahel. *Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica*. Boitempo: São Paulo, 2020

REALIZAÇÃO:



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

FINANCIAMENTO:



APOIO:



**REALIZAÇÃO:**



Curso de Licenciatura em  
Ciências Humanas/Sociologia  
Universidade Federal do Maranhão  
Campus São Bernardo

**FINANCIAMENTO:**



**APOIO:**



EDUFMA